


# DAVID GIBBINS

AUTOR DO BEST-SELLER *ATLANTIS*



# GUERREIRO TIGRE

UM HOMEM. DOIS IMPÉRIOS.  
UMA CORRIDA CONTRA O TEMPO.

 Planeta

# DADOS DE COPYRIGHT

## **Sobre a obra:**

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## **Sobre nós:**

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

DAVID GIBBINS

# GUERREIRO TIGRE



Criação ePub: Relíquia

Tradução: Lea P. Zylberlicht

Edição: 1

Ano: 2011

 Planeta

Título: Guerreiro Tigre

Autor: David Gibbins

Tradução: Lea Zylberlicht

Criação ePub: Relíquia

Editora: Planeta

ISBN: 978-85-7665-616-6

# Sumário

[Agradecimentos](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Epílogo](#)

[Nota do Autor](#)

# Agradecimentos

Agradeço a meu agente Luigi Bonomi, da LBA, a meus editores Harriet Evans, da Headline e Caitlin Alexander da Bantam Dell; a Gaia Banks, Alexandra Barlow, Alison Bonomi, Chen Huijin Cheryl, Raewyn Davies, Darragh Deering, Sam Edenborough, Mary Esdaile, Pam Feinstein, Emily Furniss, George Gamble, Tessa Girvan, Janet Harron, Jenny Karat, Celine Kelly, Nicki Kennedy, Lucy Lê Poidevin, Stacey Levitt, Kim McArthur, Tony McGrath, Taryn Manias, Peter Newsom, Amanda Preston, Jenny Robson, Barry Rudd, John Rush, Emma Rusher, Jane Selley, Molly Stirling, Adja Vucicevic, Katherine West e Leah Woodburn. Agradeço a toda a equipe da Headline e da Bantam Dell, e a meus editores em outras línguas. Devo bastante a Ann Verrinder Gibbins e a Angie e Molly, bem como a meu irmão Alan por sua ajuda com meu website [www.davidgibbins.com](http://www.davidgibbins.com).

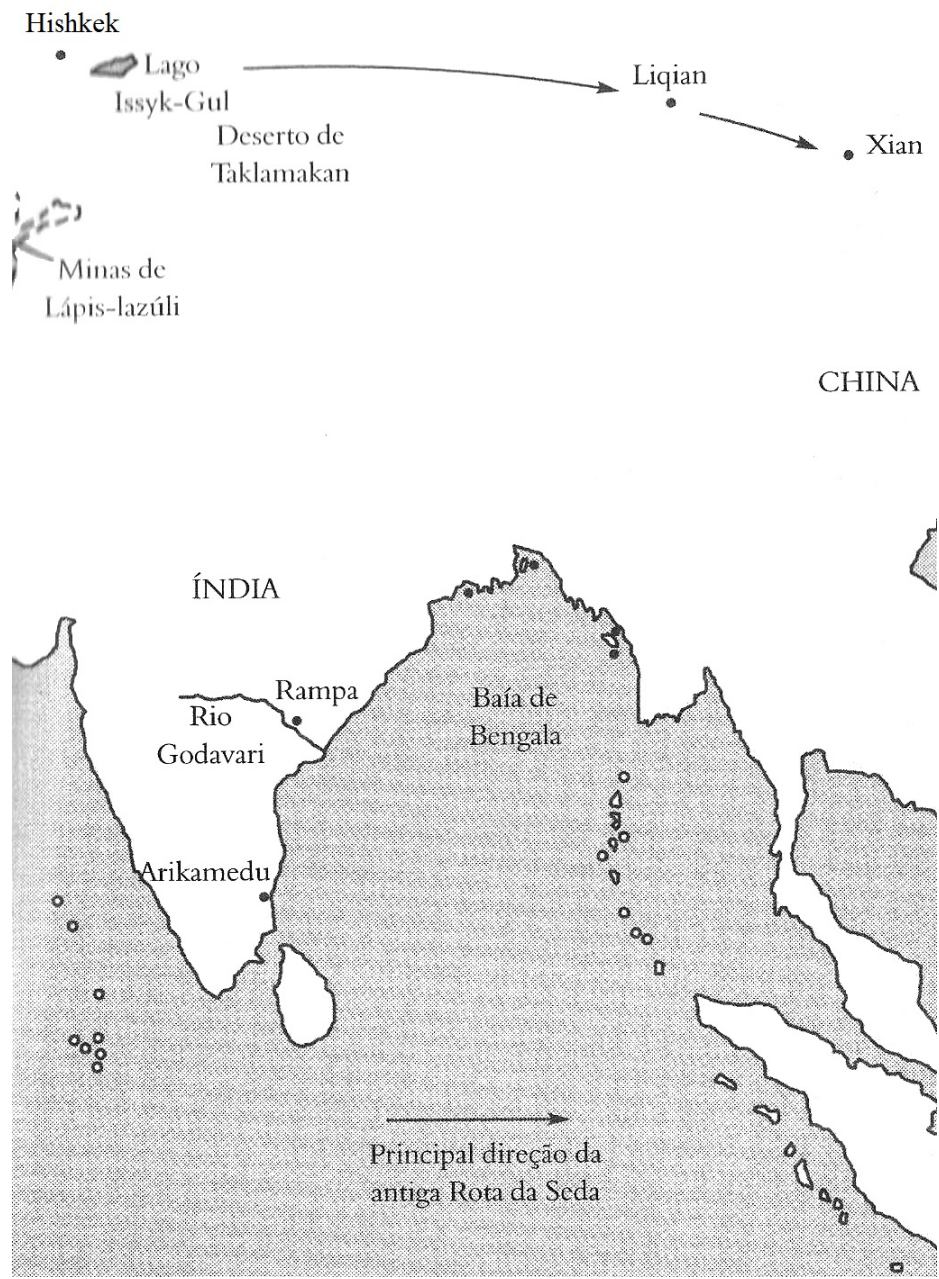
No trabalho de pesquisa que serviu de base a este romance, agradeço especialmente ao recém-falecido Alan Hall, do British Institute of Archaeology de Ankara; ao NATO Life Sciences Committee, por seu convite para visitar o Quirguistão; e ao curador do museu de petróglifos ao ar livre Cholpon-Ata junto ao lago Issyk-Gul. Minha fascinação pelo *Périplo do Mar da Eritreia* data do tempo em que eu era estudante de pós-graduação na Cambridge University. Devo muito ao estímulo do falecido doutor James Kirkman, O.B.E., F.S.A., antigo curador do Fort Jesus Museum, em Mombaça, e ao meu avô, Capitão Lawrence Wilfrid Gibbins, que passou a vida navegando pelas mesmas rotas para a Índia, como os antigos marinheiros do *Périplo*. Os dois homens me ajudaram a ver o extraordinário comércio marítimo de 2 mil anos atrás.

Também sou grato ao doutor Guodong Liu, por seus conselhos a respeito dos nomes chineses. Por me ajudar a adquirir e a atirar com um rifle Snider-Enfield, agradeço a John Denner e David Hurlbut. Na pesquisa sobre a rebelião da tribo Rampa, em 1879, agradeço ao quadro de funcionários do antigo Oriental and India Office Collections e à British Library, ao Royal Engineers Museum and Library, em Chatham, nos UK National Archives, e à South Asia Division of the University of Michigan Library; ao tenente-

coronel Prabhat Kumar do Madras Sappers Museum and Archive, Bangalore; ao tenente-coronel Edward De Santis, U. S. Army Corps of Engineers (rtd); e, por sua ajuda quando eu era menino, ao falecido tenente-coronel John Ancrum Cameron, Royal Engineers, Madras Sapper<sup>{1}</sup> de 1927-48, que proporcionou uma ligação vívida com o tempo do meu tataravô, coronel Walter Andrew Gale, Royal Engineers, Madras Sapper e veterano de Rampa, cuja espada *pata*,<sup>{2}</sup> dotada de uma luva de aço que cobre a mão, o pulso e algumas vezes o antebraço, serviu de inspiração para esta história.

Finalmente, tenho uma dívida especial para com a falecida senhora Rosemary Hobbs, cujo legado me permitiu adquirir a primeira edição da obra de John Campbells *Personal Narrative of Thirteen Years Service amongst the Wild Tribes of Khondistan* e a obra de Kohn Wood *A personal narrative of a Journey to the Source of the River Oxus*, e por todo o seu apoio a minhas expedições e aventuras ao longo dos anos.





Depois disso, em direção ao leste e com o oceano à direita, navegando à pouca distância da praia, para além das terras remanescentes à esquerda, encontra-se a terra do Ganges; nessa região há um rio, também de nome Ganges, que é o maior de todos os rios da Índia e sobe e desce como o Nilo. Perto desse rio há uma ilha no oceano, a parte mais distante do mundo habitado em direção ao leste, abaixo da própria ascensão do sol; ela é chamada de Chryse, a terra do ouro. Para além dessa terra, agora no ponto

muito mais ao norte — onde o mar termina em algum lugar nos limites externos — há uma vasta área no interior chamada Thina. Daí são transportados por via terrestre lã, algodão e seda, passando por Báctria para chegar a Barygaza, e pelo rio Ganges de volta para Limyrikê. Quanto a esse lugar, Thina, nem sempre é fácil chegar lá; porque as pessoas raramente vêm de lá, e mesmo assim são poucos. O local fica diretamente abaixo da Ursa Menor, e dizem que, de certo modo, está ligado a partes do mar Negro e do mar Cáspio, onde eles desviam (...) Ainda não se explorou o que há além dessa região, devido a tempestades violentas, um imenso frio e um terreno impenetrável, e também por algum poder divino dos deuses.

Do Périplo do mar egípcio-grego da Eritreia, c.  
século 1 d.C.

No nono mês, o primeiro imperador foi sepultado no monte Li. Quando o imperador subiu ao trono, ele começou a escavar a terra e a formar o monte Li. Mais tarde, ao unificar o império, ele já havia transportado para lá mais de 700 mil homens de todo o império. Eles cavaram o solo até a terceira camada das fontes de água subterrânea e despejaram bronze para fazer o caixão. Reproduções de palácios, torres cênicas e centenas de oficiais, bem como utensílios raros e objetos maravilhosos, foram trazidos para preencher o túmulo. Artesãos foram convocados para instalar bestas medievais e flechas, arranjadas de tal maneira que poderiam atirar imediatamente em qualquer um que tentasse arrombá-lo. Para modelar as imitações dos cem rios, usou-se mercúrio. O rio Amarelo, o Yangtsé e os mares foram construídos de tal modo que pareciam fluir. Acima havia representações de todos os corpos celestes e abaixo, as feições da terra...

Terminado o sepultamento, alguém mencionou que os artífices e artesãos que haviam construído o túmulo sabiam o que estava enterrado nele, e se eles deixassem escapar uma palavra sobre os tesouros, seria algo muito sério. Portanto, depois que as peças foram colocadas no túmulo, o portão interno foi fechado e o externo, baixado, de modo que todos os artífices e artesãos ficaram encerrados dentro da sepultura, incapazes de sair. Árvores e arbustos foram plantados para dar o aspecto de uma montanha...

Sima Qian, Records of the Grand Historian  
Século 2 a.C.



# Prólogo

Lago Issyk-Gul, Ásia Central, outono, século 19 a.C.

O sol pairava de maneira agourenta no céu oriental avermelhado por um redemoinho de poeira do deserto do outro lado. O homem alcançou o topo da colina, endireitou a armadura nos ombros e ajeitou a grande espada nas costas. Abaixo dele havia os seixos redondos esparramados pela praia e além dela uma grande massa de água que parecia estender-se até o infinito. Ele havia provado a água, estava mais fresca que salgada, então ainda não haviam alcançado o oceano, e o horizonte à frente não era o limite abrasador do mundo. Cerrou os olhos para descobrir onde o lago se estreitava e as elevadas montanhas cobertas de neve imergiam, para a passagem que levava mais além, abaixo do sol nascente. O comerciante lhe contara essas coisas, mas ele ainda não estava seguro. Eles já estariam mortos? Teriam cruzado o rio Estige?<sup>{3}</sup> Aquele seria o Elísio<sup>{4}</sup>?

Pela primeira vez sentiu uma pontada de medo. Saberiam os mortos que haviam passado para o outro lado?

- Licinius! Uma voz gritou alto. - Traga seu traseiro para cá!

O homem mostrou um sorriso cansado, ergueu o braço, depois olhou para baixo, para os outros. Eles estavam esperando no extremo mais afastado da torrente gelada pela qual haviam passado para chegar até ali, onde a água derretida que enchia o lago irrompia pelo *canyon* traiçoeiro que tinham atravessado na noite anterior. De manhã cedo o comerciante o conduziu até o local secreto onde o barco estava escondido. *O comerciante*. Licinius ainda podia sentir seu odor, um odor de medo. Ele o havia acorrentado a uma rocha atrás da colina. Não ia demorar agora. Ele se lembrava do que o homem dissera de modo desesperado repetidas vezes, enquanto eles o arrastavam ao longo do caminho. O túmulo de um imperador, o maior que o mundo jamais conheceria, em algum lugar no horizonte oriental. Ele lhes mostraria o caminho. Podiam ter certeza de que ele era o mais rico dos reis. Iam viver como imperadores, cada um deles. Eles encontrariam a imortalidade. *Imortalidade*.

Licinius estava cético. Os outros ficaram extasiados. Era o que eles queriam ouvir, o chamariz que havia conduzido tantos deles para a morte ao longo dessa rota. Mas Licinius ainda não tinha certeza. Ele olhou novamente para o horizonte, depois para o sul. Será que tomara a decisão correta? Olhou novamente para a margem do lago. No lado mais distante estava seu acampamento — retangular, rodeado de estacas pontiagudas voltadas para fora. O chão era sólido, duro como uma rocha, e eles haviam ficado extremamente cansados na noite anterior, depois de cavar um fosso e empilhar o solo pedregoso para formar uma trincheira, como haviam sido treinados a fazer. E tinham boas razões para isso: um novo inimigo apavorante, que viera atrás deles depois que atacaram os sogdianos e capturaram o comerciante. Era um inimigo de quem tinham ouvido falar mas mal viram, tendo lutado corpo a corpo com ele no redemoinho escuro do *canyon* na noite anterior. Um inimigo que havia abusado de sua força usando estratégias para derrotá-los, como soldados. *Como legionários romanos.*

Já vinham em marcha havia semanas. Quarenta quilômetros por dia, quando as condições permitiam. Mas o pesadelo começara uma vida antes. Trezentos e vinte quilômetros em direção ao leste da costa mediterrânea, no campo de batalha em Carrhae. Dois mil e duzentos quilômetros de lá para a cidadela de Merv, em Partia, acorrentados e açoitados por seus capturadores. Cada um que vacilasse era decapitado na hora. Só sobraram os mais resistentes. Passados trinta e quatro anos, depois de escapar, estavam em marcha novamente, por 1.600 quilômetros de deserto e montanhas, sob um calor ardente e um frio gelado, passando por tempestades de poeira e neve que apagavam sua passagem como se ali fosse uma terra de sombras. Eles haviam seguido a rota de Alexandre, o Grande. Margeando a desolada planície além de Merv, passaram pelo último de seus altares, um grande pedestal que marcava o limite oriental de sua conquista. Cavaram o local em busca de tesouros, já sem se preocupar com a ira dos deuses. A frente deles erguia-se uma parede ameaçadora de montanhas, a rota das caravanas. Outros haviam escapado de Merv por essa rota quase vinte anos antes, e a notícia voltou a circular, os rumores se espalharam entre os prisioneiros como fogo indomável, de que havia exércitos além das montanhas, exércitos que pagariam muito dinheiro por mercenários, por soldados que outrora haviam lutado em Roma.

E agora havia outra razão. Licinius se lembrava do que o comerciante lhe havia dito. Uma grande sepultura enterrada sob uma pirâmide de terra, construída por setenta mil escravos. Uma sepultura que ele, o comerciante, podia abrir para eles. A sepultura do maior imperador que o mundo conheceria, um imperador que os faria esquecer Alexandre. Uma sepultura que continha todas as riquezas do mundo, riquezas que seriam suas se delas se apropriassem, em um local onde seriam tratados como deuses.

Eram cinquenta homens fortes quando escaparam da cidadela, fugindo pelo buraco que haviam feito nas paredes com todo o ouro que puderam carregar. A metade deles foi abatida antes que ficassem fora da vista das paredes. A rota das caravanas, dos comerciantes, havia sido sinuosa, desconcertante, não era só uma rota, mas muitas, e mais de uma vez eles entraram em becos sem saída, indo cada vez mais alto, passando por desfiladeiros mais e mais estreitos, até chegarem a locais nevados, tão altos que uma águia não podia alcançar, onde o fogo queimava com uma chama pálida e a respiração era difícil. Tinham consciência de sua mortalidade, ao violar a casa dos deuses. Desceram novamente e continuaram em marcha. Precisavam encontrar um guia. Precisavam de comida, sentiam uma fome desesperada, voraz, não se tornaram muito diferentes de cachorros selvagens que ficavam cercando viajantes nessas regiões, pilhando os que se perdiam dos demais e os agonizantes. E o destino lançou seu feitiço tenebroso sobre um primeiro companheiro, depois outro. Foram atacados por gente como eles, bandos de saqueadores que pilhavam as caravanas. Mas agora sentiam a aproximação silenciosa de uma força mais lúgubre que os seguia, caçando-os desde que haviam empurrado o comerciante para diante, dizendo-lhe que encontrasse um caminho para fora daquele lugar de pesadelos.

Licinius viu Fabius começar a subir a colina. Observou também que os outros entravam na água para ir em direção ao barco, carregando os sacos de pilhagem conduzidos por Marcus, o construtor de navios de Aquileia, que ia tentar mantê-lo flutuando. Apalpou o saco que levava e sentiu a forma dentro dele. Ele o havia arrancado do comerciante quando o encontraram. Havia outro saco, idêntico, que ele deu para Fabius. O comerciante implorara que não abrissem os sacos e os deixassem separados. Mesmo precisando do homem, zombaram dele. Licinius ainda não sabia o que o saco continha. Ele o abriria tão logo tivesse negociado com o comerciante e encontrado algum lugar para dormir naquela noite. O restante da pilhagem fora tomado dos

sogdianos. Os comerciantes conduziam seus camelos para o oeste, atravessando as planícies, e iam carregados com sacos de pedras preciosas, tecidos, roupas brilhantes que eles chamavam de *serikon*. Os legionários haviam matado todos, menos um. Matavam todos com quem se deparavam. Era o que faziam. Então juntaram tudo numa pira: corpos, tecidos, tudo e depois se fartaram. Estavam famintos e chegaram até a roer os ossos, como cachorros. Haviam encontrado vários odres de vinho e, embriagados, fizeram tições com pedaços de ossos dos camelos e marcaram a si mesmos. Ele ainda podia sentir o odor de carne queimada. Olhou para o antebraço, pressionou-o, viu o sangue gotejar e coagular. Ficaria com uma boa cicatriz, por cima de todas as outras, as cicatrizes das chicotadas e pancadas, as velhas marcas de batalha. A ferida queimava como o Hades, mas ele gostava da dor. Ajudava-o a se concentrar. Era como eles haviam sido treinados. Foi assim que haviam sobrevivido, escravizados durante trinta e quatro anos, chicoteados durante o dia e acorrentados à noite, construindo as paredes da cidadela em Partia. Muitos morreram. Os que ficaram eram os mais fortes. Ele segurou o punho bem fechado e grunhiu. A marca do tição era um número impresso em sua alma: XV Décima quinta de Apolinário. A legião perdida. A legião de fantasmas. *A sua legião.*

Era como se as almas de todos aqueles homens estivessem encerradas neles, congeladas durante os últimos trinta e quatro anos. Dez mil haviam marchado do campo de batalha em Carrhae. Eram somente nove agora, um a menos que no dia anterior. - *Frater* -, ele sussurrou, lembrando-se de Ápio. — *Ave atque vale.* Uma saudação e adeus. Até que nos encontremos no Elísio -. Haviam passado a noite num lugar terrível, cheio de *canyons* se desintegrando e becos sem saída, habitado por mugidos e lamentos dos espíritos que estavam ali de tocaia. O céu escurecera e explodira com relâmpagos, como se o próprio Júpiter estivesse desferindo golpes na oficina do céu. O vento uivara atrás deles, como um dragão lançando fogo através dos *canyons*, lambidas de hálito envenenado procurando por eles, alcançando cada recanto e fenda. Eles tinham se amontoado sob os escudos entrelaçados, como numa formação de guerra *testudo* ou tartaruga, como haviam sido treinados, debaixo de escudos quadrados que haviam feito para si mesmos, enquanto a chuva caía em meio aos trovões e as flechas dos inimigos os açoitavam. Ápio ficou meio louco, gritava com o inimigo para que se mostrasse, que lutasse como homem, e ao sair de formação e se expor

sozinho, uma flecha o atingiu. Licinius o arrastou de volta para baixo dos escudos, enquanto ele murmurava de olhos arregalados, e ficou segurando-o muito apertado, mesmo depois que ele morrera, tremendo e em meio a convulsões. A morte em batalha como é na realidade, não como Licinius a esculpira em pedra para seus benfeitores em Roma. Ele próprio ficou meio louco, lambuzou o corpo com sangue e derrubou da sela o arqueiro, berrando de raiva e dor, segurando firme e torcendo o pescoço do homem, arrancando seus olhos. Eles eram humanos, gritou, não demônios, e se eram humanos podiam ser derrotados. Arrancou violentamente a grande espada gotejante do cavaleiro, sua luva forte e rústica de punho largo e comprido em forma de tigre, e arrancou a armadura de escamas, atirando-a nas costas, puxou a cabeça rachada pela longa trança de cabelo amarrada num laço. Mas os outros legionários já tinham ido embora, levando consigo o corpo de Ápio, deixando-o atrás para lutar, e ele escorregou e derrubou a cabeça no meio de uma poderosa queda d'água.

Horas mais tarde ele os encontrou, o bando diminuído, com o comerciante na cidade, à beira de um lago. Haviam encontrado seixos redondos com entalhes misteriosos e tinham deixado Ápio ali, com sua espada, uma adaga-machado de bronze, quebrada. Haviam colocado moedas em seus olhos, uma moeda do altar de Alexandre, o Grande, a outra, uma moeda estranha com um buraco quadrado que tomaram dos sogdianos. Eles não podiam se arriscar a acender o fogo de uma pira, mas ele, Licinius, o primeiro escultor, usou um cinzel que modelou para esculpir algumas palavras numa rocha ao lado do corpo. Registrou o número sagrado de sua legião na pedra, para que Caronte<sup>{5}</sup> soubesse para onde levar Ápio quando viesse buscá-lo, a fim de juntar-se a todos os outros que estavam na escuridão, a legião dos fantasmas.

Fabius o alcançou e se sentou, olhando para o leste. Licinius sentou-se ao seu lado, ajeitando a espada nas costas para tirá-la do caminho, com o metal da luva em forma de tigre brilhando acima de seu ombro. Fabius era dos Alpes, alto, de olhos azuis e cabelo vermelho ainda visível em meio à barba curta e cinzenta. Por um momento ele nada disse. Eles eram irmãos de sangue, os últimos dos *contubernium*<sup>{6}</sup>, faziam parte dos oito que haviam respondido ao chamado quando Julio César marchou para a Gália, que tinham provocado desordens, acampado e lutado juntos do princípio ao fim



dos dias de glória da legião. Licinius olhou para o lugar onde tinham colocado Ápio, uma desolada e deserta região de seixos, depois retirou algo de uma bolsa em seu cinto e passou para Fabius. Era uma pedra pequena e lisa, de pouco peso, com um furo no meio. Fabius a pegou e levantou. - Da cor do mel -, disse. - Há algo dentro dela. Um mosquito.

Tirei-a do corpo de Ápio disse Licinius. - Era uma peça de herança tradicional que sua mãe lhe dera. É uma pedra estranha que ele chamava de *burn-stone*, que veio da praia do mar ao norte da Germânia. Você se lembra do padrão dos escudos dos gauleses com os quais lutamos em Alésia, os animais que rodopiavam? Você pode ver a mesma coisa gravada na pedra. A mãe de Ápio era germânica, você sabe. Ele disse que esta pedra era para crianças, para lhes dar sorte. Ele esperava poder ter um filho algum dia. Eu prometi que ficaria com ela se sobrevivesse a ele. De alguma maneira ele a guardou durante todos estes anos nas pedreiras.

Odeio pensar no lugar onde a escondia -, disse Fabius. - Mas conhecendo Ápio, tem sentido. Ele vivia falando de seu rabo.

Vamos sentir falta dele.

Até o Elísio.

Licinius fechou seu saco. - Pode ficar com ela. Somos velhos, mas não muito, talvez um dia você escape de tudo isso, encontre uma mulher e tenha um filho. Meu momento já passou. Eu tive um filho outrora, um menino cujo cabelo agora estaria salpicado de cinza, mas para mim não haverá mais oportunidade. Tome e lembre-se de Ápio. Lembre-se de mim, *frater*. Lembre-se de todos nós, nesse dia.

Fabius não disse nada, mas pegou a pedra. Licinius o examinou superficialmente. Macrobius, o que trabalhava com couro, havia feito sandálias de pele de carneiro, sandálias fortes próprias para marchar, amarradas nas pernas nuas até os joelhos. Com elas podiam ir a qualquer lugar. Tirando isso, pareciam bárbaros. Fabius usava armadura e armas que tinha pilhado ao longo do caminho, uma jaqueta de couro rígido, manchada de sangue seco, tiras de cotas de malha de ferro de Partia toscamente costuradas nela. A corrente era à moda romana, mais bem adaptada para resistir a um golpe de espada, mas a cota nova de malha de Licinius, feita com quadrados segmentados de metal, podia deter algumas flechas e proteger do vento na baía. Fabius possuía uma arma mais valiosa, uma espada curta de arremesso, feita de bronze, com intrincados padrões

estranhos, dragões, tigres e demônios. Era como um *gladius* romano, uma espada perfeita para uma luta em que se está em estreito contato com o inimigo. A grande espada de longo alcance nas costas de Licinius tinha uma lâmina cortante, tão afiada como capim de brejo e havia decapitado seu inimigo na noite anterior como se ele tivesse uma cabeça de repolho. Mas golpes com espadas de longo alcance deixam o corpo exposto, e essa não era a maneira de lutar romana. Ele ia pedir para Rufus, que trabalhava com metal, para diminuir o tamanho da espada. Mas depois se lembrou. Rufus também tinha morrido. E pouco importava agora. Ele estendeu os braços nus e examinou as mãos. - Olhe para nós. Praticamente não sinto mais frio. Minha pele ficou como couro de camelo. E agora, quando mato, faço isso com as mãos nuas.

Quem sabe estamos nos tornando deuses.

Os deuses são os nossos irmãos que se foram antes de nós.

Quando Fabius falava, Licinius ainda ouvia a voz de um homem jovem, mas quando olhava para ele via um homem devastado pelos anos, grisalho e velho, já a meio caminho do Elísio. No dia anterior, muito embriagados e recém-marcados, eles haviam cortado o cabelo e a barba bem rente, preparando-se para a batalha final. Não tinham esperança de sobreviver ao *canyon*, e quando fossem ter com os demais no Elísio queriam estar com boa aparência. Licinius sentiu seu couro cabeludo. Estava áspero, duro, como o resto da superfície de seu corpo, como o mármore recém-cortado pelo qual passara os dedos em sua oficina em Roma. Ele sentiu os vergões ao redor dos pulsos, tão grossos como pele de elefante. *Trinta e quatro anos acorrentados*. Embora fossem sobreviventes, sentiu que eram fantasmas vivos, homens cuja alma havia partido naquele dia no campo de batalha muito quente de Carrhae.

Você está lembrando? A batalha? perguntou Fabius baixinho.

Sempre.

A expedição malograra desde o início. Crasso era seu general. Crasso, que se considerava igual a César. Licinius resfolegou. Crasso, o banqueiro. Crasso, que só queria ouro. Eles o haviam desprezado, detestaram-no ainda mais do que o inimigo de Partia. Quando cruzaram o rio Eufrates, houve estrondos de trovão, estrépitos de raios, e um vento tenebroso, meio nevoeiro, meio furacão. Em seguida, o estandarte da legião com a águia sagrada virou para baixo, por si mesmo. *Por si mesmo*. Mesmo assim

continuaram marchando. Insuportável não era a derrota, era a derrota sem honra. Crasso, muito fraco para morrer pela própria espada, teve que ser acorrentado por seu tribuno. Pobre Caio *Pacianus*, *primus pilus* da primeira coorte cujo destino foi ostentar uma grande semelhança com Crasso, exibiu-se em torno dos partos com um vestido vermelho de mulher, com trombeteiros e oficiais montados em camelos à sua frente, e as cabeças gotejantes dos romanos mortos suspensas em machados por todo lado. Os partos fizeram ele engolir ouro fundido para zombar de Crasso, um homem que pensava que pagamento e promessas de ouro seriam a única garantia de lealdade de um soldado.

Mas isso não foi o pior. O pior foi perder a águia, arrancada violentamente de seu estandarte e levada embora diante de seus olhos. A partir daí eles se transformaram em fantasmas, todos eles, os vivos e os mortos.

O comerciante nos deu alguma notícia de Roma?-, perguntou Fabius baixinho. - Você é o único que sabe falar grego. Eu ouvi sons gregos quando ele estava suplicando clemência.

Ele esteve muitas vezes em Barygaza, um lugar no mar da Eritreia para onde iam comerciantes vindos do Egito. Era para lá que a caravana de sogdianos se dirigia e onde ele aprendeu o grego. - Licinius fez uma pausa, sem saber como Fabius seria afetado por isso. - Há algumas notícias, meu amigo, sobre Roma.

Ah. - Fabius se inclinou para diante. - Notícias gloriosas, espero.

Ele diz que as guerras terminaram há muito tempo. Que há uma nova paz. - Ele colocou a mão no ombro de Fabius. - E diz que Roma é governada agora por um imperador.

*Um imperador?* - Fabius olhou severo para ele, com os olhos flamejantes. - Julio César. Nosso general. Ele é único. Deve ser ele.

Licinius sacudiu a cabeça. - César morreu faz tempo. Nós dois sabemos disso, em nosso coração. E se fosse ele o imperador, teria vindo nos procurar. Não, é alguém novo. Roma mudou.

Fabius parecia abatido. - Então vou procurar César no Elísio. Não servirei a outro imperador. Em Partia, vi o que os imperadores fazem. Nós somos cidadãos-soldados.

Licinius examinou novamente suas mãos, deformadas, cheias de cicatrizes, endurecidas de sangue e sujeira, dois dedos sem as pontas. -

Cidadãos - disse tristemente. - Trinta e cinco anos atrás, talvez. Estas ainda são as mãos de um escultor?

Fabius se apoiou num cotovelo. - Você se lembra de Quintus Varius, que os partos tornaram feitor do setor sul das paredes? Primeiro centurião da terceira coorte? Ele tinha sido construtor na baía de Nápoles antes de ser feitor, sabia tudo sobre concreto. Persuadiu o vizir parto de que a poeira assentada em nós durante todos aqueles anos era o ingrediente chave do concreto, como a poeira vulcânica de Nápoles. É claro que não se tratava disso. Varius foi executado há alguns anos, uma coisa trivial, mas desde então nós colocamos aquela poeira em nossa argamassa. Aquelas paredes que passamos trinta anos construindo não vão durar nem mais dez. Anote minhas palavras. Elas vão se desintegrar em poeira. Esse é um cidadão-soldado para você. Exerce todas as suas habilidades e se comporta como um civil.

E um cidadão-soldado pode voltar para a vida civil.

O que você está pensando?

O comerciante disse algo mais.

Conte, Licinius.

Ele disse que esse imperador negociou a paz com os partos. Que criou uma nova moeda, para celebrar a paz como um grande triunfo. Disse que as águias haviam regressado.

Fabius sacudiu a cabeça com muita raiva. - Impossível. Ele está lhe contando histórias. Sabe quem você é, sabe sobre a pilhagem do tesouro parto. Devem ter circulado rumores sobre nós ao longo da rota da caravana. Está ansioso para agradar, e acha que uma lorota sobre um imperador nos deixará satisfeitos. Bem, ele estava errado. Deveríamos tê-lo abatido juntamente com os outros.

Então, nunca teríamos chegado até aqui. Ele nos guiou pelo *canyon*.

Deveríamos ter morrido lutando. Uma morte com honra.

Se as águias retornaram, então podemos voltar também, com honra.

Fabius fez uma pausa. - As águias seriam o triunfo desse imperador, não nosso. Nós seríamos um embaraço. - Ele olhou atentamente para Licinius. - Mas eu conheço você muito bem, irmão. Você está pensando em seu filho.

Licinius não disse nada, mas espreitou a esfera que se erguia sobre o horizonte oriental, lançando uma cintilação tremeluzente, cor de laranja, sobre a superfície do lago. *Seu filho*. Um filho que não o conheceria, que era

pouco mais que um bebê de colo quando ele saía em marcha. Um filho que talvez tivesse seguido o caminho do pai, como as gerações anteriores haviam feito. Licinius pensou no que Fabius dissera. *Eu vi o que imperadores fazem.* Imperadores não apenas escravizam e aterrorizam. Eles também constroem palácios, templos. Haveria trabalho para um escultor nessa nova Roma.

Não se iluda -, disse Fabius. - Se o que o comerciante disse é verdade, o mundo mudou. Roma nos abandonou. Só temos a nós mesmos. O bando de irmãos. Tudo o mais desapareceu.

Meu filho ainda pode estar vivo.

Seu filho provavelmente está no Elísio agora. Ele também pode ter se tornado um cidadão-soldado, lutado e morrido com honra. Pense nisso.

Eles ouviram um grito amortecido vindo de algum lugar além da colina. Fabius agarrou a empunhadura da espada, mas Licinius o deteve. - É apenas o comerciante. Ele está acorrentado.

Eu pensei que você o havia matado. Que tinha vindo aqui para fazer isso.

Eu queria saber se ele estava dizendo a verdade. Que o barco não era nenhuma ruína.

Conte-me novamente o que ele disse. Precisamos começar a mover-nos. O dia está raiando.

Ele disse que onde a grande esfera se ergue, resplandecendo, situa-se Chryse, a terra do ouro. Para chegar lá, é preciso primeiro cruzar o lago, depois atravessar um desfiladeiro, em seguida transpor o deserto, um lugar pior que tudo o que já suportamos, que suga o homem e o engole para sempre. Deve-se acompanhar as caravanas de camelos em direção ao leste e chegar a uma cidade maior chamada Thina. E lá o mais bravo encontrará o império do céu, todas as riquezas do mundo esperando por aqueles que podem derrotar os demônios que atacaram o comerciante, um tesouro esperando por nós, seus novos donos.

O comerciante falou muito. Ele lhes contou tudo o que precisavam ouvir. Não escondeu nada. Não houve engano. Não estava acostumado a barganhar com os Destinos.

O comerciante contou algo mais para Licinius, enquanto este o acorrentava. Na direção sul, exatamente ao sul, havia outra rota. Grandes montanhas barravam o caminho, depois, a partir dali, se encontrava o reino

de Bactria, e além dele um rio poderoso, o rio que Alexandre, o Grande havia cruzado. E ao sul, por quilômetros incontáveis, através da selva e ao longo da costa, havia uma rota para um lugar chamado Ramaya, onde havia romanos. Existiam perigos inenarráveis. *Sempre tome cuidado com o tigre*, ele tinha dito. Mas nesse lugar, como em Barygaza, as mercadorias dos comerciantes — as riquezas de Cryse e Thina, o *serikôn* e as jóias preciosas, o jade, a canela e o cinamomo — estariam sendo transportadas em navios através do mar da Eritreia, e de lá se poderia seguir caminho para Roma. *Para Roma.*

Licinius agarrou a mão forte de Fabius com a maior força que podia, seu vínculo especial desde que haviam disputado uma queda de braço quando ainda eram jovens recrutas. Ambos relaxaram e se abraçaram, antes de empurrar um ao outro de maneira rude. Homens velhos brincando como crianças. Ele pegou o saco que havia tirado do comerciante e fez um gesto para o outro, no cinturão de Fabius. - Antes de ir-nos. Não precisamos mais apaziguar o comerciante com promessas. Podemos muito bem olhar o que roubamos dele.

Fabius recuou, dando um puxão no cinto para aliviar o peso da corrente da armadura em seus quadris. - Há tempo para isso mais tarde. - E apontou para a praia, onde os outros estavam sentados perto dos remos, fazendo gestos para eles. - O barco está pronto.

O barco para o outro lado está esperando por nós há muito tempo, irmão.

Não estou falando de Caronte, seu tolo. Estou falando do nosso barco. O barco para a liberdade. O barco para riquezas incalculáveis. Estamos indo para leste, para Chryse.

Vá na frente. Tenho que terminar com o comerciante. Sua hora chegou.

- *Ave atque vale, frater.* Neste mundo ou no outro.

Licinius olhou para Fabius. *Ele sabia.*

Fabius correu colina abaixo sem olhar para trás. Licinius se ergueu e foi em outra direção, para o lugar onde havia deixado o comerciante. O céu a oeste estava escurecendo novamente acima da passagem por onde tinham vindo, bruxuleando com relâmpagos, e ele sentiu os primeiros pingos de chuva. O ar ainda estava sinistro, exatamente como antes do redemoinho da noite anterior. Seriam envolvidos por ele se não partissem imediatamente. Ele sabia que Fabius não protelaria a partida, e que os outros o seguiriam.

Ele era seu centurião. E Fabius sabia que não havia tempo a perder. Haveria outros barcos, escondidos como aquele que acharam, deixados por outros viajantes. Havia a rota ao redor da costa. Seus inimigos tinham cavalos, e podiam mover-se rapidamente. Licinius olhou de novo para a passagem, e viu a silhueta do cume do desfiladeiro iluminado por lampejos distantes de raios. A chuva subitamente começou a cair com força, e ele escorregou no declive. Nesse momento, o barco estava obscurecido pela colina, e em direção ao sul tudo o que ele podia ver era o nebuloso contraforte das montanhas. Ele se voltou para o buraco. O comerciante ainda estava lá, deitado no chão, os braços acorrentados acima da cabeça em volta de uma pedra alta.

Licinius puxou a espada grande da bainha de couro às suas costas, colocou a mão dentro da luva dourada de punho largo e comprido e agarrou a barra horizontal. Olhou para a imagem do tigre, depois esfregou a lâmina no antebraço. Encontrou uma fenda na rocha e empurrou a lâmina dentro dela, depois a curvou até que estalasse, deixando a luva presa a uma lâmina com cerca de sessenta centímetros de comprimento. Aquilo era mais adequado. Mais parecido com um *gladius* romano. Voltou-se para o comerciante. O homem pensou que teria uma chance, eles o haviam trazido pelo *canyon* até esse local, mas agora ele sabia. Licinius se abaixou para bem perto, a fim de sentir o odor das axilas do homem, sua respiração, da maneira como cheiram os animais quando estão acossados, presos numa armadilha. Ele colocou a parte quebrada da lâmina abaixo do peito do homem. Podia sentir o coração batendo.

Ali, não havia certo ou errado.

Eles matavam. Era isso que faziam.

O homem olhou para cima. Licinius se lembrou de seu filho. Era como baixar o olhar para uma criança, o desamparo era o mesmo. Mas aquilo era diferente. A respiração do homem estava curta, rouca, seu rosto, contorcido de terror, da boca escorria uma baba. Um cheiro repugnante veio de baixo, e Licinius virou a cabeça, nauseado. Ele se ajoelhou de modo a pôr o peso do corpo na parte de trás da espada, e pela primeira vez viu que o homem era diferente dos outros sogdianos, os olhos menos oblíquos, as maçãs do rosto mais altas, um tufo de bigode acima dos lábios. Sua pele era a de um habitante da cidade e não a de um nômade do deserto. Em seguida, lembrou-se do que o homem dissera. Ele próprio viera dessa terra distante ao leste, da

grande cidade no interior, afastada da costa. Disse que conhecia o túmulo. Que sabia como entrar nele. E que era o zelador. Ficara balbuciando, desesperado para agradar.

O homem tentava falar, enquanto olhava para o saco que Licinius havia tirado dele. Falava num sussurro rouco, com um sotaque grego muito forte, que Licinius mal conseguia entender, e palavras pouco compreensíveis.

- Meu avô a viu e se apoderou dela, a maior estrela no céu.

Meu avô, com duzentos anos de idade, guardou segredo.

Eu, Liu Jian, a peguei para devolvê-la ao seu devido lugar, e eles vieram atrás de mim.

Agora eles virão atrás de você.

O homem tentou erguer a cabeça do chão. Seu grego ficou subitamente claro, como se ele soubesse que seriam suas últimas palavras. - Você pegou a joia celestial. Ela pertence à parte de cima do túmulo do imperador. Ela está dividida em duas partes. Uma parte é azul, lápis-lazúli das montanhas de Bácia, a outra parte é verde, olivina da ilha no mar da Eritreia. Você deve levar o que está com você para as minas de lápis-lazúli e esconder lá. Esse é o único lugar onde o poder da pedra não será sentido. Você não deve jamais colocar as duas pedras juntas, para tornar a joia inteira. Somente o imperador terá imortalidade. Aqueles que perseguem irão atrás de você. Jamais se deverá permitir que eles tenham o poder.

O homem baixou a cabeça, seus lábios tremiam. Licinius permaneceu silencioso. Subitamente, ele se deu conta. O tesouro sobre o qual o comerciante se expressara confusamente no dia anterior, o tesouro do túmulo do imperador. Ele não estava num lugar muito distante ao leste. *Ele estava ali.* Ele sentiu o saco em sua cintura, a forma dentro dele. Deu um pulo e tropeçou na beirada da cavidade, olhando para o lago. Estava muito atrasado. Os outros já deviam estar bem longe da costa, remando para salvar a vida. Haviam visto a tempestade se aproximando. *Fabius nunca saberia.* Licinius se virou para o comerciante. Sentiu-se vazio, no limbo. Renunciaria ele ao maior tesouro de todos, o chamariz da imortalidade, por um sonho sem esperança de encontrar seu filho?

Ele se voltou para a escuridão nebulosa. Seus olhos ardiam, castigados pelo vento carregado de poeira vermelha, que parecia redemoinhar ao redor do lago, soprado do leste, chicoteado com furor pela tempestade que vinha do desfiladeiro. Então ele ouviu, acima do distante estrondo do trovão, de



início quase imperceptível, como o pulsar do sangue em seus ouvidos, depois insistente, mais alto. *Um toque de tambor*. Ele se lembrava da noite anterior. Cavalos empinando, cavalos negros, de olhos amarelos, a poeira vermelha redemoinhando para fora e para dentro de suas narinas, a respiração vital. Cavalos escorregadios de sangue, seu próprio sangue, como se estivesse saindo por seus poros. Cavalos puxando carros romanos de batalha, o besteiro quase invisível e, na frente, o condutor com a pele da besta drapejada sobre a armadura, o rosto emoldurado por dentes selvagens, só escuridão dentro.

E agora eles estavam de volta.

Licinius se virou para o comerciante e enfiou a lâmina profundamente através de sua espinha dorsal. O homem morreu de olhos abertos, o sangue de sua última pulsação cardíaca jorrando para fora da ferida. O corpo entrou em convulsão, os músculos se enganchavam na lâmina. Licinius se levantou e firmou o pé para puxar a lâmina. Ficou ali de pé, com a lâmina gotejando, olhando atentamente através da escuridão e da chuva. Então ele o viu. Uma silhueta no espinhaço, olhando em sua direção. Cascos batendo no chão, pele vermelha brilhante, expirando poeira, que brilhava ao sol, a cabeça rosnante e os dentes recortados acima, uma grande espada levantada e reluzindo.

Ele lembrou como o comerciante o havia chamado.

O guerreiro tigre.

Licinius voltou-se para o sul.

E começou a correr.

# Capítulo 1

O Mar Vermelho, nos dias atuais

- Jack, você não vai acreditar o que encontrei.

A voz veio pelo intercomunicador de algum lugar no vazio azul à frente, onde uma corrente prateada de bolhas subia por trás de uma borda rochosa para a superfície do mar quase cinquenta metros acima. Jack Howard deu uma última olhada na âncora incrustada de coral abaixo dele, depois injetou um jato de ar em seu colete e flutuou acima da espessa cama de ondas que se inclinavam na corrente como grama alta ao vento. Foi para diante com suas nadadeiras, depois estendeu braços e pernas como um para-quedista e caiu sobre a beira da saliência rochosa. A vista abaixo era de tirar o fôlego. Ao longo de toda a descida, ele vira fragmentos de cerâmica antiga: islâmica, dos nabateus, egípcia, mas este era o principal filão. Durante muitos anos houve rumores de um cemitério de navios no lado do barlavento do recife, mas foi apenas isso, rumores e boatos, até que as correntes da maré, excepcionalmente fortes no Mar Vermelho naquela primavera, limpavam o platô e revelaram o que havia antes dele. Em seguida, surgiu o boato que fez o coração de Jack bater mais rápido, um naufrágio romano, perfeitamente preservado debaixo da areia. Agora, enquanto ele via as formas que emergiam do sedimento, filas e filas de antigas ânforas de cerâmica, as alças altas se tornando abas largas nas extremidades, expirou o ar fortemente, descendo mais rápido, e sentiu a excitação familiar percorrer seu corpo. Silenciosamente, movimentou os lábios, como sempre fazia. *Afortunado Jack.*

A voz crepitava novamente. - Quinze anos de mergulho com você, e achei que já tinha visto tudo. Este realmente ganha o prêmio.

Jack se voltou para a borda mais distante do platô. Já conseguia ver Costas, pairando imóvel diante da cabeça de coral<sup>{7}</sup> do tamanho de um pequeno caminhão, com as formações em crescimento subindo vários metros acima dele. Duas cabeças mais se erguiam atrás da primeira, formando uma fila. Mais além delas, a água era muito profunda para que o coral

florescesse, e Jack pôde ver o declive de areia mergulhando no abismo. Ele acendeu sua *headlamp* e nadou em direção a Costas, parando alguns metros antes dele e movimentando sua luz sobre o fundo do mar. Havia uma explosão de cores, esponjas vermelhas brilhantes, anêmonas marinhas, corais moles crescendo profusamente, com peixes-palhaços movendo-se rápida e bruscamente por entre recantos e fendas. Uma enguia saiu de um buraco, com a língua para fora, olhando para Jack, depois se retirou novamente. Jack olhou para baixo através de um leito ondulante de leques-do-mar e viu fragmentos de ancoras tão densamente incrustadas, que estavam quase irreconhecíveis. Olhou atentamente mais uma vez, viu uma alta alça arqueada, uma aba inconfundível. Voltou-se para Costas, com sua *headlamp* iluminando o capacete amarelo de seu amigo e a mochila de forma aerodinâmica que continha seu gás *trimix* para a respiração.

Belo achado -, ele disse. - Vi cacos como estes ao descer a ladeira. Ânforas de vinho de Rodes, do século 2 a.C.

Desligue sua *headlamp*. - Costas estava com a atenção fixa em algo à sua frente. - Dê mais uma olhada. E esqueça as ânforas.

Jack estava ansioso para nadar até os destroços que havia visto na areia. Mas ele se deixou ficar diante da cabeça de coral, extasiado com o deslumbramento de cor e movimento. E se lembrou das palavras do professor Dillen, tantos anos antes, em Cambridge. *A arqueologia trata de detalhe, mas não deixe o detalhe obscurecer o quadro maior.* Jack já sabia disso desde menino, quando saía em busca de artefatos. Esse sempre fora seu dom especial. Ver o quadro maior. E encontrar coisas. *Afortunado Jack.* Fechou os olhos, acendeu sua *headlamp*, depois abriu os olhos novamente. Foi como se estivesse em um universo diferente. A profusão de cores tinha sido substituída por um azul monótono, em tons escuros onde havia roxos e vermelhos vivos. Era como olhar para um desenho feito com carvão vegetal, no qual todo o acabamento e a cor haviam desaparecido, e o olho era atraído não pelo detalhe, mas pela forma, para o contorno inteiro. *Para o quadro maior.*

E então ele viu.

Bom Deus!

Jack piscou com força e olhou de novo. Não havia como se enganar. Não um, mas dois, sobressaindo na areia, curvando-se para cima de ambos os lados da cabeça de coral, de maneira simétrica, com um brilho branco por

causa de séculos de sepultamento no sedimento. Lembrou-se de onde estavam. No Mar Vermelho. A extremidade oriental do Egito, à beira do mundo greco-romano antigo. Além dali havia terras fabulosas, terras de terror e fascínio, de tesouros incalculáveis e perigos, de raças de gigantes, pigmeus e animais de grande porte, animais de caça e de guerra que apenas os bravos conseguiam subjugar, feras que podiam fazer de um homem um rei.

Eles tinham, presas.

Estou esperando, Jack. Explique como vai sair desta.

Jack engoliu em seco. Seu coração batia com empolgação. Falou baixinho, tentando manter a voz controlada: - Este é um *elephantegos*.

Um quê?

Um *elephantegos*.

Certo. Um elefante. A estátua de um elefante.

Não. Um *elephantegos*.

Muito bem, Jack. Qual é a diferença?

Existe um papiro de uma carta surpreendente, encontrado no deserto do Egito -, disse Jack. - Maurice Hiebermeyer a mandou por e-mail para o *Seaquest II* enquanto estávamos navegando por aqui. Eu lhe perguntei se havia algo nesses documentos em papiro que pudesse fazer menção a um naufrágio. É quase como se ele tivesse intuído que íamos encontrar algo assim.

Não seria a primeira vez disse Costa. - Ele é um indivíduo excêntrico, mas tenho que admirá-lo.

A mente de Jack estava à toda. Ele estendeu a mão e tocou a ponta da presa mais próxima. Era suave como seda, mas parecia feita de pó, como o giz. - A carta menciona um naufrágio. É um dos poucos documentos antigos a mencionar um naufrágio no Mar Vermelho. Maurice sabia que estávamos planejando mergulhar aqui, a caminho de sua escavação em Berenike.

Estou ouvindo, Jack.

O documento conta como um navio despachado do porto de Berenike afundou. A carta deveria chegar a um lugar chamado Ptolemais Theron. Era um posto avançado em algum lugar ao sul daqui, na costa da Eritreia onde os egípcios adquiriam seus animais selvagens. Por causa do naufrágio, os homens não receberam seus cereais. A carta lhes assegurava que outro *elephantegos* estava sendo construído em Berenike, e logo estaria a caminho com todos os suprimentos que eles necessitavam.

-*Elephantegos* murmurou Costas. - Você quer dizer...

Um elefante transportador marítimo. Um navio elefante.

Jack, estou ficando com aquela sensação engraçada novamente, que sempre experimento quando mergulho com você e cujo nome é descrença.

Você já olhou para além delas? Há mais duas cabeças de coral. Exatamente do mesmo tamanho. Três deles enfileirados. Exatamente o número que seria de esperar; acorrentados e amarrados embaixo, exatamente como estariam dentro de um casco.

Você está me dizendo que esta coisa na minha frente é um elefante. Um elefante de verdade, não uma estátua.

Sabemos que o marfim pode sobreviver sepultado na água, certo? Encontramos presas e dentes de hipopótamo no Mediterrâneo. E o coral por aqui cresce muito rápido, mais rápido do que um esqueleto de elefante levaria para se desintegrar. Já não deve haver ossos, mas o coral mantém a forma que existia lá dentro.

Necessito de um momento, Jack. Lembre-se, sou apenas um engenheiro, preciso olhar para esta coisa cara a cara. Esta poderia ser a única descoberta arqueológica que faria isso comigo. Acho até que poderia chorar.

Você consegue lidar com isso. - Jack flutuou de volta e olhou para a aparição fantasmagórica diante deles, uma das coisas mais impressionantes que ele já vira debaixo d'água. Ele acendeu de novo sua *headlamp*. - Aquelas presas não vão sobreviver por muito tempo. Precisamos levá-las enterradas. Mas antes disso, necessitamos de uma equipe de filmagem aqui embaixo, imediatamente. Isto é material para manchete de jornal.

Deixe comigo, Jack. Tenho um canal aberto com o *Sequest II*.

Jack olhou para seu computador de pulso. - Tenho sete minutos. Quero dar uma olhada naquelas ânforas na areia. Vou ficar dentro do alcance visual.

Acho que já tive emoções suficientes para um único mergulho.

Vou encontrá-lo a meio caminho para a subida.

Entendido.

Jack se voltou para a direção do platô de areia, deixando-se levar pela corrente. Ela aumentara ligeiramente durante o mergulho, erguendo uma nuvem de lama que flutuava um metro mais ou menos acima do fundo oceânico, obscurecendo ligeiramente a visão das ânforas. À sua frente, uma colônia de peixes transparentes estava flutuando na água como um véu diáfano, contribuindo para revelar um tubarão galha-preta de recife nadando

languidamente ao longo da encosta. Ele ouviu o barulho abafado do barco *Zodiac* na superfície acionando rapidamente seus motores de popa, andando em círculos para manter a posição. Um som forte vindo do barco marcou o alerta de cinco minutos. Ele olhou para Costas, distante agora cerca de vinte metros, depois mergulhou no sedimento em suspensão. Costas podia não ser capaz de vê-lo, mas as bolhas de sua expiração seriam vistas com clareza. Desviou o olhar, concentrando-se em seu objetivo, com os braços estendidos à frente e as mãos juntas, as pernas dando impulso lentamente para um nado de bruços do tipo pulo de sapo. Ele estava controlando plenamente sua flutuabilidade. De repente, viu uma fileira inteira de quatro ânforas, intactas e apoiadas na areia e percebeu mais uma fileira para além delas. Expirou com força, esvaziando bem os pulmões, sabendo que sua vida dependia de seu equipamento para permitir a respiração seguinte, o toque de perigo que fazia do mergulho a sua paixão. Desceu mais, depois inspirou logo acima do fundo do mar, tornando a ganhar flutuabilidade neutra. As ânforas estavam cobertas por um fino sedimento que reluzia ante a luz do sol que chegava da superfície, através da água, 45 metros acima.

Viu mais fileiras de ânforas, em seguida um canal de corrente com madeiras de construção escuras embaixo, projetando-se para fora. Prendeu a respiração. - Bem, vou ser amaldiçoado.

Conseguiu alguma coisa? -, era a voz de Costas no intercomunicador.

Apenas outro antigo naufrágio.

Não foi possível vencer um *elephantegos* -, retorquiu Costas. - *Meu elephantegos*.

Apenas alguns potes velhos -, disse Jack.

Com você, nunca são apenas potes velhos. Eu o vi retirando o ouro que estava dentro do pote para poder observá-lo. Um arqueólogo típico.

É nos potes que jaz a história disse Jack.

É o que você sempre diz. Pessoalmente, vou pegar um saco de dobrões de algum pote qualquer dia destes. Então, o que você conseguiu?

Ânforas de vinho, com cerca de dois séculos a mais do que aquelas de Rodes com o *elephantegos*. Estas datam do tempo de Augusto, o primeiro imperador romano. Vieram da Itália.

Jack moveu as nadadeiras em direção à fila de ânforas. Sua excitação cresceu. - Estas têm a aparência de que não chegaram ao destino. Ainda conservam os lacres nas tampas, com o carimbo das propriedades italianas

que os produziram. Este é um tipo de safra de vinho Falernian. Costas, acho que demos de cara com uma descoberta lucrativa. - Disse isso e olhou para trás. Costas havia nadado para cima da cabeça de coral e estava parado na água no meio do caminho, já alguns metros acima do solo oceânico. - Está na hora de irmos, Jack. Faltam dois minutos para que nosso limite se esgote.

Entendido. - Os olhos de Jack examinavam o que havia ao redor, absorvendo tudo o que era possível nos momentos que restavam antes de o alarme soar. - Cada uma dessas ânforas de vinho valia um escravo. Há centenas delas. Esta era uma carga bem valiosa. Este era um navio romano que operava sob licença da Companhia das Índias Orientais.

Você quer realmente dizer que ele ia para a Índia? - Costas acendeu sua *headlamp* revelando as cores do fundo oceânico ao redor de Jack. - Isso não significa ouro ou prata em barras ou lingotes? Um tesouro?

Jack tocou em uma das ânforas. Sentiu a emoção que o percorria cada vez que tocava em um artefato que havia ficado fora do alcance de mãos humanas desde tempos antigos. E os naufrágios eram os achados mais excitantes de todos. Não o lixo acumulado de uma civilização, refugos e dejetos, mas organismos vivos, perdidos em um momento de catástrofe, no ápice de uma grande aventura. Aventuras que sempre vinham com riscos, e dessa vez o dado caíra do lado errado. Esse navio havia enfrentado ventos perigosos, numa viagem de milhares de quilômetros através do oceano Índico. Jack conhecia a atração pelo Oriente, por causa de seus próprios ancestrais, que navegaram no tempo da Companhia das Índias Orientais. Eles a chamavam de "A aventura das Índias", a maior aventura de todas. Incontáveis tesouros. Imenso perigo. E para os antigos, os riscos eram ainda maiores. Em algum lugar lá fora estendia-se o selvagem limite do mundo. No entanto, ao longo de sua borda, tão distante quanto se pudesse ir, encontravam-se riquezas que humilhariam até mesmo um imperador poderoso e o colocariam face a face com os maiores segredos imagináveis, os elixires sagrados, a alquimia, a imortalidade.

O alarme soou, um tinido insistente e irritante que parecia vir de todos os lados. Jack respirou profundamente e se ergueu alguns metros acima das ânforas, depois começou a nadar em direção a Costas. Eles iam escavar. Boa parte do que a arqueologia revelava ficava abaixo do radar da história registrada sobre o resíduo mundano da vida diária, mas ali haviam encontrado algo significativo. Aquele foi um naufrágio que poderia ter sido

um ponto decisivo na história, que poderia ter determinado se Roma algum dia reinaria no oceano Índico. Ele olhou para Costas, que contemplava a piscina colorida iluminada por sua *headlamp*, refletindo a areia. Jack examinou seu computador de mergulho, depois viu que Costas continuava olhando, hipnotizado. Seguindo seu olhar, ele olhou para baixo novamente.

Então ele viu. Amarelo, brilhando. Areia, mas não apenas areia. Uma miragem fantástica. Piscou com força, depois soltou o ar e mergulhou para baixo novamente, até que seus joelhos tocaram o fundo do mar. Ele mal podia acreditar no que estava vendo. Então se lembrou. Um lamento de um imperador romano, dois mil anos atrás. *Todo o nosso dinheiro escoou para o leste, por causa de especiarias e bugigangas.*

Jack ergueu o olhar para Costas e de novo dirigiu-o para baixo.

O fundo do mar estava acarpetado de ouro.

Ele pegou uma peça brilhante, segurou-a perto dos olhos. Era uma moeda de ouro, um *aureus*, moeda nova, nem chegara a circular. A cabeça de um homem jovem, forte, confiante, um homem que acreditava que Roma podia governar o mundo. O *imperador Augusto*.

Caramba! -, disse Costas. - Diga-me que isso é verdade.

Eu acho -, disse Jack com voz rouca, - que você conseguiu seu tesouro.

Precisamos manter este lugar bloqueado -, replicou Costas, dando um piparote num interruptor na lateral de seu capacete. - Qualquer comunicação de rádio desligada. Não queremos ninguém ouvindo o que dizemos. Mesmo neste navio. Há ouro suficiente aqui para financiar uma pequena *jihad*.

Entendido. - Jack desligou seu interruptor. Saboreou o momento segurando a moeda de ouro, contemplando o espetáculo brilhante à sua frente, as fileiras de ânforas já em segundo plano. Costas tinha razão. Jack era um arqueólogo, não um caçador de tesouros, mas na verdade havia percorrido o mundo atrás de uma descoberta como esta, um bom tesouro à moda antiga, o preço do resgate de um imperador em ouro. *E era romano*.

Jack olhou para cima, viu o *Zodiac* bem acima, percebeu a sombra mais escura do *Seaquest II* a poucas centenas de metros da praia. De polegar para cima, mandou um sinal de *okay* para Costas. Os dois homens começaram a subir. Jack olhou mais uma vez para o fundo do mar, que ia desaparecendo, os detalhes já perdidos na areia, as ânforas não se distinguindo da rocha e do coral. Ele havia sonhado com isso durante anos: encontrar um naufrágio que o levasse de volta à maior aventura que o mundo antigo já conhecera, uma



busca de tesouros de valor inimaginável, tesouros que até esse dia continuavam acenando para os exploradores. Seu espírito foi completamente tomado pela excitação. Esse tinha sido o mergulho de sua vida. Eles haviam encontrado o primeiro tesouro de naufrágio ocorrido no mundo antigo. Jack viu que Costas olhava para ele através de sua máscara, com os olhos vincados num sorriso. Então sussurrou as palavras novamente: *Afortunado Jack.*

## Capítulo 2

Três horas mais tarde, do heliporto no *Sequest II*, Jack inclinou o nariz do helicóptero Lynx e o girou, formando um grande arco, demorando algum tempo para programar o computador de navegação na direção da costa egípcia, a uma distância de cerca de 64 quilômetros na direção noroeste. Eles iam voar a baixa altitude, para não permitir que o nitrogênio em sua corrente sanguínea formasse bolhas e evitar uma embolia gasosa. Jack olhou para além da figura de Costas, protegido com um capacete e sentado no assento do co-piloto, em direção ao *Sequest II*. Na popa estava escrita a palavra "Truro", o porto de registro mais próximo do campus da Universidade Marítima Internacional (IMU), na Cornuália, Inglaterra, e no alto tremulava a bandeira da IMU, um escudo com uma âncora imponente inspirada no escudo de armas da família de Jack. Era seu primeiro navio de pesquisa, construído sob encomenda menos de dois anos antes para substituir o primeiro *Sequest*, perdido no mar Negro. De longe ele parecia um navio de apoio naval. Na coberta de proa, Jack viu uma equipe vestida de macacão branco brilhante, ao lado de uma *Breda gun pod*<sup>[8]</sup>, calibre 40 mm, montada para a prática com fogo real. Alguns membros da tripulação haviam feito parte da elite Britânica do Serviço Especial de Barco (SBS) que Jack conhecera na Marinha Real. Eles se aproximavam da costa da Somália, onde a ameaça de pirataria estava sempre presente; esperava-se que em questão de dias eles estivessem fora da ilha devastada pela guerra do Sri Lanka. Mas em relação a todos os outros aspectos, o *Sequest II* era o mais moderno navio de pesquisa, equipado com a mais avançada tecnologia de mergulho e escavação, com acomodação e instalações de laboratório para uma equipe de trinta pessoas. Como resultado de décadas de experiências acumuladas e do trabalho em equipe, eles chegaram ao projeto de um navio ideal. Não pela primeira vez, Jack, silenciosamente, agradeceu a seu benfeitor, Efram Jacobovich, um magnata de *software* e mergulhador apaixonado, que, percebendo o potencial que havia em seus planos, fizera a doação para financiar seu trabalho de exploração ao redor do mundo.

Estamos de cinto afivelado -, disse Jack pelo intercomunicador. - Prontos para ir.

Costas apontou para o horizonte e disse: - Inicie.

Jack sorriu largamente, empurrou a alavanca de comando cíclica para a frente, a fim de inclinar o nariz do helicóptero novamente, depois girou o piloto automático. Quando ganharam velocidade, ele olhou para a asa da ponte de comando e viu James Macalister, um antigo capitão canadense da guarda costeira que era o comandante do *Seaquest II*. Atrás dele estava uma moça alta e esguia, com o longo cabelo negro esvoaçando na brisa, protegendo os olhos da luz forte e ofuscante e acenando para eles.

Rebecca parece estar se saindo muito bem disse Costas.

Para uma primeira expedição, é inacreditável que tenha se adaptado tão bem -, replicou Jack. - Ela está quase dirigindo o espetáculo. Admirável, para uma garota de dezesseis anos.

Deve estar no sangue, Jack.

Já podiam vislumbrar o recife, o azul-escuro do abismo subindo através de matizes de turquesa até as cabeças de coral no topo do declive, algumas quase assomando à superfície. Passaram pelas formas amarelas oscilantes de dois *Aquapod* submersíveis, prontos para mergulhar no cemitério de antigos navios cinquenta metros abaixo. Dentro de algumas horas os *Aquapod* teriam concluído um levantamento fotogramétrico e a laser completo do local, algo que levaria semanas de mergulho e meticulosas medidas à mão na época em que Jack começou. Depois que subiram do mergulho e retornaram ao *Seaquest II*, Jack tinha ido direto para uma videoconferência com autoridades egípcias em antiguidades, a marinha egípcia e o grupo de assistentes do Instituto de Arqueologia de seu amigo Maurice Hiebermeyer em Alexandria. Com o *Seaquest II* comprometido meses antes para fazer uma viagem ao Pacífico, outro navio da IMU iria se encarregar da escavação, e uma fragata da marinha egípcia ficaria no posto naval durante esse período. A escavação ia completar um *hat-trick* de antigas investigações de naufrágios feitas pela IMU durante alguns anos passados: um naufrágio minuano da Idade do Bronze no mar Egeu, o naufrágio do navio *St Pauls*, na Sicília, e agora este. Jack esperava ardorosamente estar de volta a tempo de ele mesmo trabalhar no local, mas por ora estava excitado por ter colocado a máquina em movimento. Relaxou em seu assento, expirando o excesso de nitrogênio do sangue e sentindo o corpo recuperar

força após o mergulho. Estava exausto, mas feliz, ansioso para chegar a seu destino e descobrir por que Hiebermeyer o atormentara persistentemente durante meses para ver o que havia em sua escavação no deserto egípcio.

Me explique aquela ilha. - Costas apontou para uma terra estéril, que emergia maltratada pelo tempo no mar abaixo deles, com cerca de dois quilômetros de um lado a outro e elevando-se num pico com várias centenas de metros de altura, a rocha branca ressecada e aparentemente privada de vegetação. Parecia um lugar de extremos, incapaz de permitir vida.

Aquela é Zabargad, conhecida como ilha de St John -, disse Jack. - Os antigos gregos chamavam-na Ilha de Topázio.

Posso perceber rochas toscas, trabalhos de minas antigas, ao redor das extremidades da montanha -, disse Costas.

Ela era a única fonte antiga de peridoto, a gema verde translúcida também chamada de olivina disse Jack. - A ilha é um sonho de mineralogista, uma erupção da crosta terrestre. Os chineses reverenciam o peridoto por sua semelhança com o jade, uma pedra sagrada. Aham que ele possui qualidades curativas. As melhores gemas pertenciam aos tesouros dos imperadores.

A mineração era feita por condenados? -, perguntou Costas.

Você acertou. A ilha era a mãe de todas as colônias penais -, disse Jack. - Para muitos dos prisioneiros que estavam encarcerados aqui, este local era o ponto final da Terra.

Costas respirou profundamente. - Isto me faz lembrar Alcatraz.

É mais longe para atravessar a nado daqui do que da baía de São Francisco, e há um pouco mais de tubarões.

Alguém já escapou?

Antes de tentar responder, olhe para isto. - Jack enfiou a mão no bolso e tirou um pequeno envelope. Ele o passou para Costas, que tirou o objeto que estava dentro e o colocou na palma da mão. Era a moeda de ouro que Jack havia recolhido do fundo do oceano no local do naufrágio, reluzindo e perfeita, como se tivesse vindo direto da cunhagem de moedas.

- Jack...

Eu a emprestei. É uma amostra. Preciso ter alguma coisa para mostrar a Maurice. Desde nosso tempo de escola ele me diz que não há nada igual aos tesouros das tumbas egípcias.

Doutor Jack Howard, o primeiro arqueólogo marítimo do mundo, saqueia o sítio de escavação. O que dirão as autoridades egípcias quando eu lhes contar?

As autoridades? Você quer dizer Herr Professor Doutor Maurice Hiebert, o maior egiptólogo vivo? Ele provavelmente me lançará um olhar penalizado e me mostrará uma múmia incrustada de jóias.

Pensei que vocês, rapazes, só gostassem de cacos de cerâmica -, disse Costas sorrindo e segurando a moeda cuidadosamente entre dois dedos. - Muito bem, por que me mostra isso agora?

O rosto é de Augusto, o primeiro imperador romano. Agora observe o outro lado.

Costas girou a moeda. Jack viu um escudo no meio, com um símbolo de cada lado. O símbolo da direita estava encimado por uma esfera, o que significava o domínio de Roma sobre o mundo. O da esquerda tinha a *aquila*, a águia sagrada que os legionários lutariam até a morte para proteger. Eram *signa militaria* (insígnias militares), os protótipos dos legionários romanos. Jack apontou para a inscrição no centro. - Muito bem. Agora leia as palavras em voz alta.

Costas piscou e leu: - *Signis Receptis*.

Isto significa "Símbolos Devolvidos". Esta moeda pertence a uma das tiragens valiosas de Augusto, de cerca de 19 a.C., apenas poucos anos depois de Augusto tornar-se imperador. Ele estava consolidando o império, depois de décadas de guerra civil. Seu filho Tibério acabara de concluir um tratado de paz com os partos, que dominavam a área do Irã e Iraque. Eles concordaram em devolver os estandartes com os símbolos que haviam sido tirados das legiões romanas derrotadas. Augusto considerou a devolução um triunfo pessoal e os exibiu em desfiles por toda Roma. Foi uma imensa e importante propaganda para ele, embora muito tardia para ajudar os homens que haviam lutado sob aqueles símbolos e foram muito desventurados por não ter morrido no campo de batalha.

O que isso tem a ver com os condenados?

Retrocedendo a 53 a.C., Roma ainda é uma república, governada pelo triunvirato de Júlio César, Pompeu e Crasso. As coisas já estão desmoronando, por causa de rivalidades pessoais e ambições que conduziriam à guerra civil. O prestígio militar é o que importa. Pompeu tem o seu, por ter libertado o mar dos piratas. Julio César está obtendo seu

prestígio, com suas operações militares na Gália. Crasso é o único excêntrico que está fora. Ele decide procurar a glória no Leste e ir atrás de ouro. A diferença entre eles era que Pompeu e César eram ambos generais experimentados. Crasso era banqueiro.

Acho que posso adivinhar o que aconteceu.

A batalha de Carrhae, perto da moderna Harran, no sudeste da Turquia. Uma das piores derrotas jamais sofridas por um exército romano. Crasso era um general inútil, mas suas legiões lutavam por Roma, e por sua própria honra. Eles lutaram duramente, mas foram subjugados pelo calvário estabelecido pelos partos. Pelo menos vinte mil foram massacrados, e os feridos foram todos executados. Crasso foi morto, mas um soldado romano foi vestido como ele e forçado a beber ouro fundido.

Um fim apropriado para um banqueiro.

Pelo menos dez mil soldados romanos foram capturados. Aqueles que não passaram pela execução foram enviados para a cidadela parta de Merv, tendo sido provavelmente usados como escravos no trabalho de construção dos muros da cidade. Esta é a sequência lógica. Minas, pedreiras, trabalho escravo. A sina dos prisioneiros de guerra na antiguidade. A cidadela de Merv não era cortada por mar como a ilha de St John, mas estava isolada na solidão do deserto do que é agora o Turquemenistão. Naquela época, quase ninguém sabia o que havia por trás das terras conquistadas por Alexandre, o Grande no século 4 a.C., além do Indo e do Afeganistão. Jack abriu a tela do computador entre os dois assentos e clicou o mouse até aparecer uma imagem. Mostrava uma paisagem ressecada de ruínas e pistas empoeiradas rodeadas por uma vasta e arruinada fortificação, transformada em alguns pontos num pequeno morro arredondado. - Isto foi o que sobrou de Merv -, ele disse. - Aqueles são os muros da antiga Margiana (oásis no deserto de Karakum), o nome da cidade na época dos partos.

Parecem trabalho de aterro e não de alvenaria.

Eles foram feitos com tijolos de barro, inúmeras vezes, um novo muro construído no topo erodido remanescente do muro anterior. Mas em algum momento pode ter havido uma experiência fracassada com a argamassa. Nós encontramos uma seção recentemente exposta onde um dos muros ruiu, e ele estava preenchido com uma substância em pó, esbranquiçada. Quase como concreto que não tivesse sido colocado de maneira apropriada.

Quando você esteve lá?

Na Conferência Transoxiana, em abril disse Jack. - O Oxus (também chamado Amu Daria) era o antigo nome do grande rio que corre perto daqui, do Afeganistão até o mar de Aral. Os antigos gregos e romanos o viam como o limite de seu mundo. A conferência se concentrou nos contatos entre o Ocidente e a Ásia Central.

Você quer dizer a Rota da Seda?

Na época em que os chineses e os comerciantes da Ásia Central estavam operando pela primeira vez em locais como Merv, logo depois que Alexandre, o Grande passou por lá.

Costas olhou atentamente para a paisagem. - Pare aí. Quem é esta? Eu reconheço esta pessoa.

Ela está lá apenas por causa de escala.

- Jack! Aquela é Katya!

Ela abriu minha sessão na conferência. É sua especialidade. Vem estudando inscrições antigas ao longo da Rota da Seda e me convidou. Como não estávamos mergulhando ou fazendo outra coisa em abril, não pude recusar.

Bem, bem. Você andou se encontrando com Katya novamente. É disso que se trata, não é? Jack Howard, arqueólogo subaquático, voando para um amontoado de poeira no meio de um deserto. Turquemenistão, não é? Não pode haver nada mais distante de um naufrágio.

-Apenas mantendo contato com antigos colegas. - Jack grunhiu e fechou a tela.

Costas resmungou. - De todo modo... Esses romanos. Prisioneiros de guerra. Perguntei se algum deles escapou.

Da ilha de St John, eu duvido. De Merv é outro assunto. Dificilmente qualquer um dos legionários de Crasso poderia ter sobrevivido à época de Augusto e repatriado os estandartes com os símbolos, mais de trinta anos depois da batalha. Mas houve rumores em Roma que perduraram por várias gerações.

Que espécie de rumores?

O tipo que você ouviu falar, mas cuja fonte não pode nunca determinar. Rumores sobre um bando de prisioneiros que escaparam, legionários que foram capturados em Carrhae. Prisioneiros que não foram para o Ocidente, que não retornaram para um mundo que os havia abandonado, mas em vez disso, foram para o leste.

Você acredita nisso?

Se eles sobreviveram a todos aqueles anos de trabalho pesado na cidadela dos partos, deviam ser os mais fortes. E eles eram legionários romanos. Sabiam como seguir uma rota.

Vamos ver. Indo para o leste. Isso significa Afeganistão, Ásia Central?

Jack fez uma pausa. - Alguns rumores chegam de regiões muito mais distantes a leste. Dos antigos anais dos imperadores chineses. Mas isso terá que esperar. Estamos quase chegando. - Jack apontou à frente, para uma língua de terra que se projetava para dentro do Mar Vermelho. - Ali é Ras Banas. Ela tem a forma de uma cabeça de elefante. Acho que vai gostar daquilo.

Como eu poderia esquecer? -, murmurou Costas. - Meu *elephantegos*. Nem em um milhão de anos eu pensaria em encontrar antigos elefantes debaixo d'água.

Mergulhe comigo, e tudo é possível.

Somente se eu fornecer a tecnologia.

Touché.

Jack abaixou o controle coletivo, e o helicóptero começou a descer. - Estou vendo a escavação agora. Sim, posso até ver Maurice. Aqueles shorts dele parecem uma bandeira de sinalização. Vou descer em uma parte de terra rochosa bem na frente da praia para evitar um redemoinho de poeira. Segure firme.

A cena com que se depararam ao sair do helicóptero era de desolação: enormes extensões de solo endurecido pelo sol com nada além do mar brilhando atrás. Apesar dos melhores esforços de Jack, eles provocaram um remoinho de areia ao aterrissar, e a paisagem agora se refratava através de uma névoa de poeira vermelha, como se o próprio ar estivesse irradiando calor. A oeste, em direção ao interior, Jack só conseguia ver a linha de montanhas baixas que assinalavam a borda do deserto costeiro, na rota para o Nilo; do lado leste, a acidentada península de Ras Banas fazendo uma curva para dentro do oceano. Comprimida na altura da extremidade da baía, algumas centenas de metros adiante ficavam as cabanas, em ruínas, do posto aduaneiro egípcio, e além dele havia uma lagoa rasa, com cerca de um quilômetro de diâmetro, cercada por uma fina península de areia do lado voltado para o mar. Dava a impressão de ser um lugar no limite da existência humana, destilado pelo calor causticante do sol egípcio.



Costas ficou parado ao lado de Jack, usando um chapéu de palha e óculos extravagantes e muito grandes, esfregando a poeira e o suor do rosto. Apontou para a névoa de poeira. - Lá vem ele. - Uma figura corpulenta saiu da poeira da pequena colina ao lado deles, com a mão já estendida. Ele era mais baixo que Jack, um pouco mais alto que Costas, mas enquanto Costas tinha o tronco musculoso e em forma de barril de seus ancestrais das ilhas gregas, Hiebermeyer nunca conseguiu se livrar da impressão de que seu ser inteiro girava em torno de linguiça e chucrute. Era uma ilusão, Jack sabia, para um homem que estava continuamente em movimento e tinha a energia de um pequeno exército.

Ele ainda está voando a meio mastro, como vejo, - Costas murmurou para Jack.

Não diga nada. Lembre-se, eu lhe dei esses shorts. Eles são uma parte consagrada de nossa herança arqueológica. Um dia vão estar no Smithsonian Museum. Ele lançou um olhar para os shorts largos de Costas e a camisa sensacionalmente colorida. - De todo modo, você não pode dizer nada. "Hawaii 5.0".<sup>{9}</sup>

Estou apenas me preparando -, disse Costas. - Para quando viajarmos. Para o Pacífico. Lembra? Época de férias. Embora eu possa também usar estas roupas agora.

Sim. Você pode. - Jack pigarreou exatamente quando Hiebermeyer chegou e trocou um aperto de mãos caloroso com ele e depois com Costa. - Venham -, ele disse, colina abaixo, sem realmente parar.

Chega de tagarelice disse Costas, bebendo grandes goles de uma garrafa de água.

Faz meses que ele está querendo me mostrar este lugar -, disse Jack, colocando sua velha e desbotada mochila cáqui no ombro e começando a andar. - Mal posso esperar.

Certo, certo. - Costas arremessou a garrafa para dentro do helicóptero e seguiu os dois homens colina abaixo, alcançando-os a cerca de cinquenta metros da beira da água. Hiebermeyer tirou seus pequenos óculos redondos, limpou-os e depois abriu os braços de maneira expansiva. - Bem-vindos à antiga Berenike. O refúgio de férias no fim do universo. - Apontou de volta para o declive. - Lá em cima está o Templo de Serapis; aqui embaixo, a principal estrada leste-oeste, o *decumanus*. A cidade foi fundada por

Ptolomeu II, filho do general Alexandre, o Grande, que governou o Egito no século 3 a.C. e chamou o local de Berenike, o nome de sua mãe. Floresceu especialmente sob o imperador romano Augusto, depois declinou.

Então, onde fica o anfiteatro? - Costas olhou ao redor. - Não vejo absolutamente nada.

Olhe para baixo.

Costas chutou o chão. - Muito bem. Alguns fragmentos de cerâmica.

Agora venham até aqui. - Eles seguiram Hiebermeyer mais alguns metros em direção ao mar. Ele os levou até a borda de uma área escavada do tamanho de uma grande piscina. Era como se o chão tivesse uma pele que fora tirada. Viram paredes de coral construídas com entulho bruto e arenito, formando pequenas salas e passagens estreitas. Era a fundação de uma antiga cidade, não um projeto impecável de cidade romana, como Pompéia ou Herculano, mas um lugar sem nenhuma pretensão arquitetônica, onde paredes e salas haviam sido claramente adicionadas na medida da necessidade. Hiebermeyer pulou com agilidade surpreendente para uma prancha sobre uma vala. Saltou para o lado mais distante e puxou uma grande lona impermeabilizada, depois fez um floreio triunfante. - Aqui está, Jack. Achei que você ia gostar disto.

Era uma fileira de ânforas romanas, exatamente como aquelas que eles tinham visto naquela manhã, só que estas estavam gastas, e muitas tinham as beiradas quebradas. - Todas reutilizadas, como você pode ver disse

Hiebermeyer. - Suponho que elas chegaram à Índia cheias de vinho, depois foram trazidas de volta para cá vazias, para ser utilizadas como recipientes de água. A água é um artigo precioso aqui. A fonte mais próxima se encontra a quilômetros de distância, nos flancos das montanhas. Não temos nem eletricidade. Utilizamos painéis solares para ligar os computadores. E precisamos trazer nossa comida para cá do vale do Nilo, do mesmo modo que eles faziam nos tempos antigos. Isto realmente nos faz ter empatia com o passado.

Isto se parece com uma colônia lunar -, murmurou Costas.

Hiebermeyer recolocou a lona encerada e puxou outra que estava ao lado, revelando uma pilha de pedras escuras mais ou menos do tamanho de bolas de futebol. - Lastro de navio -, ele disse. - Trata-se de um basalto vulcânico que não existe nesta área.

Lastro de navio repetiu Costas. - Por quê?

Um navio *outward-bound*<sup>(10)</sup> repleto de ouro e vinho vai navegar bem. Um navio retornando com grãos de pimenta vai balançar como uma cortiça. Por isso é preciso usar lastro. A origem desta pedra foi identificada como sendo do sul da Índia.

Maurice -, exclamou Jack, batendo em suas costas. - Ainda faremos de você um arqueólogo náutico.

Índia -, disse Costas. - Alguém vai ter que me informar.

Jack se voltou para ele. - Durante milênios, os antigos egípcios haviam recebido artigos de além do Mar Vermelho, mas sempre por meio de intermediários. Então, algum tempo depois que Alexandre conquistou o Egito e os primeiros mercadores gregos apareceram ao longo desta costa, alguém ensinou para os egípcios e gregos como se navega pelo oceano Índico usando as monções. Eles navegavam para fora do Egito com a monção na direção nordeste, voltavam com a monção na direção sudeste, realizando uma viagem inteira no período de um ano. Era perigoso e aterrador, mas os ventos eram tão previsíveis como as estações. Isso inaugurou uma era assombrosa de descobertas marítimas. Os primeiros mercadores gregos por via marítima chegaram à Índia logo depois que Berenike foi estabelecida. Depois que os romanos dominaram o Egito em 31 a.C., tudo andou mais rápido. Sob Augusto, cerca de trezentos navios saíam daqui anualmente. Era um enorme investimento, algo muito arriscado, assim como as Índias do Leste Europeu se dedicaram ao comércio mil e quinhentos anos mais tarde. Os navios iam com ouro, prata, vinho e retornavam com gemas, especiarias e pimenta.

E não só isso -, disse Hiebertmeyer, pulando para fora da vala e enxugando o suor da testa. - Agora vou mostrar o que realmente queria que vocês vissem. Sigam-me, vamos subir a colina. - Uma rajada de vento muito quente soprou, ferindo seus olhos. Costas se agachou para se proteger, depois se arrastou atrás dos outros dois homens.

Nós estávamos falando sobre a batalha de Carrhae, as legiões perdidas de Crasso -, disse Jack.

Estou sempre pronto para ouvir acerca de uma derrota romana -, replicou Hiebertmeyer, sorrindo para Jack.

Ora. Os romanos não governaram o Egito de uma maneira muito ruim. Se não fosse por eles, vocês não estariam aqui, tomando sol ao lado do Mar

Vermelho. Este é um local basicamente romano.

Eu preferiria estar no Vale dos Reis -, fungou Hiebermeyer.

Falando com Costas sobre Carrhae, lembrei-me de outra derrota romana -, disse Jack. - Uma que nunca foi esquecida pelos imperadores. As legiões perdidas pelo general Públio Varo, que foram destruídas no século 9 d.C. na floresta de Teutoburg.

Hiebermeyer parou de andar. - Este foi meu primeiro verdadeiro sabor de arqueologia, quando era menino, e buscava o lugar da batalha. Minha família possuía uma residência nas proximidades, fora de Osnabruque, na Baixa Saxônia.

Os olhos de Jack ficaram sombrios, e ele olhou para Costas. - Os romanos estavam investindo na Alemanha. Eram os dias gloriosos de Augusto. As possibilidades pareciam limitadas. Então tudo deu terrivelmente errado. Varo era inexperiente, como Crasso, e levou três legiões para território desconhecido. Eles foram atacados de tocaia pelos alemães e aniquilados, eram pelo menos vinte mil homens.

- O que você quer dizer? perguntou Hiebermeyer, subindo vagarosamente a colina.

O declínio de Berenike, depois de Augusto. Isso é bizarro, no auge do império, quando a economia romana estava crescendo rapidamente. E como se o governo britânico tivesse subitamente perdido o interesse pela Companhia das Índias Orientais no final do século 18, quando as maiores fortunas estavam sendo feitas.

A derrota deteve os romanos em seus avanços -, disse Hiebermeyer. - O Reno tornou-se a fronteira. Augusto quase ficou louco por causa dessas legiões perdidas.

Jack aquiesceu. - Fico imaginando se Augusto não teria outras intenções. Ele prestava atenção no leste, na Arábia, na Índia, nas terras além desse local, onde tudo era propício para a conquista. Ele observou e disse não. O império estava suficientemente grande. Eles não podiam se permitir outra derrota. E o risco fora daqui, o custo do fracasso, era imenso.

E não somente militar -, disse Costas.

Continue.

Sólidas fortunas estavam envolvidas, certo? Navios carregados de ouro e prata. Isso significava somente os investidores mais poderosos, entre eles o próprio imperador. Quais são os riscos de um naufrágio em uma viagem

que parte daqui? Um em três, um em quatro? Vamos dizer que isso tenha ocorrido, e o imperador, perdido em escala muito grande. Seu próprio dinheiro. Um investimento de alto risco dá errado, e depois as legiões são eliminadas. Isso tudo é demais. Ele interrompe o negócio com a Índia.

Jack parou. - Esta é uma ideia infernal.

Eu a vendo por uma cerveja gelada -, disse Costas, enxugando a fronte.

Encontre-me um naufrágio fora daqui cheio de moedas cunhadas oriundas de tesouro imperial, que eu poderei acreditar em você -, disse Hiebertmeyer, caminhando de maneira determinada declive acima, na frente deles. Costas olhou de maneira interrogativa para Jack, que sorriu e seguiu Hiebertmeyer.

Falando de naufrágios, a propósito, obrigado pela pista, Maurice -, Jack disse em voz alta, embaraçado.

Hein?

Aquela tradução que você me mandou por e-mail. Do arquivo Coptos. O antigo naufrágio. O *elephantegos*.

-Ah, sim.

Nós encontramos um.

Ah, que bom!

Encontramos um *elephantegos*.

Ah, sim. Bom! - Hiebertmeyer parou, claramente concentrado em alguma outra corrente de pensamento, aquiesceu educadamente, depois continuou andando. Depois de alguns instantes ele parou de novo, subitamente, e olhou fixo para Jack, com a boca aberta de espanto. Jack captou o olhar de Costas, e os dois continuaram a subir o declive. Hiebertmeyer os seguiu até a borda de outra ampla vala de escavação, onde ficou subitamente preocupado ante a cena atarefada à frente deles. Ele gesticulou para um grupo de estudantes e trabalhadores egípcios que estavam num canto sob uma lona encerada. Uma mulher egípcia morena, de cabelo preso atrás sob um chapéu de aba larga, apareceu rapidamente e subiu para fora da vala diante deles. Ela falou baixinho com Hiebertmeyer em alemão. Ele aquiesceu e se voltou para Jack. - Você se lembra de Aysha? Ela escavou comigo no cemitério de múmias em Fayum. Está encarregada das escavações lá, mas eu lhe pedi que viesse para cá logo que começamos a encontrar o que você está prestes a ver.

Congratulações pelo seu doutorado. - Jack estendeu a mão e a cumprimentou.

E ao seu diretor assistente do Instituto de Alexandria -, disse Costas.

Alguém tem que cuidar de Maurice -, ela disse.

Jack sorriu consigo mesmo. Dois anos atrás, Aysha tinha sido a estudante mais graduada de Hiebermeyer, uma escavadora naturalmente bem-dotada que tinha mais paciência que Maurice com as minúcias de uma escavação, capaz de passar horas analisando minuciosamente uma tira de um envoltório de múmia, quando ele logo ficaria nervoso. Ela nunca se tornava subserviente em relação a ele, sempre silenciosamente sob controle. Era um complemento perfeito para ele, e Maurice nunca era pomposo com ela. Jack olhou para os dois juntos por um momento, e depois baniu o pensamento. Era impossível. Maurice nunca permitiria a distração.

-Você deve sentir saudades da cidade de Nova York -, disse Costas. - Eu volto para lá sempre que posso.

Quando concluí o curso em Columbia, mantive o apartamento -, disse Aysha. - Depois que terminar esta escavação, vou voltar para a cidade de Nova York para um ano sabático. O apartamento é o que conseguimos com os tutores de Rebecca, quando ela ficou conhecendo Jack. Eles ficaram lá na primavera.

Obrigado novamente por isso, Aysha -, disse Jack sorrindo para ela. - Você sabe que ela está conosco no *Seaquest II*?

É claro. Ela me enviou um e-mail esta manhã. Um comentário corriqueiro sobre as piadas de seu espantoso amigo.

Quando você voltar ao Queens, mande lembranças para meu barbeiro, Antonio -, disse Costas melancolicamente. - Na esquina da 24ª com a 22ª. Ele cortou meu cabelo durante dez anos. Enquanto eu estava na escola. Cinco dólares o corte. Foi ele que fez minha primeira barba. Ensinou-me tudo o que sei.

É claro, Costas -, disse Aysha, desviando os olhos. - Da próxima vez vou marcar um horário para arrumar os cabelos.

Não é preciso marcar hora. Basta aparecer.

Jack riu. Hiebermeyer batia o pé impacientemente, e Jack viu sua expressão. - Muito bem, Maurice, o que você conseguiu? - Hiebermeyer fez um sinal para Aysha, e ela os acompanhou até a borda da vala. - Esta é uma *villa* romana ela disse. - Ou deveria dizer, o que se considerava uma *villa* neste local. O proprietário utilizou os melhores materiais disponíveis e

gastou muito dinheiro em sua construção. As paredes são feitas com blocos de coral fossilizado, o principal material de construção usado aqui, mas elas estão chapeadas com tiras de gesso natural que devem ter sido trazidas do Nilo em caravanas de camelo. As pequenas colunas são de granito cinza egípcio, extraídos de montanhas a oeste daqui. A coisa realmente fascinante é que o proprietário conseguiu um chão de madeira polida, completamente em desacordo com a tradição romana. A madeira é teca, do sul da Índia. É madeira de lei, de navio, reutilizada.

E percebo alguns confortos modernos disse Jack, apontando para o canto onde os trabalhadores estavam escavando.

É uma cisterna de água, cavada dentro da rocha, revestida com concreto impermeável. Ao lado dela há uma versão econômica de um banheiro romano. Ele construiu para si um *frigidarium*<sup>(11)</sup> alinhado com tubos de cerâmica para isolamento, e um sistema engenhoso para manter o aposento úmido.

- Ele devia passar muito tempo dentro dele -, murmurou Costas, enxugando o suor do rosto. - Não sei como alguém pode suportar este calor.

Durante metade do ano não é tão quente -, replicou Aysha. - Este lugar ficava abandonado durante meses, no período compreendido entre a saída dos navios daqui para pegar a monção noroeste até sua volta, com a monção sudeste. Acho que o proprietário desta *villa* era um mercador viajante que se movimentava muito. Acho que este lugar era apenas seu abrigo quando estava na cidade. E acho, também, que provavelmente ele tinha outra casa na Índia.

Na Índia! -, exclamou Costas.

Aysha, mostre-lhes, está bem? -, disse Hiebermeyer, saboreando nitidamente o momento.

Aysha concordou e os conduziu para baixo da cobertura de lona encerada ao lado da vala. Sobre uma mesa de cavalete estavam tabuleiros cheios de achados, principalmente fragmentos de cerâmica. - Algumas dessas peças são da Índia. Estilo tâmil disse ela, passando para Jack um fragmento dentro de uma mala de polietileno. - Este fragmento tem um grafito em tâmil, possivelmente a palavra - Ramaya -. Poderia ser o nome do próprio mercador, mas acho que é o nome da comunidade romana, no sul da Índia, o nome que a população local lhe deu.

Você acha que o proprietário era indiano? perguntou Costas.

Ou sua mulher disse Aysha. - Dê uma olhada nisso. - Ela apontou para um pedaço grosso de arenito, com cerca de trinta centímetros de diâmetro, muito erodido, mas com uma gravura ainda visível na parte da frente. Mostrava uma mulher de quadris e seios pronunciados, em um movimento sinuoso, como se estivesse dançando entre pilares, com um ornamento em espiral, tendo acima uma viga decorativa. - Quando este pedaço de arenito foi encontrado, meu assistente inglês lhe deu o nome de "Vénus de Berenike" -, disse Aysha. - Uma perspectiva tipicamente ocidental. Aposto que ela é indiana. Os colares, a decoração são típicos do sul da Índia. Acho que ela não é absolutamente uma deusa clássica, mas uma *yaksi*, um espírito feminino indiano. Você pode esperar encontrar algo assim num templo dentro de uma gruta em Tamil Nadu, o ponto mais distante que sabemos que os mercadores romanos visitaram ao longo da costa da Índia, na baía de Bengala.

E olhe para isto. - Hiebermeyer apontou para uma caixa impermeável ao ar com um termostato ao longo dela. - Isto é seda.

Seda? -, perguntou Costas. - Você quer dizer da China?

Achamos que sim disse Aysha, excitada. - Achamos que isto mostra que a seda não estava vindo somente por via terrestre da Pérsia para o Império Romano. Também estava vindo por mar, dos portos da Índia. Isto mostra que os mercadores estavam deixando a Rota da Seda em algum lugar da Ásia Central, dirigindo-se ao sul pelo Afeganistão e descendo o Indo e o Ganges para alcançar portos nos quais se encontravam com mercadores como este. E de fato, Costas, isto aproxima a China do mundo romano.

Quem sabe é para lá que todo o ouro estava indo -, disse Costas. - Não para comprar pimenta, mas sim seda.

Outra idéia interessante murmurou Jack.

Encontre um naufrágio ligado a esse comércio, e valeria a pena escavar seu carregamento -, disse Hiebermeyer. - Até eu reconheço isso. Um antigo *East Indianman*<sup>{12}</sup>.

Acho que podemos estar apenas um passo à sua frente, meu velho replicou Costas, chutando uma pedra e dando uma olhada para Jack. Mas Hiebermeyer deu um salto e se afastou para o outro lado da escavação, onde



levantou uma caixa de alumínio e levou com cuidado até onde eles estavam, pingando de suor.

Costas se abaixou, pegou a pedra do chão e a ergueu. Era uma pedra que depois de lapidada pode ser usada como joia. Uma pedra inteira, não cortada, de um azul profundo, com salpicos de ouro. - Examinem isto.

Aysha olhou, depois disse, ofegante. - É lápis-lazúli, Maurice, olhe! Costas encontrou uma pedra de lápis-lazúli!

Hiebermeyer colocou a caixa de lado e pegou a pedra de Costas, levantando os óculos e olhando atentamente para ela, virando-a e esfregando-a. - Meu Deus ele murmurou. - É da mais alta pureza. Do Afeganistão. Esta é outra peça do complicado quebra-cabeça. Eles também faziam comércio disso. Lápis-lazúli vale igualmente uma fortuna.

Meses de escavação meticulosa, e você nunca teria encontrado isso - disse Costas, olhando com ar inexpressivo para Hiebermeyer.

Os olhos de Hiebermeyer estreitaram-se. - Onde, posso perguntar, você pegou esta pedra?

Costas apontou para baixo, sorrindo. - Você deve apenas saber para onde olhar.

Hiebermeyer bufou, depois colocou cuidadosamente a pedra num tabuleiro de achados. - É óbvio que alguma coisa da habilidade de Jack passou para você. E agora vamos ao verdadeiro tesouro.

- Ainda tem mais? perguntou Jack.

Hiebermeyer bateu na caixa. - Esperava ansioso a chegada do *Seaquest II*. Nós precisamos das instalações completas do laboratório, visualizador infravermelho, imagem multiespectral. Precisamos olhar esses achados apropriadamente, fora daqui, deste lugar quente -, ele disse, enxugando o rosto. - Nós vamos terminar aqui nesta estação. O lugar ficou muito quente. Meu capataz egípcio fechará o sítio. Aysha e eu já nos despedimos da equipe e fizemos as malas; estamos prontos.

Você está dizendo que quer ir embora agora? -, perguntou Jack.

Vocês tinham duas cabines sobressalentes, não é?

É claro. Vou passar uma mensagem por rádio para o capitão; vocês podem juntar-se a nós para um cruzeiro pelo oceano Índico.

Costas olhou de maneira cética para Hiebermeyer. - Como está sua capacidade para ficar andando pelo convés de um navio? Podemos nos deparar com a monção.

Minha capacidade vai bem. - Hiebermeyer olhou propositadamente para Jack. - É com a dele que estou preocupado.

Faz anos que isso não acontece -, disse Jack na defensiva. - Não acontece desde que éramos crianças, Maurice. E aquela era uma navegação num barco pequeno. E foi você quem a construiu. De maneira muito imperfeita.

Aysha arregalou os olhos para Jack, com uma sombra de sorriso nos lábios. - Estou ouvindo direito? O famoso Jack Howard sofre de enjôo de mar?

Ele chama isso de toque de Nelson -, disse Costas. - O maior almirante da Inglaterra, Lord Nelson. Enjoado como um cachorro cada vez que saía ao mar.

Não tenho enjôo de mar -, disse Jack. - Apenas sinto empatia com meus heróis.

Bem, isto é bom -, disse Hiebermeyer. - Porque com aquilo que tenho aqui nesta caixa, você não terá muito tempo para olhar para o horizonte. Você vai mesmo nos levar para Arikamedu?

Para onde? - Costas olhou fixamente para Jack, com ar de suspeita. - Você está com aquele olhar.

Jack pigarreou. - Aonde os romanos que saíram daqui para navegar chegaram, no sudeste da Índia. É um lugar surpreendente. O Levantamento Arqueológico da Índia está planejando uma nova escavação. Sou oficial conselheiro de sua unidade subaquática, e prometi ir dar uma olhada quando o *Seaquest II* estivesse perto dali no oceano Índico. Maurice e Aysha nunca estiveram lá, e parece loucura não lhes proporcionar essa chance se, de qualquer maneira, eles estiverem a bordo conosco. Eu já telefonei para nosso homem em Arikamedu e o preparei.

Pensei que fôssemos testar meu novo submersível no Havaí murmurou Costas. - E encontrar uma praia. E encontrar um pequeno e agradável bar com palmeiras frondosas.

Trata-se apenas de uma pequena diversão antes -, disse Jack.

Costas olhou fixo para ele. - Sim. Certo. Uma diversão.

Jack olhou para a gravura da mulher espírito dançando, depois para o fragmento com o grafito tamil. *Ramaya*. Colocou-o cuidadosamente de volta na mesa e deu uma olhada nos outros. - Bem, se vocês estão prontos, acho

que podemos partir. Quanto antes sairmos, mais cedo descobriremos o que foi que vocês conseguiram e está aí dentro dessa caixa.

Hiebermeyer pegou a caixa. Jack e Costas pegaram as duas mochilas que estavam prontas perto da tenda, e Aysha, uma pasta e uma mochila menor. Eles acenaram para o grupo que estava na vala e começaram a descer o declive em direção ao helicóptero. Hiebermeyer parecia novamente perdido em pensamentos, mas subitamente parou, colocou a caixa no chão e olhou atentamente para Jack. - Acabei de me lembrar. Falar do pequeno barco me fez lembrar. E então ir para o sul da Índia. Você tem uma história familiar lá, não tem? Seu tatatavô, não é, o soldado? Algo que ele encontrou na selva, no século 19. Você costumava falar nisso quando estávamos na escola. Como você gostaria de ir para lá. Segundo me lembro era em algum lugar em Tamil Nadu, o Ghats oriental. Se você estiver em Atkademu, não estará muito longe.

Jack olhava fixamente para Hiebermeyer. - Eu sempre quis saber se poderia descobrir mais a respeito. Sou apaixonado por esse assunto. Você está certo. Esta é uma oportunidade demasiado boa para se perder. Acho que posso combinar isso com o Levantamento Arqueológico da Índia. E há uma conexão com os romanos. Tenho certeza disso. Tive um instinto visceral.

Uh-oh disse Costas, parando ao lado dele. - Não apenas uma diversão. Um instinto visceral. Isso é sério.

Jack sorriu maliciosamente, depois colocou no chão a mochila e procurou algo dentro da sua própria, retirando dela um pequeno envelope marrom, que segurou na palma da mão e com cuidado tirou a moeda de ouro. Aysha suspirou, e Hiebermeyer segurou a moeda no alto, com o sol cintilando de maneira ofuscante sobre a imagem do imperador. - Pressenti que você havia encontrado algo como isso, Jack. Você estava deixando uma série de pistas. Eu o conheço muito bem. - Ele olhou fixo para a moeda. - Ela é fantástica -, ele murmurou. - Essas paredes desmoronadas, esses fragmentos da antiga Berenike contam uma história humana, mas esse lugar tinha realmente a ver com o que passou por ele, riquezas incalculáveis, a fortuna de um império. Para compreender o que realmente ocorreu aqui, você tem que segurar isto. Segurar um tesouro. Foi isto que promoveu este lugar, tesouros em escala inimaginável.

E o mar se apoderou de um carregamento em suas redes -, disse Costas. Existem mais dessas moedas? perguntou Hiebermeyer.

Milhares delas -, disse Jack. - Toda uma tiragem de moedas novas. Todas de ouro imperial.

É um filão disse Costas.

Hiebermeyer relaxou os ombros, deu um amplo sorriso, e colocou sua outra mão no ombro de Jack. - Congratulações, Jack. Você se lembra de como eu costumava chamá-lo, quando éramos crianças? Jack Sortudo. - Ele devolveu a moeda, pegou novamente a caixa, depois tomou Costas pelo braço, guiando-o para descer o declive empoeirado em direção ao helicóptero. - Agora conte-me sobre os elefantes.

Você não vai acreditar.

- Experimente!

## Capítulo 3

Três dias mais tarde, Jack estava parado na ponte de comando do *Seaquest II*, inclinado na balaustrada e olhando em direção ao horizonte oriental. O sol havia se erguido num céu claro pela primeira vez desde que tinham deixado o Mar Vermelho, e Jack desfrutava dos raios cálidos quando ele se refletia na água. Os últimos três dias não tinham sido nada agradáveis. A monção os atingira assim que eles circundaram a Arábia, e eles navegaram diretamente através do mar aberto em direção à extremidade sul da Índia. A única maneira de navegarem com economia era manter a velocidade em vinte nós, com o vento de popa. Jack tinha dificuldade para compreender como os antigos marinheiros gregos e egípcios faziam, sacolejando e chafurdando, com as grandes ondas, centenas de quilômetros longe da terra, tendo apenas a direção da monção para orientar a navegação. Devia ser uma tremenda façanha, exigindo muita coragem e navegar fora da vista de terra devia ser o pior dos pesadelos. Especialmente se eles tivessem enjôo de mar. Jack engoliu em seco e tentou esquecer as últimas setenta e oito horas. O pior não acontecera, mas tinha estado perto. Ele estava exausto, mas também se sentia como um sobrevivente de uma doença quase fatal, com uma nova oportunidade de vida.

E também não haviam sido divertidas as horas que passara parado nesse local, açoiado pelo vento e borrifos de água, com os olhos perambulando sem parar, procurando uma linha no horizonte, no tumulto das vagas e na negritude bruxuleante que parecia não ter fim.

O rosto do capitão apareceu na porta da ponte de comando, e ele segurava uma caneca fumegante. - Agora estamos entrando no estreito de Palk. Conseguimos um piloto local para nos ajudar a navegar pelo estreito, e estou colocando o navio em alerta. A marinha do Sri Lanka está envolvida num conflito armado com os barcos dos rebeldes Tigres Tamil exatamente na extremidade setentrional, e estaremos ao alcance deles.

- Certo. Obrigado. - Jack pegou a caneca, agradecido, e voltou-se para o oceano. Observou a lancha que trazia o piloto, aproximando-se pela lateral do navio, emparelhando cuidadosamente com ele em velocidade, enquanto o

piloto era guinchado, sentado numa cadeira, e içado a bordo. Agora ele podia ver terra dos dois lados, a extremidade sul da Índia e a costa noroeste do Sri Lanka. Os estreitamentos à frente eram outro obstáculo que os antigos marinheiros deviam ter enfrentado, baixios traiçoeiros e recifes conhecidos apenas por profissionais locais. Mas, uma vez ultrapassado o estreito, os marinheiros estavam chegando ao final de sua viagem, no local onde se encontravam com negociantes vindos do leste, de Chryse, a quase mítica Terra do Ouro, um dos lugares mais distantes conhecidos pelos ocidentais. Jack olhou para o relógio. Maurice tinha prometido que nessa manhã revelaria seu achado, antes que eles alcançassem o sítio romano de Arikamedu. Maurice e Aysha tinham permanecido o tempo todo dentro do laboratório do navio, tentando compreender aquilo que ele havia trazido de sua escavação no Egito. Jack estava ansioso por juntar-se a eles. Ia descer e ver por si mesmo, assim que terminasse o café. Especialmente agora que no convés inferior havia uma proposta realista e não o pesadelo desesperador dos últimos três dias.

Jack sentiu um toque no braço e se voltou. Era Rebecca. Ela vestia jeans e uma camiseta do IMU. - Está se sentindo melhor? ela perguntou. Jack fez que sim, sorrindo. Seu sotaque era americano, e sua voz estava adquirindo a tonalidade grave que Jack achava atraente em sua mãe.

Rebecca era morena, como Elizabeth, mas tinha os olhos azuis de Jack. Havia certa tristeza neles, uma tristeza que sempre estaria ali, e o coração de Jack se enterneceu com a criança que havia experimentado a perda da mãe e tinha crescido longe de seus verdadeiros pais. Jack só soube que era pai depois das horríveis circunstâncias do desaparecimento e da morte de Elizabeth em Nápoles menos de um ano antes. Elizabeth o havia deixado dezesseis anos atrás, quando sucumbira à pressão da família para regressar a Nápoles, e Jack percebeu que ela só soube que estava grávida depois de ter sido sugada de volta para dentro do submundo sombrio do qual nunca conseguira escapar. Ela não queria se arriscar a criar a filha naquele mundo e mandou-a para Nova York. Rebecca cresceu forte e segura sob a guarda de amigos da mãe, e quando Elizabeth lhe explicou o motivo disso, o cenário sombrio de sua vida em Nápoles, ela compreendeu como somente uma criança pode compreender, absorvida na excitação de sua própria vida. Mas a morte da mãe fora devastadora, e depois que Jack encontrou Rebecca pela primeira vez em Nova York, seus amigos no IMU tornaram-se uma segunda

família para ela. Jack a acompanhou a Nápoles para a comemoração feita pelas colegas de sua mãe da Superintendência Arqueológica nas encostas do monte Vesúvio, contemplando do alto o sítio romano que fora a vida toda o local de trabalho de Elizabeth e a cidade moderna cujos tentáculos sombrios haviam tirado sua vida. Jack sabia que eles ainda estavam lá, aqueles que a usaram, exauriram, mesmo entre sua própria família, mas não ia haver represália; aquele ciclo de violência tinha sido o veneno que a matou. Sua escolha, a única que Elizabeth teria desejado, era ir embora, levando consigo a filha, e criar um mundo novo e excitante para Rebecca, que a ajudaria a guardar o passado num lugar de onde ele nunca a ameaçaria nem se apossaria dela. Jack nunca saberia se Elizabeth tinha intenção de lhe contar sobre sua filha, mas não podia se permitir ficar pensando nisso. Sua responsabilidade agora era a felicidade de Rebecca. Ele colocou a mão na dela. - Eu me sinto bem -, ele disse. - Apenas precisava de um tempo livre.

- Durante três dias? Você? Pai! - Fazia pouco tempo que ela começara a chamá-lo assim. - Sou eu, lembra? Você não precisa bancar o herói comigo.

Jack apontou para aquilo que ela segurava. - Que livro é este?

De um cara chamado Cosmas Indicopleustes. Quer dizer, Cosmas, um marinheiro do oceano Índico. Era um monge egípcio, que chegou aqui no século 6 d.C. Eu estava fazendo leitura de base, como você me pediu, como sua assistente em pesquisa. Encontrei este livro em sua biblioteca.

O que ele diz sobre o Sri Lanka?

Ela abriu o livro e leu:

A ilha, estando como está em uma posição central, é muito frequentada por navios de todas as partes da Índia, Pérsia e Etiópia, e de lá partem igualmente muitos de seus próprios navios. E dos mais remotos países, penso em Tzinitza, ela recebe sedas, aloe, cravo-da-Índia e outros produtos, que são passados para os mercados deste lado. E a ilha recebe importações de todos esses mercados que mencionamos e as manda para portos remotos, enquanto, ao mesmo tempo, exporta seus produtos em ambas as direções. E muito mais longe está o país do cravo-da-Índia, naquela época Tzinitza, que produz a seda. Além deste, não há outro país, porque o oceano o limita na direção leste.

Ela fechou o livro. - Muito bem. Tzinitza é a China, o país do cravo-da-Índia é a Indonésia. O que ele está dizendo é que Sri Lanka era uma espécie de Câmara de Compensação, a meio caminho entre dois mundos. O

capitão Macalister sugeriu dar uma olhada no mapa do Almirantado. Eu vi quão traiçoeiro é esse estreito, é uma armadilha mortal para navios grandes. Então, o que Cosmas estava dizendo é que navios do Egito chegavam aqui, descarregavam suas coisas nas embarcações locais, depois esperavam. Os barcos locais as levavam para o outro lado, passando pelos baixios, carregavam-nas em grandes navios vindos da baía de Bengala, Indonésia, até mesmo da China. E a mesma coisa acontecia do outro lado. Você pode realmente imaginar isto aqui, aqueles enormes e bem-providos navios romanos neste local onde estamos agora, e lá adiante, do outro lado, barcaças chinesas, com todos os tipos de canoas e catamarãs no meio delas? Bem legal, não é?

Bem legal -, replicou Jack, sorrindo. - Cosmas estava se referindo a quinhentos anos depois da chegada dos negociantes romanos em Berenike, mas basicamente é o mesmo cenário, até que a conquista árabe do Oriente Médio e Norte da África fechou as rotas marítimas para a Índia. Cosmas oferece o relato mais detalhado que temos do antigo comércio realizado nesta região. Bom trabalho, assistente de pesquisa.

Pense de maneira não convencional. Foi o que o tio Costas me disse.

Tio Costas disse Jack.

Hiemy diz que sou muita parecida com você. Não sei se isso é um elogio ou não.

Quem?

Hiemy; Você sabe, seu velho companheiro. *Herr Professor Doctor Hiebermeyer*. E assim que Aysha o chama. Hiemy.

É claro, disse Jack. - Hiemy.

Aysha está apaixonada por ele, você sabe.

Espere um pouco. Uma coisa de cada vez.

Estou apenas atualizando-o. Você passou os três últimos dias com a cabeça nas nuvens.

Jack riu. - Bem, eu estive esperando. Hiemy tem hibernado como *Caractatus Pott*<sup>{13}</sup> trabalhando no seu Chitty Chitty Bang Bang. Ele sempre foi assim, desde nosso tempo de escola. Cada vez que me chama com uma nova descoberta e insiste em que eu venha vê-la, eu concordo, e então ele percebe que precisa de mais tempo para ficar absolutamente seguro. Então,



antes de ir embora, geralmente espero que ele venha me ver pessoalmente umas três vezes. Aí vou saber que se trata de uma obra de arte.

- Jurei guardar segredo. Eu poderia lhe dizer o que é, mas não dá. Esta foi a condição que ele impôs para me deixar ajudá-lo no laboratório.

Isso também faz parte do jogo. - Ele a olhou nos olhos, pensou durante um momento, depois disse com cuidado: - Estive pensando muito

em sua mãe nestes últimos dias. Você sabe que quando você nasceu eu já não tinha contato com ela, e quando a vi no ano passado foi apenas por poucos momentos, no sítio arqueológico em Herculano. Mas tenho uma lembrança maravilhosa dela, de quando estivemos juntos durante todos aqueles anos, como a gente se recorda de um filme favorito, que nunca vai mudar. Você também está nesse filme agora. E como se fossemos uma família unida. Consigo perceber muito dela em você.

Quando ela me falou de você na ultima vez em que a vi, disse o mesmo sobre você -, disse Rebecca. - Ela planejava entrar em contato com você depois que eu fizesse dezesseis anos, você sabe. Disse que sempre teve intenção de fazer isso, assim que eu tivesse idade suficiente para cuidar de mim. Meu aniversário foi um mês depois quê ela desapareceu. - Rebecca olhou para Jack com olhos insondáveis, depois colocou os braços ao redor dele e descansou a cabeça em seu ombro. Jack abraçou-a apertado, e sorriu. - Talvez ela estivesse certa ele disse. - Talvez exista um pouco de mim em você.

Não o pedaço que enjoa, espero.

Eu não fico mareado.

Sim, certo. - Ela se inclinou novamente na ponte de comando e gritou. - Doutor Jack Howard, famoso arqueólogo subaquático e comandante extraordinário, tem enjôo de mar.

Está na hora de você voltar para a escola, - resmungou Jack.

Hah. Estamos em alto-mar. Também estive lendo sobre isso. As leis não se aplicam aqui.

Sentiu um toque no ombro, era Scott Macalister que estava atrás dela, sorrindo para Jack. - Jovem dama, somente uma lei se aplica aqui, e é a lei do capitão. Qualquer pessoa menor de dezoito anos está sob minha responsabilidade pessoal. - Colocou um antigo sextante de metal nas mãos dela. - Aula de navegação exatamente às dezesseis horas. - Naquele momento, uma faixa branca apareceu a algumas centenas de metros da proa

de estibordo. - Inspetores chegando -, ele disse. - Agora, todos para dentro. - Ele os introduziu na ponte de comando e fechou a porta, puxando uma lâmina de aço sobre a janela. Tirou os binóculos e olhou atentamente através do vidro fronteiro à prova de bala. - Essa era uma ronda exaustiva que vinha do conflito armado a uns três quilômetros adiante. Melhor prevenir do que remediar.

Ben vem me ensinando a atirar com um rifle EM-2 disse Rebecca.

Não acho que você possa enfrentar os rebeldes Tigres Tamil com um rifle EM-2 murmurou Macalister, com os olhos ainda fixos no binóculo.

Espero que esteja usando proteção de ouvido disse Jack.

Posso cuidar de mim mesma. - Ela se virou e foi na direção da escotilha traseira que levava aos alojamentos no convés.

Talvez ela não tenha herdado nada de mim murmurou Jack, olhando com expressão de pesar para Macalister. - Adolescentes.

Venha, papai -, chamou Rebecca. - Eles estão prontos para recebê-lo no laboratório. Foi para lhe dizer isso que subi. Ajudei Aysha com as peças finais. Você vai adorar isto. É meu presente para você por ter me salvado da escola.

Jack sentiu uma onda de excitação e se voltou para Macalister. - Muito bem, Scott. Avise-me quando o estreito estiver desimpedido, está bem? E eu quero o *Zodiac* preparado. Nosso encontro com as pessoas do Levantamento Arqueológico da Índia em Arikamedu é às quinze horas, e quero estar de volta aqui e navegar subindo a costa pelo anoitecer.

Faremos isso, Jack. - Macalister enfiou a cabeça pela escotilha. - E melhor você seguir o chefe.

O laboratório principal do *Seaquest II* era do tamanho de uma sala de aula e ficava abaixo do bloco de alojamentos e acima da casa de máquinas. A limpeza e a conservação dos achados eram efetuadas numa sala nos fundos, com uma grande quantidade de tanques de dessalinização para madeiras e outros materiais muito delicados para ser retirados da água. Jack pensou no complexo como um campo hospitalar, para a estabilização dos achados que seriam depois transferidos para um tratamento de longo prazo no museu do IMU em Cartago, no Mediterrâneo, ou para o campus na Inglaterra. O laboratório tinha instalações para limpeza a seco de achados como cerâmica, que podiam ficar fora d'água com segurança por períodos curtos. Um pouco mais à frente havia salas para trabalho de análise,

inclusive imagem multi-espectral, uma seção de petrologia com análise de qualidade por meio de cortes finos e espectrometria de massa. O complexo fora planejado para permitir respostas a questões básicas durante uma escavação.

Jack seguiu Rebecca para dentro. Quatro mesas compridas tinham sido montadas juntas para formar uma superfície única, com as pernas fixadas no chão. Acima delas uma grande quantidade de luzes de tungstênio incidia sobre a superfície das mesas com um brilho vivo. Aysha e Hiebermeyer estavam curvados sobre um tripé de câmera fotográfica. Aysha empurrava algo para a tabua preta debaixo da câmera, enquanto Hiebermeyer se equilibrava sobre o visor, segurando o controle remoto do disparador. Parecia um estranho abraço. Rebecca olhou para Jack, apontando para eles como para fazer uma pausa em seu caso. Ambos esperaram silenciosamente, enquanto Hiebermeyer acionava o disparador, e depois Aysha colocou o objeto de volta na mesa. Hiebermeyer voltou-se para eles. - Jack! -. Sob a luz de tungstênio, seu rosto parecia ter um brilho febril, e suas pálpebras estavam vermelhas. - Desculpe-me por tê-lo deixado no escuro por tanto tempo. Só queria estar absolutamente seguro.

Rebecca deu a volta, foi para o outro lado da mesa e se sentou num banquinho, rodeada de livros e blocos de anotações que acumulara nos últimos dias. Costas também fora convocado e chegou depois de Jack, e ambos foram até a mesa. Sobre ela havia centenas de fragmentos de cerâmica, alguns deles bem pequenos, com apenas um ou dois centímetros de diâmetro, e outros do tamanho de pires pequenos.

- Vamos brincar de quebra-cabeça? -, perguntou Costas.

O pulso de Jack começou a se acelerar. - *Ostraka!* - Ele se inclinou sobre a mesa. Aysha acompanhou Costas até um banquinho. - Esta é a palavra grega para fragmentos de cerâmica -, ela disse. - Mas os arqueólogos a usam para fragmentos que contêm inscrições, quando a cerâmica era usada como superfície para escrever. No mundo antigo, o papiro era uma mercadoria muito valiosa, usada somente para cópias importantes. Se quisessem uma superfície para escrita de uso diário, anotações tipo lembrete, para escrever cartas, compor esboços toscos, era só procurar a ânfora velha mais próxima e quebrar.

Jack circundou a mesa, olhando para os fragmentos, com a mente acelerada. - São fragmentos de ânforas romanas, italianas, do século 1 a.C.

ou século 1 d.C. É o mesmo tipo de ânfora de vinho que vimos em Berenike. E a escrita é grega, como era de se esperar no Egito daquela época. O grego era a segunda língua desde que Alexandre conquistara o Egito. Parecia que toda escrita era feita pela mesma mão. Suponho que você encontrou todos esses fragmentos na casa do mercador que está escavando.

Os olhos de Hiebermeyer brilharam. - Isso é espantoso. Ainda não consigo acreditar. - Ele fez uma pausa, olhando firmemente Jack nos olhos. - Você está pronto? Muito bem. Este é o único texto antigo conhecido do *Periplus Maris Erythraei*, o único que realmente data do período romano em que ele foi originalmente escrito.

Jack ofegou. *The Periplus of the Erythraean Sea* (O périplo do mar da Eritreia). O maior livro de viagem que subsistiu da antiguidade. Era exatamente o que se podia encontrar em Berenike, num posto fronteiriço na extremidade do Império. Não era um grande livro de literatura, não uma história perdida ou um volume de poesia, mas um guia de viagem, um itinerário para capitães de mar e mercadores. Ele pigarreou. - Cópia ou desenho? -, perguntou.

- Desenho.

Jack expirou intensamente. *Desenho*. Isso era ainda mais extraordinário. Um desenho podia significar retificações, um material apagado na versão polida. Todas as anotações esboçadas que depois são editadas. Palavras e frases preciosas. Ele olhou atentamente para Hiebermeyer. - Mal ouse perguntar. Você viu alguma coisa nova?

Hiebermeyer estava explodindo de excitação. - Eu o vi nos primeiros dias do início da escavação em Berenike. Você se lembra de quando tentei falar com você em Istambul? Eu sabia pouco naquela época sobre quantos fragmentos mais iria encontrar e quanto tempo isso levaria. Foi um exercício de paciência. Eu não teria conseguido fazê-lo sem Aysha. - Ele se voltou e olhou para Aysha, que fez um gesto de assentimento. Ele estendeu a mão e pressionou um painel de controle. A tela de plasma na parede ao lado da mesa mostrou uma imagem em computação gráfica dos fragmentos em 3-D, não ordenados. - Era assim que eles apareciam na escavação, na *villa* antiga. Nós o chamamos de sala de arquivo, mas na verdade era mais um estúdio. Depois de desenhar cada sentença em um grande pedaço de ânfora, acreditamos que o autor a transferia para um papiro e depois lançava os fragmentos num canto. Alguns permaneceram quase intactos, outros se

quebraram em pequenos pedaços. Percebi que íamos ter que registrar todas as relações espaciais entre os fragmentos *in situ*, se quiséssemos manter qualquer esperança de juntá-los novamente. Esse foi o trabalho de Aysha. Ela tem sido maravilhosa.

Seria bom alguém me esclarecer -, disse Costas.

- *Maris Erythraea*, o mar da Eritreia, traduzido como Mar Vermelho -, disse Aysha. - O que para os antigos significava todos os mares a leste do Egito: o Mar Vermelho, o oceano Índico, o que há além. *Periplus* significa navegar ao redor, e era o termo para um guia náutico, um itinerário.

O guia náutico do mar da Eritreia -, murmurou Costas.

Ele é, na realidade, um dos documentos mais surpreendentes remanescentes da antiguidade -, disse Jack. - O *Periplus* não foi escrito por um aristocrata, não por um Cláudio ou um Plínio, o Velho, mas por trabalhador de pés descalços. No entanto, ele narra uma jornada muito maior que qualquer fantasia de Ulisses ou Eneias, um relato verídico de exploração e comércio com as regiões inferiores do mundo antigo. Parecia difícil acreditar no *Periplus* antes que os arqueólogos começassem a encontrar os remanescentes de gregos e romanos onde estamos agora, ao sul da Índia.

Então esse homem que tinha a *villa*, o mercador, foi o autor? perguntou Costas.

Estou absolutamente convencido disso -, Hiebert pressionou o console novamente, revelando uma foto aérea da casa escavada em Berenike que eles tinham visitado quatro dias antes, mostrando o antigo porto e o Mar Vermelho. - Nós sabemos, por uma moeda romana enterrada nas fundações, que a sala do arquivo fora construída logo depois de 10 a.C., e a casa toda foi abandonada em torno de 20 d.C. O fato de esses fragmentos não terem sido removidos para fora da sala nos leva a supor que o texto data de pouco antes do abandono, aproximadamente nos primeiros anos do reinado do imperador Tibério.

Você quer dizer quando o comércio estava começando a declinar?, perguntou Costas. - Aquilo de que falávamos no Egito, alguns dias atrás, sobre o fato de o imperador obstruir o fluxo de ouro ou prata em barras ou lingotes?

Correto. Mas não acho que tenha sido por isso que a casa foi abandonada. Tudo aponta para esse homem, que já velho se aposentou, Aysha?

Ela ergueu o olhar. - Felizmente, conseguimos grande quantidade de conhecimentos para continuar. Antes desse achado, o primeiro texto que subsistiu do *Periplus* foi uma cópia medieval datada do século 10 d.C., e ela tem sido estudada em traduções desde o século 19. O que nós encontramos confirma o que muitos estudiosos pensaram, mas acrescenta uma nova e fascinante dimensão. Em primeiro lugar, fica claro pelo vocabulário e analogias que ele era um grego egípcio. Em segundo lugar, não há dúvida de que ele mesmo navegou pelas rotas descritas no *Periplus*, indo muito longe, até Zanzibar, na África, depois de circundar a Arábia em direção ao noroeste da Índia, usando as monções em sua rota para o sul da Índia. Ele fez isso um número de vezes suficiente para conhecer muito sobre navegação, mas fica claro que é um mercador, não um capitão de mar. Ele estava interessado, principalmente, em nomear os portos, contar como chegar a eles e fazer uma lista das mercadorias a serem negociadas em cada um. No sul da Índia, predominavam os metais preciosos, o que significa moedas romanas de ouro e prata que eram trocadas por pimenta e uma lista fantástica de outras especiarias e produtos exóticos, alguns deles vindos de lugares muito distantes.

Você faz ideia da sua especialização? -, perguntou Costas.

Você se lembra do pedaço de seda que lhe mostramos no local da escavação? Acho que era essa sua especialidade. Ele devia ter tido contatos com os lugares mais distantes do comércio, com negociantes que tinham vindo para o Ocidente saindo do mar da China Meridional, passando pelo estreito de Malaca e depois da Ásia Central, atravessando a Bactria, o Afeganistão moderno. Da Rota da Seda.

Acho que entendi -, disse Costas. - O livro era um projeto de aposentadoria. Ele o terminou, morreu, e a casa foi posta à venda, mas não havia compradores.

Posto de maneira muito eloquente, como sempre. - Hiebertmeyer empurrou seus pequenos óculos redondos para cima. - De maneira não usual para um mercador do mar da Eritreia, ele não foi para Alexandria ou Roma, mas parece ter permanecido no porto egípcio que provavelmente foi sua base durante toda a sua vida ativa. Talvez lhe tenham dado algum tipo de trabalho administrativo, quem sabe como *duovir*, prefeito da cidade, para supervisioná-la no período fora de estação, quando ficava quase completamente deserta. Mas poucos homens saudáveis e capazes de manter

uma *villa* iam querer viver em Berenike, e sua casa era impraticável, especialmente com os negócios de grande valor declinando.

Talvez ele não tenha morrido aqui -, disse Rebecca, olhando para Aysha, que aquiesceu, encorajando-a. - Aysha acha que ele tinha uma esposa, e que ela era indiana. Um dos fragmentos tem um nome feminino indiano, Amrita. Ela me mostrou fotos de alguns materiais que eles encontraram, outros fragmentos como o grafito Tamil, fragmentos de tecido indiano, cerâmica do sul da Índia. Talvez o *Periplus* fosse sua última palavra como comerciante, e depois de terminar o livro pegou a família e foi embora numa última viagem para o leste, para nunca mais voltar.

Costas esfregou o queixo. - Belo pensamento. Talvez depois de todo aquele tempo fazendo comércio com a Índia ele tenha se tornado nativo.

Jack estava absorvido com um conjunto de pequenos fragmentos de cerâmica colocados juntos, que claramente eram restos de dois fragmentos maiores que tinham sido quebrados. - Olhem para isso -, ele exclamou. - Extraordinário! Posso ler as palavras *Ptolemais Théron*, Ptolemaida da Caça. Trata-se do porto de elefantes no mar Vermelho, Costas. E aqui, Rebecca, neste outro fragmento, posso ver Taprobana. Era assim que Sri Lanka era chamada, quinhentos anos antes que Cosmas Indicopleustes navegasse por aqui. - Ele se endireitou e olhou para Hiebertmeyer.

- E então? Tudo isso é fantástico. Mas eu o conheço muito bem. O que você quer realmente me mostrar?

Conte logo, Hiemy -, disse Costas.

Os olhos de Hiebertmeyer transpassaram Costas. Ele se voltou para Jack. - Nós conseguimos um pouco menos de um terço do *Periplus* aqui. Cerca de mil palavras. Ele é muito semelhante à cópia do século 10, com apenas poucas diferenças na formulação do texto e na gramática. Com uma exceção.

Continue -, disse Jack.

Hiebertmeyer apontou para um grande fragmento que estava ao lado de Rebecca, e todos se juntaram em volta dele. O fragmento tinha mais ou menos o tamanho de um prato de jantar e estava preenchido por quinze linhas de uma escrita fina, mal se distinguindo a tinta em alguns pontos da superfície de pátina esbranquiçada da cerâmica. O texto fora escrito dentro do fragmento e não estava interrompido nas bordas. - Esta é uma seção intacta, como um parágrafo -, disse Hiebertmeyer. - É onde ele descreve a

navegação além do golfo Pérsico e olha em direção à Índia, justo antes de alcançar o porto de Barygaza na embocadura do Indo.

Você quer dizer a seção em que ele põe seu chapéu de arqueólogo -, murmurou Jack.

Hiebermeyer assentiu com a cabeça. - Em geral ele só divagava quando estava em jogo um valor prático, por exemplo, ao mostrar onde certa tribo local devia ser evitada, ou ao descrever uma região no interior para dar uma ideia de onde os artigos destinados ao comércio vinham. Há duas exceções fascinantes, e ambas dizem respeito a Alexandre, o Grande. Em um lugar ele descreve até onde Alexandre penetrou no Ganges, mas não no sul da Índia. Ele conta como no mercado em Barygaza, perto da embocadura do Indo podem-se encontrar moedas, antigos dracmas, gravados com inscrições ou efígies de governantes que vieram depois de Alexandre.

Apollodotus e Menandro, os primeiros reis selêucidas disse Jack.

Hiebermeyer aquiesceu. - Os negociantes ocidentais que iam para a Índia teriam sido bem versados na história de Alexandre, e sem dúvida havia locais que viam uma maneira de ganhar dinheiro rápido vendendo moedas selêucidas como relíquias. Alexandre viveu no século 4 a.C., trezentos anos antes que o *Periplus* fosse escrito, mas a história ainda era tão importante que as pessoas que vinham para cá podiam ter sentido que a poeira da conquista mal assentara. Nosso mercador sabia tudo sobre conduta inescrupulosa e estava alertando seus leitores para o fato de que as relíquias eram falsificações. Ele não era o tipo de homem que podia ser enganado com essas histórias. Isso me faz pensar que podemos levar a sério sua segunda referência, a que vocês veem neste fragmento.

Eu localizei as palavras de Alexandre -, disse Costas, olhando atentamente para baixo. - Meu grego antigo é um pouco grosseiro.

Eis a tradução. - Hiebermeyer pegou um pedaço de papel coberto com sua indecifrável escrita à mão e leu:

Imediatamente após Barake situa-se o golfo de Barygaza e a praia da terra de Ariake, o início do reino dos manbanos e de toda a Índia. A parte do interior, que faz fronteira com a Cítia, é chamada Aberia, a parte ao longo da costa Syrastrene. A região é muito fértil e produz grãos, arroz, óleo de gergelim, manteiga, algodão e tecidos indianos feitos com ele, os de qualidade inferior. Há numerosos rebanhos de gado, e os homens são muito grandes e têm a pele escura. Na área ainda são preservados até hoje muitos



sinais da expedição de Alexandre: altares arcaicos, as fundações dos acampamentos e poços enormes.

Jack fez um gesto de cabeça. - Altares arcaicos. Isso soa familiar.

Mas não a próxima sentença -, disse Hiebertmeyer. Ele fez uma pausa e empurrou os óculos para cima. - E de Margiana, a cidadela dos partos ao norte daqui, os legionários romanos capturados em Carrhae escaparam para o leste, levando o tesouro dos partos com eles em direção a Chryse, a Terra do Ouro.

Jack cambaleou como se tivesse sido fisicamente atingido. - Isto é inacreditável -, ele disse, quase sussurrando. - Isto não está no *Periplus*.

Não era sobre isso que você estava falando no helicóptero, Jack? -, perguntou Costas. - Crasso, suas legiões perdidas?

Boatos e rumores, - murmurou Jack. - Até agora. - Ele respirou profundamente, e olhou para Rebecca, que o observava atenta e de maneira inquisitiva. - Depois da derrota romana em Carrhae em 53 a.C., os partos fizeram milhares de legionários prisioneiros, possivelmente cerca de 10 mil. Sua sina fascinou os romanos durante gerações. O poeta Horácio escreveu sobre isso em uma de suas odes, perguntando se os veteranos romanos tinham se casado com nativas e lutado como mercenários para um governante estrangeiro. Depois Tibério, filho de Augusto, negociou a paz com os partos e os estandartes das legiões capturadas foram devolvidos, um grande triunfo para Augusto, que fechou o capítulo da derrota.

Jack lhe mostrou a moeda encontrada em nosso naufrágio, não é, Rebecca? disse Costas. - Ela celebra o retorno das águias, os estandartes sagrados dos legionários.

Jack fez que sim, e sua mente se acelerou. - A única outra alusão das fontes de informações romanas está na *História natural* de Plínio, o Velho, que diz que os legionários aprisionados foram levados para Margiana, a capital dos partos no atual Turquemenistão.

Isto é o que dá plausibilidade ao *Periplus* -, disse Hiebertmeyer. - E olhe para a referência de Alexandre. Ele nos diz somente o que pode verificar. Alexandre é conhecido por ter edificado altares durante suas conquistas. Elas poderiam ter estado no local para onde Alexandre conduziu seu exército ao atravessar o deserto do Turquemenistão em direção à Ásia Central.

É claro -, replicou Jack. - Alexandre foi além de Margiana, a moderna Merv. E se os prisioneiros estavam escapando de Merv para o leste, eles podem ter passado por esses altares a caminho da Ásia central. Tudo se encaixa.

Por que o autor mais tarde apagou essa referência? -, perguntou Costas.

Deve ter sido algo que ele sentia que era verdade, mas nunca conseguiu confirmar -, disse Aysha. - As antigas moedas são palpáveis, os altares podem ser vistos, mas as histórias são só histórias. Imaginamos que a história pode ter sido contada por um revendedor de Bactria ou por um sogdiano que lhe trouxe seda. Mas talvez esse negociante tenha rompido o contato, desaparecendo sem deixar rastro, como acontecia com frequência na Rota da Seda. Talvez por ser um homem idoso o autor tenha duvidado de sua memória. A história do tesouro na Rota da Seda pode ter soado como uma fábula especuladora. No final havia dúvida suficiente, o que o fez apagar um parágrafo completo naquela sentença do fragmento e livrar-se dele atirando-o dentro de uma pilha de lixo. Era uma história passada de boca em boca, que podia algum dia alcançar o ouvido de um enciclopedista como Plínio, o Velho e ser inserida numa fonte de fatos e testemunhos como a *História natural*.

E talvez tenha entrado, mas apenas parcialmente, aquela referência no livro de Plínio aos prisioneiros em Merv, mas nada sobre a fuga para o leste -, disse Jack.

Mas você me falou sobre isso no helicóptero, Jack -, disse Costas.

Sobre como os legionários romanos podem ter alcançado a China. A evidência nos anais chineses.

Isto tem estado há vários meses em minha mente, desde que vi Katya.

Na Conferência Transoxiana? perguntou Hiebermeyer.

Katya é sua nova namorada -, disse Rebecca de maneira trivial.

Bem, não nova, exatamente. Ele a encontrou quando estava procurando a Atlântida no mar Negro, mas depois disso ela precisou de um tempo. Depois papai mais ou menos começou a sair com mais alguém durante um período, mas ela estava traumatizada por causa de outro cara com quem estava saindo, que ficou muito mascarado. Ou algo parecido. De todo jeito, ela também precisou de um tempo.

Jack tossiu, e Costas olhou fixamente para o chão, tentando manter o rosto sério. Ele pigarreou. - Como eu estava dizendo — ele lançou um olhar

para Rebecca — a conexão chinesa. Nos anos 1950, um estudioso de Oxford publicou uma teoria radical dizendo que os mercenários romanos tinham sido usados em uma guerra de fronteira pelos hunos da Mongólia, a dinastia chinesa na época do *Periplus*. A evidência foi uma referência a uma formação que soava como sendo a formação romana *testado*, tartaruga, em que os escudos ficavam sobrepostos acima das cabeças. A batalha foi em 36 a.C. Mais tarde, um estudo nos anais de Han sugeriu que os prisioneiros romanos da batalha ficaram estabelecidos em uma cidade em Gansu, no trecho final da Rota da Seda, em direção a Xian. Alguém percebeu que a população da aldeia atualmente apresenta certo padrão de beleza acima do normal, e assim começou a lenda dos legionários romanos na China.

Que evidência arqueológica há nisso? -, perguntou Costas.

Não há nada definitivo -, replicou Jack. - Mas não se deveria esperar muito. Um bando de soldados romanos depois de décadas encarcerados manteriam poucas características de que fosse reconhecidamente romanos. Os soldados que escaparam podiam ter feito para si mesmos sandálias de legionários usadas em marcha e provavelmente escudos retangulares de madeira, a base para a teoria *testudo*. Mas além disso eles devem ter se apoderado de tudo o que podiam encontrar pelo caminho: armas, armaduras, roupas, qualquer coisa dos partos e bactrianos, até dos sogdianos e da população chinesa de Han. Mas uma coisa que eles devem ter feito foi deixar inscrições em pedra. Foi isso que interessou a Katya. Isso é perfeito para ela. Os romanos gostavam de fazer inscrições, marcos quilométricos, lápides, sinetes para autoridade em territórios recém-conquistados. E é aí que entra a arqueologia. Alguns anos atrás, uma inscrição em latim foi encontrada em um complexo de cavernas no sul do Usbequistão, trezentos quilômetros a leste de Merv, perto da fronteira com o Afeganistão - Jack folheou um caderno de apontamentos que retirou do bolso, depois abriu numa página em que havia um esboço. - Katya o desenhou para mim. - Ele lhes mostrou as letras:

LIC

AP.LG

- Fascinante -, murmurou Hiebermayer. - A primeira linha é um nome pessoal, provavelmente Licinius. E a segunda, *Appolinaris Legio*, não é?

Esta era a legião dedicada a Apolo. Esta era a Décima Quinta legião, não era mesmo, formada por Augusto?

Jack confirmou com a cabeça. - Muito bom para um egiptólogo. Lembro que sua paixão infantil era o exército romano na Alemanha. Mas esse exército não tinha Augusto como imperador. Ele formou a legião com sua aparência externa inicial como Otaviano, o sucessor adotivo de Júlio César. A Décima Quinta Apollinaris data de 41 a.C., logo depois do assassinato de César. Isso ocorreu doze anos *depois* da batalha de Carrhae. Mais de três centúrias da legião passaram grande parte de seu tempo nas fronteiras orientais do império, lutando com os partos. Uma teoria traz a inscrição feita por um legionário capturado pelos partos e usado como guarda de fronteira, na distante extremidade oriental do império parta.

Mas? perguntou Costas.

Nunca aceitei a ideia de prisioneiros de guerra usados como guardas de fronteira, muito menos um deles fazendo uma inscrição. Katya e eu fizemos um *brainstorming* sobre isso num dia em que andávamos ao redor das paredes de Merv, e chegamos a outra hipótese. A linha sugerida pelo *Periplus* dá a isso um pouco mais de peso.

Conte, Jack.

No tempo de Crasso, muitas legiões eram formadas para campanhas específicas e em geral dispersadas depois de seis anos. Sabemos muito pouco sobre essas legiões, qual era seu número ou nomes, e o mesmo número pode ser usado várias vezes. Plutarco e Dião Cássio, as principais fontes sobre Carrhae, não nos contam os nomes das legiões envolvidas. Mas algumas delas já estavam ganhando um *status* lendário, aquelas que tinham servido sob Júlio César na Gália e na Bretanha nos anos que antecederam Carrhae. Várias daquelas legiões sobreviveram para tornar-se as mais famosas do exército Imperial, apreciadas por Augusto devido à sua associação com César. A Sétima Claudia, a Oitava Augusta, a Décima Gemina.

-Você está sugerindo que a Décima Quinta era uma dessas?

-A Décima Quinta foi fundada em 41 a.C., certo? Quer dizer, apenas um par de anos depois que César foi assassinado. O jovem Otaviano estava tentando consolidar sua força e, qualquer coisa que se referisse a seu ilustre pai era aproveitada. Os historiadores nos contam que um milhar dos que passaram pelo calvário em Carrhae eram veteranos das campanhas de César.

Por que não uma das legiões também? Nossa teoria é que a Décima Quinta Apollinaris não foi fundada em 41 a.C.; ela foi fundada novamente. Estamos sugerindo que Otaviano deliberadamente reconstituiu uma das legiões veneradas por César, uma que foi vergonhosamente perdida pela incompetência de Crasso. Teria sido uma sólida demonstração de confiança e reverência pela glória passada, exatamente o tipo de coisa que Otaviano teria feito.

Não tão gloriosa para os legionários sobreviventes, acorrentados em Merv -, disse Costas. - Isto os teria descartado.

De qualquer modo era muito tarde para eles -, disse Hiebertmeyer. - Mesmo se as pessoas soubessem que a derrota fora causada pela incompetência de Crasso, os sobreviventes ainda não podiam manter a cabeça erguida. Eles já teriam marchado com os mortos, procurando apenas encontrar uma morte com honra para que pudessem ir se juntar a seus irmãos de armas no Elísio.

Mas você está sugerindo que algum prisioneiro que escapou pode ter inscrito o nome de sua legião em uma caverna durante a longa e difícil viagem para o leste -, disse Costas.

Para os sobreviventes, o nome de sua legião ainda teria sido sua força de ligação, mesmo na ausência do estandarte com a águia sagrada.

Então, eles ainda eram leais a Roma.

Eles tinham lutado por si mesmos, por seus camaradas, como os soldados sempre fizeram. Eles se orgulhavam de ser cidadãos-soldados, de ter uma profissão civil. Eles se orgulhavam de lutar por um comandante se o respeitassem, se ele fosse um deles, *primus inter pares*. Eles lutavam por César. Eles lutavam por suas famílias. Se teriam lutado por Roma como um império é um outro assunto.

E a legião? -, perguntou Costas.

A legião era sagrada replicou Hiebertmeyer. - Era ali que havia lealdade. E dentro dela, a coorte, a centúria, o *contubernium*, a seção de dez ou doze homens que até se chamavam de irmãos, *frater*.

Então perder a águia era ruim, sério - interrompeu Rebecca.

A pior coisa possível. Uma batalha eles podiam perder, com Crasso não se importavam muito. Mas perder a águia? Uma legião que perdesse sua águia seria uma legião de mortos, nunca poderia aparecer novamente em Roma. Nem mesmo diante de sua família.

Você acha que eles trataram disso com Crasso? -, perguntou Costas.

Crasso assinou sua própria sentença de morte quando os envolveu na batalha. Provavelmente eles teriam chamado isso de suicídio assistido.

Esses homens, se eles realmente sobreviveram e escaparam, devem ter sido os mais valentes entre os valentes -, disse Aysha.

Sempre há alguns -, disse Jack. - Aqueles que escapam da execução, que sobrevivem ao espancamento e à tortura, que têm força mental para suportar. E alguns dos legionários que estavam com Crasso eram homens que tinham sido recrutados cinco anos antes e lutaram com César na Gália. Eles podem ter sido cidadãos-soldados, mas estavam entre os matadores mais implacáveis que o mundo já conheceu. Homens que matavam com a lança, a espada, com as mãos nuas.

E no que se refere às legiões, elas podem fazer qualquer coisa, não há verificações, não há controles -, disse Costas.

Jack concordou com a cabeça. - Alguns daqueles rapazes perto do fim da República viram muito mais ação que seus sucessores, os legionários profissionais do Império, e a idéia de sua vida civil, seu trabalho, tornou-se uma espécie de mito. Mas quando se passa a vida matando, quem sabe onde se situam os limites? Quando chega o momento, se é que chega, como saber quando se deixa de ser soldado e se volta a ser um cidadão?

Um problema de idade avançada -, murmurou Hiebermeyer.

Se eles realmente tivessem escapado, o rumor teria percorrido a Rota da Seda -, disse Jack. - Aquela era uma região de bandidos, mas mesmo lá a reputação dos romanos os teria precedido. Ninguém gostaria de se encontrar com aqueles caras.

E sobre a Rota da Seda? perguntou Costas. - Existem mais inscrições?

Katya passou as duas últimas estações perambulando pelas montanhas e desfiladeiros da Ásia Central, procurando. Uma grande parte dessa região ainda é território inexplorado.

E ainda é um lugar de bandidos disse Hiebermeyer.

Se estou lembrado, Katya sabe como usar uma Kalashnikov -, murmurou Costas.

Jack abriu novamente seu caderno de apontamentos. - Alguns meses atrás ela fez uma descoberta valiosa num lugar chamado Cholton Apa, na praia do lago Issyk-Gul no Quirguistão. Fica centenas de quilômetros distante do lugar das inscrições da Décima Quinta Legião, a leste, ao longo

da região setentrional da Rota da Seda, ladeando as montanhas de Tien Shan e o desfiladeiro que leva ao deserto de Taklamakan e a China. Já faz anos que os arqueólogos conhecem esse lugar, um cenário desolado com seixos redondos espalhados por uma região onde existem centenas, provavelmente milhares de petróglifos, inscrições rasas entalhadas nas rochas onde moram cabras selvagens e outros animais, caçadores. Muitas foram entalhadas por nômades citas. Mas teria havido também um lugar de parada, ao longo da Rota da Seda, para os comerciantes que haviam sobrevivido à longa e difícil viagem do Ocidente, antes de embarcar para a China.

Qual é o tamanho do lago? - perguntou Rebecca.

É o segundo maior lago de montanha do mundo depois do lago Titicaca. Existem muitas histórias de assentamentos afundados, de tesouros. Há muita coisa para ser encontrada. Os soviéticos usam o lago como local de testes de submarinos e torpedos.

Nós podemos ir? - perguntou Rebecca. - Quero me encontrar com Katya.

Jack sorriu. - Está nas cartas. No ano passado Katya se deparou com um seixo redondo que podia ter uma inscrição. O seixo estava quase totalmente queimado, e a permissão para uma escavação foi conseguida só agora, no momento da conferência. Ela está de novo por lá.

Não sozinha, espero disse Aysha.

Ela tem a colaboração de um quirguiz -, disse Jack. - O que significa um cara e um velho trator cheio de chiados, até onde sei.

- Você falou com ela recentemente? -, Costas olhou para Jack.

Nesta manhã.

Costas resmungou. - Assim vamos poder juntar alguns pontos.

Há outra coisa. Uma ideia realmente fascinante.

Fale logo.

Bem. Os pontos podem não apenas levar para o leste. Eles podem também fazer uma curva em direção ao sul.

Mapa, Jack-, disse Costas.

Aysha pegou e desenrolou um mapa-múndi na mesa de mapas. Jack marcava cuidadosamente os pontos mais importantes enquanto falava. - A Rota da Seda se estendia de oeste a leste, de Merv em Parta a Xian na China, através das montanhas da Ásia Central. O lago Issyk-Gul ficava na extremidade nordeste do maciço montanhoso, com apenas um desfiladeiro

maior por onde se passava antes de alcançar a China. Mas também era possível deixar a rota no meio do caminho e virar para o sul. Se isso fosse feito a partir do lago Yssyk-Gul, haveria uma imensa massa de montanhas para atravessar, lugares realmente proibidos, passando pela parte oriental do Afeganistão, mas depois chegaria-se ao Paquistão setentrional e à selva indiana. A partir daí, se você fosse um viajante do Ocidente no século 1 a.C., o mundo romano estaria a seu alcance.

Os olhos de Costas se estreitaram. - Você está sugerindo que os prisioneiros romanos que escaparam podem ter seguido esse caminho?

Jack fez uma pausa. - Um dos colegas de Katya, um homem chamado Hai Chen, um estudioso independente estabelecido em Xian, fez um longo estudo durante sua vida sobre a conexão romana. Ele encorajou Katya a explorar os petróglifos em Issyk-Gul. Ele acredita apaixonadamente na história dos legionários perdidos de Crasso, mas com uma alteração. Originalmente ele é um linguista, um perito na análise dos fundamentos das histórias e mitologias entre povos que têm uma forte tradição oral. Quando jovem, passou muitos anos no Chitral, uma espécie de Xangri-lá no nordeste do Paquistão, o primeiro lugar ao qual se chega depois que se atravessa as montanhas a partir do norte.

O povo que acredita que é descendente de Alexandre, o Grande -, murmurou Hiebermeyer.

As mitologias da região — védica, hindu, budista — estão cheias de histórias de viajantes de regiões distantes, príncipes, peregrinos, homens santos que distribuem sabedoria. Algumas vezes eles estão numa busca, ou se trata de uma jornada transformadora, como a do próprio Buda. Imagine *The Canterbury Tales* (Os contos de Canterbury), *Sir Gawain e o Cavaleiro Verde*, os trabalhos de Hércules, Moisés no deserto. Algumas vezes a chegada corresponde a uma profecia local, e o viajante torna-se rei.

Fahsien não veio através das montanhas? -, perguntou Hiebermeyer.

Jack aquiesceu e olhou para Costas. - Um monge chinês budista que veio para a Índia no início do século 5 d.C. em busca dos textos sagrados de sua religião. Sua obra *Relatos dos reinos budistas* é um dos grandes livros de viagem. Ele foi para Gandhara, o antigo estado budista, na parte setentrional da Índia. Mas o colega de Katya, Hai Chen, não estava na trilha de um monge budista. Ele havia ouvido sobre outra pessoa. O viajante cujas histórias orais ele havia registrado era um *yavanas*, que significava



originário do Ocidente. E esse *yavanas* não era um monge, mas um guerreiro, alguém regido pelo ouro. Ele ficou em Chitral por um tempo curto e depois foi embora. Mais adiante, ao sul, Hai Chen ouviu outra lenda, de um deus-rei chamado Haljit Singh, Mão de Tigre. Ele também se foi em direção ao sul.

Para onde estamos indo com isso?, - perguntou Costas.

Se você fosse um romano, depois que atravessasse as montanhas do Afeganistão, passando Chitral, o caminho ficaria aberto para o Ocidente. Você teria duas opções. Poderia viajar pelo vale do Indo na direção sudoeste, para a parte superior do oceano Índico, indo para o porto de Barygaza, perto da moderna Carachi, no Paquistão. De lá poderia navegar para a Arábia, depois para o mar Vermelho em direção ao lar. Mas há outra opção. Se quisesse fazer contato com companheiros *yavanas*, com outros romanos na Índia, a melhor rota a seguir seria a sudeste, descendo o vale do Ganges até a baía de Bengala. Você acabaria passando por extensas áreas de selva na Índia oriental. Examine as viagens do monge chinês Fahsien. Ele seguiu aquela rota e navegou para o sul o tempo todo até Sri Lanka. Depois examine o *Periplus*. Ele descreve a mesma rota, apenas considerando a direção contrária. Ouça isto - disse Jack, pegando a edição moderna do *Periplus* que estava na mesa, folheando-a até chegar à página que estava procurando, e leu: - Depois disso, em direção a leste e com o oceano à direita, navegando a pouca distância da praia, passando pelas terras remanescentes à esquerda, chega-se à terra do Ganges; nessa região há um rio, ele próprio chamado Ganges, que é o maior de todos os rios da Índia, e que sobe e desce como o Nilo. - Jack fez um gesto em direção à vigia, onde mal se via terra. - O autor do *Periplus* estava se lembrando de que estava aqui, ao sul da Índia, olhando para o norte. Foi provavelmente o lugar mais distante a que chegou. Mas ele conhecia o homem que veio de lá. Talvez um revendedor indiano de Gandhara, ou revendedores que viajaram ao longo da Ásia Central: bactrianos, sogdianos, ou até um chinês ocidental de Han.

O tipo de comerciante que teria contado para nossos *yavanas*, nossos romanos que escaparam, que caminho seguir -, disse Aysha.

Mas provavelmente não viveu o bastante para ensinar o caminho disse Jack. - Tudo o que um legionário precisava era de um par de fortes sandálias de marcha e uma visão nítida do sol e das estrelas. Com isso ele encontrava seu rumo. Um guia nunca teria prosseguido com ele.

Trata-se sempre das monções, não é? -, perguntou Costas.

O que você quer dizer?

Bem, por que um legionário procurando por um companheiro romano não iria até esse lugar na embocadura do Indo, Barygaza - ele disse, apontando no mapa. - Fica muito mais perto do Egito. Mas os navios podem navegar muito bem por lá vindo do Mar Vermelho durante o ano todo, seguindo perto da costa, algumas vezes pegando uma rota direta em mar aberto durante a estação das monções. Não havia necessidade de uma presença ocidental permanente em Barygaza, para manter o porto fora do período da estação. Os comerciantes nativos podiam fazer isso. Mas o sul da Índia tem uma história diferente. Se bem compreendi, os marinheiros egípcios apenas iam até lá e voltavam durante a estação das monções, pegando a rota de mar aberto através do oceano Índico, é isso?

Jack confirmou. - A rota costeira para a parte ocidental da Índia era muito traiçoeira. O autor do *Periplus* deixa isso muito claro. Era como a Costa do Esqueleto da África ocidental, cercada por recifes e infestada de piratas.

Então, durante a metade do ano não há negócios em Arikamedu e nos portos ao sul da Índia. Mas é crucial que eles operem durante a estação de navegação. Você precisa ter pessoas ali fora da estação, gente sua, pessoas nas quais confia. É o que eu acho. Se você for procurar companheiros romanos na Índia, deve ir para o sul, não para oeste. Devia ser assim para nosso viajante. E é a isso que tudo está levando, não é? Nós estamos falando de um velho legionário grisalho que quer fazer contato. Talvez ele também tenha vergonha de ir para casa, mas algo o impulsiona a tentar, alguma esperança. Um sonho.

Talvez ele tivesse uma família, naqueles anos passados em Roma antes de marchar para a guerra disse Aysha. - Eles eram cidadãos-soldados. Tinham uma vida antes de se juntar.

Só podemos especular -, disse Jack. - Talvez ele tivesse um sonho, nutrido durante todos aqueles anos de cativo. Ir para Barygaza poderia colocá-lo em um navio para o Egito, embora com pouca previsão sobre o que esperar, obrigando-o a descobrir uma verdade que ele talvez não desejasse. Mas dirigir-se para o sul da Índia, para Arikamedu, o teria posto diretamente em contato com outros romanos. Eles lhe teriam contado sobre as guerras civis, a nova ordem, a eliminação de tudo o que existia, a morte

da Roma que conhecera. Talvez ele tivesse tido algumas pistas disso por intermédio de comerciantes que encontraram na Rota da Seda, mas ele precisava ter certeza. Talvez soubesse durante o tempo todo que uma viagem de volta nunca poderia ser nada além de uma fantasia, carregada de desapontamento e mágoa. Mas ainda assim ele tinha que estabelecer contato, uma ânsia que só poderia ser satisfeita ao falar com aqueles que tinham ido para o país que ele deixara.

Hiebermeyer olhou atentamente para Jack. - Parece que o colega de Katya podia estar seguindo essa trilha. Ele foi mais adiante em direção ao sul?

Jack franziu os lábios. - Ele estava planejando uma expedição até os povos tribais da Índia oriental. Katya disse que ele tinha tido uma revelação sobre algum personagem da mitologia hindu, uma conexão romana. Ele parecia saber exatamente para onde estava indo. Mas mantinha segredo sobre isso, não queria que ela se envolvesse. Katya acha que este é o lugar, bem em frente ao delta do rio Godavari. - Jack apontou para um ponto ao norte de Arikamedu, na frente da costa leste da Índia. - Ele estava para revelar tudo para Katya quando teve que voltar. Era esperado na Conferência Transoxiana, mas não apareceu. Isso ocorreu há quatro meses.

Existe alguma pesquisa dele publicada? - perguntou Hiebermeyer.

Não. Ele era sempre reservado. Katya disse que parecia que ele costumava se lamentar de qualquer coisa que revelasse. Suspeitava de todo mundo ao seu redor. E não era apenas um estudioso com ideias não ortodoxas batalhando contra a instituição acadêmica. Achava que estava sendo seguido. Parecia que ele estava sempre evitando as pessoas. Katya disse que desde que o conhecera ele era assim.

Então, como vamos poder confiar no que ele disse para Katya? - perguntou Hiebermeyer.

Porque ele é seu tio - respondeu Jack.

*Seu tio* - exclamou Costas. - Bom Deus! Isso está ficando mais misterioso a cada minuto que passa. Os tios contam as coisas para suas sobrinhas, não contam? E ambos são arqueólogos e linguistas. Ele deve tê-la deixado participar de um pouco mais do segredo. Ela não disse *nada* para você?

Ela disse que ele era como um dos exploradores da Rota da Seda de uma centena de anos atrás, procurando um tesouro ilusório que parecia nunca

encontrar.

Que tesouro, Jack?

Jack fez uma pausa. - Você está certo. Katya sabia mais do que estava revelando, mas eu não quis pressioná-la. No entanto, aconteceu uma coisa. No hotel, por ocasião da conferência, ela me mostrou o trabalho de seu tio sobre Chitral. Era sua tese de doutorado, uma das poucas vezes que ele escreveu alguma coisa. Ela não tinha lido a seção anterior sobre a lenda do deus-rei chamado Haljit Singh. Quando leu aquilo, ficou visivelmente pálida. Eu lhe falei a respeito de um artefato que eu tinha e de onde ele viera, e ela quase desmaiou. Depois disso, não disse mais nada. Fim de assunto. Mas ela estava mais perturbada do que o habitual. Acho que há forças malignas em jogo. Alguém que queria que seu tio parasse. E foi então que ela começou a ficar seriamente preocupada com seu paradeiro.

- Então, na verdade é por isso que estamos indo para a selva, Jack? Para encontrar o tio de Katya? Para descobrir atrás do que ele está? O tesouro?

Jack olhou fixo para o mapa por um momento, depois olhou para fora do laboratório na direção da porta aberta de sua cabine. - Há mais que isso. Muito mais. - Olhou para o relógio. - Devemos chegar a Arikamedu dentro de duas horas. Antes disso, há algo que quero que todos vejam. Um pequeno tesouro encontrado por mim mesmo.

## Capítulo 4

As grandes portas de bronze do aposento se fecharam, e instantaneamente o calor e o cheiro do deserto desapareceram. O homem lá dentro pressionou o controle remoto, e um fino feixe de luz iluminou a longa placa preta da mesa e os altos recessos do teto. Depois ele desapareceu, e a escuridão o envolveu, uma escuridão tão completa que parecia suprimir seu próprio ser, torná-lo uno com a força elementar ao seu redor. Ele estava sentado de pernas cruzadas no frio chão de mármore, as palmas voltadas para cima na posição de lótus, a seda de sua roupa deslizando em sua pele quando se inclinou para o *controlpad*. Durante anos ele jogara, criara diante de uma tela, sempre ansiando estar lá dentro, e agora ele estava ali, controlando um mundo de imagens e sensações que parecia estar a um passo da existência celestial que logo seria sua.

Ele já pusera a sequência em movimento. Ela o prepararia para o que estava por vir, o purificaria, o centraria, como já havia feito vezes sem conta quando ele viera para esse lugar. De algum ponto na escuridão, chegou um som de gotejamento, depois o de uma pequena queda d'água, suficiente apenas para dissimular o som de sua própria respiração, para eliminar qualquer sensação de si mesmo. Ele sentiu a forte corrente através de seu corpo, *shuide*, o poder da água. Fechou os olhos e sendo todos os *um de*, os cinco poderes: terra, madeira, metal, fogo, água, cada um superando o anterior, assim como a dinastia de Qin havia superado o injuriado Zhou, o poder da água extinguindo o poder do fogo. Com o poder da água veio a escuridão, uma época de formas rudimentares, um vento interminável, de morte, uma destruição de tudo o que existia. E dentro desse vazio veio Shihuangdi, o primeiro imperador, o Celestial, que refez o universo à sua própria imagem, um universo no qual sua vontade era sentida em cada canto da existência, uma vontade da qual ninguém podia escapar. Agora a fraternidade, na sextagésima sexta geração desde que a tumba havia sido fechada, preparada para o momento em que o universo celestial de Shihuangdi envolveria a realidade, quando os guerreiros terrestres

montariam novamente. Mas, antes disso, eles tinham uma tarefa final. Por isso ele havia convocado os outros nesse dia.

O homem abriu os olhos. Uma brisa alpina gelada o envolveu, trazendo com ela uma doce fragrância de flores da montanha. A escuridão havia desaparecido, substituída por uma tênue luz crepuscular, e ele teve a sensação de estar sendo levantado para o céu, de levitar. A imagem de uma paisagem montanhosa apareceu, projetada como se o agasalhasse, pequenas torres de rochas retorcidas sobressaíam num mar de nuvens abaixo, ao longe viam-se os picos comprimidos, verde oliva e marrom, tendo acima bosques frondosos num tom verde-esmeralda e que em diversos lugares mostravam uma arquitetura fantástica de *villas*, pátios e pagodes, estruturas que combinavam com o local como se fossem saliências da rocha. Foi isso que o primeiro imperador Shihuangdi viu, que foi para os altos picos de seu domínio, que reivindicou como seu o espaço entre o céu e a terra, que registrou na rocha suas realizações, que proclamou seu poder sobre a terra e o cosmo. A imagem se deslocou para o fundo, e uma inscrição tomou seu lugar, traços de símbolos chineses brancos contra um fundo escuro. O homem começou a sussurrar as palavras, sagradas expressões de poder:

Grande é a virtude de nosso imperador

Que pacifica todos os recantos da terra,

Que pune traidores, desterra homens maus E, com vantajosas medidas, traz prosperidade. As tarefas são feitas na estação apropriada, Todas as coisas florescem e crescem; As pessoas comuns conhecem a paz E deixaram de lado armas e armaduras; Os parentes cuidam um do outro, Não há assaltantes ou ladrões; Os homens se regozijam com seu governo Todos compreendem a lei e a disciplina. O universo inteiro E o domínio de nosso imperador...

Ele repetiu a frase final. - O universo inteiro é o domínio de nosso imperador. Sua pronuncia caracterizada por forte articulação, com vogais exatas, vibrou sonoramente, favorecendo a mensagem, tudo ordenado, no seu lugar, sob controle. Ele inspirou devagar, depois relaxou completamente. Quase não precisava respirar. Sentia o sangue fluir de seu coração. O poder estava dentro dele, o poder do *shuide*. De novo pareceu levitar, muito acima das nuvens e dos picos, até o próprio limite do espaço, para o limiar entre o céu e a Terra. Acima dele havia escuridão, repentinamente coberta por um milhão de estrelas brilhantes, com as constelações girando em lento

movimento. Abaixo dele a Terra estava reduzida a uma esfera sem aspecto distintivo. Mas depois, enquanto olhava, a superfície começou a cintilar, e de repente se mostrou percorrida por rios, correntes de mercúrio. *Os cem rios, o rio Amarelo e o Yangtsé, com os mares circundando-os.* A cintilação vinha de mil palácios e templos, de um milhão de tesouros preciosos. Parecia que ele se precipitava e flutuava acima de uma corrente nebulosa, entre gansos e cisnes, grous e garças, com música de sinos como pano de fundo. Então, a cena desapareceu, e os guerreiros estavam lá, todos ao redor dele, estendendo-se em filas até onde ele podia ver, esperando. Uns seguravam lanças, outros vestiam armaduras. Generais estavam parados na frente de soldados de infantaria, os cavalarianos mantinham os cavalos calmos. Os protetores do universo. O exército de

Qin. Aqueles que se ergueriam novamente, que marchariam para a frente quando o céu e a terra se juntassem, quando o poder da água fosse substituído pelo poder da luz. *O poder que ele próprio controlaria.*

Por antecipação, o homem ficou tenso. Houve um clarão ofuscante de verde, depois de azul, como se o sol tivesse sido apanhado por um prisma giratório gigante na escuridão acima. Depois as duas cores pareceram juntar-se, formando um branco deslumbrante. Os rios de mercúrio voltaram a fluir, cintilando e emitindo uma luz trêmula. Ao lado deles, cresceram juncos de um verde vívido, tremeluzindo de vida. Os pássaros arqueavam o pescoço no alto, movendo-se na direção da luz. À sua volta, todo o exército parecia se agitar, o cinza monótono adquirindo um tom pastel, cores mais definidas a cada segundo que passava — peles brilhantes, vestes de azul vívido, armaduras de prata brilhantes, estandartes vermelhos tendo como brasão um tigre dourado rugindo, que se curvava e sussurrava como os juncos à beira do rio. Ele podia sentir o calor. Estendeu os braços, exultante.

Então, tudo desapareceu. Ele estava sentado num quarto escuro novamente, sozinho, diante de uma mesa baixa como uma tumba erguida. Deixou cair as mãos na mesa. Ela estava fria, dura, real. Tudo antes havia sido uma ilusão. Uma fantasia que ele criara. Mas era uma premonição do que estava por vir. *A jóia celestial brilharia mais uma vez.*

Ele olhou para a mesa baixa, de superfície polida e brilhante. Podia ver os caracteres chineses entalhados diante de cada lugar, seis de um lado, seis do outro. *Xu, Tan, Ju, Zhongli, Yunyan, Tuqiu, Jiangliang, Huang, Jiang, Xiuyu, Baiming, Feilian.* Estendeu a mão e com os dedos traçou no mármore

as linhas cortadas com perfeição pelo laser. Eram os doze, a fraternidade, os guardiões confiáveis do primeiro imperador Shihuangdi, aqueles que aguardavam o retorno. Um lugar ficaria vazio, Huang. Ele apertou firmemente seus punhos até as articulações ficarem brancas. *O único que tinha se extraviado.* O único que ficara tentado a procurar a jóia sozinho, que sucumbira à sua própria ganância, desviara os olhos do verdadeiro caminho. Eles o tinham caçado, como haviam caçado todos os que deixaram de seguir o caminho de Shihuangdi.

Ele relaxou as mãos e fechou os olhos, afogados pelo poder de Qin, o todo-abrangente. Logo o lugar vazio à mesa estaria preenchido novamente. Eles tinham encontrado outro, um descendente do senhor feudal de Huang, outro cuja linhagem remontava através do clã àqueles que haviam dominado, protegido com armadura, armas prontas para lutar, através das estepes, de sua terra natal até Xian, ao lado daquele que se tornaria Shihuangdi, o primeiro imperador. Ao iniciado eram ensinadas as habilidades do Zhishau, a arte do manejo da espada de Qin, como vencer os inimigos. Ele completaria a tarefa assassina que lhe garantiria seu lugar à mesa. *O lugar do guerreiro tigre.*

O homem tocou no *control pad* e um delgado feixe de luz se espalhou ao redor para revelar um par de espadas cruzadas à sua frente, com as lâminas faiscando, como se fossem salpicadas com milhares de pedras. Ele colocou a mão na manopla brilhante de punho largo e comprido, curvando os dedos dentro dela, sentindo o poder das lâminas quando elas se estendiam para além dos tigres de dentes arreganhados que adornavam cada empunhadura. Ficou tenso, e subitamente ele estava ali, entre os pesados cavalos de batalha, estrondeando pela estepe, espumando, penetrando através do mosto vermelho que escorria de seu pescoço, o brilhante suor de sangue. Sentiu a exaltação do guerreiro, de saber que tudo seria devastado diante dele. Ouviu-se gritando, e tudo o que via era vermelho, tudo o que ouvia era um respirar ofegante, tropel de cavalos, batidas de pés.

Em seguida, a imagem desapareceu. Ele se sentou novamente, abandonando as espadas. Logo haveria um sexto poder. *O poder da luz.* Assim como a água tinha conquistado o fogo, a luz conquistaria a escuridão, a luz da jóia celestial, a luz de sua própria alma, o imperador renascido. O homem inspirou profundamente e tirou as mãos da manopla das espadas. A sua frente uma fresta de luz apareceu na porta, e ele viu formas sombrias



começando a entrar silenciosamente, assumindo cada um seu lugar à mesa. A fraternidade estava reunida. A joia seria encontrada. *O guerreiro tigre cavalgaria novamente.*

Jack se sentou em sua cabine abaixo do convés da ponte de comando do *Seaquest II*, com as mãos atrás da cabeça, enquanto contemplava a antiga arca de viagem, de madeira, apoiada no anteparo à sua frente. Removeu a armação de sarrafos de madeira que fora usada para fixar a arca durante as monções e abriu a terceira gaveta de baixo para ver o que continha. Era uma de suas posses mais estimadas, uma arca de madeira de um oficial do século 18, feita com madeira de cânfora, que ainda emanava um ligeiro odor de Oriente. Durante oito gerações seus ancestrais levavam consigo a arca quando saíam ao mar, desde os mercadores aventureiros que haviam feito a fortuna da família Howard nos primeiros anos da Companhia das Índias Orientais, até seu próprio avô, que a carregara consigo durante a Segunda Guerra Mundial e por fim a levava para a praia mais de quarenta anos atrás. Nenhum Howard jamais havia sofrido nenhum naufrágio antes da perda do primeiro *Seaquest* no mar Negro dois anos antes, e Jack decidiu instalar a arca quando o novo navio estava em construção. Mas a arca significava mais do que apenas boa sorte. Ela continha as chaves para uma busca que Jack ansiava fazer desde menino, quando seu avô lhe mostrou pela primeira vez o conteúdo daquela gaveta.

Jack sentiu uma onda de excitação ao olhar para a arca. Pendurado na parede atrás dela, havia um antigo mosquete da Companhia das Índias Orientais e, embaixo, uma vasta lâmina de aço de um *tulwar*, uma espada indiana de punho em copa, com um característico botão circular. Ambas as peças pertenciam ao primeiro Howard que vivera na Índia, o coronel de um regimento do exército de Bengala na época das guerras napoleônicas. Abaixo da espada havia duas fotografias da época vitoriana, uma mostrando uma mulher com uma criança e a outra, um homem jovem, bem-vestido, de cabelo escuro e olhos castanhos, lábios cheios e um brilho no olhar. As feições vinham da avó do homem, uma judia portuguesa, a mulher do coronel do exército de Bengala. Na fotografia, embaixo, numa elegante escrita à mão se lia: - Academia Militar Real 1875, tenente John Howard, engenheiro real". Era a foto de graduação de um jovem cheio de confiança vitoriana, prestes a pôr-se a caminho na maior aventura de sua vida. No entanto, apenas quatro anos depois ia acontecer algo que transformaria aqueles olhos

e lhes daria o insondável olhar que algumas vezes Jack via em sua própria filha. Descobrir o que havia acontecido com seu tataravô tinha sido uma busca pessoal de Jack desde quando ele podia se lembrar.

Olhou para a gaveta aberta. De um lado havia uma pequena pilha de livros com capa de couro e um caderno de anotações com a mesma escrita à mão nas lombadas. Do outro lado, havia duas fileiras de caixas contendo grande número de papéis, cartas, manuscritos, alguns dos quais constituíam o material que Jack mal começara a examinar. E no meio havia artefatos que Jack desembrulhara pela metade. Retirou de lá uma pequena caixa vermelha com um telescópio de bolso feito de latão, com a borda de marfim do cilindro deslocada pela passagem do tempo. Pela milésima vez, desde que era criança, estendeu o telescópio em todo o seu comprimento, de apenas algumas polegadas, e olhou através dele. E exatamente como sempre fizera tentou imaginar o que John Howard teria visto através dele naquele fatídico dia na selva. Jack fechou os olhos, isolando sua mente do presente, depois os abriu de novo, mas a visão permaneceu a mesma. No entanto, ele sabia que se encontrava agora perto de algo importante, a apenas uma viagem de helicóptero do local onde a história que ele passara anos tentando imaginar com tanta dificuldade poderia finalmente vir à luz.

- Telescópio legal. - Rebecca tinha entrado silenciosamente no aposento e estava de pé ao lado de Jack. Ele lhe passou o telescópio e ela olhou atentamente através dele. - Era do seu tataravô - disse ele. - Ele o trouxe da Índia, onde o usou em uma guerra na selva não longe do sítio romano em Arikamedu que estávamos visitando hoje à tarde.

Rebecca olhou para as fotos. - Este é ele e sua família, não é? Posso perceber você nele. Posso realmente sentir sua presença, segurando isto. Cada vez que eu ia a museus com a escola, eu sempre queria tocar nas coisas. Numa das vezes arrumei muitas complicações no Museu de Arte Metropolitano. Não precisam ser grandes obras de arte, apenas pequenas coisas. Elas parecem me levar de volta ao passado.

Jack sorriu para ela. - Olhe ao redor deste aposento. Há artefatos de quase todas as expedições em que tomei parte. Muitos deles são pequenas coisas, fragmentos de cerâmica, antigas moedas gastas. Mas é isso que as torna reais para mim. Quando me sento aqui para escrever, sempre fico segurando alguma coisa.

O tio Costas diz que você é um tagarela. Diz que na verdade você é um caçador de tesouro.

Ela lhe devolveu o telescópio e passou o dedo sobre o brasão entalhado na frente da arca, uma âncora sobre um escudo com as palavras latinas *Depressus Extollor* gravadas embaixo.

Jack riu. - É melhor o tio Costas tomar cuidado com o que diz.

Tio Costas diz que sem ele você não iria a lugar nenhum num barco a remo.

E sem mim o tio Costas estaria navegando para lugar nenhum numa escrivania em algum parque tecnológico na Califórnia.

Não, ele diz que sem você estaria de férias no Havaí.

Desde que planejamos a viagem ao Pacífico, ele está com o Havaí na cabeça. Tudo o mais que se encontre no caminho, o Egito, a Índia, é apenas uma distração, e ele tolera isso somente porque sou seu companheiro de mergulho e ocasionalmente salvo a vida dele.

Nós já falamos sobre isso. Ele diz que está lhe dando dois dias, e depois vai pedir para ser desembarcado no aeroporto internacional mais próximo. Ele precisa de uma semana antes que cheguemos, para conseguir aprontar tudo para o ensaio do submersível.

Ele quer dizer que precisa de uma semana para testar as espreguiçadeiras em Waikiki. Ele é um parasita de praia.

Naquele momento Costas apareceu, usando uma camisa florida berrante em cima de shorts largos, com uns óculos escuros que lhe cobriam o rosto, mas erguidos na testa. - *Aloha!*

- *Aloha!* respondeu Rebecca, sorrindo de maneira travessa para Jack.

Achei que podia ficar pronto -, disse Costas. - Talvez não tenhamos tempo de nos trocar.

Estou ouvindo -, disse Jack.

Costas espiou os objetos que Jack acabara de desembulhar. - Um elefante! Eu estava tendo crise de ausência.

Jack nada disse, e Costas levou a peça cuidadosamente para a luz. - Ele é feito de lápis-lazúli -, disse Jack. - A mesma pedra daquele fragmento que você encontrou em Berenike. Também é da melhor qualidade, das minas do Afeganistão. Você pode perceber o cintilar das piritas nas camadas de azul. Foi bastante manuseado, divertiram-se com ele. Ele estava entre os pertences de meu tataravô, que o ganhou quando era criança. Ele queria dá-

lo a seu próprio filho, seu primogênito, no seu segundo aniversário. Mas isso não aconteceu.

Ele é lindo -, disse Rebecca com reverência, tirando-o de costas e acariciando a tromba do elefante. - Posso ficar com ele? Quer dizer, posso tomá-lo emprestado e guardá-lo em minha cabine? É uma vergonha mantê-lo fechado naquela arca velha.

Costas fez com o dedo sinal de advertência para Rebecca. - Cuidado com o que diz sobre essa arca. Ela o segue por toda parte. Faz que ele se sinta como um velho e experiente marinheiro. Sempre que ele tem algum tempo livre, vem pra cá e senta-se aqui com a arca.

Hiebermeyer e Aysha entraram, e todos se sentaram nas cadeiras que Jack tinha disposto em semi-círculo ao redor da arca. Costas olhou para dentro da gaveta aberta e fez um gesto em direção a outro objeto que estava lá dentro, um velho revólver. - O Oeste Selvagem?

Jack deu um sorriso estranho. - Período certo, continente errado. O período de que estamos falando, os anos 1870, assistiu a confrontos internacionais importantes: a Guerra Franco-Prussiana que quase destruiu a Europa; a guerra no Afeganistão, que colocou frente a frente os britânicos e os russos. Mas foi também um tempo de conflitos coloniais. Poucos anos depois houve a batalha de Little Bighorn, do general Custer contra os índios *Sioux* e *Scheyennes* na América, a guerra Zulu no sul da África e rebeliões na selva indiana. E em nenhum caso fica claro qual lado levou a melhor.

Seu ancestral, John Howard disse Aysha, enquanto Costas tirava com cuidado o revólver da gaveta para examiná-lo mais de perto, - era um oficial do exército britânico?

Jack fez que sim com a cabeça. - Agora que estamos todos aqui, quero falar-lhes sobre ele. Em 1879 ele era tenente na Engenharia Real, nomeado para a Índia como subalterno no grupo de Sapadores e Mineiros da Rainha de Madras. Este foi um dos primeiros regimentos do exército indiano, baseado em Bangalore, no sul da Índia, mas usado em expedições por toda a Índia e nas fronteiras. Eles eram inspetores e construtores, mas também receberam treinamento de infantaria, por isso formavam as tropas mais úteis que havia por lá. Cada uma das dez companhias tinha dois oficiais britânicos e diversos oficiais não comissionados (NCOs), mas os sapadores eram todos de Madras, inclusive os oficiais nativos — os *jemadars* (despenseiro, o posto mais baixo), os *subadars* (oficial indiano em uma companhia do

exército britânico na Índia), os *havildars* (militares encarregados de um forte) e os *naiks* (cabos). Os habitantes de Madras eram homens orgulhosos, uma casta guerreira. Para um jovem oficial britânico, o serviço com um regimento como o dos Sapadores de Madras era a melhor experiência que se poderia ter como soldado. Os tenentes comandavam as companhias e os subalternos seniores tinham as responsabilidades que um major teria hoje em dia. Todos os oficiais da Engenharia Real tinham passado pelo equivalente a um programa de pós-graduação em engenharia antes de viajar para a Índia.

A Índia deve ter sido um choque para o sistema, que vinha da fria e garoenta Inglaterra -, disse Costas.

Jack sacudiu a cabeça. - Não para Howard. Ele estudou na Inglaterra, mas nasceu na Índia em 1855, pouco antes da rebelião indiana, nos anos finais da Companhia das Índias Orientais, antes que a Coroa Britânica assumisse a direção. Seu pai tinha sido um plantador de índigo em Bihar, na fronteira com o Himalaia e o Tibete, e seu avô era coronel no exército da Companhia das Índias Orientais. Portanto, a Índia estava em seu sangue. Isso ajuda a explicar como ele sobreviveu às condições da selva na sua primeira organização e preparação das tropas para combate.

É para esse lugar que estamos indo -, disse Costas.

Depois de mais de duas décadas de paz que se seguiram à rebelião, a Índia estava esquentando -, disse Jack. - Havia guerra no Afeganistão novamente, pela primeira vez em quarenta anos. Muitos dos Oficiais Sapadores de Madras estavam organizados ali, mas não Howard. A razão era outro conflito, uma revolta tribal com uso de violência que eclodiu em 1879 na selva, sob a administração da parte setentrional de Madras, nos contrafortes das montanhas orientais de Ghat, ao longo do rio Godavari. - Jack apontou para o mapa acima de sua escrivaninha. - Desde a rebelião, o governo indiano havia derrubado qualquer vestígio de ascensão com punho de ferro. Uma expedição do tamanho de uma brigada foi despachada para a selva, inclusive duas companhias de sapadores. Mas essas revoltas eram encaradas como ações policiais, de maneira que havia pouca glória militar e nenhuma medalha para os oficiais, apesar das difíceis operações militares envolvidas. E essa revolta, chamada de "rebelião Rampa" segundo o distrito local, arrastou-se por quase dois anos, mais tempo do que todas as operações militares no Afeganistão. Howard esteve lá quase do início ao fim.

- Deve ter sido um local pestilento durante as monções -, disse Hiebertmeyer.

Jack acquiesceu. - Rampa possuía todos os excessos de uma guerra na selva, semelhante às campanhas militares no século seguinte, em Mianmar (antiga Birmânia), Malásia, Vietnã. A malária era um grande problema. Alguns anos depois o cirurgião major dos Sapadores de Madras era Ronald Ross, mais tarde *Sir* Ronald Ross, o homem que confirmou a ligação entre os mosquitos e a malária. Mas na época da rebelião compreendia-se muito pouco sobre isso, e os homens caíam como moscas. E foi aí que a experiência indiana de Howard entrou em jogo. Ele tinha alguma resistência contra a febre, e esse deve ter sido um fator que contribuiu para sua permanência na organização e treinamento das tropas. Ele era o único oficial preparado para a tarefa.

Costas estendeu a mão para a gaveta e retirou o antigo revólver, uma peça longa e elegante que adquirira uma cor de ameixa onde o azul sobre o metal tinha desaparecido. - Colt 1851 da Marinha, fabricado em Londres ele disse. - Eu costumava atirar com um desses com um tio meu, em Vermont, que era um entusiasta da pólvora. - Ele girou a pistola várias vezes e passou o dedo pelas letras e números estampados na coronha de madeira. - Marcas do exército.

Este é um UC, Upper Canada, província ao norte do Canadá; a letra A corresponde à Tropa do Forte Frontenac, número 50 -, explicou Jack. - Este era um de um lote de revólveres trazidos da fábrica Colt de Londres para armar os cavalarianos da milícia canadense, baseada em Kingston, no lago Ontário. O cirurgião dos Sapadores de Madras, doutor Walker, foi criado em Kingston, e tendo servido ele próprio na milícia adquiriu essa pistola como sobressalente em 1870, quando a milícia passou a usar revólveres de cartucho. Walker levou-a para a Índia e deu a pistola a Howard para complementar um revólver Colt idêntico que ele herdara de seu pai, que o usara durante a rebelião indiana. Sempre foi conveniente ter um par de revólveres *cap-and-ball*, porque se leva muito tempo para recarregá-los.

Onde está a outra arma?

Howard levou-a com ele quando desapareceu.

Desapareceu?

Um dia; muitos anos mais tarde, ele fez a mala e partiu, para nunca mais voltar. Ninguém sabe ao certo para onde foi ou o que lhe aconteceu. Sou

obcecado por isso desde que ouvi a história quando era criança. Eu costumava ler Kipling e histórias de exploradores na Rota da Seda, e eu o imaginava em alguma aventura com um grande final. Ele sempre estava em minha mente quando eu partia em minhas próprias buscas. Agora que estamos tão perto da selva, para verdadeiramente estar em seu rastro, gostaria de ficar sabendo o motivo da partida. Mas falaremos sobre isso mais tarde. Não vamos esquecer o revólver.

Encontrei algo sobre a rebelião disse Rebecca, segurando um caderno de apontamentos com capa vitoriana que tinha aspecto de mármore e uma escrita à mão, já desbotada, na etiqueta. — *A Expedição Rampa 1879*, por John Howard, Tenente, RE.

Esse é seu diário, disse Jack. - É o único relato pessoal que subsistiu à rebelião. Quase todo o resto reconstruí a partir dos registros das coleções - Índia Office, encontradas nos arquivos do escritório da Índia em Londres, na Biblioteca Britânica, sobre os procedimentos militares e jurídicos do governo de Madras, que inspecionou a região da selva. A rebelião foi obscurecida pela guerra do Afeganistão, e ficou praticamente perdida para a história.

Rebecca abriu cuidadosamente uma página, depois começou a ler. - As dificuldades de inspeção realmente começam quando o mapeamento está sendo levado adiante dentro de uma região desconhecida, especialmente se os inspetores são impedidos de avançar por ter que se manter com as tropas e porque sua visão quase sempre é obstruída por tempo ruim.

Jack aquiesceu. - Inspeccionar era sua especialidade. Ele tinha acabado de sair da Escola Militar de Engenharia em Chatham, dois anos de treino intensivo. Há bastante entusiasmo juvenil no início do diário. Mas logo isso muda.

Rebecca leu outra seção no final do livro.

As causas daquela insurreição tinham sido completamente descritas; a administração tinha diminuído; nossos oficiais se faziam de surdos para as queixas de um povo oprimido, e a antiga disposição do povo que se interessava pela espada finalmente se afirmou, em meio a uma raça corajosa e vigorosa de montanhese. Depois que essa disposição é despertada, e somos forçados a realizar as operações militares em uma área selvagem, difícil e com malária, nenhum homem pode dizer quanto tempo a miserável guerra irá durar, ou quais elementos reprimidos de desordem serão

levantados contra nós. Tudo o que se pode predizer é que o inimigo raramente será visto, que a febre lotará os hospitais do regimento e que, quando a paz finalmente vier, será a paz da desolação. Tudo o que esses clãs na colina exigem de nós é que ofereçamos proteção para o gozo tranquilo dos poucos acordos e dos simples objetos de liberdade pessoal e de conforto que constituem as principais fontes de sua felicidade.

Gostei da linguagem disse Costas.

Isso resume bem tudo -, disse Jack. - Anos depois, o movimento nacionalista indiano tentou fingir que a rebelião fazia parte da revolta nacionalista contra a Inglaterra, mas isso é história revisionista das piores.

Aqueles eram habitantes da selva que basicamente queriam ser deixados sozinhos. Muitos deles nunca tinham visto um rosto europeu antes. Seu principal contato com o mundo exterior havia sido com habitantes da planície, com a guarda policial indiana corrupta e com negociantes que os extorquiam. Para os britânicos havia pouco ganho econômico na selva, e eles colocavam oficiais menos competentes no cargo, um nível abaixo de oficiais distritais, que raramente se davam ao trabalho de inspecionar eles mesmos a área. Então, o Ato da Lei Florestal Indiana interferiu com a tradicional agricultura de corte e queima. Mas o estopim foi um descuido de um oficial insignificante em Calcutá, que deixou de isentar os habitantes da colina da taxa *abkari* sobre o álcool. Os habitantes da selva viviam com o suco fermentado de certas palmeiras, era o licor de palmeira que os sustentava durante o período das monções, quando não havia mais nada a fazer.

Estou percebendo o que você quer dizer -, interferiu Costas. - Não foi exatamente uma guerra gloriosa. Bem distante da geopolítica do Afeganistão.

Mas guerra ainda é guerra disse Jack. - Afaste um grande propósito estratégico, e você desconfia muito mais. E esses oficiais estavam muito longe da caricatura de uma pessoa impermeável a novas idéias, sem emoção diante da tragédia. A Engenharia Real atraía homens de grande intelecto e curiosidade. Hoje eles seriam cientistas, engenheiros civis, exploradores. Muito do que sabemos sobre a antropologia e a história natural da Índia vem do que esses homens faziam com seu tempo livre. E muito do seu trabalho não era gasto como soldado, mas para inspecionar e mapear, na construção de estradas, pontes, represas, aquedutos e sistemas de irrigação, estradas de ferro, monumentos públicos, a infraestrutura da nação de hoje. Você deve saber falar a língua para operar efetivamente na Índia, e muitos desses



oficiais eram linguistas dotados, que tinham empatia por seus soldados e pelas pessoas ao redor deles. Você pode ver isso no diário. O jeito de escrever pode nos parecer um pouco pomposo hoje, mas sujeitos como Howard viam seres humanos como tal e não como tribos primitivas. Eles eram soldados fortes, inabaláveis em sua lealdade à coroa britânica, e matariam sem hesitação, mas sabiam que nem sempre estavam pisando num terreno de moral elevada.

Há uma referência a um livro aqui, na página final do diário -, disse Rebecca. - É tudo um borrão preto. - Ela ergueu o livro e o cheirou, logo afastando o rosto. - Isto fede a ovo estragado.

É resíduo de pólvora -, disse Jack. - Ele devia ter pó de pólvora nas mãos quando escreveu isso. Devia ter acabado de atirar. Olhe a data: 20 de agosto de 1879.

Mal consigo ler, mas a nota diz: "Campbell, Tribos Selvagens do Condistão, página 177". Depois diz: "Deus me ajude".

Jack pegou um dos dois volumes de capa de couro da gaveta e abriu-o numa página marcada. - Este é o livro verdadeiro. Ele o tinha consigo quando escreveu aquela anotação no diário. Na margem do livro, naquela página, está escrito "Capitão Frye, um oficial admirável, um erudito oriental do mais alto nível, que se ocupou com muito zelo em aprender a linguagem *khon*. Ele nitidamente escreveu essa anotação algum tempo antes, talvez quando leu o livro pela primeira vez, antes de ir para a selva. Mas a passagem do texto ao lado da anotação está circundada com a mesma tinta que a última anotação no diário, levemente borrada. Ele deve tê-la lido novamente naquele dia na selva. Ouçam isto:

Uma circunstância curiosa ocorreu a esse oficial quando ele estava nas colinas. Um dia ele foi informado sobre um sacrifício na véspera de sua consumação; a vítima era uma moça jovem e bonita, de quinze ou dezesseis anos. Sem um momento de hesitação, ele se apressou com um pequeno grupo de homens armados até o local indicado e, quando chegou, encontrou os *khonds* já reunidos com o sacerdote que ia realizar o sacrifício, e a vítima escolhida preparada para o primeiro ato da tragédia. Ele exigiu imediatamente que a entregassem; os *khonds*, meio loucos de excitação, hesitaram por um momento, mas observando seu pequeno destacamento preparado para a ação, soltaram a garota. Vendo o estado selvagem e

irritado dos *khonds*, o capitão Frye, com muita prudência, julgando que aquela não era a ocasião adequada para argumentar com eles, voltou com sua presa para seu velho acampamento.

Sacrifício humano? - exclamou Costas, parecendo horrorizado. - Na Índia? Em 1879?

Este livro foi publicado em 1864, quinze anos antes da rebelião Rampa. O título completo é *Uma narrativa pessoal de treze anos de serviço entre as tribos selvagens do Condistão para a supressão do sacrifício humano*. O autor, John Campbell, era um oficial do exército encarregado dessa tarefa e Frye, seu assistente.

Mas eles falharam.

Jack franziu os lábios. - Eles tiveram êxito. Essa foi a face pública dele, de todo jeito. Os britânicos não interferiram muito com o ritual na Índia, mas conseguiram algo importante na atitude relativa ao sacrifício humano e ao infanticídio feminino. O que eles fizeram foi manter as duas práticas veladas. Quem sabe o que ocorre nas profundezas da selva, quilômetros distante de olhares curiosos! Mesmo hoje em dia, o sacrifício ritual subsiste entre os povos tribais, embora eles usem galinhas em vez de seres humanos. Ou assim nos disseram.

E em 1879?

O líder rebelde, Chendrayya, executou abertamente vários policiais nativos que ele havia aprisionado, dando às execuções a aparência de sacrifício, para desafiar os britânicos. Em certa ocasião, ele usou uma espada, provavelmente uma *tulwar* como aquela ali na parede. - Jack abriu o livro numa ilustração no frontispício. Mostrava uma mulher seminua amarrada a um poste com um sacerdote à sua frente e uma multidão se pressionando em volta, brandindo facas. - Mas existem vestígios de que verdadeiros sacrifícios humanos também eram realizados. Eles envolviam um *meriah*, um homem ou mulher, até mesmo uma criança, comprada como escrava pela tribo que realizava o sacrifício, que era bem alimentada e bem tratada durante meses, depois intoxicada com o suco fermentado de palmeira e amarrada a um poste.

Como eles faziam? -, perguntou Rebecca, baixinho.

É bem desagradável. Eles abriam a vítima com suas facas ou com as mãos nuas. Cada homem levava uma tira de carne para casa para enterrar em

seu próprio solo antes da chegada da noite, como uma espécie de oferenda de fertilidade.

Rebecca parecia pálida. Costas pegou o livro. - Por que faziam isso? Quem era seu deus?

Vou chegar lá.

E essa data? 20 de agosto de 1879?

Essa é a data chave da rebelião, e também, de alguma forma, da vida de Howard. Algo aconteceu naquele dia, e venho tentando me aprofundar nisso desde a primeira vez que li o diário, quando criança. - Jack pegou o diário. - Aqui está o que sei. Naquele dia, um grupo de trinta sapadores foi levado a uma emboscada preparada por quatrocentos rebeldes, armados com arcos e flechas envenenadas e mosquetes equipados com travas, bem como alguns velhos mosquetes que eles tinham roubado da polícia. Os sapadores lutaram para voltar através da selva para o rio. Foi uma das maiores batalhas da rebelião, com dezenas de homens mortos e feridos. Um oficial britânico morreu, um homem do serviço civil responsável por essa área que tinha acompanhado as tropas. A luta daquele dia foi suficientemente grande para virar notícia, tendo sido publicada até no *London Times*, e no *New York Times* com o nome do oficial que comandava os sapadores, tenente Hamilton. Seu relato da luta foi registrado também no Madras Military Proceedings. Por outro lado, não há registros de testemunhas oculares daquele dia. Mas tenho certeza de que algo aconteceu.

Execuções? -, perguntou Costas. - Sacrifícios?

Jack olhou para o livro. - A incursão de Hamilton ocorreu a partir de um barco a vapor, *Shamrock*, que estava subindo o rio em direção a um lugar onde os sapadores iam tomar um caminho para dentro da selva. O tenente Howard, meu tataravô, estava encarregado de tudo, como o subalterno mais velho presente. Assim como o tenente Howard e Hamilton, havia outro oficial sapador, Robert Wauchope, que retornara havia pouco do Afeganistão, um americano irlandês que era amigo próximo de Howard. Já tínhamos encontrado o cirurgião Walker, o canadense. Ele provavelmente estava muito ocupado tratando da febre da selva. Eu já identifiquei o local onde o grupo de Hamilton saiu da selva, na margem do rio, e o *Shamrock* devia estar. Ali ficava uma aldeia nativa. Os rebeldes reuniram-se lá e montaram um show para eles. Algo bastante espetacular. Howard estava no

barco a vapor. Ele viu alguma coisa ou fez algo que afetou profundamente o resto de sua vida.

O que você quer dizer?

Jack fez uma pausa. - Ele tinha sido o melhor de sua classe na Academia Militar Real, um dos oficiais destinados a grandes coisas, talvez o comando de um exército como Lord Kitchener, ele próprio engenheiro real. Mas depois da selva, foi como se ele fizesse todo o possível para evitar o serviço ativo novamente. Ele tinha sido escolhido para juntar-se à Khyber Field Force no Afeganistão, mas em vez disso foi mantido para treinar e organizar tropas em Rampa até o final. Em seguida, abandonou os Sapadores de Madras e foi transferido temporariamente para o Departamento de Obras Públicas da Índia; depois disso, voltou para a Inglaterra para passar dez anos ensinando vigilância e publicando o jornal da Escola de Engenharia Militar. Essas eram mudanças de carreira respeitáveis para um oficial da Engenharia Real, mas não para o soldado ambicioso que ele fora outrora. Mesmo depois que voltou para a Índia como engenheiro de guarnição nos anos 1890, ele rejeitou oportunidades para efetuar operações militares. Foi somente no final de sua carreira que ele se tornou disponível para o serviço ativo novamente, na fronteira afegã, vinte e cinco anos depois da rebelião Rampa.

E sua devoção à família? -, perguntou Rebecca. - Isso não podia tê-lo influenciado?

Jack olhou para a fotografia desbotada acima da arca, mostrando uma mulher vestida de preto segurando um bebê, o rosto voltado para a criança, não discernível. Então se virou para Rebecca, aquiescendo lentamente com um gesto de cabeça. - Howard se casou jovem, logo que saiu da academia. Eles tinham um menininho que adoravam. Viviam no posto militar em Bangalore, quartel-general dos sapadores de Madras. O menino morreu enquanto Howard estava na selva, vários meses depois daquele dia em agosto, atacado por convulsões numa manhã e enterrado ao anoitecer. Howard só soube disso depois de semanas. Sua esposa nunca superou o fato, embora eles tivessem tido mais três crianças. Howard era completamente devotado a eles e disse que assumiu o trabalho na Escola de Engenharia Militar na Inglaterra para mantê-los longe das doenças que haviam matado seu irmão e para estar perto deles quando fossem para a escola.

Ele colocava a família antes da carreira -, disse Aysha. - Não há nada de errado com isso.

Jack franziu os lábios. - Mas havia mais que isso nessa escolha. Mesmo depois que eles cresceram e ele voltou para a Índia, ele rejeitava as oportunidades. Estou convencido de que algo aconteceu naquele dia. Em 20 de setembro de 1879.

Dá a impressão de que alguma coisa o traumatizou - disse Costas.

Há outra coisa. - Jack se inclinou e abriu a gaveta inferior da arca. - Você lembra que mencionei um artefato sobre o qual falei com Katya, quando eu e ela vimos a referência de seu tio ao Elaljit Singh, Mão de Tigre? Aquele que quase a fez desmaiar? Era este. - Ele tirou da gaveta um objeto de latão brilhante quase do tamanho de seu antebraço e o colocou cuidadosamente na mesa entre eles. O objeto tinha uma forma semicilíndrica, e em uma das extremidades fora esculpida uma cabeça, com orelhas espichadas para fora e uma grande boca, que ia de uma orelha à outra. - Howard trouxe isto de Rampa. Isso, o revólver, o pequeno telescópio e algumas armas primitivas capturadas dos rebeldes são praticamente os únicos artefatos que podem ser atribuídos à operação militar. Alguém pode adivinhar o que é isso? - perguntou Jack.

Hiebermeyer empurrou os óculos para cima e se inclinou sobre o objeto, erguendo-o com cautela para olhá-lo por baixo. - Bem, é claramente um pedaço de armadura, correspondente à parte de baixo, do antebraço e mão -, ele afirmou. - No buraco debaixo da cabeça há uma travessa, e no espaço da boca cabe uma lâmina. Em minha opinião, isto era antigamente uma luva grande, com punho largo e comprido com uma adaga presa ou uma lâmina de espada.

Cheia de símbolos -, disse Jack. - Não é uma lâmina para se enfiar com força física, mas uma lâmina longa e flexível, para cortes extensos.

Ela teria sido inadequada para mãos inexperientes, mas com a luva de punho largo e comprido e a travessa, em vez de uma empunhadura convencional de espada, a lâmina se tornaria uma extensão do braço. O espadachim poderia desferir um golpe extenso e pesado, facilmente suficiente para cortar um corpo em dois com uma lâmina bem afiada. Elas eram armas terríveis, destinadas a ser usadas a cavalo.

Rebecca apontou com o dedo o nariz. - Estes olhos parecem chineses.

Ela é chamada de *pata*, uma espada com uma luva de punho largo e comprido disse Jack. - Esta aqui é única, e somente se conhecem poucas luvas de latão. As *patas* de aço eram usadas pelos maratas, os príncipes guerreiros com os quais os britânicos lutaram na Índia central e no sul no século 18. Mas o erudito britânico que estudou pela primeira vez a *pata* achava que ela tinha uma origem muito anterior, entre os ancestrais tártaros dos mongóis na China setentrional. Elas podem ter entrado na Índia com os invasores mongóis, com Timur o Grande, no século 14, ou com Genghis Khan. Ou talvez algumas delas possam ter vindo mais cedo pela Rota da Seda, tendo sido depois copiadas. Muitas das *patas* indianas do século 17 ou 18 são feitas de aço, e elas não têm essa decoração, a cabeça forjada à parte. Meu instinto me diz que esta é mais antiga, muito mais antiga, possivelmente até de uma era antiga.

Então, qual é a conexão? perguntou Costas.

Você perguntou sobre o deus, o deus dos sacrifícios na selva -, replicou Jack. - Havia vários, um deles era uma espécie de deusa da terra, Gaia, e outro, o deus da guerra. Mas existe apenas um santuário que conhecemos, e este é dedicado a Rama, o deus que deu nome a esse distrito. A lenda do príncipe Rama aparece dissimulada na mitologia hindu, mas a versão do Rama adorado na selva era diferente, possivelmente de origem muito anterior. O santuário é mencionado nos relatos da rebelião Rampa, porque o líder rebelde Chendrayya sacrificou nele dois policiais. Fica diretamente no interior, desde o ponto em que Shamrock pegou o tenente Hamilton e seus sapadores antes de sua incursão na selva. Acredito que foi lá que meu ancestral encontrou sua *pata*. O santuário era a única estrutura permanente na selva, além das cabanas dos aldeões, e é exatamente o lugar onde se espera que um objeto incomum como este seja guardado, até mesmo venerado.

E você quer ir até lá e verificar isso -, disse Costas.

Preciso ver o que ele viu. Ver se alguma coisa foi deixada lá.

Rama - murmurou Hiebert, tamborilando na mesa. - Rama.

O que é? -, perguntou Costas.

Estou só pensando em voz alta.

Costas pegou a *pata* e olhou fixo para a figura. - O que é? Um deus?

Jack olhou para o outro lado. - É um tigre.

Um deus tigre? - perguntou Costas.

Jack deslizou a *pata* na mão, segurando-a pela travessa. - Não é um deus tigre - disse ele, girando-a cuidadosamente em torno do braço. - Era como ele sempre a chamava quando eu era criança, como meu avô nos disse para chamá-la. Ele dever ter aprendido com o avô *dele*, com John Howard. Isso fez Katya quase desmaiar quando eu a descrevi para ela. *Guerreiro Tigre*.

Uma hora mais tarde eles estavam de pé na ponte, olhando para a proa do navio. *O Seaquest II* tinha passado pelo estreito de Palk, entre a Índia e o Sri Lanka, navegando pelo perigoso canal a uma velocidade de apenas poucos nós. Eles tinham acabado de observar o piloto desembarcar e desamarar seu barco veloz. A extremidade setentrional do Sri Lanka estava agora desaparecendo no tombadilho a estibordo da popa, e o capitão tinha reduzido o nível de alerta quando eles entraram nas águas territoriais da Índia. A torre blindada e rotatória com a metralhadora Breda tinha sido baixada para ficar fora de vista abaixo da cobertura de proa, e a equipe de segurança estava guardando as duas metralhadoras automáticas de uso geral que tinham sido montadas de cada lado da ponte de comando. À frente deles ficava a baía de Bengala, uma cintilante superfície de água que parecia estender-se até o infinito. O mar estava completamente calmo, era como se eles estivessem parados, encerrados num nevoeiro de água e céu sem nenhum horizonte à vista.

Jack sentia a onda de excitação que, antes dele, devia ter atraído para aquelas águas seus próprios ancestrais. O céu, a leste, parecia cheio de fascinação, e com os riscos aquilo ficava muito mais atraente. Jack voltara a pensar nos romanos. Ali, dois mil anos atrás, eles deviam estar no auge do desconhecido, no lugar por onde passava a linha que o autor do *Periplus* havia traçado, entre o que ele próprio vira e o mundo mais além. À frente situavam-se lugares meio imaginados, que o autor conhecia somente pelos produtos que lhe traziam os comerciantes através das grandes montanhas e desertos até o mar: seda, lápis-lazúli, especiarias exóticas e medicamentos. Os nativos que ele conhecera haviam lhe contado pouca coisa, e o que realmente lhe diziam podia ter sido deliberadamente enganoso, planejado de modo que ele não pudesse ir até as fontes por si mesmo. No entanto, suas histórias não precisavam conter muito exagero. Os perigos eram todos muito reais, como ainda são hoje em dia. Jack se lembrava das linhas finais do

*Periplus*. - O que se situa além dessa região, por causa de terríveis tempestades, um frio imenso e um terreno impenetrável, e por causa de algum poder divino dos deuses não foi explorado.

Costas chegou junto dele e tornou a falar: - Rebecca quer vir conosco, Jack. Ela ainda tem três semanas de férias na escola.

Ela pode ir para o sítio romano em Arikamedu, mas não para a selva. Aquela é uma região de bandidos. O lugar é um refúgio de terroristas maoístas. É perigoso desde que o governo indiano permitiu a entrada na selva dos especuladores estrangeiros de mineração e os maoístas começaram a incitar revoltas entre as tribos.

Muito bem, conte isso para ela.

Parece que ela ouviu você, tio Costas.

Ela já sabe disso. - Aysha estava parada do outro lado de Jack. - Eu já contei.

Oh, obrigado, Aysha. - Os olhos de Jack foram subitamente atraídos por uma imagem espetacular. A costa oriental da Índia se tornara visível alguns quilômetros à direita da proa, mas estava agora iluminada pelo sol da manhã, que subia acima do nevoeiro a leste. Era uma visão extraordinária, a fina linha da praia e a franja de palmeiras brilhantes, cor de laranja, como se um canal de fogo estivesse subindo depressa pela margem em direção ao horizonte, ao norte. Jack pensou na Índia em 1879, ano da rebelião na selva. Ainda era a Índia da opulência mongol e da civilidade colonial, no entanto, existia outra Índia, um lugar mais sombrio de desespero e crueldade, de fome, de uma doença que matou metade das crianças e viria a matar um adulto por dia. Duas décadas antes da rebelião Rampa, a Índia fora dividida pela amotinação das tropas indianas do exército de Bengala, da Companhia das Índias Orientais, uma orgia de barbarismo e derramamento de sangue. Três anos antes da rebelião, em 1876, uma fome terrível se instalou no sul e matou milhões de pessoas. A Índia parecia um lugar tentador, no entanto, um lugar no qual uma mortalidade imprevisível aguçava os sentidos, centralizando a experiência no presente. Jack se lembrava daquelas últimas palavras no diário de John Howard, escritas em algum lugar da selva além da linha da costa que ardia através do horizonte. *Deus me ajude*. O que ele vira?

Uma brisa cálida soprou sobre eles quando o *Seaquest II* ganhou velocidade. Jack se voltou e desceu as escadas em direção à sua cabine,



deixando a porta aberta. Alguns minutos mais tarde, Rebecca entrou, deixando-se cair pesadamente na cama dobrável. - Estive lendo a história que você colocou na minha cama, *O homem que queria ser rei*, de Rudyard Kipling. O livro foi publicado em 1888 e traz a assinatura "John Howard, Capitão, RE".

Continue - disse Jack.

Trata-se de dois aventureiros britânicos, antigos soldados, que foram para o norte do Afeganistão em busca de um lendário reino perdido. Eles o encontram, e um deles torna-se rei, governando como um deus. Mas acidentalmente ele se corta, e o povo, vendo seu sangue, percebe que ele é mortal, e ele acaba tendo um mau fim. Também encontrei o *Horizonte Perdido*, de James Hilton, publicado em 1933. Este é sobre Xangri-lá, um lugar lendário nas montanhas, no nordeste da Índia, onde as pessoas eram quase imortais.

São ambas lendas modernas - disse Hiebertmeyer, entrando na cabine com Aysha, ambos carregando canecas fumegantes de café enquanto Costas os acompanhava.

Rebecca sacudiu a cabeça resolutamente e apontou para um livro em cima da escrivaninha. A capa mostrava a imagem de um vulcão explodindo no mar, sobreposta sobre uma fotografia de uma escadaria esculpida na rocha que levava a uma via de acesso escura rodeada por símbolos misteriosos. Adiante havia uma única palavra: *Atlantis*. - Minha mãe me enviou esse exemplar antes que eu o conhecesse. Aquele primeiro capítulo, sobre o antigo filósofo grego Platão. Atlantis também é uma lenda moderna, mas havia uma semente de verdade nela.

Então você acha que estamos procurando um reino perdido, um Xangri-lá? - perguntou Hiebertmeyer de maneira duvidosa.

Rebecca sacudiu a cabeça e apontou para uma pequena estátua de cerâmica de um guerreiro chinês, na escrivaninha, usada por Jack como peso de papel. - Estive pensando naquele guerreiro.

Uh-oh -, murmurou Costas. - Acho que estamos entrando numa fria, um pouco do pensamento lateral de Jack.

Você se lembra, pai? Quando me levou para ver a exposição dos Guerreiros de Terracota no Museu Britânico em Londres no dia seguinte ao que saímos de Nova York. - Ela se voltou para Aysha, repentinamente quase sem fôlego por causa da excitação. - É impressionante. Aquele cara, o

primeiro imperador, enterrou-se com tudo, e quero dizer tudo, sob um monte do tamanho de uma pirâmide egípcia. Eles ainda nem tinham escavado a tumba, podem acreditar nisso? Existe somente um antigo relato chinês de como foi isso. Há um modelo completo do mundo, com rios de mercúrio, e até o céu. As estrelas eram feitas com jóias. E ao redor do monte há aquilo que eles realmente desenterraram, aqueles guerreiros, todos em tamanho natural, milhares deles. É a coisa mais legal que alguém já viu.

Hiebermeyer começou a tamborilar. - O que você quer dizer, Rebecca? Acho que tudo isso tem a ver com imortalidade.

É isso que as tumbas são, em geral -, disse Hiebermeyer, ainda tamborilando, - Equipar as pessoas para a vida após a morte.

Não estou falando da vida depois da morte, quero dizer imortalidade - disse ela com impaciência, - Para o primeiro imperador, isso era uma completa obsessão. Você lembra, pai? Na exposição dizia-se que ele enviou uma enorme expedição em busca de uma ilha lendária no Pacífico. As ilhas dos Imortais. Perguntei se alguma vez você havia procurado por elas.

Costas, com um olhar distraído, começou a entoar de lábios fechados a melodia de *Haivai 5.0*. - Acho que sei onde eles estão.

O rosto de Rebecca contraiu-se de frustração. - Você não está me levando a sério.

Jack olhou para a estátua. - O conceito chinês de vida após a morte estava próximo da noção de imortalidade. A pessoa não vai para o céu como você pode supor. Em vez disso, permanece numa espécie de universo paralelo, que representa o mundo real. Para o primeiro imperador da China, Shihuangdi, no século 3 a.C., o conceito de céu não podia lhe oferecer mais do que ele tinha sobre a terra. Era isso que o exército de Terracota representava, uma cópia daquilo que ele tinha sob seu comando durante sua vida mortal.

Rebecca estava silenciosa, olhando para baixo e mexendo nervosamente com os dedos. Aysha se inclinou para a frente e olhou para ela. - Sei o que você está insinuando. É a fascinação pelo Oriente, não é? Acha que é o que Howard estava procurando quando desapareceu? Para alguns, havia vales fantasiosos remotos, Xangri-lá, reinos perdidos, céu sobre a terra, lugares onde se podia viver para sempre num paraíso terrestre. Para outros, era onde se podia encontrar o segredo da imortalidade. Tratava-se sempre da fascinação pela vida eterna, o maior dos tesouros.

Mas e os nossos legionários romanos? -, perguntou Costas. - Era atrás disso também que eles estavam? Acho que tudo o que eles queriam era uma morte gloriosa, para juntar-se aos seus irmãos de armas no Elísio.

- Ali, na Rota da Seda, indo para leste, eles podem ter pensado que já estavam naquela região escura, marchando ao lado de seus companheiros mortos - disse Jack. - Para aqueles dentre eles que ainda a desejavam ardentemente, a imortalidade pode ter parecido a única esperança de algum dia regressar a Roma.

Como eles podiam saber o que havia à frente? - murmurou Aysha. - O que podia tê-los atraído?

Eu ia chegar nisso -, disse Rebecca. - A tumba do primeiro imperador ficava no final da Rota da Seda, certo? Cheia de tesouros, exatamente como ela é hoje. Se os comerciantes que chegavam pela Rota da Seda puderam contar para o autor do *Periplus* sobre os legionários que escaparam de Partas e se dirigiam para o leste, então os negociantes também poderiam ter contado para os legionários sobre a lendária tumba do primeiro imperador. Talvez um deles tenha lhes contado com a esperança de que ele lhe poupasse a vida.

Talvez estejamos sendo demasiado místicos sobre isso - disse Costas, esfregando a barba curta.

O que você quer dizer? - perguntou Rebecca.

Talvez você esteja pensando certo, mas não foi por causa de uma fascinação mística, mas só pelo benefício do tesouro à moda antiga.

Papai diz que você se engana sobre ele, que é um arqueólogo, não um caçador de tesouro.

Quando vejo um elefante, eu o chamo de elefante - disse Costas e se levantou. - Precisamos ir para o helicóptero. E eu não estava sendo irreverente. O Havaí é o paraíso. A costa ocidental de Kaua'i, sabe? Há ali uma linda praia com algumas palmeiras na sombra, logo depois de Hana- lei, e um pequeno bar perfeito.

Papai diz que você é um parasita de praia - disse Rebecca.

Agora você sabe por que tenho que ir.

Jack se voltou para Rebecca. - Continue a ler o diário de John Howard. Pode haver mais coisas que deixei escapar. E você, a propósito, fez uma reflexão muito boa, Acho que podemos simplesmente contratá-la. Tudo o que você tem a fazer é aprender a mergulhar.

O acordo está feito -, disse Costas. - Vou levá-la para Kaua'i na próxima semana.

Ela pode não querer ir, é claro - disse Jack, - Pode preferir aprender a voar com helicópteros em vez disso.

Oh, farei qualquer coisa pelo tio Costas - disse Rebecca, acenando com um livro sobre mergulho para eles enquanto seguia Hiebermeyer e Aysha para fora da cabine. Jack se voltou para Costas, e sua expressão estava séria. - Estou exausto, mas ansioso por isso. - Ele sacudiu a cabeça em direção à pilha de roupas cáqui e botas para selva ao lado de sua cama. Uma correia de ombro e um coldre estavam em cima da pilha, com a extremidade de sua Beretta 92 automática projetando-se para fora. - Já faz tempo desde a última vez que usei isto.

Demasiado tempo, Jack. Nós não queremos perder a destreza.

Subitamente, Jack estava alegre. As últimas vinte e quatro horas haviam sido extraordinárias, e sua mente estava girando. Eles tinham começado a investigar uma história do passado, um padrão de possibilidades e conexões. Já estava começando a ver imagens, as primeiras cenas em sua mente que lhe diziam que seus instintos estavam certos. Rostos retorcidos, maltratados pelo tempo, rostos romanos, o brilho da luz do sol sobre uma espada encharcada de sangue, neve rodopiando, depois algo mais, a imagem de um guerreiro, coisa que ele não conseguia tirar da mente. Ele se voltou e olhou para as fotografias acima da arca, as imagens apagadas do oficial britânico, de sua mulher e filho. Jack sentiu como se estivesse prestes a penetrar na imagem e juntar-se a seu ancestral em sua incursão para dentro da escuridão, para um lugar que ele ansiara conhecer durante toda a sua vida adulta. Ele respirou profundamente, pegou o coldre e olhou para Costas. - Pronto para ir?

- Pronto para ir.

## Capítulo 5

Rio Godavari, Índia, 20 de agosto de 1879

O tenente John Howard, da Engenharia Real, tirou seu capacete safári e enxugou a testa. O sol estava batendo diretamente no convés do barco a vapor naquela hora, e estava diabolicamente quente. O capacete metalizado dos Sapadores e Mineiros da Rainha de Madras cintilou para ele, polido com amor por seu ordenança naquela manhã. Mas era um excelente alvo para um atirador de precisão, então ele esfregou a palma da mão suja nele e depois recolocou o capacete na cabeça. Estendeu a mão para tocar a cobertura de metal da roda de pás, o último lugar de sombra ao longo da lateral do barco, mas o metal estava como uma fornalha. Um punhado de carvão tinha rolado de baixo de um oleado à sua frente, e ele o chutou desanimado. Pelo menos eles tinham conseguido mantê-lo seco. Tinha visto vestígios de pirita de ferro no carvão e se lembrou de uma demonstração alarmante de combustão espontânea em carvão úmido na Escola de Engenharia Militar. Teria sido um fim menos que glorioso para seu primeiro comando de campo, preso em um banco de areia na garganta de um rio abandonado por Deus na selva da Índia oriental, sem nem ter dado um único tiro raivoso. Estava começando a perceber que a guerra era assim.

Observou um crocodilo passar nadando de maneira lânguida, parecendo abstraído do drama que se desenrolava na curva do rio, depois virou-se para ficar de frente para a coberta de proa do barco, ajeitando o cinturão Sam Browne na cintura para que seu coldre ficasse fora do caminho, mantendo a cabeça debaixo das chapas de aço que eles tinham erguido para se proteger das balas no porto do rio em Rajahmundry. Passou os olhos pela placa identificadora, *Shamrock*, depois por seus homens. Ajoelhados atrás das chapas, havia doze, sapadores de Madras, com as cartucheiras abertas e os rifles Snider-Enfield prontos. Atrás deles estava o canhão de sete libras, com tubos metálicos de metralha e uma haste de esponja colocada ao lado. O coronel Rammel requisitara urgentemente uma porção de armas de montanha para mulas, mas em vez disso enviaram duas peças de campo de

carregamento manual na boca do cano e fixadas em carretas onde eram transportadas, inúteis na selva. No último minuto os sapadores instalaram uma no barco a vapor no rio, e haviam projetado um sistema de roldanas para manter o coice da arma sob controle. Além do canhão, os barqueiros marujos da Índia oriental ainda estavam engajados num esforço inútil para rebocar o barco para fora de um banco de areia, onde estavam presos havia quase dois dias. Durante a noite, outro barco subira o rio, deixando com eles um oficial substituto e levando embora alguns dos sapadores atacados pela febre da selva, mas todos os esforços da tripulação haviam falhado no reboque do barco a vapor. Essa era outra razão para rezar pela volta das monções. Com o rio inundado, eles flutuariam e seriam capazes de seguir viagem subindo o rio até Wuddagudem, onde se esperava que fosse aberta uma estrada fora da selva. Suas mulas ainda estavam pacientemente paradas a sotavento do convés, carregadas com prateleiras, picaretas e machados. Um dos marujos também estava lá, deitado inconsciente numa maca. Seus gemidos e gritos tinham tornado a noite anterior insuportável. Na tarde da véspera, o barqueiro tinha carregado a âncora em um pequeno barco e a deixara cair num local a 3 mil metros de distância, e o infeliz marujo estava no cabrestante quando o cabo grosso se rompeu e voltou bruscamente, destruindo suas pernas. O cirurgião Walker tinha lhe administrado conhaque e láudano, mas não havia nada mais que se pudesse fazer. O acidente com o marujo fora o único da expedição até então, e Howard estava muito cansado para outra noite como a anterior. Ele esperava com fervor que o homem não durasse até o fim do dia.

Da parte de cima vinha um choro lento, seguido por uma fraca pancada e uma baforada de fumaça da margem oposta. Uma figura com um grande bigode surgiu de trás do abrigo do deque e postou-se firmemente atrás da linha do carabineiro, com as mãos às costas e um pesado revólver Adams fora do coldre. Ele se voltou para Howard, e um olho injetado de sangue apareceu sob a aba de seu capacete de safári.

Será que devíamos disparar uma saraijada de tiros, senhor? Deixá-los preocupados? Malditos selvagens!

Sargento O'Connell, gostaria de lembrá-lo de que o governo deseja que iniciemos negociações para convencer os rebeldes a libertar os policiais nativos que eles aprisionaram.

Tolice, senhor, se me permite dizê-lo.

Você pode. Entrementes, não atire.

O bigode se contraiu. - Muito bem, senhor.

Howard tirou do bolso do cinturão um telescópio de metal e marfim, ergueu ligeiramente a cabeça acima do conjunto de placas metálicas e olhou através do telescópio para a margem mais distante. Havia dezenas deles lá agora, afluindo da aldeia, inclinados, homens escuros vestidos com tangas, alguns carregando arcos e flechas e outros, mosquetes e espingardas sem trava. Ele podia ver que alguns estavam arrumados de maneira mais extravagante, com o cabelo comprido trançado na frente e ornamentados com roupa vermelha e plumas. Outros carregavam tambores de pele e cornetas de metal. Ao longo da praia, grupos de homens estavam cavando buracos na areia e levantando uma cerca de bambu alinhada com a margem da selva. Haviam acendido fogueiras ao ar livre, e a fumaça preta se acumulava sobre o rio, obscurecendo o cenário visto do barco a vapor. A cena mudava: viam-se lampejos de atividade, que logo eram obscurecidos pela fumaça, o que impossibilitava que se entendesse qual era o plano deles. A qualquer momento podiam sair de canoa e concentrar-se no ataque. Howard se voltou para o sargento. - Sua mais recente fuzilaria foi para o alto. Há algo estranho acontecendo lá. Eles estão bem na margem do rio, como se quisessem ser vistos, confundindo-nos. Se começarem a fazer pontaria contra nós, você pode autorizar a atirar. Sob meu comando. Você compreende?

- Sim, senhor! - O rosto queimado de sol do sargento estava resolutamente voltado para a frente.

Howard olhou de novo para a cena. Uma semana antes, banhado pela chuva, aquele era um lugar de beleza cintilante, a grande garganta do Godavari serpenteando através de colinas verdes brilhantes, que se elevavam de cada lado a cento e cinquenta metros ou mais, com os espinhaços e cumes do Ghast oriental por trás. Mas agora, era como se um pesado miasma houvesse se erguido do rio e sufocado os vales com véus de névoa. O rio era uma linha vital de comunicação, o único local banhado pelo sol, enquanto todos os outros lugares eram escondidos, sinistros. Ele podia sentir o medo e a superstição do mundo espiritual, as centenas de deuses e demônios em que essas pessoas acreditavam espreitando da selva. Sua primeira patrulha no interior o deixara profundamente nervoso, e não se tratava somente dos rebeldes esperando em emboscada. Havia algo mais ali, alguma coisa que conservara aqueles lugares sombrios e remotos

impenetráveis à marcha do progresso através do continente. Ele podia compreender porque os carregadores nativos das planícies costeiras temiam e desprezavam esse lugar e se recusavam a ir com eles para além de Rajahmundry. Respirou profundamente e ergueu seu monóculo novamente em direção à aldeia de telhados vermelhos que se espalhava pelo outro lado da margem do rio, e à crescente multidão de nativos que giravam e dançavam ao redor do fogo na praia arenosa. Voltou-se para o oficial indiano ao seu lado, originário da Índia do sul, com aspecto feroz, usando turbante, de olhos pretos penetrantes. Howard falou com ele em hindi: - Jemadar, chame Mr. Wauchope, por favor.

Sim, sahib.

Alguns momentos depois, uma figura alta saiu lentamente da cabine do convés carregando um pequeno livro aberto na mão. Vestia uma roupa cáqui empoeirada, a nova moda entre os recém-chegados oficiais da fronteira norte-oeste, e suas bandagens para proteger a perna estavam amarradas com tiras de roupa afegã colorida. Ele estava sem chapéu, bronzeado, com o denso cabelo negro cortado curto e barba cheia. Howard falara brevemente com ele quando chegou com reforços durante a noite, ouvindo as últimas notícias do Afeganistão, mas Wauchope logo foi dormir no que era considerado o quarto dos oficiais, debaixo de um mosquiteiro, bem ao lado da cabine. Howard estava ansioso para ter outro oficial no convés, um amigo que tinha fama de tranquilo, exatamente do que necessitavam para evitar que perdessem a cabeça com a escuridão e a feitiçaria do local.

Wauchope olhou atentamente para o tumulto do outro lado da margem, franziu os lábios depois acenou com a cabeça para Howard. Ele tinha olhos penetrantes, intensos, mas havia humor neles. - Estava procurando o bar - disse, com uma fala arrastada, pronunciada. - Acabo de perceber que este não é exatamente um barco a vapor do Mississippi.

Nunca entendi por que você saiu da América, Robert.

Minha família é irlandesa, lembre-se. - Wauchope se encostou na lateral do parapeito, e puxou o cachimbo. - Não um pobre irlandês, mas um irlandês proprietário de terras de origem inglesa. Meu pai se mudou para a América porque se sentiu impotente durante a escassez de víveres, e não podia admitir voltar depois. Nós temos uma longa tradição militar. Para mim, a escolha era West Point ou a Academia Militar Real. Depois de viver a Guerra Civil americana quando menino, não poderia admitir a possibilidade



de enfrentar um irmão no campo de batalha. - Deu uns tapas no cachimbo. - Eu estava inclinado a procurar minha glória no estrangeiro.

Eu estava aqui na Índia durante a rebelião, você sabe - disse Howard. - Era uma criança de colo. Não me lembro dela, e minha mãe nunca me falou do que vi, mas eu costumava ter sonhos ruins. Não os tenho mais. - Ele fez uma pausa, depois apontou para o livro. - O que você está lendo?

Wauchope habilmente riscou um fósforo com a outra mão e acendeu o cachimbo, sugando-o enquanto atirava o fósforo no rio. Ergueu o livro para Howard. - Arriano. A vida de Alexandre, o Grande. Nós encontramos antigas ruínas acima, além do Indo, e tenho certeza de que são altares gregos.

A fronteira o deixou mudado, Robert.

Fui indicado para a Agência Central de Mapeamento e Levantamento Topográfico da Índia, você sabe. Eles tinham um lugar disponível na Comissão de Fronteiras. Estava voltando das operações militares no Afeganistão para liquidar meus assuntos com o regimento em Bangalore quando fui desviado para cá como substituto.

Nós estamos sendo derrubados como pinos de boliche. Cada oficial que entra na selva fica prostrado em uma semana. Esta é a pior febre que já vi.

Parece que você sobreviveu a ela.

Eu nasci aqui, lembra-se? Na propriedade rural de plantação de índigo de meu pai em Bihar. Qualquer criança que sobrevive ao sol de Bengala está preparada para a vida.

O cirurgião major Cross em Bangladore acha que a febre é causada por mosquitos.

É claro que é. - Howard deu um tapa na nuca e observou atentamente. Além das colinas, apareceu no céu uma faixa negra de nuvens, bifurcada por clarões distantes. - E também não estamos livres dos mosquitos no rio. A monção os empurra sobre nós como uma manta pestilenta.

Piedade. - Wauchope sugou o cachimbo e fechou o livro. - Se você se permitisse ser atacado pela febre, ficaria fraco para continuar aqui e então seria enviado para o Afeganistão. É lá que se faz carreira. Não haverá medalhas tora de lá.

Fui designado para o Campo Militar Khyber. Dizem que ali a guerra ainda não terminou. Mas eu quis ficar perto de Edward e Helen em Bangalore. O coronel Prendergast tem sido muito compreensivo.

Ah. - Wauchope pousou a mão no braço de Howard. - Como vai seu menino?

O rosto de Howard se abateu. - Ele não está bem, Robert, esteve doente o ano todo. Você sabe o que isso significa para uma criança de fora daqui.

Ele é muito querido por seus colegas oficiais. Você sabe disso.

Ele é uma criança muito afetuosa. - A voz de Howard ficou grave. - Eu o trato com muito carinho. A pobre Helen anda fora de si. - Ele se voltou, piscando com força, depois se ajoelhou novamente e ficou olhando atentamente pelo telescópio. Em seguida, passou-o para o outro homem. - Veja o que você faz com aquilo.

Wauchope olhou para Howard com preocupação, depois pelo aparelho observou a praia do outro lado. - Santo Deus. Deve haver uns quinhentos deles, talvez mais.

A cena de poucos momentos atrás havia mudado. Agora multidões de homens estavam batendo os pés ao redor das fogueiras, e havia cabaças, o licor de palmeira fluía livremente. Os homens de cabelo trançado estavam girando bastões, agora formando espirais, depois figuras em forma de oito e novamente espirais. Tambores soavam dissonantes, sem harmonia, depois eram tocados juntos, com uma batida monótona. Repentinamente, saindo da fumaça, uma aparição extraordinária se materializou. Uma dúzia de homens apareceu, com capacetes extravagantes ornamentados com grandes chifres curvados de bisão precariamente assentados na cabeça. Vestiam pele de tigre, e seu rosto era pintado de vermelho com pó de cúrcuma. A medida que avançavam, o ar foi cortado por um som agudo, tão alto que fez que Howard trincasse os dentes, nervoso. Os homens avançavam em linha em direção ao banco de areia do rio, recuavam, depois avançavam novamente, ajoelhavam-se e batiam com os pés na terra imitando luta de touros.

Acho que eles estão invocando o deus vermelho-sangue da batalha, Manecksooro - murmurou Howard. - Pedindo que ele transforme os machados em espadas, os arcos e flechas, em pólvora e balas.

Eles têm touros de verdade, também - disse Wauchope, passando o telescópio. Howard olhou por ele, e resmungou. - Então é isso. - Ele fechou o telescópio, depois voltou-se e encostou-se contra na grade.

- Sacrifício de touro. É para isso que são aqueles buracos. Eles misturam o sangue com sementes e as atiram nas clareiras da floresta, para

induzir fertilidade ao solo. Isso pode continuar assim por horas, até que se entorpeçam com o suco fermentado de palmeira.

Pensei que o sacrifício tivesse sido eliminado - disse Wauchope.

O sacrifício humano sim, décadas atrás, mas não o sacrifício animal, embora seja desencorajado. - Howard se abaixou, subitamente dominado pelo cansaço. - Isto é o que aqueles idiotas da Receita não entendem. Eu trouxe o livro de Campbell sobre a supressão do sacrifício humano comigo. Você mesmo pode lê-lo. Ele diz que não podemos usar a moralidade para persuadir um povo a abandonar seus antigos costumes. Nossa moralidade não significa nada para eles. É necessário mostrar-lhes que sua vida ficará melhor em consequência da mudança. Se ficarem sem seus grandes prazeres, vão voltar aos antigos costumes. Nós rompemos o ciclo, ao mostrar-lhes que sua terra pode ser fértil sem a necessidade de sacrifícios. Agora, basta uma assinatura em Calcutá e o que se fez fica arruinado. Tudo estava ocorrendo logo abaixo da superfície, dentro da selva, mas agora eles querem que assistamos. Não se pode culpá-los.

Conte-me sobre este povo.

Eles são *Kóya*, disse Howard. - Descendentes dos antigos dravidia- nos habitantes da Índia, que estavam aqui na época de Alexandre, o Grande. Mas não se poderia obter um contraste maior com a civilização dos mongóis e dos siques. Essas pessoas se assemelham mais a seus índios pele-vermelha. Eles caçam na floresta e queimam o mato para abrir pequenas clareiras e semear. Dificilmente qualquer um deles tem alguma noção do mundo exterior.

Isso talvez não seja algo ruim - murmurou Wauchope, fumando seu cachimbo. - Nós conhecemos a linguagem deles?

Tenho algum conhecimento de seu vocabulário coloquial. Mas temos um intérprete que me conta sobre seus costumes. - Howard apontou com a cabeça para um homem baixo e magro, de idade indeterminada, sentado com as pernas cruzadas na cobertura de proa, de pele profundamente bronzeada, usando apenas uma tanga branca. Seu cabelo era castanho-escuro, quase ruivo, enrolado, a barba irregular e o rosto mirrado. Em uma das mãos segurava um arco e flecha, e na outra, um pedaço de bambu de uns trinta centímetros de comprimento. Seu único enfeite era uma corrente de ouro pendurada em volta da orelha, com um pequeno pingente. Estava fumando um charuto, e seus olhos pareciam entorpecidos.

Ele está meio grogue de vinho de palmeira - disse Howard. - Isso não pode ser evitado. É seu salva-vidas durante a monção. A rebelião é acerca disso. Quanto o coronel Rammell lhe contou?

Wauchope sacudiu a cabeça. - Só tive tempo de informar minha chegada no quartel-general do campo militar em Dowlaishweram. O barco, com os sapadores de reforço, já estava me esperando para me levar rio acima. E Rammell e seu assistente estavam ambos prostrados, com febre, como quase todos os outros oficiais.

Howard expirou com força. - Bem, esse é o ponto importante. Se algum imbecil da Receita não tivesse decidido impor uma taxa sobre o suco fermentado de palmeira, não estaríamos aqui. Nem nós nem os policiais nativos. Durante meses inteiros a única presença estrangeira entre essas pessoas tem sido os guardas, habitantes das planícies, que os habitantes da colina desprezam. O superintendente de polícia britânico e a agência comissionada dificilmente se aventuram por aqui por causa da febre da selva. Os guardas têm liberdade para intimidar e explorar os habitantes das colinas como os habitantes das planícies sempre fizeram. E agora que necessitamos deles, são mais que inúteis. Dificilmente se consegue que um desses homens suporte o cheiro de pólvora. O primeiro ato dos rebeldes foi capturar meia dúzia deles. É uma boa maneira de desembaraçar-se dos sujeitos, até onde me diz respeito.

Uma saraivada desigual de tiros partiu da margem do rio, mas não se ouviu nenhum som de balas no alto. - São mosquetes equipados com travas novamente, sargento. Não atire.

Wauchope olhou atentamente por cima da placa de metal do telescópio para a fumaça. - Onde eles conseguem a pólvora?

Quando fiz minha primeira incursão para dentro da selva na última semana, procurei uma aldeia e recolhi seus revólveres, e eram todos mosquetes com travas - replicou Howard. - As mulheres estavam fazendo salitre, urinando em sacos de esterco suspensos sobre recipientes para evaporação, e depois deixando o líquido que escorria se cristalizar. Engenhoso, realmente. Como estão sempre queimando trechos na selva para abrir áreas de cultivo, têm grande quantidade de carvão vegetal e enxofre, que conseguem com os comerciantes. O pó é bastante pobre, mas serve para um joguinho. Alguns deles também conseguem pó e bala com os agiotas das

planícies, que os escravizam com as dívidas que contraem. Mas temo que agora eles tenham uma nova fonte de armas e de pólvora.

Uma bala atingiu a chaminé de fumaça do barco a vapor, causando um som muito alto, seguido por um estalo agudo na praia. - Falando no diabo... - Howard olhou atentamente de novo pelo telescópio. - Um velho mosquete de percussão da Companhia das Índias Orientais, herdado da polícia nativa. Alguns dos guardas supriram os rebeldes com armas e munição em troca de sua própria segurança. A polícia realmente é completamente inútil. Não se pode confiar neles para nada, são desobedientes e insubordinados. Mas o governo quer que os empreguemos. E isso que acontece quando uma guerra é dirigida por escriturários em Calcutá. O coronel Rammell tem sido obrigado a desobedecer. E há outro problema. Nos regimentos de infantaria organizados no campo militar, há oficiais indianos que ainda não conseguem utilizar um mapa adequadamente, nem aqueles rudimentares que fizemos deste local. Sem um mapa e pontos de apoio fica-se perdido na selva. Mas todos os nossos sapadores são excelentes leitores de mapas. Então, aqui estamos, os mineiros e sapadores da própria rainha, empregados como infantaria e polícia. E realmente um estado de coisas dos mais lamentáveis.

- Qual é a qualidade dos mapas?

Howard bufou. - Este é o único embaraço. Tivemos que fazê-los à medida que avançávamos. Quando o tenente George Everest chegou aqui em 1809 com o Grande Levantamento Trigonométrico, eles ainda não tinham nem estabelecido seus postes de trigonometria nas colinas quando foram todos atacados pela febre da selva. A metade deles morreu, e Everest nunca voltou. Este lugar é um grande buraco negro que atinge com violência, no meio da Índia. Ele pode estar tanto no Baluchistão quanto nas profundezas da Ásia Central. - Ao olhar para a coberta de proa, viu O'Connell olhando fixo para ele, com o lábio inferior tremendo. - Muito bem, sargento, ponha seus homens de prontidão. Se mais uma bala for atirada em nossa direção, pode abrir fogo. Primeiro dê uma descarga acima da cabeça deles. Aguarde meu comando.

Sim, senhor. O'Connell gritou uma ordem em hindi, e uma linha de rifles se ergueu, ficando na horizontal ao longo do parapeito do convés, seguidos pelos estalidos das armas sendo engatilhadas. O'Connell estava positivamente ansioso para fazer algo, respirando como um touro pronto para atirar.

Dei uma olhada em seus camaradas nativos quando subi a bordo - disse Wauchope apontando o cachimbo para o intérprete. - O pingente em sua orelha é uma moeda romana, você sabe. Você se lembra de quando éramos cadetes e eu o levei para ver uma coleção no Museu Britânico? Ela está muito gasta, mas acho que é da época da República Romana, possivelmente Julio César.

Você as encontra ao redor de Bangalore, e mais adiante ao sul - disse Howard. - A aia indiana de Edward tem uma, uma moeda de ouro. Disseram-me que os romanos as trocavam por pimenta.

Quem é ele, em todo caso, nosso amigo *Kóyal* - Wauchope o apontou novamente com o cachimbo.

É um *muttadar*, um chefe local de Rampa, a aldeia que dá nome ao distrito. Ele conserva uma espécie de ressentimento contra Chendrayya, o líder da revolta. Ramaya age por motivos egoístas. Uma vez satisfeito nesse ponto, retribui com seu tempo e trabalho muito zelosa e incansavelmente, quando está suficientemente sóbrio. - Howard abaixou a voz. - Ele é também um *vezzugada*, um feiticeiro. Os *Kóya* não sabem nada sobre a religião hindu. Eles adoram divindades próprias, antigos deuses dravidianos, deuses e deusas animistas. Tigres, hienas, búfalos. Às vezes as divindades se apossam da pessoa, que é conhecida então como *konda devata*. Os sacrifícios são feitos para uma divindade pavorosa chamada Ramaya. O bambu oco que ele está segurando, supostamente contém uma espécie de ídolo, o supremo *vélpu*. Ele o chama de Lakkála Rámu, e diz-se que é decorado com olhos de olivina e lápis-lazúli. Ele não o mostra para ninguém. Supõe-se que seja guardado numa caverna sagrada, um santuário perto da aldeia de Rampa, para aplacar a divindade. O *muttadar* tirou-o do santuário quando escapou de Chendrayya e veio até nós. Mas agora a divindade precisa do ídolo de volta, e parece que está ficando agitada. Nossa parte do acordo é ajudar o *muttadar* a repor o ídolo no lugar.

Você vai manter a promessa?

É claro. Precisamos instilar medo entre os rebeldes e confiança entre aqueles que mostram boa disposição em relação a nós.

Concordo.

Houve uma súbita comoção e uma imprecisão, e uma escotilha no porão se abriu atrás deles. Um cheiro indescritível saiu de lá, seguido de um homem vigoroso, despido até a cintura, usando apenas um lúgubre avental

manchado. Era poucos anos mais velho que os dois subalternos, da mesma idade do sargento O'Connell e, como ele, ostentava costeletas compridas, que estavam na moda na geração passada.

Cirurgião Walker - disse Howard, olhando preocupado para o homem. - Como vão as coisas no buraco negro?

A maior parte dos homens passaram por repetidos ataques de malária, e todos estão num estado muito debilitado. - Walker falou com as consoantes fortes de seu local de origem, Kingston, no alto Canadá, e seis anos na Queen's University em Belfast. Há sérias consequências: o baço aumentado, anemia, paralisia parcial, extrema magreza, desordens de estômago e intestinos, e outras enfermidades de natureza grave. Muitos deles estão passando pelo estágio agudo de paroxismo febril, é doloroso ver seus sofrimentos e angústias.

E esse cheiro ruim?

Realmente. É uma erupção cutânea pútrida singular. - Walker enxugou no avental algo desagradável que havia em sua. - Estou aqui para tomar um pouco de ar fresco. O tenente Hamilton já voltou?

Howard sacudiu a cabeça e tirou o relógio do bolso. - Ele já está fora há vinte e quatro horas, agora. Não deve ter provisões para muito mais tempo. - Virou-se então para Wauchope. - Um dos homens *muttadar* nos informou que Chendrayya tem sido visto na aldeia Rampa, cerca de treze quilômetros a nordeste daqui. Mandeí Hamilton com o que restava da Companhia G, somente vinte e dois homens. Era um risco, mas raramente encontramos os rebeldes em bandos de mais de dez ou vinte. Até agora, quer dizer.

Vamos esperar que Hamilton não vá para aquela área de terra. - Murmurou Wauchope, apontando com a cabeça na direção da margem do rio.

Howard resmungou. - Só desejo que ele não tenha levado o infernal Bebbie com ele.

Quem?

O comissário assistente para as Províncias Centrais. - Howard fez uma pausa tentando controlar seu temperamento. - Porque o governo, na sua sabedoria, decidiu que esta é uma ação policial, e todas as nossas incursões dentro do distrito tribal devem ser conduzidas por um oficial civil. Alguns são camaradas decentes, gente fina. O senhor Bebbie decididamente não é um desses. Ele proferiu uma palestra antes que nos puséssemos a caminho:

como o clima sempre vai impedir que este lugar tenha indústrias prósperas ou uma grande empresa comercial; como os *Kóya* são uma raça degenerada, mergulhada nas profundezas da ignorância e da superstição; como é seu dever ensinar-lhes o valor de uma obrigação moral e o nosso, de não repreendê-los pelo passado, mas inaugurar com eles um futuro melhor. Sua palestra foi uma magnífica exibição de linguagem, combinada com uma atroz perversão dos fatos. Falhou em esconder a verdade, que ele raramente se preocupou em vir aqui em sua jurisdição antes e está permanentemente prostrado, com febre. Nunca vi um espécime de líder de homens tão imprestável e perfeitamente inútil.

Tenho certeza de que Hamilton o manterá em seu lugar - murmurou Wauchope com um sorriso, encostando-se de maneira relaxada contra a lateral do barco e acendendo novamente seu cachimbo.

Nosso *muttadar* está convencido de que um daqueles homens lá adiante na margem do rio é Chendrayya, o líder rebelde - disse Howard. - Se for assim, Hamilton foi levado para dentro de um buraco de víboras por Bebbie. Eu disse para Bebbie não confiar em seu guia, mas se Bebbie não ia ouvir nem Deus todo-poderoso, o que dizer de um mero sapador subalterno! - Howard fechou os olhos, depois se lembrou de um artigo que tinha lido na longínqua Londres: *índia, pacífica e próspera desde a rebelião, sob o governo benigno da rainha Imperatriz*. Outra bala de mosquete estalou dentro da chaminé do barco. Ele abriu os olhos, fez um gesto de aquiescência para o sargento O'Connell e ergueu o braço esquerdo. Então, percebendo uma comoção no rio, rapidamente voltou a olhar atento pelo telescópio. - Não atirem! - gritou. - Acho que vi algo. - Todos seguiram seu olhar. Meia hora antes ele havia mandado para dentro do rio um pequeno barco a vapor, preparado para pegar o grupo que voltava, e agora eles estavam vendo o barco chegar, fazendo a volta pela curva de uma escarpa arenosa do rio, escondido da aldeia. Os quatro marujos indianos remavam furiosamente contra a corrente. No meio havia um grupo de sapadores *madrassi* com suas baionetas fixas, e na popa se via o capacete safári de um oficial britânico. Atrás deles na escarpa arenosa, homens vestidos com tanga e longos mosquetes materializaram-se fora da selva, e eles ouviram gritos e estalos dissonantes de mosquetaria. Uma fumaça branca se ergueu onde os rebeldes estavam atirando e juntou-se com a névoa sobre o rio, escondendo brevemente o barco e os rebeldes. Quando a fumaça clareou, os rebeldes



tinham ido embora da escarpa, e Howard captou um vislumbre do último deles correndo ao longo do banco de areia na direção da multidão na aldeia, brandindo seus mosquetes e gritando e entoando cantos. Poucos momentos depois o barco menor deu a volta para o lado protegido a sotavento do barco a vapor. Houve uma algazarra quando os homens desembarcaram e chegaram ao convés, abaixando-se rapidamente parapeito abaixo. Tinham um cheiro forte de suor e enxofre, e pareciam exaustos. Hamilton, o último a subir a bordo, dirigiu-se para onde Howard e os outros estavam. Ele tirou o revólver Adams e girou o cilindro, deixando cair a tira de cartuchos vazia. Suas mãos estavam tremendo, e seu rosto, manchado de resíduos gordurosos de pólvora. Parecia cansado, mas estava exuberante. Era o subalterno mais novo no efetivo militar de Madras, e essa era sua primeira amostra do objetivo final da classe militar.

Estávamos acampados para passar a noite, bem dentro da selva - disse ofegante, sentando no chão, enquanto recarregava o revólver. Sua voz estava rouca, e ele respirava fundo algumas vezes para controlá-la. - Nossos guias nos disseram que um bando de cem rebeldes estava numa aldeia próxima. Marchamos às três da manhã para surpreendê-los ao amanhecer. O guia nos levou para uma pequena clareira na frente da aldeia, onde fomos descobertos. Ele desapareceu e não o vimos de novo. Um tiro foi disparado em nossa direção, seguido de mais cinco ou seis em rápida sucessão. Organizei os homens em posição de luta e abrimos fogo contra os rebeldes, que rapidamente recuaram para a selva. Uma vez lá e conhecendo o caminho, eles tinham uma decidida vantagem sobre nós. Se pelo menos eles tivessem parado e lutado num lugar aberto, poderíamos ter acabado com essa rebelião em uma semana.

Isso acontece todas as vezes que tentamos prendê-los - murmurou Howard para Wauchope. - Continue.

Estávamos ficando sem munição. Eles tentavam atrair-nos mais para dentro da selva. Decidi bater em retirada, e depois de uma calmaria eles nos seguiram, mantendo um fogo cerrado sobre nós por todo o caminho. Algumas vezes era possível vê-los, quando corriam rapidamente de uma árvore para outra, o que nos possibilitava atirar em alguns deles. Por duas vezes fiz que os sapadores parassem e confrontassem os atacantes com fogo pesado, mas eles sempre se refugiavam atrás das árvores. No total, gastamos umas mil balas, mas com certeza acertamos somente dez. Quase sempre os rebeldes

foram confrontados dessa maneira, e saíram com poucas perdas entre mortos e feridos. Acho que se nossos homens usassem cartuchos com chumbo grosso, o efeito teria sido maior.

Howard concordou. - Muito bem. Coloque isso em seu relatório.

E qual foi a conta? - perguntou Walker.

Seus mosquetes não têm muita força para fazer estragos além de cinco quilômetros, aproximadamente. Um dos sapadores tem uma bala incrustada no crânio.

Vamos vê-lo, então. - Walker deu um sorriso meio mórbido e abriu uma algibeira, em seu cinturão, que continha fórceps e alicates, pegando os maiores e esfregando-os no avental. - Um ferimento de verdade depois da porcaria fedorenta lá de baixo.

Hamilton apontou para um sapador com uma faixa ensanguentada na cabeça. Em seguida se voltou para Howard e Wauchope, com os olhos brilhando febrilmente - Conseguimos, no entanto, uma pequena vitória. Fez um gesto de cabeça para o sapador parado atrás dele, que deixou cair um saco de aniagem, contendo algo pesado, aos pés de Howard. - Um rebelde chamado Tamman Dora. Nós atiramos nele ontem na aldeia. Um dos sapadores era um *Gurkha* e tinha uma faca curva. Aqui está a prova.

Santo Deus, homem! - Wauchope retrocedeu, segurando o nariz. - Isto fede a carne podre. Livre-se disso.

Hamilton chutou o saco para o lado, depois acocorou-se, olhando atentamente para eles. - Aparentemente ele era um dos líderes. Talvez seja exatamente disso que necessitamos. Mostrar qual é nosso negócio. - Ele virou rapidamente a cabeça para a margem do rio.

Quem lhe disse que ele era um líder rebelde? - Howard perguntou baixinho. - Seu guia?

Ele estava convencido disso. E o homem armou uma bela briga. Descarreguei meu revólver nele, e ele continuou vindo.

Você quer dizer o guia que o levou para dentro de uma emboscada? Ele não podia estar somente usando-o para pagar uma dívida antiga?

Hamilton olhou para o saco e depois novamente para Howard, perturbado. - Outra pessoa pode confirmar a identificação. Seu *muttadar*.

Você terá sorte se ainda houver alguma coisa identificável naquele saco - disse Wauchope.

Mantenho que nós matamos um líder rebelde - insistiu Hamilton.

Muito bem - disse Howard, franzindo os lábios. - Você deve escrever um relato para ir junto com meu relatório para o coronel Rammell, quando finalmente sairmos desta desgraçada margem de rio. - Ele fez uma pausa, ficou olhando para os sapadores, depois novamente olhou para o barco vazio. - Acabei de perceber. Está faltando alguém. Onde está Bebbie?

Eu ia falar nisso. Foi abatido pela cólera.

-Vivo?

Exatamente. Você sabe quão rapidamente ela pode arrebatrar um homem. Ele estava prostrado quando alcançamos um lugar para resistir aos rebeldes em um santuário perto da aldeia Rampa. Então, aconteceu a coisa mais curiosa. Ele pegou uma flecha *Kóya* e conseguiu cortar-se com ela. Pensamos que ele morreria por causa disso. Mas a flecha estava revestida com alguma espécie de pasta e não com o veneno habitual. Aparentemente, eles se picavam com ela. Em meia hora ele estava em pé novamente. Nós todos percebemos que os nativos parecem imunes às piores devastações da febre. Porém, mais tarde naquela noite, o efeito passou, e ele começou a delirar. Quando marchamos contra os rebeldes, ele insistiu em ficar em Rampa. Queria negociar com o chefe da aldeia. Deixei quatro sapadores com ele e a promessa de voltar. Era tudo o que eu podia fazer.

Confundir o homem - murmurou Howard furiosamente. - Se pelo menos ele tivesse falado com essas pessoas seis meses antes, nada disso teria acontecido. - Ele olhou para Hamilton. - Você terá que voltar. Não quero deixar nenhum dos sapadores lá. Diga ao seu *havildar* para pegar outra caixa de munição e dar a seus homens um pouco de água.

Entendido. - Hamilton fez um gesto para seu *havildar*, que compreendeu e se retirou imediatamente.

Se você precisa ir, agora é o momento - disse Wauchope languidamente, mostrando o rio com seu cachimbo. - Não acho que algum deles vá perceber sua partida. O vinho de palmeira está fluindo livremente.

Um de nós o acompanhará - disse Howard.

Hamilton se voltou para Howard. - Gostaria que você e Robert viessem. Seria uma oportunidade para Robert percorrer a região acima e conhecê-la um pouco. E há algo mais que quero que vejam. Robert, você tem uma queda por antiguidades, não é? E Howard, você não está sempre falando sobre línguas antigas?

Wauchope empertigou-se e limpou o cachimbo. - Você encontrou alguma coisa antiga?

No santuário, simplesmente tropecei na entrada por um momento, mas você terá que ver.

Houve um estalido vindo da praia, como o de um fogo de artilharia, mas diferente. Howard pegou seu telescópio e olhou atentamente. Os nativos estavam dançando ao redor do fogo, atirando dentro dele pedaços de bambu. O bambu estourava forte quando o ar se expandia entre os nós. Era um espetáculo de fogos de artifício, com as lascas flamejantes espalhando-se no ar como faíscas. Howard percebeu o olhar do sargento O'Connell e sacudiu a cabeça com veemência. Em seguida o ar foi invadido por uma sucessão de sons agudos. Ele olhou novamente. A dança se tornara subitamente frenética, acompanhada de batidas de tambor e sopros em chifre de búfalo. Um homem nu apareceu, com o corpo todo cheio de manchas pretas e brancas, conduzindo um filhote de búfalo na direção de um buraco perto da praia. O animal estava berrando e batendo as patas no chão. Atrás deles os dançarinos separaram-se e outro homem apareceu, vestindo apenas calças pretas de boca larga, mas carregando algo que realuzia em sua mão direita.

Chendrayya - murmurou Howard. - Exatamente como o *muttadar* o descreveu.

Ele está com uma *tulwar* - murmurou Wauchope.

O homem de calça preta levantou a mão direita, revelando a espada curva mais temida que todas as outras pelos soldados britânicos na Índia, capaz de cortar um homem em dois com um único golpe. Com um lampejo, a espada desceu de um lado e depois do outro atrás do búfalo, fendendo o ar. Por uma fração de segundo fez-se silêncio, e em seguida soou um berro terrível quando o filhote caiu, dobrando as pernas e deixando os pés atolados grotescamente na areia. O sangue jorrou dos vários membros cortados. Os dançarinos lançaram-se sobre o filhote como um bando de hienas enfurecidas, cortando pedaços de carne com facas ou com as mãos nuas. O sangue continuava jorrando e escorria para dentro de um buraco, e o coração do animal continuava pulsando, mesmo ele tendo sido cortado abaixo da caixa torácica. Então, as batidas dos tambores recomeçaram, lentas, insistentes. Os dançarinos se afastaram do massacre, com a cabeça e as mãos ensopadas de sangue e nelas seus troféus gotejantes, circulando lentamente ao redor. O *muttadar* na cobertura de proa começou a balbuciar de

maneira incompreensível, repetindo as mesmas palavras muitas vezes na linguagem *Kóya*, salivando e batendo a cabeça durante todo o tempo, desviando os olhos da cena na praia.

O que diabos ele está fazendo? - perguntou Wauchope.

*Meriah* - disse Howard um pouco mais que sussurrando.

*Meriah?* Você quer dizer sacrifício humano? Santo Deus!

Três homens foram empurrados até a beira do buraco. Sua pele era escura, vestiam farrapos de calças típicas da planície e tinham as mãos amarradas atrás das costas. Pareciam estupefatos, incapazes de manter-se eretos, e eram chutados nos joelhos pelo homem com o corpo pintado. Howard olhava com uma fascinação horrorizada. *Os guardas capturados*. Não havia nada que ele pudesse fazer.

*Siri* - gritou O'Connell.

Repentinamente, Howard viu algo mais. - Espere! - ele berrou. - Há mulheres e crianças ali! Suspenda o fogo!

Num instante a *tulwar* reluziu novamente. Duas cabeças voaram, e o sangue jorrou para dentro do buraco. O terceiro guarda caiu para a frente, gritando. O homem pintado lançou-se sobre ele e o empurrou para dentro do buraco, mantendo para baixo a forma que se contorcia no atoleiro de sangue, até que ela se imobilizou. Por um instante fez-se silêncio. Então o homem ficou em pé, de costas para eles, encarando Chendrayya, e ergueu os braços para fora, com sangue e muco escorrendo dos braços num diáfano reflexo vermelho.

Isso foi em nosso benefício - Howard murmurou para Wauchope. - Porque para ser um verdadeiro sacrifício *meriah*, a vítima tem que ser ritualmente preparada. Aqueles guardas foram executados. O que eles fizeram com o búfalo foi um sacrifício.

Você quer dizer que eles fazem aquilo com humanos também? - perguntou Wauchope, consternado, sua tranquilidade desaparecera.

Supostamente eles cortam suas vítimas com facas, deixando a cabeça suspensa num poste. Nenhum europeu já viu isso.

As batidas de tambores recomeçaram. O homem pintado, no buraco, puxou uma pesada peça de roupa, gotejante, sobre os ombros. Howard pôde ver que era uma pele de tigre, e estava encharcada de sangue. As primeiras gotas de chuva caíam sobre o convés do barco a vapor, e a fumaça dos fogos misturava-se com uma florescência que parecia subir da carcaça mutilada do

búfalo e do buraco sangrento ao lado. Chendrayya olhou para o barco a vapor, parecendo encarar Howard diretamente, depois se virou e caminhou até o banco de areia, ao lugar onde antes haviam erguido os três postes. Os frenéticos dançarinos à sua frente separaram-se, revelando um grupo de mulheres vestidas de branco ao redor de um dos postes. De olhos semicerrados, Howard olhou para a névoa que redemoinhava sobre o rio. As mulheres estavam brandindo ramos, e o poste exibia a imagem suspensa de um pássaro, um galo. Howard engoliu com dificuldade. Com uma sensação de enjoo, ele percebeu que deviam vir mais coisas. Três vítimas, uma para cada poste: oeste, meio, leste: pôr-do-sol, meio-dia, nascer do sol.

Isso não vai terminar logo - ele murmurou para Wauchope.

Um homem foi conduzido para diante da mulher, os cabelos raspados, enfeitado com guirlandas de flores, usando uma roupa branca limpa. Seu pescoço estava preso numa fenda de bambu, e ele já parecia meio morto, era impossível dizer se devido a um lento estrangulamento ou pela ingestão de muito suco fermentado de palmeira. Mãos ansiosas estendiam-se para pegar a baba que escorria de sua boca, esfregando-a no açafrão espalhado em seu próprio rosto. Ele foi arrastado em direção ao poste mais distante, fora dos olhares da multidão. A incessante batida lenta do tambor aumentou subitamente, transformando-se num crescente frenesi, e o grupo de mulheres ao redor do poste central se separou. Howard olhou e se sentiu mal.

Uma criança.

Um menino, não muito mais velho que seu próprio filho, foi acorrentado a um poste. Sua cabeça estava inclinada, a língua de fora, como a do homem, mas seu corpo estremecia, ainda vivo. Quatro das mulheres seguravam seus pequenos braços e pernas. O homem com a pele de tigre aproximou-se e pegou um pau como o cabo de um machado e bateu na cabeça do menino com ele, depois bateu em cada um de seus membros. Só que não eram golpes leves. Howard estava vendo tudo em câmara lenta, e à medida que sua mente repassava a cena, ele via cada um dos pequenos membros estalar e cair, quebrados como ramos de madeira seca. A mulher o largou, e o pequeno corpo ficou pendurado como uma boneca em farrapos da corrente que segurava seu pescoço. Uma corda amarrada no topo do poste foi puxada, e o galo começou a rodopiar, girando e girando, seguido pela mulher, que circundava o poste. Entre os vestidos que rodopiavam havia lampejos de lâminas mantidas em prontidão, reluzindo. O menino levantou a cabeça, e

Howard teve certeza de ouvi-lo chorar, o choro impotente de uma criança que parecia chegar até ele, parecia vir de seu próprio filho.

Era insuportável. Howard estendeu o braço e pegou o rifle Snider-Enfield de um dos sapadores de Hamilton, agachando-se perto dele. Havia um reparo por trás do receptor, um pedaço escuro de madeira, mas estava inteiro. Ele puxou o percussor para armar o cão, abriu com uma rotação rápida da mão direita o bloco da culatra, levou para trás o ejetor, e puxou para fora o pente de cartuchos vazio. Cuspiu no dedo e limpou com ele os resíduos de dentro da câmara, depois esfregou o resíduo preto fedorento no parapeito. Estendeu a mão para a bolsa de couro no cinturão do sapador e pegou o único cartucho que sobrara. Nesse momento, ele estava agindo sem pensar, todo o seu ser concentrado nos atos mecânicos da manobra. Deixou cair o cartucho dentro da culatra e empurrou-o para dentro, depois fechou o bloco. Ergueu o rifle até o ombro, apontando a mira para algumas polegadas abaixo de seu alvo. Com o polegar direito recuou o martelo, armando completamente o cão, e enganchou o indicador ao redor do gatilho. Fechou o olho esquerdo e ergueu firmemente o cano, até que a mira ficasse alinhada com o entalhe da alça de mira. Lentamente, de maneira quase imperceptível, pressionou o gatilho, sem nenhum outro movimento, com o olho fixo no objeto em sua visão.

Era um alvo, nada mais.

O rifle coiceou, batendo em seu ombro, mas ele parecia não ouvir som nenhum, como se seus sentidos tivessem se congelado um momento antes, imprimindo a imagem em sua retina como um negativo de fotografia. Tudo o que sentia era uma rápida vertigem, como se ele próprio estivesse se lançando violentamente a trezentos e sessenta metros por segundo em direção ao alvo. Piscou, e a imagem desapareceu. Seus ouvidos estavam ressoando, e tudo o que podia ver era uma nuvem de fumaça saindo da boca do cano, e depois uma grande confusão como um remoinho na praia. Ele deixou o rifle cair em sua base e balançou pesadamente para a frente sobre um joelho, tentando desesperadamente parar de vomitar. Ouviu um berro do sargento O'Connell e depois o imenso estrondo de uma saraivada de tiros que partia da linha de atiradores ao seu lado. Ele se voltou e viu o rosto de O'Connell curvado sobre ele, totalmente avermelhado, a própria imagem do demônio encarnado. Viu os lábios se movendo, depois ouviu a voz: - Isso deve bastar para você, *sir*. Malditos canibais. - Howard olhou em volta e viu

Wauchope olhando fixamente para ele. Ele respirava com dificuldade. *Ele deve permanecer no controle.* Endireitou-se e olhou para O'Connell. - Vamos ter que pagar o diabo se causarmos um massacre, sargento. As autoridades civis nos levarão acorrentados para fora daqui, Só podemos atirar se atirarem primeiro em nós. Confio em você para exercer prudência.

- O senhor acabou com o sofrimento daquele menino, senhor - disse O'Connell. - Foi preciso uma imensa coragem para fazer isso, senhor. Deus o abençoe.

Sentindo que ia desmaiar, Howard voltou rapidamente para o parapeito, mantendo-se firme. Wauchope tirou seu revólver, girando o cilindro para verificar se as câmaras estavam carregadas; colocou-o de volta no coldre e apoiou a mão no ombro de Howard. - Agora chegou o momento de irmos encontrar nossos sapadores e Bebbie - ele disse baixinho. - A saraivada de tiros de O'Connell derrubou os selvagens que estavam suplicando o menino, mas o líder rebelde e o resto deles já estavam se dirigindo para as outras duas vítimas. Temo que o sacrifício tenha se realizado. Os rebeldes beberam em demasia aquele suco fermentado de palmeira e não nos verão partir. Eles estão completamente embriagados.

Walker chegou do lugar onde ele operara o sapador ferido, enxugando as mãos no avental. - Aqueles que não estão totalmente embriagados irão para casa com suas tiras de carne - ele disse. - Eles precisam enterrar suas oferendas em seu próprio pedaço de terra antes que a noite caia, para assegurar a eficácia do sacrifício. Eles vão estar dispersos e separados em suas aldeias.

Hamilton olhou para Howard. - Então? - Howard tocou seu próprio coldre e olhou novamente para o outro lado do rio. Sua boca estava seca e o coração, palpitando. Ele não tinha certeza daquilo que acabara de fazer, ou se era um sonho horrível. Respirou profundamente e aquiesceu com a cabeça. - Muito bem. O *jemadar* e o tenente O'Connell podem cuidar das coisas aqui. - Olhou por algum tempo para o convés, para o *muttadar*, que estava agachado atrás do canhão de sete libras, agarrado a seu tubo de bambu. - E o *muttadar* pode vir conosco. Ele pode trazer sua carga preciosa. E mesmo se Bebbie estiver fora do alcance de nossa ajuda, pelo menos podemos manter a finalidade de nossa barganha. - Ergueu o olhar para a parede de nuvens negras que agora estava muito alta acima deles, e sentiu as gotas de chuva no rosto. - Já é hora de trazermos de volta aquele *vélpu*



sagrado para o lugar ao qual pertence. E levar nossos sapadores para fora daqui.

## Capítulo 6

O sargento John Howard puxou sua espada e descansou junto a um toco queimado de uma árvore de tamarindo. Observou que os doze sapadores de Madras haviam tomado posição ao redor da margem da clareira na selva e agora podia relaxar por um momento. Matou com um golpe um mosquito que o mordera através do fino algodão de seu uniforme, que estava ensopado de suor e grudado em seu corpo como uma segunda pele. A mancha de sangue em sua perna podia ter vindo do mosquito ou da miríade de pequenos cortes onde a grama da selva havia cortado seu rosto e os braços como uma faca. Estava agradecido ao cirurgião Walker por ele ter insistido em que protegesse as pernas e tornozelos com bandagens ou roupa grossa. Mesmo assim, sabia que qualquer ferimento aberto naquele local poderia significar uma má notícia, e ele esperava que estivessem de volta ao barco a vapor, sob os cuidados atentos de Walker antes que algum infeccionasse. Puxou o relógio de bolso. Faltavam quatro horas para o pôr-do-sol. Mais uma hora e eles voltariam. Sabia com total convicção que não sobreviveriam se tivessem de passar a noite na selva.

Guardou o relógio. Sua mão direita ainda tremia, a mão que puxara o gatilho menos de uma hora atrás, e ele apertou-a pelo pulso querendo que parasse. Com a outra mão levantou a aba do coldre e retirou seu revólver Colt, examinando o cilindro para ver se as cápsulas de percussão ainda estavam firmemente alojadas em cada câmara.

Você deve conseguir para uso próprio um revólver com cartucho, você sabe. - O oficial agachado ao seu lado estivera olhando para ele com preocupação, e Howard percebeu que Wauchope devia ter visto sua mão tremendo.

Meu pai usou este revólver para nos defender durante a rebelião - disse Howard. - Ele funcionou na época. Chame isso de superstição.

Se não fosse pelo barulho que produz, denunciando-nos, eu ficaria extremamente tentado a usar o meu naqueles cachorros - replicou Wauchope. - No Afeganistão, vi um bando de cães de caça arrebenar um homem ferido em pedaços em poucos segundos.

Howard recolocou o revólver no coldre, depois olhou ao redor da clareira. Estavam num trecho de arbustos e espinheiros emaranhados que já fora uma área nativa usada para plantação, abandonada depois que o solo se exauriu e que agora voltava a se transformar em selva. A intervalos, meia dúzia de cachorros se sentavam e ficavam observando-os silenciosamente, compridos, animais magros como os cachorros que o regimento mantinha para *shirkar*, caçar pássaros, lebres, esquilos e pequenos outros animais nas colinas ao redor do posto militar em Bangalore. Esses também eram cães caçadores e vinham caminhado silenciosamente ao lado deles desde que haviam subido da margem do rio e tomado o caminho para a selva, através de densos bosques de tamarindo com vinte e cinco e até mesmo trinta metros de altura, ornamentados com imensas trepadeiras e videiras, que gotejavam devido à condensação. Havia um silêncio sinistro durante todo o caminho, como se os animais e os pássaros da selva estivessem no limbo, sem ter certeza se a monção estava prestes a se abater sobre eles e se deviam esconder-se ou explodir em sua ensurdecadora cacofonia habitual. Ou talvez eles estivessem temerosos por causa de outra presença, os maus espíritos que o *muttadar* disse que espreitavam na selva depois de um sacrifício, esperando enquanto os nativos voltavam para sua aldeia com suas tiras ensanguentadas de carne, e que só se acomodariam depois que as oferendas fossem enterradas.

Howard, percebendo que estava preso nas garras de uma imaginação demasiadamente fértil, dominado por uma espécie de irracionalidade que ele mal podia controlar, fechou os olhos. Era o primeiro sinal de febre, talvez, um estado que não lhe era familiar. Olhou de novo para os cachorros e sentiu sua cólera aumentar. Cães caçadores, mas empanturrados de carniça do tipo mais bestial, com os focinhos ainda reluzindo, vermelhos e gotejantes. A multidão, com seus gritos agudos, havia deixado para eles, na margem do rio, os ossos e cartilagens, e os cães haviam ficado atrás, lambendo no atoleiro sangrento do buraco. Durante um momento horrível, Howard sentiu como se os cães estivessem ali por causa dele, como se seu ato ao puxar o gatilho não tivesse banido o pavoroso ritual mas o tivesse tornado parte dele, como se tivesse se tornado um sacerdote sacrificador que pudesse proporcionar outra festa horrível antes de terminar o dia.

- Não há esperança - disse Wauchope. - Um momento atrás fantasiei que vi o lampejo de um heliógrafo, mas deve ter sido um truque do olho, um

breve raio de luz do sol na vegetação molhada. Não há chance agora. - Ele começou a armar o instrumento à sua frente, um tripé de madeira com um pequeno espelho no topo e uma alavanca para incliná-lo e enviar uma mensagem em código Morse. Howard voltou à realidade e abriu seu compasso. Fez uma marcação, depois sacudiu a cabeça. A qualidade champanhe do ar da selva, registrada pelo tenente Everest sessenta anos atrás naquele local, só aparecia depois do dilúvio, e isso ainda não acontecera. Quando haviam parado na clareira dez minutos antes, uma tentativa de sinalização heliográfica tinha parecido possível, com os cumes das colinas encobertas ainda visíveis através da névoa nos vales. Mas naquele momento descera uma cerração pesada, e a umidade penetrava por toda parte, condensando até dentro dos canos dos rifles dos sapadores. Howard olhou para Wauchope. - Não fosse pela prodigiosa vegetação, o *Shamrock* ainda estaria em nossa linha de visão - ele disse. - Mas de acordo com Hamilton, de agora em diante vamos descer e entrar na selva, acompanhando um riacho até chegarmos a uma aldeia. Você até pode deixar o heliógrafo aqui. Ele não tem utilidade para nós.

Outra figura vestindo uma roupa cáqui e um capacete safári apareceu através da vegetação emaranhada, depois parou na beirada da clareira e pegou alguma coisa do chão. Seus olhos estavam marcados pelo cansaço, e Howard se perguntou se agira certo ao deixar Hamilton conduzi-los de novo a esse local tão em seguida à árdua fuga dos rebeldes. Mais uma vez, deixou que a raiva que sentia do assistente comissionado Bebbie fluísse através dele, a emoção sustentada que parecia mantê-lo em equilíbrio. Se tivesse sido somente Bebbie quem precisasse ser salvo, eles o deixariam para os tigres e hienas, mas o fato de estar com quatro sapadores para defendê-lo tornava imperativo que fizessem todo o possível para tentar resgatá-los.

Hamilton abaixou-se perto deles e encheu a mão de cartuchos Snider usados. - Este é o lugar certo. Foi onde paramos e disparamos uma saraivada de tiros - disse ofegante, com voz seca e rouca. - Nós derrubamos três, talvez quatro, mas eles pegaram os que caíram e fugiram correndo para dentro da selva. - Ele olhou atentamente para Howard, e seus olhos estavam estranhos, queimando, era o começo da febre. - Usamos rifles e baionetas do comprimento de alabardas, organizando táticas de infantaria projetadas para o campo de Waterloo. Precisamos de carabinas sem raias, de chumbo grosso, revólveres, facas. Devemos ir atrás deles dentro da selva, seguir

seus rastros, matá-los como os animais matam suas presas. Precisamos fazer o jogo deles, mas temos que ser melhores, deixar que o instinto animal supere a decência. Precisamos ser selvagens.

Howard olhou para ele. - Mais que tudo, é preciso encontrar o miserável do Bebbie e sair daqui. Você diz que não consegue escolher entre as trilhas à frente?

- Nós estávamos sendo pressionados para trás. Somente agora percebo que há três trilhas acima do vale para fora desta clareira. Teremos que seguir o *muttadar*. - Ele virou a cabeça na direção da figura seminua agachada sozinha à entrada da clareira, a cabeça envolta num turbante castanho que Bebbie havia lhe dado como sinal de autoridade do governo, tendo bem seguro nas mãos seu precioso tubo de bambu. Howard respirou profundamente e olhou firme para Hamilton. Talvez todos estivessem perdendo o juízo. Ou talvez fosse a febre. Ele viu os globos oculares amarelados, as faces empalidecidas. Lembrou-se das palavras do cirurgião Walker. *Uma febre baixa do tipo virulenta, demorada*. Sentiu um frio súbito, e um tremor percorreu seu corpo. Pediu a Deus que fossem apenas seus nervos. Olhou para Wauchope. - Muito bem. Diga ao *havildar* para manter os homens separados por cinco passos. Rifles com o cão meio armado. E lembrem-se, estas pessoas podem seguir nossos rastros como tigres.

Meia hora mais tarde eles se agacharam junto a um pequeno riacho escondido na selva. Desde que haviam deixado a clareira, vinham descendo por um túnel escuro formado por folhagens que bloqueavam qualquer vislumbre do céu. Era um local pestilento e infestado de nuvens de mosquitos que pareciam surgir de cada charco de água estagnada, aranhas do tamanho de um pássaro pulavam nos cabelos dos homens cada vez que um capacete era removido e sanguessugas espreitavam em cada ponto úmido e grudavam neles sem a menor hesitação. Agora era como se eles tivessem saído ao ar livre, com o céu visível acima deles exibindo nuvens escuras iluminadas por lampejos distantes de relâmpagos. Howard enxugou o rosto pingando suor e mergulhou o cantil de água dentro de uma poça repugnante no riacho. Subitamente, um tiro soou. Howard deixou cair o frasco e tirou o revólver do coldre, pondo-se de pé num salto. Hamilton estava parado alguns metros à frente, com seu próprio revólver apontado para o chão. Uma cobra gigante tinha deslizado até o caminho, e Hamilton tolamente atirou

nela. Howard o amaldiçoou baixinho por causa do barulho. E ela só fora ferida. A cobra saltou, ficou pulando e se retorcendo como uma dançarina demente, depois grudou na perna de um dos sapadores. O homem gritou e caiu inconsciente no chão. Hamilton tirou sua espada da bainha e decapitou a serpente. O *muttadar* gesticulou de maneira selvagem, depois desapareceu dentro da selva e logo reapareceu mastigando uma massa de matéria verde, que forçou para dentro da boca do sapador. Dentro de segundos o homem abriu os olhos, sentou-se de maneira ereta e começou a hiperventilar, com a respiração se acalmando enquanto dois outros soldados o seguravam.

Howard olhou atônito para a cena. Assegurou-se de que o sapador estava realmente se recuperando, depois recolocou o revólver no coldre e começou a encher novamente o cantil. O *muttadar*, que o observava fazendo isso, pulou e puxou sua mão, depois apontou para a faca *kukri*, a adaga curva, no cinturão de um dos sapadores. Howard olhou para ele de maneira zombeteira, depois fez um gesto de cabeça para o *havildar*, que fez sinal com sua grande pistola de percussão para que o *muttadar* fosse em frente. Ele pegou a *kukri* e foi até um bosque de grossos bambus que cresciam à margem do riacho. Deu umas pancadinhas de leve com o lado cego da faca naquele que se encontrava mais perto dele, logo abaixo do nó. Então deu um passo atrás e virou a *kukri* para o bambu, dando um golpe cortante de lado para evitar que se estilhaçasse. Uma quantidade de uma xícara cheia de água cristalina escorreu para o chão. Os sapadores logo se colocaram atrás dele, estendendo os cantis vazios enquanto ele ia de tronco em tronco, cortando habilmente com a afiada lâmina da adaga.

- Dê a água primeiro para o sapador Narrainsamy - disse Howard em hindi. - É preciso que ele consiga andar. - Ele observou o sapador que estava encostado numa raiz de tamarindo, para quem o *halvidar* estava passando um frasco de água. Howard olhava ao redor de maneira apreensiva. O som do tiro e o grito agudo haviam disparado um alerta na selva, e as poucas palavras cautelosas e os pios tornaram-se uma cacofonia explosiva de gritos altos, latidos e uivos. De algum lugar nas profundezas surgiu o ronco gutural de um tigre, que foi aumentando até tornar-se um rugido poderoso que sacudia o solo. Os cachorros que estavam com eles durante todo o tempo subitamente dispararam, ganindo freneticamente, e desapareceram na selva. Todos os sapadores largaram seu cantil e agarraram suas armas. O *muttadar* caiu no chão encolhido como uma bola, tremendo,

gemendo e cantando um mantra para si mesmo, palavras que Howard já o ouvira pronunciar.

Ele diz que se trata de uma *konda devata*, uma mulher possuída, com forma de um tigre - Howard murmurou para Wauchope. - Ela devora qualquer um que esteja na floresta por ocasião de um sacrifício. É ela que irá lamber o sangue das vítimas sacrificiais, não os cachorros.

Um tigre de verdade já é suficiente para mim - resmungou Wauchope, segurando o revólver.

Feitiçaria e superstição - disse Howard em hindi, acenando severamente para o *havildar* e dizendo algumas palavras de confiança para os sapadores que ficaram com medo. Ele se lembrou de sua própria imaginação nervosa lá na clareira, na selva, mas procurava se fortalecer. Dispersar o medo, pois todos dependiam dele. Olhou para o leito do riacho e depois para Hamilton. - Você reconhece este lugar?

Hamilton fez que sim. - Nós deixamos Bebbie e os sapadores cerca de oitocentos metros acima daqui. O riacho estava quase seco quando eles chegaram lá embaixo, mas é uma passagem estreita, e seu desfiladeiro estreito se transformará numa torrente com a chuva. A selva de todo lado é impenetrável. Você pode ver o céu através da cobertura de folhas. Ele está praticamente negro. Precisamos sair daqui.

Howard conduziu-os para diante. De início, o declive estava razoavelmente aplainado, e o leito do rio era firme, formado de areia e pedras. Aqui e acolá afloramentos de profundos arenitos vermelhos emergiam de cada margem, e musgos gigantes e matas de samambaias os forçavam a lutar para subir na borda e descer de novo para o leito do rio. Quando o declive aumentou, o leito do rio se transformou numa pequena ravina, as margens de arenito de cada lado se elevavam cinco metros ou mais acima de suas cabeças. Eles agora podiam perceber evidências de monções anteriores, quando o rio espancara a rocha ao se transformar numa torrente feroz, deixando árvores desenraizadas e empurrando as pedras para dentro do leito. Àquela altura, as margens de arenito estavam muito altas para serem galgadas, e Howard sabia que eles não teriam chance se a monção começasse. Já havia lampejos de raios em ziguezague e estrépitos distantes de trovões. Os animais selvagens pareciam estar uivando em harmonia com os elementos, algumas vezes destoando, outras, na mesma

pulsação, como uma orquestra afinando os instrumentos, um preâmbulo da tempestade que certamente viria.

Howard tentou ignorar seu medo, esforçando-se para andar algumas jardas adiante dos outros. Ao passar em torno de uma pedra grande, arredondada, algo desceu rolando da margem lamacenta bem à sua frente. Era uma cabaça vermelha do tamanho de uma cabeça humana, e ele a chutou para diante instintivamente. Ao fazer isso, percebeu que havia algo diferente nela. Jogou-a para frente, virou-a, depois rapidamente enfiou o pé dentro dela antes que os sapadores pudessem vê-la. Havia uma representação grosseira de um homem pendurado numa forca. O *muttadar* tinha lhe falado sobre isso. Significava mais do que simplesmente um aviso. As cabaças eram sinais de advertência para o *kunda devata*, destinadas a atrair os espíritos malignos como a carne podre atrai a hiena. O coração de Howard estava disparado, e ele, piscando por causa dos pingos de chuva, olhou lá no alto para a parede impenetrável da selva acima da margem do rio. Não enxergava nada. Mas não era apenas um tigre que os espreitava. Estavam perto da aldeia, e havia outras formas na selva, que passavam rapidamente. Ele olhou à frente, ao longo dos seixos, para o lugar onde o leito do rio dava saltos, e fantasiou que via uma criança, uma forma enrolada num xale, de braços estendidos, acenando para ele. Prendeu a respiração. *Deve ser alucinação*. Lembrou-se da cena na margem do rio, o que ele havia feito, e a imagem desapareceu. Fez um esforço para ir adiante, até alcançar a base da correnteza. Ela já estava chegando perto deles, uma torrente de um tom vermelho amarronzado quando passava pelos arenitos. Duas árvores recém-caídas de cada lado estavam soltando uma seiva vermelho-escura que manchava as margens. Era como se ele estivesse andando em uma torrente de sangue. Ele se perguntou se estaria sendo arrastado para dentro de um mundo de feitiçaria e horror que ele passara a fazer parte ao puxar aquele gatilho, e meio que caiu para a frente, depois subitamente afundou até a cintura. Mas foi agarrado bem a tempo por Wauchope e Hamilton, que vinham atrás dele.

- Eu devia ter comentado - disse Hamilton, ofegante. - A cachoeira liquefaz o leito do riacho, e ele agora está como areia movediça. Vamos ter bastante dificuldade para sair daqui. Debaixo do bloqueio causado pela folhagem e galhos secos há uma armadilha mortal.

Estamos perto? - perguntou Howard, esforçando-se para manter-se calmo.



Fica logo depois da cachoeira. Há uma ponte, e em seguida pegamos a trilha que vai da aldeia até o santuário. Deixamos Bebbie e os sapadores numa clareira bem na frente dele.

Estamos sendo seguidos - disse Howard.

Aquela cabaça? Eu o vi olhando para ela - disse Wauchope.

Por que eles não nos matam? - perguntou Hamilton. - Eles podem abater-nos como porcos num matadouro.

Howard olhou para o *muttadar*, que vinha correndo pelos seixos com uma agilidade natural e havia se materializado silenciosamente ao lado deles, segurando firme seu precioso tubo de bambu. - Acho que é o *muttadar*. Ele é feiticeiro, e embora os rebeldes saibam que ele os traiu, talvez haja algum tipo de feitiço que os impede de causar-lhe dano.

O ídolo? - perguntou Wauchope.

Howard fez que sim. - Esta é a única razão pela qual ele está aqui conosco, e nos conduziu até aqui. Ele se aterroriza tanto quanto essas pessoas com os demônios da selva, o *konda devata*, mas creio que ele sabe que lhe darão passagem livre para voltar ao santuário e colocar no lugar o que retirou de lá. E como nós ousamos entrar na selva em meio aos espíritos que assombram o local depois do festival, eles podem pensar que nós próprios temos alguma espécie de poder sobrenatural.

Eles são selvagens completamente irrecuperáveis - murmurou Hamilton, com o o rosto agora afogueado por causa da febre. - O único poder sobrenatural que conseguirão de mim é uma saraivada de chumbo de nossas Sniders.

Segure isto. - Wauchope estendeu para Howard a ponta de uma corda que ele havia retirado da mochila de um dos sapadores e saltou para a pedra grande que rolara para a base da cachoeira. Pôs a espada de lado, para desimpedir o caminho, e foi escalando agilmente, de pedra em pedra, permitindo que a corda se desenrolasse. Parou no topo, cerca de trinta pés acima deles, levemente visível no meio da névoa, e fez um gesto para que o seguissem. Durante os dez minutos seguintes todos eles subiram atrás dele, um por um, os sapadores com o rifle nas costas e de pés descalços. No topo havia uma pequena ponte de bambu acima do leito cheio de cascalho do riacho, e eles passaram por ela chegando a uma clareira rodeada por juncos emplumados. Cerca de cinco metros adiante, a selva começava novamente, se elevando sobre outro pequeno monte rochoso. O *havildar* gesticulou

subitamente, e um dos sapadores correu em direção a um pequeno grupo de companheiros, de baionetas preparadas, visíveis abaixo de uma pedra o outro lado da clareira. Um deles deu um súbito grito de aviso em hindi, mas era demasiado tarde. O sapador desapareceu sem emitir um som. Os outros se adiantaram cautelosamente. Hamilton e Howard na vanguarda, olharam atentamente para baixo.

Santo Deus, não - sussurrou Hamilton. - Eu sabia que havia isto aqui. Devia tê-los avisado. Não estou bom da cabeça.

Um som horrível, gorgolejante, veio de baixo, depois parou. Howard se inclinou, sentindo-se nauseado. *Uma armadilha para tigre.* O buraco era fundo, tinha pelo menos uns três metros, com estacas de bambu fincadas no chão. O sapador caíra sentado, e uma estaca havia penetrado em seu corpo até a nuca, atravessou o crânio, e a ponta ensanguentada foi sair trinta centímetros ou mais acima de seu turbante. A força do impacto quase o decapitou, e seu pescoço ficou esticado de maneira grotesca, o restante do seu corpo preso na cama de estacas como um espeto. Howard engoliu com dificuldade, depois se afastou para deixar que os demais sapadores olhassem. Levou o *havildar* para um lado e conversou baixinho com ele em hindi antes de se voltar para Wauchope e Hamilton.

Eu lhe pedi para recuperar o rifle e a munição - ele disse. - Eles querem retirá-lo dali e cremá-lo.

Esta será uma tarefa odiosa - murmurou Wauchope.

Eles não o deixarão aqui dessa maneira - disse Howard. Então se virou e caminhou para o outro lado da clareira, enquanto sua raiva crescia. Bebbie tinha agora mais contas para acertar. Mas quando se aproximou percebeu que eles estavam muito atrasados. Os quatro sapadores do destacamento, aqueles que Hamilton havia deixado para defender Bebbie, estavam ajoelhados e com as baionetas apontadas para fora ao redor de um grosseiro palanquim de bambu. Sobre ele havia um corpo meio coberto, empapado de suor, muito longe de parecer que estava vivo. Howard sabia com que crueldade a cólera podia devastar a aparência de uma pessoa, mas aquilo era demoníaco ao extremo. As faces estavam cinza, e a boca, com a língua para fora, cheia de sangue solidificado. Ele se aproximou. Algo não estava muito certo. Os olhos de Bebbie tinham sido nitidamente arrancados, somente para serem empurrados de volta de maneira grosseira. Quando Howard chegou perto,

segurando o nariz para não sentir o odor das fezes, teve a explicação. Havia um grande buraco no meio da testa de Bebbie.

O *havildar* seguiu Howard e falou rapidamente com os quatro sapadores e passou-lhes seu cantil com água, depois deixou que também falassem. Howard escutou, depois se voltou para Hamilton e Wauchope, com a raiva ainda palpável apesar do caráter horrível da cena. Ele empurrou o cadáver com o polegar. - Este tolo ordenou aos sapadores que fossem à aldeia Rampa para negociar com os rebeldes. Seu guia nativo havia lhe contado que o líder rebelde Chendrayya estava lá. Um dos sapadores foi através da selva até a entrada da aldeia para um reconhecimento. Ele viu pelo menos quatrocentos rebeldes reunidos, talvez mais. Acho que eles faziam parte do grupo que chegou pelo rio e que vimos se juntar com a multidão. O sapador retornou e relatou o que viu para Bebbie. Os sapadores tinham visto o que os rebeldes fizeram com os policiais capturados. Aqueles que vimos ser executados perto do rio não são as únicas vítimas. Mais dois foram assassinados aqui na noite passada, à vista dos sapadores, do lado de fora do santuário. Mas mesmo assim Bebbie ordenou ao sapador que voltasse à aldeia.

- Ele devia estar delirando - disse Wauchope.

-Você não conhecia este homem - disse Howard, rangendo os dentes. - Mas antes que eles pudessem ir foram atacados. Tiros foram trocados. Bebbie foi atingido e morto.

Wauchope se ajoelhou perto do cadáver e olhou atentamente para a abertura azul do buraco na testa. Ergueu a cabeça, levantando um enxame de moscas pretas da massa pegajosa embaixo. A parte de trás da cabeça estava despedaçada, e havia fragmentos de crânio espetados no chão. Ele ergueu o olhar para os outros dois oficiais. - Esta não é uma bala de mosquete - ele disse baixinho. - É uma bala Snider. No Afeganistão, eu vi o que nossos rifles fazem.

Howard olhou para o buraco e engoliu com dificuldade. Olhou para sua mão direita e viu que ela ainda estava tremendo. Pensou durante um momento e se voltou para dirigir-se ao *havildar* em hindi. Um assunto infeliz. De qualquer maneira ele não teria sobrevivido muito tempo com a cólera. - Diga aos outros para enterrá-lo lá mesmo. E garanta aos nossos sapadores que eles não serão mandados para falar com o inimigo.

*Sahib.* - *O havildar* dirigiu-se aos quatro homens, que assentiram com a cabeça e pegaram as pás dobráveis nas mochilas. Howard olhou de novo para o corpo com desprezo. - Se ele tivesse feito seu trabalho, esta rebelião nunca teria acontecido.

O rumor de que ele foi baleado irá se espalhar - murmurou Hamilton.

Uma bala de mosquete. É como os sapadores descrevem. Eles foram atacados. É o que será relatado - disse Howard com determinação.

Se você tiver a chance de fazer um relatório - disse Wauchope. - O que vamos fazer agora?

Howard subitamente se sentiu cansado, mortalmente cansado. Tirou o capacete e esfregou a barba curta. Recolocou o capacete e olhou atentamente para o céu ameaçador. - Saímos em vinte minutos. Os sapadores têm esse tempo para terminar as coisas aqui. Hamilton, por favor, encoraje-os. Robert, você e eu vamos visitar aquele santuário. Você disse que teve a impressão de ver figuras lá dentro, Hamilton? Entalhes, inscrições? No momento, tudo o que quero fazer é levar aquele desgraçado *vélpu* lá para dentro e dar o fora daqui. Não acho que o *muttadar* vá nos deixar ir embora sem que cumpramos nossa parte do trato.

Os dois homens deixaram Hamilton e os sapadores para trás, em meio à neblina, e se aproximaram do lado norte da clareira, onde o riacho fazia uma curva debaixo de outra cachoeira. Através do resplendor dos respingos d'água eles podiam distinguir três imensos seixos redondos, um dos quais formava uma espécie de telhado sobre os outros dois, com uma placa de rocha vertical bloqueando o espaço entre eles. O *muttadar* vinha seguindo-os, mas assim que o santuário surgiu ele arrancou o turbante e agachou-se no chão, murmurando e cantando para si mesmo na língua *Kóya*, com os olhos arregalados de terror. Howard se voltou e se ajoelhou ao lado dele, tentando persuadi-lo com bom-senso. - Ele sente o mais intenso terror por este lugar. Nada o induzirá a ir adiante.

Eu achava que este era seu templo - disse Wauchope.

Ele sabe que tem que devolver o ídolo, mas tem pavor da fúria do *konda devata*, o espírito do tigre. Ele diz que, em vez dele, nós é que devemos levar o ídolo para dentro.

Mas sem o ídolo, ele fica sem defesa. Certamente os rebeldes o matarão.

Evidentemente, ele teme os espíritos mais do que teme a morte.

Howard falou de maneira insistente com o *muttadar*, fazendo gestos na direção dos sapadores, mas o homem permanecia imóvel, olhando fixamente à frente como se estivesse em transe. Subitamente, com as mãos tremendo, ele pegou uma cabaça que trazia consigo e levou-a à boca, engolindo licor de palmeira como se fosse água. Howard estendeu a mão e arrancou o tubo de bambu da mão do *muttadar*, puxando-o, até que ele o soltasse. O conteúdo estava selado de ambos os lados com um material resinoso duro por cima de uma rolha de madeira. Howard ficou em pé e levou-o para Wauchope, que olhou para o tubo com curiosidade e perguntou: -Vamos abri-lo? - Logo ele ficará demasiado embriagado para se importar.

Howard olhou para o santuário. Achou que conseguia discernir a forma da cara de um tigre nos seixos, os olhos e as orelhas formados pelas ondulações da rocha. Ele sacudiu a cabeça. - Vamos acabar com isso. Eu lhe fiz uma promessa. Não vou tratar essa gente como selvagens.

E foram em frente. Viram um pequeno aposento de pedra à esquerda da entrada do santuário. Dois grossos troncos de bambu, formando uma espécie de varanda, serviam de apoio para um telhado de estacas e folhas de palmeira. Em frente havia uma linha de estacas cobertas com cabeças esbranquiçadas, algumas delas de tamanho prodigioso: elefantes, tigres, javalis selvagens. Atrás ficavam dois postes mais altos, enfeitados com plumas sujas. Entre os postes, no meio, estavam dependuradas duas massas enegrecidas, gotejando e supurando. Howard havia percebido um cheiro, mas pensou que fosse de Bebbie. Agora percebia que era o fedor doce e nauseabundo de uma putrefação mais antiga, e lembrou-se do que os sapadores tinham dito. *Os dois outros policiais*. Ele se forçou a olhar. Suspensas por cordas, abaixo dos cadáveres, havia facas girando lentamente. As cabeças estavam esmagadas e escalpeladas, os olhos haviam sido arrancados. Havia movimento no chão. Viu um rato saciado fugindo, arrastando uma indescritível massa informe de baixo de um dos postes. Ele se virou rapidamente, tentando não vomitar, e se aproximou de Wauchope, que estava de pé perto da placa vertical entre as pedras. - Precisamos ir embora deste lugar - ele disse com voz rouca e apoiando-se contra a rocha úmida, com a cabeça latejando.

Primeiro precisamos terminar aqui - murmurou Wauchope. Ele estava percorrendo com o dedo uma fenda em um dos lados da placa. - E uma pedra cortada. Um incrível trabalho artesanal. Quem teria feito isso?

Tente empurrá-la - disse Howard. Wauchope colocou a mão sobre a placa, e ela imediatamente girou para dentro. No interior havia uma passagem suficientemente larga para que ambos ficassem em pé lado a lado, mas mais além havia uma escuridão de breu. Howard tirou um recipiente de metal do bolso de seu cinturão e extraiu uma pedra de isqueiro e um pedaço de aço, produzindo faísca para acender uma corda coberta com parafina e usar como vela. Ele a ergueu, e foi imediatamente confrontado por uma grosseira gravura de um *litiga*, um falo. Howard levantou mais a vela. Em todo lugar ao redor havia outros emblemas, inscrições grosseiras, figuras feitas com linhas e pontos como a que ele vira na cabaça quando estava na ravina. Eles foram adiante. Mais à frente, podiam ouvir o som precipitado da cachoeira através das rochas. Wauchope tropeçou, e Howard estendeu o braço para segurá-lo, deixando cair o tubo de bambu com estrépito ao agarrar Wauchope. Quando Wauchope se endireitou, ele ergueu o bambu. Um dos lados estava estilhaçado, e ele pôde sentir algo dentro dele como um papel. Agachando-se, viu no que Wauchope tropeçara, uma depressão não muito funda no terreno, como uma bacia cheia de líquido, parado e escuro, com um leve odor metálico. Ele ergueu a vela sobre o local e viu seu próprio rosto refletido, brilhando com uma profunda aura vermelha. Depois se lembrou do que o *muttadar* tinha lhe dito. - O sacerdote prediz o futuro em uma tigela de sangue. - Olhou novamente, mas viu apenas a chama amarela da vela. Seu olhar se deslocou ligeiramente, e então ele viu algo, ofegou, deixou o cilindro cair de novo e deixou sua mão direita cair pesadamente dentro do líquido. Era grosso, coagulado e quente. Puxou a mão para fora e sacudiu-a fortemente, espalhando gotas vermelhas pelas paredes do túnel, depois a limpou no uniforme. - Acabo de ver as aparições mais medonhas -, ele disse com voz rouca. - Tigres, demônios, escorpiões.

Eles estão no teto, acima de você - disse Wauchope.

Howard ergueu a vela e olhou para cima. - É claro. - Eram gravuras feitas na rocha. Ele vira o reflexo delas. Respirou fundo e olhou atentamente adiante. - Deve ser ele, o próprio santuário. Parece haver algum tipo de altar no centro. - Ele pegou o bambu novamente e parou cuidadosamente além da bacia. Através da luz bruxuleante da vela, viu figuras mais arredondadas, esculturas em relevo, máscaras e membros balançando. - Estas eu reconheço - ele murmurou. - Minha aia indiana costumava me levar para templos em cavernas como este lugar quando eu era criança, em Bihar. Esta é Parvati,

esposa de Shiva. E Vishnu, atravessando a parede, vencendo um demônio. - Ele se moveu para a frente dentro da câmara principal, onde mal se viam as paredes à luz da vela. - Mas estas são diferentes. Parecem figuras de guerreiros. Preciso examiná-las mais de perto.

Pode me passar a tocha? - Wauchope tinha se agachado ao lado da estrutura que ficava no meio, como um altar, uma forma retilínea de pé, que nitidamente tinha sido esculpida na rocha viva. Howard cuidadosamente lhe passou a tocha. Wauchope segurou-a junto a um lado da pedra.

Santo Deus!

O que é?

É uma inscrição. Consigo lê-la.

Em que língua?

Wauchope não respondeu. Howard observou a trajetória amarela da luz indo rapidamente de um lado a outro da lateral da rocha. Ele só pôde distinguir formas, inscrições esculpidas. No meio do caminho ao longo da quarta fila a tocha crepitou e se apagou. Eles estavam numa quase escuridão, e a única luz era um cinza escuro que vinha da abertura da entrada. - Depressa - disse Wauchope de maneira excitada. - Acenda uma luz, acho que consigo ler uma das linhas. - Howard colocou o bambu perto do altar e apressadamente tirou sua pedra de isqueiro e o pedaço de aço, atritando-os repetidas vezes no ar úmido, até que uma faísca acendeu a corda. Ele a protegeu com a mão, esperando que surgisse a chama, e passou-a cuidadosamente para Wauchope. Ele aproximou a chama oscilante da rocha e moveu-a para a frente. A chama da tocha atingiu seus dedos, e ele a deixou cair, gemendo de dor. Ouvia-se um chiado quando a corda atingiu o chão molhado, e eles ficaram no escuro novamente.

Acabou-se - disse Howard. - E então?

Wauchope ficou calado. Howard via sua silhueta acariciando a mão, silencioso como um bloco, e olhando cegamente para a pedra. Em seguida, Wauchope virou-se na direção dele, e Howard só pôde distinguir seu rosto barbudo na fraca iluminação que vinha da entrada.

Está em latim. *Sacra iulium sacularia*. Guardião da joia celestial. Há mais, mas isso foi tudo o que pude discernir.

- Já ouvi isso antes - sussurrou Howard. - Alguma lembrança de minha infância. Das histórias de minha aia indiana. A jóia celestial. A jóia da imortalidade.

Ouviu-se um imenso estrondo vindo do lado de fora, depois um estampido de trovão. O raio iluminou o interior do santuário como um lampejo de pólvora, revelando por um instante uma massa de figuras que, subindo e descendo, pareciam estar se amontoando sobre eles, deuses e deusas, demônios e tigres de olhar furioso, rostos contorcidos em agonia e medo, cavaleiros aterradores aparecendo indistintamente acima deles como o cavaleiro do apocalipse. Howard achou que via romanos. Legionários romanos. Experimentava a mesma sensação de quando estava na selva, antes da eclosão do barulho dos animais. Colocou a mão na testa, ela estava ardendo, e sua mão tremia. Ele se agachou ao lado de Wauchope, e eles começaram a voltar para a entrada. O barulho da cachoeira atrás dos seixos aumentara, e eles já podiam ver a chuva caindo forte, pingos gigantes invadindo o corredor. Howard percebeu que estava ouvindo algo mais, o som insistente de batidas de tambores, vindo de todos os lados, algumas vezes desencontradas mas depois firmes e rítmicas, como as que ouvira naquela manhã na margem do riacho. Sentiu medo. Olhou atentamente para o aguaceiro, procurando o *muttadar*, e então viu uma forma numa posição estranha, uma grande quantidade de flechas saindo dela e uma mancha escura escorrendo pela lama. A chuva estava desintegrando o corpo, que parecia estar desaparecendo diante de seus próprios olhos. Os dois homens rastejaram de volta para a câmara principal. Howard puxou seu revólver, e Wauchope fez o mesmo. Eles se ajoelharam no espaço confinado, e apertaram-se as mãos.

Deus esteja com você - disse Howard.

Se jamais sairmos daqui, este lugar será nosso segredo - replicou Wauchope. - Eu vi algo mais naquela inscrição.

Se corrermos bastante até aquela rocha onde deixamos os sapadores, podemos conseguir chegar lá.

Então voltaram para a entrada. No escuro, Howard alcançou o topo da placa do altar e ergueu algo que vira antes, uma manopla de metal larga e comprida, com um punho em forma de cabeça de tigre, uma lâmina enferrujada projetando-se para fora da boca do tigre. Tocou o botão do punho de sua própria espada, depois, pensando melhor, deslizou a mão direita para dentro da manopla e envolveu com os dedos a barra horizontal dentro dela. A cabeça do tigre se parecia com a imagem que ele vira nos seixos do santuário fazendo caretas, de olhos oblíquos. - Parece que a única



coisa de que eles têm medo são os tigres - disse Howard. - Se está dentro do santuário, esta coisa deve ser uma espécie de objeto sagrado. Pode ser que induza neles o temor a Deus.

- Tive a mesma idéia. - Wauchope pegou o tubo de bambu e o segurou à sua frente. - Você manteve sua parte do que foi combinado. Trouxe o precioso ídolo do *muttadar* de volta para o santuário. Mas acho agora que ele faz parte do passado, podemos tomar emprestado o ídolo por mais algum tempo. Se os rebeldes virem que ainda o temos, podem se manter à distância, como fizeram antes.

Em meio ao barulho da chuva e batidas dos tambores, eles ouviram o estrondo de balas do Snider, depois gritos. Howard respirou fundo. Pelo menos os rebeldes não seriam capazes de usar seus mosquetes na chuva. Um estrondo imenso os sacudiu subitamente, e dessa vez não era um trovão, mas as nítidas reverberações de um terremoto. Eles se abraçaram. Em algum lugar atrás deles havia o som de rocha caindo, e o seixo acima deles parecia estar se deslocando. Howard se lembrou do rugido do tigre e se perguntou se ele estaria lá fora, esperando. Lembrou-se também do filho. *Ele se lembrou do que havia feito.* Armou o cão do revólver e segurou a espada já preparada. Por uma fração de segundo sentiu-se separado do seu corpo, como se ele estivesse atrás observando eles dois andando para a frente, desaparecendo sob o véu da chuva e entrando na história. Respirou profundamente, e olhou para Wauchope. - Vamos fazê-lo.

# Capítulo 7

Baía de Bengala, Índia, hoje

Jack, com a mão esquerda, puxou a cana do leme do motor de popa em sua direção, trazendo o costado do *Zodiac* para a praia e desacelerando. À frente deles, logo atrás do contorno da costa, ficava o sítio romano de Arikamedu. *Romanos, no sul da Índia*. Isso parecia virtualmente inconcebível, num ambiente completamente em desacordo com todos os preconceitos da história clássica. Jack voltou bruscamente à realidade. A ondulação onde haviam ancorado os pegou de surpresa em um redemoinho de espuma e esteira, e o barco foi arremessado de lado na onda comprida que vinha da baía de Bengala. Costas estava sentado na plataforma flutuante no lado oposto ao de Jack, e Hiebermeyer e Aysha agarrados no outro lado, um pouco mais adiante. Rebecca, de cócoras na proa, segurava uma corda para salvamento marítimo, com o cabelo preto flutuando ao vento. Todos vestiam macacões de sobrevivência cor de laranja do IMU e coletes salva-vidas. Jack olhou atentamente para a praia ornada de palmeiras, agora distante apenas algumas centenas de metros, e viu a onda comprida se erguendo sobre os baixios. Acionou o acelerador, e o motor Mariner de sessenta cavalos-vapor, elevou-os ao longo da crista da onda, empurrando-os de novo para águas mais profundas enquanto eles se dirigiam para o sul, paralelamente à costa, e deixavam a forma cinzenta do *Seaquest II* muito para trás.

- Deve ser ali, lá adiante - gritou Costas acima do barulho. Ele fez um gesto em direção à praia com a sua unidade GPS, enquanto se segurava numa corda fixa ao redor da plataforma flutuante, com a outra mão. - Parece ser uma via de acesso para o rio.

Jack concordou com a cabeça e desacelerou novamente, virando o barco em direção à terra e manobrando entre duas zonas de ondas de arrebentação que assinalavam o recife exterior a cerca de duzentos metros da praia. O mar se acalmou, e ele desligou o motor. - Devemos ficar bem se nos mantivermos no canal entre as bóias, mas permaneça muito vigilante do

lado da proa. - Rebecca aquiesceu. Pela primeira vez desde que haviam deixado o *Seaquest II*, Jack se permitiu relaxar e olhar ao redor. Eles tinham passado pelo moderno porto de Pondicherry e pelas ruínas da antiga Companhia das Índias Orientais aproximadamente vinte minutos antes, e estavam agora fora do baixo contorno da costa, com sua margem verde e densa, que continuava por cerca de trezentos e vinte quilômetros em direção à extremidade sul da Índia, até a margem do estreito Palk, de onde tinham saído cedo naquela manhã, no *Seaquest*. Jack acelerou ligeiramente. Passaram por um barco com uma vela triangular latina *nava*, onde um menino nu estava parado na popa, inclinado sobre o braço do remo do leme. Os olhos escuros de um pescador seguiram os de Jack quando eles passaram, no entanto, ele continuou ajogar e puxar sua rede. Rebecca colocou a mão para fora de estibordo, e Jack empurrou a cana do leme para o ancoradouro, olhando para ver onde a água se tornava rasa. Seu destino mal se distinguia do restante do contorno da costa, uma água represada que formava um plácido canal dentro do mar, no entanto, levava a um dos sítios arqueológicos mais extraordinários da Índia. Jack sonhava desde criança estar ali e no lugar na selva que ele planejava visitar mais tarde. Estava tremendo de excitação. Olhou de novo para o *nava*, agora emoldurado pela vastidão da baía de Bengala. O sol dava à água uma coloração parecida com o aço, e ela parecia morosa, pesada como mercúrio; o reflexo do *nava* oscilava em câmara lenta com o remanescente da onda comprida.

Jack passou para Costas a cana do leme, depois girou e olhou o sol a leste, erguendo a cabeça para ele e estreitando os olhos. Essa era outra imagem extraordinária desse local. Em algum lugar por lá se situava Chryse, a terra do ouro. Jack se lembrava das palavras do *Periplus*, escritas dois mil anos antes por um homem que estivera nesse mesmo lugar, que virara para o leste, como Jack fez, ponderando sobre o que devia haver além. Jack espreitou novamente o *nava*. O que ele vira, aquele grego egípcio que fora para lá tanto tempo antes? Teria ele próprio visto o *kolandio-phônta* sobre o qual escrevera no *Periplus*, os grandes navios que desciam pelo Ganges? Teria ele visto outros navios que vinham de Chryse atravessando o oceano, navios com velas muito altas adornadas com fitas e dragões na proa, navios carregados com fardos de seda e decorações vistosas inenarráveis que eram emissários de um império guerreiro tão grande quanto a própria Roma?

- Estou desligando o motor - disse Costas. - Não confio nestes lugares rasos. - A água clara do oceano tinha dado lugar a uma lama marrom quando eles entraram no fluxo do rio. Jack concordou com a cabeça, olhando para um mapa de material laminado preso numa prancha na frente deles que mostrava a localização do sítio arqueológico. - Faltam somente cerca de duzentos metros ao longo do rio, no lado sul do canal. - Costas se ergueu e travou o motor na viga de popa, e depois pegou um remo de pá larga no lado em que estava do barco. Jack pegou o outro, mergulhando a lâmina na água escura, sentindo seu calor. O único som que se ouvia agora era o distante bramido das ondas de arrebentação e o sussurrar do vento entre as palmeiras. Eles passaram por uma península de areia que assinalava a entrada do rio e penetraram num canal com menos de quinze metros de largura. A margem do rio era uma mistura de verde e vermelho, uma profusão de primaveras e um estranho mangue e limoeiros aparecendo entre os coqueiros. Subitamente, começou a fazer calor, um calor seco, intenso, e ambos fixaram os remos e imitaram Hiebermeyer e as duas garotas, baixando o macacão até a cintura. Flutuando, passaram por uma linha de *navas* com peixes secando dependurados em cordas como luzes, e depois um grupo de mulheres banhando-se e búfalos asiáticos domésticos na água, aparentemente indiferentes aos caranguejos violinistas (uma das noventa e quatro espécies existentes) e peixes anfíbios que nadavam entre eles. Era uma cena bela e lânguida, no entanto, também frágil e efêmera, num lugar varrido por ciclones e tsunamis, onde assentamentos duradouros só podiam se acomodar no interior, além da zona de perigo. Jack pensou novamente no *Periplus* e se colocou no lugar do autor cerca de dois mil anos antes. Não era apenas a visão do leste que era tão sedutora. A visão do interior, além das filas de palmeiras, também era tentadora e ameaçadora. Os primeiros gregos e romanos ali eram como os primeiros exploradores europeus, à beira do desconhecido, milhares de quilômetros de selva, montanha e deserto. Tudo o que eles sabiam era que em algum lugar ao norte ficavam as terras alcançadas por Alexandre, o Grande. No entanto, eles tinham ido para lá não para colonizar ou conquistar, mas para negociar — exatamente da mesma maneira que os portugueses, franceses e britânicos fariam mil e quinhentos anos mais tarde — com civilizações tão antigas e sofisticadas como as do Egito e do Mediterrâneo.

Jack remava com cuidado, levando o *Zodiac* para a margem oposta do rio, e bateram contra um molhe de madeira. Um homem magro e vestido de maneira asseada estava parado, observando-os. Usava sandálias, shorts e uma camisa cáqui aberta no pescoço, com as insígnias do Levantamento da Índia nos ombros. Dois outros homens se aproximaram, pegaram a corda que Rebecca lhes estendeu e ajudaram Aysha e Hiebermeyer a sair do barco. Eles despiram o macacão de sobrevivência, e sem dizer uma palavra, Hiebermeyer pulou em direção à borda de uma vala de escavação, com o suor escorrendo, levantando os shorts de tamanho fora do comum. Rebecca olhou para trás, para Jack, que fez um aceno, e ela e Aysha correram para alcançar Hiebermeyer. Jack sorriu para o homem quando ele e Costas subiram para a doca. - Você deve desculpar meu companheiro. Ele fica com a visão comprometida quando vê uma nova escavação.

O homem bateu os calcanhares e estendeu a mão. - Comandante Howard. É uma honra conhecê-lo, senhor.

Chame-me de Jack. Sou apenas um reservista. - Apertaram-se as mãos. - Você é o capitão Pradesh Ramaya?

Engenheiro do exército da Índia, servindo como auxiliar no Levantamento da Índia. Estou encarregado das escavações subaquáticas.

Obrigado por me mandar aquele mapa por e-mail - disse Jack, acabando de tirar o macacão de sobrevivência, revelando as calças e a camisa cáqui. Pegou sua velha mochila da caixa na proa do barco e pendurou-a no ombro, mantendo o coldre discretamente fora de vista. Fez um gesto para o lado e disse: - Costas Kazantzakis. Outro membro da marinha. Engenheiro também.

Aha! - disse Pradesh, com os olhos brilhando, apertando a mão de Costas. - De que área?

Robótica submarina - disse Costas. - Apenas um par de anos entre me formar e encontrar este personagem. E você pode esquecer o velho assunto da marinha. Raras vezes tive que usar um uniforme.

Jack lhe lançou um olhar estranho. - Exceto quando você pegou uma canhoneira em Shatt-al-Arab durante a primeira guerra do Golfo.

Eles me colocaram para fazer carreira com aeronaves. Um completo desperdício de minhas habilidades. Só estava matando tempo.

E ganhando uma Cruz da Marinha.

Olha quem fala! Um reservista. Serviço Especial de Barco? Deixe-me pensar. Aqueles pedaços de fitas em seu uniforme, Atlântico Sul, golfo Pérsico, Adriático...

Os pedaços de fitas que as traças não comeram, você quer dizer. É tudo história antiga.

É um prazer conhecer dois guerreiros tão distintos - disse Pradesh, sorrindo.

- Arqueólogos - replicou Jack com um sorriso.

Ele, não eu - retorquiu Costas. - De jeito nenhum. Sou apenas seu subordinado. Ao longo do trajeto. Para encontrar o tesouro no final. Ele terminou de tirar o macacão, revelando os sensacionais shorts havaianos. Pradesh olhou fixo e tossiu. Costas olhou parajackde maneira desafiadora, depois para Pradesh. - Você é daqui?

Sou da região do rio Godavari, cerca de trezentos e vinte quilômetros daqui indo para o norte. Para onde estaremos indo depois disso.

Quando telefonei do Egito para combinar esta visita, não fazia idéia de que havia qualquer conexão - disse Jack para Costas. - Mas quando Pradesh respondeu por e-mail e me disse que ele fazia parte do Grupo de Engenharia de Madras do exército da Índia baseado em Bangalore, mencionei meu bisavô.

Um retrato do coronel Howard ocupa um lugar de honra no refeitório do regimento - disse Pradesh.

Coronel? - perguntou Costas. - Achei que ele fosse tenente.

Mais tarde - disse Jack. - Vou falar sobre isso.

E o coronel Wauchope é um de nossos heróis mais reverenciados - disse Pradesh. - Seu trabalho com o Levantamento da Índia nos anos 1880 e 1890 ajudou a estabelecer a fronteira com o Afeganistão. É uma honra ajudá-los. Os oficiais no refeitório ainda levantam brindes a eles no aniversário de seu desaparecimento.

- *Ambos* desapareceram? - exclamou Costas para Jack. - Você mencionou que Howard desapareceu, mas *ambos*?

Mais tarde - repetiu Jack colocando uma mão no ombro de Pradesh e apontando para um esconderijo de equipamentos de mergulho sob um abrigo a poucos metros mais adiante na praia. - Estou ansioso para ver o que você tem feito aqui. Nós só temos uma hora e meia até a chegada do helicóptero.

Quarenta e cinco minutos mais tarde, Jack se levantou da mesa de trabalho sob o abrigo e largou o lápis. Ele e Costas haviam dado uma volta rápida pela escavação, passando por uma vala onde Hiebermeyer e as duas garotas estavam ajoelhados, no barro endurecido, tirando entulho com uma espátula, cercados por um grupo de estudantes indianos de arqueologia. Pradesh os levou de volta para a tenda com o equipamento de mergulho, enquanto Jack ficara tomando notas sobre o plano do local. Ele se voltou para Pradesh. - O material romano está sofrendo erosão no leito do rio. O local onde Hiebermeyer estava usando a espátula parece ser a extremidade de um grande armazém feito de tijolo de barro, mas acho que pelo menos metade dele desapareceu. Você conseguiu dois ou três metros de profundidade de água, e provavelmente muitos metros mais de sedimento enterrado. Ele deve estar cheio de artefatos, mas nenhum deles estratificado. Com o equipamento que vocês conseguiram, vão ter grandes problemas para escavar o local. É nisso que podemos ajudar.

Nós tentamos usar uma bomba de dragagem, mas o buraco se enche quase imediatamente e os mergulhadores não enxergam nada.

Costas? - perguntou Jack.

Costas desligou o rádio receptor fora da tenda. Ele entrou erguendo os óculos escuros e enxugando o suor da testa. - Estamos prontos para ir. Podemos usar o grande barco de plataforma flutuante do *Seaquest II* para trazer o equipamento para cá passando pelos lugares rasos.

Jack se inclinou sobre o plano e bateu com o lápis em diversos pontos. - Nós sugerimos que você providencie um caixão flutuante, uma cerca impermeável para circundar a área do leito do rio contígua ao local de terra - ele disse. - Você vai descarregar o sedimento peneirado para fora do caixão flutuante, o que significa que a água que está dentro permanecerá clara. Temos também uma peça de um equipamento desenhado por Costas que usamos pela primeira vez no mar Negro, como uma fôrma de cortar biscoitos gigante, de cinco metros quadrados, que se coloca na área do sedimento a ser escavado. Ela possui uma bomba de dragagem integral que se pode ir aumentando à medida que se escava mais profundamente, com o tubo de saída na praia, onde o sedimento pode ser peneirado em busca de pequenos achados e material orgânico. Posso trazer para cá dois técnicos para que permaneçam aqui como orientadores.

Porque Jack e eu vamos para o Havaí - murmurou Costas

Pradesh tossiu, olhando para os shorts. - Ah!, entendo. Férias?

Trabalho - disse Jack.

Pradesh olhou para os dois homens, depois sorriu. Então voltou a olhar para o rio. - Estou extremamente grato - ele disse. - Mesmo o menor achado neste lugar vale seu peso em ouro. E o leito do rio pode ser nosso tesouro encontrado. Agora, por favor, desculpe-me uns minutos enquanto conto isso para meu pessoal. - E se apressou na direção de um grupo de mergulhadores que estavam organizando equipamento no molhe, e Jack voltou-se para a principal área escavada do local. O que teria visto o autor do *Periplus* quando desembarcou nesse local, dois mil anos atrás? Era uma clareira na selva, à margem de um rio, uma área menor que um campo de futebol. Em sua imaginação, Jack via paredes feitas com tijolos de barro, ruelas estreitas, armazéns com tetos planos, uma fileira de ânforas romanas ao longo do desembarcadouro, engradados com cerâmica vermelha esmaltada da Itália. Arikamedu era como Berenike no mar Vermelho, mas funcional a ponto de ter se tornado um lugar empobrecido, sem templos, sem mosaicos, uma cidade de comércio de troca na beira do desconhecido, no entanto, um lugar que não correspondia ao enorme valor de bens que passavam por ela, onde cada fragmento de cerâmica preservada era a única evidência de um dos mais extraordinários empreendimentos do mundo antigo.

- Jack - Hiebermeyer chegou pulando, seguido por Aysha e Rebecca, pingando de suor. - Você se lembra de Ostia, o porto de Roma? A Praça dos Mercadores, com todas as pequenas lojas? É isto que temos aqui, esta construção tipo armazém. Ela é como um estábulo, com uma baia para cada comerciante, cada firma. E você não acredita que baia acabamos de encontrar. Aysha a descobriu.

Um estudante indiano chegou com uma bandeja de achados. Aysha pegou cuidadosamente um saco de plástico da bandeja e retirou um fragmento de cerâmica quebrada. - É um fragmento local, do sul da Índia, manufatura do final do século 1 a.C.

Há um grafito nele - disse Jack.

Aysha confirmou com a cabeça. Sua voz estava alterada pela excitação. - E um fragmento Tamil. Eu não queria acreditar quando o vi. Contém o mesmo nome de um grafito Tamil que encontramos num pedaço de cerâmica na casa de um negociante em Berenike. O nome de uma mulher: Amrita.



E agora, olhe para os outros fragmentos - disse Hiebermeyer, pegando um e mostrando-o para Jack. - A cerâmica é da Itália Central, de uma ânfora de vinho. Reconhece a escrita?

Números - murmurou Jack. - São livros de escrituração mercantil, relatórios de negócios. O que você esperava? - Viu algumas palavras em grego. Subitamente, ficou ofegante. - Reconheço o estilo. Veja a maneira como as letras estão inclinadas. Parecem feitas pela mesma mão que escreveu nos fragmentos encontrados em Berenike com o texto do *Periplus!*

Hiebermeyer aquiesceu com entusiasmo, depois apontou para a escavação. - Eis o que vejo. Não conhecemos seu nome, mas vamos chamá-lo Priscus. Ele está sentado lá adiante, em sua loja, com a esposa, Amrita. Eles formam uma equipe - marido e mulher. Ela é do local, perfeita para fazer contatos comerciais por aqui, e sua família cuida da loja quando eles voltam para o Egito. Você se lembra de que suspeitávamos que nosso homem fosse um negociante de seda, talvez com um negócio paralelo de pedras preciosas? Bem, olhe para estas palavras gregas. Esta é *serikōn*, seda. Os números devem se referir a grau de qualidade, quantidades, preços. E olhe esta outra. *Sappheiros*. Esta é uma palavra grega para lápis-lazúli. É a palavra que o autor do *Periplus* usa para esta pedra. O mesmo homem, nosso comerciante. Na antiguidade, isto só pode significar o lápis-lazúli encontrado em uma mina nas montanhas Badakhshan, no Afeganistão.

-Você quer dizer este material? - perguntou Costas retirando uma pedra azul brilhante do bolso de seus shorts e segurando-a na frente deles.

Hiebermeyer ofegou. - Esta é a peça que você encontrou em Berenike? Não podemos levá-la a lugar nenhum! O que acontece com os mergulhadores?

Bem, Jack faz isso às vezes - disse Costas, com ar inexpressivo. - Eu apenas a emprestei. Para dar sorte, até chegarmos ao Havaí. Depois você pode levá-la de volta.

Jack escondeu um sorriso. - Algo mais, Maurice?

Hiebermeyer bufou para Costas e se voltou para Rebecca. - Bem, sua filha acaba de ganhar suas credenciais como arqueóloga - ele disse. - Foi durante aqueles poucos minutos que passamos trabalhando com as espátulas junto com aqueles estudantes. Ela tem sorte de descobridora.

Isto me soa familiar - disse Jack. Rebecca abriu a mão e mostrou-lhe uma gema perfeita verde-oliva, mas muito brilhante ao sol do meio dia.

Olivina - disse Jack admirado, pegando a gema da mão dela e segurando-a no alto. - Da ilha de St John, próxima de Berenike. Costas e eu a sobrevoamos no mar Vermelho há apenas alguns dias. Então você acha que nosso homem as exportava do Egito?

E trocava-a por seda - disse Aysha. - Olhando para esta pedra, você pode compreender por que a olivina fascinou os chineses. Ela é como jade polido.

O império guerreiro - murmurou Jack, segurando a gema erguida contra o sol, olhando para a luz verde lançada sobre sua outra mão.

O que você quer dizer? - perguntou Costas.

Apenas uma imagem que me veio - explicou Jack. - Uma imagem de navios chineses, de guerreiros chegando do oriente. Mas esta gema a torna real.

E ela fecha o circuito - disse Hiebermeyer. - Roma, Egito, Índia, lápis-lazúli das minas do Afeganistão, a Rota da Seda, a lendária cidade de Xian. Oito mil quilômetros de contato ligando os dois maiores impérios que o mundo já conheceu.

Costas pegou a pedra de Jack. Segurou-a em direção ao sol com o pedaço de lápis-lazúli na outra mão. A luz reluziu através de ambas, e elas pareciam brilhar juntas, como se estivessem envoltas numa mesma esfera de incandescência. Ele as segurou juntas e depois se afastou do sol, separando-as. - Quente - ele disse.

Provavelmente um efeito concentrador, como o de uma lente de aumento, concentrando a luz - disse Pradesh, juntando-se ao grupo. - Sempre existiram histórias sobre pedras fazendo isso, um resultado plausível da refração. Um de meus professores na Roorkee University especializou-se nisso. Mas eu nunca ouvi falar de olivina e lápis-lazúli interagindo dessa maneira, especialmente pedras não cortadas. Um projeto interessante para pesquisa.

Você é bem-vindo ao laboratório de engenharia do IMU quando quiser - disse Costas com entusiasmo, devolvendo a olivina para Rebecca e colocando no bolso o lápis-lazúli. - Mas logo você se aborrecerá com as pedras. Há um material robótico subaquático incrível sobre o qual estive trabalhando recentemente. Serve para uma grande quantidade de aplicações militares, bem sua área, imagino.

Realmente? - disse Pradesh. - Fale mais sobre o assunto.

Haverá muito tempo mais tarde para isso - disse Jack, protegendo os olhos e espiando o helicóptero Lynx chegando devagar do *Seaquest II* para contornar a costa. Ele sentiu uma onda de excitação. - Estamos prontos? Pradesh aquiesceu e apontou para dois homens vestidos com jeans e camisetas, carregando mochilas e rifles automáticos G3. - Uma dupla de meus sapadores - ele disse. - Não quero agravar a situação com as tribos, aparecendo na selva com soldados, mas há uma ameaça muito real dos insurgentes maoístas. E não quero ser responsável pelo desaparecimento dos mais famosos arqueólogos subaquáticos do mundo.

E seu assistente - acrescentou Costas.

Rebecca olhou tristemente para Jack, segurando a olivina. - Se conquistei minhas credenciais, como diz Hiemy, quer dizer que posso ir junto com vocês agora?

Não dessa vez - Jack fez uma pausa, olhando para Hiebermeyer. - Mas Hiemy pode deixá-la dirigir o *Zodiac* na volta. Bem devagar.

Oh, legal. - Ela colocou a pedra de volta na bandeja de achados e bateu palmas.

Jack sorriu e fez um movimento giratório com os dedos para Costas. - Pronto para ir?

Pronto para ir.

## Capítulo 8

Três horas depois de deixar o sítio romano em Arikamedu, Jack se sentou entre Costas e Pradesh na coberta de proa de um barco de plataforma flutuante que navegava para o oeste pela ampla extensão do rio Godavari, com sua onda de proa formando cristas contra a corrente. Jack estava dominado por sua própria onda pessoal de excitação. Essa era sua chance de realizar um sonho pessoal, trilhar o mesmo caminho de seu ancestral, descobrir o que o tenente John Howard havia visto na selva naquele dia em 1879. Jack segurou no parapeito e olhou para fora, preparando-se. De Arikamedu eles voaram para o norte, com o helicóptero, ao longo da costa da Índia para o porto de Cocanada, e depois viraram em direção ao interior, subindo o delta do rio. Passaram devagar sobre um milhão de acres de arrozais e de cana-de-açúcar, voando em meio a nuvens encapeladas de fermento doce onde a cana estava sendo processada para se transformar em açúcar mascavo. Em Dowlaishweram, a cerca de sessenta quilômetros distante da costa, eles desembarcaram na grande represa que era responsável pela fertilidade do delta, e Pradesh lhes mostrou onde os Sapadores de Madras ficaram baseados enquanto construíam a represa, em 1860. As figuras ainda estavam vacilantes dentro da mente de Jack quando eles se transferiram para um barco com plataforma flutuante da Godavari Steam Navigation Company, acima da represa, para a viagem ao interior da selva. Três mil e duzentos quilômetros de canais de irrigação, cinco vezes mais que a área cultivada em acres. Tinha sido uma das realizações duradouras do governo britânico na Índia, no entanto, à medida que subiam o rio, a evidência do domínio humano sobre a natureza diminuía, e viam apenas adaptação, aceitação, exatamente como haviam visto na costa de Arikamedu. Como todos os grandes rios que aumentam com as inundações, como o Nilo ou o Mississippi, todas as tentativas para controlar a água do Godavari representaram apenas uma ilusão de sucesso, fortificações efêmeras contra uma força esmagadora que podia num instante destruir as maiores realizações humanas.

Entre os mais sagrados rios da Índia, o Godavari é o segundo, vindo depois do Ganges - disse Prashed, enquanto dirigia o barco para dentro do canal central. - Eu queria que vocês conhecessem por experiência os vinte e quatro quilômetros finais de nossa viagem pelo rio, para que vocês pudessem criar empatia por aqueles soldados que estiveram aqui cento e trinta anos atrás, penetrando no desconhecido em seu barco a vapor, sem nenhuma idéia do que esperar.

A não ser mosquitos - disse Costas, batendo na perna.

Pradesh concordou. - No final da campanha de Rampa, quatro quintos das tropas haviam sido abatidos pela malária, e muitos morreram. O povo *Kóya* da selva tem algum grau de imunidade contra a doença. Eles acreditam que a febre foi a vingança de seu demônio mais terrível, o *konda devata*, o espírito do tigre.

Costas observava atentamente mas desconfiado o nevoeiro adiante, as formas das baixas colinas que mal se viam a leste. - A nascente do rio fica lá?

Pradesh sacudiu a cabeça. - Mais longe, a oeste. Alguns dizem que ele verte da boca de um ídolo sagrado perto de Mumbai. Outros até dizem que ele se junta, por um canal subterrâneo, ao Ganges, unindo todos os cursos d'água navegáveis.

Isso soa como fé naquilo que se quer que seja verdade - disse Jack.

O engenheiro em mim concorda, mas ainda assim é um conceito atraente. Na Índia, tudo o que vem do norte parece fluir para baixo, para o sul. Invasores como os mongóis, religiões como o budismo. Mas dificilmente qualquer um deles penetrou na área das colinas, na selva. O distrito de Rampa, para onde estamos indo, nem tinha sido reconhecido até 1928. Na época da rebelião de 1879, havia um grande branco no mapa. Ainda hoje há centenas de quilômetros quadrados que foram visitados somente por caçadores de tribos. Nem mesmo os missionários vão até lá.

Durante quase uma hora eles permaneceram sem falar, observando os bancos de lama à medida que o rio se estreitava, de cerca de um quilômetro e meio de largura para apenas poucas centenas de metros. Avistaram bois arando campos de arroz entre as fileiras de coqueiros. Passaram por mulheres de saris banhando-se no rio, outras batendo roupa nas pedras, arriscando-se a ser arrastadas pela corrente. Homens de tanga debruçados na lateral dos barcos, enfiando-se na água para se refrescar. Por toda parte

viam sinais de decadência ou conserto, mas era difícil dizer do quê. Jack percebeu que a tranquilidade da cena não dava lugar à ideia da violência da estação da monção que estava para chegar, quando as inundações iam varrer tudo o que houvesse na beira do rio.

Ultrapassaram uma linha de postes de madeira no meio do rio, com os farrapos remanescentes de redes de pescar flutuando na água em volta deles. Para Jack, era como se as redes estivessem ali para captar história, fragmentos do passado desalojados da selva ali adiante. Desde que haviam deixado Arikamedu, ele vinha tentando se sintonizar com a arqueologia em rios, lugares que podiam conter tesouros, como o uso de lã de carneiro para pegar ouro em rios de montanhas, mas em outros momentos havia um vazio, em que era varrido qualquer traço do passado. Ali se tratava de outro tipo de arqueologia, mais enganosa, sem nenhuma das certezas que havia em um naufrágio.

Como a costa de Arikamedu, a marca deixada pelos homens na margem do rio parecia efêmera, reformando-se o tempo todo. A única estrutura permanente que eles viam era um belo templo branco em uma ilha de rochas no rio, cujo telhado era uma espiral de serpentes esculpidas acima de camadas de pintura dourada. Pradesh diminuiu a velocidade do barco, enfiou a mão dentro de uma tigela e atirou uma mão cheia de pétalas de flores dentro da água. - Este é Vishnu, adormecido sob a serpente enrolada Sesha, a de cinco cabeças - ele disse. - O azul profundo, o azul do lápis-lazúli, a cor de Vishnu, é a cor da eternidade, da imortalidade.

- Os habitantes da selva são indianos? - perguntou Costas.

Pradesh sacudiu a cabeça e acelerou novamente, elevando a voz acima do barulho. - Mais à frente há uma colina chamada Shiva, na entrada da selva. Chamá-la de Shiva é um pouco como pôr uma cruz cristã num antigo templo romano, só que aqui não havia uma tentativa de conversão, nenhuma tentativa de suprimir antigas crenças. O hinduísmo é como um sítio arqueológico. Removem-se as camadas superiores, e os antigos deuses, as antigas religiões, continuam todas lá. Somente aonde nós estamos indo não há nada para remover. Aquele templo é o último baluarte dos habitantes da planície contra a selva ameaçadora adiante, um lugar aonde até seus deuses têm medo de ir.

Depois disso, eles viram algumas pessoas ao longo da praia, e depois mais ninguém. Os arrozais abertos deram lugar aos arbustos e depois à

selva, uma folhagem densa de musgo verde que alcançava os declives e envolvia o contorno da costa, guarneceu a margem do rio com palmeiras e coqueiros que se projetavam sobre trechos de praia de tonalidade prateada. A neblina no alto das árvores caía sobre as margens do rio, deixando uma passagem estreita no centro dele, onde o caminho para frente estava claro. Em seguida, as colinas que escondiam a selva erguiam-se até trezentos metros ou mais de cada lado do rio, e seus cumes quase invisíveis exibiam uma silhueta nebulosa azul esverdeada.

Um barco, longo e de superfície plana, apareceu em uma curva, sendo levado pela correnteza, com o motor fazendo um ruído ensurdecedor e inútil. Trazia, em cada lado, pilhas de cocos e toras de tronco de árvores, tamarindeira e mogno. Um guarda policial vestido com um uniforme cáqui esfarrapado espreguiçava-se na popa segurando um velho rifle Lee-Enfield, olhando com suspeita para eles enquanto o barco passava deslizando. Pradesh acenou para ele de modo agradável. - A polícia sempre foi um problema aqui - ele disse. - Os habitantes das colinas os veem como protetores dos habitantes das planícies aos quais foram dadas concessões na área florestal, pessoas que chegam e cortam sua preciosa madeira dura. E dificilmente dá para imaginar aquele sujeito enfrentando os terroristas maoístas, não é? Mas isso dá lugar a uma quantidade de outros problemas. Se militarizarmos a polícia, vamos hostilizar mais ainda os habitantes das colinas, e se enviarmos o exército para confrontar os maoístas, nos arriscaremos a voltar para a situação que havia em 1879. Os sapadores são a melhor opção, porque os habitantes das colinas podem vê-los fazendo coisas úteis, construindo estradas, clínicas, escolas. Os sapadores também são soldados, embora sejam um tipo de homem diferente.

Estou percebendo - disse Jack, sorrindo.

Pradesh desacelerou, tirou o barco da corrente principal e foi para as águas redemoinhadas ao longo da margem esquerda, onde o suave resfolegar do motor foi abafado pelos gritos e sons rápidos e inarticulados de um bando de macacos langur, de cara branca, que olhavam de soslaio para eles do alto das árvores. O barco passou por uma curva, e eles viram caminhos que subiam de uma praia até um conjunto de casas baixas numa clareira na selva, com telhados de folhas de palmeiras sombreados por mangueiras e tamarindeiras. Pela primeira vez viram os *Kóya*, homens escuros com músculos admiráveis usando apenas tangas, parados debaixo das folhagens

das palmeiras observando-os. Um deles usava uma pele de leopardo com um pendente de pluma de pavão dependurado no pescoço.

Esta é a aldeia de Puliramanaguden - disse Pradesh baixinho. - Esse nome significa o Local do Deus Tigre.

Tigres - murmurou Costas. - Alguns elefantes?

Raramente, mas está cheio de *gaur*, o bisão indiano. Os *Kóya* chamam este trecho da selva de Pappikondalu, as Colinas dos Bisões. O bisão tem o tamanho aproximado de um elefante pequeno. Costumo ouvi-los à noite, juntos, fazendo alarido através da selva, rugindo e arquejando como criaturas da mitologia. Tudo o que dá para ver é o branco de seus olhos. Até os tigres se mantêm longe deles.

Costas resmungou. - Outra opção do IMU para passar as férias.

Continuaram adiante, ainda envoltos pela neblina ao longo da margem, e alcançaram outra curva; o fluxo do canal central era visível agora na água à frente. Pradesh manteve-se a sotavento da margem até que estivessem a apenas poucas jardas de outra curva; mantendo o barco quase parado enquanto esperava que a corrente os puxasse para o centro do rio. Jack viu uma mulher sentada nas raízes entrelaçadas de uma figueira-de-bengala. Era muito velha e cega. Seus olhos eram como os de uma estátua antiga cuja pintura já desaparecera, ficando somente o branco, no entanto, Jack sentiu que ela estava olhando diretamente para ele, mantendo fixo o olhar. Ela parecia uma *Pietà*, uma mãe angustiada lamentando o filho perdido. Jack se lembrou de uma foto da época vitoriana de uma mãe com o filho acima da antiga arca em sua cabine, sua tataravó e seu bebê. Olhou para o dossel que a floresta formava acima da mulher, e através de uma brecha na névoa viu as colinas escuras contra o céu. Sentiu uma intensa sensação de familiaridade, que em seguida desapareceu. Perto dali, um búfalo de água apareceu, dando estocadas, amarrado por um cabresto a uma estaca, um movimento súbito e violento que fez a pulsação de Jack se acelerar. A correnteza puxou o barco, e Pradesh ligou o motor, levando-os para dentro do canal central, para longe daquele lugar e da mulher, até que ela desapareceu na neblina. O rio se alargou, a neblina subiu, e Jack viu que haviam chegado. O lugar combinava exatamente com sua descrição no diário de sua tataravó. Pradesh dirigiu o barco até uma água calma ao lado da margem esquerda, e empurrou a proa para a praia, até ela ficasse presa. Jack olhava para o lado oposto, um banco



de areia que se estendia por várias centenas de metros ao longo de outra curva do rio para onde o sedimento tinha sido empurrado pela corrente.

O banco de areia era cortado por um rio saindo da selva, cujo leito, seco, mal se podia perceber. - Ali adiante - disse Pradesh, apontando. - Foi lá que aconteceu.

Eu sei - replicou Jack baixinho. - É exatamente como imaginei.

Não espere encontrar nada de 1879 na margem do rio - disse Pradesh. - Este banco de areia desaparece todos os anos com a inundação da monção, e depois se forma novamente. Precisamos ir até a aldeia à beira do rio, que vocês podem perceber lá adiante, na entrada da selva.

Nós estamos em suas mãos - disse Jack.

Pradesh olhou para o relógio. - O helicóptero deve chegar dentro de uma hora. Ele nos levará mais fundo, para dentro da selva. Meus dois sapadores estarão a bordo. Não quero despertar nenhuma hostilidade levando-os conosco pelo rio, mas não quero entrar na selva sem eles, sem nenhum desrespeito por sua Beretta de nove milímetros, Jack.

Você a viu - disse Jack.

Mantenha-a fora de vista. Ela é altamente inflamável por aqui. Se qualquer um dos habitantes das colinas que não me conheça suspeitar que somos oficiais do governo, então o jogo termina. Eles ficarão completamente silenciosos. Vamos parar aqui para descansar antes de continuar. Pode parecer estranho neste calor, mas estou doido para tomar um chá.

Pradesh se ocupou pessoalmente da velha e usada chaleira e o fogareiro Primus da caixa de suprimentos do barco, e Costas discretamente desapareceu na direção da praia. Jack sentou-se sozinho, olhando ao redor. Haviam deixado a neblina na parte estreita do rio lá atrás e entraram num oásis de luz, como se o ar tivesse sido lavado. A praia do outro lado se curvava na forma de uma espada, e a areia era de um dourado deslumbrante. Atrás, erguiam-se troncos de árvores cintilantes e grandes seixos de arenito lavados pelas inundações. Acima, no dossel da selva, miríades de tonalidades de verde subiam pelas encostas laterais dos despenhadeiros, enquanto eles convergiam rio acima na grande garganta do Godavari.

Adiante de nós, onde a garganta se estreita, o rio tem apenas duzentos metros de largura - disse Pradesh, estendendo a Jack um copo de chá.

- As colinas de ambos os lados erguem-se acima dos oitocentos metros, e o rio é muito profundo, quase cem metros.

Jack olhou para as paredes cobertas de hera da garganta. Eram atraentes mas proibidas, como uma passagem por uma alta montanha que prometia um vale viçoso além, mas que ameaçava grave perigo na travessia. Para os poucos habitantes da planície que se aventuraram a ir lá, a promessa era a Residência dos Imortais, a Cidade Celestial. Para os primeiros europeus, ela era o lendário reino de Golconda, a Montanha de Luz, de onde fora extraído o diamante Koh-i-noor, em algum lugar para além da garganta. Mesmo antes da chegada dos barcos a vapor, este era o final do percurso pelo rio, e muitos que foram para lá retornaram, sem conseguir resistir à corrente quando ela passa através da garganta, virando os barcos e deixando que o rio os devolvesse à civilização corrente abaixo. Jack olhou atentamente para dentro da água. Ela estava escura, não com lama, mas com algum outro tipo de coisa escura, que à luz do sol parecia desaparecer dentro dela. As paredes do *canyon* deveriam se refletir na água, mas em vez disso ele não via nada. Era desconcertante, como se o rio fosse um buraco negro que engolisse a realidade, fazendo-o imaginar se o contorno da costa coberto de neblina era algum tipo de fantasma, quase próximo demais da lembrança de infância que ele tinha desse lugar para ser real. Ele saiu de seu devaneio quando Costas voltou, fazendo barulho através da vegetação rasteira, e pulou para a proa do barco, uma figura em desalinho, com os shorts quase caindo.

-Alguma coisa ameaçou sua masculinidade? - perguntou Jack.

Aranhas - disse Costas arquejante, sentando-se, examinando ansiosamente as pernas. - Aranhas gigantes e cabeludas do tamanho de um pires.

As aranhas são inofensivas, a menos que você as provoque - disse Pradesh, estendendo-lhe um copo de chá. - Mas mantenha-se vigilante com as cobras. O *Kóya* usa uma raiz como antídoto para veneno, Mas nunca fui capaz de encontrá-la.

Sempre há a Beretta de Jack - disse Costas.

Atirar em serpentes é carma ruim - replicou Pradesh, advertindo com o dedo. - De todo jeito, não se preocupe. Nós não vamos andar pela selva. Jack queria refazer os passos de seu ancestral, mas eu o convenci de que devemos ir de helicóptero e ele concordou. Ele estava preocupado com sua segurança.

Minha segurança? Jack? Sim, certo, esta seria a primeira vez - resmungou Costas, enxugando o suor do rosto e esmagando um mosquito com

um tapa. - Pelo menos nós todos tomamos vacina contra a malária.

Essa é outra coisa - disse Pradesh apressadamente. - As vacinas nem sempre funcionam aqui. Mas conheço alguém que pode nos dar um pouco de reforço na aldeia.

Jack obseivou novamente a cena, imaginando-a cento e trinta anos atrás. - Então, o que você sabe sobre o dia 20 de agosto de 1879?

Pradesh olhou para ele intensamente. - Bem, você tem razão sobre o que aconteceu.

Sacrifício humano?

Pradesh olhou para o barranco. - Eu lhe disse que cresci perto do rio Godavari, em Dowlaishweram. Bem, meu avô era efetivamente um *Kóya*, deste local. A história daquele dia em 1879 tornou-se uma espécie de lenda, mantida em segredo até dos antropólogos que ocasionalmente apareciam por aqui fazendo perguntas. Até onde sei, o que estou prestes a lhe contar nunca foi dito a nenhum estranho.

Continue - disse Jack.

Os rebeldes montaram um show espetacular. Executaram seus policiais capturados na praia, bem diante dos olhos dos sapadores que estavam no barco a vapor preso no banco de areia do rio. Mas eles também puseram o resto dos *Kóya* num frenesi, enchendo-os de álcool e Deus sabe o que mais. Os membros da tribo realizaram três sacrifícios naquele dia, o *meriah* completo. Um homem, uma mulher e uma criança.

Uma criança também? -, murmurou Jack.

Mais tarde, as autoridades na planície recusaram-se a acreditar que havia sido um sacrifício e pensaram que os rebeldes haviam dado às execuções a aparência de um *meriah* para fazer que parecessem mais aterradoras, como se eles estivessem ressuscitando uma prática pavorosa que os britânicos achavam que haviam erradicado anos atrás. Mas as autoridades estavam erradas. Aquela cena na margem do rio era verdadeira. Mesmo hoje em dia, sacrifícios ainda são praticados usando macacos langur e galinhas, mas o ritual *meriah* ainda está aqui, de atalaia, logo abaixo da superfície, e bastaria um pouco de provocação, a lembrança daquela situação altamente inflamável, para que o ritual ressurgisse.

Mas o que aconteceu? - insistiu Jack. - O que teria feito que meu tataravô desse fim ao seu diário naquele dia?

Prashed franziu os lábios. - Não sei. Alguma coisa deve tê-lo traumatizado. Poderia ter sido uma visão pavorosa, especialmente a da criança, a carne deles arrancada enquanto ainda estavam vivos. Talvez ele tenha se sentido impotente, incapaz de ajudar. Você diz que ele próprio era pai de uma criança pequena? Você me contou que era um menino e estava na Índia durante a rebelião, quando houve cenas terríveis de carnificina. Talvez alguma lembrança latente daquele horror tenha voltado à tona enquanto ele observava o sacrifício. Segundo todos os relatórios, ele era um excelente oficial, um soldado valente, então, seja o que for que ele tenha visto ou feito, deve ter sido algo realmente ruim.

Então, para onde vamos daqui? - perguntou Jack baixinho.

Pradesh fez uma pausa. - Sei aonde ele e o tenente Wauchope foram naquele dia.

Continue.

Pradesh procurou algo no bolso da frente de sua camisa e retirou um antigo cordão de couro com um pendente. - É uma garra de tigre - ele disse. - O tigre foi morto pelo meu avô, que era um *muttadar*, que quer dizer chefe de aldeia, mas também uma espécie de sacerdote. O tigre estava atacando um menino que brincava no rio, e meu avô atirou no tigre com um velho mosquete da Companhia das Índias Orientais que o *Kóya* tinha roubado anos antes da polícia nativa. Porém, o tigre é considerado sagrado aqui, e por tê-lo matado meu avô tornou-se um proscrito, foi forçado a abandonar a selva. Ele encontrou minha avó, uma habitante da planície, e eles viviam em Dowlaishweram. Mas seu filho, meu pai, tornou-se o diretor florestal do distrito, e ele costumava me trazer aqui. Fui adotado pelos aldeões de Rampa e aprendi a falar o dialeto *Kóya*. As pessoas da tribo reverenciavam meu pai, porque muitos dos oficiais indicados para cá tinham sido habitantes da planície, e tradicionalmente essas pessoas eram vistas como agiotas corruptos que tratavam os habitantes das colinas com desprezo. Meu pai efetivamente foi para Deli para lutar pelo caso deles, para conseguir os direitos florestais. Ele era um grande homem.

Ele deve estar orgulhoso de você.

Pradesh pareceu triste. - Ele poderia ter estado. Nunca saberei. Desde a época do British Raj<sup>{14}</sup>, a causa dos habitantes da floresta tem sido controlada por outros. Cem anos atrás era o movimento nacionalista indiano

que reivindicava que as rebeliões tribais, de certa forma, faziam parte de uma luta pela independência contra os britânicos. E agora são os maoístas, pertencentes ao Partido Comunista da Índia. As pessoas das tribos estão furiosas novamente porque o governo tem vendido miniconcessões, e o partido assumiu o lado das tribos. Na realidade, ele pouco se importa. Foi só uma maneira de conseguir que as tribos os deixassem sozinhos em suas bases na selva, onde eles planejam ataques terroristas por toda a Índia. Meu pai entrou em confronto com eles e foi morto por causa disso.

Sinto muito - disse Jack.

É por isso que nunca fui designado para trabalhar aqui - Pradesh replicou tristemente. - Meu coronel conhece a história de minha família. Eu era muito próximo.

Você não parece ser do tipo vingativo - murmurou Costas.

Experimente-me - disse Pradesh calmamente.

Costas apontou para a garra pendurada no pescoço de Pradesh. - Isso não vai nos causar problemas com algum *Kóya* com quem cruzarmos? Quero dizer, se o tigre é sagrado...

Pradesh sacudiu a cabeça. - Uma vez que o tigre esteja morto e o espírito tenha abandonado o corpo, a pele e as garras têm grande valor. A pele é usada por um *muttadar* para a dança e as cerimônias, e as garras são distribuídas entre os jovens da aldeia. São amuletos de boa sorte, para proteger dos espíritos zangados quando os homens estão caçando nas profundezas da selva.

Costas tomou o chá de uma só vez. - Acho que eu optaria por uma tropa com rifles.

Pradesh sorriu. - Isso também ajudaria.

Vamos ouvir sua história - disse Jack. - O que os *Kóya* lembram daquele dia?

Pradesh fez uma pausa. - Meu avô me contou quando eu era criança. Para os habitantes da colina ela se tornou parte de sua mitologia, envolta em lenda como os mitos de origem dos deuses. Mas ela diz respeito ao seu tataravô.

Continue.

Os objetos mais sagrados para os *Kóya* eram os *vélpu*, uma palavra que significa ídolos ou deuses - disse Pradesh. - Cada família tem um, cada clã. Em geral eles são pequenos objetos que pareceriam comuns para nós, mas

que eram exóticos para os *Kóya*, como uma peça de ferro forjado. Cada *vélpu* era mantido dentro de um tubo vazio de bambu de cerca de uns quarenta centímetros de comprimento. Eram guardados com grande segredo, somente eram retirados de onde estavam em raras ocasiões, para ser venerados. O maior deles todos, o supremo *vélpu*, era chamado o Lakkála Rámu. Era mantido dentro de um santuário numa caverna nas profundezas da selva, e nunca havia sido aberto. Contava-se que o deus que estava ali dentro era tão deslumbrante que cegaria qualquer um que olhasse para ele. Talvez fosse vidro, ou pedra preciosa, algo exótico que chegou aos *Kóya* vindo de fora inúmeras gerações antes. O *vélpu* supremo defende a alma do povo *Kóya*. Sem ele, o povo estaria numa terra sombria, submetido ao capricho dos espíritos malignos que assombram a selva, especialmente o horrível *konda devata*, o espírito do tigre. E eles estão nesta terra sombria desde 1879.

O que aconteceu?

Pradesh olhou ao redor e baixou a voz. - Meu avô, o chefe da aldeia, era um *muttadar* hereditário. De acordo com a tradição antiga, os chefes da aldeia Rampa tinham sido os guardiães do santuário da selva onde o

Lakkála Rámu estava escondido. O avô de meu avô era o *muttadar* em 1879, mas ele não sobreviveu à rebelião. Sei o que aconteceu com ele porque os rebeldes que observaram os acontecimentos naquele dia na selva me contaram, homens do meu próprio clã que se retiraram furtivamente cada um para sua aldeia depois que a revolta terminou, e eles passaram a história para seus filhos. Você me mostrou o diário de Howard, Jack, a anotação final. Naquele dia o *muttadar* foi rodeado pelos rebeldes que atiraram inúmeras flechas nele. Eles sabiam o que ele tinha feito.

O quê? - perguntou Costas.

O *muttadar* temia que Chendrayya, o líder rebelde, fosse até o santuário e pegasse o Lakkála Rámu e o usasse para controlar os habitantes da colina de acordo com seus próprios propósitos. Chendrayya era de outro clã, um que tinha ficado preso em um feudo durante gerações com o clã do *muttadar*, uma antiga disputa sobre que família devia controlar o santuário. Os britânicos sabiam da existência de feudos tribais devido à sua experiência no Afeganistão, e usavam isso em seu benefício.

O *muttadar* passou para o lado dos britânicos - murmurou Jack.

Ele retirou o *vélpu* do santuário para mantê-lo a salvo, depois aproveitou uma grande oportunidade e ofereceu-se voluntariamente como guia e intérprete - disse Pradesh. - Sua condição era que os britânicos lhe permitissem devolver o *vélpu* para o santuário quando tudo estivesse terminado. Ele estava no barco a vapor com os sapadores naquele último dia registrado no diário de Howard, em 20 de agosto de 1879. Isto está nas páginas que você me enviou por e-mail, Jack. E coincide exatamente com o que eu sabia. Houve uma grande luta com os rebeldes na selva naquele dia, dezenas foram mortos e feridos. Então Howard e os outros que estavam no barco a vapor testemunharam aquela cena de sacrifício na margem do rio. O *muttadar* também a viu e ficou nervoso, completamente abalado. Era como se todos os espíritos malignos da selva estivessem convergindo para ele, insultando-o por ter retirado o *vélpu*. Não há registro no diário de Howard sobre o que aconteceu depois, e dificilmente alguma coisa nos registros regimentais em Bangalore. A maioria dos oficiais que regressaram de Rampa só queria esquecer o que tinham vivido. Mas há uma história que meu avô me contou. Um oficial britânico com os sapadores, um homem chamado Bebbie, recebeu um tiro, quando ainda estava na selva. Howard e Wauchope saíram com um grupo de resgate. Bebbie foi deixado perto do santuário, já morto. O *muttadar* tinha se oferecido para conduzi-los ao local, desde que pudesse levar o ídolo consigo. Os britânicos provavelmente sentiram que não tinham escolha. Mesmo com suas armas superiores teria sido um suicídio aventurar-se na selva sem um guia, uma pequena força de uma dúzia de pessoas contra centenas de rebeldes. Eles julgavam que a presença do ídolo impediria que os rebeldes os atacassem. O *muttadar* desistiu de entrar no santuário no último minuto, aterrorizado, achando que o deus ia descarregar sua vingança sobre ele, e depois ele foi assassinado. O próprio Howard levou o ídolo para a caverna.

E depois disso Chendrayya o roubou? - perguntou Jack.

Pradesh sacudiu a cabeça. - Não. Howard manteve a palavra dada ao *muttadar*. Mas depois ele e Wauchope perceberam que a única chance que tinham de escapar era levar o ídolo de volta com eles, para usá-lo como salvaguarda, assim como o *muttadar* fizera para entrar na selva. Assim que eles saíram da caverna houve tiroteio, mas quando os rebeldes viram que eles ainda estavam com o bambu, eles se retiraram. Os outros dois oficiais retrocederam através da selva em direção ao rio, com os sapadores e o

corpo de Bebbie. E eles haviam retirado algo mais do santuário, outra relíquia sagrada. Era uma espada quebrada, ligada a uma manopla dourada de punho largo e comprido com a forma de uma cabeça de tigre. Os *Kóya* acreditavam que ela havia sido usada pelo próprio Rama, o grande deus.

Bem, vou ser amaldiçoado - murmurou Jack.

Você conhece isto?

Há algo que ainda não lhe mostrei. Uma peça de herança tradicional. Ela é de latão, não de ouro, mas deve ser a mesma peça - replicou Jack muito excitado. - Howard a deu para sua filha, minha bisavó, e eu a herdei. - Jack se sentou, exaltado. Ele sabia que a manopla de punho largo e comprido tinha vindo da selva, mas nada mais. Isso era extraordinário.

Depois se lembrou de Katya, de sua reação quando ele lhe falou sobre isso. Ele se lembrou do tio de Katya, Hai Chen, o antropólogo que tinha desaparecido na selva havia mais de quatro meses. Essa era outra razão pela qual Jack estava ali. Ele olhou para o dossel na selva. Talvez Hai Che tivesse simplesmente partido. Talvez tivesse acontecido algum acidente. Antropólogos solitários já tinham desaparecido na selva antes. Depois Jack pensou nos maoístas, os perigos que espreitavam na selva. Ele franziu os lábios. *Algo mais estava acontecendo*. Os apontadores estavam ali, mas ainda não tinham se juntado a eles. Ele se voltou para Pradesh, que disse algo baixinho, não em inglês nem em hindi, mas em alguma outra língua, com sons leves de estalos.

Ele olhou para Jack com os olhos iluminados. - A recuperação desse objeto significaria tudo para os *Kóya* - murmurou Pradesh. - E eu quase não ousei perguntar. Você tem o *vélpu* também?

Jack sacudiu a cabeça. - Nunca ouvi falar disso antes.

Pradesh fechou os olhos por um instante e expirou com força. - O que sabemos é isso. A rebelião Rampa continuou durante meses mais, mas aquele foi um dia decisivo. Nunca mais houve uma força rebelde daquele tamanho, e posteriormente a isso Chendrayya e os outros líderes só foram capazes de reunir bandos leais com poucas pessoas, o núcleo duro, e muitos deles proscritos e criminosos. Nos meses iniciais, muitos dos rebeldes eram homens honestos da floresta, *Kóya* e *Reddi*. Quando eles viram Chendrayya executar o *muttadar* e perceberam quanto ele cobiçava seu *vélpu* sagrado, perderam o entusiasmo pela rebelião. E sabendo que os britânicos estavam com o ídolo e cientes do poder que essa posse lhes dava sobre eles, isso



enfraqueceu mais ainda sua decisão de lutar. Eles sabiam que recuperariam o ídolo somente quando a rebelião terminasse.

Mas você está dizendo que eles nunca o recuperaram - comentou Costas.

Aquele santuário - perguntou Jack, - fica perto da aldeia Rampa? - Pradesh aquiesceu. - Cerca de treze quilômetros ao norte daqui, através da selva densa. Ele tem o nome do deus Rama.

Rama - repetiu Jack suavemente, com a mente acelerando.

Rama não era um deus hindu? - perguntou Costas.

Pradesh aquiesceu novamente. - A imagem de um homem perfeito, elevado à divindade, a sétima encarnação de Vishnu. Mas é como eu disse antes. Ele surgiu repentinamente do nada. As crenças dos *Kóya* não têm virtualmente mais nada em comum com a religião hindu. E a lenda do príncipe Rama, suas andanças, sua busca de redenção espiritual, é encontrada em todo o sul da Índia. Os *Kóya* acreditam que foi aqui que ele terminou, ao encontrar seu legítimo reino no coração da selva.

Parece mais Coração das Trevas, - disse Costas olhando para os declives densos e verdes na praia do outro lado, depois dando golpes violentos numa nuvem de mosquitos que o envolveu.

É para lá que você está nos levando? - perguntou Jack. - Para o santuário?

Pradesh respirou profundamente e aquiesceu, tocando o pendente com a garra de tigre. - Eu fui lá quando era criança. Era proibido, mas tendo sido criado na planície, não acreditava em superstição. Nenhum *Kóya* havia visitado o santuário desde aquele dia em 1879. Meu avô disse que houve uma terrível tempestade naquela noite, com trovões e raios. Um terremoto selou a entrada depois que os dois oficiais saíram. Para os *Kóya*, esse era um sinal absoluto de que o pior horror ocorreria com eles se chegassem a qualquer lugar perto dali. E agora há uma nova razão para permanecer longe. O santuário fica perto de um córrego numa clareira na selva, e ela tem sido usada pelos guerrilheiros maoístas como base. Uma vez eles me pegaram, levaram para seu acampamento e brincaram comigo. Isso aconteceu antes que eles assassinassem meu pai. Tenho desejado voltar lá desde então.

Isso soa como se você e Jack estivessem numa missão - murmurou Costas.

Seu ancestral, o *muttadar*, também queria ir ao santuário quando estava junto com o tenente Howard no barco a vapor, num rio deste lugar, há todos estes anos - acrescentou Jack.

Nunca tentei me pôr na mente de um homem santo, um *Kóya*. Ele pode ter sido meu ancestral, mas esse é um lugar a que, definitivamente, não quero ir. - Pradesh olhou para Jack, com a firmeza do aço. - E minha missão nada tem a ver com deuses antigos e espíritos e ídolos. Ela tem a ver com o dia de hoje. Ela tem a ver com a dívida de um filho com a memória de um pai assassinado.

Jack aquiesceu, depois se virou e saiu pela proa, pronto para empurrar o barco. Pradesh se sentou e girou a chave da ignição. - Temos cerca de quatro horas de luz diurna. O cortador deve chegar aqui dentro de quarenta minutos. Isto nos dá tempo para visitar a aldeia na outra margem. Há algo que quero que vejam.

Vamos embora - disse Jack. - Depois do que você disse, não queremos ficar aqui fora depois que escurecer.

Costas esmagou um mosquito em seu pescoço, deixando uma mancha de sangue E disse: - Entendido.

## Capítulo 9

Jack se ajoelhou na proa do barco flutuante, segurando a corda de salvamento, de prontidão, enquanto Pradesh girava a cana do leme, movia o barco para fora da corrente do rio e entrava numa água represada pela praia. No último instante, ele acelerou e bateu com a quilha do barco na praia arenosa defronte à selva. Jack pulou com a corda na mão, correu alguns passos pela areia quente e a amarrou no tronco de uma tamarinderira. Pradesh desligou o motor e o cobriu com uma lona, depois ele e Costas pularam para fora do barco, um de cada lado, e o empurraram o quanto conseguiram. Jack prendeu bem a corda e olhou ao redor. A areia estava imaculada, tão branca como em outros lugares que vira. Ele alimentava a expectativa de encontrar alguma coisa de imediato, alguma evidência daquele dia fatal em 1879, embora também temesse isso, como se tivesse receio de despertar algum trauma atávico herdado de seu ancestral. Mas a areia não tinha marca nenhuma, e não havia sinal do antigo sacrifício. Ele viu a área que a inundação da monção devastava em volta da curva do rio, revirando violentamente a areia e recriando a praia todos os anos. Olhou para o lugar onde a garganta do rio se estreitava e lembrou-se das palavras de um engenheiro vitoriano que vira o Godavari completamente inundado. - Ele espumava ao passar pelas obstruções com uma velocidade e uma turbulência que nenhuma embarcação que flutuasse podia enfrentar." Eles só haviam se deslocado algumas centenas de metros da margem oposta, mas era como se tivessem atravessado alguma espécie de limite sagrado dentro de outro mundo. Até o ar tinha um odor diferente — penetrante, orgânico — e a luz acima da orla da selva tinha uma aura peculiar, como se o próprio ar estivesse colorido de verde e azul na interface entre o dossel de folhas e o céu.

Vamos. - Pradesh andou pela areia até uma abertura na selva entre duas árvores, um atalho bastante usado para se subir pelo declive que levava às casas feitas com caniços e bambus que eles haviam visto da margem oposta, construídas acima do nível das inundações. - Este é um dos caminhos traçados pelos sapadores no início da rebelião de 1879, mas depois que

foram embora foi negligenciado. Eles não conseguiram recursos para construir algo permanente dentro da selva, e as coisas não mudaram muito desde então. - Costas se arrastava penosamente atrás dele, e Jack subia na retaguarda. Costas tirou um frasco de repelente de insetos de sua mochila e borrifou generosamente suas partes expostas, passando-o depois para Jack. - Um pequeno avanço para a humanidade desde 1879 - murmurou, batendo num mosquito cheio de sangue que o havia mordido através da camisa. Pradesh virou-se e observou. - Esta foi praticamente a única coisa que mudou - ele disse. - Prepare-se para voltar no tempo. Uma imensa aranha passou apressada pelo caminho rochoso entre eles, e Jack ficou imóvel, prendendo a respiração. Pradesh percebeu. - Essa é uma reação normal - ele disse. - E a primeira coisa que aprendemos no treinamento para sobrevivência na selva. Você para sob o dossel verde e perde instantaneamente o verniz de civilização, torna-se um animal novamente, e selvagem. E usa isso em seu benefício, uma atenção muito amplificada. Mas o medo primordial também é reativo, o instinto de sobrevivência. Aranhas podem provocar isso, e serpentes também.

E tigres - murmurou Costas. - Acho que preciso de um drinque.

Essa é outra maneira de lidar com este lugar, infelizmente um pouco tentadora demais para o povo *Kóya*. - Pradesh se voltou e os conduziu caminho acima, passando por raízes gigantes de tamarindo e teca que tinham se entrelaçado, envolvendo a desobstrução do caminho que tinha sido feita em 1879. Ouviu-se um rumor como o de vento soprando nas folhas acima de sua cabeça, e um bando de macacos guinchou alto. Passaram um pedaço de terra aplainado e encontraram várias casas, todas de construção modesta de bambus na vertical e telhado de folhas de palmeira colocadas umas sobre as outras, rodeadas por uma estreita varanda e na frente treliças de bambu e talos de folhas de palmeiras entrelaçadas, com brotos de feijão germinando. Costas apontou para uma marca vermelha recente na parede. - Aquele símbolo parece estranhamente fora de lugar.

Um martelo e uma foice - murmurou Jack.

Pradesh olhou de novo, e seus lábios se curvaram numa expressão de desgosto. - Os guerrilheiros maoístas. Eles veem os *Kóya* como seus aliados, mas não é profanando as casas de seus amigos que vão conseguir favores. Quando estão sóbrios, os *Kóya* os desprezam, mas as tribos das colinas ficam confinadas em seu canto e se desesperam por algum auxílio

contra as companhias de mineração. Mas a ideologia dos maoístas não significa nada para eles, e isso será apagado em breve. - Pradesh fez sinal para que continuassem. Eles o seguiram até a extremidade do terreno plano onde a selva se fechava ao redor da aldeia e começava o aclive, numa profusão emaranhada. Havia sinais de vida por toda parte ao redor deles, pequenas nuvens de fumaça das fogueiras, madeiras meio empilhadas, brinquedos de madeira esculpidos, mas eles não conseguiam ver ninguém.

Onde estão as pessoas? - perguntou Costas.

Elas estão nos observando - disse Pradesh. - Para elas, permanecer invisíveis é uma segunda natureza. Essa é outra coisa que se aprende na selva, a se fundir com ela. Eles sabem quem eu sou, mas outros estrangeiros estiveram aqui recentemente, exploradores de minas, e eles têm motivos para suspeitar. - Ele os levou até uma pequena clareira depois da aldeia, margeada por troncos altos: pau-rosa, uma árvore semelhante ao mogno, palmeira, teca. Ele se agachou perto da base de uma velha tamarindeira e apontou para um pedaço de arenito ocre avermelhado com cerca de um metro de largura que tinha se incrustado no tronco, erguendo-se à medida que a árvore crescia. Costas se ajoelhou ao lado. - Este é um daqueles objetos sagrados de que você falava? Um *vélpu*?

Pradesh assentiu com a cabeça. - Olhe bem. Era isto que eu queria lhe mostrar.

Sim. Vejo que há uma inscrição nele.

Jack se agachou do outro lado da árvore, onde estava mais claro. Tocou a pedra, sentindo sua rugosidade, a condensação. Havia várias linhas escritas em inglês, gravadas toscamente. Leu em voz alta as palavras:

William Charles Bebbie

Comissário Assistente, províncias Centrais

Morto pelos rebeldes em 20 de agosto de 1879

41 anos de idade

É o seu homem, não é Jack? - disse Costas. - Aquele que comandava os sapadores para dentro da selva, o oficial responsável por esta área que nunca havia sido visitada?

É o próprio, isso mesmo, - Jack murmurou, colocando a palma da mão na pedra.

Uma inscrição bem simples. Quero dizer, nem uma citação sagrada, repouse em paz, essas coisas.

Ele teve sorte de obter ao menos uma inscrição. Deve ter sido feita pelos sapadores quando voltaram para saquear o santuário, onde provavelmente o sepultaram. Não acho que tenham chorado muito por ele.

Enterro rápido. Livrar-se das evidências.

O que você quer dizer?

Bem, se ele foi baleado. Quer dizer, se os sapadores o alvejaram. Quem vai saber? Eles estavam sendo atacados por todos os lados, sob o fogo dos inimigos e desesperados, e ele pode ter sobressaído entre eles. Isso pode ter sido entendido como se ele quisesse pôr sua vida em risco. Um bom oficial como Howard pode ter achado que ele tentava pegá-los. Ele seria mais leal a seus sapadores do que a qualquer oficial civil descuidado.

É possível, - Jack murmurou. - É um sepultamento rápido não suscitaria nenhuma curiosidade. As pessoas eram enterradas na Índia no mesmo dia em que morriam. Edward, o filhinho de Howard, foi enterrado em Bangalore poucas horas depois de ter sucumbido à doença, meses antes que Howard pudesse ir até seu túmulo.

Costas deu um grito e pulou para trás. Jack arregalou os olhos, horrivelmente fascinado com o que surgira a poucos centímetros de seu rosto. Uma enorme serpente, uma naja amarela e marrom, com estrias negras, erguendo-se ereta de um buraco entre as raízes em frente à lápide de Bebbie. Ela movia o pescoço e fitava Costas, sua língua estalava, assobiando e balançando.

Está certo, - Jack murmurou entre dentes, sem mover um só músculo. - O que fazer agora?

Fique absolutamente imóvel - disse Pradesh.

Costas começou a se balançar suavemente.

Isso vale para todos nós - Pradesh sussurrou. - Não importa quão longe você esteja. Você não tem idéia do alcance do golpe dessa coisa.

Só para entrar no espírito da coisa - murmurou Costas.

Isto é exatamente algo que você não vai querer fazer - Pradesh disse calmamente, com os olhos grudados na serpente. A cobra abriu muito a boca, deixando ver suas presas salientes gotejando veneno.

Costas parou de balançar. - Peguei você!

Pradesh se aproximou lentamente de uma cabaça que estava presa entre as raízes e pegou um punhado do que ela continha. Ergueu a mão sobre a serpente e atirou um pó vermelho na sua direção. Ela começou lentamente a se desenrolar, como que acalmada, e então saltou para o lado, direta como uma flecha, percorrendo várias vezes o comprimento de seu corpo até alcançar a beira da clareira. Ouviu-se um zunido, e ela já havia sumido. Jack e Costas permaneceram imóveis, atordoados, em silêncio. Pradesh virou para eles e sorriu. - Um pequeno truque que aprendi quando criança. Quando eu ficava aqui com meu pai. Eu costumava ter uma dessas como animal de estimação.

Um bicho de estimação!, - disse Costas com um fio de voz.

É um presságio - disse Pradesh. - O aparecimento da serpente assinala o início do festival de *Thota Panduga*. É o que está para acontecer aqui. Ele gesticulou, apontando para a terra batida da clareira. - É aqui que eles dançam. É um acontecimento sagrado, e não por causa de Bebbie. Voltando a 1858, os chefes das colinas foram enforcados aqui pelos britânicos por realizarem sacrifícios humanos. Os *Kóya* não esquecem essas coisas. Eles ainda sacrificam aves aqui, debaixo dos coqueiros. Devem ter preparado comidas durante a última noite e deixado sob as árvores, para festejar hoje.

Jack foi relaxando devagar, girando o corpo e olhando tudo em volta. Lagartixas corriam pelas rochas e subiam num formigueiro diante da selva. Havia insetos por todo lado, não só mosquitos, mas libélulas e borboletas pousando nas flores que se agrupavam ao sol em volta da clareira. A selva parecia explodir de ruídos. Nas folhagens gotejantes acima deles, Jack viu morcegos pendurados com as asas encolhidas ou despregadas. Ele percebeu que os macacos de rabo comprido que eles haviam visto no caminho rochoso que subia da praia os haviam seguido até ali e estavam sentados sobre umas raízes em volta da clareira. Repentinamente, puseram-se a guinchar e gritar. Além deles Jack percebeu que estava vendo rostos humanos, homens, mulheres e crianças, algumas dúzias pelo menos, observando-os silenciosamente.

Temos amigos, - Costas disse, apontando.

Um homem havia se materializado silenciosamente na extremidade da clareira. Pradesh disse alguma coisa em *Kóya* e tocou as mãos do homem em forma de saudação. O homem era ágil, magro, de músculos rijos, e sua pele tinha um tom marrom-escuro. Estava vestido somente com uma tanga branca,

presa por uma corda de cipós de trepadeira trançados, um turbante folgado e descalço. Tinha bochechas grandes e nariz achatado, como os homens da planície que eles haviam visto na margem do rio, e seus olhos pareciam preto-azeviche. Estava carregando um arco e um punhado de flechas e trazia uma adaga curva na cintura. Pradesh virou-se e fez um gesto para que Jack e Costas se aproximassem. - Este é Murla Rajareddy - disse. Ele é o fazedor de vinho de palmeira. - Pradesh apontou para um pneu velho de carro e um rolo de cordas junto a uma palmeira, evidentemente um jogo de ganchos para trepar em árvore. - Ele usa uma faca para abrir a base das folhas da palmeira e depois recolhe a seiva numa cuia. Esta é a melhor época do ano para isso. E essa é a razão do festival. Jack viu que o tronco do homem estava marcado por sulcos e estrias, alguns de ferimentos antigos e curados, outros frescos, linhas de vergões paralelas que brilhavam devido a algum tipo de unguento curativo. Pradesh falou com o homem, que respondeu com uma voz suave e vibrante, apontando para as cicatrizes.. Pradesh voltou-se para Jack e Costas. - Ele é também o caçador de tigre da aldeia, o único autorizado a matá-los. Ele disse que um tigre apareceu cerca de dez dias atrás aqui, e ele escapou por pouco. O tigre havia matado e comido uma criança de outra aldeia. Ele acha que a chegada do tigre foi um presságio do que viria a acontecer em seguida, a chegada de outros estrangeiros que estiveram aqui recentemente. Perguntei a respeito disso. Era por essa razão que estavam suspeitando de nós. Eles imaginavam que fôssemos fazer o mesmo.

Jack e Costas se aproximaram, estenderam a mão e cumprimentaram o homem, que inclinou levemente a cabeça, mas manteve os olhos sobre eles. Ele recendia a álcool. Estava cercado por uma nuvem de mosquitos, mas parecia ignorar a presença deles.

Como ele lida com a malária? - Costas perguntou.

Eles fazem pílulas para a febre. É uma pasta feita da casca da *Astonia Scholaris*, a casca da raiz da *Ophioxylon scrobiculatum* e a raiz, o talo e as folhas da *Andrographis paniculata*.

Você acredita nisso? - Costas perguntou.

Funcionou para mim. Sir Ronald Ross definiu o papel dos mosquitos na malária depois de tratar os veteranos de Rampa, mas há mais a estudar. Mesmo hoje, doutores das terras baixas pensam que os remédios da selva são produtos de feiticeiros. A ironia é que a própria superstição com respeito aos *Kóya* é que os impede de aprender com este povo.



O fazedor de vinho de palmeira se agachou e pegou uma cabaça de trás da árvore. Ratos negros e gordos correram para dentro da escuridão da selva e em seguida voltaram, olhando vorazmente ao redor. Costas olhou para eles e depois lançou a Jack um olhar malicioso. O homem ignorou Jack e deu a cabaça para Costas.

Parece que você foi o escolhido, disse Pradesh.

Escolhido para quê?

Chama-se comida de tigre - ele sorriu. - Os que comem ganham poderes mágicos que permitem encantar o tigre, ligando-se a ele. Quando terminar o festival, você será despido e enviado para a selva para ir encontrar o tigre, uma espécie de alimento e saudação.

Certo. Então, quando é exatamente que este helicóptero vai chegar?

Pradesh olhou para o relógio. - Em vinte e cinco minutos.

-Acho que já posso ir andando e esperar na praia.

Quando você entra num ritual nativo, você nunca pode recuar. Isso é muito ruim, você sabe. Qualquer antropólogo pode lhe dizer isso.

Antropólogo, arqueólogo, é tudo a mesma coisa para mim - Costas resmungou. - Sou engenheiro. Um engenheiro supostamente em férias. - Observou atentamente dentro da cabaça. - De qualquer forma, de que se trata, exatamente?

Frutos da árvore do tamarindo, a tâmara da Índia. São como feijões largos, verdes e aveludados, e chupa-se a polpa das sementes. Eles o misturam com o miolo da palmeira e o caroço da manga. Como especial consideração para com o festival, eles já esmagaram as sementes na boca e cuspiram a polpa. A saliva engrossa a pasta. Realmente é muito bom.

Eu não ouvi você dizer isso. - Costas parecia pálido.

E a maior iguaria deles.

-Eu vou ter de...?

Considere-se uma pessoa de sorte. Ele poderia indicar você para o sacrifício.

Eles ainda fazem isso?

Você nunca pode estar muito seguro. Os velhos costumes dificilmente morrem. E ultimamente eles têm sido provocados, como se estivessem em 1879. Sugiro que você aceite esse presente.

Costas observou atentamente a cabaça, sorriu de modo agradável para o homem e mergulhou nela um dedo. Retirou-o e o lambeu, em seguida sorriu,

acenando com a cabeça entusiasticamente. Olhou de relance para Jack e depois para Pradesh. Engoliu com dificuldade e por uma fração de segundo parecia uma criança com ânsia de vômito. - Diga a ele que estava excelente. Tem alguma coisa para ajudar a engolir? - Ele perguntou roucamente, ainda sorrindo.

-Está vindo...

O homem pegou outra cabaça e a ofereceu para Costas. Pradesh segurou a mão do homem e cheirou o conteúdo. - É *kallu*, vinho de palmeira, fermentado ao sol. As vezes acrescentam folhas de papoula ou maconha. Mas não hoje. Deve estar puro para o festival. - Deixou que o homem o entregasse a Costas, que tomou um golinho cauteloso e depois uma golada, bochechando e em seguida engolindo. Ele suspirou e olhou com aprovação para a cabaça. - Nada mau. Lembra um pouco a cidra.

- Eu estava verificando se não era áraque - disse Pradesh. - É o que resulta quando se destila essa coisa. Uma mistura letal de álcool metílico e amido. Esse é outro meio pelo qual os habitantes das terras baixas exploram essas pessoas. Há destilação de áraque em quase todas as aldeias, agora. O vinho de palmeira os mantém flutuando juntos, mas o áraque os destrói. - Costas fez o gesto de devolver a cabaça, mas o fazedor de vinho de palmeira a recusou, insistindo em que ele bebesse. Ele então pegou Pradesh pela mão e o conduziu a um grupo de *Kóya* que estavam na beira da clareira, sentados à sombra de uma grande árvore de tamarindo. Pradesh olhou para trás. - Eu os questioneei sobre os maoístas - ele disse. - Preciso descobrir onde eles estão operando. - Ele se agachou ao lado do grupo, e Jack e Costas ficaram assistindo atentamente. No princípio as perguntas dele foram recebidas em silêncio, mas então o fazedor de vinho de palmeira ficou animado, falando apressadamente, pondo os dedos nos olhos, puxando-os, fazendo uma careta, e voltando a tagarelar, gesticulando com as mãos, movimentando os antebraços, como se estivesse desenhando. Tirou algo de uma pequena bolsa de sua tanga e entregou a Pradesh. O outro *Kóya* se esquivou para trás do limite da selva, parecendo assustado, agachando-se com os arcos e flechas. Pradesh fez várias perguntas mais, depois pôs a mão no ombro do homem e se levantou, retrocedendo na direção de Jack e Costas com um ar de preocupação na rosto. - Tenho que ir para algum lugar com ele, em particular. Ele não falará aqui. Vão para a praia. Eu os encontrarei lá.

Quinze minutos depois, Jack e Costas estavam de volta ao lado do barco, sentados na sombra da plataforma flutuante. O sol tinha ficado ferozmente ardente, mas agora estava mais baixo no céu, a oeste, acima da garganta do rio. Eles tinham ainda aproximadamente três horas de luz do dia. Jack estava tamborilando na lateral da plataforma flutuante, quando de repente parou. Pela primeira vez outra pessoa estava no controle, e Jack não estava acostumado com isso. Mas Pradesh parecia ter tudo sob controle rígido, e ele sabia melhor do que Jack quanto tempo levaria para chegar até o santuário na selva e depois voltar. Jack relaxou ligeiramente e deslizou para o lado na plataforma flutuante, com os cotovelos enfiados na areia. Observava Costas em silêncio, com ar divertido. Costas estava sentado na areia, com os joelhos ligeiramente dobrados, e as pernas dos shorts esvoaçando. Ao longe, um caranguejo de rio viu um recanto confortável e estava rapidamente indo de lado para lá. No último instante, Costas se levantou, e o caranguejo passou por baixo dele, ultrapassou o barco, desaparecendo na praia atrás deles a uma velocidade prodigiosa. Costas percebeu que Jack o estava observando, balançou a cabaça com ar inocente e perguntou. - O que foi?

-Acho que você já bebeu muito disso aí.

- Só tomei dois goles. De qualquer maneira, estou de férias. Na praia. Bebeu outro gole e esfregou a boca, suspirando. - Certo. O suficiente para espantar um pouco a decepção, nada mais. - Ele virou a cabaça de cabeça para baixo na areia, depois tomou um longo gole de sua garrafa de água. - Enquanto esperamos, Jack, me atualize. Esse sujeito, o Bebbie. O que ele estava fazendo aqui? Que rebelião foi aquela?

Jack se recostou e pôs os braços atrás da cabeça. Olhou para as palmeiras que margeavam a praia e viu outro fazedor de vinho de palmeira descendo habilmente de um tronco. Jack se aproximou de Costas, deu um tapinha na cabaça virada para baixo e começou a explicar: - Foi um imposto sobre o vinho de palmeira. Totalmente desnecessário, uma receita quase insignificante, mas uma fonte enorme de discórdia para o povo tribal. Foi assim que começaram vários conflitos coloniais. Um ressentimento e depois uma ligeira estupidez administrativa que assume proporções catastróficas. E em 1879, com a guerra no Afeganistão, uma rebelião interna era a última coisa que o governo queria. A reação foi típica. Anos de indiferença e negligência com as pessoas da selva foram seguidos por grande falta de

habilidade e ineficiência para sufocar a rebelião. Desde o início os britânicos enfrentaram dificuldades por falta de conhecimento das pessoas e das condições da selva. É aí que entra Bebbie. Havia muitos funcionários britânicos notáveis na administração civil da Índia, de grande inteligência e retidão moral. Bebbie era um funcionário de segunda linha, nomeado para a retaguarda. Para os povos tribais, havia alguns estrangeiros que eram adorados, como o lendário príncipe Rama. Bebbie certamente não era um deles.

Um barulho os fez voltar-se para a selva. Era um som novo, pareciam sinos ou gongos distantes. Era difícil dizer se era provocado pela brisa entre as árvores, ou por algo real. Então soou claramente um som de tambor vindo da direção da aldeia, três batidas fortes, silêncio, mais três batidas, intensificando-se, como se mais tambores fossem se juntando aos anteriores. Então eles os viram: homens de tanga carregando longos tambores de face dupla, saindo da selva por ambos os lados do caminho, depois dando um passo para trás, em seguida vindo novamente para diante, acompanhando o ritmo das batidas dos tambores. Entre eles apareceram algumas mulheres, com sinos nas orelhas e agitando vigorosamente a cabeça. Elas batiam os pés no chão em uníssono, reforçando o ritmo dos tambores, crescendo em número, entrando e saindo por entre as fileiras dos tocadores. Vozes ecoaram, subindo e descendo, num canto melancólico. Então uma fileira se abriu, e um homem surgiu, com um crânio de bisão na cabeça, enrolado numa túnica vermelha e enfeitado com penas de pavão, os chifres arqueados para cima e gotejando algo vermelho. Mais homens com chifres surgiram, formando um círculo na areia, batendo os pés em harmonia e cantando.

Chifres do bisão indiano -, Jack murmurou. - Outra fera temida da selva. Vejam como eles já se pintaram com sangue.

Só de galinha, espero, - Costas disse. - Mas ainda é terrivelmente assustador. Acrescente sacrifícios humanos, e ponha-se no lugar de um soldado britânico assistindo a isto daquele navio a vapor no rio em 1879. Deve ter sido algo parecido com a visão do inferno que todos aqueles pastores vitorianos deviam ter inculcado neles quando criança. Aqueles eram selvagens pagãos, e estes homens chifrudos são uma visão do próprio diabo.

Pradesh abriu caminho por entre as fileiras dos tambores e dançarinos e a passos largos aproximou-se deles. O fazedor de vinho de palmeira estava

com ele, mas ficou para trás, na entrada da selva. Pradesh olhou para o relógio, depois examinou o céu esquadrinhando o horizonte a leste. - A dança do bisão - ele disse. - O primeiro ato do festival. O vinho de palmeira está fluindo livremente agora. É uma boa hora para partir.

Antes que eles me dispam e me mandem dar uma pequena caminhada pela selva, você quer dizer - Costas disse.

Teve sorte? - Jack perguntou.

Você viu isso que o fazedor de vinho de palmeira fez com as mãos, na clareira da selva? Ele puxou a pele do rosto para ficar com os olhos oblíquos. Disse que um homem esteve aqui antes do início das monções, aproximadamente há quatro meses. Ele tinha olhos assim.

O tio de Katya? - Costas perguntou.

Poderia ser - Jack murmurou. - Hai Chen parecia muito distinto, chinês mongol. Mais alguma coisa?

O homem contou para o *Kóya* que era amigo de Christoph von Furer-Haimendorf, um antropólogo que veio para cá com a esposa nos anos 1930, durante os últimos anos do governo britânico. Eles ficaram na selva durante vários meses, patrocinando a causa tribal. Christoph era amigo de meu pai quando menino e sempre foi citado pelos *Kóya* com grande reverência.

Esses homens se lembram de uma visita de quase oitenta anos atrás? Costas perguntou.

Certamente Pradesh respondeu. - E eles se lembram do tenente Howard, o trisavô de Jack. Nos meses seguintes à derrota dos rebeldes, depois que a principal Força de Campo Rampa foi retirada, Howard e seus sapadores ficaram para trás para limpar e começar a construção da estrada. Aparentemente, Howard conseguiu, à moda dele, ajudar os aldeões, melhorando o abastecimento de água e o serviço de saúde pública, ensinando técnicas de construção. Ele era diferente dos missionários que ocasionalmente subiam o rio. Dizia-lhes que os únicos deuses que eles deveriam adorar eram os seus próprios deuses. Eles se lembraram disso. Ele ficou doente, teve um esgotamento, e eles cuidaram dele. Era especialmente solícito com as crianças, e construiu brinquedos para elas enquanto estava convalescendo. E eles se lembram do dia em que chegou o navio a vapor para levá-lo embora, o dia que ficou sabendo que seu próprio filho tinha morrido. Ele estava inconsolável e foi sozinho para o rio, ao lugar onde o

*Kóya* havia realizado a cerimônia naquele dia em 1879, onde haviam sacrificado a criança. Talvez tenha sido essa visão que o afetou ainda mais.

Jack engoliu em seco. - Isso parece bem ele - murmurou. - Era muito dedicado às suas crianças, as que teve nos anos seguintes.

Mas ele nunca devolveu o *vélpu* sagrado ou a manopla de tigre - disse Costas.

Por alguma razão, ele e Wauchope decidiram ficar com ambos - Jack respondeu. - Howard pode ter pretendido voltar ao santuário e tentar achar um modo de entrar lá de novo, mas depois que foi afetado pela doença nunca mais retornou à selva.

Pradesh se virou para Costas. - Você perguntou como os *Kóya* se lembram do passado distante. É porque eles não têm linha do tempo, e visitas de cem ou mil anos atrás são descritas da mesma forma, como - no tempo dos antepassados deles. No devido tempo, os mais antigos acabam entrando para o campo da mitologia, e alguns deles se tornam deuses.

Ao declarar sua amizade com *Von Furer-Haimendorf*, Hai Chen estava se valendo da mais antiga técnica do livro do antropólogo - Jack disse. - Ganhe a confiança das pessoas declarando amizade com uma visita venerada do passado. Hai Chen devia ter conhecimento disso.

Ao que parece, ele falou com eles no idioma *Kond*, da selva do norte, e suficientemente bem para eles se entenderem - Pradesh disse. - O idioma *Kóya* é um dialeto do *Kond*.

Isso esclarece tudo - disse Jack. - Katya contou que seu tio era um exímio linguista, e tinha estudado os idiomas tribais quando começou suas explorações junto aos povos da selva na Índia. O que mais eles podem nos contar?

Ele estava interessado na mitologia deles, nas tradições antigas, seus artefatos. O fazedor de vinho de palmeira lhe falou sobre o *vélpu* e apressou-se em mostrar-lhe um. Eventualmente ele mesmo produzia seu *vélpu* familiar, já retirado de seu recipiente de bambu. Desde que o *vélpu* mais sagrado, o *Lakkála Rámu*, havia desaparecido em 1879, os *vélpu* perderam muito de seu poder, e o *vélpu* familiar é o menos poderoso. Mesmo assim, os outros aldeões desaprovaram, e foi por isso que você os viu se retirando da clareira para a selva agora mesmo quando ele estava fazendo um. - Pradesh levantou o objeto que o fazedor de vinho de palmeira tinha lhe dado, uma moeda. Eles a observaram atentamente, e Costas

assobiou. - Eu já vi uma dessas. Em nosso naufrágio no mar Vermelho. É romana.

Um *denarius* imperial antigo - Jack disse, pegando a moeda e olhando de perto. - Não é de ouro, como a do naufrágio, mas de prata. Está bastante gasta, mas a efígie é de Augustus jovem, não há nenhuma dúvida sobre isso. Admirável.

Elas são encontradas em todo o sul da Índia - Pradesh disse. - Nós temos uma numismata em Arikamedu que está fazendo um estudo exaustivo sobre elas. Ela ficou sabendo de John Howard, quando a coleção de moedas romanas da Índia de sua juventude foi doada para o Levantamento da Índia por sua filha. As moedas são normalmente perfeitas, novas. Foram exportadas pelos romanos como ouro em barra. Esta aqui está usada porque deve ter sido manuseada por gerações pelos *Kóya*, provavelmente como enfeite, antes que ganhasse o estado de objeto sagrado e ser escondida como *vélpu*. O fazedor de vinho de palmeira disse que a efígie era de Rama. Ele está nos observando com olhos de águia lá de cima. Tenho que lhe devolver isto antes de irmos embora.

*Rama*, Jack pensou. - Mais alguma coisa?

Pradesh se agachou. - Há algo mais, e é preocupante. - Fez uma pausa. - O homem, Hai Chen, chegou aqui logo antes do início das monções e quis percorrer quanto território conseguisse, antes que a selva ficasse intransitável. Eles o enviaram com um guia para a aldeia de Rampa, e de lá ele foi sozinho para ver o santuário. Nenhum dos *Kóya* iria para lá com ele.

A caverna de que estava falando - disse Costas.

Pradesh fez que sim com a cabeça. - E então, alguns dias depois, outros vieram, simplesmente assim. - Pradesh puxou os olhos com os dedos.

Mais chineses - Jack murmurou.

Pradesh assentiu com a cabeça. - Mas eles eram diferentes. Havia sete deles, e eles vieram de helicóptero. E eram agressivos. Disseram que eram funcionários das minas. Os aldeões estavam muito receosos. Eles já haviam tido contato com os prospectores das companhias mineiras, e eles os odiavam. As colinas ao redor são ricas em bauxita, e a área inteira está sob ameaça. Mas havia algo em particular que os aterrorizou. Os homens tinham tatuagens idênticas nos antebraços. A imagem de um tigre.

Um tigre - Jack repetiu.

O fazedor de vinho de palmeira ficou petrificado. Ele pensou que o *konda devata* viera para castigá-lo por ter revelado seu *vélpu* para Hai Chen. Ele ainda acha que eles o estão espreitando na selva ao redor da aldeia, esperando o momento de atacar. E ele tem boas razões para estar apreensivo.

Jack repentinamente começou a se sentir inquieto. - Continue.

A técnica dos prospectores para obter informações era ligeiramente diferente. Eles agarraram uma das crianças, uma menina pequena, e colocaram uma arma na cabeça dela. Eles queriam saber para onde tinha ido o outro homem chinês, aquele que nós pensamos que era Hai Chen.

E o fazedor de vinho de palmeira contou.

Pradesh fez que sim com a cabeça. - Isso foi há mais de três meses. Os maoístas chegaram aqui e disseram que eles não deviam chegar perto do santuário. Eles estavam acostumados a ouvir os maoístas dizerem para que ficassem longe de seus acampamentos, e o santuário, de todo modo, já era um tabu para os *Kóya*. Mas agora era diferente. Depois do desaparecimento do antropólogo chinês, o fazedor de vinho de palmeira soube que outra coisa tinha acontecido. Os espíritos malignos haviam sido despertados.

Qual é o problema de enviar tropas da polícia? - Costas disse. - Isso parece bastante justificado agora.

Pradesh sacudiu a cabeça. - Ninguém do governo vai comprar essa história. Ainda há um desprezo enraizado pelos tribais entre os habitantes das terras baixas que compõem a maioria do governo regional e do ministério da justiça, e se uma palavra escapasse de que eles tinham estado incomodando os prospectores somente com base numa história dos *Kóya*, iriam pagar caro por isso. Há elementos poderosos no governo que ficariam muito contentes de ver o povo das tribos ser desapropriado e estas colinas se transformando numa gigantesca área de mineração. As pressões financeiras são enormes. Uma intervenção militar só poderia ocorrer se os maoístas praticassem violências na selva, e os maoístas normalmente tomam cuidado para evitar isso. A selva é a casa segura deles. Meu pai foi assassinado pelos maoístas em Dowlaishweram, não aqui. Se os maoístas atirarem nas tropas, isso vai se tornar um assunto federal, e a próxima coisa que se veria seriam helicópteros metralhando a selva. Transformar este lugar em uma versão da Guerra do Vietnã não ajudaria o povo tribal. É preciso andar com muito cuidado. Oficialmente, estou aqui de férias, e os dois



rapazes de nossa companhia de segurança que estarão conosco no helicóptero são guarda-costas particulares, empregados por você.

E o que você realmente quer fazer é você mesmo matar os maoístas, na hora certa - Costas disse tranquilamente. - Por seu pai.

Jack olhou para Pradesh, que baixou a cabeça sem dizer nada. - E a respeito do antropólogo, Hai Chen? - Costas perguntou.

Pradesh sacudiu a cabeça. - Não há sinal dele desde então.

O barulho de um helicóptero encheu o ar, abafando a batida do tambor na entrada da selva. Pradesh tirou o receptor de rádio e falou rapidamente em hindi. O helicóptero retrocedeu para cima do rio e desceu sobre o banco de areia na margem oposta. Pradesh acenou para o fazedor de vinho de palmeira, que estava gesticulando para o helicóptero. - Eu lhes disse para pousar no outro lado do rio. Os *Kóya* merecem alguma margem de segurança, depois da última vez que um destes pousou aqui. E não queremos que eles percam o controle e nos enxotem.

Jack observou os dançarinos. - Eles estão muito longe para ser vistos. - Ele se levantou e caminhou de volta para o outro lado da areia, onde havia deixado a corda. Costas, com a cabaça na mão, foi na direção do fazedor de vinho de palmeira que estava de pé ali adiante. - Só vou me despedir de meu novo amigo.

Não deixe que ele o leve para a selva - Jack disse. - Se você estiver com aquele amuleto de tigre, podemos precisar dele também.

Costas apertou a mão do homem, enquanto apontava com ar de aprovação para a cabaça. Jack o acompanhou, segurando a corda do barco, e Pradesh juntou-se a eles, devolvendo ao fazedor de vinho de palmeira a moeda romana. O homem a guardou com cuidado na pequena bolsa de couro e a amarrou à tanga. - Ele não parece estar incomodado com o helicóptero - disse Costas.

Alguns já estão acostumados com eles. Os chineses não são os primeiros a chegar aqui. Houve outros, as multinacionais. Às vezes os *Kóya* são contratados para trabalhar como guias. Os prospectores os pagam com tijolos de haxixe. É a maneira que as companhias mineradoras usam para oferecer uma retribuição, mostrando que realmente se preocupam.

Jack virou para o fazedor de vinho de palmeira, refletiu por um momento, então tirou o binóculo Nikon que tinha a tiracolo. Já havia visto vários *Kóya* olhando através de um com curiosidade. Ele seria de pouco uso

na viagem até os confins da selva, então deu-o a ele. O homem o segurou, olhou de perto para as lentes, girou-o na mão e o devolveu. Ele inclinou a cabeça e disse algumas palavras para Pradesh.

Ele disse que se você não necessita do binóculo, ele também não. E que consegue ver até onde precisa.

Jack olhou seriamente para o homem, depois acenou lentamente com a cabeça. - Bastante razoável.

Introdução à antropologia, Jack - Costas murmurou.

Jack ergueu as sobrancelhas. - O quê?

Não crie confusão com os nativos.

Obrigado, engenheiro.

Pradesh apontou para o helicóptero. Eles se dirigiram apressadamente para o barco. Ele e Costas puseram-se de pé, um de cada lado, e Jack atirou a corda por cima.

*Okay* - disse Pradesh. - Prontos para zarpar?

Costas o encarou e acenou com a cabeça, aprovando. - Falou e disse!

Jack atirou sua velha bolsa cáqui por cima do ombro, procurando sentir a Beretta no coldre. Alguma coisa estava acontecendo, algo maior do que ele havia imaginado. Pensou em Katya novamente e de repente sentiu necessidade de falar com ela. Olhou para o relógio. Só faltavam quatro horas para que o *Lince* fosse apanhá-los em Rajahmundry para os levar de volta para o *Seaquest II*.

Costas olhou para a escuridão da selva, depois apontou para o pendente em volta do pescoço de Pradesh. - Eu estava imaginando - ele disse. - Será que você possui mais algumas dessas garras de tigre?

Pradesh olhou para ele e começou a subir no barco. - Você não precisa de uma, lembra? Você comeu a comida de tigre. Mas não se preocupe. Não vou envolver você num tiroteio. Se houver algum sinal de problema, meus dois sapadores atirarão para matar.

Soa como um plano - Costas disse. - Jack?

Vamos nessa!

## Capítulo 10

Olhe para baixo agora, e rápido, antes que eles desapareçam. Na selva.

Jack olhou para fora da porta lateral aberta do helicóptero, enquanto sentia o turbilhão de ar provocado pelo rotor contra seu capacete. Costas fez o mesmo do outro lado. No início eles nada viram além da exuberância da selva, estendida sobre os contornos ásperos das colinas como um tapete felpudo. Então Jack percebeu que havia movimentos na escuridão debaixo das árvores, uma onda como uma sombra se propagando, como se o rio Godavari atrás deles tivesse inundado suas margens e estivesse descendo pelos desfiladeiros e valas da selva. Viu figuras pretas adiantando-se, atravessando as clareiras. Ele não ouvia nada a não ser o helicóptero, mas sentiu um estrondo, como o de um trovão, o som de um rebanho de bisões correndo pela selva para algum destino desconhecido.

- São os *gaur* -, Pradesh disse pelo interfone do co-piloto. - Os *kóya* os temem quase tanto quanto aos tigres. Com uma multidão dessa por perto, temos mais uma razão para evitar o caminho da selva e tomar o helicóptero.

Jack se recostou. Ele e Costas, com o cinto afivelado, estavam sentados nos assentos da porta que davam para a popa, e Jack estava agarrado ao suporte de onde outrora pendia uma arma. O helicóptero era um Huey velho, do antigo exército indiano, que agora era utilizado como uma mula para prover as aldeias remotas nas selvas do Ghats oriental. Não se cogitara que Pradesh requisitasse um helicóptero de sua própria unidade, com insígnias, o que teria alarmado os *Kóya* e os terroristas maoístas, e o *Lince* do IMU se parecia muito com uma das máquinas que levavam os prospectores das minas. Mas Jack sentia que eles estavam suficientemente protegidos durante aquela missão, uma rápida incursão que Pradesh esperava que durasse menos de duas horas, até que eles pudessem estar de volta antes do pôr-do-sol. Nos assentos opostos estavam dois dos sapadores de Pradesh, homens alegres do Grupo de Assalto da Companhia de Engenheiros de Madras. Cada um deles tinha uma caixa com armas presa no chão abaixo deles. Jack olhou para eles, para os bigodes e olhos ferozes, e quis saber se algum de seus

antepassados havia estado ali, gente que poderia ter estado junto com seu trisavô no caminho da selva naquele dia fatídico em 1879.

Estamos só a dez minutos de lá - disse Pradesh. - A clareira com o santuário está à nossa frente, e a aldeia de Rampa fica a cerca de um quilômetro a leste, lá onde se pode ver a fumaça se elevando acima da selva. - Os dois sapadores abriram depressa as caixas com as armas, retiraram os rifles de assalto AK-74 e inseriram os carregadores. Ergueram as armas e as puseram nos joelhos, com os canos apontando para fora. Um deles sugeriu que Jack e Costas deslizassem seus assentos pelos trilhos do chão para o centro da cabine, longe das portas abertas. Pradesh se inclinou, verificando se eles haviam se movido. - Só para o caso de entrar alguma bala perdida - disse. - De acordo com os *Kóya* com quem falamos há pouco, a clareira não tem sido usada de um tempo para cá pelos maoístas como acampamento regular. Mas eles disseram que os aldeões de Rampa ouviram muito tiroteio no dia em que os prospectores mineiros chineses foram lá. Não há nenhuma informação sobre o que iremos encontrar.

E então, o que há com o nome da aldeia de Rampa? - perguntou Costas.

O nome veio de Rama, o príncipe que se tornou um foco de adoração na Índia - Pradesh respondeu. De acordo com o *Ramayana*, o antigo épico sânscrito, o príncipe Rama se dirigiu para o sul de Oudh e passou dez anos em exílio na selva. O santuário, para onde estamos indo, sempre foi conhecido como Templo de Rama.

Jack acionou o interfone do capacete. - Tenho pensado nisso desde que vimos aquela moeda romana do *vélpu*. Quando os romanos estavam em Arikamedu, o nome local mais comum para eles era *yavanas*, ocidentais. Mas o nome *raumanas* também aparece na literatura Brahmin. Pode ser só uma coincidência.

Ora vamos, Jack - disse Costas. - Desde quando você passou a acreditar em coincidência?

-É uma possibilidade fascinante - disse Pradesh. - Como indiano, levo o *Ramayana* a sério. Parece que ele leva isso em conta. Mas sei, por meus ascendentes *Kóya*, que um santuário para Rama está em total contraste com as convicções da selva. Eles não têm nenhum santuário para seus deuses, nenhum lugar sagrado, nem mesmo cores sagradas. Os deuses deles estão à sua volta, é pura imanência. Como indianos, nós aceitamos as histórias de intrusos, porque nossa religião é inteiramente abrangente. Mas para as

convicções animistas dos *Kóya*, a história é diferente. Se não foi o próprio Príncipe Rama, deve ter sido uma presença igualmente poderosa que esteve aqui e deixou uma marca.

Talvez outro intruso - disse Costas.

Certo. Aqui estamos nós agora. - O helicóptero reduziu a velocidade, inclinou-se ligeiramente para pousar e começou a voar num largo círculo ao redor de um pequeno terreno na selva, envolvido pela bruma. Jack pôde ver a área que eles haviam sobrevoado, um desfiladeiro, o flanco de selva áspero que subia de ambos os lados com algumas manchas vermelhas por onde a lama devia ter deslizado durante as monções. Pela folhagem densa, pôde reconhecer o sulco que o fluxo da água havia cavado na ribanceira, entre massas confusas de pedras expostas em seu curso. Era a única rota óbvia rio acima, quinze quilômetros em direção ao sul, e deve ter sido aí que Howard e Wauchope chegaram com seus sapadores em 1879. Deviam estar completamente expostos ao fogo que vinha do alto, e era difícil imaginar como não foram dizimados pelos rebeldes.

Mas Jack se lembrou da história de Pradesh sobre o *vélpu* de bambu, a promessa de Howard para o *muttadar*. Era a única explicação para eles terem passado incólumes.

O turbilhão do rotor desanuviou o ar circundante, e Jack pôde ver onde o córrego margeava o lado oriental da clareira, depois de expelir uma chuva de pedras que do flanco da selva rolaram para baixo. Pôde ver a cachoeira escoando por sobre as pedras que se estendiam para além da clareira. Na frente havia três lajes enormes, uma delas apoiada em duas outras, como um portal pré-histórico gigantesco.

Aquele é o santuário - disse Pradesh, apontando. - A entrada fica sob o batente da frente, mas foi lacrada pelo terremoto depois que os dois oficiais britânicos vieram aqui, no dia em que o *vélpu* mais sagrado desapareceu para sempre. Meu avô disse que o terremoto era a vingança do *konda devata*, o espírito do tigre. Os *Kóya* já tinham pavor deste lugar. Os tigres vêm aqui à noite para beber no córrego. Depois do terremoto os *Kóya* ficaram com medo até de chegar perto da clareira.

Então como vamos entrar? - perguntou Costas.

Meu avô disse que existe outra entrada, pela parte de trás da cachoeira. Mas só cabe alguém muito pequeno, flexível. Ele disse que fez isso quando menino e viu demônios pavorosos lá dentro. Os anciãos de *Kóya* na aldeia

de Rampa contam a mesma história para suas crianças. Nós chegamos aqui furtivamente à noite, mas a história de demônios nos impediu de entrar.

Arqueologia da cachoeira - disse Costas. - Essa é nova para mim.

Pradesh balançou um barbante atrás do assento. - Há outro modo.

Costas se virou para olhar, e seus olhos brilharam de repente. – Um estopim de detonador! Agora sim, esse é o meu tipo favorito de arqueologia.

O piloto chegou até o centro da clareira, apontando o nariz do helicóptero na direção das pedras uns cinquenta metros além. Ele nivelou o aparelho e começou a descer. O rotor dissipou a névoa abaixo deles, mas levantou um redemoinho de pó e folhas. Jack se inclinou para fora da porta para observar. De repente soou um tinido forte, e o helicóptero balançou para o lado, e a extremidade da porta quase acertou o rosto de Jack. Em seguida, ouviram-se mais tinidos e o matraquear de fogo de artilharia, um barulho que até chegava a atravessar os fones. O ar era cortado por uma série de estalos violentos, como balas zunindo pelas portas abertas do helicóptero, errando o alvo por polegadas. Jack instintivamente esticou o braço esquerdo para manter Costas agachado. O piloto acionou os comandos, e o helicóptero deu uma guinada brusca para cima e para longe. Jack olhou brevemente para as figuras lá embaixo, três deles em trajes de combate e lenço vermelho. O piloto nivelou novamente o aparelho, e os dois sapadores se ajoelharam ao lado da porta aberta e apontaram os rifles. Abriram fogo com rajadas automáticas, atirando uma chuva de projéteis sobre os assaltantes. Depois pararam, olharam para fora rapidamente, então deram três tiros cada um, dessa vez mirando cuidadosamente. Então substituíram rapidamente os carregadores vazios por outros cheios. Jack viu as três figuras deitadas, estateladas na poeira, cercadas de manchas vermelhas escuras que se expandiam numa poça pelo chão da clareira.

Maoístas! - Pradesh exclamou com desgosto. - Minha suposição é que não era uma festa de recepção para nós. De jeito nenhum eles podiam ter ficado sabendo que nós estávamos vindo. Essa era uma patrulha avançada de um grupo maior, que provavelmente está na selva, a algumas horas daqui. Normalmente fazem o reconhecimento em grupos de três. Eles se apavoraram quando viram que nós estávamos a ponto de pousar.

O que fazemos agora? - Jack perguntou, com o coração ainda disparado pela adrenalina.

Vamos manter o plano. Você viu aquilo que meus dois amigos podem fazer. A sorte é que o resto dos maoístas está suficientemente distante para ter ouvido o fogo da artilharia. O som é rapidamente absorvido na selva. O piloto nos deixará e depois desaparecerá em direção ao sul, para não despertar suspeitas. Os maoístas estão acostumados a ver este pássaro velho que voa de uma aldeia a outra levando suprimentos.

Pradesh acenou com a cabeça para o piloto, que dessa vez desceu rapidamente, tocando bruscamente a superfície dura da clareira. Os dois sapadores saltaram para fora antes que o helicóptero se estabilizasse no solo, chutando os três corpos dos maoístas e conferindo o perímetro. Jack e Costas desafivelaram o cinto e saíram correndo, abaixados, por causa do rotor. Pradesh os seguiu, carregando sua bolsa, então o motor se acelerou com um rugido, e o Huey subiu numa nuvem de pó, movendo-se para a frente em direção ao sul assim que ultrapassou a altura das árvores. Momentos depois o barulho sumiu. Jack se levantou, colocando no ombro sua bolsa cáqui e controlando Costas. Tiraram o capacete e empilharam todos juntos. O pó estava assentando sobre os três corpos no chão a alguns metros deles, misturando-se com o sangue. Jack estava excitado pela adrenalina. Viu que Pradesh também estava excitado, com seu revólver Magnum .357 pronto para a ação, tenso e equilibrado como um animal de caça. A ação inteira tinha durado só alguns segundos, mas estava passando de novo em câmara lenta pela mente de Jack. Isso já lhe acontecera antes, quando ele esteve a pouca distância da morte. Viu Costas caminhar na direção de umas rochas na entrada da selva, aproximadamente a trinta metros da entrada do santuário de pedras. As rochas tinham sido evidentemente usadas como abrigo, e as mochilas dos maoístas estavam lá. Costas se agachou para investigar o que havia nas bolsas atiradas no chão.

- Cuidado com as cobras - Pradesh gritou.

Costas levantou uma comprida pele velha que se soltara de uma naja. - Te peguei! - Ele a deixou cair, esmagou um mosquito e depois pegou outra coisa. - Veja só! esses maoístas tinham Kalashnikovs, e há bastante cápsulas de balas detonadas espalhadas por aqui. Na realidade, muitas usadas no tiroteio que vimos há pouco. Ao que parece, este lugar foi usado como galeria de tiro bastante recentemente, a julgar pelo estado do bronze. E olhem para isto. É uma cápsula muito mais velha. Parece ser de uma arma para matar elefante. Caçadores de caça grossa, talvez. Há várias dessas

cápsulas por aqui também, disse varrendo o chão com os pés. Isso deve ter ocorrido há muito tempo.

Jack juntou-se a ele. - Bem, raios me partam! - murmurou. - Estas são calibre .577, do Snider-Enfield. Os rifles que os sapadores de Madras usavam em 1879.

-Você está brincando! - Costas apanhou outra cápsula, olhou de perto para a borda, então grunhiu. - Arqueologia de campo de batalha. Eles fizeram isso com os cartuchos da última batalha de Custer no *Little Big Horn*. Você pode reconstruir campos de tiro, o fluxo da batalha. - Costas se levantou, olhando em volta. - Talvez tenha sido nesta rocha que o comissário assistente Bebbie conheceu seu fim, onde Howard e Wauchope o encontraram com os sapadores. Com a rocha atrás deles, era a melhor proteção que havia ao redor, uma posição defensiva contra os rebeldes enquanto eles esperavam salvamento.

- Eu sei o que esses três terroristas estavam fazendo quando nós os pegamos de surpresa - Pradesh disse em voz alta. - Não era só um reconhecimento. Eles estavam limpando. - Ele tinha avançado, dando a volta para a parte de trás da rocha, com o revólver pronto. Costas e Jack o seguiram com cuidado. O cheiro da selva ficou mais forte, mais mofado, diferente do cheiro enferrujado de sangue fresco que havia ao redor dos corpos na clareira. Jack soube do que se tratava mesmo antes de chegar junto da rocha. Uma massa de ossos e roupas rotas tinha sido empurrada para dentro de uma fenda na pedra. Alguns eram de um branco bem alvo, mas também havia cabelo, e os membros ainda estavam articulados, com tendões entre as juntas. Pradesh observou mais de perto, enquanto tampava o nariz, depois correu para trás, ofegante. - Bem, isso resolve um mistério. Estes são os nossos chineses, aqueles que os *Kóya* viram chegar dois meses atrás. Olhe, você pode ver a palavra INTACON nas camisetas. Esse é o nome da companhia de mineração. Eles devem ter sido emboscados pelos maoístas. Isso explica todas as cápsulas de Kalashnikov - Ele apanhou uma vara e a usou para levantar uma ponta de roupa. - E olhe para isto. Exatamente como descreveu o *Kóya*. - Ainda havia uma seção de pele intata no braço de um dos esqueletos. Eles puderam ver os restos de uma tatuagem, que foi provavelmente o que manteve preservada a pele. Jack sentia uma onda de apreensão. Antes era só uma conversa, especulação. Agora, aquilo era real.



A imagem que tinham diante dos olhos estava manchada, meio apodrecida, mas não havia nenhuma dúvida sobre o que era: *a tatuagem de um tigre*.

Pradesh acenou para os dois sapadores e apontou, para que eles pudessem ver onde estavam os corpos dos chineses, levantou seis dedos no ar e depois levou a mão em direção à garganta. Ele se levantou, e Jack e Costas o seguiram até a clareira, para além dos três corpos frescos. De repente, ouviu-se o barulho de um tiro. Manchas de sangue espirraram do ombro de Costas, e Jack só teve tempo de ver um dos corpos com uma pistola levantada antes que Pradesh apontasse e atirasse. O primeiro tiro arrancou o topo da cabeça do homem, lançando um pedaço de cérebro e de osso estilhaçado para trás. As pernas do homem bateram no chão, mas ele já estava morto. Pradesh deu um tiro após o outro, lenta e metodicamente, deixando o grande revólver recuar e depois apontando cuidadosamente, reduzindo a cabeça do homem a uma polpa sangrenta. Jack o alcançou e segurou o braço de Pradesh com um aperto férreo, afastando-o. Ele atirou mais uma vez, o último tiro, a bala ricocheteou atrás da pedra. - Chega! - Jack disse. Pradesh se virou e o encarou, enfurecido, com os olhos arregalados. Jack podia sentir o cheiro do suor fresco, a adrenalina. Afrouxou o aperto e fitou Pradesh diretamente nos olhos. - Você o pegou! - disse Jack calmamente. - Por seu pai. - Jack se virou rapidamente para ver onde estava Costas, que esfregava o sangue de um arranhão no ombro. Parecia tão imperturbável como sempre. - Você está bem?

Costas acenou com a cabeça, então se virou para Pradesh. - Sim. E... obrigado!

Pradesh suspirou profundamente, então observou e chutou os outros dois corpos, enquanto recarregava o revólver. Os dois sapadores mantinham os rifles apontados para os corpos, até que ele lhes fez um sinal, e eles voltaram para a extremidade da clareira onde antes tinham assumido posição, escondidos junto à entrada do caminho. Pradesh estalou os dedos, apontou com dois dedos para seus olhos, bateu no relógio e acenou para a selva. Um dos sapadores pegou o rifle e desapareceu pelo caminho abaixo. - Ele está fazendo um reconhecimento - Pradesh disse. - Se esses três maoístas forem um grupo avançado, o grupo principal deve estar seguindo-os. Os maoístas só usam os caminhos existentes. Eles não são nem um pouco gente da selva. O caminho vem de Chodavaram, no passado outro lugar frequentado pelos maoístas. Eles se movem de um lugar a outro, umas noites

aqui, outras ali. Pensam que são como heróis de Bollywood, como Robin Hood. Mas são é covardes e assassinos, e a ideologia deles fede. Eu os detesto.

Então, vamos ver - disse Costas, enquanto pegava um curativo da bolsa de Jack e colocava no ferimento.

Jack colocou a mão no ombro de Pradesh. - Você está bem?

Não podia estar melhor.

Você há pouco matou um homem.

Este não era um homem. E não foi a primeira vez. Eu estive na Cachemira. Atirei num engenheiro do exército paquistanês que estava tentando explodir uma ponte que nós havíamos construído fazia pouco. Eles atiraram em nós, nós atiramos neles. Fiz isso por meus homens. Poderia ter escolhido errar o tiro, mas não o fiz. Daquela vez, eu vomitei. Desta vez, não.

Jack assentiu com a cabeça. Ele havia feito o mesmo raciocínio em relação a si mesmo, e sabia o que Pradesh estava fazendo. Suas orelhas estavam apitando, em parte pela adrenalina e em parte pelo tiroteio. Eles precisaram se concentrar no objetivo, manter-se firmes. Apontou para as pedras onde a água escorria em direção ao riacho. Pradesh suspirou profundamente, olhou para os cadáveres, e então entregou seu revólver para Jack. Abriu a bolsa e tirou uma pequena placa de explosivo C-4 embrulhada em plástico e o rolo do estopim do detonador que lhes mostrara no helicóptero. - Há uma pedra grande obstruindo a passagem da entrada - disse. - Se eu conseguir rachá-la, vamos poder entrar. - Ele os conduziu ao longo da clareira até a entrada. A queda de pedras estendia-se por cerca de quinze metros além da face da cachoeira. Parecia uma antiga tumba de megálitos, entretanto, era completamente natural, resultado de um forte e antigo desabamento de terra que causara grande erosão e deixara exposto o túmulo de pedras. Era mais alto e mais largo do que parecera do helicóptero, a entrada tinha pelo menos duas vezes a altura de Jack. As duas volumosas rochas verticais e o batente formaram uma passagem abaixo, bloqueada com a pedra grande que Pradesh descrevera. Fragmentos de rocha se espalhavam pelo chão na frente da grande pedra. Pradesh se ajoelhou e pegou um. - Isto está fresco - disse. - Alguém tentou quebrar esta pedra com uma picareta bem recentemente.

Costas se ajoelhou ao lado dele. - Os maoístas?

Pradesh sacudiu a cabeça. - E mais provável que tenham sido os prospectores. Os maoístas podem tê-los flagrado no ato e atirado neles, ou talvez os prospectores tenham desistido desta entrada e tentaram achar outra.

Ou poderia ter sido o tio de Katya - Jack murmurou.

Quem quer que tenha sido, facilitou o trabalho para nós. - Pradesh rastejou alguns metros por uma cavidade embaixo da pedra e depositou o explosivo em um espaço debaixo dela. Ligou o cordão do detonador, liberou o carretel e se retirou da entrada, levando-o pela clareira por aproximadamente dez metros até outra grande pedra que surgia no limite da selva. Jack e Costas o seguiram e se agacharam atrás da pedra. Pradesh armou o pequeno detonador eletrônico, depois levantou o braço para avisar os sapadores que o observavam do outro lado da clareira. Olhou para Jack e Costas, apontando de leve para a orelha com uma mão. - Fogo!

Eles se agacharam juntos atrás da pedra, com as mãos protegendo as orelhas. Pradesh acionou o detonador, e um segundo depois houve um estrondo e um baque. Eles olharam para cima e viram uma nuvem de pó saindo pela entrada da passagem. Pradesh saltou para a frente a fim de inspecionar o trabalho, esperando alguns momentos até que o pó se assentasse, antes de cautelosamente rastejar para dentro. - Tudo de que eu precisava era de explosivo suficiente para rachar a pedra - disse, com voz calma. - Está perfeito.

Belo trabalho! - disse Costas, observando lá de trás.

Temos um buraco de cerca de um metro quadrado. E suficientemente grande até para você.

O que você quer dizer com isso? - perguntou Costas.

Significa que você está convidado a entrar. - Ele retirou a tocha halógena de bastão de mergulho de dentro da bolsa e se ajoelhou sob a entrada. Pradesh era aproximadamente seis polegadas menor que Jack, de corpo flexível, e o buraco era um pouco menos generoso do que ele descrevera. Jack se movimentou vagarosamente por cima das superfícies denteadas onde a pedra tinha rachado com o explosivo e penetrou no buraco depois de Pradesh. A parede de pedra, como percebia, era lisa, e ele se deu conta de que estava dentro da passagem. Ouvia maldições e resmungos à medida que Costas o seguia, e depois um som de roupa se rasgando.

Minha camisa. Minha especial camisa havaiana.

Eu lhe comprarei outra. Quando chegarmos lá. - Jack lhe ofereceu a mão, e Costas a agarrou, conseguindo passar pelo buraco. Jack tropeçou na escuridão atrás de Pradesh, vendo só um foco chamejante de luz à frente na escuridão. Ele demorou um momento, olhando para trás pelo buraco para a clareira na selva. Fora, o pôr-do-sol flamejava sobre as folhas de palmeira molhadas lá do outro lado, como se a selva tivesse sido tomada de repente pelas chamas. Jack podia ver o sapador se agachando contra a rocha a meio caminho, enquanto preparava seu rifle, observando atentamente em sua direção. Olhou para os corpos no pó e pensou em Rebecca. Graças a Deus não permitira que ela viesse. Quase havia dito sim. Olhou para o relógio. Eles tinham uma hora, nada mais. Então voltou e olhou para a escuridão através da passagem. Sentia a urgência da excitação que sempre lhe vinha no limiar do desconhecido. Pôs a mão no ombro de Costas. Lembrou-se de Katya e da promessa que lhe fizera de descobrir o que acontecera com seu tio. Ela estaria esperando. Eles precisavam se apressar.

# Capítulo 11

Lago Issyk-Gul, Quirguistão

Katya Svetlanova se encostou na rocha, mexendo-se para encontrar uma posição ligeiramente mais confortável e esticou as pernas no chão duro batido. Deixou de lado a máquina fotográfica digital SLR e prendeu o longo cabelo escuro para trás com uma faixa. Olhou para a pedra ao seu lado. Figuras em círculo tinham sido esculpidas na pedra: leopardos da neve, cabritos selvagens saltando, um símbolo solar misterioso. As esculturas tinham sido pintadas com cores primitivas, vermelho e ocre, mas já estavam um pouco apagadas, haviam sido corroídas pelo tempo e chamuscadas pelo sol. Tinham sido esculpidas havia mais de dois mil anos pelos caçadores citas que vagavam por essas estepes e se sentavam nesse lugar onde ela estava, contemplado o lago e as montanhas. Eram antepassados dos quirquistaneses que ainda viviam ali, os próprios ancestrais de sua mãe que haviam conhecido o poder do xamã. Era um lugar sagrado, um chão de cemitério onde ela ainda podia sentir o cheiro de cavalos nômades, carne de carneiro e suor, contudo, também era um lugar por onde outros tinham passado, povos extraordinários - aventureiros, comerciantes, guerreiros, pessoas vindas de distâncias imensuráveis do leste e oeste. Em algum lugar deveria haver uma marca dessas pessoas. Ela estivera fotografando as esculturas, aproveitando as longas sombras do fim de tarde. Tinha sido um dia duro, como eram todos ali. Cada nova pedra trazia a promessa de uma descoberta extraordinária, contudo, a que ela mais almejava ainda a estava frustrando.

Ela se mexeu ligeiramente, e as esculturas entravam e saíam de foco, como um holograma. Estava morta de cansaço. Tinham sido cinco semanas sem descanso, e agora só faltavam alguns dias. Ela se pôs a pensar quanto tempo os grandes exploradores do Rota da Seda investiam na busca de tesouros perdidos: décadas, toda a vida. Muitos nunca chegavam a encontrar o que procuravam: fabulosos reinos perdidos, o tesouro de Alexandre, a Sétima Preciosidade, tesouros sempre incompreensíveis para eles. Talvez os

xamãs estivessem certos, e esse lugar verdadeiramente fosse um domínio divino, com suas maiores revelações só disponíveis para aqueles que davam um passo na direção da vida após a morte. Talvez a arqueologia fosse realmente isso, e o tempo dela com Jack Howard e o IMU procurando a Atlântida teria sido um vendaval mágico, seduzindo-a para pensar que havia mais vida no estudo das descobertas de outras pessoas do que numa carreira no Instituto de Paleontologia em Moscou. Jack a advertira, mas ela precisava descobrir por si mesma. Ela precisava saber se tinha sorte de descobridora.

Bebeu um grande gole de água de sua garrafa e olhou para baixo, onde as águas azuis extraordinárias do Issyk-Gul lambiam a beira da costa rochosa a uma distância do lançamento de uma pedra. Era como um mar interno, espremido entre as montanhas de Tien Shan ao sul, com seus picos nevados formando um cenário de tirar o fôlego.

Em algum lugar além do Afeganistão secular, a massa proibitiva das montanhas Kush do Indo, as passagens que levavam à Índia - a Passagem Khyber para o leste, a Bolan para o oeste. Mas as montanhas Tien Shan cercavam o lago como as ameias de algum castelo inconquistável, e parecia inconcebível que qualquer pessoa tivesse conseguido atravessá-lo. O olhar era sempre atraído do leste para o oeste, ao longo da Rota da Seda - a maior rota de comércio que o mundo já vira. A leste, as montanhas desciam em direção ao deserto de Taklamakan e ao coração das terras chinesas, à fabulosa cidade de Xian. Para oeste, a rota conduzia pelo Quirguistão ao Uzbequistão e à Pérsia, e daí para as costas do mediterrâneo. Quando o pôr-do-sol lançou uma cor rósea sobre o lago, deixando-o matizado de faixas vermelhas, Katya mudou de lugar para observar a extremidade do desfiladeiro que subia a oeste. Ela sempre se sentia inquieta ao subir por aquela estrada, como os viajantes antigos deviam ter-se sentido. Era um lugar sobre o qual sua avó do Quirguistão a advertira, assombrado por demônios guerreiros espreitando em seus corcéis escuros em cada ravina, prontos para devorar quem se aventurasse por seu domínio. Katya conhecia esses mitos nômades pelo que eles eram, lembranças folclóricas de conquista e horror, dos hunos, mongóis, furacões humanos que varriam tudo a partir do leste. Eles também eram seus antepassados, não pelo lado de sua mãe, mas do pai. Ela também tinha pensado nele nessa noite, o senhor da guerra dos dias modernos, lembrando sua morte violenta no mar Negro dois

anos antes, com Jack ao seu lado. Tentou lembrar do pai quando a tentação ainda não o tinha dominado e levado embora, da mesma forma que as marés de ganância e da guerra haviam passado outrora por essas passagens montanhosas. Isso também estava em seu sangue, mas ela não conseguia perdoá-lo, sabia do peso desse lugar em sua busca de redenção, em seu anseio de conseguir forças em suas origens no Quirguistão, de ouvir as palavras do xamã naquelas esculturas de pedra.

- Katya! - Uma figura magra apareceu no alto das pedras a uns cinquenta metros dela. - Estamos prontos. - Pôs-se de pé num salto, acenando e pegando sua máquina fotográfica. Adorava ver Altamaty, seu entusiasmo contagiante. Ainda não lhe contara quem ela realmente era antes de chegar ali. Continuava cuidadosa, insegura sobre as consequências que o fracasso poderia lhe acarretar. Mas de repente se sentiu revitalizada. De pé ali, ela podia ver a enormidade da tarefa deles, um mar de pedras que se estendiam por quilômetros ao longo das margens do lago, por centenas de metros para o alto da escarpa montanhosa de onde elas haviam sido desalojadas e levadas para baixo durante séculos por inundações e terremotos. Eles já haviam documentado mais de trezentos blocos, contudo ainda havia dúzias de quilômetros quadrados para explorar, cada pedra exigindo meticuloso exame, e a metade delas requerendo escavação por estar enterradas numa terra dura como rocha. Talvez ela estivesse exigindo muito de si. Lembrou-se novamente de Jack e de sua oferta para ocupar um cargo de pesquisadora no IMU. Teria toda a liberdade, recursos ilimitados e poderia continuar vivendo ali. Mas ela era a única no instituto em Moscou que podia defender seus colegas contra a burocracia e a corrupção, por ser filha de quem era - do pai dos velhos tempos, o professor e historiador de arte que havia fundado o instituto. Na verdade, os sentimentos dela eram muito simples; ela achava impossível aceitar qualquer coisa de Jack. Seu pai havia se transformado em tudo aquilo contra o que ela lutava, um rebento do mercado negro de antiguidades, um senhor da guerra que fora apanhado nas armadilhas de seus antepassados. Ele tinha se tornado seu inimigo, e Jack o destruíra. Mas ela ainda tinha o fogo dentro dela, a lealdade feroz de filha, a ligação tribal de um clã de guerreiros. Ver Jack na conferência três meses atrás havia trazido tudo de volta. Antes de estender a mão a qualquer pessoa, ela precisava encontrar sua própria paz.

Pôs a máquina fotográfica no ombro e começou a subir pelas pedras. Lembrou-se de outra coisa que Jack lhe dissera. - Você necessita de sorte, mas também precisa correr riscos, estar disposta a deixar tudo por conta de um instinto visceral. - Para Jack, isso significava entregar-se ao navio de pesquisas, à sua equipe, a Costas e a toda a parafernália de exploração subaquática. Ela olhou para as pedras que se estendiam em todas as direções como um cemitério gigantesco e para sua pequena barraca perto do lago. Ali ela ia precisar de um pequeno exército de trabalhadores de campo, e um acampamento como base operacional avançada de um exército. Parou e respirou fundo. Talvez tivesse chegado a hora de aceitar aquela oferta. Não ia se decepcionar. Ela e Altamaty tinham feito tudo o que era humanamente possível. Precisava entrar em contato com Jack de qualquer maneira, descobrir se ele tinha feito algum progresso na localização do seu tio na selva. Ficara aflita e ansiosa durante semanas, e agora precisava saber. E queria ouvir a voz dele. Então decidiu que instalaria o telefone via satélite naquela noite.

Um motor começou a tossir ao ser acionado e acabou funcionando com o ruído de um motor a diesel de quatro cilindros. Katya subiu uma elevação e viu Altamaty à frente, com seu chapéu *cholpak* aparecendo acima das pedras. Ele estava montado no único equipamento mecânico deles, um venerável trator Nuffield britânico que encontrara de alguma maneira o caminho da Índia até a Ásia Central, parte de um revigorado comércio pela Rota da Seda que terminara com a queda da União Soviética. Katya ficara totalmente apaixonada por ele, apesar do barulho e da fumaça preta que vomitava. Era o cavalo de batalha deles, e enquanto funcionasse ainda havia esperança. Ela saltou de pedra em pedra até chegar ao pequeno espaço aberto diante do trator, estendendo a mão para Altamaty para olhar por cima da corrente que estava enrolada em volta de uma pedra meio enterrada. Esse tinha se tornado o ritual de final de dia deles. Altamaty manobriria o trator para junto de uma pedra promissora que eles já tinham deixado marcada, perto dos rastros grosseiros que subiam do lago. Ela olhou para a pedra escolhida para aquele dia. Nesse caso, a pedra que precisava ser removida havia caído de encontro a uma pedra promissora, e o espaço entre as duas tinha se enchido de terra dura, que Altamaty tinha passado a maior parte da tarde retirando para passar a corrente ao redor da pedra.



Katya se agachou, inspecionando a corrente e o couro de cavalo que a recobria para proteger a superfície da pedra. O couro estava desgastado, mas aguentaria por enquanto, mantendo a corrente bem presa. Ela olhou para o cabo frouxo que se ligava ao trator. Altamaty tinha recuperado a corrente de um velho barco patrulha que enferrujava num baixio próximo, uma herança do tempo em que os soviéticos usaram o lago como base naval secreta de testes. Ele havia treinado ali como um recruta da marinha em 1980, antes de ser enviado para a guerra soviética no Afeganistão. Ele dizia que confiava mais na velha tecnologia soviética do que na nova, mesmo estando enferrujada. Katya tinha que acreditar na palavra dele. Ela se levantou, ergueu o polegar e se afastou para uma distância segura em cima das pedras. Abaixou-se atrás de uma delas. Altamaty também se abaixou, atrás de uma barreira de placas de metal recuperadas que ele tinha armado como proteção na frente do volante, na eventualidade de a corrente se romper. Katya levantou e fez sinal com a mão, abaixou a cabeça e cruzou os dedos. Era como raspar um cartão de loteria a cada vez, geralmente com sucesso. Mas dessa vez podia não dar certo. Eles estavam perto do desfiladeiro a oeste, o estreito que conduzia ao lago. Se eles estivessem procurando a inscrição de algum viajante, esse seria o lugar, pois era ali que as caravanas descansavam e se recuperavam, não no alto do declive onde a maioria dos petróglifos dos citas tinham sido achados.

Ela fechou bem os olhos. Ouviu Altamaty pondo o trator em marcha à ré, lentamente abaixando a alavanca do regulador de pressão até que o motor começasse a roncar, e então foi soltando a embreagem suavemente. A superfície inteira do chão parecia pulsar. Ela abriu os olhos e viu o trator avançar lentamente para trás, um metro, depois dois. Finalmente parou, quando as rodas dianteiras se levantaram do chão, e então o barulho diminuiu e o trator deu uma guinada para trás. Altamaty se levantou e acenou. Katya se levantou e percebeu que a pedra tinha sido puxada, chocando-se contra outra na parte traseira. Não havia nenhuma maneira de movê-la mais. Mas a pedra que eles estavam tentando descobrir parecia acessível, só coberta por uma camada de sujeira solta. Altamaty puxou o freio de mão, enquanto deixava o motor em marcha lenta, e saltou com uma espátula e uma escova nas mãos. Antes que Katya se desse conta, ele já estava no buraco, limpando a pedra. Originalmente ela estava na vertical, mas fora empurrada séculos atrás pela pedra que eles há pouco tinham removido, provavelmente

deslocada durante uma antiga inundação. Ela viu que a superfície exposta era plana, pelo menos um metro em ambas as direções. Armou a máquina fotográfica. Parecia perfeito, mas se decepcionou. Seus colegas do instituto lhe haviam contado que era uma caça ao ganso selvagem. Bactrianos e sogdianos, os comerciantes que passaram por lá nunca haviam esculpido inscrições em pedra. Entretanto, ela se lembrou de Jack. Ele havia dito que a gente tem um pressentimento, impossível de descrever. Cruzou os dedos com força.

Altamaty se levantou, estava de costas para ela, bloqueando sua visão. Ela pousou a mão direita na velha jaqueta de combate gasta dele. Então percebeu que estava agarrada nele, segurando-se nele de punho fechado. Por um momento eles ficaram imóveis. Percebeu que ele estava tremendo. Ela já tinha se segurado nele antes, mas nunca sentira isso. *Ele estava rindo*. Ela relaxou completamente, toda a tensão desaparecera, deixou cair a mão, sorriu insanamente e começou a se sacudir com a própria risada, pela primeira vez desde que se lembrava. Algo tinha se soltado dentro dela, e nem mesmo tinha visto a pedra ainda. Altamaty virou-se, e ela viu seu rosto anguloso, bonito, sorrindo para ela. - Não sei muito latim - ele disse em quirguiz. - E nunca estive a oeste do Afeganistão, mas quando menino li todos os livros que podia achar sobre os romanos. Reconheço isto.

Ela acompanhou a direção do dedo dele, e ainda ofegante apoiou de novo a mão em seu ombro enquanto se firmava. Ajoelhou-se e olhou atentamente. Lembrou-se novamente de Jack. *Os primeiros momentos são cruciais. Você poderia nunca mais ver aquilo novamente. Esqueça a euforia. Seja uma cientista*. Com o sol baixo no céu, o contraste estava perfeito, e até mesmo a mais leve ondulação na superfície da pedra era visível. Ela tirou rapidamente uma dúzia de fotografias, usando três ângulos diferentes. Continuava imóvel, receosa de que a imagem desaparecesse. *Era uma águia*. Tirou um caderno da bolsa e folheou as páginas até achar a certa. Então ficou olhando para um desenho feito por seu tio em uma caverna em Uzbequistão, a mais de quatrocentos quilômetros a oeste dali. Ao lado do desenho estava a letra de Jack, anotações que haviam feito quando estudaram o desenho para a conferência três meses atrás. Ela olhou novamente para a pedra, e de volta para o caderno. Não havia dúvida. Era o mesmo. Esculpido pela mesma mão. Ela se levantou, cambaleando ligeiramente. - Tenho que

voltar para a *yurt*<sup>{15}</sup> - ela disse, com voz trêmula. - Preciso usar o telefone de satélite.

- O que foi? - Altamaty perguntou. - O que nós achamos?

Ela olhou para o rosto esculpido pelo tempo, os olhos azuis encantadores e o abraçou forte por um momento. Sentia o cheiro de seu colete de pele de ovelha, o cheiro penetrante de seu suor, a barba dele contra sua bochecha. Sentia-se extraordinariamente bem. Ela se soltou dele e pôs a bolsa a tiracolo. Também se sentia muito cansada. Precisava fazer aquela ligação antes de desmoronar. Mas ela queria que Altamaty ouvisse isso primeiro. - Em todas as suas leituras sobre os romanos - disse ela, - você já se deparou com a história dos legionários perdidos de Crassus?

## Capítulo 12

Através da entrada, Jack olhou para trás, pela última vez, para a clareira na selva e depois passou a tocha pela parede do túnel. Havia no aposento espaço suficiente apenas para ele ficar ereto atrás de Costas e Pradesh. Ele viu o verde escuro das algas, e riscas castanhas que poderiam ter sido alguma outra forma em crescimento. Havia um cheiro forte de umidade e decomposição, misturado com outros odores que tinham penetrado ali vindos da selva. Pradesh apontou sua tocha ao longo da parede à frente deles, então recuou, ofegante. Uma forma extravagante tinha aparecido, esculpida na lateral do seixo à esquerda deles, com a cabeça no mesmo nível deles. Era um demônio espantoso, com olhos esbugalhados, um bico curvo e presas mortais. Jack deu um passo à frente, aproximando sua tocha. - Incrível -, murmurou. - Ele tem asas, como um grifo. Eu diria que isto é persa, ou foi esculpido por alguém que passou muito tempo olhando para imagens como esta. Pradesh, sei que escultura indiana antiga é uma paixão sua. Você tem alguma idéia?

Pradesh tocou a pedra. - Persuadi meus professores de engenharia de que esta era uma boa maneira de estudar tecnologia lítica; mas eu estava igualmente interessado em arte. - Ele olhou fixamente para o demônio. - É uma forma genérica. Há muito em comum entre a arte persa e a indiana. Mas há algo distintivo, confiante, nesta figura, não exatamente como alguma coisa que eu já tenha visto. Talvez você tenha razão. Ela pode ter sido feita por alguém familiarizado com a escultura monumental persa, talvez do período de Partos.

Costas colocou cuidadosamente a mão no olho bulboso, em seguida o retirou rápido. - Não é de admirar que os *Kóya* nunca entrem aqui - ele murmurou.

- Agora olhe para a cena atrás da figura - Pradesh disse.

Jack olhou atentamente para a parede atrás da cauda do demônio, usando sua lanterna. Viu mais esculturas. Estava escuro, mas a imagem era nítida. Ele inspirou profundamente. Era uma espécie de cena narrativa, com figuras humanas. Viu cabeças decapitadas penduradas em postes, com facas

suspensas sob elas. Havia pessoas amarradas na frente e abaixo delas uma faixa manchada de vermelho, desbotada e salpicada de piritas, evidentemente uma extrusão mineral na rocha. Era como se o escultor tivesse posicionado sua imagem acima do mineral para tirar vantagem dele, para fazer parecer que era uma poça de sangue. *Sangue humano*. Não havia dúvida a respeito. - Uma cena de sacrifício - ele murmurou. - Um sacrifício *meriah*.

Pradesh aquiesceu. - No entanto não foi esculpido por nenhum nativo. Nunca houve uma tradição de escultura em pedra entre os *Kóya*. E olhe. Há entalhes mais antigos baixo.

Debaixo da imagem, Jack viu outra escultura, quase imperceptível. Era um agrupamento de círculos concêntricos, com cerca de um metro de diâmetro. No centro havia quatro traços paralelos partindo de uma linha, como a cabeça de um ancinho de jardim. Parecia que os traços deviam ser simétricos, com a mesma forma de ancinho do outro lado, mas a escultura sobreposta à escultura da cena de sacrifício a havia obscurecido.

Pradesh olhou bem de perto. - O símbolo do labirinto - ele murmurou. - Eles foram encontrados em outros lugares na Índia e na Ásia Central, alguns em cavernas. Os mais antigos são do período neolítico, com pelo menos quinhentos anos de idade. Muitos deles têm uma forma retilínea estilizada no meio, mas eu nunca vi um tão complexo como este.

Costas estendeu a mão e tocou a escultura. Ele olhou intensamente para Jack. - Corrija-me se eu estiver errado.

Incrível - sussurrou Jack. - O símbolo de Atlantis. - Ele ficara olhando para ele no dia anterior, sobre a capa da monografia em sua cabine no *Seaquest II*. Movimentou a luz para a frente e para trás. Isso criou uma imagem bizarra, quase holográfica, com o labirinto aparecendo e desaparecendo debaixo das imagens chocantes do sacrifício. Ele se perguntava se aqueles que haviam esculpido o símbolo bem antigo de uma civilização primeva seriam eles próprios intrusos, testemunhas de cenas primitivas de horror que algum tempo depois um artista iria algum dia esculpir em cima de seu símbolo sagrado, escondendo-o parcialmente. - Um labirinto, aquecido com sangue humano.

Posso ver mais. Muitos mais. - Pradesh avançou cuidadosamente pela passagem, de ombros encolhidos, e depois se agachou cerca de cinco metros à frente. Jack e Costas juntaram-se a ele, observando enquanto ele

movimentava a tocha sobre as paredes. - Elas são do mesmo estilo que as imagens de sacrifício, mas não estamos olhando para narrativas aqui - ele disse. - Há um símbolo fálico, um pênis, o símbolo de Shiva. E na parede oposta vocês podem ver uma naja encaracolada, com a cabeça voltada para a entrada, a língua chamejante para fora. Este também pode ser um símbolo hindu, mas deuses-cobra também são relíquias de cultos pré-arianos. Vocês se lembram, perto da tumba de Bebbie, o medo que o *Kóya* teve do *giringar*, o espírito da naja da floresta? Esta escultura teria induzido neles o medo pelos deuses. Acho que estas duas esculturas são os guardiões da entrada, para manter as pessoas do lado de fora.

Eles avançaram alguns metros além das esculturas, e então Pradesh parou novamente, movimentando a luz de sua tocha pelo teto. Ele estava pintado de azul escuro, em alguns lugares a tinta era grossa como laca e em outros o teto estava remendado onde o pigmento se esmigalhara. - A cor de Shiva - murmurou Pradesh. - No imaginário hindu, a cor azul significa eternidade. - Ele estendeu a mão e tocou a rocha, depois esfregou os dedos onde um pouco de pigmento ficara grudado. - É lápis-lazúli. Era o que eles usavam para fazer pigmento azul. Eles o moíam até formar uma pasta. Vocês nunca viram algo tão precioso quanto o lápis-lazúli do Afeganistão comercializado aqui na selva, então o artista deve tê-lo trazido consigo.

Jack estendeu o braço e colocou a palma no teto, onde o remendo ainda estava tão grosso quanto esmalte. Ele lembrava aquilo que seu avô lhe dissera sobre o pequeno elefante esculpido que estava em sua arca de objetos familiares. Pradesh também o vira. - Lápis-lazúli, a cor da imortalidade.

Eles mudaram de lugar. O corredor se abria para um aposento de cerca de oito metros de diâmetro. Estava coberto de esculturas, uma extraordinária mistura de formas animais e humanas, símbolos estranhos de seres monstruosos. Pradesh movimentou sua tocha ao redor. - Reconheço alguns desses seres. Aqui está Vishnu, transpondo uma parede, vencendo um demônio. E Parvati, a mulher de Shiva, com seu olhar maravilhado, realçado com vermelho. E Padmapani, que transporta o lótus, com seu torso bamboleante. Supõe-se que ela irradia serenidade, tranquilidade.

- É um elefante - interrompeu Costas, muito excitado, apontando para um pilar esculpido como um tronco, com olhos bulbosos e orelhas se agitando no topo. - Estranho, entretanto - ele disse. - Com aquelas orelhas,

eu juraria que era um elefante africano e não indiano. Os de tipo mais familiar para alguém do antigo Mediterrâneo, que pode tê-los visto no anfiteatro em Roma.

Pradesh assentiu com a cabeça, depois apontou para as duas outras esculturas em pilar que estavam ao lado. - Estas são como *stupas* budista, com touros em cima. E há outra, com uma roda em forma de raios. E olhem para a parede atrás de nós. Figuras aglomeradas, *bodhisattvas*, seres iluminados, usando turbantes, adornados com jóias e de bigodes. E olhem para as criaturas grotescas parecidas com anões. São figuras *yaksas*, masculinas, e *yaksis*, femininas, deidades da natureza de religiões antigas, muito mais velhas que o hinduísmo. O grande que se parece com um Buda é Kubera, um *yaksa* que foi venerado como deus da riqueza, o espírito guardião de tesouro.

Todas forão esculpidas pela mesma mão, - disse Jack, enquanto olhava ao redor. - O mesmo estilo, as mesmas técnicas.

As figuras me parecem familiares, mas o estilo não, - Pradesh murmurou. - Não vi nada disso no sul da Índia.

É arte remanescente de Gandharan - disse Jack. - A arte da antiga Bactria, o reino fundado pelos sucessores de Alexandre, o Grande no Afeganistão. Uma fusão de estilos indiano e grego.

Mas aqui, não se trata tanto de uma fusão de estilos - Pradesh acrescentou. - É uma fusão de *imagens* indianas com um estilo estrangeiro. É como se alguém de uma tradição artística completamente diferente estivesse tentando copiar o que viu na Índia, mas usando suas próprias convenções.

Jack passou os dedos em cima do tronco de elefante. - Este é tecnicamente um trabalho habilidoso, mas não notável. Se eu fosse fazer uma comparação com o mundo greco-romano, diria que ele foi feito por um escultor sob encomenda, o tipo que faz sarcófagos, altares domésticos, inscrições, decoração arquitetônica rotineira. Mais um artesão do que um artista.

Há algo que não está certo em tudo isso - Pradesh disse, olhando em volta.

Você quer dizer que o lugar inteiro está fora de sincronia com a selva?, - disse Costas. - Aquilo que você estava dizendo antes. Os espíritos, os deuses da selva. O *Kóya* não tem nenhuma necessidade de representar seus deuses. Eles já os vêem.

Isso é um problema. Mas mesmo que se aceite a idéia de que toda essa adoração animista hindu e budista realmente aconteceu aqui, ainda não está certo.

Continue - disse Jack.

Quando fui indicado para a Agência Central de Mapeamento e Levantamento Topográfico da Índia dois anos atrás, meu primeiro posto foi em Badami, um complexo de cavernas a aproximadamente duzentas milhas a oeste daqui. Eu tinha estudado a antiga tecnologia de minas para minha tese de engenharia, e nós estávamos avaliando a segurança das cavernas. Elas são famosas por suas pinturas e esculturas, principalmente do século 6 d.C. Há cenas mitológicas familiares, como esta aqui, Vishnu andando a passos largos pelo universo. Mas em Badami elas são parte de um todo coerente que flui para outras cenas, uma iconografia fluente e confiável. Aqui elas são fragmentadas, como ingredientes não misturados. O escultor em Badami conhecia sua mitologia e acreditava nela. Aqui elas se parecem com uma coleção de instantâneos turísticos. Não há nenhuma alma nelas, nenhuma profundidade. O hinduísmo é inclusivo. Vorazmente inclusivo. Ele aceita todas as formas de deuses diferentes. Mas há um pouco demais. Está muito desarticulado. Sou um hindu praticante e posso lhes dizer: isso não parece certo.

- É como se alguém quisesse manter as pessoas do lado de fora, mas estivesse protegendo suas apostas, usando todas as deidades que achava que as pessoas poderiam temer - disse Costas.

- Até mesmo a estranha imagem parta - Jack murmurou.

- Talvez houvesse algo para esconder - disse Pradesh.

Costas apontou para a escuridão da parede do outro lado, onde apareciam fendas escuras entre as formas dos seixos. - Outra câmara, talvez? Aquele deus do tesouro poderia ser o último protetor. Se ele é um deus de religião mais antiga, talvez o escultor entendesse que as pessoas aqui temeriam os deuses antigos mais que qualquer coisa do hinduísmo e do budismo. Quem quer que tenha feito isto deve ter tido algum contato com as pessoas do local. Ele as viu realizar sacrifícios humanos. E deve ter-se alimentado, de alguma maneira.

Pradesh acenou com a cabeça. - Tradicionalmente, o *Kóya* da aldeia Rampa deixa oferendas de comida aqui, diariamente, do lado de fora. Eles



pensavam que o deus Rama ficava aqui dentro, encurralado pelos espíritos da selva. E desde que fosse alimentado ele permaneceria dentro. Todas as noites, as oferendas de comida desapareciam. O *muttadar* provavelmente vinha à noite e levava embora qualquer resto deixado pelos animais, para manter a simulação. E os ratos costumavam crescer aqui até ficar de um tamanho enorme. A lenda era que se uma oferenda deixasse de ser feita, Rama sairia e descarregaria sua vingança sobre as pessoas da selva, assumindo o disfarce do *konda devata*, o espírito do tigre, transpassando-os com a sua grande espada quebrada.

- Espada quebrada?, - perguntou Costas. - Isso me faz lembrar alguma coisa, Jack.

- Se nós formos buscar a história por trás da mitologia, o ritual tem sentido - Pradesh continuou. - Nos tempos antigos, Rama entra na selva, o príncipe que mais tarde é divinizado. Mas as pessoas da selva resistem à intrusão do hinduísmo em seu mundo espiritual. O santuário se torna um foco de sua força cultural. Eles puseram Rama lá dentro, o intruso. Seus deuses o prenderam. Assim, para os líderes rebeldes em 1879, este lugar era um ponto de encontro, um foco de desafio contra estranhos. Eles assassinam os guardas policiais aqui, sob a forma de sacrifício. Mas na mente do *Kóya*, Rama foi depois aprisionado aqui dentro pelo terremoto, e as oferendas de comida foram cessando gradualmente. E algo foi embora, o *vélpu* que desapareceu em 1879. Não era Rama com a aparência do *konda devata* que eles temiam agora, mas o próprio *konda devata*, o espírito do tigre da selva.

- Assim, onde está a imagem de Rama em tudo isso? - perguntou Costas, olhando ao redor. - Este não é supostamente seu santuário?

Pradesh fez uma pausa. - Na crença hindu, Rama era o descendente de uma antiga dinastia solar. Ele poderia ser representado por aquela imagem de Vishnu, ou por uma escultura do sol. Talvez só precisemos olhar mais de perto.

Jack estava olhando atento o trabalho de cinzel no pescoço do deus de Kubera, percebendo técnicas que pareciam notavelmente familiares. Deu um passo para trás, enquanto movimentava sua tocha ao redor do aposento, encontrando detalhes, demorando-se neles, vendo o que toda a educação que recebera queria negar, mesmo que os anos de descobertas incríveis como arqueólogo o fizessem saber que o que via estava dentro do campo das

possibilidades. Sua mente voltou para o Egito, para a descoberta que Hiebermeyer fizera do *Périplo*, para os primeiros vislumbres desse rastro atrás do qual estavam. Uma descoberta extraordinária estava começando a tomar forma diante de seus olhos, uma impressão do passado que estava ficando mais real a cada segundo que passava.

- Qual é a data de tudo isso? - perguntou Costas.

- Os *yaksas* e *yaksis*, como a naja, a serpente (divindade da mitologia hindu e budista), são ídolos dos espíritos da terra, os sobreviventes de uma religião antiga da Índia, antes que o hinduísmo e o budismo se impusessem - respondeu Pradesh. - As primeiras esculturas *yaksas* datam do século 3 a.C., mas estas que estão aqui poderiam ser do século 1 a.C., possivelmente do século 1 d.C. Isso se deu quando os deuses do início do hinduísmo, estes que vocês veem aqui, começam a aparecer. Depois disso, os deuses hindus reinam supremos nos cultos nativos, absorvendo-os ou extinguindo-os. E não há nenhuma imagem de Buda aqui, mas há símbolos budistas, o touro no pilar, a roda feita de raios. É um pouco como o início do cristianismo, quando se usavam símbolos antes que Cristo fosse representado de maneira antropomórfica.

- Assim, isso poderia ter sido, digamos, no final do século 1 a.C. - disse Costas.

- Isso combinaria com o estilo da escultura, se estivéssemos procurando a influência greco-romana - Jack disse. - Há detalhes estilísticos e técnicos que eu poria no final do período republicano, se isto fosse romano.

- Temos que eliminar o óbvio - disse Pradesh. - Do local romano até Arikamedu são apenas quatrocentas milhas ao sul daqui. Nenhum romano de Arikamedu ia entrar na selva sem uma razão muito boa, mas temos que considerar essa possibilidade.

Jack sacudiu a cabeça. - Não vejo um escultor romano em Arikamedu. Lá existem somente edifícios de tijolo de barro, de madeira, são puramente utilitários. Até mesmo em Berenike, no Mar Vermelho, dificilmente havia alguma coisa feita de pedra, quase nada. Não havia nada para um escultor fazer.

- Talvez alguém que tivesse sido escultor, mas que mudou de carreira e se tornou marinheiro ou comerciante - disse Costas. - Talvez ele tivesse vindo para a Índia e acabou se tornando um nativo, encontrou uma toca na selva, redescobriu uma velha paixão pela arte de esculpir. Você sempre diz isso, Jack. Qualquer coisa é possível.

Jack hesitou, pensando profundamente. - Esculpir, trabalhar com a pedra, era uma profissão hereditária, e você não mudava de profissão tão facilmente no mundo antigo. E se nós estivermos falando da Roma do tempo de Augusto, teria sido loucura partir. Augusto reconstruiu a cidade com pedra. Foi um dos maiores programas de reconstrução da história. Ele fez uma pausa, depois expressou uma suspeita que tinha lhe ocorrido só alguns momentos atrás. - Mas você pode ter acertado alguma coisa. Havia uma ocupação na vida romana que aceitava homens com todo tipo de habilidades, de qualquer profissão.

- O exército - disse Pradesh.

- Cidadãos-soldados - murmurou Jack. - Mas precisamos pensar cuidadosamente na data. Na época de Augusto, o exército estava se tornando profissional, recrutando homens de dezoito anos para um serviço de vinte anos. Em busca de um verdadeiro cidadão-soldado, nós precisamos voltar atrás no tempo, para a época das guerras civis, e antes disso para a república romana, quando homens preparados de qualquer idade se ofereceriam para um período mais curto, normalmente não mais que seis anos. Estou falando da metade do século 1 a.C. ou até de antes. Várias décadas se interpõem antes do principal período romano em Arikamedu. E há outro problema. Não há nenhuma evidência, de todo modo, de que os romanos tivessem um dia enviado legionários para a Índia.

- Talvez um mercenário? - sugeriu Costas. - Ou um desertor? E aqueles oficiais ingleses e franceses dissidentes no século 18 na Índia, comandando exércitos nativos e se comportando como príncipes. Será que a mesma coisa não teria acontecido no período romano?

Jack movimentou a luz nas paredes. - É possível. O *Périplo* menciona guardas armados em navios, para defesa contra piratas. - Mas Jack sabia para o que eles estavam olhando, com certeza absoluta. A voz dele soou

estridente por causa da excitação. - Ou qualquer outra coisa. Um prisioneiro que teria fugido da guerra.

Costas começou a andar ao longo do outro lado da câmara, examinando as sombras profundas ao redor dos seixos, ao lado da escultura de Kubera. Ele se inclinou sobre uma, e pousou a mão na barriga do deus. - Eu tinha razão. Há outro túnel aqui. Parece que há outra câmara lá atrás.

Um grito abafado veio do corredor da entrada do outro lado, algumas palavras urgentes em hindi. Pradesh gritou algo em resposta e então olhou para além de Costas. Consultou o relógio e sacudiu a cabeça com frustração. - Tenho que ir. O sargento Amratavalli voltou do reconhecimento que fez. Preciso me reunir com ele. Deixarei que fiquem aqui o máximo que for possível, mas não temos mais que uma hora. O piloto do helicóptero não vai demorar. Ele é um amigo do tempo do exército, não vai querer que atirem novamente em seu aparelho. Precisaremos partir antes que mais alguns maoístas cheguem. Boa sorte. Pradesh tirou o revólver do coldre e desapareceu voltando para a entrada. Jack entrou na frente de Costas na fenda entre os seixos, e Costas quase ficou entalado na fenda para ir atrás de Jack. A umidade deixava a pedra muito lisa, e isso agiu como um lubrificante, e ele conseguiu forçar a passagem de sua ampla figura pelo buraco. Jack levou a tocha para trás, para olhar Costas, iluminando a sujeira grossa e marrom no que sobrara de sua camisa.

- Está destruída - Costas murmurou tristemente. - Completamente arruinada.

Jack movimentou a tocha ao redor. Eles estavam dentro de outra câmara, aproximadamente do mesmo tamanho da primeira, mas dessa vez era diferente. Alguém tinha feito enormes esforços para desbastar e alisar as características naturais dos seixos, para criar superfícies planas, como telas esculturais. Jack estava ciente das formas atrás dele, mas manteve a tocha focalizada na parede que ele vira em primeiro lugar, logo que entrou na câmara. Sua mente ainda estava sintonizada com as imagens vistas antes, de deuses hindus e demônios, esculturas arrojadas que podiam ser vistas por todo lado. A parede à frente era formada por uma pedra maciça de pelo menos cinco metros de comprimento e três metros de altura. Ele olhava fixamente, abismado. As imagens eram totalmente diferentes das encontradas na primeira câmara. Relevos sutilmente esculpidos cobriam quase a parede inteira. Havia soldados, armas, a cena era contínua, uma narrativa. E essas

imagens nada tinham a ver com mitologia hindu. Era como se eles tivessem entrado em um museu de arte romana. *Em um aposento criado no coração da própria Roma.* - Meu Deus - ele sussurrou. - Isto se parece exatamente com a batalha de Issus. Uma das mais famosas batalhas de Alexandre, o Grande, contra os persas.

Costas veio para o lado dele. - Isso foi no século 4 a.C., certo? Você mencionou prisioneiros de guerra, Jack. Estou pensando na batalha de Carrhae, século 1 a.C. É para lá que tudo isso está nos levando?

A mente de Jack estava à toda. - Alexandre devia estar na mente dos legionários enquanto eles marchavam para Carrhae. Crasso, provavelmente, se considerava um Alexandre renascido, e pode ter usado Issus como um chamariz para o reagrupamento das tropas. E quando eles perderam em Carrhae, a vitória de Alexandre contra os persas deve ter atingido um *status* místico. Acrescente a isso a evidência da expedição oriental de Alexandre vista pelos prisioneiros romanos que escaparam, os altares descritos naquele fragmento do *Périplo*. Alexandre devia ser um permanente pano de fundo para aquilo que podia ter acontecido com eles. Uma aventura que podia ter levado um cidadão-soldado de Roma para Carrhae, depois para a prisão em Merv, e então para o leste da Ásia Central, na rota seguida por Alexandre e seus macedônios três séculos antes. E depois descendo aqui para a selva, no sul da Índia.

- Mas como você sabe que esta imagem é a da batalha de Alexandre?

- A batalha de Issus está no mosaico de Alexandre, em Pompéia - disse Jack. - Provavelmente esta é a maneira como a batalha sempre foi descrita. A esquerda está Alexandre, de cabelo ondulado, movendo-se rapidamente em meio à batalha; montado em seu cavalo, Bucéfalo, usando um peitoral reproduzindo a Medusa. Ele está localizado abaixo de seu oponente, Dario, que sobressai entre os soldados persas, olhando para Alexandre, embaixo. Há muitas tropas persas, os macedônios são em menor número. Esse é um modo de enfatizar a grandeza da vitória de Alexandre, mostrando-o cavalgando contra o exército do próprio deus-rei. E Dario está correndo, ordenando a seu cocheiro que chicoteie os cavalos enquanto ele tenta escapar, olhando de volta para Alexandre com medo nos olhos. Seu braço direito está estendido para Alexandre, como se ele tivesse acabado de atirar

uma lança, ou talvez num gesto de obediência. Estaria reconhecendo o vencedor.

- Então, como é possível que um mosaico de Pompeia seja reproduzido aqui por um escultor, no cerne da escuridão da Índia central?

- Eis minha teoria, Jack murmurou. - O sujeito que esculpiu isto era um soldado que em sua vida pregressa, antes de ser soldado, era escultor. Há muita técnica nessa escultura, e ela vem diretamente da escola de escultura funerária romana do século 1 a.C. Estou falando de escultura para clientes de meios modestos, lajes em relevo para pôr diante das urnas de cremação, uma ou outra cena maior, para colocar num sarcófago. Mas até mesmo um escultor de pouca importância teria familiaridade com as grandes obras de arte. Roma estava inundada de arte pilhada, depois da conquista da Grécia no século 2 a.C. O mosaico de Alexandre foi feito mais ou menos naquela época por um cliente rico de Pompeia. Mas até esse mosaico era uma cópia de uma pintura famosa feita pelo artista grego Apeles ou Philoxenos de Eretria. Plínio, o Velho o menciona em sua *História natural*. A pintura deve ter ficado exposta ao público em Roma, e quem esculpiu a cena aqui deve tê-la estudado durante seu aprendizado.

Costas colocou a mão em cima da escultura. - Mas estes soldados não me parecem gregos. Nem persas.

Jack movimentou a tocha pela parede. - Você tem razão. Os soldados que estão à esquerda são romanos, não gregos. Eles tinham cotas de malha de ferro e capacetes, os primeiros que apareceram. Estão carregando o *pilum*, a lança romana, e *ogladus*, a espada de ataque. Eles são os legionários romanos do século 1 a.C., época de Crasso.

- Estou conseguindo ver numerais romanos. - Costas olhou atentamente de perto para um estandarte empunhado acima dos soldados. - Os símbolos XV - A Décima Quinta Legião - murmurou Jack. - Essa é a legião mencionada na inscrição do Uzbequistão, aquela que o tio de Katya identificou. O escultor reproduziu a cena da batalha de Issus, mas substituiu os gregos pelos romanos. Este deve ser o exército romano que marchou para a batalha em Carrhae.

- E o sujeito alto no centro? Onde Alexandre deveria estar? Aquele é Crasso, o general romano?

Jack sacudiu a cabeça. - De jeito nenhum. Os legionários que sobreviveram à prisão em Carrhae e fugiram para o leste deviam ser os mais fortes entre os fortes, provavelmente até teriam sido veteranos das campanhas de César na Gália e na Bretanha alguns anos antes. Mas Crasso era um líder incompetente, em comparação com o venerado César, e os soldados deviam zombar dele. Um veterano de Carrhae nunca colocaria Crasso na posição de Alexandre. E duvido que seja um autorretrato, do próprio escultor. Esse não era o comportamento de um legionário romano. Sua identidade estava com sua legião, com seu *contubernium*. Mas por causa desse vínculo, os amigos íntimos podiam ser reverenciados. Acho que estamos diante de algo assim. Os membros de um *contubernium* chamavam-se entre si de irmão, *frater*. Aquele personagem não está vestido como um general. Talvez ele seja um *optio*, um líder de seção, ou um centurião, mas nada mais. Ele é mostrado como um *primus inter pares*, um líder certamente, mas definitivamente um dos homens.

- Mas ele é imponente - disse Costas.

Jack aproximou a tocha da escultura. - Olhe novamente. Não, ele não é imponente, é apenas alto. As proporções anatômicas são as mesmas dos outros, ele só tem membros mais compridos. E olhe para o rosto dele. Os escultores funerários romanos produziam grande quantidade de imagens, que ficavam no estoque, mas quando chegava ao rosto, sempre esculpiam figuras atuais. Olhe para estes soldados. Posso ver rostos da Itália central, de homens de Campânia, Lácio, Etrúria, homens fortes, homens grisalhos das montanhas, fazendeiros, pescadores. Essas são reproduções de indivíduos reais conhecidos do escultor. Você pode ver isso nas características peculiares, na humanidade. Olhe para o homem mais alto. O rosto dele é mais longo e magro, com maçãs do rosto mais salientes. Seu cabelo está amarrado atrás, sob o capacete, num rabo-de-cavalo, e ele usa uma barba. Você não vê isso em nenhum dos outros legionários.

Ele é um gaulês, talvez dos Alpes, quem sabe um dos inimigos anteriores recrutados por César. E olhe para a expressão dele, a dureza, a compleição forte, há até um traço de humor nesses olhos, o humor negro do soldado. Há muito para admirar naquele rosto. Ele deve ter sido amigo íntimo do escultor, seu *frater*.

- Parece que o escultor conhecia algo sobre perspectiva, em todo caso - disse Costas. - Conte uma dúzia de legionários aqui embaixo ao redor do homem alto, mas acima deles parece que há uma legião inteira em baixo relevo, um grupo separado de homens no meio do ar.

- Foi isso que me chamou a atenção - disse Jack. - Mesmo antes que eu olhasse para os inimigos deles.

- Explique-se.

- Aquela multidão de soldados acima. Não é uma cena distante, um modo grosseiro de mostrar perspectiva. É uma cena em outra dimensão. É uma legião de fantasmas.

- Uma legião de fantasmas?

- Aquele estandarte que você percebeu, o da Décima Quinta Legião. Ele não está sendo carregado pelos soldados que estão embaixo, os soldados da vida real. Está sendo levado pela legião de fantasmas. E olhe para a escultura no topo do estandarte. É a *aquila*, a águia sagrada. Agora olhe novamente para os soldados da vida real que estão embaixo, os doze. Eles não têm nenhum estandarte. Então, isso é estranho. Um escultor romano que aprendeu todas as regras e convenções da iconografia nunca teria feito isso. Uma legião na batalha *sempre* tem sua águia. Para um escultor que também tivesse sido soldado, não representar isso é quase inimaginável.

- Estes eram os legionários que perderam sua águia em Carrhae - murmurou Costas.

- Precisamente. E é por isso que esta não é uma representação de Carrhae. É outra batalha. *Uma batalha posterior*. A iconografia está perfeita. Os soldados acima, a legião de fantasmas, são os homens que caíram em Carrhae, com sua águia. Os homens abaixo são os sobreviventes. É isso que acho. Estes são os prisioneiros que fugiram de Merv, lutando em outra batalha, a sua própria, distante, em direção ao leste, em um lugar no qual a lenda das conquistas de Alexandre deviam estar em sua mente, algo que deve ter levado o escultor a usar a batalha de Issus como modelo.

- Mas eles estão vestidos com roupas completas de legionário - apontou Costas. - Como eles podiam ter mantido tudo aquilo de Carrhae, depois de anos de prisão?



- Depois de fugir, eles devem ter tido que se armar no caminho, apanhando tudo o que pudessem encontrar. Mas em sua mente, eles eram ainda legionários romanos. Quando entravam em batalha, se viam desse modo. Então foi dessa forma que o escultor os representou.

- Certo. Agora, os outros guerreiros. O inimigo.

Jack levou a tocha para a direita. Era uma imagem que parecia incrivelmente em desacordo com os legionários romanos. Jack teve uma súbita lembrança de ter estado com Rebecca diante de imagens quase idênticas no Museu Britânico, uma exposição itinerante a que ele a levava para ver alguns dias depois de seu primeiro encontro em Nova York. Ele passou lentamente o feixe de luz pela imagem inteira, voltando a demorar-se no personagem central, aquele que se opunha ao legionário alto. Examinou atentamente. *Não há nenhuma dúvida quanto a isso*, pensou.

- Posso estar errado acerca disso - murmurou Costas, - mas será que estamos olhando para os Guerreiros de Terracota?

Jack respirou fundo, com o coração batendo acelerado. - Olhe para a armadura. Ela é segmentada, como escamas de peixe. E olhe para as armas. Lâminas longas e retas, alabardas elaboradas, arcos e flechas característicos. No mundo antigo, só um exército usou armaduras como esta. E esta não é apenas uma armadura chinesa genérica. Os detalhes aqui são muito específicos, minuciosamente observados. O escultor tinha sido soldado e sabia o que estava procurando. O que nós temos aqui é uma representação do século 1 a.C., de soldados romanos confrontando os guerreiros que vestiam a armadura da Dinastia Qin, do primeiro imperador da China, cerca de dois séculos completos antes da época de Augusto.

- Como os romanos poderiam ter visto os Guerreiros de Terracota?

- Não os Guerreiros de Terracota. Guerreiros reais. Lembre-se de nosso escultor romano, da tradição do retrato. Se puder, ele vai mostrar as pessoas reais como indivíduos. Eu vi os Guerreiros de Terracota com Rebecca. Há vários tipos faciais, mas eles só dão a ilusão de ser indivíduos. São como um exército reunido para uma filmagem, com suficiente individualidade para dar a autenticidade necessária, mas não resistindo a um exame minucioso de perto. E os rostos são de um tipo de chinês do centro, bastante uniforme, arredondado, sem muita distinção étnica. Agora, dê uma

olhada nestes sujeitos. - Jack movimentou a tocha ao longo de figuras que pareciam estar se empurrando para ocupar uma posição no primeiro plano, de pernas separadas, armas prontas, olhando para fora. Os rostos eram duros, carrancudos, com intensos olhos e bigodes longos, os cabelos trançados no alto em topetes.

- Eles se parecem o pai de Katya - murmurou Costas. - Um rosto que está muito presente em minha memória. Como o de Genghis Khan.

- Exatamente - Jack disse. - Estas são pessoas das estepes, nômades, das periferias do norte da China. O próprio povo do primeiro imperador. Os guerreiros que o acompanharam à vitória na China deviam se parecer com estes. E são indivíduos reais. Mas não são como os romanos do outro lado, onde se pode ver afeto, humanidade. Estes são rostos que o escultor encontrou na batalha. Você se lembra dos rostos das pessoas que tentaram matá-lo?

- Examine a figura central - Costas murmurou.

Jack apontou a tocha novamente para a figura com a cabeça voltada para trás, em direção ao legionário alto. A figura estava montada num cavalo, um corcel musculoso com olhos largos que pareciam fitar acima, os céus. O escultor tinha tentado mostrar o cavalo torcendo-se para o lado, da mesma maneira que a carruagem de Dario foi mostrada, ao se desviar dos macedônios no mosaico de Issus. A perspectiva ali era desajeitada, mas o sentido do movimento era perceptível. O cavalo e os guerreiros circunvizinhos estavam borrados com um vermelho embotado, como se alguém tivesse pincelado tinta em cima da pedra. Costas esfregou com um dedo a pintura, depois cheirou a mancha úmida grudada nele e disse: - Uma base ferrosa, como o ocre.

Jack olhou de novo para a parede. - O escultor poderia ter composto outros pigmentos de afloramentos minerais encontrados na selva, da mesma maneira que os *Kóya* fazem hoje para pintar o corpo. E nós sabemos que ele tinha lápis-lazúli para pintar o teto. Mas parece que o vermelho foi a única cor que ele usou aqui. Isso dá uma impressão poderosa, como olhar para uma projeção em preto e branco através de um filtro vermelho. Esta era uma cena reduzida a seus elementos essenciais, enrijecida na consciência dele. A individualidade dos rostos, o detalhe das armas, a armadura. É a cor de sangue.

- Uma memória de batalha.

- E daquele guerreiro no cavalo - disse Jack. - Olhe para o adorno de cabeça dele. No mosaico de Alexandre, Dario usa um capuz persa, erguendo-se ao redor do queixo e bem alto sobre a cabeça. Provavelmente foi feito de feltro, como uma proteção contra o sol e o frio da estepe. É com isso que essa cobertura de cabeça também se parece, até você examiná-la de perto. - Ele deu a tocha a Costas, que a segurou acima da cabeça, com o feixe luminoso dirigido para baixo, para a parede, acentuando as sombras. - Eu posso ver olhos - ele murmurou. - E caninos, enormes. É a cabeça de um animal. Um leão.

Jack sacudiu a cabeça. - Não, um tigre.

- Um tigre.

- O tigre do sul da China - disse Jack. Há só umas poucas dúzias que sobraram em lugares selvagens. Na época do primeiro imperador, eles provavelmente estavam espalhados.

Costas ergueu mais alto a tocha à esquerda, até o nível da legião de fantasmas, perto do teto da caverna. Havia outra escultura em relevo acima dos soldados, um disco com cerca de um metro de diâmetro que continha dois rostos esculpidos. Costas olhou atentamente para eles. - O que você estava dizendo antes, sobre o caminho para Arikamedu - murmurou ele. - Sobre a chegada do cristianismo a essa região. Isso se parece tremendamente com uma mãe e uma criança.

- Eu a vi assim que entramos aqui - disse Jack. - Quis resolver esta cena inteira antes, mas agora tenho certeza disso. Era ainda muito cedo para o cristianismo. Acho que este lugar foi esculpido em alguma época entre as décadas finais a.C., e que aquele disco foi esculpido pela mesma mão, não foi uma adição posterior. E esses dois retratos dentro dele também são de pessoas reais. Você pode ver que eles foram esculpidos com um cuidado especial. A mulher não é precisamente bonita, não é? Um pouco pesada ao redor das mandíbulas, um nariz em forma de gancho. O menininho tem orelhas protuberantes, e seus olhos são muito juntos. Mas esses detalhes estão esculpidos com cuidado amoroso. Esta era uma mãe com seu filho, que ele adorava, pessoas reais em sua memória.

- Sua esposa e o filho - murmurou Costas.

- O disco é outro tipo de escultura romana, frequentemente funerária -, disse Jack. - Veja como o escultor a colocou lá em cima, no mesmo plano que a legião de fantasmas, como se a mulher e a criança estivessem no céu. É como se ele reconhecesse a verdade. Talvez seu anseio por eles o tenha trazido até aqui, uma viagem longa e difícil através de um continente para procurar os de sua própria espécie. Talvez tenha encontrado romanos em Arikamedu, e eles lhe contaram o que ele sabia ser verdade, que a vida que abandonara anos antes do outro lado do mundo havia desaparecido para sempre, que aquela era a única rota deixada para ele se unir com seus familiares.

- Você realmente acredita que este era um dos legionários de Crasso?

Jack acenou com a cabeça. - Décadas depois do momento em que ele viu sua esposa e o filho pela última vez, quando marchou para fora de Roma, indo para Carrhae. Trinta, trinta e cinco anos se passaram. Roma foi devastada pela guerra civil. Ele descobriu isso em Arikamedu, antes de se retirar para este lugar. Ele tem a esperança de que seu filho tenha seguido seus passos como escultor, ou vivido e morrido como um legionário. - Jack olhou para o disco. - Mesmo se eles ainda estivessem vivos, ele sabia que a imagem em sua mente era de familiares queridos, desaparecidos havia muito tempo, que só sobreviveram na memória dele. De pé aqui, cinzel na mão, dois mil anos atrás, ele sabia que nunca voltaria. Era mais fácil pensar neles como estando no Elísio. E para o soldado que tinha deixado a família para ir para a guerra, havia uma catarse nesta cena.

Jack se voltou para Costas. - Ele e seus camaradas lutaram uns pelos outros, pela honra da legião. Mas eles também lutaram por sua família. Colocar o disco ali, acima da cena de batalha, mostra que ele não os abandonou. Dava-lhe confiança, nos momentos esmagadores de dúvida. - Jack se perguntou se John Howard também teria visto aquela cena, naquele dia em 1879 em que ele e Wauchope se depararam com esse lugar. *Seu próprio filho, seu menininho, deixado para trás com a mãe, uma imagem que só se manteria viva, para sempre, na memória dele.* Howard teria sentido isso? Teria visto a imagem de uma morte profetizada? Era isso que ele temia acima de tudo, medo pelo próprio filho, tão longe dele, ao se virar para partir deste lugar, fugir desta escuridão?

Costas movimentou a tocha para baixo do disco e ao longo do braço do guerreiro chinês, iluminando-o estendido para o legionário alto. Entre as duas figuras, a pedra estava enegrecida e com sulcos no lugar onde a água gotejara sobre a pedra de algum ponto acima, corroendo a escultura. Moveu a tocha para lá e para cá. - Sua mão, onde ela aparece como se o guerreiro estivesse levantando um punho fechado para os romanos. - Ele está na verdade usando um tipo de luva. Se eu aproximar a luz, você vai ver que ele está segurando uma espada.

Jack seguiu o feixe de luz. Olhou para a mão, e sua mente se acelerou. - É uma luva de punho largo e comprido - ele disse, com voz tensa. - É uma espada indiana com a luva integrada. Uma *pata*.

- Você quer dizer como aquela que você herdou?

Jack pegou a tocha de Costas e moveu a luz em várias direções. De repente, ele a viu, as orelhas características, a boca, os dentes caninos retos. Sua voz era apenas um sussurro. - É idêntica. O romano deve ter tirado isto do guerreiro nessa batalha. E deve tê-la trazido para cá. E então Howard a pegou naquele dia em 1879. - Estendeu a mão e tocou o punho esculpido, da mesma maneira que tocara a *pata* verdadeira em sua cabine no *Seaquest II* no dia anterior, passando os dedos por cima das características tão familiares desde que seu avô a dera a ele quando ainda era menino. A história parecia ter-se encurtado de repente, e assim lá estava ele, em pé junto da forma fantasmagórica do homem que esculpira aquela imagem, um homem velho dificilmente reconhecível como romano, desbastando e alisando a pedra, sobrevivendo suas semanas e dias finais naquele local, finalizando a imagem de seus entes queridos antes de ir se unir a eles no Elísio. Jack se lembrou dos fragmentos do *Périplo*, os primeiros vislumbres da incrível história que era exibida ali, entre as sombras daquela parede. *Era tudo verdade.*

Ouviram um ruído e uma imprecação, e Pradesh apareceu ao lado deles, de revólver em punho. Ficou ali parado, enraizado no lugar, olhando fixamente, balançando-se ligeiramente. - Meu Deus - ele sussurrou.

- Você quer um resumo? - perguntou Costas.

- Nós não temos tempo. Meu sapador diz que há um grupo de maoístas vindo por este caminho. Contou quinze deles. Estão distantes daqui somente uns vinte ou vinte e cinco minutos. Já chamei o helicóptero. Temos que nos

mandar daqui. Coloquei um pouco de explosivo C-4 na entrada do santuário. Ele vai explodir e fechar a entrada, mantendo este lugar seguro até que possamos voltar para cá.

- Cinco minutos - Jack disse apressadamente, pegando sua máquina fotográfica.

- Nada mais que isso. - Pradesh olhou de novo para a escultura, com um olhar de absoluta surpresa e depois se abaixou, voltando pelo corredor. Jack passou a tocha para Costas. - Feche os olhos. Estou usando flash. - Começou a fotografar metodicamente a parede, esperando alguns segundos entre cada foto para recarregar o flash. Costas escorregou e caiu para trás, praguejando baixinho ao se endireitar. - Mantenha o feixe de luz na escultura - disse Jack com urgência. - Preciso ver o que estou fotografando.

- Acho que você gostaria de ver com o que me choquei.

Jack se virou e prendeu a respiração. Tinha percebido algumas formas atrás deles quando entraram na câmara e supôs que fossem seixos. Mas aquilo tinha sido feito pela mão do homem. Era uma forma grande e retilínea, com cerca de dois metros de comprimento e um metro e meio de altura, esculpido na pedra natural. Os olhos de Jack moveram-se rapidamente por ela, medindo, calculando. Ele começou a sorrir, sacudindo a cabeça. Era do tamanho certo, com as dimensões certas. Viu que a superfície superior era uma tampa de pedra. - É um sarcófago -, ele exclamou. - Você achou o sarcófago dele. Este lugar não era um santuário. Era uma tumba.

Costas passou os dedos ao longo do encaixe debaixo da tampa. - Assim, nosso escultor esculpe seu próprio caixão, depois a cena funerária naquela parede. Olha pela última vez a imagem daqueles que ama, depois entra no sarcófago e puxa a tampa por cima de si.

- O último ato de força executado pelo mais forte entre os fortes, um legionário que sobrevivera às pedreiras persas em Merv.

- Sopra a vela, deita-se e fecha os olhos, corri aquela imagem final impressa em sua mente.

- Ele está de volta à Roma, com sua esposa e o filho -, murmurou Jack. - Esquecido de que estava no outro lado do mundo, morrendo lentamente num buraco do inferno na selva do sul da Índia.

- E ele ainda está aí dentro.

Jack olhou para a tampa. Havia algo estranho naquilo. Ele se inclinou sobre ela. O arenito estava incrustado com uma camada de material translúcido, duro como resina, evidentemente um depósito de calcita que se formara durante os séculos, quando a condensação gotejara em cima da tumba. No centro havia uma depressão na camada sobressalente, como se algo tivesse sido removido. Jack aproximou a tocha bem perto. Uma camada fina cobria a depressão e a formação mais grossa a cercava, mostrando que aquela parte tinha sido removida décadas atrás, talvez um século ou mais. Ele estava de pé atrás e olhava para a forma. É claro. *Vinte de agosto de 1879.* - Era aqui que estava a manopla - ele sussurrou. - Dá para ver a forma do punho, e a lâmina da espada, quebrada abaixo do cabo.

Costas sentiu a umidade da pedra. - É assombroso que qualquer lâmina tenha sobrevivido desde a Antiguidade.

- Se fosse aço chinês de primeira qualidade, cromo banhado, então seria possível.

- Chinês - murmurou Costas. - Você realmente acha isso?

- Meu avô disse que a *pata* feita antigamente tinha uma lâmina, mas que já estava quebrada quando Howard a achou. Howard removeu-a e atirou o pedaço quebrado no rio Godavari depois que eles saíram da selva. Ele só conservou a luva.

- Parece estranho ele tê-la levado - disse Costas. - Este lugar era um santuário dos *Kóya*, e talvez a manopla tenha se tornado um dos objetos sagrados deles, um desses *vélpus*.

- Ele e Wauchope eram soldados, lembra-se? Soldados em primeiro lugar, engenheiros em segundo, antropólogos num terceiro lugar mais distante. Eles tinham sido treinados para lutar com a espada. Deviam ter suas próprias armas, mas Howard conseguiu outra lâmina, uma quebrada mesmo. Numa briga súbita, eles podiam não ter tempo nenhum para recarregar os revólveres, e duas lâminas era melhor que uma. Já foi um pequeno milagre eles terem chegado a este lugar distante sem ser atingidos, e eles deviam estar bem apreensivos. Howard tinha que pensar na própria sobrevivência, na da esposa e da criança. No que diz respeito à cultura

local, ela não devia ter prioridade na lista deles. Provavelmente tiveram pouco tempo para ficar aqui, até que os tambores de guerra soassem lá fora.

- Como estão soando agora, Jack.

- Certo. O tempo acabou.

- Falei muito cedo. Nunca devia fazer isso.

- O que é?

- Há uma inscrição. Onde estava minha mão. Pensei que a pedra estivesse esburacada.

Nesse momento, ouviram o som do helicóptero, o barulho pulsava na câmara. Jack girou sua tocha para onde estava Costas, apontando para a lateral da tumba. Para sua surpresa, viu cinco linhas, em latim. Ele se agachou e leu em voz alta as palavras:

Hic iacet

Licinius optio XV Apollinaris

Sacra iulium sacularia

In sappheiros nielo minium

Alta Fabia frater and Pontus ad aelia acundus

- Jack traduziu:

Aqui jaz

Licínio, *optio* da Décima Quinta Legião de Apollinário,

Guardião da jóia celestial

Nas sombrias minas de *sappheiros*

A outra está com Fabius, irmão, do outro lado do lago, em direção ao sol nascente

- *Sappheiros* -, exclamou Costas. - Eu me lembro disso do *Périplo*. Isso não significa lápis-lazúli?

Uma voz berrou do lado de fora, entrando pelo corredor. - Está na hora de ir! - Costas movimentou a tocha pela câmara uma última vez. Havia outra fissura escura na parte de trás, onde eles tinham ouvido o som de água gotejando. Ele hesitou, então tropeçou, pondo a mão na parede para se



apoiar nela. Por alguns momentos, ficou absolutamente imóvel, paralisado de horror, com o feixe de luz brilhando na escuridão. - Jack, este é meu pior pesadelo. Estou conseguindo sentir o cheiro disto. Me tire daqui.

Havia outro barulho lá fora, um som de fogo de artilharia. Jack se aproximou rapidamente de Costas. Olhou para dentro da piscina de luz. À primeira vista parecia ser outra escultura, branca, uma extrusão da rocha. Mas isso era diferente. Percebeu com horror para o que estava olhando - um corpo humano. Estava esticado na cachoeira, com os braços atrás das costas, a cabeça inclinada para a frente num ângulo extravagante. O pescoço fora reduzido a osso e nervo. O rosto estava grotescamente adiposo e irreconhecível. Costas acenou ligeiramente, e Jack segurou-o pelo ombro. Ele se forçou a olhar novamente. A cabeça estava sustentada por um laço, amarrado ao redor de uma pedra sobre a cachoeira. Era como se o homem tivesse morrido por estrangulamento lento, com corda suficiente apenas para que ele ficasse vivo até que seus pés pudessem encontrar algum ponto de apoio na pedra. Poderia ter sobrevivido assim por horas, até mesmo dias. Um monte de formas pretas correu para longe de suas pernas, e Jack viu que a pele tinha sido esfolada quase até o osso. A camisa do homem estava corroída, revelando a pele de seu ombro esquerdo. Então Jack a viu. Sentiu uma certeza gélida. *Era uma tatuagem de tigre.* Era distinta daquelas que eles haviam visto nos corpos do lado de fora, mais elaborada. Ele se lembrou do que Katya lhe dissera sobre a tatuagem do tio. Então ele percebeu. *Ela sabia que eles poderiam achá-lo dessa maneira.*

- É Hai Chen - ele disse roucamente. O - tio de Katya. - Ele engoliu com dificuldade. Já tinha visto o suficiente. Houve outro estouro de arma automática do lado de fora. Ele girou Costas e o empurrou por trás para a entrada da câmara. Jack olhou uma última vez para a escultura na parede. Sua mente estava girando. *Romanos. Raumanas. Rama. Um santuário de Rama.* Ele viu o personagem alto, o legionário no meio dos outros. *Aquele seria Fabius?* Passou a tocha pelo peitoral, o cinturão da espada, as guirlandas. Havia algo que precisava ver novamente. Ele já havia visto, mas deixara de lado: uma decoração do Exército Republicano Romano, que estava perdida para a história. Mas agora ele sabia o que era. Uma forma redonda, como um sol, com raios partindo dela, carregada dentro de uma bolsa no cinturão do legionário. *Uma forma como uma jóia.* Ouviu outro

berro, outro estouro de fogo de artilharia. Empunhou sua Beretta e armou o ferrolho. - Vamos sair daqui.

## Capítulo 13

O homem que segurava o rifle podia ver claramente as duas figuras à beira do lago, imóveis entre os seixos perto da costa, emolduradas pelas montanhas de Tien Shan a leste, limite do próprio império celestial. Ele ficara observando-as durante toda a tarde, esperando que o sol às suas costas baixasse, para acentuar as formas. Ele aprendera tudo o que podia sobre o comportamento delas, observou cada movimento mínimo, da maneira que sua avó lhe ensinara a fazer. O homem mais alto era desajeitado, ossudo, dado a movimentos e gestos súbitos, especialmente quando estava trabalhando com o trator. Mas o homem alto também observava de vez em quando a mulher, quando ela estava curvada, raspando e escovando, fotografando. Quando ela fazia isso, o homem alto ficava parado durante muitos minutos, às vezes meia hora ou mais, como se não quisesse que a mulher soubesse que ele a estava observando. O homem que segurava o rifle fez uma careta. Os quirguizes eram nômades da estepe, como seus próprios antepassados, mas nômades que haviam abandonado os modos de guerreiro e tinham se tornado pouco melhor que uma ovelhinha. Ele os menosprezava. Desejou que pudesse mirar o homem primeiro, mas a mulher era a prioridade. Ele desviou o olhar para ela. Tinha os cabelos muito pretos e brilhantes, uma linda estrutura de corpo, a Lycra apertada contra suas coxas quando se agachava mostravam nádegas atléticas, mas curvilíneas. Ela o excitou, e isso aumentou seu fervor. *Seu clã se espalhara. A fraternidade exigiria sua recompensa.*

A luz agora estava perfeita. Ele olhou para a linha de montanhas cobertas de neve do outro lado do lago, e então deixou que os olhos voltassem para as duas figuras. Sempre comece no horizonte, a avó dele lhe ensinara, e então tudo entrará em seu lugar. Ele se lembrou do rosto da avó, as bonitas feições dos cazaques que adornavam selos postais e murais por toda a pátria, o verdadeiro retrato da marcha soviética de progresso. Somente sua unidade de produção tinha sido destruída. O mestre dela, Zaitsev, lhe dera o nome de *zaichata*, pequena lebre, mas os alemães a chamavam de *Todesengel*, o anjo de morte. A conta dos que ela matara em

Estalgrado chegara a centenas. *Estrela de Ouro de Herói da União Soviética*. Ele se lembrava do que ela lhe dissera em seu leito de morte no alto das montanhas, na fronteira chinesa, a pátria deles. Ela lhe contara que, no final, ela não matara por uma causa. Ela matara porque era isso o que fazia. Ela vira isso nos olhos dele também, quando olhou para ela, sem emoção, só querendo continuar sua atividade assim que ela partisse.

Agora ele possuía o rifle que fora dela. Ele se deitou e virou de bruços no buraco rochoso no cume. Abriu o longo pacote marrom que estava ao seu lado, a capa de couro ainda flexível depois de setenta anos, impregnada com o óleo da arma. Ergueu o rifle e apoiou a parte dianteira na mão direita, com cuidado para não modificar a distância da operação. Passou a mão esquerda sobre a empunhadura de madeira, tocando nos entalhes e marcas de guerra, ferimentos que tinham fortalecido a arma, em vez de diminuí-la. As francoatiradoras soviéticas femininas sempre davam nomes para suas armas. Essa fora chamada de *Dragão de Fogo*. Ele olhou para as marcas no metal. Mosin-Nagant, 1917, feito sob contrato em Williamsburg, Maryland. A avó dele rira da ironia desse fato, durante os longos anos da Guerra Fria, quando ela havia treinado várias gerações de franco-atiradores para lutar contra os americanos. Mas ela tinha dito que instrumentos de morte não mantêm nenhuma fidelidade. Ele o tomara dela, e chegara a conhecê-lo como conhecia a si próprio. Ela havia dito que cada matança era como um ato de paixão com um amante e que, quanto mais o rifle disparasse, mais conheceria suas próprias necessidades e mais se tornaria parte de sua própria alma.

Abriu o ferrolho, tocando no brilho fresco de óleo no receptor e pegou dois cartuchos de uma bolsa de couro. Ele próprio os tinha recarregado, usando o mesmo lote de munições, a mesma pólvora, medindo o carregamento até em microgramas. Ela também lhe ensinara isso. Tinha polido as balas até que ficassem brilhando. Empurrou os cartuchos para dentro da câmara de repetição, então empurrou o ferrolho para diante e para baixo, acomodando a bala na câmara. Lentamente, apontou para o pequeno saco de areia encostado na lateral do seixo, tomando cuidado para não pressionar a extremidade do cano, depois empurrou o corpo para diante, sobre os cotovelos e os joelhos, segurando a coronha contra o ombro. Havia esfregado giz e sujeira no rosto, e não havia nada que causasse reflexo no rifle. Ele ficaria invisível contra o pôr-do-sol. Viu as duas figuras

novamente. Oitocentos e oitenta metros. *Eu sinto isso*. Esse era o seu dom. Ele regulou a distância, ajustando as torres de mira de acordo com a força do vento e a elevação. O ar estava leve, e havia pouco vento. O objetivo estava mais abaixo no declive, e a gravidade faria que a bala descesse. Já tinha compensado isso, acrescentando um oitavo na distância. Ele vira o brilho do ar ao redor do trator, a distorção óptica. Apontaria um metro à esquerda da cabeça da mulher, para a pedra ao lado dela com as esculturas atrás. A bala levaria mais de um segundo para chegar. Ela nem mesmo ouviria a detonação. A bala passaria pelo seu pescoço, rompendo sua espinha dorsal. Ele inspirou profundamente, depois exalou e deixou de respirar. Reduziu a velocidade da batida de seu coração. *Sincronize-se com sua própria alma*. Ele curvou o dedo ao redor do gatilho e abaixou os olhos para o alvo. *Grande é a virtude do primeiro imperador. O universo inteiro é seu reino*.

Então parou. Deslizou novamente para dentro do buraco e girou, com o rosto virado para o céu, puxando o rifle para si, segurando-o contra o tórax, abrindo o ferrolho. Já fizera a mesma coisa inúmeras vezes, indo até o limite máximo. Sua avó havia dito que isso era *shiatsu*, auto-disciplina. Ele já lidara com a mulher do tio, aquele cujo lugar ele ocuparia entre os doze membros. Sabia que o homem não diria nada, um homem treinado da maneira de um guerreiro tigre, assim ele o tinha deixado morrer de maneira sórdida, ser devorado pelos ratos dentro do santuário da selva. Ele e seus homens tinham encontrado a inscrição lá dentro, e bastante tempo se passara antes que os maoístas os encontrassem por acaso para ler as palavras e ver aonde levaria a busca do tesouro sagrado. Mas antes ele fora para ali para observar, esperar, para ver se a mulher os levaria mais adiante. A fraternidade sabia que o tio lhe falara sobre a própria busca, sobre as pistas que encontrara. A fraternidade tinha olhos e ouvidos em todos os lugares. E o destino dela estava selado. Quando um dos doze se desviava do rumo certo, seu clã era castigado. Sempre tinha sido desse modo. Mas ele teve que se lembrar. Ele não estava ali só para matar, mas para observar, para seguir. Era seu teste, o dever estabelecido pela fraternidade, seu rito de passagem antes que ele pudesse unir-se aos doze. Dobrou a manga e tocou a imagem tatuada em seu antebraço, ainda ferida e sangrando. Foi até o cavalo que estava parado atrás dele no buraco, seus flancos subindo e descendo quase imperceptivelmente, olhos meio abertos, avermelhados. Apertou a

tatuagem contra seu flanco, e o antebraço inteiro ficou vermelho, coberto com o sangue que transpirava como suor sobre o cavalo. Ele se deitou novamente, triunfante. O sangue deles tinha se misturado. Eles tinham se tornado uno. O sangue do corcel divino. O *sangue do guerreiro tigre*.

Jack despertou com um sobressalto quando o avião balançou e estremeceu. O barulho dos motores aumentava como um queixume e depois diminuía novamente. Ele apertou o cinto de segurança. Rebecca estava sentada ao seu lado, lendo. Defronte deles Costas e Pradesh cochilavam intermitentemente. Jack observou o mapa de navegação na tela dobrável à sua frente, depois olhou para fora da janela à sua direita. Viu onde o vale do Indo dera lugar aos contrafortes cheios de sulcos do Baluquistão, a província norte-ocidental do Paquistão. Eles estavam perto da fronteira com o Afeganistão, em cima das terras tribais que haviam mudado muito pouco desde os dias do governo britânico. Além do Afeganistão estava o destino deles, a antiga República Soviética do Quirguistão, entalada entre as montanhas que levavam para a China de um lado e para a Rússia de outro, transversalmente às rotas das antigas caravanas e desfiladeiros em terras altas que formavam o braço setentrional da Rota da Seda. Jack fitava a neblina, agarrado ao descanso dos braços. Katya estava lá fora em algum lugar, em uma das paisagens mais proibitivas da Terra. Ali em cima, a perspectiva de encontrá-la parecia inacreditavelmente remota, contudo, se tudo desse certo eles estariam com ela em uma questão de horas.

Jack olhou para os dois homens. Costas estava usando outra camisa havaiana, que ele deixara de reserva no *Sequest II*, substituindo a que se rasgara na selva. Havia uma protuberância em seu ombro direito, onde um curativo cobria a ferida da bala que recebera do pistoleiro chinês, felizmente só de raspão. Pradesh usava uma roupa cáqui do exército indiano, com todas as insígnias identificadoras arrancadas, uma precaução sensata em espaço aéreo paquistanês. Na noite anterior, ele e os dois sapadores haviam mantido os terroristas maoístas à distância enquanto o helicóptero pousava na selva, o que lhes permitiu escapar com somente alguns poucos danos na fuselagem. Pradesh sabia exatamente o que estava fazendo, e Jack lhe agradeceu. Uma vez de volta ao *Sequest II*, eles puderam se lavar e mudar de roupa, mas não havia tempo para dormir. O jato Embraer do IMU tinha voado da Inglaterra para encontrá-los, e nas primeiras horas da manhã o *Lince* os havia levado do navio até um aeródromo militar perto de Chennai

para subir a bordo do Embraer para o longo voo em direção ao norte. Jack olhou para o relógio. Já haviam se passado quase quatro horas. Eles deveriam chegar à base dos Estados Unidos em Bishkek no Quirguistão no meio da manhã.

A imagem assustadora da cachoeira ainda estava impressa na mente de Jack. Ele não tinha nenhuma dúvida de que o corpo em decomposição era de Hai Chen, o tio de Katya. A tatuagem que eles tinham visto no braço dele era mais elaborada que as dos cadáveres dos chineses do lado de fora do santuário, mas mostrava a mesma imagem de um tigre terrível, quase um dragão. Era evidente que Hai Chen não era apenas uma vítima inocente, um antropólogo ingênuo no lugar errado no momento errado. Alguém o deixara morrer lentamente, de um modo cruelmente calculado. Ele estava numa pista que parecia cada vez mais ser paralela àquela em que o próprio Jack se encontrava, e o resultado parecia decididamente desagradável. Havia em jogo ali algo mais que uma especulação sobre minas. Jack precisava falar pessoalmente com Katya. Ela ia ter que lhe contar tudo o que sabia.

Jack tentou esquecer a imagem e se concentrou na arqueologia. Sua mente ainda estava repassando a descoberta que haviam feito. *Uma tumba romana no sul da Índia*. Uma tumba perto do sítio romano em Arikamedu sempre fora algo concebível, talvez a de um comerciante ou um capitão de mar. Mas eles tinham descoberto a tumba de um legionário romano. *Um legionário que podia ter sido um sobrevivente da batalha de Carrhae*. Era uma ligação extraordinária com o fragmento do antigo *Périplo* do Egito, com a prova de que alguns desses legionários tinham fugido para o Leste na Ásia. Se o legionário que esculpira aquelas cenas de batalha na selva tinha sido realmente um dos homens de Crasso, ele deve ter seguido o caminho para o sul a partir da Rota da Seda, em algum lugar abaixo da rota de voo que eles estavam percorrendo. E havia a incrível referência na inscrição da tumba. Jack espiou pela janela na direção do Afeganistão, ainda sem ver nada por causa da neblina matutina. Uma palavra da inscrição continuava girando em sua cabeça. *Sappheiros*. lápis-lazúli. O legionário tinha encontrado alguma coisa, algo tão precioso que ele deixara uma pista na inscrição de sua tumba. Algo que outro legionário, Fabius, seu irmão de armas, o soldado da escultura, também tinha e levava embora consigo. *Algo em duas partes*. Jack começou a tamborilar no descanso de braços do assento. Aquilo tinha se

tornado mais que uma pista fantástica de fuga e uma aventura de dois mil anos atrás. Tinha se tornado uma caça ao tesouro.

- Pai. - Rebecca o cutucou. - Este livro é incrível.

Rebecca estava usando a luz de leitura, e Jack viu o título na página. Tenente John Wood, marinha de Bengala. Uma narrativa pessoal de uma viagem para a nascente do rio Oxus. Jack pôs seu assento na vertical. - É um de meus favoritos. Ele escreveu este livro nos anos 1830, antes que a Inglaterra tivesse começado a interferir no Afeganistão - ele disse, tomando um gole de uma garrafa de água. - Como outros exploradores britânicos anteriores que viajaram para lá, você pode perceber que ele realmente sentia empatia pelas pessoas. Era escocês e diz que isso tem a ver com o fato de nascer e ser criado nas montanhas. Também é uma grande história de aventura. Na pista de Alexandre, o Grande. E esse livro era um tesouro que seu tatataravô possuía. Ele estava sempre debruçado sobre ele. Quando pus as mãos no livro, me senti perto dele.

- Eu também - disse Rebecca. Ela fechou o livro, marcando a página com uma papeleta, e apanhou uma cópia datilografada que Jack também lhe dera. - E isto é incrível, também. Sua biografia do coronel Howard. Quase chorei quando li sobre o bebê dele, sendo levado doente e agonizante para um local que ficava a um dia de Bangalore, enquanto o pai estava a centenas de quilômetros na selva. É de partir o coração. Não consigo imaginar como a mãe do menino se sentiu, acordando uma manhã com seu bebê nos braços e depois vendo-o ser baixado à sepultura naquela mesma noite. - Rebecca estava falando baixinho, tentando não despertar os outros dois, mas suas palavras estavam sufocadas pela emoção. - Você não ouve falar muito das mulheres, não é? Essas aventuras, as guerras, elas são quase todas sobre homens. Mas as mulheres tiveram que lidar com muitas perdas e angústias. Muita gente poderia pensar que elas estavam acostumadas com todas as mortes de crianças naqueles dias, mas aposto que não. Talvez toda aquela história de coragem fosse só uma maneira de lidar com o fato.

Jack concordou com a cabeça. - Isto aqui era uma grande aventura para os britânicos, mas a vida era frágil. Doenças como cólera, difteria, complicações da malária podiam matar uma pessoa em um dia, atingi-la sem aviso. Todas essas imagens que temos das requintadas e exageradas maneiras vitorianas na Índia — chás, as batidas suaves das bolas do críquete, famílias mimadas sentadas nas varandas - tudo isso era uma



espécie de verniz superficial. Este era um lugar onde se acordava sem nunca saber se iria novamente para a cama naquela noite ou se seria baixado a uma sepultura. Era um lugar para pessoas que gostavam de arriscar, para quem apreciava viver no limite.

- É por isso que você gosta daqui, não é, pai? Todas essas histórias. Você realmente desejaria ter sido um desses oficiais da engenharia real, não é mesmo? Você teria tido guerra, aventura, teria comandado pessoas por toda parte, sabe, até mesmo praticado arqueologia se você fosse um oficial de pesquisa, mais todos aqueles feriados que eles tinham quando podiam sair por aí explorando montanhas e procurando algum tesouro perdido. Perfeito.

Jack riu. - Afortunadamente, posso ser todas essas coisas hoje e ainda me transportar para o passado. Para realmente seguir a trilha de uma descoberta, você tem que ter empatia por aqueles que estiver seguindo, conhecer sua mente.

- Costas diz que seu grande dom é a diversão. Ele diz que sempre que você está perseguindo algo, outra coisa surge. Ele diz que você precisa de uma mulher para mantê-lo aqui embaixo. Torná-lo mais seguro.

Jack acenou com a cabeça para a figura amarrotada, que roncava ali em frente. - Ele mal pode falar.

- Ele tem, você sabe, algum amigo? -, Rebecca perguntou.

- Bem, ele tem a mim, e todo mundo na IMU.

- Não, eu quero dizer uma *namorada*.

Jack bufou, apontando para Costas. - O quê? Você deve estar brincando. Elas duram tanto quanto o tempo que ele leva para voltar para dentro de um submersível.

Rebecca sacudiu a cabeça. - Os homens são tão estúpidos consigo mesmos. Eles nem sequer sabem o que torna um homem atraente para uma mulher.

- Sim, bem, ele é um tecnólogo idiota. Não liga pra isso.

Rebecca sacudiu a cabeça e suspirou. As luzes da cabine piscaram, e a voz do piloto soou pelo alto-falante. - Jack, você pediu para ser despertado quando passássemos pela fronteira do Afeganistão. Estamos a menos de duas horas de nosso destino.

Costas e Pradesh se mexeram e acordaram. Houve outra sacudidela, devido à turbulência, e Pradesh se inclinou sobre Costas para olhar pela janela. Eram quatro horas da manhã, hora local, ainda estava escuro, e as luzes cintilavam bem abaixo. - Essa turbulência está em cima da hora - ele disse, - parece que sempre ocorre aqui. Nós acabamos de passar por Quetta, no norte do Paquistão, e devemos estar agora sobrevoando a Passagem de Bolan. Estamos voando sobre o Afeganistão.

- Carregar e travar - disse Costas, bocejando e estirando-se de maneira extravagante. Endireitou o assento e pegou um suco de laranja do refrigerador ao lado deles. - Estou com dor de cabeça - disse ele. - Acho que foi por causa da selva. Fiquei desidratado. - Tomou o suco, depois pegou outro.

- Provavelmente foi aquele vinho de palmeira que você bebeu -, disse Jack. - Eu o avisei.

- Só tomei alguns goles -, replicou Costas. - Mas de agora em diante seguirei minha regra. Nunca beba durante uma operação. - Terminou o segundo suco e guardou a lata. - Ela tornará aquela primeira tequila na praia ainda mais deliciosa. Quando chegarmos ao Havaí. Amanhã. - Ele lançou a Jack um olhar indefinido, ligeiramente acusatório.

- Nós somos uma espécie de chefe por lá - disse Jack. - De forma indireta.

- Do norte da Índia para o Quirguistão, na Ásia Central - disse Costas. - Sim, certo.

*Quirguistão.* Em menos de duas horas pousariam no aeroporto de Bishkek, e um par de horas depois ele estaria com Katya. Uma mensagem dela estava esperando por ele quando voltaram da selva para o *Seaquest II*, sobre uma nova e surpreendente descoberta que ela fizera. Ele ligou para ela imediatamente e lhe contou sobre o tio. A resposta dela foi prática, como ele esperava que fosse, mas ela pareceu distante. Ele desviou a conversa para a arqueologia. Ela resumiu para ele sua descoberta e pediu seu conselho. Aquela era uma boa razão para adiar um pouco mais o cronograma, mas agora havia uma urgência. Ele fez imediatamente outra chamada pedindo que o Embraer do IMU estivesse pronto e com combustível esperando por eles no aeroporto de Chennai quando chegassem, em pouco menos de duas horas.

- Certo, Jack - disse Costas. - Continue a contar sobre seu antepassado. Só sei até o ponto em que Howard e o outro sujeito, o oficial americano irlandês, Wauchope, escaparam da selva. E minha suposição é que o que aconteceu com eles depois da fuga tem algo a ver com o fato de estarmos voando agora por cima desta região. E com a inscrição naquela tumba. Nós não viemos para cá somente para ver Katya.

Jack respirou profundamente e assentiu com a cabeça. - Certo. Vamos ao resto da história. Howard e Wauchope voltaram com os sapadores para o barco a vapor *Shamrock*. Enterraram o corpo de Bebbie na selva, não na aldeia onde vimos a inscrição memorial. Mas nenhum deles deixou nenhum relato sobre o que tinha acontecido. Nós temos o registro do tenente Hamilton sobre a escaramuça na selva, e a memória popular de povo *Kóya* sobre o que aconteceu naquele dia, aquilo que Pradesh nos contou. Mas nada de Howard. O diário dele termina abruptamente naquela manhã no *Shamrock*. Isso confiita com seu profissionalismo. Foi isso que fez soar o primeiro alarme em mim.

- Talvez fosse uma maneira de encobrir a morte daquele sujeito, Bebbie - disse Costas. - Se ele realmente tiver sido morto pelos sapadores.

- Acho que havia mais que isso - respondeu Jack cuidadosamente. - Penso que ele sofreu um choque com a visão da cena do sacrifício, com o que eles viram quando estavam no *Shamrock*. Então acho que eles viram o que nós vimos dentro daquele santuário. Ambos deviam ser bem versados em latim, que aprenderam na escola. Wauchope era conhecido por ler grego e latim clássico quando estava em campanha. Acho que eles viram aquela inscrição. E penso que esse era o pacto que os unia. Não contar a ninguém o que haviam lido. Eles viram o terremoto lacrar o santuário depois que escaparam, portanto, o segredo era deles.

- O que aconteceu com eles depois da rebelião?

- Wauchope deixou os Sapadores de Madras para unir-se à Agência Central de Mapeamento e Levantamento Topográfico da Índia, uma das mais cobiçadas nomeações para um oficial engenheiro. Ele passou a maior parte dos vinte anos seguintes na Fronteira Norte-Oeste, começando no Baluquistão e trabalhando no leste, fazendo pesquisas para a Comissão de Fronteiras, trabalho que ficou conhecido como a Linha de Durant,

delimitando a fronteira do Afeganistão. As marcas de limites que ele colocou ainda estão lá, como os altares dos dias finais de Alexandre, o Grande. Ele ficou famoso por sua habilidade em escaladas e por sua persistência, um montanhês nato. Mas a malária que ele contraiu em Rampa finalmente o atingiu e o forçou a uma aposentadoria precoce. Cinco anos depois, ao recuperar a saúde nas montanhas da Suíça, ele voltou para sua amada Índia, dedicando-se a explorar os vales remotos da região fronteira, adotando o traje tradicional e vivendo com membros de tribos. A última coisa que ouvimos falar sobre ele é que estava em Quetta no começo do verão de 1908, quando contava cinquenta e cinco anos.

- E Howard?

- Ele era o último sapador oficial fora de Rampa, meses depois, o único que podia resistir à malária, provavelmente por ter passado a infância na Índia. A morte do filho Edward aos dezoito meses de idade em Bangalore, enquanto ele estava na selva, foi um golpe terrível. Howard era cotado para a realização de grandes ações como soldado, mas ele optou por seguir a carreira de engenheiro, juntando-se ao Departamento de Trabalhos Públicos da Índia e voltando depois à Inglaterra, para a Escola de Engenharia do Exército em Chatham. Ensinou topografia para oficiais jovens e mergulhou na vida acadêmica do corpo do exército. Tornou-se um partidário ardente do movimento que eventualmente conduziria ao idioma universal, o esperanto. Talvez esse anseio tenha surgido da sua experiência em Rampa, onde eles não conseguiam falar o idioma *Kóya* sem um intérprete. Talvez fosse uma espécie de compensação. Ele só voltou à Índia depois que seus filhos estavam crescidos, e lá eles foram para um internato. Sempre achei que sua decisão sobre a carreira teve a ver com seu filho Edward, com sua necessidade de proporcionar um lar melhor para seus filhos, na Inglaterra. Mas agora acho que havia algo mais que isso. Penso que sua decisão remonta àquele dia na selva em 1879. Não quero dizer que tenha a ver com o que eles possam ter visto no santuário, mas outra coisa, algo que ele viu ou fez e que o traumatizou. Talvez; tenha sido um sacrifício humano. Algo que ele se sentia impotente para impedir.

- Não é exatamente a imagem gloriosa do trabalho de um soldado - disse Costas.

Pradesh mudou de posição e pigarreou. - Concordo. A pior coisa para um soldado é ser enviado a uma missão para a qual ele não tem a vontade política ou os recursos para terminar o trabalho. Eu experimentei isso em uma missão de pacificação na África. Sentia-me impotente para impedir um genocídio. Se você intervier, pode aliviar a pessoa que está sofrendo, mas isso pode tornar o sentimento de impotência ainda pior. Um de meus sapadores atirou numa mulher que tinha sido terrivelmente mutilada. Ele ficou assombrado com o rosto dela. Ele disse que todos os rostos que antes eram uma massa de humanidade atormentada de repente tinham se tornado indivíduos reais, e isso se tornara intolerável para ele. Tinha pesadelos com todos se aproximando dele e perguntando por que ele não tinha escolhido terminar também com o sofrimento deles. Ele não conseguiu viver com isso, e deu um tiro em si mesmo.

Jack viu o rosto de Rebecca e apertou sua mão. - Com Howard também pode ter sido assim - ele disse baixinho. - Muito pouco do conhecimento sobre como era a resposta emocional para trauma durante o período vitoriano chegou a nossos dias. Ainda assim, alguns homens criados em meio a romance e ações corteses acabavam vendo e fazendo coisas terríveis. Eles interiorizaram essas experiências durante toda a vida, usando o reservatório de coragem vitoriana varonil para de alguma maneira conviver com elas, refreando-as até o fim.

- Você disse que ele voltou para a Índia - disse Costas.

- E aí que a coisa fica realmente fascinante - Jack respondeu. - Em 1905, já com a idade de cinquenta anos, ele finalmente voltou a ser um verdadeiro soldado. Tornou-se o comandante da Engenharia Real da Divisão de Quetta do exército da Índia, lá para cima, na fronteira afegã no Baluquistão. Era uma das áreas arriscadas do Império Britânico, quase o lugar mais perigoso no mundo. Howard apreciou fazer isso, e durante algum tempo era como se ele estivesse compensando o tempo perdido. Entretanto, em 1907, como coronel, ele abruptamente aceitou metade de seu soldo e se aposentou.

- Quetta - Costas murmurou. - O mesmo lugar onde Wauchope estava?

- Exatamente - Jack exclamou. - Essa é a chave da história. Depois de Rampa, os dois homens tomaram caminhos diferentes. Talvez em um pacto

feito na selva eles tenham traçado seu futuro, quando voltariam a estar juntos. Eles se encontraram uma vez, em 1889, quando Wauchope fez um curso de atualização na escola de pesquisas em Chatham. Eles até foram coautores num ensaio sobre as moedas romanas do sul da Índia. Eles deviam apresentar esse estudo conjunto ao Instituto Real de Serviços Unidos em Londres, mas Wauchope foi chamado a assumir seu dever. Depois, aparecem juntos em Quetta, quase vinte anos mais tarde, em 1907, ambos aposentados. Jantaram como convidados de honra no restaurante do regimento, conheceram o explorador Aurel Stein, passaram horas no bazar falando com viajantes, enquanto se equipavam. E então, numa manhã de abril, em 1908, saíram para marchar, botas pregadas com tachas grandes e bandagem do joelho ao pé para proteger as pernas, calças de montanha ajustadas às pernas, de lã, casacos de pele de carneiro, turbante, mochila, revólver. Dois velhos coronéis partem para uma grande aventura final. Quetta já havia visto esse tipo de coisa. O criado tibetano de Howard, Huang-li, acenou para eles. Ele estava com Howard havia anos, desde que ele fora levado, ainda menino, para um refúgio no Tibete durante a Rebelião Indiana. Huang-li também nunca mais foi visto. Os dois coronéis marcharam para a Passagem de Bolan, no Afeganistão, e desapareceram no grande despenhadeiro das montanhas. Esta foi a última vez que alguém ouviu falar deles.

- Isso está tão legal - disse Rebecca. - É exatamente igual ao livro *O homem que queria ser rei*, a história de Kipling. Agora sei por que você pôs este livro no topo da pilha para mim no *Seaquest II*, pai. Dois soldados britânicos que desaparecem nas montanhas, à procura de um tesouro.

- Tesouro? -, perguntou Costas.

- Acho que Rebecca está um passo à nossa frente - Jack murmurou.

- Ela é um *chip* do mesmo material do pai, Pradesh disse, sorrindo.

- Então, qual era a atração para esses sujeitos no Afeganistão? - perguntou Costas.

- Aventura. Guerra. - Pradesh abriu um pequeno estojo que estava em seu colo. Dentro havia uma fileira com oito medalhas, três estrelas elaboradas na esquerda e três medalhas de serviço à direita, duas delas com múltiplos fechos de campanha sobre as tiras. - Estas são as medalhas de Wauchope. Antes de desaparecer, ele deu todas as suas posses militares para

os restaurantes regimentais dos Sapadores de Madras, com estas instruções: elas deviam ser leiloadas entre os oficiais, e o valor auferido, distribuído como caridade para alívio da fome. Como jovem oficial antes de Rampa, ele estivera em Madras durante a escassez terrível de alimentos em 1877, e isso o afetou profundamente. Mas na época que um inquérito foi feito em 1924 sobre o desaparecimento, e os dois homens foram declarados mortos, havia pouco interesse nas medalhas. Elas ficaram desde então em um almoxarifado em Bangalore. Eu achava que elas deviam ficar na sede da Agência Central de Mapeamento e Levantamento Topográfico da Índia, onde seriam exibidas ao lado das coisas de outros pioneiros dignas de ser lembradas. Esses homens são lembrados por comprometer sua vida para mapear a Índia e melhorar o bem-estar das pessoas. São lembrados pelos seus sucessores da Índia e do Paquistão com orgulho e afeto. É bastante emocionante.

- O quartel-general não se situa onde agora é o Paquistão? - perguntou Costas.

- Essa é outra razão pela qual estou vindo com vocês para o Quirguistão, Pradesh respondeu alegremente. - Há um contingente de sapadores paquistaneses ligados à base de coalizão em Bishkek. Eu mesmo comprei as medalhas sob as condições que Wauchope queria, e cuidei para que o dinheiro fosse para a caridade. Agora vou passá-las para o oficial comandante dos sapadores paquistaneses, e ele as levará seguramente para o museu.

- Achei que vocês estivessem em guerra - disse Costas.

- Só nossos países. O major Singh e eu somos amigos íntimos. Fomos ambos aprovados, ao mesmo tempo, para ensinar levantamento na selva na Escola de Engenharia do Exército em Chatham. Foi assim que fiquei sabendo algo sobre a carreira posterior de Howard e Wauchope, pelos registros de lá. Quando Jack me revelou seu interesse pela rebelião Rampa, fiquei atordoado. Eu não tinha nenhuma idéia de que ele fosse da mesma família de Howard.

Costa examinou as medalhas. - Essas duas à direita, com fechos. São campanhas diferentes?

Pradesh assentiu com a cabeça. - São as medalhas do Serviço Geral da Índia, com fechos, por serviços em Hazara, Waziristão, Tirah. Como oficial

de levantamento, Wauchope estava envolvido em quase todas as expedições de fronteira afegãs dos anos 1880 e 1890.

- Mas nenhuma de fecho para Rampa - disse Jack.

Pradesh sacudiu a cabeça. - O governo considerou a rebelião uma perturbação civil. Era uma questão de política, tudo ultrassecreto. Ninguém queria que uma perturbação interna fosse anunciada, depois do Motim Indiano. Eles concordaram em considerá-la serviço ativo nos registros dos soldados, mas nenhuma medalha foi concedida.

- E esta aqui? - Costas apontou para a terceira medalha de campanha.

- Na guerra afegã de 1878 a 1880. Wauchope estava lá, como engenheiro assistente na Operação de Força no Vale de Bazar, antes de ser deslocado para Rampa. - Ele ergueu a medalha e virou-a. Os olhos de Costas se iluminaram. - Um elefante!

Jack sorriu para Pradesh. - Tenho que me desculpar por meu amigo. Ele tem uma fixação por elefantes. Nós encontramos alguns debaixo d'água no Egito.

- Debaixo d'água? - Pradesh parecia incrédulo. - Será que ouvi direito? Você achou elefantes debaixo d'água?

- Falaremos sobre isso mais tarde.

Rebecca inclinou-se e tocou a medalha. - Ela se parece com Aníbal<sup>{16}</sup> nos Alpes -, disse ela. - Minha mãe me falou uma vez sobre isso quando nós nos encontramos, e eu até fiz um desenho. Então eles também usavam elefantes no Afeganistão. Isso é muito legal. - Jack sorriu para ela, e examinou a medalha também. Era uma medalha bonita pendurada numa tira vermelha e verde. No verso estava a rainha Victoria, imperatriz da Índia. No reverso havia uma coluna em marcha, com cavalaria e infantaria, dominada por um elefante que carregava nas costas armas de campo desmontadas. Na parte mais atrás havia uma cadeia de montanhas muito altas, e no exergo a palavra "Afeganistão" e as datas 1878-79-80. Era a medalha que John Howard teria recebido se tivesse se juntado à Operação de Forças Khyber, depois da selva, como se pretendia que ele fizesse. Se a rebelião Rampa não tivesse continuado por meses, alongando-se mais do que se esperava, e ele não tivesse sido o único oficial a resistir à febre. Se seu filho Edward não tivesse ficado doente e se outro oficial não tivesse se oferecido para assumir



seu lugar no Afeganistão, para que pudesse ficar mais próximo de sua família. Foi um gesto de bondade que deu em nada, porque seu filho Edward morrera muito rápido, enquanto Howard ainda estava na selva. Para Jack, a medalha parecia representar todas as armadilhas estranhas do destino e a angústia da perda. E muitos oficiais sapadores tinham morrido no Afeganistão. Se Howard tivesse ido para lá, era possível que Jack não estivesse ali naquele momento.

Costas viu algo de repente e apertou o nariz contra a janela. - Santa vaca. O que foi aquilo?

Eles seguiram seu olhar. Uma linha de flashes vermelhos pontuava a escuridão ao longe, bem abaixo. - Um ataque aéreo contra um cume de montanha murmurou Pradesh. - Aviões de guerra americanos ou britânicos, talvez paquistaneses, em voo rasante. Nós agora estamos em cima da área central do Taliban. País de bandidos.

- Temos algumas medidas preventivas? O dispensador de contramedidas? perguntou Costas, enquanto olhava ansiosamente para Jack.

- Nós estamos voando muito alto, acima de quarenta mil pés. Os talibans não têm nada que possa nos atingir. Os americanos não proporcionaram aos *mujahideens*, nos anos 1980, nada maior que o Stinger, e a maioria desses já desapareceu.

- Certo - disse Costas. - Eu me esqueci. Nós armamos esses sujeitos.

- Antes dos russos chegarem, os afegãos tinham principalmente armas britânicas velhas, remanescentes do Grande Jogo - replicou Pradesh. - Rifles Lee-Enfield, Martini-Henrys, até mesmo Snider-Enfields dos anos 1860. Eles fizeram suas próprias imitações, os chamados rifles Khyber Pass. Essas armas ainda estão por aí hoje em dia e não devem ser subestimadas. Os afegãos eram atiradores brilhantes com suas próprias armas nacionais, os mosquetes *jezails* com travas. Com rifles britânicos eles eram soberbos. Este é um país de franco-atiradores, perspectivas enormes com muitos pontos favoráveis nas terras altas. O bom atirador afegão tradicional menospreza o recruta do Taliban que borriфа o ar com a Kalashnikov enquanto grita slogans de jihadistas. Ele o menospreza por sua fraca pontaria bem como por seu fanatismo wahabista.<sup>{17}</sup> Na sociedade afegã, a morte violenta está sempre presente, mas dentro de uma tradição de honra. Nenhum

guerreiro afegão quer morrer. Ele despreza o bombardeio suicida. Ele detesta o fundamentalismo. A mentalidade de mártir e a Kalashnikov são os dois pontos fracos na armadura taliban.

- Parece que esta guerra deveria ser ganha para nós pelos afegãos - disse Costas.

- Algumas centenas de homens afegãos, montanheses armados com rifles Sniper, poderiam incapacitar o Taliban. Os afegãos apenas devem ser persuadidos de que os talibans são seu pior inimigo. E eles precisam saber que a coalizão ficaria aqui depois para reconstruir o país.

- Muito trabalho para os sapadores - disse Costas.

- Nós estamos prontos para isso - Pradesh respondeu entusiasticamente. - Meus companheiros oficiais e eu estudamos atentamente todos os arquivos da guerra de 1878, quando os Sapadores de Madras construíram pontes na Passagem de Khyber. Nós poderíamos fazer isso novamente. - Eles ergueram o olhar quando o co-piloto apareceu no corredor, gesticulando para Pradesh. - E minha vez de voar - Pradesh disse, levantando. - Preciso atualizar meu número de horas de voo e a distância percorrida em meu registro de voos em aeronaves de asa fixa. Até logo mais.

- Pai. - Rebecca estava olhando novamente para o livro em seu colo. - Notei isso há pouco. Há algo escrito a lápis na margem. Quase não consigo ler o que é.

- Qual é o livro? perguntou Costas.

- *A nascente do rio Oxus* - de Wood, disse Jack. - Estava na minha cabine. E a própria cópia de Howard.

- Oh, sim. Um material fascinante sobre minas.

- Enquanto você estava roncando, cheguei onde ele descobre as minas de lápis-lazúli - disse Rebecca. - E inacreditavelmente excitante. E como um romance de aventura. Ele diz que havia três classes de lápis-lazúli. Ela leu em voz alta uma passagem: - Estes são o *Neeli*, ou a cor índigo; o *Asmani*, ou luz azul; e o *Suvsî*, ou verde. O *Neeli* é o mais valioso. As cores mais valiosas são achadas na pedra mais escura, e quanto mais próxima a mina está do rio diz-se que é maior a pureza da pedra.

- *Neeli* - disse Costas. - Parece com "Nieli", que estava na inscrição da tumba.

Jack assentiu com a cabeça. - E a mesma palavra, em Pashtun e em latim. Deve ser a raiz indo-européia da palavra. Se tenho razão, o escultor romano na selva, o sujeito que fez aquela inscrição, esteve de fato nas minas do Afeganistão. Sua escolha daquela palavra para "escuridão" pode bem ter vindo do contato com os habitantes locais que descreveram o melhor lápis-lazúli daquela maneira. - Ele se inclinou sobre Rebecca. - E esta escrita na margem? Esta que estou vendo?

- Ao lado do parágrafo que acabei de ler.

Jack examinou de perto. - Você tem razão. Eu não tinha visto isso. Há tantas outras anotações de Howard nas margens do livro, e eu não tinha observado de perto esta página. - Ele pegou o livro aberto e olhou atentamente, colocando-o sob a luz de seu assento. - Definitivamente é a letra de Howard. Absolutamente distintiva, embora você quase não consiga ler o que está a lápis. - Ele examinou novamente e depois leu em voz alta, lentamente. - "Diz-se que se você colocar juntos a olivina e o lápis-lazúli, então terá o segredo da vida eterna. Eles devem ser os cristais apropriados. A sabedoria chinesa antiga me contou isso por intermédio de minha aia indiana. - Ele abaixou o livro. - Meu Deus!

- Olivina e lápis-lazúli - exclamou Costas. - Aquela combinação novamente.

- Quem era a aia indiana dele? - Rebecca perguntou.

- Sua babá - murmurou Jack. - Ela cuidou dele quando menino em Bihar, onde seu pai tinha uma plantação de índigo, perto da fronteira com o Nepal. Ela era a tia-avó do criado de Howard, Huang-li, aquele que acenou para eles quando saíram de Quetta em 1908. Durante a rebelião Indiana, quando Howard era um menino pequeno, ela o levou para o Himalaia. Depois se tornou a aia indiana dos filhos dele e mais tarde da geração seguinte. Ninguém sabia quantos anos tinha, mas ela viveu até uma idade avançada, bem mais de cem anos. Nos anos 1930, ela se aposentou para viver o resto da vida nas montanhas do Tibete. Ela afirmava que seus antepassados vieram de um lugar muito distante no leste, originários do norte da China. Quando meu avô era menino, ela lhe contava histórias sobre

o primeiro imperador, o grande imperador Qin, que unificou a China no século 3 a.C. Ela lhe dizia que era descendente do guardião da tumba do primeiro imperador. Uma lenda, talvez, mas que cativou meu avô. Um dos outros livros que ele me deu foi *Os registros do grande historiador*, o relato da dinastia Qin. Foi outro dos livros de John Howard encontrados em seu estúdio depois que ele desapareceu.

- Falando de lendas familiares, o que você sabe sobre o desaparecimento de Howard? - Costas perguntou. - Falar sobre isso teria cativado as crianças. Você devia querer saber se ele e Wauchope encontraram algum tesouro lendário e viveram a vida como reis em alguma montanha escondida, difícil de ser encontrada, como na história de Kipling.

- Bem, havia uma história. Ela era contada pela esposa de Howard, minha trisavô. Todo mundo, exceto meu avô, rejeitava o que ela dizia porque ela adoeceu. Howard tinha feito tudo o que podia por ela. Mas assim que as crianças cresceram, ela caiu doente. Nunca conseguira lidar com a morte de seu primeiro filho. Ela foi cuidada depois por suas irmãs, mas em seguida foi para uma instituição. Howard tinha o dinheiro da herança de índigo de seu pai, e não fez nenhuma economia para o conforto dela. Só quando soube que não havia nenhuma esperança para ela, Howard retornou à Índia. Mas ele a viu novamente em várias ocasiões na Inglaterra antes de desaparecer, a última vez em 1907, logo depois que ele se aposentou. Ele a levou para passar alguns dias num chalé no País de Gales. Parecia ser uma breve janela de felicidade. Era um belo começo de verão, e eles caminhavam pelas colinas. Era como ela se lembrava disso, em momentos de lucidez, quando meu avô ia visitá-la no hospital anos mais tarde. Depois que Howard se encontrou com Wauchope em Quetta, ele nunca mais viu a esposa. Mas ela viveu durante muitos anos mais, numa espécie de Terra das Sombras, só vindo a morrer em 1933.

- Ela se lembrava de alguma outra coisa? - perguntou Rebecca, com voz emocionada.

- Dizia para meu avô que quando fechava bem os olhos, ficava de mãos dadas com o filho Edward, olhando para um lugar de beleza cintilante, como uma caverna mágica. Só que Edward aparecia mais velho do que quando morreu, era um menininho e não um bebê de colo. E via Howard, um jovem

homem orgulhoso em seu uniforme, com uma centelha nos olhos, o pai de Edward e seu marido amado, e o menininho correndo para ele de braços estendidos, muitas vezes dizendo a palavra "Dadá", uma palavra que ele, em sua curta vida, nem tinha idade para dizer. Disse que naquele momento estava no lugar perfeito. Passava muito tempo naquele hospital de olhos bem fechados.

Rebecca estava em lágrimas, e Jack segurou sua mão. - Ela disse outra coisa, que todo mundo descartou porque o hospital era administrado por freiras, e elas achavam que ela estava apenas repetindo algum mantra religioso. Disse que o marido tinha ido à procura do Filho do Céu.

- Um convento cristão? - perguntou Costas. - Devem ter dito isso para muitas viúvas.

- Foi o que todo mundo pensou. - Jack se inclinou para a frente, com os olhos brilhantes. - Mas isso tocou meu avô, na época um jovem oficial da marinha, e permaneceu com ele. Cinquenta anos depois, quando já era um homem velho, ele me chamou na escola. Estava tão incrivelmente entusiasmado, que tive que deixar tudo o que estava fazendo e fui visitá-lo. Foi quando ele me deu os *Registros do grande historiador*. Ele andara folheando o livro, e viu estas palavras exatas: "Filho do Céu". Ele se lembrou de repente onde as tinha visto. Mandado para Xangai como cadete naval, ele viajou para Xian, para ver a tumba lendária do primeiro imperador. Essa fotografia dele, de 1924, foi uma das primeiras a alcançar o Ocidente. Foi lá que ele viu as palavras "Filho do Céu". Tratava-se do título tradicional do imperador chinês.

Rebecca esfregou os olhos. - Eu me lembro disso, da exposição dos Guerreiros de Terracota.

- Mas há ainda mais coisas - Jack continuou. - Meu avô achou uma velha estampa que ele tinha do monte onde se encontrava a vasta tumba, tão grande quanto uma pirâmide egípcia, ainda completamente intocada, anos antes da descoberta dos Guerreiros de Terracota. Era a tumba do primeiro imperador, Shihuangdi, o Filho do Céu. Leu em voz alta a passagem dos *Registros* que descrevia o que havia lá dentro: os tesouros fabulosos, uma réplica do mundo em miniatura, a decoração da câmara representando os céus, com a maior luz de todas incidindo sobre a tumba. Então lhe ocorreram várias ideias. Foi quando ele me chamou. A esposa de Howard não estava

dizendo "Filho do Céu", mas "Sol do Céu". O sol, a maior luz do céu, a luz que asseguraria a imortalidade do imperador. A maior joia dos céus. Era isso que a esposa de Howard queria dizer. Ele lhe dissera que ia à procura de uma jóia lendária perdida.

- Eu sabia. - Costas sorriu. - Uma caça ao tesouro.

- Todo esse material -, Rebecca murmurou. - Como você pensou nisso? Legal.

Jack se sentou novamente. - Tudo o que fiz foi abrir uma velha arca com gavetas e deixar que tudo saísse.

A luz vermelha de advertência piscou acima deles. Jack olhou para o cinto de segurança de Rebecca e depois para fora da janela, na luz cinzenta do amanhecer. A descida para o aeroporto de Bishkek era reconhecidamente acidentada, por causa dos ferozes ventos cruzados. Através de buracos nas nuvens ele via flashes da terra lá embaixo, um solo improdutivo, sombrio e o perímetro do aeródromo. Uma fila de gigantescas aeronaves de transporte C-7 Galaxy estava estacionada no pátio onde a base de trânsito dos Estados Unidos para o Afeganistão compartilhava a pista com o aeroporto civil. Os motores do Embraer se aceleraram de repente, até soar como um lamento. A aeronave havia dado um solavanco bastante baixo e estava fazendo um círculo antes de tentar pousar novamente. Jack se recostou no assento e fechou os olhos, sentindo-se bastante cansado para adormecer imediatamente. Teve uma lembrança vívida do rosto do avô, de repente, do dia que eles haviam passado juntos examinando os registros chineses. Seu avô lhe falara sobre a velha busca da vida eterna, sobre as expedições do primeiro imperador para encontrar as ilhas dos Imortais. Jack era apenas um menino, mas já havia dito para o avô que um dia ele procuraria tesouros assim. Ele se lembrou do que o avô lhe contara quando se separaram, na última vez que o viu. Disse que havia velejado mais de um milhão de milhas em sua vida no mar e que as viagens eram o que ele mais apreciava, não os destinos. Agora, anos mais tarde, depois de passar a metade da vida procurando os maiores tesouros do mundo, Jack achou que compreendia. Então ele se lembrou da brincadeira do avô quando o empurrava, fingindo ser um velho sábio chinês: "Tome cuidado com as ilhas Sagradas. A busca da imortalidade é a missão de um tolo e o primeiro imperador era o maior

de todos os tolos. Aproxime-se muito, e você vai enfrentar um perigo mortal."

O avião deu um solavanco violento. Sobressaltado, Jack abriu os olhos. Costas estava olhando para ele com um ar brincalhão. Jack adivinhou o que ele estava pensando.

- Ansioso para ver Katya? - perguntou Costas.

- Ansioso para ver o que ela achou - respondeu Jack.

- Pai. - Rebecca o chamou com um olhar desdenhoso.

- Certo, certo. Ansioso para vê-la - disse Jack. - Mas ela está presa lá perto do lago porque eu sugeri isso. Estou indo vê-la como cientista. Tenho um interesse nesse projeto.

- Rebecca, quando você a encontrar, não use aquela palavra, "namorada", murmurou Costas, - se não quiser despertar o Genghis Khan que há dentro dela.

- Vê se me dá uma folga -, disse Rebecca. - O que está acontecendo aqui? Parece que vocês, rapazes, precisam de um banho de realidade. Katya e eu somos ambas mulheres. Nós podemos falar.

- Felizmente -, disse Jack, sorrindo docemente para ela, - você não vai ver Katya hoje. Depois de encontrar aqueles corpos na selva, não vou assumir nenhum risco. Katya era muito chegada ao tio e estava envolvida com sua pesquisa. Se ele estava em uma lista negra, então Katya também pode estar. E isso põe qualquer um próximo dela em perigo potencial.

-Você contou para Katya sobre ele? - perguntou Costas.

Jack pegou o telefone celular. - Logo antes de sairmos.

- Então você está dizendo que não posso ir com vocês - disse Rebecca com ar desafiador.

- Você vai ficar com Ben e Andy na base, ajudando-os com o equipamento. Depois vai voar para o leste com eles num helicóptero do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos para a outra extremidade do lago Issyk-Gul, onde foram encontradas ruínas submersas. Prometi que nós examinariamos essas também, assim como vou ver o que Katya tem para nós. Você vai ajudar a preparar as coisas lá em cima, e nos esperar.

- Assim eu perco toda a ação - disse Rebecca.

- Você vai estar com uma equipe da marinha dos Estados Unidos de Mar, Ar e Terra - disse Costas. - Não pode conseguir nada melhor que isso.

- Você fala russo, não é, Rebecca? - perguntou Jack.

Ela acenou com a cabeça, depois olhou para Costas. - As pessoas com quem eu morava em Nova York, escolhidas por minha mãe, eram russas - Petra e Michael, que fugiram em meado dos anos 1980, enquanto estavam na América para uma conferência. São ambos paleolinguístas. Petra havia conseguido permissão dos soviéticos para estudar na Itália, onde ficou amiga de minha mãe. Isso foi antes de você conhecer mamãe, papai. Depois que Petra voltou para Moscou, ficou conhecendo Michael no Instituto de Paleografia.

- Foi onde Katya se formou, não é? - exclamou Costas.

Rebecca fez que sim com a cabeça. - Eu soube sobre Katya antes de conhecer você, pai. A primeira vez que vi você e Costas foi quando eu estava sentada uma noite em nossa cabana de verão no Hamptons com Petra e Michael, assistindo a um documentário sobre a Atlântida. Katya estava sendo entrevistada.

- Mundo pequeno -, disse Costas.

Jack olhou para fora da janela, de repente dominado pelo pensamento de quanto mais ele ainda tinha que aprender sobre sua filha. Parecia inconcebível que ele a tivesse conhecido só alguns meses atrás. Respirou fundo e recostou-se no assento. Eles estavam agora na aproximação final, e o avião estava balançando por causa da turbulência. Ele olhou para Rebecca. - Seu russo será muito conveniente. O lugar para o qual irá perto do lago é uma área de instalação russa que testa a atuação de equipamentos submersíveis em combate, uma área recentemente reaberta no local de antigas instalações soviéticas. Foi uma grande sorte conseguir que eles aceitassem uma equipe do IMU para operar na área restrita deles, e para o exército dos Estados Unidos isto é muito mais que apenas um feriado interessante para as Forças Especiais fora do Afeganistão. Esta operação vai requerer tato, equilíbrio e charme. Este será seu primeiro papel oficial no IMU.

- Mas Costas ainda não me ensinou a mergulhar - disse Rebecca.



- Porque Costas ainda não teve permissão para levá-la ao Havaí - resmungou Costas.

- Você pode dirigir o barco - disse Jack.

Rebecca se recuperou. - Como é?

Jack apontou para o chão da aeronave. - Acondicionado no compartimento de carga do avião. Um *Zodiac* zero quilômetro com seis metros e meio, um barco rígido inflável, com dois motores Evinrudes 80, com a mais recente tecnologia de GPS para navegação, fixação de posição e equipamento de perfil de fundo.

- Legal.

Jack sorriu para Costas. As rodas do avião deslizaram no asfalto, e o nariz do avião abaixou. Os motores funcionaram no sentido inverso, e Rebecca gritou acima do barulho, - Então, quando eu o verei?

- Não sei. - A voz de Jack estava estremecendo com o avião. - Depende do que Katya encontrou. Nós poderíamos estar com você um pouco mais tarde hoje. Mas poderia haver pouca diversão.

- Pouca o quê?

- Pouca diversão.

Costa olhou desanimado para sua camisa havaiana, depois para Rebecca. - Você já devia saber o que isso significa.

## Capítulo 14

Jack e Costas estavam parados junto do lago acenando para o caminhão do exército enquanto ele se afastava lentamente para o leste, acelerando nas mudanças de marcha e desaparecendo por cima do cume. Depois de deixar Pradesh e Rebecca na base aérea, enfrentaram uma viagem exaustiva de quatro horas desde Bishkek, espremidos na cabine com o motorista quirguiz e seu guarda. O helicóptero Chinnok do exército dos Estados Unidos que devia tê-los levado para lá tinha tido um problema mecânico, e em vez de esperar em Bishkek e se arriscar a perder um dia, haviam optado por pegar uma carona em um caminhão de suprimentos que se dirigia para a base naval de testes até a extremidade do outro lado do lago. A expectativa de Jack crescera durante a última hora, à medida que o caminhão ia balançando pelo caminho em direção ao lago, passando por uma paisagem extraordinária de desfiladeiros e cumes, formada pela catarata tempestuosa que outrora fluía do lago e agora era novamente modelada pelo vento. Ele imaginava os pensamentos dos antigos viajantes que outrora enfrentavam corajosamente a passagem, sabendo que cada recanto escuro poderia esconder um bando de ladrões, prontos para infligir o destino assassino que atingira tantos outros na Rota da Seda. E então o caminhão venceu a elevação final, e eles viram o lago Issyk-Gul estendendo-se diante deles, com os cumes cobertos de neve das montanhas do Tien Shan alinhadas no lado mais distante. O motorista parou abruptamente e gesticulou para um campo rochoso em direção a uma cabana redonda solitária, uma *yurt*. Eles agradeceram e desceram, penduraram a mochila no ombro e começaram a andar pela paisagem rochosa. Jack começou a ver as características que tornaram esse lugar tão sedutor para Katya: redemoinhos, padrões curvilíneos nos seixos, esculturas que pareciam tão antigas quanto as próprias rochas. Ele parou perto de uma, encostando nela sua palma, sentindo a mão do escultor mais de dois mil anos atrás.

- Um cemitério? -, perguntou Costas lá de trás. - Elas parecem lápides.

- Possivelmente -, disse Jack. - Mas há muita coisa xamanista aqui também. Estende-se por milhas, onde os seixos caíram pelo declive abaixo e vieram descansar perto da praia do lago. Katya acha que os primeiros petróglifos datam da Idade do Bronze, do final do segundo milênio a.C., mas os nômades esculpam aqui durante o período da antiga Rota da Seda, no final do primeiro milênio d.C. Da mesma forma que os nômades, os comerciantes fizeram o percurso leste ou oeste entre essas pedras durante mil anos ou mais, parando aqui depois de sobreviver àquela passagem ou antes de se arriscar a passar por ela. Incluindo toda a arte nômade, há uma chance de achar algo realmente assombroso, inscrições feitas por pessoas como os bálticos, sogdianos, persas, chineses, quem lhe ocorra. Foram esses comerciantes que deram a esta rota seu lugar na história, contudo, eles quase não deixaram nenhuma marca. Qualquer descoberta poderia ser uma revelação enorme.

Jack protegeu os olhos com a mão e olhou pelo campo de seixos e pedras, para longe do lago e de novo para a passagem. O sol do fim da tarde batia em seus olhos, e era impossível ver muita coisa: havia *flashes* de luz vindos das superfícies muito gastas da rocha, sombras onde havia sulcos e ravinas. Seria muito fácil perder-se nesse lugar, e muito fácil nunca ser encontrado novamente.

- Lá estão eles -, disse Costas. - Estou vendo Katya. Venha. - Costas parecia ligeiramente deslocado em seus shorts folgados, a camisa havaiana enorme, botas de caminhada e óculos de sol de avião cobrindo a testa, mas ele era surpreendentemente ágil e saltava com facilidade de rocha em rocha. Chegou até onde um homem alto de chapéu de feltro estava parado entre os seixos e cumprimentou-o com um aperto de mão. Jack se juntou a eles e também apertou sua mão. O homem tinha aproximadamente sua idade, com impressionantes olhos azuis, o rosto causticado pelo sol e o vento como o das pessoas que vivem nas estepes. Katya estava atrás dele, dando a impressão de que ela também tinha adquirido a coloração da paisagem. Ela atraiu o olhar de Jack, mas sua expressão nada dizia. Ela se voltou para o homem. - Conheça Altamaty -, ela disse. - Ele é o curador do Cholpon-Ata, o museu de petróglifos ao ar livre. Assim como sua língua natal, o quirguiz, ele também fala russo e vários dialetos afegãos, mas está começado a aprender o inglês. Ele adquiriu experiência em mergulho com a antiga

marinha soviética. Quer participar das investigações subaquáticas da extremidade oriental do lago. Já lhe falei a respeito dele, Jack.

- Onde fica o museu? -, Costas perguntou.

Katya gesticulou ao redor de si. - Você está dentro dele. Provavelmente é o maior museu do mundo. E o que tem menos recursos. Ele é basicamente um show de um único personagem.

Jack olhou para Katya. Ela estava usando calças compridas desbotadas do exército e uma camiseta cáqui, e seus antebraços estavam cobertos de sujeira. O longo cabelo preto estava amarrado atrás, e seu rosto estava bastante bronzeado, acentuando as maçãs salientes. Parecia mais cansada e castigada pela exposição ao ar livre que da última vez ele a vira, na conferência, três meses atrás, mas o bronzeado lhe caía bem. Jack sabia que sua mãe era dessa região, e o rosto dela parecia combinar com o do alto quirguiz ao seu lado.

- Eu já informei as pessoas de nossa equipe sobre Altamaty -, disse Jack. - Assim que o *Chinook* esteja em condições de voar, Ben e Andy irão de Bishkek diretamente para a antiga base naval soviética na extremidade oriental do lago. Os americanos já conseguiram pôr as coisas para andar por lá, e quero mergulhadores na água o mais cedo possível, para mostrar o que podemos fazer. Rebecca está indo com eles.

- Sua filha está com você? -, perguntou Katya.

Jack falara com Katya sobre Rebecca na conferência. - Eu ia trazê-la para cá, mas decidi não fazer isso depois do que aconteceu na selva. Este lugar poderia estar numa zona de perigo. E ela terá bastante diversão com os sujeitos no lago. Esta é sua primeira expedição no IMU, e quero que seja uma experiência boa, especialmente logo depois de ter perdido a mãe.

- Estou ansiosa para conhecê-la -, disse Katya.

- A equipe de manutenção achou que o helicóptero ficaria em terra durante mais um dia. Espero que eles consigam chegar lá bastante rápido para que as coisas estejam instaladas e funcionando antes de nossa chegada. A última vez que mergulhamos foi no Egito, uma semana atrás. Nunca mergulhei num lago da Ásia Central. Estou ansioso para fazer isso.

- Vou segurar um pouco a ansiedade, até podermos passar um contador Geiger por cima da água -, disse Costas, esfregando a barba curta. -

Quarenta anos de testes de submersíveis e de torpedos soviéticos. Sei exatamente como eles abastecem de combustível seus equipamentos. Essa foi minha tese de mestrado no MIT.

- O problema maior são as primeiras e antigas estações de vigilância soviéticas localizadas nos cumes das montanhas, que funcionavam com energia nuclear, portanto, não precisavam ser tripuladas -, disse Katya. - Os habitantes as invadiram e voltaram com os bolsos cheios de urânio, e em uma semana estavam mortos. O pesadelo é que qualquer dessas coisas acaba achando o caminho do mercado negro. É por isso que os americanos estão tão interessados em assumir o serviço de limpeza da antiga base naval. Não se trata tanto de uma preocupação com o meio ambiente, mas com o terrorismo.

Jack achou que tinha visto um flash de luz ao longe. Olhou para os seixos espalhados no declive atrás deles. Poderia ter sido um reflexo de vidro ou metal, ou apenas uma ilusão de ótica. Protegeu os olhos da luz do sol, olhando atentamente, então se voltou para Katya. - Há alguém mais por aqui?

- Um pastor estranho, algumas vezes um caçador que desaparece lá em cima e parece que não vai mais voltar. - Ela se virou para Altamaty e falou com ele em quirguiz. Ele seguiu o olhar de Jack para o cume lá em cima, depois falou depressa com Katya. - Altamaty tem olhos de águia -, ela disse. - Está dizendo que viu a fumaça de um cavalo exalando quando estava frio bem cedo nesta manhã, lá longe em cima do cume. Os caçadores às vezes ficam num local durante dias, esperando um cervo.

- Você tem certeza de que é um caçador disse Jack.

Katya o olhou. - Quem mais você acha que poderia ser?

- Você está armada? -, Costas perguntou.

- Altamaty tem sua velha pistola de serviço Makarav e um rifle SKS que ele retirou do armazém da marinha daqui quando o império soviético desmoronou. Nós saímos para caçar juntos. Para complementar a carne de carneiro, que é o alimento principal aqui.

- Eu me esqueci murmurou Costas. - Uma paleolinguista que conhece armas.

Katya gesticulou em direção a um agrupamento de seixos aproximadamente cinquenta metros adiante, onde o topo de um trator mal aparecia acima das pedras. - Venha -, ela disse. - A luz está perfeita agora, como estava ontem, quando fizemos nosso achado. E Altamaty conseguiu um pouco de guisado chiando em uma panela grande fora do *yurt*. Vocês estão convidados para uma festa tradicional quirguiz hoje à noite.

- Estou morrendo de fome -, disse Costas. - E sei que a carne de carneiro é uma das favoritas de Jack. - Jack lhe deu um olhar tímido e engoliu em seco. Essa era uma coisa que ele vinha temendo. Ele podia engolir virtualmente qualquer coisa, exceto ovelha cozida. Quando criança, ele havia morado durante vários anos na Nova Zelândia, e uma vez abusara dessa carne. Desde então, até o cheiro o fazia sentir-se enjoado. Sabia que era uma questão de extrema importância que superasse o problema agora. Sua virilidade estava em jogo. Sorriu para Altamaty, depois seguiu Katya ao longo de uma trilha entre os seixos. O chão era duro, cozido como tijolo, com apenas alguns tufo de vegetação grossa crescendo ao redor da beirada dos seixos. Era como se um mar de lama e pedras tivesse deslizado para baixo pela encosta da montanha e se solidificado em uma massa, com seixos incrustados nela. Jack viu mais pedras com desenhos esculpido, e algumas estavam tão corroídas que as inscrições eram pouco discerníveis. Ele fez uma pausa para examinar uma delas, e Costas aproveitou, passou por ele e foi atrás de Katya. - Eu queria dizer -, disse Costas baixinho. - Sinto muito por seu tio.

Katya o olhou e assentiu com a cabeça, mas não disse nada. Ela caminhava à frente, e eles a seguiam em silêncio pelas pedras, até que chegaram perto do trator. Costas parou extasiado, como um menino que acabara de ganhar o presente de seus sonhos. - Um quatro sessenta e cinco -, ele murmurou com reverência. - Um Nuffield quatro sessenta e cinco. Foi por isso que entrei para a engenharia. Fiz um trabalho de verão em uma fazenda no Canadá. Este foi o primeiro quatro cilindros a diesel que desmontei. Altamaty abriu a capota da máquina, e os dois homens examinaram dentro. Costas olhou para Jack. - Acho que posso me entender com este sujeito. Penso que encontramos um idioma comum.

- De jeito nenhum -, disse Jack. - Nós não viemos aqui para desmontar um trator. - Costas suspirou, Altamaty bateu no ombro de Costas,

demonstrando pesar, depois seguiu Jack para onde Katya estava ajoelhada diante de uma pedra alguns metros adiante. Viram para onde a pedra tinha sido arrastada para trás pelo trator, revelando outra placa de pedra que estava parcialmente enterrada. Entre as duas pedras havia uma área de escavação marcada de cerca de quatro metros de largura por dois metros de comprimento. No centro havia uma pilha de pedras menores cuidadosamente escavadas, com cerca de um metro de largura por dois metros de comprimento. Jack se agachou e olhou para as marcações nas pedras recentemente expostas. Ele sabia que era por causa delas que Katya o chamara para ali. - Raios me partam -, ele murmurou.

- Outra inscrição na pedra -, disse Costas. - Parece estar mais bem preservada que as outras.

- Não é apenas mais uma pedra esculpida disse Jack. - É fantástico. - Sua mente estava se acelerando. Uma coisa era ouvir Katya falar disso ao telefone, mas outra era ver ao vivo. Ele sentiu o poder do passado quando a tocou. *Cartas em latim*. - É o mesmo número, o mesmo símbolo. XV Apollinaris.

Costas se ajoelhou ao lado de Jack. - Aquela inscrição romana da caverna no Uzbequistão. A que o tio de Katya registrou.

- Definitivamente é o mesmo escultor -, disse Katya. - Eu fotografei e digitalizei a foto, comparando-a com a imagem da caverna. O escultor tem uma maneira distintiva de fazer os arremates, terminando cada linha com uma inclinação do cinzel de novo e tirando um pedaço de pedra grosso e triangular.

- Um cidadão-soldado -, murmurou Jack. - Um que se lembrava de sua profissão, e ainda a praticava com cuidado. Ele era o único que chamavam quando precisavam fazer uma inscrição.

- Na caverna no Uzbequistão, acho que havia uma marcação casual, "Licinius esteve aqui", disse Katya. - Talvez a caverna fosse o lugar por onde eles realmente sentiram que escaparam de Merv, onde o deserto do Uzbequistão se tornou os contrafortes da Ásia Central. De lá, a Rota da Seda seguia por desfiladeiros e passagens de montanhas que finalmente vinham dar neste lugar. Mas esta inscrição aqui perto do lago foi feita por uma razão diferente. Você quase não consegue entender a primeira linha, mas é um

nome pessoal diferente, acho que é Appius. E olhe para essas duas letras mais embaixo.

- DM -, disse Jack, passando os dedos embaixo. - *Dis Manibus*. Isso significa "dado para *Dis*", o deus do mundo subterrâneo. Uma inscrição funerária. - Ele olhou para a pilha de pedras entre os seixos. - Esta é uma sepultura.

Costas examinou a inscrição. - E aquele símbolo. Aquela é a águia de uma legião romana, não é? Não foi aquela que nós vimos no santuário da selva?

- É a mesma legião -, murmurou Jack.

- É exatamente o que sonhei que acharíamos - disse Katya - O lugar da sepultura de alguém que morreu aqui, ou na passagem abaixo. Para alguns, este deve ter sido um lugar de júbilo, de recuperação antes do próximo estágio da jornada. Para outros, teria sido um lugar para morrer. Deve ter havido muitas mortes entre os comerciantes, persas, bálticas, sogdianos, chineses. *Mas romanos?* É surpreendente.

-Você achou alguma coisa enterrada na sepultura? - perguntou Costas.

- Foi um enterro precipitado, como você poderia esperar - ela replicou. - O chão é duro como pedra e não há bastante madeira aqui para abastecer uma cremação. O corpo estava coberto com pedras, talvez turfa cortada. Um pedreiro qualificado levaria só uma hora ou pouco mais para esculpir aquela inscrição.

- Pedreiro qualificado? - perguntou Costas. - Você está realmente certa disso?

- Não há nenhuma dúvida a esse respeito. - Jack passou os dedos por cima dos símbolos. - Ele tinha de alguma maneira feito um cinzel com a largura certa na parte de cima e sabia precisamente onde colocar o cinzel para cada pancada. Conhecia as características deste tipo de pedra, de modo que podia dar uma pancada com um golpe de vista sem fragmentar a superfície. Foi o que pensei no santuário da selva. Um cidadão-soldado.

- Você acha que este é o mesmo sujeito? - perguntou Costas.

- Vamos esperar para ver o que mais Katya tem para nos mostrar.



Katya olhou para ele, respirou fundo e apontou para um engradado de madeira no chão com os artefatos. - A terra é muito alcalina, e os ossos teriam desaparecido há muito tempo. Mas quando o trator desalojou o seixo, ele revelou isto. - Ela retirou o pano que cobria o conteúdo do engradado. Costas assobiou. - Isso é uma arma. - Dentro havia uma magnífica ponta de alabarda com um furo, cor de prata, com manchas verdes onde tinha sido corroída. De um lado havia uma lâmina curva estragada, estendendo-se aproximadamente dez polegadas para fora, e no outro uma lâmina reta, mais estreita, com a forma de uma navalha de cortar pescoço.

- Eu vi uma assim no Museu Britânico exclamou Jack. - Estados Combatentes Tardios, início do período Han ocidental?

Katya acenou com a cabeça. - A lâmina moldada da navalha é semelhante nas proporções às espadas do período Han, que se parecem com as espadas de samurai japonesas.

- Isto não é bronze? -, perguntou Costas. - Isto não seria muito precoce para nós?

Katya sacudiu a cabeça. - Não necessariamente. O ferro foi introduzido na China por volta século 5, mas a fundição inicial do ferro era frágil e então ainda se usava o bronze. E este bronze foi revestido com cromo, o que o tornou mais duro, capaz de manter uma extremidade afiada.

- E uma arma como esta poderia ter sido valiosa, passada de geração em geração - murmurou Jack, tocando a lâmina. - Poderia ter sido feita no período inicial de Han, não muito tempo depois do primeiro imperador. Mas poderia ter sobrevivido em uso durante dois séculos ou mais, até o período em que achamos que esses romanos vieram para cá.

- Mas o que está fazendo uma arma chinesa de prestígio neste lugar? -, perguntou Costas. - Um guerreiro chinês imperial passou por aqui e jogou-a numa sepultura romana? Não compreendo isso. - Ele olhou de relance para Katya, que devolveu o olhar com olhos brilhantes. - Ah - disse Costas. - Esse seu olhar é tão misterioso quanto aquele do Jack. Significa que você achou alguma outra coisa.

Katya levantou uma pequena bandeja de plástico com artefatos que estava ao lado do engradado. - A alabarda estava no centro da sepultura, como se tivesse sido colocada no torso do corpo. Estes dois objetos

estavam onde a cabeça poderia ter estado. - Havia duas moedas na bandeja, uma de prata e uma verde, corroída, um disco com um buraco quadrado no centro. Jack pegou a moeda de prata, segurando-a no alto sob a luz solar que se desvanecia. - É um tetradracma prateado de Alexandre o Grande!

- E não destinada a circular - disse Katya. - É como aquelas moedas romanas do sul da Índia sobre as quais você estava me falando, ouro em barra não destinado a circular.

Jack passou a moeda para Costas. Viram a efígie no anverso, a cabeça familiar de Alexandre usando a juba de leão, a forma clássica dava uma súbita realidade à ideia de viajantes do antigo mundo greco-romano que iam para o leste distante, para as regiões fronteiriças com a China. Costas virou a moeda, examinando novamente a efígie, e um olhar confuso voltou ao seu rosto. - Se minha história está certa, Alexandre, o Grande viveu no final do século 4 a.C. Quer dizer, cem anos antes do primeiro imperador e trezentos anos antes de nossos romanos. Deve ter havido antigas moedas gregas que também vieram parar aqui, usadas como ourão em barra, como joia. Mas elas deviam estar gastas. - Ele olhou de maneira dúbia para a inscrição latina no seixo, depois de novo para a moeda. - Isso significa que o homem enterrado aqui, para o qual estamos olhando, não seria um romano, afinal de contas, mas sim um soldado de Alexandre o Grande?

- Você leu o *Périplo do mar da Eritreia*? -, perguntou Katya.

- O guia dos comerciantes? Século 1 a.C., o grego-egípcio. Estou me tornando um perito.

- Bem, ele diz que moedas antigas dos gregos seriam encontradas em Barygaza, da mesma maneira que você sugere -, disse Katya. - Depois há as novas linhas do Périplo que apareceram na escavação de Hiebertmeyer no Egito, descrevendo os legionários de Crasso. Jack me informou pelo telefone. Eles mencionam especificamente um altar de Alexandre, considerado oriental. Isso teria sido no Uzbequistão, perto da caverna com aquela inscrição da Décima Quinta Legião. Os soldados romanos teriam ouvido lendas sobre o tesouro perdido de Alexandre. Tendo chegado àquele altar varrido pelo vento do deserto, às montanhas da Ásia Central que apareceram indistintamente à frente, eles provavelmente tinham se livrado de quaisquer perseguidores de Merv e puderam relaxar um pouco. Então, o

que eles fazem? Cavam ao redor, procurando. Se Alexandre tinha se preocupado em construir um altar, ele devia incluir oferendas, e o que seria melhor que moedas novas com imagens perfeitas de si mesmo? Acho que os romanos podem ter achado esta moeda por lá, e a levaram com eles.

Jack pegou a moeda de Costas, virando-a. - Então eles colocam isto sobre o olho do morto, como uma oferenda a Caronte, o barqueiro do rio Estige.

- E a outra moeda? -, perguntou Costas. - No outro olho? Isso me parece chinês. Fale-me dessa outra, Katya.

Ela apanhou a segunda moeda, com o buraco quadrado no centro. - Há três símbolos chineses nela, um à direita do buraco quadrado e dois à esquerda. Esta é uma moeda da dinastia de Han, um *wushu* que significa cinco grãos, com um peso equivalente a quatro gramas, igual a um dracma grego ou um denário romano. Foram produzidos milhões destas, e elas são achados comuns na Ásia Central chinesa.

- Você pode estabelecer a data? - perguntou Costas.

- Os símbolos à esquerda são os do imperador reinante, tão peculiar ao chinês quanto era a mudança da efígie para um romano. E da mesma maneira que em Roma, um imperador novo tentaria substituir as moedas existentes por suas próprias moedas novas. Moedas simbólicas como estas, sem valor de lingotes de prata ou de ouro, teriam sido inúteis com o nome de um imperador anterior, e poderia até mesmo ser perigoso ser visto com uma. Assim, esta moeda provavelmente não deve ter estado em circulação além do reinado daquele imperador. E ele era o imperador Cheng de Han, que reinou aproximadamente de 32 a 5 a.C.

Jack expirou lentamente. - Perfeito - ele disse suavemente. - Isso se ajusta com meu próprio palpite sobre a data da fuga dos legionários de Crasso, 19 ou 18 a.C. Isso corresponde a cerca de uma década dentro do reinado de Augusto, mais ou menos a época em que ele negociou a paz com os partas e viu a devolução das águias das legiões perdidas.

- Então como os nossos romanos que escaparam conseguiram uma moeda chinesa? - Costas perguntou.

Jack franziu os lábios. - Eles deviam ser homens desesperados, assassinos treinados com nada a perder. Qualquer comportamento moral

teria desaparecido com a perda das águias em Carrhae, e eles devem ter ficado brutalizados por causa de anos de tortura e sofrimento sob os partas. Eles podem ter roubado ouro dos partas quando escaparam, mas ainda precisavam comer. Os comerciantes da Rota da Seda empacotavam tudo de que precisavam para a viagem. Os romanos devem ter atacado qualquer caravana que encontraram, provavelmente matando todo mundo, levando cativo um estranho, talvez como guia, devorando a comida e a bebida deles, pilhando qualquer coisa de valor que pudessem levar. Esta moeda pode ter estado no alforje de algum desafortunado comerciante de Sogdian. Mas esta moeda não tinha muito valor, era algo que eles poderiam deixar aqui para satisfazer Caronte e aliviar a viagem de seu companheiro após a morte.

- E a alabarda? -, perguntou Costas. - Isso teria sido um sacrifício muito maior.

- Um guerreiro sempre é enterrado com sua arma - murmurou Jack. - Com sua águia desaparecida, os legionários só tinham um ao outro, e eles provavelmente acalentavam o sonho de marchar uma vez mais ao lado dos companheiros mortos, de cabeça erguida nos campos do Elísio. Mesmo que isso significasse reduzir suas próprias defesas, eles nunca teriam enterrado um camarada sem uma arma para a vida após a morte. Até mesmo uma arma tão conflitante com o equipamento normal de um legionário.

- Então você acha que eles pilharam essa arma também de um comerciante? - Costas perguntou.

- Os romanos teriam se armado com tudo o que encontrassem - Jack respondeu. - Espadas e lanças teriam sido suas armas favoritas como legionários, mas na falta delas qualquer coisa servia.

Costas tocou a lâmina curva com o dedo. - Parece improvável que um comerciante usasse esta baioneta.

- Havia outras pessoas na Rota da Seda além de comerciantes - disse Katya baixinho. - Mercenários, empregados como guardas de caravana. Bandos de assaltantes, atacando as caravanas como ladrões de estrada. Essa região era como o Oeste Selvagem. As estepes e o alto das montanhas eram o lugar mais duro para um estranho viver, e só as gangues mais assassinas sobreviviam lá. Não havia nenhuma clemência. E havia outros mais.

- Guerreiros do leste. - Jack olhou cuidadosamente para Katya. - Guerreiros que ostentavam a tatuagem de um tigre.

Katya lhe lançou um olhar de relance, e olhou para baixo novamente, para a alabarda. - Havia gangues de assassinos aqui fora, mas havia também grupos de ataque da China, do próprio império guerreiro. Eram os mais temidos de todos, soberbamente armados e equipados, a cavalo, sempre acompanhados por um toque de tambor, que ia aumentando num crescendo quando atacavam sua presa. Eles deviam ter uma aparência de invencíveis. Para os nômades que vivem aqui, para o povo de minha mãe, o som de uma batida de tambor distante ainda transmite um calafrio à alma. Até eu posso sentir isso, quando deixo minha imaginação correr solta.

- Então os chineses atacavam seus próprios comerciantes? - perguntou Costas de maneira incrédula.

- Para compreender por que, você tem que entender a natureza da sociedade chinesa. O império era um estado totalitário e voltado para o interior, um universo em si mesmo. Extravagâncias no controle sempre precisam de uma fronteira, entre o mundo que eles podem dominar e o mundo exterior, que é temido, rejeitado. Não há meio termo nebuloso. Quando você olhar para a Grande Muralha da China, lembre-se dessa psicologia. Em casos extremos, a fronteira age como uma parede de prisão, e o controlador envia tentáculos para recuperar qualquer um que vá além do limite. Em alguns períodos, foi o que aconteceu com a China.

- Assim, como os comerciantes chineses podiam operar na Rota da Seda? - perguntou Costas.

- Eles não operavam. Oficialmente, pelo menos. Mas as pessoas da Ásia Central e da China ocidental se parecem, e um chinês intrépido podia atravessar a rota sem ser percebido. Poderiam ir disfarçados entre grupos de sogdianos. Havia fartos lucros no comércio da seda, e as tentações para um comerciante chinês deviam ser grandes.

- Então você está dizendo que eles foram perseguidos?

Katya assentiu com a cabeça. - Mas havia outro aspecto para explicar aquela moeda. A elite chinesa desfrutava de seus luxos. Como todos os megalomaniacos, os imperadores eram vítimas da tentação humana.

Matérias-primas apreciadas só podiam ser adquiridas no estrangeiro, como a pedra preciosa lápis-lazúli e a olivina. Os imperadores se faziam de cegos para o comércio, contanto que os comerciantes fossem invisíveis. Mas se qualquer pessoa ficasse *conhecida* por ter se desviado, ela era implacavelmente procurada. Os *Registros do grande historiador*, os anais imperiais chineses, estão cheios de histórias de filhos mais jovens extraviados, sobrinhos buscando fortunas por todo lugar, fazendo pactos com estrangeiros. Nesse sentido, as dinastias reais chinesas, embora fossem como qualquer outra, eram inigualáveis na busca inexorável de qualquer um que tentasse ir embora, trazendo-o de volta e punindo-o. - Katya fez um gesto para a arma na caixa. - Aquela alabarda é uma arma chinesa imperial, um artigo valorizado como a espada de um oficial. Você nunca teria achado uma arma assim nas mãos de um mero guarda de caravana. Aquela arma foi trazida para cá por um guerreiro chinês.

- Então, como um romano se apoderou disso? - perguntou Costas.

Katya olhou para ele. - Especulação em cima de especulação, certo?

Nós temos um grupo de romanos, homens desesperados, prisioneiros fugitivos, ex-legionários resistentes que estão indo para o leste. Seu número está encolhendo. Eles foram atacados novamente, talvez naquela passagem atrás de nós. Seus atacantes não são somente outro bando de ladrões, mas guerreiros espantosos, oponentes notáveis. Os romanos lutaram bem e capturaram algumas armas. Mas eles estão muito apressados. Um dos seus companheiros caiu, e eles imediatamente o enterraram. Eles partem novamente para o leste.

- Se seus atacantes eram chineses, por que eles estão vindo atrás dos romanos?

- Recue no tempo um ou dois dias - disse Katya. - Imagine um grupo de comerciantes de Sogdian, carregados com seda. Eles se deparam com o lago, enquanto se dirigem para oeste. Deixam os barcos aqui e transferem sua carga para os camelos que os esperam. Encaminham-se para a passagem. Em seguida são atacados por um bando de desesperados da pior espécie, que eles nunca haviam visto, os romanos. Os comerciantes são todos massacrados, com exceção de um, mantido vivo para guiar os romanos através da passagem. Só que o comerciante com quem eles ficaram não é

sogdiano. É chinês. E está sendo seguido. É um dos que tinham se desviado do rumo certo.

- Com algo que não devia estar com ele - murmurou Jack. - Com aquilo que nós descobrimos na inscrição do santuário. Uma jóia.

Katya lançou um olhar penetrante, que Jack sustentou por um momento. Costas apontou para o engradado. - Alguma coisa mais para nos mostrar?

Ela ergueu outra bandeja. - Nós achamos algo totalmente fantástico. Eu estava deixando isto para o fim. - Ela retirou o pano. Embaixo dele havia uma massa enegrecida, como uma casca murcha de fruta que tivesse sido descascada em tiras e posta para secar. - É couro de camelo, um camelo local de Bácia - disse ela muito excitada. - É uma pele não curtida, tirada de um animal morto. Altamaty diz que quando os nômades fazem isso eles saturam o couro com urina para mantê-lo flexível. Você ainda pode sentir o cheiro de ácido úrico. Foi provavelmente por isso que resistiu, debaixo das pedras, onde os pés do corpo deviam estar. - Ela apanhou uma prancheta e lhes mostrou um desenho que parecia ter sido cortado de um papel dobrado, cheio de triângulos e losangos. - Retirei isto de um relatório de escavação de uma fortaleza de legionários na fronteira alemã - disse ela. - Um soldado romano que foi treinado para fazer algo de certa maneira, sempre reproduzirá a mesma coisa, especialmente um desenho tão experimentado e testado.

Costas olhou fixamente. - Certo, Katya. Eu me rendo.

- O camelo indispensável - disse Jack, sorrindo amplamente. - Para um legionário romano que precisa de equipamento, o primeiro pensamento ao ver um camelo não é que ele serve para montar ou carregar apetrechos, mas pensa no couro para fazer botas.

- Botas - exclamou Costas. - É claro. Os pedaços que sobressaem são onde ele as amarra com cordão.

- Estes são *caligae* - disse Jack. - Todos os legionários os usam, aonde quer que vão. O padrão foi estabelecido mais ou menos na época de Júlio César, quando esses sujeitos faziam seu treinamento básico. - Ele se inclinou e cheirou. Katya tinha razão. *Ele podia sentir o cheiro deles.* Era um sentimento extraordinário, uma arremetida impetuosa do passado, e durante uma fração de segundo ele pôde sentir tudo, o suor, a adrenalina, o medo, o

odor doentio-doce de decadência naquele pequeno pedaço de couro, o cheiro desagradável de homens com a intensidade animal aumentada que surge com a proximidade da morte.

Ele olhou para fora. Percebeu que Altamaty tinha desaparecido.

Outro cheiro chegou até ele, flutuando acima deles, vindo daywri. Jack endureceu. Poderia estar na hora de quebrar seu tabu no campo e beber algo forte. Muito forte. Ele poderia brindar às pessoas de origem quir-guiz. Katya estava olhando para ele com um vestígio de sorriso nos lábios. - Você está pronto para conceder a Altamaty uma grande honra e festejar com carne de carneiro, preparada do modo tradicional, como uma grande demonstração de estima por nossos convidados? - Jack engoliu em seco e assentiu com a cabeça. Ela sabia. Deixou de sorrir e olhou seriamente para ele. - E depois subiremos àquela colina atrás de nós. Há outra coisa que preciso lhe mostrar. Você tinha razão a respeito daquele sogdiano, Jack. Ele levava consigo algo que nunca deveria estar com ele. Algo de valor incalculável. Podemos estar simplesmente na mais extraordinária caça ao tesouro que você poderia imaginar.



## Capítulo 15

Duas horas depois, Jack e Costas acompanharam Katya na subida de uma ladeira rochosa na extremidade ocidental do lago, acima do caminho que, atravessando uma paisagem cortada por ravinas e sulcos, ia em direção à planície central do Quirguistão. Estava anoitecendo, e o sol estava quase se pondo, mas ia ser uma noite de lua cheia, e o lago estava banhado por um brilho sinistro. Katya achou uma saliência rochosa e se sentou nela, e Jack e Costas se sentaram um de cada lado, olhando para a superfície brilhante do lago. A algumas centenas de metros do norte ouviu-se o rugido de um motor a diesel, e uma lufada de fumaça se elevou do trator quando Altamaty o ligou para levá-lo de volta à *yurt*. Sua figura subia e descia sobre a trilha desigual que saía do sítio onde eles tinham escavado o túmulo romano. Enormes rochas estavam enterradas no declive até onde a vista alcançava, como um vasto e tosco exército lutando para se livrar da terra.

A mente de Jack voltou para aquele pequeno grupo que, agora eles sabiam, havia passado por esse lugar mais de dois mil anos atrás, homens que nutriam uma fidelidade tão feroz por seu símbolo maior, a águia da legião, que haviam parado para esculpi-la na lápide de um companheiro nesse lugar onde ninguém, a não ser eles a reconheceriam. Ele se lembrou de algo que Pradesh lhe contara sobre a Cachemira, onde sua unidade havia lutado contra as tropas paquistanesas pela posse de um platô deserto na montanha. Era a velha sabedoria do soldado, segundo a qual, quando se luta, não se faz isso por uma causa maior, mas por seus companheiros, por sua unidade. Jack estreitou os olhos e se perguntou se aqueles legionários teriam visto o que ele estava vendo naquele lugar, se haviam erguido o olhar e sentido a proximidade dos céus, o leve sibilar do vento. Durante um momento ele não viu apenas um bando de sobreviventes maltrapilhos, mas uma legião completamente formada e em marcha, guerreiros da sombra que haviam estado com eles desde o campo de batalha em Carrhae, mas que ali estavam mais próximos do que nunca, em um lugar onde podia parecer que a vida estava só a um pequeno passo dos campos do Elísio.

Costa estendeu uma xícara que trouxera da *yurt* para Jack, que sacudiu a cabeça firmemente. - Não, obrigado. - Ele podia sentir o cheiro do leite fermentado. Havia evitado uma desgraça no jantar, aceitando para comer só os bocados mais escolhidos, umas bolotas insípidas, parecidas com borracha, da cabeça da ovelha, que eram reservadas para o convidado mais honrado. Então Rebecca salvou o dia ao chamá-lo pelo telefone de satélite exatamente quando Altamaty estava servindo o guisado de carne de carneiro e Jack saía, levando seu prato para fora junto com o fone, aparentemente ansioso para não perder um momento antes que se empanzinasse. Devolveu o prato com uma pilha convincente de cartilagens do lado, e até havia devolvido esses restos ao caldeirão para que amolecassem um pouco mais, seguindo escrupulosamente o costume, que Katya lhe explicara. Costas olhou inocentemente para ele do outro lado da mesa baixa, pegando o prato de Jack e a concha, mas os olhos de Jack o fuzilaram. Fora uma saída muito rápida, mas era só um arranjo temporário. Como ele tinha claramente passado no teste, inúmeros banquetes deviam vir por aí. Ele tinha a imagem dos olhos dos quirguizes colados nele enquanto guisados de carne de carneiro nadando em banha eram colocados em seu prato. Consultou o relógio. O helicóptero devia chegar para pegá-los em menos de uma hora. Ele se virou para Katya. - Você tem algo mais para nos dizer, não é?

Katya olhou para a capa do livro que trazia consigo e pigarreou. - Certo. O período da história em que esses legionários marchavam por este lugar era a época do maior império que o Ocidente já conheceu. Quando os legionários deixaram a Itália para ir para o leste, Roma ainda era uma República, logo antes das guerras civis. Mas na época em que eles escaparam dos partas, mais de três décadas depois, Roma era governada por seu primeiro e maior imperador, Augusto. Esses legionários não eram emissários de Roma. Eles podem nem mesmo ter ficado sabendo que Roma era governada por um imperador. Mas involuntariamente, eram uma ponte entre Roma e o maior império do leste, um que começara na China dois séculos antes. Isso foi no tempo de rei Zheng da dinastia Qin, o líder militar que unificou a China e governou de 221 a 210 a.C. Ele foi aquele que a história conheceu como Shihuangdi, o primeiro imperador.

- O sujeito dos Guerreiros de Terracota - disse Costas.

Katya aquiesceu com a cabeça. - Os guerreiros foram enterrados com ele, cercando a maior tumba não escavada da história. Para os legionários, a imagem fantasiada daquela tumba pode ter sido até a luz no fim do seu túnel, uma lenda sobre grandes riquezas que não tinham sido saqueadas e que pode tê-los persuadido a ir para o leste quando escaparam dos partas. Logo falarei sobre isso. Jack, o que você sabe acerca do *Res Gestae*?

- Significa "coisas que fiz", - disse Jack. - Era o registro das realizações de Augusto, inscritas em placas de bronze e colocadas por todo o Império. Listas de conquistas, projetos de edifícios, obras beneficentes, leis, esse tipo de coisa. O registro de um homem que viu a si mesmo *primus inter pares*, um cidadão que tinha assumido o cargo temporário para restabelecer a República. Acima de tudo, era uma celebração de paz, a *Pax Romana*, a inspiração para a *Pax Britannica*, que levou homens como meu trisavô a acreditar que seus propósitos eram nobres, que um império benigno era verdadeiramente possível.

- E agora para Shihuangdi, o primeiro imperador - disse Katya. - Ele também deixou um registro de realizações, inscritas em bronze e pedra e colocadas no alto das montanhas, em lugares que ele visitava para realizar sacrifícios aos poderes cósmicos. Mas é assustadoramente diferente. Em vez de listar os inimigos derrotados, o primeiro imperador celebra a ordem interna. Ele se orgulha de estabelecer um estado policial totalitário. O império de Augusto, como o Império Britânico, era cosmopolita, com uma tolerância para a diversidade cultural que era peça chave do sistema imperial. Na China era diferente. O império do primeiro imperador foi um império das pessoas chinesas, e ponto final. O mundo externo era pouco conhecido. Augusto era um homem do povo, um perfeito romano. O primeiro imperador era um estranho, um chefe militar que varrera a área central da China da mesma maneira que Genghis Khan faria séculos depois. Mas enquanto Genghis Khan gastava sua energia em conquistas infundáveis mundo afora, o primeiro imperador parou nos limites geográficos da China, enquanto ele ainda estava explodindo com fúria guerreira. Ele deu vazão a essa fúria com uma mania de controle. Realmente, ele não regeu um império. Ele mesmo disse isso. Ele unificou a China. *Criou* a China. Antes dele, a China era uma terra caótica de estados em guerra. Ele agrupou tudo aquilo, voltou o relógio para o zero.

— Plus ça change<sup>{18}</sup>, murmurou Jack.

Katya abriu o livro. - Virtualmente tudo o que conhecemos vem dos *Registros do grande historiador*, de Sima Qian, escrito cerca de um século depois da morte do primeiro imperador. Ele registra advertências, editos, leis incansavelmente emitidos pelo Grande. Ele ajusta regras, fixa padrões para tudo, "as dez mil coisas". Regula as estações e os meses, retifica os dias, torna uniformes os sons e as medidas. Tudo o que existe está sob o domínio de sua mente, sua vontade. Escute isto: "Sua grande regra purifica os costumes do povo, o império inteiro reconhece sua influência; ele cobre o mundo com esplêndidos regulamentos. A posteridade obedecerá às suas leis, seu controle constante não conhece fim. A virtude luminosa do Grande Imperador alinha e ordena o universo inteiro. Ele até apagou o conceito de dúvida.

Costas assobiou. - Parece mania de controle de toda mãe.

Katya acenou com a cabeça. - O credo de Augusto era sentir-se bem, o credo de uma idade dourada. O credo do primeiro imperador era o da ordem, da certeza. E com isso veio a negação de qualquer coisa que não pudesse ser controlada, a negação do mundo exterior. Escute isto: "No vigésimo sexto ano de seu governo ele primeiro unificou o mundo; não havia ninguém que não tivesse vindo a ele em submissão". E novamente: "Aonde quer que rastros humanos possam chegar, não há ninguém que não seja seu súdito". Essas são mentiras patentes, como qualquer um que tenha estado além das fronteiras saberia. Mas ele tentou resolver isso impedindo que qualquer pessoa partisse.

- E quanto aos deuses? - Costas perguntou. - Ou esse sujeito também era divino?

Katya pôs o livro de lado e pegou na bolsa um saquinho com um objeto dentro. Era a moeda chinesa que eles tinham achado no túmulo, a de buraco quadrado no centro. - Esta moeda representa dois dos símbolos chineses mais poderosos de poder cosmológico, no qual a Terra é quadrada e os céus são circulares. A moeda mostra os céus como um conceito delimitado, como algo finito. - Ela colocou o saquinho de volta na bolsa. - Para o habitante da estepe, rodeado por vastos espaços abertos e pelo céu, ou ele fica intimidado ou vê isso como a definição de seu mundo. O chinês antigo tentou racionalizar os céus, trazê-los para dentro de seu alcance. Dê uma olhada na

*yurt* de Altamaty. A forma de cúpula é uma representação dos céus, como um planetário. Sentado lá dentro, rodeado pela imensidão da estepe, você pode sentir que atraiu os céus para você e que os controla. É assim que deve ser compreendido o primeiro imperador. Suas cidades e seus palácios eram análogos aos céus, e era assim o mundo subterrâneo que ele criou para sua existência eterna.

- Fale sobre isso -, disse Costas.

- Essa era outra diferença enorme em relação aos romanos. Augusto pode ter sido divinizado depois, mas ele viveu a vida como um mortal. O primeiro imperador não teve necessidade alguma de vida após a morte. Ele tinha criado seu próprio céu sobre a terra. Quando ele foi para as montanhas e fez sacrifício aos poderes cósmicos, ele realmente estava sacrificando a si mesmo. Não pôde aguentar reconhecer a própria mortalidade.

- Você está falando sobre o conceito de *wu di*, não-morte - disse Jack. Katya acenou com a cabeça. - Para muitos chineses antigos, não havia nenhum mundo espiritual além do presente. O morto formava uma comunidade na Terra, um mundo análogo ao mundo dos vivos. Eles podiam até mesmo se misturar, em lugares onde a Terra e o cosmo estavam próximos, onde ilusão e realidade eram intercambiáveis. Lugares como este, altos, nas montanhas. E para um imperador, *wu di* era um conceito de controle. Cada um conservava seu papel - soldados, cortesãs, o próprio imperador. Para ele, isso significava poder eterno.

- O primeiro imperador não tentou prolongar sua vida efetiva? - perguntou Costas.

Katya assentiu com a cabeça de maneira esquisita. - Ele enviou expedições para um lugar chamado Penglai, as ilhas dos Imortais, o lugar mítico de habitação do Santificado. Comia em recipientes e utensílios de ouro e jade, tidos como bons para dissipar a decadência física. Empregava feitiços e encantamentos para lutar contra os demônios que ele achava que causavam o envelhecimento. E de acordo com Sima Qian, ele bebeu mercúrio, outra suposta panacéia. Foi isso, provavelmente, que o matou.

- E isso nos leva à tumba dele - disse Jack.

Katya folheou o livro até encontrar uma página marcada. - A passagem mais famosa dos *Registros do grande historiador*. - Ela leu:

No nono mês o primeiro imperador foi enterrado no monte Li. Quando o imperador subiu ao trono, ele começou a escavar a terra e a formar o monte Li. Depois, quando unificou o império, ele tinha levado ao local mais de 700 mil homens, originários de toda parte do império. Eles escavaram até a terceira camada das fontes subterrâneas e verteram bronze para fazer o caixão. Réplicas de palácios, torres cênicas e centenas de oficiais, bem como utensílios raros e objetos maravilhosos, foram levados para preencher a tumba. Ordenou-se aos artesãos que montassem bestas e flechas, aparelhando-as de modo tal que pudessem atirar imediatamente em qualquer um que tentasse arrombar. Usou-se mercúrio para imitar os cem rios. O rio Amarelo e o Yangtsé, e os mares, foram construídos de tal modo que eles pareciam fluir. Acima havia representações de todos os corpos celestes, abaixo, as feições da terra.

- Incrível - murmurou Costas. - E todo aquele material ainda está lá?

Katya passou uma fotografia para ele. Ela mostrava um vasto morro coberto de árvores. - Não há nenhuma razão para duvidar da descrição de Sima Qian, embora a tumba estivesse cheia e lacrada antes que ele nascesse ela disse. - A descoberta dos Guerreiros de Terracota lá fora sugere que seu relato da câmara funerária pode não ser exagerada. Cientistas chineses usando equipamento de sensoriamento remoto descobriram altas concentrações de mercúrio sob o morro.

- Então você está dizendo que ele não estava se preparando para a vida após a morte, mas para um tipo de existência paralela.

- O primeiro imperador já tinha pavimentado o caminho na vida real. planejando seus palácios e templos na capital Xian como imitações dos céus, com o rio Wei como a Via Láctea. Ele alinhou uma ordem política e cosmológica, exatamente como havia proclamado em seus editos. Também estava mapeando seus palácios nas estrelas, impondo as moradas de um ser supremo no cosmos.

- E como ser supremo entenda-se primeiro imperador - disse Costas.

- Certo. E agora, a razão pela qual estamos aqui. - Katya apanhou o livro, e leu a passagem seguinte:

Depois que o túmulo estava completo, alguém evidenciou que os artesãos e os profissionais que tinham construído a tumba sabiam quem estava enterrado ali, e se eles revelassem uma palavra sobre os tesouros seria um assunto sério. Portanto, depois que os artigos tinham sido colocados na tumba, o portão interno foi fechado e o externo, abaixado, de forma que todos os artesãos e profissionais foram encerrados na tumba, impedidos de sair. Árvores e arbustos foram plantados para dar a aparência de uma montanha.

Ela fechou o livro e falou baixinho. - O que eu lhes disse até agora está tudo documentado. O que estou para lhes dizer nenhum outro ocidental já ouviu, e ninguém na China além de um pequeno grupo de pessoas que inclui minha própria família.

- Aqui vamos nós - murmurou Costas, olhando para Katya.

- Há uma lenda antiga -, ela disse, depois fez uma pausa, e Jack podia ver como era difícil para ela a decisão de revelar algo mantido em segredo por gerações de seus antepassados. Katya o olhou nos olhos, e ele acenou com a cabeça. Ela respirou fundo e continuou. - Uma lenda sobre um par de pedras preciosas colocadas juntas na tumba do primeiro imperador junto ao ápice dos céus. Um par de pedras que brilhavam com luz deslumbrante, uma luz que, o imperador acreditava, asseguraria seu poder imortal. E um mito sobre o guardião da tumba, que teria retirado secretamente essas pedras antes que a câmara funerária fosse lacrada. De acordo com aqueles que juraram proteger a tumba, assegurar o reinado eterno do imperador, perseguiram o guardião e seus descendentes implacavelmente através das eras, mas nunca encontraram as jóias roubadas.

- Meu Deus - murmurou Jack. - A inscrição na tumba da selva.

- Avançamos dois mil anos - disse Katya. - Estamos, em uma noite nebulosa, na Londres vitoriana, no Instituto Real de Serviços Unidos. Era o lugar habitual de encontros, na quinta-feira à noite, xerez e sanduíches seguidos de uma conferência. - Ela pegou um saco de plástico transparente que continha uma folha grande de papel marrom desbotado e passou-a para Jack. Ele olhou para ela por um momento, atordoado. - Raios me partam - ele murmurou. Ele leu em voz alta:

Conferência ilustrada no Instituto Real de Serviços Unidos, das 18h30 às 19h30, na quinta-feira, 26 de novembro de 1888. "Antiguidades romanas do sul da Índia". Mostra acompanhada por um projetor de imagens chamado lanterna mágica e por artefatos. Pelos Capitães J. L. e Howard, R. E., da Escola de Engenharia do Exército, antigamente Grupo de Sapadores e Mineiros da Rainha em Madras.

Jack olhou com ar incrédulo para Katya. - Como você conseguiu isso? Eu sabia sobre a conferência de Howard, mas nunca havia visto um pôster original.

- Ele está coberto de notas rabiscadas, em caracteres chineses - disse Costas, examinando de perto. - A lápis, tão apagado que quase não se consegue ler. Como se alguém estivesse tomando notas.

- Era um diplomata chinês chamado Wu Che Sianghu, um cazaque mongol - disse Katya. - Ele tinha sido indicado no ano anterior para a embaixada chinesa em Londres e frequentemente comparecia a conferências públicas. Tinha um interesse especial pela Índia porque o governo chinês o havia enviado para investigar o comércio de ópio que continuava florescendo, apesar do opróbrio moral vitoriano. Ele estava particularmente preocupado com a expansão do uso de ópio entre as tribos da colina na parte superior do rio Godavari que se seguiu ao final da rebelião Rampa e com a partida das tropas no início de 1881. Sei disso porque os documentos de Wu Che entraram na posse de meu tio.

- Seu tio? - perguntou Costas. - O tio cujo coipo nós achamos na selva?

Katya assentiu com a cabeça. - Mas o pôster provavelmente nunca teria sido guardado, não fosse por uma coisa que Howard disse naquela conferência, a única coisa que explica como meu tio foi parar na selva e morrer lá. Está escrito naquelas anotações a lápis.

- Continue - disse Jack.

Ela tirou o papel do plástico. - Está no final. Aqui diz "esculturas em estilo romano militar, encontradas na selva". E depois "templo da Caverna?". A primeira nota foi tomada daquilo que Howard disse, e a segunda são conjecturas feitas por Wu Che. Quase todas as esculturas



antigas que foram achadas mais tarde no sul da Índia eram de templos ou santuários em cavernas, então essa era uma conjectura razoável.

- Incrível - murmurou Jack. - Não há nenhum desenho que tenha sobrevivido da conferência, e ela nunca foi publicada. Tenho uma troca de cartas com o editor do diário da instituição pedindo a Howard uma cópia datilografada. O pôster tinha sido feito em coautoria com Robert Wauchope, que havia sido enviado de volta para a Agência Central de Mapeamento e Levantamento Topográfico da Índia. Howard reivindicou que os dois precisariam colaborar para produzir uma versão bem acabada, mas isso nunca aconteceu. Houve uma troca de editor alguns anos mais tarde, e o assunto foi deixado de lado. Sempre me pareceu estranho Howard não ter publicado. A coleção de moedas romanas da Índia era sua paixão. Mas o que você disse poderia esclarecer isso. Alguma coisa o estava impedindo.

- Algo que ele disse na conferência e que não deveria ter dito? - Costas sugeriu.

- Eis o que sei - disse Katya. - No final desta folha, Wu Che escreve: "Falei reservadamente depois da conferência com o capitão Howard, não obtive mais nenhuma informação". Entretanto, penso que ele tentou contatar Howard novamente.

De repente, a mente de Jack estava disparando. - Sabia que isso me dizia alguma coisa. Ele realmente *tentou* novamente. Está em outra carta nos documentos de Howard, na arca no *Seaquest II*. Ela data de um par de anos mais tarde, de 1891. Alguém da embaixada chinesa em Londres escreveu a Howard sobre a rebelião Rampa. É por isso que me lembro dela. Tenho certeza de que era o mesmo nome chinês, Wu Che Sianghu. O teor da carta era sobre ópio. Ele soube que Howard tinha sido um dos oficiais britânicos que prestaram serviços durante longo período em Rampa. Ele queria saber se Howard conhecia algum contexto ritual no qual o ópio podia ser usado pelos habitantes da selva em cerimônias, cavernas, templos.

- Ele estava procurando mais detalhes sobre aquele santuário - sugeriu Costas.

- Wu Che deve ter feito alguma pesquisa depois da conferência, de alguma forma fora do habitual, porque trabalhou no local onde Howard ficou durante o tempo que passou na Índia com os Sapadores de Madras. Detalhes

sobre a organização e preparação de oficiais para combate eram publicados na *Lista do Exército* anual. Então, ele teria visto a organização e preparação de oficiais para combate que Howard fizera em Rampa em 1879 e 1880. Rampa estava perto da área de influência romana no sul da Índia, que no entanto quase não era explorada por europeus, com centenas de milhas quadradas de selva nem nenhuma inspeção. Era exatamente o tipo de lugar onde os soldados em patrulha poderiam ter se deparado com um santuário antigo. Os oficiais da Engenharia Real e os oficiais não comissionados dos Sapadores de Madras eram as únicas pessoas do exército britânico em contato com o Campo Força de Rampa, e é possível que Howard fosse o único veterano da Inglaterra na hora da conferência. Wu Che podia ter contado com aquilo também. Ele podia ter achado que Howard estivesse ansioso para responder a qualquer questão sobre a campanha. Mas a carta enviada por Wu Che tem anotações no alto com a letra de Howard. *Não respondida*. Era obviamente uma decisão firme de Howard, mas talvez fosse um engano. O fato de não ter respondido nada pode ter alertado Wu Che.

- Pensei que Howard tivesse ficado calado a respeito da rebelião por timidez - disse Costas. - Algo que você acha que aconteceu para ele naquele local. Algum trauma.

- Mas Wu Che não poderia saber sobre isso - disse Jack. - Ele teria assumido que a falta de resposta se devia ao fato de Howard não se dispor a falar sobre algo que encontrara.

- Howard pode ter lamentado seu deslize durante a conferência, ao mencionar a escultura, e estava determinado a não cometer o erro novamente - disse Katya. - Quando a carta chegou, ele teria se lembrado de Wu Che, com quem falara depois da conferência, e isso pode ter feito soar seu próprio alarme também. Ele poderia ter se lembrado do pacto que Jack pensa que ele e Wauchope fizeram depois de deixar o santuário. Talvez tenha sido por isso que ele decidiu não prosseguir com a publicação do documento.

Costas parecia confuso. - O que excita e leva um diplomata chinês em 1888 a se interessar por relatórios sobre escultura romana num santuário na selva, no sul da Índia? O que isso tem a ver com o ópio?

Katya fez uma pausa. - Foi por isso que eu quis lhes falar sobre o primeiro imperador. Há uma conexão. É bem surpreendente. E vocês são os

primeiros estranhos a ouvir isto. - Ela respirou profundamente. - Quando o primeiro imperador estava planejando sua vida após a morte, ele confiou a santidade da sua tumba a sua guarda mais confiável, a homens de seu clã que haviam cavalgado com ele para a China, partindo da pátria de Qin nas estepes do Norte. Eles eram mongóis, cavaleiros nômades ferozes, escolhidos entre aqueles que iriam um dia produzir Genghis Khan e o exército mais aterrador que o mundo já conheceria. Os homens da guarda do imperador usavam peles de tigre por cima de sua armadura e brandiam grandes espadas. Eles chamavam a si mesmos de guerreiros tigre.

Jack olhou para Katya. - Continue.

- Havia doze deles, os que formavam sua guarda mais próxima - Katya continuou. - Seis era o número sagrado do primeiro imperador, e qualquer múltiplo desse número tinha um poder especial. Até mesmo durante a vida do imperador os guerreiros eram secretos, e eles só se revelavam aos inimigos do imperador, àqueles que eram enviados para abater, que nunca viveriam para contar o que viram. Com o tempo, um deles se tornou o assassino, o guarda mais próximo do imperador, e somente ele era conhecido como guerreiro tigre. Em seu leito de morte, o imperador confiou aos doze o anel externo de defesa de sua tumba. O *sanctum* interno foi confiado a uma família hereditária de guardiões que viveram dentro dos limites da tumba. Os guerreiros tigre juraram infiltrar-se na sociedade de Xian nas gerações vindouras, como cortesãos, funcionários, oficiais do exército, um poder invisível sempre pronto para agarrar sua presa. Foi-lhes prometida a imortalidade através de reencarnações infinitas, a eterna vanguarda terrestre do exército de guerreiros de terracota que foram enterrados ao redor da tumba do imperador. Durante mais de dois mil anos os guerreiros tigres mantiveram a tumba inviolada, protegida dos ladrões de túmulos, de imperadores posteriores, de arqueólogos. Inviolada, com uma exceção.

- Algo foi levado - murmurou Jack.

Katya assentiu com a cabeça. - De todos os tesouros maravilhosos da tumba, somente o guardião e os doze sabiam o que havia no ápice dos céus, diretamente em cima da própria tumba. Sima Qian, autor dos *Registros do grande historiador*, não sabia nada disso.

- Um par de pedras preciosas - murmurou Jack. - Pedras que interagem para produzir uma luz como a de uma estrela nos céus. Uma joia dupla. Ajoia de imortalidade.

Katya o fitou, fazendo que sim com a cabeça, depois disse baixinho: - No último ato do ritual fúnebre, somente o guardião ficou na tumba, passando da câmara central para a entrada, antes de selar a abóbada por toda a eternidade. Algo fez com que os guerreiros suspeitassem que ele estava roubando o maior tesouro, e suas suspeitas se fortaleceram pelo fato de o guardião ter vivido até uma idade muito avançada, bem mais de cem anos. Isso não era incomum na estepe dos mongóis, mas foi o bastante para convencê-los de que ele tinha levado algo que prolongava a vida, um tesouro que deveria ter sido deixado na tumba justamente para libertá-los de sua servidão e permitir que o imperador se levantasse novamente. Eles nunca viram o guardião morrer. Ele voltou para as estepes do norte, entregando a função de zelador a seu filho, uma tradição que continuou. Entretanto, depois de cinco gerações, o próprio filho do guardião desapareceu. Ele não voltou às estepes mas foi para o Ocidente, além do limite do império, desviou-se do rumo certo, indo para um lugar aonde não deveria ir. Os doze decidiram agir. O guerreiro tigre foi solto.

- Deixe-me adivinhar - murmurou Jack. - Isso foi no século 18 a.C., talvez um pouco mais cedo?

Katya o fitou novamente e continuou. - O filho do guardião se disfarçou como um comerciante de Sogdian e se uniu a uma caravana na Rota da Seda, depois a outra. O guerreiro tigre e seu companheiro de crime o perseguiram pelo deserto de Taklamakan, em direção às montanhas de Tien Shan, até aqui em cima no lago Issyk-Gul, nos desfiladeiros e nas passagens longínquas. Eles o tinham ao seu alcance, entretanto algo se interpôs no caminho.

- Um bando de legionários romanos renegados - murmurou Jack.

- Na tradição oral secreta deles, os doze homens que formavam a guarda se lembravam deles como *kauvanas*, uma palavra chinesa antiga para designar os ocidentais - disse Katya. - Mas meu tio estava convencido de quem eles eram.

- Eu estava querendo saber quando seu tio ia entrar nesta história - disse Costas.

- Essa foi a história que ele compôs. Ajusta-se com seu enredo, Jack. Os romanos atacam a caravana e agarram o sogdiano disfarçado. Eles o mantêm vivo, como guia. Os guerreiros percebem que os romanos estão com ele e atacam, mas são repelidos por um inimigo mais forte que qualquer outro já encontrado. Um deles é eliminado nos desfiladeiros, e um dos romanos também. Essa é a sepultura que nós encontramos perto do lago. Então, resta somente uma dúzia de romanos sobreviventes. Os guerreiros os perseguem até este lugar, então veem que os sobreviventes estão embarcando no lago e remando para o leste. Eles encontram o corpo do sogdiano, mas o tesouro desapareceu. Seguem o barco ao longo da costa, até que ele desaparece numa tempestade perto do final do lago. Mas eles percebem que os romanos no barco estavam em menor número do que deveriam estar. *Está faltando um.* Voltam para a extremidade ocidental do lago, onde encontraram o sogdiano assassinado. Localizam o romano perdido e seguem o sangue que goteja da arma que o homem usou. Eles o vislumbram no alto, nas passagens das montanhas para o sul. Eles o perseguem implacavelmente, durante semanas, meses, algumas vezes chegando perto, outras vezes perdendo-o. Eles o seguem pelos vales do Afeganistão, pela Passagem de Khyber dentro da Índia, descem o Ganges para a baía de Bengala. Então, nas selvas do sul, eles o perdem de vez. Eles sabem que ele está em algum lugar por ali, mas é como se a selva o tivesse absorvido. Mas os chineses não se rendem. Eles se infiltram na colônia romana de comércio em Arikamedu, fingindo que são comerciantes de seda. Durante gerações permanecem observando, esperando. Mas então os romanos partem, e com o aparecimento dos árabes termina o comércio por mar com o Ocidente. Os chineses retornam para casa, e a história de sua busca entra no domínio da lenda, parte da mitologia de uma sociedade secreta obscura que parece desaparecer da história viva.

- E agora nós sabemos os nomes deles, dos romanos - disse Jack. - Da inscrição da tumba na selva. Fabius, líder do grupo que foi para o leste pelo lago. E o melhor amigo dele Licinius, aquele que escapou para o sul. E nós sabemos que eles estavam com o tesouro. Fabius ficou com uma joia, a olivina. Licinius com a outra, *sappheiros*, o lápis-lazúli. Eles devem ter se separado sem saber o que tinham compartilhado entre si, o valor das jóias juntas. O chinês pode ter pensado que Licinius tinha levado ambas as partes

da joia e fugido dos camaradas, conhecendo o poder do que ele tinha roubado, algo que poderia torná-lo um imperador em seu próprio mundo.

- O tio de Katya pode também ter lido aquela inscrição, antes de ser assassinado - disse Costas. - E aqueles que o assassinaram também podem ter descoberto.

- Então, o que aconteceu ao guerreiro tigre e aos doze? - Jack perguntou.

Katya fez uma pausa. - Sua promessa de proteger a tumba, recuperar o tesouro perdido, permaneceu forte, passando por todas as vicissitudes da história chinesa, por todos os imperadores e dinastias que poderiam ter pilhado os monumentos de seus antepassados. Os guerreiros cultivaram o culto do primeiro imperador, a mística que ainda cerca seu nome até hoje em dia. Wu Che, o diplomata chinês que foi para a conferência de Howard, era um deles. Era um historiador perspicaz e escreveu a história que acabei de lhes contar, a tradição oral narrada detalhadamente em suas reuniões secretas. E então parecia que sua busca poderia ser retomada. Pela segunda metade do século 19, os estudantes europeus estavam lendo o *Périplo do mar da Eritreia*, então recentemente traduzido, e estavam começando a compreender a verdade sobre o envolvimento mercantil romano no sul da Índia. Wu Che mantinha-se atento à opinião pública e aos acontecimentos, buscando qualquer coisa incomum, qualquer coisa nas descobertas arqueológicas que pudesse sugerir um romano legionário dissidente. Quando Howard mencionou o santuário na selva com a escultura romana, uma luz surgiu.

- E é por isso realmente que você está aqui, perto do lago Issyk-Gul - disse Jack baixinho. - Não era só para registrar mais petróglifos e encontrar inscrições na Rota da Seda. Você queria achar aquele romano. Você também está nessa pista. Você e seu tio fazem parte de tudo isso.

Costa olhou para Katya. - E então? Seu tio era um dos doze, não era?

Katya fez outra pausa. - Meu tio e meu pai souberam da história, ela foi passada para eles. Meu pai herdou os documentos da família, mas se interessou pouco pela mitologia da fraternidade. Para ele a joia estava perdida para sempre, se é que existira. Ele estava no mercado negro de antiguidades e atrás de prêmios mais fáceis. Foi meu tio que encorajou meu interesse por idiomas antigos e arqueologia. Dois anos atrás, enquanto

estávamos no mar Negro, depois da morte de meu pai, meu tio se deparou com essas notas escritas por Wu Che, enquanto olhava apressadamente os documentos de meu pai no Cazaquistão, antes que a Interpol chegasse. Meu tio já tinha feito a conexão entre a lenda do guerreiro tigre e os legionários perdidos de Crasso. Ele continuou de onde Wu Che parou. Ele foi para o escritório da Índia em Londres, a fim de pesquisar nos arquivos dos *Procedimentos Militares em Madras* para tentar localizar onde Howard estava durante a rebelião Rampa.

- Os mesmos registros que estudei - Jack exclamou.

Katya assentiu com a cabeça. - Vocês estavam ambos na mesma pista. Em um dicionário geográfico de distrito ele encontrou a menção de um santuário, em Rama. Essa era a prova concludente. E foi lá que você o encontrou. O corpo dele.

- Você contou para Katya sua teoria sobre aquele nome, Jack? - perguntou Costas. Katya respondeu primeiro. - Meu tio poderia já ter estado lá. *Rama* parecia ser uma palavra muito semelhante a *Romano*. Ele mencionou isso, mas nós não quisemos falar sobre o assunto até estarmos em terreno mais firme. A semelhança parecia muito óbvia.

- Nada é muito óbvio neste jogo - murmurou Jack, examinando Katya. - Há alguma outra coisa que você tenha deixado de nos contar?"

- Meu tio estava sendo reservado, mas por uma boa razão. Ele sabia que, uma vez que havia se tomado alvo, o mesmo aconteceria com todos os seus parentes próximos. Sempre foi assim. Se um dos doze se desviasse, seu clã inteiro pagaria o preço. Essa era a maneira como o primeiro imperador satisfazia sua versão de justiça. E como ninguém foi poupado na família de meu tio, esse clã significa eu.

- Muito bem, Katya - disse Costas. - Entendi, você está falando daqueles sujeitos com as tatuagens, cujos restos nós achamos perto do santuário.

- Jack me contou - disse Katya baixinho. - Quantos deles se encontravam lá?

- Nós contamos seis corpos. Aparentemente, o sétimo tinha desaparecido na selva, chegando de helicóptero. Eram todos chineses e

usavam camisas com o logotipo de uma empresa de mineração, INTACON. Foram feitas licitações para a realização de mineração de superfície nas colinas de Rampa em busca de bauxita, e os nativos de *Kóya* são usados para procurar exploradores. Tudo isso é feito para dirigi-los, mais adiante, para as mãos dos terroristas maoístas, que usam a selva como esconderijo. Os maoístas atacam os grupos de mineração ocasionalmente porque isso fortalece seu apoio entre os tribais, e como resultado a polícia faz que não percebe quando os grupos de mineração entram armados até os dentes. O que nós vimos no santuário sugere que os chineses entraram na caverna, encontraram e assassinaram seu tio, depois foram emboscados do lado de fora. Seus corpos tinham sido parcialmente esfolados e mutilados pelos maoístas, e nós vimos a pele. Todos eles tinham a mesma tatuagem preta na parte superior do braço esquerdo.

Katya fez um esboço em seu caderno de anotações. - Como isto?

Costa acenou com a cabeça. - Exatamente assim. Como uma cabeça de tigre.

- Os guerreiros tigres? - perguntou Jack.

Katya sacudiu a cabeça. - Somente um dos doze é chamado assim. É ele que faz o trabalho sujo, em geral é o mais novo deles, como um rito de iniciação. Os outros chamam a si mesmos de fraternidade. E os chineses que vocês viram eram meros soldados a pé, membros de clãs menores ligados por nascimento para servir à fraternidade.

- Nós encontramos três maoístas, e um deles não estava completamente morto. - Costas apontou para a bandagem em seu ombro. - Eu deveria estar de férias, e não cuidando de um ferimento de tiro. Você precisa esclarecer tudo nesta coisa, Katya.

- Só seis corpos - ela disse. - Então, só um escapou?

- Aparentemente, ele retornou pela selva para o banco do rio onde o helicóptero tinha pousado. O *Kóya* com quem falamos não conseguiu distingui-lo do outro chinês. Mas eles disseram que o homem carregava um rifle com mira telescópica numa capa de couro velha, uma arma incomum para a selva.

- Não é nada estranho - murmurou Katya. - Não para ele.

-Você conhece esse sujeito?



Katya olhou intensamente para Jack. - Você acha que ele viu o que você viu? O que estava no santuário? As esculturas, a inscrição?

- É possível - Jack respondeu baixinho. - E seu tio podia ter lhes falado. É possível, ele foi torturado.

- É certeza, você quer dizer - disse Katya.

- Quando Licinius esculpiu aquela inscrição em sua tumba, ele provavelmente estava vivendo num mundo sombrio, só seu. A jóia tinha se tornado uma parte da imagem da devoção que ele sentia por Fabius, o sujeito que ele quase divinizara naquela escultura da cena de batalha. Se ele estava, conscientemente ou não, deixando pistas para algum futuro caçador de tesouro, escolheu usar aquela palavra, *sappheiros*, para lápis-lazúli. Para alguém que já estivesse na pista isso teria um significado imediato.

- Será que esse sujeito está em algum lugar por aqui agora? - Costas olhou atentamente para o cume sombrio do lado oeste, onde o sol quase já havia se posto. - O sétimo, aquele que sobreviveu aos maoístas? Será que estamos sob a mira de alguém?

Katya franziu os lábios. - AINTACON tem concessões para exploração de minas no Quirguistão, nas montanhas de Tien Shan. - Ela apontou ao longe para os cumes nevados. - Esses homens cujos corpos vocês encontraram eram empregados da companhia, mas todos têm conexões de clã com a fraternidade. A INTACON tem uma frota de jatos privados, e ele poderia ter voado facilmente para cá ontem. Eles têm helicópteros e cavalos muito fortes que usam para expedições de prospecção, uma raça famosa originária da Mongólia. Se ele estiver aqui, está nos observando agora. Eles precisam ver o que encontrei, e aonde nós vamos em seguida. A matança vem depois.

- Formidável - disse Costas. - Isso é verdadeiramente formidável. Então estamos lidando com uma companhia de mineração? Esta é a face moderna daqueles guerreiros?

- É a operação mais lucrativa da INTACON. - Ela se voltou para Jack. - Quanto tempo nós temos?

- Um helicóptero Apache do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos deve chegar aqui em trinta minutos. - Ele conferiu o relógio. - O

Embraer deve ser abastecido e esperar na pista em Bishkek. O equipamento de que precisamos já está acondicionado.

- Certo. - Katya olhou para Costa. - Sobre aqueles cavalos que mencionei há pouco, trata-se de cavalos divinos da mitologia chinesa, que transpiram sangue. De acordo com a lenda, quem os monta nunca irá falhar na batalha. Os cavalos eram altamente apreciados pelo primeiro imperador, e ajudou a convencer seus súditos de sua invencibilidade.

- Transpirar sangue? - perguntou Costas sem acreditar.

- Eles são chamados de *akhal-teke*, e são incrivelmente raros, uma das raças mais puras que sobreviveram à Antiguidade. Eles são renomados por sua velocidade e força. Dizem que o aparecimento da transpiração de sangue é causado por uma doença parasitária endêmica na raça, mas ninguém tem certeza.

- Você já viu um? - Costas perguntou.

Katya lhe lançou um olhar desdenhoso. - Sou filha de um líder militar do Cazaquistão, lembra? Meu pai me ensinou a montar quando eu era menina. O *akhal-teke* vivia em alguns vales isolados no Cazaquistão, Turquemenistão, Afeganistão, criado em segredo por famílias que mantiveram a pureza da raça. O criador de cavalos de meu pai disse que essa linhagem remontava ao tempo do primeiro imperador, que enviou emissários para os vales para manter uma vigilância eterna sobre os criadores, a fim de assegurar que os cavalos divinos estivessem esperando por sua guarda quando mais uma vez ele entrasse no mundo mortal. Hoje em dia na China há uma certa excitação acerca da raça, um símbolo de unidade nacional e força de antes da era comunista.

- Então seu mestre de equitação lhe transmitiu alguma outra sabedoria? - perguntou Costas.

- Ele disse que aqueles que têm sangue de tigre nas veias podem sentir o *akhal-teke*, e que os cavalos o sentem também. Ele disse que quando os guerreiros se preparam para a batalha eles sobem até aqui, além das montanhas de Tien Shan para Issyk-Gul, e os chamam com seus tambores de guerra. Os *akhal-teke* chegam galopando pelas passagens das montanhas e ao longo das praias do lago, espumando, suando e borrifando o ar com uma névoa de sangue.

- Isso está ficando melhor a cada segundo - disse Costas. - Isso também está em seus genes?

Katya olhou de maneira pensativa para o lago. - Sinto coisas aqui em cima. Talvez seja por causa do ar rarefeito. Eu nunca durmo bem, e é aí que o mundo do sonho e da realidade se entrelaçam. Tenho acordado achando que a batida de meu coração é o chão trepidando com o bater dos cascos e o estrondo dos tambores. Como se os guerreiros estivessem vindo atrás de mim, também.

- Não mande todos os Genghis Khan sobre nós, Katya.

Ela lhe deu um sorriso cansado, depois olhou novamente para o lago. - Deitada meio desperta à noite, tenho visto imagens de meu pai novamente, de quando eu era menina e ele ainda era professor de história da arte em Bishkek. Eu quase não pensava nele desde que deixei o mar Negro quase dois anos atrás. Minha mente o havia excluído.

Jack olhou para Katya, pensando nas emoções complexas que ela havia sentido desde a morte do pai: mágoa, libertação, fúria com o pai, com ele, consigo mesma. A melhor coisa que ele tinha a fazer era não dizer nada, deixar que o processo seguisse seu curso. Costas percebeu a reticência de Jack e olhou para Katya. - Seu pai, aquilo em que ele se transformou, estava montado num submarino russo afundado cheio de mísseis intercontinentais balísticos - disse. - Ele deve ter vendido alguns para a Al-Qaeda, e isso apenas para começar. Muitas pessoas inocentes estão vivas hoje por causa do que nós fizemos. - Ele se levantou, se estirou, limpou a poeira na parte de trás de seus shorts e virou-se para um buraco na colina atrás deles. - Está na hora de desaparecer atrás de algumas rochas. - Lançou a Jack um olhar divertido. - Deve ser toda aquela banha de ovelha.

- Tenha cuidado. - Katya acenou para ele e se voltou. Jack viu que Altamaty tinha parado o trator ao lado da *yurt*, e a fumaça do fogo que usara para cozinhar havia desaparecido. Duas mochilas estavam empilhadas fora da barraca. - Parece que faz muito tempo desde que sentamos juntos na praia do mar Negro -, ele disse baixinho. Katya fez que sim com a cabeça, mas não disse nada. Jack ficou calado por um momento, depois apontou para a *yurt*. - Ainda tem certeza de que quer vir conosco?

Ela fez que sim com a cabeça. - Altamaty também. Ele respeita sua experiência militar, mas diz que o Afeganistão é uma história diferente.

Esteve neste vale para onde vamos como recruta da marinha durante a guerra soviética nos anos 1980. Atiraram em seu helicóptero, que caiu, e ele foi o único sobrevivente. Lutou em vários ataques, mas ficou sem munição. Os *mujahideens* o pouparam porque ele era quirguiz. Viveu com eles nas montanhas durante mais de um ano.

Jack balançou a cabeça. - Bom. Outra pessoa está vindo conosco, um sujeito chamado Pradesh. Ele está encarregado das escavações subaquáticas em Arikamedu e voou conosco até Bishkek. É capitão do Corpo de Engenheiros do exército indiano, com experiência de combate na Cachemira. Também é perito em tecnologia de mineração antiga. Esteve conosco na selva. Eu realmente quero que as atividades do IMU se expandam aqui. Se Altamaty está falando sério sobre assumir a pesquisa subaquática na extremidade oriental do lago, ele e Pradesh poderiam ser exatamente as pessoas de que precisamos para conseguir que as coisas andem por aqui. Pradesh fala russo. Gostaria de ver como eles vão se dar.

Houve uma agitação nas pedras atrás deles. - Ei, rapazes - gritou Costas. - Venham ver isto aqui.

Jack se levantou e girou o corpo. - Você realmente quer...?

- Só evite o rego à sua esquerda. Estou um pouco mais adiante.

Katya se levantou, e cada um deles escolheu um caminho por cima das pedras para ir até onde Costas estava. Jack levava consigo sua tocha compacta de mergulho, e a movimentava na escuridão. Viu Costas inclinado sobre uma fenda na pedra, e eles desceram por um pequeno declive rochoso até onde ele estava. Era um buraco na encosta da colina, com o lago mal aparecendo ao norte, os cumes do desfiladeiro atrás deles a oeste e os picos nevados do Tien Shan ao sul.

- Bem? disse Jack, parando cuidadosamente ao lado de Costas.

- Eu estava voltando, depois de lavar minhas mãos no córrego, e vi isto - disse Costas. Ele apontou para duas pedras denteadas enterradas na encosta do cume, e havia uma fenda entre elas. - Há algo de metal enfiado ali. Provavelmente é algo moderno, mas estou com espadas antigas girando na cabeça depois de ver aquela alabarda chinesa.

Katya se agachou ao lado dele, e Jack direcionou a tocha. Havia um pedaço de metal enterrado na fenda, exatamente como se fosse uma lâmina

quebrada. Katya tocou no objeto e depois o agarrou e puxou, mas ele não se moveu.

- Olhe para essa matéria-prima prateada em meus dedos. Isso é cromo - ela disse muito excitada. - O metal embaixo está oxidado, mas outrora era aço, de alta qualidade, forjado a mão. Os chineses chapearam suas melhores lâminas com cromo para impedir que se enferrujassem. Esta é uma lâmina de espada chinesa antiga. Um achado fantástico, Costas.

- Só me dê uma tigela de banha de ovelha e depois me mande sair pelas colinas - murmurou Costas. Ele examinou de perto. - Dá a impressão de que alguém a empurrou para dentro da pedra, para depois rompê-la. Talvez eles precisassem de uma lâmina mais curta.

Jack estava concentrado, pensando. - Alguma idéia sobre o tipo de espada?

Katya passou os dedos ao longo da lâmina. - Sei exatamente de que tipo ela é - respondeu baixinho. - Uma espada longa e reta usada em cavalaria, um tipo de espada apreciada pelos mongóis. Um tipo que só é realmente praticável se a pessoa estiver a cavalo. Assim, se ela estivesse a pé e desesperada por uma arma, poderia querer quebrá-la para torná-la uma espada mais útil e confiável.

Jack respirou fundo. Lembrou-se da tumba na selva. O guerreiro na escultura, o adversário dos romanos na cena de batalha. *O guerreiro com o ornato de cabeça em forma tigre*. Ele se voltou para Katya. - Você não está se referindo a uma espada acoplada a uma luva de punho largo e comprido, está? Uma *pata*?

Ela acenou com a cabeça. - Cresci vendo imagens de espadas como esta à minha volta. A luva com a forma de tigre, dourada, estava sempre brilhando. É o que está faltando aqui. Por isso fiquei tão atordoada quando você me disse que tinha uma. Eu sabia que sua *pata* devia ser a espada de um guerreiro tigre, mas eu não podia estar segura da conexão. Bem, aqui está ela, diante de nós. Tenho certeza disso. A luva desta lâmina é aquela que John Howard encontrou dentro daquele santuário na selva.

- Raios me partam - disse Jack.

Katya tocou a lâmina novamente e expirou lentamente. - Então a lenda é verdadeira - ela sussurrou.

- O que é? - perguntou Costas.

- Outra parte da lenda. - Ela olhou para cima e ao redor. Jack sentia sua apreensão. - Nós devíamos sair daqui. - Ela apanhou uma pedra plana e colocou em cima da fenda entre as pedras, escondendo a lâmina. Katia os conduziu de volta ao alto da colina até a borda onde eles estavam sentados, onde ela deixara o livro. - A lenda daqueles que foram enviados para destruir o guardião da tumba, o que havia transgredido - ela disse. - Aquele que seguiu sua presa implacavelmente, passando por montanhas e através da selva, cujos sucessores mantiveram a vigilância durante séculos, buscando aquilo que havia sido retirado da tumba de seu imperador. O guerreiro tigre.

- E a espada? - Jack perguntou.

- A espada *pata* original dos guerreiros tigres foi arrebatada na batalha pelos *Raumanas*, os romanos. A lenda conta que quando ela for recuperada, o guerreiro tigre aparecerá mais uma vez e derrotará tudo, encontrará o que ele vem buscando.

- Antes que você pergunte, ela está segura, trancada em minha cabine no *Seaquest II* - disse Jack.

- Posso sentir novamente agora - Katya murmurou. - O que você me disse uma vez, Jack, sobre entrar no passado, vendo-o com o olho da mente. Senti isso quando estava fazendo buscas entre essas rochas com Altamaty, olhando para essas esculturas de pedra feitas por meus antepassados. Mas tocar naquela lâmina me provocou outra coisa. Fiquei revigorada.

- E aí que fico amedrontado - murmurou Costas.

Jack se voltou para o lago. A luz das estrelas refletia em sua superfície, como fosforescências deixadas pela esteira de um barco, um rastro fantasmagórico do passado. Sentiu de novo um formigamento na pele. Uma vez, um caçador *Innu* no Ártico tinha lhe contado que o formigamento na pele é o vento divino, um vento de velocidade estupenda que você quase não sente porque o ar nas alturas é muito rarefeito. Outro tinha rido, dizendo que era apenas frio. Jack pensava com frequência nisso quando estava em montanhas altas. Talvez fosse apenas vertigem, privação de oxigênio. Dessa vez era um sentimento intranquilo, algo que levantava o cabelo na nuca. Olhou para as montanhas ao sul, uma parede proibida de pedra e neve. Era para lá que Licinius devia ter ido. Ele sentia o romano cambaleando para

longe desse desfiladeiro, enquanto olhava seus companheiros desaparecendo no lago em direção ao leste, depois se voltando para as montanhas, correndo bastante, cada tendão de seu corpo esticando-se ao máximo. Jack se virou e voltou para o cume escuro atrás deles, olhando atentamente. Uma vibração distante transformou-se num rugido, e as luzes de aterrissagem de um helicóptero passaram acima deles e se dirigiram para o contorno da costa. Katya se levantou. Virou-se para Costas e lhe lançou um olhar de aço.

- Está na hora de ir. E descobrir sobre a fraternidade do tigre. A versão moderna.

## Capítulo 16

- Aqui é o piloto falando. Estamos entrando em espaço aéreo afegão agora.

Jack trocou de posição e se estirou, depois apertou o controle para levar o assento de volta à posição vertical. Ele estava na cabine dianteira do jato Embraer do IMU e tinha passado as últimas três horas dormindo de maneira intermitente, duas horas e meia delas no asfalto do aeroporto de Bishkek no Quirguistão, esperando condição de tempo mais favorável para partir. O voo para Faizabad, no nordeste do Afeganistão, levava só uma hora e meia, o capitão queria chegar ao amanhecer e voltar a Bishkek assim que eles tivessem desembarcado. Um aeroporto no Afeganistão não era um lugar onde se demorar, até mesmo num aeroporto sob o controle nominal da Força Internacional de Assistência à Segurança, mas o Embraer seria abastecido de combustível para retornar de Bishkek e apanhá-los assim que fosse chamado.

Jack tinha, apertado na mão, um esboço da inscrição que havia na tumba da selva. Ele abaixou o olhar e viu a palavra latina *Sappheiros*. Na Antiguidade, ela significava lápis-lazúli e isso só podia se referir ao lápis-lazúli retirado da mina no proibido vale do Corão, situado no alto das montanhas do Indo Kush no Afeganistão. Uma das partes da história do rastro do tesouro tinha apontado para o lago Issyk-Gul no Quirguistão, em direção à praia oriental, para o lugar onde Jack tinha começado a pensar que um barco podia ter naufragado numa tempestade dois mil anos atrás. A outra parte da história conduzia às profundezas do coração do Afeganistão, a rota deles agora.

Jack olhou novamente para as palavras da inscrição. *Hic iacet Licinius optio XV Apollinaris. Sacra iulium sacularia in sappheiros nielo minium. Altra Fabiafrater ad Pontus ad aelia acundus.* (Aqui jaz Licinius, suboficial da Décima Quinta Legião de Apollinário. Guardião da joia celestial nas minas escuras de sappheiros. A outra está com Fabius, irmão, do outro lado do lago na direção do sol nascente.) Então, Licinius não tinha levado a jóia com ele para o sul, para dentro da selva. O *vélpu*, o tubo



sagrado de bambu do *Kóya*, a proteção subtraída por Howard e Wauchope do *muttadar*, pode ter sido santificado por sua associação com os *Raumanas*, com aquele que fora para a selva e morrera no santuário. Mas o tubo de bambu só continha um tesouro fantasma. O tesouro real tinha sido escondido em algum lugar ali, nas terras selvagens do Afeganistão, durante a fuga de Licinius do lago em direção ao sul. Estava em algum lugar nas minas de lápis-lazúli, onde os veios de um azul precioso tinham sido trabalhados desde o tempo dos faraós egípcios.

Jack se lembrou daquilo em que ele estava pensando enquanto cochilava. O vale com as minas estava em uma rota para a Índia, ao sul do lago Issyk-Gul, no rumo da comunidade de comerciantes romanos, a meio mundo de distância do local de destino de Licinius. Ele podia ter adivinhado que os guerreiros que o perseguiam estavam atrás do que ele tinha tirado do sogdiano. Podia ter visto as queixas acumuladas contra ele e decidiu esconder a jóia. Podia ter sabido o valor daquilo que ele tirara. Talvez o sogdiano tivesse falado sobre isso com ele, sobre o poder da joia quando ela fosse reunida com a outra, a que fora levada por Fabius através do lago. Talvez o sogdiano tivesse falado por desespero, esperando que sua vida fosse poupada. Ou talvez tivesse advertido o romano, contando-lhe algo que fez Licinius querer se livrar do tesouro. Talvez tivesse dito que ele seria procurado implacavelmente e que as minas eram o único lugar onde a jóia poderia ser escondida de maneira segura, onde o poder do cristal seria absorvido pela rocha, na sua fonte. Só lá, talvez, não fosse atrair mais aqueles que viriam atrás dele, que o caçariam como um tigre, como se tivessem algum sexto sentido para isso.

Jack saiu para o corredor, calçou as botas e caminhou em direção à parte dianteira do avião, entrando na cabine principal, onde várias cortinas das janelas estavam abertas do lado do porto. O piloto tinha efetuado uma rota em sentido anti-horário em cima do Tajiquistão, para aproximar-se de Faizabad pelo oeste, e Jack podia ver os fracos vislumbres da aurora em cima das montanhas do Pamir e o solo improdutivo do deserto de Taklamakan além. Ele se inclinou sobre os assentos e olhou para a aterradora paisagem de montanhas abaixo. Era um lugar onde os obstáculos para a existência humana pareciam insuperáveis, contudo, para aqueles que haviam suportado essa condição, a recompensa era viver a meio caminho do céu. Jack empertigou para dar passagem para os outros. Altamaty e Pradesh

estavam sentados lado a lado, falando em russo. Jack sentou no lado oposto e se serviu de café, que estava sobre uma pequena mesa com rodinhas. Costas estava com eles quando Jack se ajeitou para dormir. Descrevia para eles em detalhes o plano de sua amada ala de engenharia no campus do IMU em Cornwall. Costas também resolveu dormir, e Jack percebeu que os dois homens estavam concentrados nos catálogos de equipamento de mergulho da biblioteca de bordo.

Jack estava ansioso para estar novamente debaixo d'água. Pensou em Rebecca. Ela tinha ficado meia hora com ele na pista de decolagem em Bishkek, repassando as anotações que tinha feito na obra de Wood, *A nascente do rio Oxus*. Ela deu o livro para Jack e o abraçou, antes de ser levada depressa para um helicóptero Apache do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos. Jack sorriu para a última imagem dela, com capacete de voo, rodeada por quatro robustos membros da marinha dos Estados Unidos. Rebecca amara todos os segundos de sua aventura. Se tudo desse certo, de acordo com os planos, eles estariam novamente juntos na costa oriental do lago Issyk-Gul em menos de vinte e quatro horas, e até lá o equipamento do IMU ordenado por Costas teria sido transportado por via aérea. As ruínas submersas no lago eram instigantes e poderiam ser um dos maiores achados da Rota da Seda. O lago também era navegado por barcos que levavam os comerciantes, e sempre havia a possibilidade de se encontrar um naufrágio. Jack pensou em Fabius e no destino dos romanos, que tinham remado para o leste para salvar a vida. Olhou para Katya, que estava sentada sozinha algumas fileiras à frente olhando pela janela. Eles também poderiam achar petróglifos debaixo d'água, se os seixos se estendessem para dentro do lago. Havia um projeto de colaboração importante para um futuro próximo. Ele podia se ver passando mais tempo por ali. Olhou para fora da janela e se lembrou do local para onde estavam se dirigindo. *Se conseguissem nas próximas vinte e quatro horas.*

Costas chegou tropeçando pelo corredor e caiu no assento ao lado de Jack. Olhou pela janela, e Jack acompanhou seu olhar. Eles podiam distinguir claramente a ondulação de colinas e vales e as superfícies dos cumes cobertos de neve. Costas abriu o monitor do descanso de braço e ativou o mapa. - É isto aqui - ele disse. - Nós passamos pela fronteira e entramos no Afeganistão. Não deve demorar muito mais que meia hora.

- É possível discernir com dificuldade o vale do Panjshir - disse Jack.  
- Está escondido em névoa, com cumes dos dois lados, estendendo-se para o leste. É o vale do lendário Oxus, o rio que marcou a extremidade oriental da expedição de Alexandre, o Grande. Oitocentos quilômetros a oeste daqui, ele deságua no mar de Aral, um lago. No caminho, passa por Merv, onde os legionários de Crasso foram aprisionados. Os romanos que escaparam podem ter vindo por este caminho, mas ao se deparar com a parede de montanhas a leste podem ter mudado de direção e rumado para o norte pelos contrafortes das montanhas da Rota da Seda que atravessa o Quirguistão, passando pelo lago Issyk-Gul.

- E Howard e Wauchope? - perguntou Costas. - Foi aqui que eles vieram parar, depois que desapareceram no interior do Afeganistão em 1908?

Jack apertou os lábios. - Eles eram suficientemente experientes para vir tão longe. Ambos conheciam bem a região da fronteira afegã por causa de suas funções no exército. Wauchope já havia estado, de fato, no Afeganistão, durante a segunda guerra Afegã.

- A medalha que Pradesh ganhou, com o elefante? - perguntou Costas.

Jack assentiu com a cabeça. - Isso foi em 1879, precisamente antes que ele fosse se juntar a Howard na selva. Era a época do Grande Jogo, o esfriamento das relações entre a Inglaterra e a Rússia. Foi uma década de derrotas heróicas. A derrota de Custer na batalha de Little Big Horn contra os *sioux*, em 1876. A derrota britânica sofrida contra os zulus, em Isandlwana, e em Rorke's Drift. Depois a batalha de Maiwand no Afeganistão, em 1880. Quase mil tropas britânicas e indianas morreram na planície do lado de fora de Kandahar, lutando até o último homem. Os afegãos profanavam os corpos da mesma maneira que o *sioux* e os zulus. Trinta anos antes, durante a primeira guerra afegã, o exército britânico do Indo tinha sido massacrado quando se retiraram pela Passagem de Khyber, quando apenas um sobrevivente britânico conseguiu passar. Esses acontecimentos foram representados como fracassos heroicos, encorajados na imaginação popular para exaltar as virtudes do guerreiro. Muitos dos oficiais britânicos apareciam impregnados de gestos de bravura. Tenho o conjunto completo dos romances *Waverley* de Sir Walter Scott, assinados por John Howard. Ele vivera naquele mundo quando menino e subscreveu

uma nova edição nos anos 1880, como se estivesse tentando recuperar o romance. Essa visão foi arrancada deles depois que experimentaram a realidade brutal. E os britânicos deveriam conhecer melhor o Afeganistão. Já havia homens deles lá muito antes, exploradores como o tenente Wood. Eles conheciam não só os problemas do terreno, como também as pessoas.

- Como era a situação em 1908?

- A de uma paz intranquila. O Afeganistão ainda era uma zona proibida. A viagem longa e difícil de Howard e Wauchope para cá a partir de Quetta deve ter demorado semanas, até mesmo meses. Para conseguir provisões, eles tinham que confiar na benevolência das pessoas com as quais se encontravam. Wauchope tinha muita experiência com os membros das tribos da fronteira, mas as negociações deviam ser longas, tinham que observar sutilezas sociais, aturar desvios de rumo quando seus guias os levavam para perto de territórios de feudos de chefes guerreiros. Uma vez eles chegaram a ir para o vale de Panjshir, pois, se não fossem, provavelmente os teriam deixado sozinhos. O inverno possivelmente já começara, e teria sido uma caminhada árdua pelas montanhas para chegar aonde acho que eles estavam indo.

Pradesh, que estava escutando atentamente, se inclinou para a frente e disse: - O que lhe dá tanta certeza de que esse era o lugar?

- Porque o vale do Panjshir é a rota para a mina de lápis-lazúli - disse Jack.

- É claro - Pradesh murmurou. - *Sappheiros*, lápis-lazúli. Howard e Wauchope tinham visto isso na inscrição no santuário da selva anos antes e estavam procurando o lugar onde você acha que Licinius escondeu a jóia.

Jack movimentou a tela com o mapa em seu assento, de modo que todos eles pudessem ver. Apontou para uma série de cumes que conduziam para o sul desde o vale principal. - Aqui, nas profundezas da extensão do Indo Kush. As minas se situam em um estreito vale de montanha. Há aproximadamente vinte minas, algumas trabalham há milhares de anos. O lápis-lazúli que decorava o caixão do rei Tut no Egito saiu daqui, comercializado e transportado para o oeste mais de mil anos antes que os romanos chegassem a esta região.

- Os romanos? - perguntou Costas. - Pensei que fosse apenas Licinius.

- Ele estava sozinho quando veio esconder a jóia, depois que fugiu para o sul de Issyk-Gul - disse Jack. - Mas para ele saber como chegar às minas acho que o bando de legionários que escaparam deve ter vindo nesta direção durante sua difícil caminhada de Merv para a Ásia Central. O vale do Panjshir pode ter sido o lugar a que eles foram forçados a ir, na direção norte, em direção ao Quirguistão. Se você ler o livro de Wood, *A nascente do rio Oxus*, perceberá por quê. As montanhas que ele descreve na extremidade oriental do vale parecem ser o fim do mundo, totalmente intransponíveis. Mas antes de se virar e ir para o norte, os romanos poderiam ter penetrado no vale o suficiente para ouvir falar das minas lendárias, talvez até mesmo vê-las. Se o sogdiano tivesse dito para Licinius levar a joia para lá, ele teria sabido aonde ir.

Katya deslizou para o assento na frente de Pradesh. - E quando ele alcançou a selva, não precisou deixar um mapa do tesouro - ela disse. - Tudo o que teve que fazer foi inscrever em sua tumba a palavra - lápis-lazúli. Todo mundo na Índia sabe que o lápis-lazúli vem do Afeganistão. Todo mundo no Afeganistão sabe que ele vem do vale do Panjshir. E sempre há alguém no vale que pode apontar as minas para você, um mineiro que pode lhe mostrar até mesmo a mina que produz o azul mais escuro, o *nielo*. Mas é como falar para as pessoas sobre Shangri-lá, porque na verdade dificilmente alguém sonharia em ir até lá, e qualquer um que o fizesse teria pouca chance de sobrevivência. Era um prêmio que somente tentaria alguém desesperado, ou tolo. Ou velhos soldados românticos como Howard e Wauchope, com um desejo ardente de aventura.

- Como você tem certeza que Howard e Wauchope estavam neste rastro? - perguntou Costas.

Jack apontou para o livro. - *Tenente John Wood, marinha de Bengala. Uma narrativa pessoal de uma viagem para a nascente do rio Oxus*. Essa era a própria cópia de Howard, estudada por ele, cheia de anotações. Achei isto na gaveta mais baixa daquela arca de documentos familiares que você viu em minha cabine no *Seaquest II*, empacotada como se fosse algo que ele estimava, mas não queria que ninguém mais visse. As seções do livro sobre o vale do Panjshir e as minas de lápis-lazúli estão densamente cobertas por anotações que são virtualmente indecifráveis.

- E há anotações escritas por outra mão, também - disse Costas, examinando o livro.

- Robert Wauchope - disse Jack. - Eu vi alguns dos documentos manuscritos dele na biblioteca do Escritório da Índia em Londres e confirmei a letra.

- É estranho que eles não tenham levado o livro com eles, em sua viagem final - disse Costas.

- Acho que eles conheciam o livro de cor. E devem ter levado somente o mínimo necessário. Ninguém quer carregar livros ao redor do Indo Kush.

- Mas você diz que ele contém pistas para nós.

- Temos que agradecer a Rebecca por isso. Enquanto estávamos em Issyk-Gul, ela ficou lá, de cabeça baixa, decifrando as notas. Ela acha que encontrou as pistas para a entrada da mina a que eles estavam querendo chegar, entre as muitas minas na encosta da montanha.

- É uma grande pesquisadora - disse Costas.

- Ela adquiriu um bom olho para detalhes, e paciência para fazer isso. Herdou muita coisa da mãe.

- Você lhe disse isso? - Katya perguntou.

- Direi quando chegar o momento. Nossa relação ainda é muito recente.

- Falarei com ela. Nós temos isso em comum. A perda violenta de um dos pais. Avise-me quando você quiser que eu fale.

Jack fez que sim com a cabeça, e olhou para fora da janela. Eles estavam agora baixando de altitude, e a aeronave estava abaixo do nível dos cumes das montanhas que ficavam de cada lado do vale. Era possível ver, ocasionalmente, as luzes das casas e o estranho facho de luz dos faróis dos veículos, na mesma rota que Wood deve ter feito quase dois séculos antes. Ele fechou o livro. - A beleza da narrativa de Wood é que pré-data o Grande Jogo. Para compreender o Afeganistão, você pode se voltar para aqueles viajantes que vieram para cá antes que as geopolíticas entrassem em jogo. Robert Wauchope em suas anotações no final deste livro diz que, se fossem deixados por sua própria conta, num instante os afegãos dariam de ombros para toda aquela história de interferência externa.

O sistema de alto-falantes estalou novamente. - Aqui é o capitão. Calculamos a aterrissagem dentro de trinta e cinco minutos. Estamos entrando em uma zona de mísseis lançados de terra. Apenas por precaução, armamos os dispensadores de contramedidas.

Costas grunhiu e verificou seu cinto de segurança. - Entendi esses caras quando pousamos em Bishkek. Esses pilotos ex-combatentes às vezes esquecem que estão voando comercialmente.

Jack se virou para Katya. - Esta é a última chance antes que nos ponhamos a caminho. Se há alguma coisa mais para nos dizer, este é o momento.

Katya bebeu um pouco de água, depois assentiu com a cabeça. - Certo. A fraternidade do tigre. No final do século 19, na época do diplomata

Wu Che, aquele que compareceu à conferência de John Howard, a fraternidade era uma das muitas sociedades secretas na China. Mas ela era mais secreta que a maioria. Poucas outras sociedades poderiam reivindicar uma linhagem autêntica que remontasse ao primeiro imperador. E elas nunca buscaram ampliar sua sociedade. O primeiro imperador vinha da família Qin, e quando subiu ao poder ele transformou as pessoas de sua família em nobres, dando a seus irmãos e primos terras para governar como feudos. Seu compromisso era servir ao imperador na vida e na morte. Eles assumiram os nomes dos seus feudos. Havia doze deles: o Xu, o Tan, o Ju, o Zhongli, o Yunyan, o Tuqiu, o Jiangliang, o Huang, o Jiang, o Xiuyu, o Baiming, e o Feilian. Esses formavam sua guarda original. À medida que cada um morria, a fraternidade selecionava outro do mesmo clã para assumir seu lugar. Com o passar do tempo, a fraternidade chegou a representar todos os escalões superiores do poder na China. Eles eram ricos proprietários de terras, senhores de feudos, mas também generais, diplomatas, ministros de estado. Todos tinham sido preparados desde o nascimento nos métodos do guerreiro tigre. Cada clã proporcionava uma seleção de meninos prontos para a próxima vaga, treinados em artes marciais, para brandir a grande espada *pata*, na arte de se tornar uno com o *akhal-teke*, o cavalo divino que transpira sangue. Um deles seria escolhido para entrar na fraternidade, sentar no conselho dos doze. Os outros permaneceriam ao longo da vida como guerreiros dele, uma companhia assassina de cem ou mais que poderia ser convocada quase imediatamente para defender o credo do primeiro imperador. E aquele que era escolhido, o mais novo da fraternidade, se

tornava o guerreiro tigre. Era seu papel ir montado à frente da companhia. Executar as ordens da fraternidade. Essa era sua iniciação. O diplomata Wu Che era da família de Jiang, e ele era um dos doze. A família de meu pai, meu tio, era Huang. Descendo de muitos daqueles que foram escolhidos para o manto de guerreiros tigres.

- É hoje? - perguntou Costas. - Nós estamos basicamente considerando o crime organizado?

Katya respirou profundamente. - Seu credo era defender a tumba do imperador. Até a chegada do comunismo ao ao poder, eles mantiveram sua terra e privilégios, não tinham necessidade de mais riquezas. Durante gerações eles ficaram por trás da cena em Xian, oficiais do exército, conselheiros do imperador, burocratas, sempre perto da grande tumba, cujo monte aparecia ao lado da cidade, assegurando seu *status* sagrado. Todos eles nutriam superstições sobre mexer indevidamente no legado do primeiro imperador, superstições que continuam até hoje, mesmo entre arqueólogos chineses. Eles asseguravam que ninguém jamais cavasse o túmulo. E não eram assassinos. O diplomata Wu Che era um homem típico da fraternidade do século 19, um homem altamente educado, ansioso para representar os interesses da China no estrangeiro. Mas foi então que as coisas começaram a mudar. Durante quase dois mil anos a fraternidade tinha tomado parte na sociedade fechada da China, separada do mundo externo e até retornando de mãos vazias depois de perder o rastro de Licinius na selva indiana. Wu Che reabriu aquela busca, e uma vez mais a fraternidade estava disposta a brigar. A busca reacendeu uma paixão, uma obsessão. E também fez outra coisa. Involuntariamente, ele lhes proporcionou uma tentação a que alguns da geração seguinte da fraternidade não puderam resistir.

- Deixe-me adivinhar - murmurou Jack. - Ópio.

Katya assentiu com a cabeça. - As viagens de Wu Che para a Índia tinham sido uma tentativa de descobrir a extensão do uso do ópio, os provedores, persuadir o governo britânico a ser severo com esse comércio. Seus documentos mostram que suas preocupações eram morais e estavam muito distantes dos interesses chineses oficiais. Ele visitou a selva de Rampa um par de anos depois da rebelião e viu a extensão do vício do ópio entre os membros das tribos da colina, uma presa fácil para os negociantes depois que as tropas partiram. Ele encontrou um ouvido simpatizante em John Howard. E havia mais uma coisa. Como diplomata em Londres, Wu



Che inspecionava os antros de ópio que estavam surgindo nas cidades portuárias da Europa. Quando voltou para a China pela última vez, nos anos 1890, levou consigo uma quantidade prodigiosa de pesquisa, um relatório detalhado sobre o uso e fornecimento de ópio no mundo ocidental. Isso poderia ter sido a base para aniquilar o comércio de ópio. Mas estava aberto a um abuso enorme. Era também um plano para o controle do comércio.

- Nós estamos falando sobre a época da ascensão do comunismo? - perguntou Costas.

Katya acenou com a cabeça. - A China já estava se fragmentando, e a república foi declarada em 1912. O Partido Nacionalista tinha somente uma tênue influência, e durante anos houve uma aliança constrangedora com o Partido Comunista. Grande parte do país era governada pelos líderes militares. A abdicação do último imperador em 1912 marcou o início da moderna fraternidade do tigre. Na mitologia da fundação da fraternidade, o período dos Reinos Combatentes tinha sido seguido pela ascensão do primeiro imperador. Eles viram uma analogia com isso no que estava acontecendo ao redor deles nos anos 1920 e 1930. Era como se uma segunda vinda do imperador fosse iminente. A mitologia da fundação começou a se alterar, e novos elementos foram inventados. E aconteceu outra coisa. Eles perderam os feudos, que foram confiscados pelo estado. Assim, precisavam de outra fonte de riqueza.

- O comércio de ópio - disse Jack.

- Wu Che foi assassinado em 1912, uma vítima do expurgo da Corte Imperial Chinesa - Katya continuou. - O filho dele foi seu sucessor na fraternidade. Pela primeira vez, uma só pessoa ameaçava reger os doze. Ele herdou tudo dos registros do pai, e construiu o maior e mais secreto império de drogas que o mundo já conheceu. A cumplicidade britânica no comércio do ópio havia quase arruinado a China no século 19, e ele manipulou isso em seu favor, usando todas as rotas de fornecimento existentes para suprir cada vez mais de ópio o Ocidente, sustentando a explosão do uso de heroína dos anos 1950 em diante.

Costas apontou com o dedo no mapa de rota. - Afeganistão? O principal provedor?

Katya fez que sim com a cabeça. - Durante séculos a fraternidade vem enviando guerreiros cá para cima para adquirir cavalos puro-sangue. O treinamento com os corcéis divinos sempre fez parte do credo deles, um rito essencial de passagem para qualquer um que pudesse vir a ser um dos doze. Por volta dos anos 1920, o comércio de cavalos tinha se tornado uma cobertura para o comércio de narcóticos. O ópio era transportado pelo sul para a Índia e pelo oeste para a Europa. A fraternidade transferiu seu novo centro de operações para fora da China, primeiro para Hong Kong e Malásia e depois para o próprio Ocidente, em Londres e na América. Eles se integraram com bastante facilidade. De forma ostensiva, os descendentes dos endinheirados expatriaram as famílias de Hong Kong e Cingapura que estavam educando seus filhos nas escolas de elite da Europa e América, tornando-se parte da infraestrutura capitalista do Ocidente.

- Eles devem estar em algum lugar nas telas de radar, se o envolvimento com drogas era tão grande quanto você afirma - disse Costas.

Katya lhe lançou um olhar esquisito. - Eles eram inteligentes. Não eram gângsteres como outras sociedades chinesas secretas. Para a fraternidade, o comércio de ópio era mais uma espécie de reembolso pela cumplicidade do Ocidente na exportação de ópio para a China no século 19 do que um empreendimento criminoso. Eles tinham uma noção romântica de lealdade para com a China, uma China que já era uma história antiga. Mas a seu credo não interessava fazer parte do mundo subterrâneo do crime, e eles saíram do comércio das drogas depois da Segunda Guerra Mundial. Reinvestiram na prospecção mineral e em mineração. Isso provou ser imensamente lucrativo depois do colapso da União Soviética. As novas repúblicas da Ásia Central provaram ser um solo maduro e lucrativo para empresários de fora. Sua companhia, a INTACON, tornou-se muito lucrativa e eclipsou os outros interesses empresariais da fraternidade.

- E em 1949 - disse Jack, - com a tomada do poder pelo comunista Mao Zedong? A ordem volta à China.

- O comunismo tinha feito parte da força que demoliu o velho mundo, no qual a fraternidade existira durante séculos, ocupando sua terra. Mas o ano de 1949 também representou o retorno da ordem sobre o caos, uma analogia do fim dos Reinos Combatentes e a ascensão do Qin. A nova certeza, o novo controle, era sedutor para a fraternidade. E o regime

comunista tinha sua própria estrutura de poder, sua própria hierarquia. A fraternidade logo recuperou seu lugar na China, seu olho alerta. Eles incentivaram o culto de Mao Zedong, a ponto de ele quase rivalizar com o culto do primeiro imperador. Mas com a morte de Mao, voltaram com paixão renovada ao seu credo original.

- Um palpíte, a mitologia - murmurou Jack.

- De acordo com *wu di*, o conceito de não-morte, eles acreditam que o primeiro imperador não se foi, mas existe em um mundo paralelo. Eles esperam uma espécie de duplicação de nossa realidade naquele mundo, o mundo de *wu di*. Só então o imperador será capaz de mais uma vez impor sua vontade no universo. Para a fraternidade, essa esperança mística se tornou um dogma fanático depois de 1912. Apenas com a fusão dos dois mundos paralelos a ordem viria novamente. Eles procuraram sinais no antigo mito dos poderes elementais. O primeiro imperador tinha subido ao trono sob *shuide*, o poder da água, superando o poder do fogo. A fraternidade acredita que a próxima era do imperador será anunciada pela vinda de *siandhe*, o poder da luz.

Jack olhou para Katya. - É isso, não é? É por isso que o par de jóias é tão importante. O poder da luz.

Katya assentiu com a cabeça. - Foi o diplomata Wu Che que reavivou a lenda da joia desaparecida da tumba, a jóia celestial cujas duas partes se combinariam para fazer brilhar uma luz deslumbrante na tumba do imperador e interromper a barreira do *wu di*. Só quando a joia for achada é que *siandhe*, a era da luz, pode começar.

- E quando se supõe que isso vá acontecer? - perguntou Costas.

- Para o primeiro imperador, *shuide* estava associado com o número seis, bem como com o inverno, a escuridão, a crueldade, a morte. A fraternidade é doze, um múltiplo de seis. Eles chegaram à crença de que a era da luz começaria na sexagésima sexta geração depois que a tumba fosse lacrada.

- Deixe-me adivinhar - murmurou Costas. - Isso seria a geração atual?

Katya fez que sim com a cabeça. - É por isso que tudo está ressurgindo agora. Meu tio confiou tudo a mim. Ele sabia que eu estava bastante familiarizada com a história da fraternidade para compartilhar seus medos e

também sabia que o rastro arqueológico que ele seguia ia precisar de alguém com uma habilidade tão boa quanto a dele. Ele me preparou para isso. Tinha grande confiança em mim. Ele sabia que o tempo estava contra ele, mas nunca pensei que fosse terminar tão cedo. - Katya olhou para baixo por um momento, depois continuou. - Meu tio começou a estudar do ponto onde Wu Che parou. Mas quando ele percebeu que a jóia celestial podia ser mesmo achada começou a temer as consequências. Uma década atrás, a fraternidade perdeu o representante do clã de Zhao, que morreu de repente. Ele foi sucedido por seu filho, Shang Yong.

- A China estava mudando novamente. O comunismo estava se desgastando, o capitalismo ganhava terreno. Alguns tinham lucros enormes, mas muitos não. Na Rússia, alguns olhavam para trás, para a época dos czares como uma espécie de idade dourada mítica. Na China, também olhavam para trás, para o primeiro imperador. Shang Yong estava entre eles, embora ganhasse muito dinheiro com as novas oportunidades. Meu tio viu sinais perturbadores em Shang Yong. Sua família, os Feilian, controlava a INTACON. Com o aumento da riqueza da companhia, Shang se tornou um megalomaniaco. Transformou a fraternidade em seu próprio conselho de guerra. Foi ele que introduziu a INTACON na exploração de minas, em terras aborígenes ao redor do mundo. Uma dessas áreas era a selva de Rampa, na Índia oriental. Uma fortuna enorme foi acumulada, ao se despojar a selva de bauxita. Meu tio se opunha veementemente ao esquema. Ele era um antropólogo comprometido e um humanitário, um dos que compunham a fraternidade e que não havia deixado que a crença o consumisse. Desde o começo ele se opôs à supremacia de Shang. Meu tio tinha sido ingênuo e só percebeu o perigo muito tarde. No período em que me contou a história toda, ele já era um homem caçado.

- E ele pagou o preço mais alto - murmurou Jack.

- Assim, da mesma forma que o diplomata Wu Che, involuntariamente ele abriu uma lata de vermes - disse Costas devagar. - Wu Che deu para a fraternidade o comércio de ópio. Seu tio reabriu a busca da jóia, mas também os conduziu para um lugar onde outro tesouro sem dono seria encontrado - a extração de minério da selva.

- Essa foi outra coisa que ficou clara para meu tio muito tarde - disse Katya. - E temo que ele possa até ter entrado em negociações com os maoístas rebeldes. Teria sido um ato de desespero, mas pode não ter havido ninguém a quem se dirigir, com o governo prestes a firmar um contrato com a INTACON, e o povo *Kóya* impotente para resistir. Teria sido um ato suicida, entretanto, ele sabia que de qualquer maneira se encontrava sob uma sentença de morte. E sei que ele tinha rejeitado a fraternidade. Ele viu a crença mover-se do primeiro imperador para o próprio Shang Yong, como se Shang estivesse se vendo como imperador, como Shihuangdi renascido.

- Então, onde Shang Yong está baseado? - Jack perguntou.

- No deserto de Taklamakan, do outro lado das montanhas de Tien Sien - Katya respondeu. - Cem mil quilômetros quadrados de areias que se deslocam e de desolação absoluta, uma região fustigada por ventos ferozes. Para viajantes que vão para o leste pela Rota da Seda, o Taklamakan é o último grande obstáculo antes de descer para a China central e chegar ao fim da estrada em Xian, fonte da seda e local da tumba do primeiro imperador. Qualquer um que tivesse se desviado do rumo certo no deserto se arriscaria a se perder para sempre, e qualquer um que controlasse os lugares seguros do deserto poderia atacar à vontade as caravanas que margeiam seus limites. O deserto continua sendo uma das últimas grandes áreas sem lei na terra. Nem sequer os comunistas puderam controlá-lo. Há muitas fortalezas arruinadas quase enterradas na areia, que foram construídas ao lado de oásis há muito tempo engolidos. Shang Yong se estabeleceu em uma delas, a centenas de quilômetros da estrada mais próxima. Ele construiu uma pista de pouso e começou a converter o lugar em seu próprio mundo de fantasia. Para a fraternidade, o Taklamakan sempre teve um enorme significado simbólico, um baluarte contra o mundo externo, um lugar onde eles podiam simular que apoiavam a reivindicação do imperador de que não havia nada além. Para Shang Yong, o deserto também era uma sede perfeita para as empresas de mineração da INTACON na Ásia Central, no Tien Shan e nas montanhas de Karakorum. E meu tio sabia ainda mais. Prospectores da INTACON acharam evidência de uma enorme reserva de petróleo sob o próprio deserto. O Taklamakan se tornou o feudo de Shang. E já não está mais voltado para o interior. Shang ameaça controlar toda a parte ocidental da China e exercer uma influência amedrontadora no mundo externo.

- Então era nisso que seu tio estava realmente envolvido - murmurou Jack.

- O que você quer dizer acerca de um mundo de fantasia? - perguntou Costas.

Katya fez uma pausa. - É aqui que o real significado da jóia, o real perigo, entra em jogo. Para a reunião final da fraternidade a que meu não compareceu, ele foi levado de avião até a sede no deserto. No centro das ruínas havia uma estrutura em forma de cúpula, uma antiga igreja nestoriana. Ele foi conduzido para baixo por uma passagem inclinada e por grandes portas de bronze. Numa quase escuridão, sentou-se a uma mesa baixa com os outros onze e Shang Yong na cabeceira. O que meu tio viu lá dentro o espantou e horrorizou. Era imediatamente reconhecível por causa dos *Registros do grande historiador*. Shang Yong tinha recriado a tumba do primeiro imperador dentro da igreja. Para a antiga fraternidade isso teria sido uma heresia inimaginável. Acima deles estava a cúpula celeste, e de cada lado se encontravam rios, montanhas e palácios. Havia também imagens dos Guerreiros de Terracota. Ele disse que era como estar sentado em um planetário, com a mais recente tecnologia, imagens holográficas, havia até sons de água e vento, o relinchar de cavalos. Com o passar dos dias, ele percebeu que Shang Yong estava passando cada vez mais tempo sozinho no quarto. Ele sempre se preocupara com Shang desde que era um menino. Shang ficou viciado em jogos de computador, vivendo num mundo de satisfação imediata e certeza absoluta, um mundo em que a moralidade e a humanidade são irrelevantes. Meu tio percebeu que Shang tinha se transformado de jogador diante de uma tela em jogador dentro do próprio jogo, parte dele.

- Crianças zumbis que mal distinguem a realidade da fantasia - murmurou Costas. - Que crescem e fazem fortuna e pensam que podem dar aquele passo extra que o menino que mora no porão não pode, e entram na tela, num mundo que eles acham que podem controlar completamente, de uma maneira que nunca podem controlar a realidade.

Katya concordou com a cabeça. - Exatamente. Na mente de Shang, aquilo era uma extensão do conceito de *wu di*, a mistura dos mundos da vida e da morte que viria com a era da luz, com a jóia celestial. Era como se ele já tivesse achado um portal para aquele outro mundo. Meu tio sabia que os

poderes da jóia podiam significar somente uma invenção do mito, mas para Shang Yong eles ainda podiam ter uma potência aterradora. Se ele acreditava que a jóia era a chave final para sua apoteose, para alguma espécie de fusão com o primeiro imperador, isso poderia impeli-lo para uma megalomania terrificante. Foi isso que mais amedrontou meu tio. A partir daí ele decidiu manter em segredo sua pesquisa, sem a revelar para a fraternidade, e tentar descobrir a jóia ele mesmo.

- Mas Shang já sabia - murmurou Jack. - Seu tio só sobreviveria até que o levasse para o lugar onde ele achava que a joia estava escondida.

- Então, quem você acha que é o sujeito que está nos seguindo de perto? - perguntou Costas.

Katya o encarou. - Você me contou o que o *Kóya* havia visto na selva - ela respondeu. - Sete homens da INTACON entraram, uma pessoa saiu, armada com um rifle provido de luneta. Ele era o iniciado. O assassinato de meu tio era seu teste. Ele se tornou então membro da fraternidade. Segundo a tradição, quando um membro da fraternidade se desvia do rumo certo, ele e sua família imediata (parentes em primeiro grau) são eliminados. Sua substituição entre os doze recai sobre um membro de outra família do mesmo clã, escolhido por sua coragem de guerreiro pelos outros onze membros da fraternidade.

-E esse novo membro é o guerreiro tigre - disse Jack baixinho.

- Uma versão distorcida. Um psicopata. E ele tem uma especialidade particular. A avó dele era uma cazaque, também francoatiradora do Exército Vermelho cazaque durante a Segunda Guerra Mundial, uma dessas pessoas que marcam com giz o número de suas matanças. Ele aprendeu tudo com ela. Ele é profissional, aperfeiçoou sua arte na Bósnia, na Chechênia, na África. O número de suas matanças deve exceder o de sua avó agora. Ele usa o velho Mosin-Nagant que roubou dela.

- O rifle de um francoatirador é como o pincel favorito de um artista - murmurou Jack. - Um antigo rifle de ação com ferrolho pode matar tão bem quanto o mais recente Barrett.

- Uma pergunta - disse Costas. - Sua família tem feito parte disso desde o tempo do primeiro imperador. Sessenta e seis gerações. Como vamos saber se você não é um dos sujeitos maus?

Katya lhe lançou um olhar sinistro. - Porque eles assassinaram meu tio. Porque não há outros membros em minha família. Por causa de uma promessa que meus antepassados fizeram mais de dois mil anos atrás. É porque a crença de Shang Yong não tem nada a ver com aquela história. É uma abominação. E porque ele tentará me matar — a todos nós — assim que o conduzirmos até a jóia.

- Assim como a esse vale para onde estamos indo - disse Costas, olhando para Jack. - Parece ser uma ruela de francoatiradores. Nós temos alguma proteção da OTAN ou dos Estados Unidos?

- Você poderia ter um batalhão de forças especiais vasculhando os declives lá em cima, que eles não iam descobrir um franco-atirador tão bom - Jack respondeu.

Pradesh, que estava escutando sem dizer nada, olhou para Costas e disse: - Jack e eu conversamos sobre isso. Se estamos querendo ajuda para caçar um homem com um rifle estamos no lugar errado. Aqui em cima estão alguns dos chefes locais que são fortes o suficiente para se confrontar com os próprios talibans. Os comandos nos Estados Unidos e OTAN sabem que o melhor é não mexer com eles, para não se tornar inimigo deles também. Quando estavam no poder, os talibans, em seu caminho para cá, assassinaram e estupraram, e os afegãos ainda vão se lembrar disso por muito tempo. De modo que só vamos conseguir ajuda limitada ou evacuação médica, em caso de necessidade. Depois que atravessarmos a base aérea de ISAF em Feyzabad, ficaremos por nossa própria conta até encontrarmos um ex-combatente árabe que Altamaty conhece, que é o chefe militar local. Assim, vamos ter que enfrentar situações difíceis em um par de aldeias nas quais pode haver talibans infiltrados, e sempre há a possibilidade de toparmos com homens-bomba suicidas. Mas se Altamaty realmente pode conseguir que o chefe militar fique do nosso lado, isso é um grande avanço.

- Qual é nossa história de cobertura? - perguntou Costas. - Eles não vão todos supor que somos da CIA ou algo parecido?

- Uma equipe de filmagem - respondeu Jack. - Estamos seguindo a exploração realizada por John Wood em 1836, em busca da nascente do rio Oxus. Temos até o velho livro danificado para comprovar a autenticidade.

- Soa como um projeto de sonho seu, Jack - disse Katya.



- Um dia - disse Jack, lançando-lhe um sorriso. - Eu amaria fazer isso. Quando a luta terminar.

Costa investigava o mapa. - Como se chama mesmo o lugar onde estão as minas?

- O vale do Corão - disse Jack.

A aeronave virou à esquerda, e eles ouviram o barulho do trem de pouso baixando. Altamaty estava olhando para fora da janela, mas se voltou quando Jack falou, ouvindo o que ele dizia. Olhou para Katya e disse suavemente: - *Agur janub doshukh na-kham buro, zinaar murrow ba janub tungee Koran.*

Costa voltou-se para ela. - Significando?

Ela lhe lançou um olhar de aço. - É pashtun. Algo que Altamaty aprendeu quando foi capturado pelo combatente árabe aqui em cima. *Se você não quiser ir para destruição, evite o vale estreito do Corão.*

O avião pousou na pista. - Perfeito - murmurou Costas. - Outra escolha apaixonante para as férias.

# Capítulo 17

**Afganistão, 22 de setembro de 1908**

Os dois homens saltaram e caíram rolando pela pilha de lascas de pedra que quase encobriam a entrada para a mina, procurando desesperadamente onde pudessem se agarrar e chutando o acúmulo de pedras para achar algum ponto de apoio. Pararam, deitados um ao lado do outro perto da parte mais baixa da pilha. Ainda podiam ver a entrada da mina, o céu cinzento do lado de fora, uma ligeira luz no topo do monte situado a uma distância de um tiro de pistola. Para além deles, o poço continuava numa escuridão de breu. A mais de 3.700 metros de altitude o ar era rarefeito, e eles arquejavam e tossiam dentro da cortina de poeira que se levantara quando rolaram pelo declive. John Howard virou a cabeça para a figura ao seu lado, então piscou com dificuldade e examinou a parede do poço da mina. Ele podia ver marcas de picaretas por toda parte na pedra. Um feixe de luz da entrada iluminava o teto. Não havia nenhuma dúvida. Listras azuis, salpicadas de dourado. Ele começou a rir, ou chorar, não sabia, depois tossiu de modo penoso. - Robert - ele sussurrou. - Você viu? É lazurite.

- Recolhi há pouco um espécime. - Howard sentiu alívio ao ouvir a voz de Wauchope, o sotaque irlandês com o som anasalado americano ainda forte apesar de todos os anos que passara no serviço britânico. Na briga desesperada que houve do lado de fora, ele se perguntara se a ouviria novamente. Piscou com dificuldade e tentou avaliar a situação. Estava deitado de bruços, os membros estendidos e separados, as mãos para a frente, a mão direita ainda segurando o velho revólver Colt que tinha atirado alguns momentos antes, com um fio de fumaça ainda saindo do cano. Sua mão esquerda estava fechada em punho, agarrada em volta do antigo tubo de bambu, de dez polegadas de comprimento, enegrecido e brilhante por causa da idade. Eles haviam ficado com ele para ler o papiro que trazia dentro, imediatamente antes que fossem atacados, depois de terem escondido as mochilas no chão do vale, e ele conservara o tubo apertado contra si durante

a subida desesperada para esse lugar, buscando caminhos que o cavalo do perseguidor não pudesse transpor.

Wauchope rolou e foi para o lado dele. Howard o observava enquanto ele abria seu revólver Webley, jogava fora os cartuchos gastos e recarregava, tirando cartuchos de uma cartucheira no cinto, olhando para a entrada do túnel enquanto fazia isso. Pôs o revólver de lado e apanhou algo na mão esquerda. Era um fragmento de pedra azul. Desajeitadamente, com a outra mão procurou alguma coisa dentro de uma pequena bolsa de couro pendurada em seu pescoço, enquanto se erguia sobre um cotovelo, estremeando ao bater na pedra. Tirou um velho monóculo arranhado da bolsa, colocou-o sobre o olho esquerdo e então esticou o pescoço, examinando o fragmento de perto. - Quando o tenente Wood veio para este lugar, setenta anos atrás, ele disse que havia três classes de pedra. - Wauchope examinou-a novamente. - Esta é de classe superior. Aquela cintilação de ouro é pirita de ferro. É o *nielo*, exatamente como Licinius a descreveu. - Tirou o monóculo e deitou-se de costas. Durante um momento tudo o que Howard podia ouvir era o som da sua própria respiração, aguda, áspera. Observava o ar expirado se cristalizar no frio ar de montanha. Wauchope girou a cabeça e olhou para ele. - Você sabe o que isso significa.

- Significa - disse Howard, - que por algum ato da providência divina, esses demônios nos perseguiram até o poço da mina certa. Wood disse que só havia um poço que produzia este tipo superior. E olhe para estas marcas de picareta, aqui na pedra acima de nós, e a fuligem da substância que usaram para quebrar a pedra. Este poço foi escavado para a obtenção de pedras durante milhares de anos.

Howard fechou os olhos. A pedra lascada sobre a qual estava deitado era denteada e implacável, mas ele parecia quase nem senti-la. Era estranho. Abriu os olhos e fixou-os em Wauchope. Os dois homens estavam praticamente irreconhecíveis, completamente diferentes de como eram três meses antes, quando tinham partido uma noite de Quetta e tomado o caminho em direção à Passagem de Bolan, desaparecendo nas terras selvagens do Afeganistão. E agora ali estavam eles, trinta anos depois que haviam escapado do santuário na selva, com o rosto chamuscado pelo sol e sulcado como vales de montanhas, homens velhos açoitados pelo clima, com barba cinzenta e emaranhada. Usavam turbante, impregnado de poeira, e pesado

casaco afegão de pele de carneiro amarrado na cintura, forrado de lã para proteção contra o frio muito forte que começara a circular pelas montanhas em sua traiçoeira aproximação das minas. Sob o colarinho virado para cima de Wauchope, Howard podia ver o cinturão de couro a tiracolo e o cáqui de seu uniforme, com a insígnia de coronel e a coroa visíveis em um ombro. Estavam ambos oficialmente aposentados, mas sabiam que seriam tratados como espiões pelos afegãos se estivessem sem uniforme e sofreriam um destino pior que a morte. Durante trinta e cinco anos haviam sido oficiais do Corpo de Engenheiros Reais, e parecia ser a coisa mais natural que se vestissem, em sua grande aventura final juntos, com os uniformes que haviam usado durante toda a sua vida adulta.

Howard captou o olhar de Wauchope. Ambos sorriram e depois começaram a tremer, rindo descontroladamente. Eles tinham conseguido. De repente Howard tossiu e cuspiu sangue em cima das pedras.

- Meu Deus, homem - disse Wauchope, endireitando-se e inclinando-se sobre de Howard. - Você está ferido!

- Levei um estocada de espada. - Howard engoliu com dificuldade, provando o sabor do sangue. - Do cavaleiro que veio atrás de nós no rastro. Aquele com a máscara de tigre. Exatamente quando estávamos subindo com dificuldade naquela pedra no caminho para cá. Nas minhas costas. Do lado esquerdo.

Howard sentiu Wauchope desamarrar seu casaco de pele de carneiro. Ele tirou o tubo de bambu da mão esquerda de Howard, colocando-o cuidadosamente nas pedras, e tirou o braço do amigo da manga. - Faça isso gentilmente. - Ele ergueu o casaco e sentiu a umidade do lado esquerdo de Howard, embaixo. Recolocou o casaco, comprimindo-o cuidadosamente sob as costas, e repôs o braço na manga, deitando-o suavemente sobre as pedras em sua posição original. Pôs a mão no ombro direito de Howard, que sentiu a tensão em seus dedos.

- É ruim, não é? - ele disse baixinho.

- A espada não acertou o fígado, isso é certo. Pode ter entrado na cavidade pleural, abaixo do pulmão. Eu vi alguns homens se recuperarem rapidamente de um ferimento assim e ficarem novamente ativos em pouco tempo.

- Ela entrou no pulmão, Robert. O sangue é espumoso. Minha respiração está ficando mais curta.

Howard viu Wauchope se ajoelhar, olhar intensamente para a entrada da caverna, respirar profundamente, depois desamarrar o cinto e livrar-se de seu casaco. Ajustou o cinturão, deslizou o coldre para a posição correta e escovou a parte da frente da túnica. Howard fechou os olhos. *Então era isso.*

- Nós sabemos que a joia está em algum lugar aqui. Sabemos o que estamos procurando. - Wauchope levantou a cabeça para a escuridão atrás deles.

- Eles também sabem.

- Eles não sabem em qual entrada da mina nos escondemos. Quando esvaziei meu revólver neles, eles caíram para trás. Isso nos deu algum tempo. E quando nos acharem, não vão saber que este é o poço bom. Não saberão que aconteceu de termos nos deparado precisamente com o poço que estávamos procurando. O lugar onde Licinius escondeu a jóia dois mil anos atrás.

- Eles procurarão em todos os poços. Eles nos acharão, depois acharão a jóia.

*A jóia.* Howard sentia o sangue bem no alto da garganta. Sentia como se estivesse se afogando lentamente. *Não vou mostrar medo.* Olhou para o antigo cilindro de bambu que Wauchope tinha colocado na pedra ao lado dele. O *vélpu*, a relíquia sagrada que eles haviam tirado do santuário na selva quase trinta anos atrás, a garantia de sua passagem segura para fora do inferno naquele dia escuro, estava tão gravado na consciência de Howard que era como se tivesse sido no dia anterior. Howard guardara a lembrança junto com a luva de punho largo e comprido em forma de cabeça de tigre, a forma que reaparecera de maneira tão aterradora no braço de seu perseguidor apenas algumas horas atrás. Eles haviam adivinhado que estavam sendo seguidos, mas seu inimigo só agira na área do vale, assim que alcançaram as lendárias minas de lápis-lazúli de Sar-e-Sang. Howard tinha visto o medonho guerreiro montado que conduzira as tropas de homens armados vale acima atrás deles, mascarado como um dragão-tigre; vislumbrou *o flash* de ouro em seu pulso quando ele tirou a grande espada

de punho largo e comprido, com a forma de cabeça de tigre, exatamente como aquela que ele havia retirado da tumba na selva.

Ele não tinha a luva consigo, mas haviam trazido o *vélpu* por causa de seu conteúdo. Dez anos depois da fuga da selva, seus caminhos tinham se cruzado novamente na Escola de Engenharia do Exército em Chatham, e uma noite eles se fecharam na biblioteca e abriram o tubo de bambu. O que eles acharam não era um ídolo, nem um deus, mas um rolo de papiro antigo, papel feito com palha de cana prensada que Howard reconheceu de suas visitas quando menino ao Museu Britânico. - Papiro egípcio, na selva ao sul da Índia. - Isso fora algo bastante incrível. Mas havia escrita nele, palavras que Wauchope reconheceu como sendo de estilo idêntico às outras que ele vislumbrara esculpidas na tumba do santuário na selva. *Hic iacet Licinius, optio XV Apollinaris. Sacra iulium sacularia.* (Aqui jaz Licinius, suboficial da Décima Quinta Legião de Apolinário. Guardião da joia celestial.) A inscrição no papiro era mais longa, e o que dizia era surpreendente, as palavras ficaram gravadas desde então na mente de Howard.

Eles haviam usado seu conhecimento de latim para decifrar a mensagem, curvados juntos à luz de vela. Eram palavras que levaram Howard de volta aos seus sonhos de juventude, sonhos de grandes aventuras. Elas pareciam tirá-lo da escuridão que tinha envolvido sua alma desde aquele dia na selva, dando-lhe uma meta a aspirar, que não fosse a redenção por uma ação que ele nem sabia se havia praticado, mas que permanecera espreitando abaixo de sua consciência em cada momento de sua vida desde que apertara aquele gatilho no navio a vapor no rio. O pequeno menino *Kóya*, o menino que chorava, que ele não conseguira deixar que sofresse, quando seu próprio filho gritava por ele em suas horas derradeiras. Ali, naquele poço de mina, ao término de sua jornada, ele olhou para Wauchope e sussurrou as palavras finais da passagem que eles haviam lido pela primeira vez naquela noite: - *Cave tigris bellator.* Tome cuidado com o guerreiro tigre.

Howard se sentia tonto. Engoliu novamente e sentiu o sangue escorrer pela garganta. Ele vira a tatuagem no braço do cavaleiro, o dragão-tigre rosnando, enquanto o homem tropejava para eles no vale abaixo. De alguma maneira, aqueles que haviam conduzido Licinius para esse esconderijo na selva dois mil anos antes ainda estavam vivos, vigiando qualquer um que se arriscasse a seguir o rastro, buscando o que Licinius havia encontrado e

escondido em outro lugar. Howard atormentara seu cérebro enquanto eles subiam a encosta da montanha, perguntando-se como eles podiam ter sido descobertos. Em Quetta, nas preparações que haviam feito, eles planejaram deixar que as pessoas soubessem que sua intenção era apenas para refazer a expedição de Wood para encontrar a nascente do rio Oxus, acima do vale do Panjshir, no norte do Afeganistão. Eles haviam se aconselhado com o explorador Aurel Stein, mas não revelaram sua verdadeira intenção. Stein pensou que eles fossem uns suicidas, por querer ir ao Indo Kush sem carregadores ou guias, mas lhes desejou boa viagem. Eles formavam um par de velhos coronéis excêntricos engajados numa aventura final, segundo a melhor tradição britânica.

Então Howard se lembrou. Anos antes, quando voltara para a Inglaterra depois do serviço com os Sapadores de Madras. Quando ele tentou afastar Helen do luto pelo pequeno Edward, tentando lhes proporcionar uma vida nova. Ele havia sido recentemente promovido a capitão e ensinava Levantamento Topográfico na Escola de Engenharia Militar. Tinha dado uma conferência no Instituto Real de Serviços Unidos em Londres sobre as antiguidades romanas no sul Índia, sua paixão desde a juventude, quando colecionava moedas romanas de ouro e prata que o pai e os tios compravam para ele nos bazares de Madras e Bangalore. Ele havia mencionado um rumor, nada mais, de um templo numa caverna que continha esculturas que pareciam romanas, cenas de batalha. Ele queria mostrar que no sul da Índia podia ter havido soldados romanos, assim como comerciantes. Era uma possibilidade fora do comum. Tinha sido uma descoberta extraordinária.

Mas havia deixado que o entusiasmo tomasse conta dele. Percebia agora que havia desejado que algo bom resultasse daquela experiência na rebelião que tanto o assombrara, e ficara de guarda baixa. Não tinha dito nada além disso, não indicara nada sobre nenhum local, sobre qualquer verdade por trás da história. Ele e Wauchope tinham feito um pacto de nunca revelar o que haviam achado dentro do santuário, contudo, na conferência, pode ter transparecido algo em seu entusiasmo, um brilho no olhar, uma parte reprimida que queria contar para todo mundo a descoberta que haviam feito, que pode ter revelado alguma coisa a um observador cuidadoso.

Depois, um funcionário da embaixada imperial chinesa tinha subido para felicitá-lo e saber de suas fontes. Howard educadamente declinou fornecer qualquer informação, repetindo que se tratava apenas de um rumor.

Isso acontecera mais de vinte anos atrás. Será que ele tinha sido seguido, observado, para descobrir qualquer coisa incomum, qualquer coisa que pudesse revelar o que ele sabia? O *vélpu* de bambu tinha ficado escondido em um quarto fechado na escola em Chatham, no meio de uma desordem enorme de artefatos exóticos deixados lá por oficiais durante décadas. Howard tinha sido o curador, e só ele tinha a chave. Era impossível que outra pessoa pudesse ter tido conhecimento disso. Então pensou naqueles que o tinham servido durante os anos. Somente um havia estado com ele ao longo de todo o tempo, o fiel Huang-li, do Tibete, o sobrinho neto da aia adorada de sua infância. Huang-li tinha ido com ele de Bangalore para Chatham e depois novamente para seu posto na Índia depois que seus filhos cresceram. Huang-li sempre mantivera amigos orientais, trabalhadores indianos ou chineses, marinheiros, homens com os quais se encontrava à noite em espeluncas onde se vendia ópio, mas Howard sempre ignorara isso, achando que era melhor tolerar as sociedades secretas e os rituais do que proibi-los. Huang-li havia estado lá antes que eles partissem, guardando comida nas mochilas em Quetta, acenando para eles quando se puseram a caminho, subindo em direção à Passagem de Bolan. Ele estava animado, algo um tanto estranho num homem que talvez estivesse vendo o patrão pela última vez. Havia arrumado suas mochilas com mais coisas do que precisavam, medicinas chinesas, remédios, herbários, pacotes que eles acabaram descartando rapidamente. Huang-li tinha feito tudo o que podia para assegurar que eles permanecessem vivos até que chegassem a seu destino. Aquilo parecia um comportamento correto num criado fiel, e Howard ficou tocado. Mas agora ele voltou a pensar nisso. Mantê-los vivos até que chegassem a seu destino, pois assim eles poderiam conduzir outros para o mesmo lugar. *Poderia ser?*

Howard tossiu. Isso já não tinha importância. Ele tentou mover a cabeça e de repente teve ânsia, vindo-lhe à boca um bocado de sangue espumoso, que tentou engolir. Ele sentia uma dor lancinante. Huang-li havia empacotado um pouco de láudano, e ele desejou tê-lo consigo agora. Wauchope se inclinou sobre ele, segurando sua cabeça. Howard olhou para ele. - Ainda não estou morrendo - ele sussurrou com voz rouca. - Nós ainda temos que achar aquela jóia.

Wauchope virou a cabeça novamente para a escuridão do poço. - Está em algum lugar por aqui. Tenho certeza disso.



- E agora a outra joia. A joia levada pelo outro romano mencionado na inscrição, Fabius.

- Uma coisa de cada vez, meu velho.

Howard fez uma careta. - Imortalidade. A joia celestial diz respeito a isso, não é? Nós poderíamos arranjar uma dose dela agora.

Wauchope olhou para a entrada, esquadrinhando-a ansiosamente, e de novo para Howard. - Talvez no fim, na selva, Licinius também tenha sentido isso. Eu me perguntei que tipo de homem ele era. Se podemos nos espelhar nele. As vezes, esse me pareceu ser o único modo de penetrar nesse caminho misterioso em que nos encontramos. Todas as pistas, a inscrição na tumba, a mensagem no *vélpu*, a geografia que nós compusemos durante anos, tudo isso acrescenta muito pouco se não se tentar conhecer o homem por trás de tudo.

Howard deu um sorriso fraco. Ele tossiu e engoliu, tomou fôlego por um momento para se acalmar, então continuou falando, e sua voz era pouco mais que um murmúrio. - Você se lembra da escultura que nós vimos na parede de caverna, a mulher com a criança? Buscar a imortalidade teria sido buscá-la onde a perda e a dor também estão lá para sempre. E de que adianta, se todos aqueles que você amou se foram antes e se você esgotou todo o seu reservatório de amor? Acho que ele teve sua chance com a mortalidade. Talvez o Elísio fosse uma melhor aposta, afinal.

- Então o que estamos fazendo aqui? Você e eu? Neste lugar?

- A mesma coisa que impeliu Licinius e Fabius. Talvez eles estivessem realmente buscando o Elísio, buscando a morte com glória, não a imortalidade. Talvez o engodo de imortalidade só os tenha surpreendido por acaso ao longo do caminho. Talvez Licinius só tenha compreendido isso depois que Fabius partiu, quando Licinius enveredou para o sul. Talvez ele estivesse com o homem que trouxe as duas jóias do Leste, quem sabe um comerciante que eles haviam roubado e escravizado, usado como guia. Se os romanos tiveram conhecimento disso antes, é difícil entender por que Licinius e Fabius se afastaram e separaram as jóias.

- Talvez os deuses não quisessem que o gênero humano achasse o segredo da imortalidade.

- Talvez os deuses levem em conta nossos melhores interesses.

- Você ainda não respondeu à minha pergunta. O que nós estamos fazendo aqui? - Wauchope estava olhando atentamente para ele, com os olhos cheios de preocupação. Howard sabia que Wauchope estava tentando mantê-lo vivo, consciente, impregnando-se com a última gota da amizade deles, apreciando tudo o que pudesse nesses momentos. Ele devolveu o olhar. - Nós estamos aqui pela mesma razão que levou aqueles romanos a fazer sua última grande viagem. Você se lembra da inscrição que vimos no santuário na selva há tantos anos?

- Décima Quinta Apollinaris. Pela glória da legião. Eles estavam marchando ao lado dos mortos de sua legião, seguindo-os de perto, buscando o truque do destino que os impeliria para o outro lado, a morte com glória. Estavam fazendo o que haviam sido treinados a fazer. Eram soldados. Talvez seja por isso que estamos aqui. Pela glória de nossa legião, o Corpo de Engenheiros Reais. Por todos aqueles que se foram antes de nós, por todos os que caíram. "Ubique".

- "Ubique", Wauchope repetiu suavemente. - Dito como um verdadeiro sapador.

A visão de Howard tinha se tornado um túnel, com as extremidades escuras e borradas.

Tudo o que ele conseguia ver era a barba e a cabeça coberta por um turbante de Wauchope, como se ela fosse um velho retrato cor de sépia numa moldura. Howard parecia estar levitando e ter sido picado por mil alfinetes e agulhas, um sentimento não desagradável. Ele sentia que devia tentar se mover, mas se perguntava se havia ficado preso num sonho, no qual um movimento quebraria o feitiço. Se ele ficasse imóvel, a qualquer momento poderia se erguer e caminhar por aquele túnel em direção à luz. - Robert - ele murmurou. - Não estou conseguindo mais enxergar direito.

Wauchope apertou a mão de Howard e a manteve assim. Houve uma comoção súbita na entrada. Um som de relincho, de patas de animais batendo no chão. Ambos olharam para cima, para o declive rochoso. Uma expiração morna, densa, soprou lá dentro, inspirada do ar montanhês lá de fora e lançada na direção deles, como um golpe da respiração de um dragão contra o brilho da pedra. Eles ouviram mais resfôlegos, barulho de patas de animais, seus olhos foram se acostumando com a luz, e eles viram a silhueta de um cavalo delineada contra o sol vermelho, tão quente que parecia fazer

que o suor brilhasse como sangue quando ele sacudiu sua crina, borrifando manchas de vermelho no ar. Montava-o a figura com a assustadora máscara de tigre, os quadris cobertos com lâminas de armadura, a grande espada com a manopla larga e comprida flamejando contra o céu, listrado de vermelho com sangue recentemente congelado. *Meu sangue*. O coração de Howard disparou, enquanto sua boca espumava. Soou ma batida de tambor, lenta e insistente, que foi ficando mais alta, subindo pelo declive em direção a eles.

- Aquele cavalo não entrará aqui - disse Wauchope. - Mas os outros logo estarão em cima de nós, os que nos seguiam a pé. Ainda temos alguns minutos.

Howard estendeu a mão esquerda e apertou com força os dedos de Wauchope, olhando firme para ele. - Eu fiz algo de bom, Robert? Eu construí canais, pontes e estradas. Eu lhes mostrei como mapear a terra. Eu fiz algo de bom?

- Você construiu uma família. Você foi um pai amoroso. Não há coisa melhor que um homem possa fazer.

O rosto de Howard perdera o vigor. - Meu filho Edward. Meu menino. Eu nunca devia tê-lo deixado em Bangalore. Devia estar junto dele no final.

- Você era um oficial sapador, e estava cumprindo seu dever para com a rainha.

- Dever? Na selva? O que estávamos fazendo lá?

Wauchope agarrou a mão de Howard. - Você se lembra do nosso amigo dr. Walker? Ele relatou a terrível febre da selva que dizimou nossos homens para o cirurgião chefe Ross, e ele veio para a selva para ver por si mesmo. Se você não tivesse contado para Walker sua teoria sobre os mosquitos e a febre, isso poderia nunca ter acontecido. *Sir* Ronald Ross, o vencedor do Prêmio Nobel de medicina. Eliminar aquela rebelião foi uma tarefa ingrata, mas dela brotou algo para o bem comum.

- O bem comum. - Howard tossiu e engoliu com dificuldade. - O *Kóya* já era imune à febre. Nós matamos grande número deles. Queimamos suas aldeias. As estradas que tracei com meus sapadores ainda estão lá, inacabadas, cobertas pelo mato. As poucas que terminamos só trouxeram agiotas, negociantes de ópio, doenças. Nós estávamos lá porque o governo tentou extorquir mais algumas rupias dos *Kóya*, e nós falhamos porque o

governo não podia ser incomodado por causa de um lugar improdutivo. Praticamos grandes feitos com ideais elevados, Robert, mas esses não eram os ideais dos nativos, e isso influenciou minha vida.

- Howard, de repente, foi tomado por convulsões, sufocado pela tosse. Escorria sangue de seu queixo, e ele apertou o ferimento úmido em seu flanco, o sangue borbulhava para fora do pulmão. Ele olhou Wauchope nos olhos, com o rosto cinzento. Sua voz era um sussurro. - Não posso mais sentir minhas pernas, Robert.

A batida de tambor ficou mais alta. Wauchope pôs a mão no ombro de Howard, e se inclinou para ele, limpando o sangue de sua boca com a manga. - Fique firme, meu velho.

Howard agarrou a mão de Wauchope. - Ache a joia, vai fazer isso? Leve-a para a selva, para os *Kóya*. E devolva o *vélpu* sagrado deles. Nós lhes devemos isso. - A voz dele estava arrastada. Tossiu novamente e então sussurrou - Volte para o santuário e ponha-o na tumba dele.

Wauchope apertou a mão de Howard. - Uma coisa de cada vez, meu velho, preciso de você para me ajudar a levantar a tampa.

- Olhe debaixo do caixão, - murmurou Howard. - Deve haver um buraco do tamanho certo para aquele tubo. Licinius era um pedreiro, você lembra? Um sarcófago romano sempre tem um buraco, para deixar sair os eflúvios da decomposição. Deixar a alma voar livremente.

- Sempre disse que você deveria ter sido um arqueólogo - Wauchope respondeu.

Howard forçou um sorriso, mostrando os dentes brilhantes de sangue. - Nós empreendemos uma grande aventura, não foi?

- Realmente. - Wauchope apanhou o tubo de bambu com a mão esquerda, envolvendo-o nos dedos até quase se tocarem, depois estendeu a mão direita e apanhou seu Webley. - E ainda não terminou. - Ele apontou para a pistola na mão de Howard onde ela ficara depois que ele caiu.

- Sobrou alguma bala?

- Duas.

- Não posso acreditar que você ainda usa essa coisa velha. Um revólver Cap & Ball. Hoje em dia e com essa idade. Você realmente deveria

adquirir um revólver de cartucho.

- Foi o que você me disse na selva trinta anos atrás. Consegui evitar dar um tiro com raiva desde então. E tem me servido bem.

- Somente enquanto se mantém a pólvora seca.

- Um soldado sempre cuida de sua arma, Robert.

- Você ainda é um soldado. O melhor.

- Mas não sempre - murmurou Howard, - um cavaleiro numa armadura lustrosa.

- Sentiu-se bem? Quero dizer, em atirar novamente com raiva? Justamente agora?

- Sempre gostei do cheiro de pólvora.

- Bem, então vejamos se podemos compensar o tempo perdido. Devemos?

Hann til Ragnaroks.

- O que disse?

Howard ergueu a mão esquerda. Os dedos estavam curvados, como se ele ainda estivesse segurando o bambu, mas ele não conseguia senti-los. A voz dele era suave, quase um sussurro. - Olhe para o anel de sinete. A insígnia da família, com a âncora. E feito de prata *viking*, levada para a Inglaterra por meus antepassados escandinavos. *Hann til Ragnaroks* era o lema deles. Significa "Até que nos encontremos em Ragnaroks", no Valhalla<sup>{19}</sup>.

- Como você sabe disso? - perguntou Wauchope.

Howard conseguiu dar um leve sorriso. - História familiar. Foi sempre uma paixão. Não espere, entretanto, que ela vá passar adiante. Ninguém mais está interessado. Mas pelo menos eu sei o que dizer, quando chegar lá, àqueles que se foram antes.

- Bem, serei amaldiçoado se for para o Valhalla sem uma briga, Wauchope disse. - Venha.

- Minha mão, Robert - sussurrou Howard. - Você viu? Ela parou de tremer. Tremeu todos estes anos, desde a selva. Desde que apertei aquele gatilho. Agora não posso mais senti-la.

Wauchope estendeu a mão e armou o cão do Colt de Howard, colocando sua mão flácida ao redor do gatilho. - Eu vou recuar. Sua tarefa é atirar em qualquer coisa que aparecer na entrada do poço.

- Está certo. - A voz de Howard soava pouco audível. - Soldado primeiro, engenheiro em segundo.

Quofas et Gloria ducunt. Nós somos soldados.

- Guerreiros - sussurrou Howard. - Cavaleiros.

O que você disse? *Hann til Ragnaroks*.

- *Hann til Ragnaroks*. - Howard sussurrou as palavras, depois respirou com um som áspero, vomitando mais sangue, e apertou o braço de Wauchope. Ele estava tremendo novamente, e sua respiração era fraca. - Eu fiz aquilo? - ele sussurrou. - Na selva? Eu fiz aquilo? Atirei naquele menininho? - Ele ergueu o olhar de maneira suplicante, mas já não podia ver Wauchope. Tudo o que via agora era a impressão de luz no final da caverna, e a aura de azul da pedra que a cercava. Wauchope segurou a mão dele e a apertou, depois procurou na túnica de Howard, no lugar em que sabia que ela estava, e tirou de lá uma fotografia desbotada de uma jovem mulher segurando um bebê. Colocou-a na mão encharcada de sangue de Howard e pôs sua própria mão ao redor dela. Howard estava chorando, as lágrimas fluindo de seus olhos cegos, chorando pela primeira vez. - Eu posso vê-lo - ele sussurrou. - O querido Edward. - Ele os viu descendo o túnel em sua direção, vindo da luz, a mulher e o menino. O menino correu à frente, atirando-se em seus braços, e ele o segurou alto, rindo, chorando com alegria. Wauchope se inclinou e o beijou na testa, depois se colocou de joelhos, cambaleando para ficar em pé, o Webley pendendo de uma mão e o tubo de bambu da outra. A silhueta desaparecera, e tudo o que Howard podia ver era uma luz ofuscante, como o sol nascente que fazia desaparecer tudo o mais em seu feixe de luz. O azul nas paredes se iluminou e canalizou a luz para fora novamente, um fluxo de energia que parecia pô-lo em pé e levá-lo adiante. Então ele ouviu novamente os tambores, mais perto agora, reverberando pela caverna, e sentiu o vento que vinha de fora, afiadas estocadas de vento que pareciam perfurá-lo como flechas, e tudo desapareceu.

## Capítulo 18

Jack se sentia livre enquanto se deixava cair através da água, de pernas e braços abertos, com o peso do corpo levando-o para baixo. No princípio achara difícil descer a uma profundidade onde já não podia flutuar, e então forçou o ar restante nos pulmões para a boca, usando esse procedimento para equilibrar a pressão nos ouvidos. Ele já estava conseguindo provar a água agora, estava fresca, picante, com um resquício de sal. Podia ver o fundo do lago abaixo dele, cinzento e nivelado, não ondulado como no mar. Viu a forma que o atraía para baixo, o contorno de um barco antigo que estava meio enterrado no sedimento. Dentro dele havia um brilho verde pulsando, como se alguém tivesse deixado cair no fundo uma luz estroboscópica. Ele se deixou cair na direção da luz, depois estendeu o braço, enfiou-o na lama e agarrou o objeto. Ele o tirou e o segurou no alto. Era uma jóia brilhante, uma olivina verde, peridoto de uma ilha distante do Egito. Sentiu o calor que vinha dela, o brilho espalhando-se pelo seu corpo. Sentiu-se repentinamente sonolento, pesado e atraído para ela, era como se ele tivesse encontrado o que vinha procurando por toda a vida, e não havia nenhuma outra parte aonde ir, e tudo o que ele queria era deixar que o sedimento o envolvesse e dormir para sempre. Mas ele voltou à vida com um solavanco, o coração batendo. Teve que voltar para a superfície. Havia algo mais precioso lá. Deu um impulso para cima, com a jóia na mão, e movimentou as pernas com força, batendo com os pés-de-pato em direção à luz solar, que fluía de cima. *Estou tranquilo. Sou forte.* Ele repetiu o mantra, mas não precisava. Não havia nenhuma ânsia por oxigênio, nenhum desejo de respirar. Mas depois, quando viu o contorno do barco de mergulho acima, as figuras agitadas na lateral do barco, observando-o, sentiu o peso novamente, um formigamento que subia dos membros para o coração. A jóia, que já estava pesada no leito do lago, ficara muito mais pesada, um fardo impossível. Ele viu o rosto de Rebecca olhando atentamente para baixo, o cabelo longo flutuando na superfície da água. Tentou alcançá-la, mas a jóia estava arrastando-o para baixo. Ele abriu a boca e inspirou, absorvendo a água do lago nos pulmões, recuando, sentindo apenas um vazio terrível, sem

saber se estava chorando, as mãos estendidas para uma forma que recuava para dentro da centelha de luz do sol até desaparecer.

- Jack. Acorde. Katya e Altamaty estão voltando. - Jack sentiu uma mão sacudindo-o e despertou com um sobressalto. Ele estava sentado no assento de passageiro dianteiro do jipe, e Costas estava ao seu lado. Ouviu um som como o de papel sendo amassado e viu que estava coberto por uma manta de sobrevivência. Costas devia ter achado uma no equipamento médico do jipe. Jack sentia um formigamento nas mãos, a circulação estava voltando. Lembrou-se de como tinha sentido frio quando chegaram a esse lugar, ao amanhecer, com o orvalho ainda pesado no chão. Puxou a mão esquerda para fora da manta e olhou para o relógio. Era quase meio-dia. Estavam ali havia quase três horas, e ele devia ter dormido durante umas duas. Eles estavam concentrados no relato do tenente Wood sobre a caminhada final e árdua até a mina de lápis-lazúli, em algum lugar no vale agora diante deles. Jack se lembrava de ter fechado os olhos quando Pradesh tinha ido ferver água para o chá. Ele olhou para Costas, que estava usando um casaco do exército de um verde desbotado em cima de uma roupa de lã escura, um chapéu de pele de carneiro de um motorista de tanque, puxado para baixo e ajustado em cima da cabeça. Eles não estavam preparados para aquele frio, e tinham completado seu vestuário com aquilo que encontraram na caixa que estava na parte de trás do jipe. Jack abaixou a manta e pigarreou. - Sinto muito. Cochilei.

- Eu notei. Parecia que o motor ainda estava ligado.

- Eu não ronco.

- Claro que não.

Pradesh apareceu ao lado da porta do jipe. - Você precisava dormir. - Ele também estava usando um chapéu de pele de carneiro e um suéter verde do exército indiano. Agachou-se perto de um fogão Primus pequeno e passou uma xícara fumegante para Jack. - Bebida fresca fermentada. O melhor Darjeeling. Sempre trago alguns comigo. É uma tradição militar que herdamos de vocês britânicos e que não podemos jogar fora.

Obrigado. - Jack pegou a xícara de metal e segurou-a com as duas mãos. Ele examinou o vale à frente. As montanhas do Indo Kush subiam além, enormes recôncavos de rocha dura e acúmulo de pedras na base das montanhas, polvilhados de branco nos cumes mais próximos e um tapete de



neve nos outros, além. O vale formava uma fenda profunda que se estreitava à medida que as montanhas subiam, com um rio correndo pelos seixos. Jack ergueu os binóculos compactos que estavam pendurados em seu pescoço e olhou atentamente através deles. Pôde distinguir Katya e Altamaty descendo por um caminho que margeava a encosta do vale. Havia outra figura com eles, usando roupa afegã. Jack abaixou os binóculos e olhou para Pradesh, que acenou com a cabeça. Tudo parecia estar de acordo com o plano. Eles tinham chegado ao aeroporto de Feyzabad no norte do Afeganistão logo após amanhecer, saíram do avião e entraram direto no jipe. Jack tinha um velho amigo que administrava uma agência de ajuda em Feyzabad, e ele tinha conseguido um veículo, completo com as palavras - TELEVISÃO - pintadas no teto e nas laterais. Eles tinham optado por não chamar a atenção sobre si, para evitar qualquer tipo de recepção militar da OTAN. Havia uma equipe de reconstrução da ISAF na região, mas depois de uma conversa telefônica com o coronel dinamarquês, eles tinham decidido que não precisariam de escolta. O coronel os advertira sobre o risco. Um ataque do Taliban era possível em qualquer lugar, até mesmo ali em cima, no norte do país. Mas o líder militar local era conhecido como sendo um independente, uma pessoa decidida da antiga Aliança do Norte, alguém que eles precisavam cultivar, não provocar. O coronel lhes garantira que forneceria um helicóptero Medevac (para evacuação médica) se eles necessitassem, mas a não ser por isso eles estavam por conta própria.

Jack ergueu os binóculos novamente, esquadrinhando o declive do outro lado do vale, procurando *flashes* de reflexos, sinais de movimento entre as pedras, mas sabendo que não veria nada. Em algum lugar lá fora, num ponto distante mas de frente para eles, encontrava-se o franco-atirador, Katya tinha certeza de que ele os observara no lago no Quirguistão, e devia estar ali agora. Eles estariam a salvo enquanto seu destino fosse claro, até que eles achassem o que a fraternidade queria, mas a cada passo que dessem para se aproximar do local, ficariam mais vulneráveis, até que o franco-atirador não tivesse mais nenhum motivo para não atirar. Jack se sentia impotente e exposto, mas sabia que eles agora não tinham outra escolha senão jogar o jogo e esperar que pudessem encontrar um modo de controlar as chances. Os outros conheciam o resultado. Tudo dependia de Katya e Altamaty terem conseguido sucesso em seu objetivo durante as duas horas

em que avançaram pelo vale para fazer o reconhecimento, depois que saíram do jipe.

Pradesh dobrou o fogão e alojou-o em sua mochila. - Está na hora de "pôr a sela", rapazes.

Costa pôs as pernas para fora do jipe. - Não sei onde você consegue essas expressões, Pradesh.

- Na Escola de Engenharia do Exército dos Estados Unidos, Forte Leonard Wood, Missouri. Seis meses passados no destacamento no ano passado.

Costas parou e olhou atentamente para ele. - Realmente? Você conheceu Jim Praeder?

- Tecnologia de Submersíveis, com o suporte da Escola Naval? Fiz o curso dele lá.

Costas olhou para Jack, e ergueu o polegar para Pradesh. - Nós realmente precisamos deste sujeito. Durante muito tempo. Na equipe permanente do IMU.

Jack lançou um sorriso a Pradesh, depois saiu do jipe e parou, estirando-se. Estava usando seu próprio kit, que trouxera no avião, botas de caminhada de couro liso, um casaco de lã revestido de Goretex verde, um boné de lã azul de que gostava muito e que ganhara quando menino de um membro da equipe do capitão Cousteau. Colocou sua velha mochila cáqui de um jeito confortável, sentindo a forma do coldre lá dentro. Era reconfortante, mas eles precisaram de mais do que só armas. Ele espreitou o caminho acima e observou a figura afegã se separando de Katya e Altamaty, tomando outro caminho e desaparecendo de vista. Respirou profundamente e disse uma oração silenciosa. Altamaty estivera ali em cima vinte anos antes, e sabia aonde ir. Ele e Katya falavam *Dari*, o principal idioma do Afeganistão, e ambos conheciam o código de Pashtun. Era melhor que fossem eles a estabelecer o primeiro contato. Muitos ocidentais tinham ido para lá prometendo ajuda promissora e paz, mas levaram somente traição e morte. Jack sabia que eles já tinham um francoatirador para combater, e se estabelecessem hostilidades com o líder militar também não iam ter nenhuma chance de sair vivos do vale.

Ele voltou para o jipe e apanhou o livro *A nascente do rio Oxus*, de Wood. Abriu o velho volume no lugar onde havia um marcador de páginas e

viu as anotações enfraquecidas feitas por John Howard, seu trisavô, e depois as anotações nítidas em uma folha intercalada, feitas por Rebecca, sua própria filha. Parecia haver um fluxo entre elas, uma continuidade, e o livro parecia ter ligado as gerações. Olhou para o texto, para as palavras que estavam em sua cabeça quando adormeceu. - Depois de uma longa e penosa caminhada alcançamos o pé das montanhas de Ladjword. - Ladjword, ele sabia, era o antigo nome persa dado ao lugar onde havia minas de lápis-lazúli. Eles estavam lá agora, onde Wood estivera, no ponto mais distante a que podiam chegar de jipe, no fim da estrada. Dali em diante teriam que ir a pé, como Howard e Wauchope deviam ter feito, se é que eles realmente chegaram a esse local distante. Jack fechou o livro e o colocou na mochila. Ele pensou em Rebecca, com a equipe de mergulho no lago Issyk-Gul. Seu sonho, alguns momentos atrás, ainda era visceral, aguçado em sua mente. Ele se lembrou do que Katya dissera sobre sonhar ali, no topo do mundo. Era mais difícil distinguir os sonhos da realidade, como se você sempre estivesse a meio caminho dentro de um mundo de sonhos. Ela tinha dito que era por causa do ar rarefeito, do sono inquieto. Jack se sacudiu e se concentrou em Katya e Altamaty, enquanto eles desciam para o jipe. Estava na hora de focalizar a realidade dura.

Katya estava envolta em um casaco grosso de alpinista, mas parecia estar em seu elemento. - Muito bem. Eis o resultado. As notícias boas são que nós estabelecemos contato com o velho amigo de Altamaty.

- O combatente árabe que o capturou durante a guerra soviética? - perguntou Costas.

Katya assentiu com a cabeça. - Rahid é o nome dele, Mohamed Rahid Khan. A notícia de que estávamos a caminho já tinha passado por aqui. Ele sabia seu nome, Jack. Sabe quem você é. Sabia até que havia um quir-quiz entre nós. É assombroso como a informação passa por aqui, em um lugar quase desprovido de gente.

- Ele tem visto mais alguém? - perguntou Pradesh.

- Eu não perguntei. Ele tinha outras coisas em mente. Mais cedo, nesta manhã, o Taliban atacou uma aldeia no vale seguinte em direção ao norte. Foi um ato de vingança que data do tempo em que o Taliban estava no poder no Afeganistão, antes de 11 de setembro. Vingança contra o primo de Rahid, um professor. Vocês não querem saber os detalhes, não é? Rahid enviou

todos os seus homens com a maioria das armas, e ele próprio está partindo em menos de uma hora.

- Assim, nenhum apoio para nós afinal de contas - disse Costas.

- Poderia haver. Eu lhe contei o que Jack queria. Não lhe disse a real razão por que estamos aqui, mas ele não é bobo. Jack Howard não vem a uma zona de guerra para fazer um filme documentário. Mas essas pessoas sabem quando não é para fazer perguntas. Com o Pashtun, você fala em torno das intenções, fica dando voltas em torno dos assuntos, adivinha- -os, primeiro, um fica julgando o outro. Ele disse que há algumas pessoas que moram no vale, e sempre é possível que haja simpatizantes dos talibans. Quando há um ataque, como o desta manhã, há uma agitação geral, e a visão de qualquer estrangeiro poderia ser uma provocação. Ele disse que deveríamos continuar pelo caminho alto, evitar o vale. Quando lhe contei o que você pediu, Jack, ele perguntou se havia alguém entre nós que poderia lidar com um rifle Lee-Enfield. Eu lhe falei sobre você e os guardas florestais canadenses. Você me contou uma vez.

-Jack? -, Pradesh o chamou.

- Quando eu era adolescente - Jack respondeu. - Meu pai era pintor, e nós passamos um par de verões no Ártico canadense. Os guardas florestais fazem parte da milícia, principalmente da Innu e Inuit. Eles usam como arma o velho rifle Lee-Enfield, usam-no para caçar. E me ensinaram a atirar.

- Eles lhe ensinaram a ser um francoatirador, Jack - disse Costas. - Tenho visto isso.

- Eu nunca alegaria isso na frente de um líder militar afegão - Jack murmurou. - O Pashtun pode atirar antes de andar. De qualquer maneira, Pradesh também está familiarizado com o Lee-Enfield. Ele ainda é usado na Índia. Pradesh provavelmente atira melhor que eu.

- Você é nosso líder, Jack, e ele sabe disso - Pradesh disse. - Um comandante Pashtun só vai respeitar um líder que possa ele mesmo se encarregar da matança.

Katya olhou para Jack. - Ele está em um complexo de cavernas a cerca de vinte minutos daqui, subindo pelo declive onde nos deixou. Nós não queremos perdê-lo. Então, vamos. - Ela se virou e os conduziu de volta caminho acima. Eles contornaram um ângulo, com o vale rochoso

expandindo-se abaixo deles. Quase imediatamente se encontraram em meio a destroços, grandes fragmentos de metal torcidos, seções de fuselagem, um rotor caído como uma gigantesca flor murcha. Os fragmentos tinham uma pintura escamosa que fora antes uma camuflagem cáqui, e em dois lugares podia-se ver uma estrela vermelha desbotada. - O helicóptero Hind de Altamaty - disse Katya disse. - Aquele em que foi abatido quando tinha dezoito anos, durante a guerra soviética. Ele foi o único que se salvou. Dois outros ainda estavam vivos, mas foram mortos por Rahid.

- Você quer dizer o sujeito amigável que nós estamos prestes a encontrar? - perguntou Costa.

- Aqui em cima as coisas se passam dessa maneira - Pradesh disse. - Não se espera nenhuma clemência, e nenhuma é dada.

Jack observou Altamaty andando no meio dos destroços, os olhos do quirguiz inabaláveis, olhando à frente para além dos fragmentos espalhados pelo caminho rochoso à frente. Vindo de algum lugar distante, houve um estrondo, o som de jatos rasantes, com seu barulho ensurdecido, passando por um vale distante. Então o barulho desapareceu, eles deixaram para trás os destroços, e tudo o que podiam ver era a trilha íngreme e estreita à frente, nada mais que rocha nua e acúmulo de pedras na base dos penhascos. Era como se ali, nos limites das montanhas, o fim violento da história tivesse sido sempre apenas um transgressor ocasional, como uma maré de esforço humano varrida das planícies por um momento, mas voltando em seguida e deixando somente fragmentos de detrito e um eco desvanecido. A guerra que estava sendo empreendida agora poderia ter sido qualquer outra guerra que estivesse viva na memória, as guerras enfrentadas pelos britânicos, a guerra contra os soviéticos, guerras que surpreenderam e destruíram seu modo de vida através das planícies, mas deixaram as montanhas sem cicatrizes, quase inalteradas desde o dia em que John Wood fora para lá procurando as minas em 1836. Ali em cima, os humanos pareciam minúsculos, inconsequentes, e até mesmo o cultivo e os assentamentos dos vales davam a impressão de que podiam ser removidos num piscar de olhos. Pradesh havia dito a mesma coisa sobre a selva, sobre o rio Godavari. A selva e as montanhas eram lugares que não ofereciam nenhuma acolhida, lugares que os humanos nunca poderiam dominar.

Jack subiu o declive na frente dos outros. O caminho ficava menos óbvio à medida que se tornava mais íngreme, mas a rota era isenta dos lustrosos fragmentos de pedra, apoios para mãos, pés, por onde muitos haviam passado antes. A pedra era formada por xisto e dolomita, dura como a pedra de North Wales onde Jack aprendera a escalar. Ele apreciava isso nesse momento, movendo-se com velocidade por cima de afloramentos onde tinha que usar as mãos, desfrutando do frio, enchendo de ar os pulmões, sentindo-se limpo, revitalizado. As montanhas eram um lugar onde ele se sentia confortável, à vontade, da mesma maneira como se sentia bem debaixo d'água. Depois de aproximadamente vinte minutos, ele chegou à borda de uma saliência rochosa próxima do ápice do cume. Fez uma pausa para regularizar a respiração e ergueu o olhar. Um homem estava parado ali, à distância de alguns metros. Estava usando um turbante e uma túnica afegã, com uma grossa jaqueta de pele de carneiro por cima. Olhou fixamente para Jack com olhos verdes, penetrantes. Seu rosto era escuro e sulcado, e a barba tinha vestígios cinzentos. Jack presumiu que o homem tivesse sua idade, mas seu rosto tinha uma expressão atemporal, como as montanhas que o emolduravam. Jack subiu e lhe estendeu a mão. - Mohamed Rahid Khan. *Salaam*.

- *Salaam*, doutor Howard.

- Ouviu falar de mim?

- Nós também temos o History Channel, sabe? - disse Rahid, com um sorriso estranho. - Estive num internato na Inglaterra, antes que a guerra soviética me fizesse voltar para cá. Meu pai era ministro no antigo governo afegão. Desde seu assassinato, eu governo aqui.

- Eu sei que você não tem muito tempo. - Jack puxou a cópia do livro de Wood, *A nascente do rio Oxus*, da mochila e entregou-o a ele.

- Eu li este livro. - Rahid abriu-o com cuidado e leu silenciosamente durante um momento. - Mas nunca havia visto um com tantas anotações. Acho que você não está apenas seguindo o tenente Wood, doutor Howard. Acho que está seguindo os passos de outra pessoa.

- Dois oficiais britânicos, em 1908. Oficiais aposentados, que estavam numa busca. Um deles era meu trisavô. Nós pensamos que eles vieram para cá, para cima deste vale.

- Então nossos caminhos se cruzaram antes. Seus antepassados e os meus.

- Eu sei.

- Há um provérbio antigo sobre este vale.

- Este aqui? - Jack fez uma pausa, depois disse: - *Agur janub doshukh na-kham buro, zinaar murrow ba janub tungee Koran*. Se você deseja não ir para a destruição, evite o vale estreito do Corão.

Rahid ergueu os olhos. - Como você sabe disso?

Jack lançou a cabeça para trás. - Um amigo do Quirguistão.

Rahid observou Altamaty, que surgia no declive. - Ele se lembra bem.

- Ele lhe disse por que nós viemos?

Rahid estreitou os olhos. - Meu avô se lembrava do dia, um século atrás. Os membros de nossa tribo souberam que eles tinham vindo, e viu aqueles que perseguiam os dois viajantes subindo do vale para as minas. Depois meu avô foi lá para cima. Ele disse que tinha visto algo terrível, que os poços superiores eram assombrados, que ninguém deveria ir para lá. Só que eu era bastante valente, quando menino.

- Nós achamos que há outra pessoa aqui agora. Está nos seguindo, observando-nos. Já lá em cima, esperando.

Rahid estreitou de novo os olhos, depois olhou através do vale. - Esta terra é como minha pele. Sinto quando há animais daninhos rastejando nela. Seu inimigo é meu inimigo. *Inshallah*. Mas hoje meus homens estão em guerra. Teremos vingança.

- Seu inimigo é meu inimigo.

Rahid examinou Jack, mantendo seu olhar por um momento, então acenou com a cabeça. Enfiou a mão no casaco e retirou uma fotografia. - Você tem filhos?

Jack fez que sim com a cabeça. - Uma filha.

- Esta é minha filha. - Jack olhou para o retrato de uma menina afegã sorridente e sem véu, o cabelo preto caindo nos ombros. - Se eu não lutar com eles, um dia eles farão com minha filha o que há pouco fizeram com meu primo. Eles a chicotearão por andar sem véu. Eles irão mutilá-la por ler livros. E eles a estuprarão porque são animais.

- Estes não são homens. Eles não têm nada a ver com Alá.

Rahid franziu os lábios. - O Taliban? Al-Qaeda? Os *Wahabists* estiveram aqui desde a época dos britânicos, tentando nos incitar. Eles não têm nada a ver com o Afeganistão. E agora os recrutas deles veem do Ocidente. Eles vão para os chamados acampamentos de treinamento, são muçulmanos jovens que acham que aprenderam a atirar jogando videogame e lançando uma rajada de metralhadora numa encosta de colina enquanto cantam versos sagrados. Meninos estúpidos, meninos gordos, com olhos muito juntos. Eles até fazem insignificantes exercícios de tiro ao alvo. E morrem facilmente também.

Katya e Altamaty chegaram à borda, e Costas pulou para cima atrás deles. Ele tirou a luva e apertou a mão de Rahid, com voz ofegante. - Costas Kazantzakis.

- Ah. - Rahid se curvou ligeiramente. - O perito de submersíveis que ganhou a Cruz de Marinha.

- Jack lhe falou?

- Eu li nos jornais.

Jack lançou um olhar a Costas. - Rahid e eu estamos discutindo o Taliban. Nosso inimigo.

- Nós estamos do mesmo lado, presumo.

Os olhos de Rahid pousaram sobre Costas. - Quando um Pashtun está levando tiros, ele mata a pessoa que está atirando nele. Quando os britânicos chegaram, nós os matamos. Quando os soviéticos vieram, nós os matamos. E agora os talibans vieram, e nós os matamos.

- Mas vinte anos atrás, você poupou Altamaty - disse Costas.

- Ocasionalmente nós levamos os reféns. E ele é quirguiz, não russo. Mas talvez eu devesse tê-lo matado.

- Bem, agora é a sua chance - disse Costas.

Rahid franziu os lábios. - Não posso. Ele me trouxe a cabeça de uma ovelha.

- O quê?

- Aquela mochila, lá em cima. Quando ele veio aqui com a mulher, Katya. - Rahid apontou. Jack percebeu de repente. Isso explicava tudo. Ele



suportara o cheiro ao longo do vôo, depois no jipe. Graças a Deus eles agora não tinham tempo para ferver a cabeça. - Quando nós o capturamos durante a guerra soviética, foi isso que lhe dei para comer.

- Foi por isso que você o poupou -, disse Costas. - Quando você o capturou, você o avaliou. Soube que ele traria esta cabeça, se ele viesse novamente para cá.

Rahid olhou para Jack, e gesticulou em direção a Costas. - Eu gosto deste homem.

- É assim também na Grécia - disse Costas. - Onde os homens são homens.

- Os homens - Katya murmurou, - são tolos.

Rahid guardou a fotografia da filha. - Basta disso. Tenho que ir logo. Venham comigo. - Ele os conduziu por trás da borda para uma caverna na encosta, escondida atrás de uma confusão de pedras que pareciam ter-se acumulado ali naturalmente. Atravessaram uma porta e entraram num corredor esculpido na pedra. - Esta era uma caverna natural, então meus antepassados a cinzelaram formando um refúgio na época da primeira guerra britânica, nos anos 1840. Os homens que fizeram isto trabalharam na mina de lápis-lazúli, portanto, sabiam o que estavam fazendo. Nós vivemos aqui durante a guerra soviética. Temos nosso próprio gerador, energia solar. Os soviéticos tentaram destruir a caverna pelo ar, mas eles não tinham bombas *bunker-busting*. Tentaram inúmeras vezes um assalto por terra. Era isso que Altamaty estava fazendo aqui. Mas a encosta inteira é cheia de armadilhas projetadas para matar ou ferir gravemente as pessoas. Mesmo agora, vocês só subiram por aquele caminho e permaneceram vivos porque eu sabia que vocês estavam vindo. - Ele abriu uma porta de aço corrediça no fim do corredor, acendeu uma luz e desconectou um equipamento usado para reduzir o vapor de água no ambiente que estava pulsando num canto. - Este quarto é nosso arsenal. Meus homens levaram nossas armas modernas, mas há bastante aqui para o que vocês precisam.

Eles entraram atrás de Rahid. As paredes eram cobertas de prateleiras de madeira para armas, a maioria delas vazias, mas havia ainda várias dúzias de armas. Circulava no ar um cheiro de lubrificante de arma, e tudo estava imaculado. Jack caminhou até a prateleira mais próxima. No topo havia uma espingarda longa e ornada, antiga, de carregar pela boca, com um

extravagante cabo curvo e anéis decorativos trabalhados em metal em cima do cano. - Um *jezail* - disse Jack. - Trava de mosquete, cano sem raias, início do século 19.

Rahid olhou para ele de maneira apreciativa. - Você conhece armas.

- Uma tradição de família.

- Meus antepassados mataram com todas estas. Eles se mantinham prontos para atirar.

- Assim estou vendo. - Debaixo do *jezail* havia vários mosquetes de percussão, espingardas da Companhia das Índias Orientais similares àquela da cabine de Jack no *Seaquest II*. Abaixo delas encontravam-se meia dúzia de rifles Martini-Henry, com monograma da rainha Victoria nos receptores. Nas prateleiras do meio havia um Snider-Enfield de carregamento pela culatra, com a data 1860, visível na trava. Pradesh apontou para a extremidade da coronha. - Olhem isso - ele disse. - O disco timbrado do próprio Grupo de Sapadores e Mineiros da Rainha de Madras. Meu regimento, e o de John Howard. Ele pode ter tocado nesta arma, Jack.

- Todos estes rifles foram tirados dos britânicos - disse Rahid. - O Snider-Enfield foi recuperado no campo de batalha em Maiwand, em outubro de 1880. Era usado por um sargento britânico que lutou até a última bala, defendendo seus sapadores indianos. Seu nome era O'Connell. É esse o significado daquelas letras persas na coronha. Elas foram esculpidas por membros da tribo que encontraram o nome dele nas medalhas. Respeitamos nossos inimigos quando eles são valentes. Nós nos sentimos honrados em levar e usar as armas deles.

Pradesh olhou para Jack. - Alguns dos sapadores foram transferidos para cá da selva de Rampa, não muito tempo depois do incidente com o navio a vapor no rio. Esse sujeito pode até mesmo ter sido um dos homens de Howard.

Jack tocou a coronha do rifle, olhando o lugar onde havia um conserto cuidadoso perto da coronha, um pedaço mais escuro de madeira indiana inserido na madeira de noqueira inglesa. Ele pensou por um momento nos sapadores naquele dia em 1879 no rio Godavari, a cerca de mais de mil quilômetros deste lugar. Ele deu um passo atrás. Os restantes eram Lee-Enfields, os rifles Mark 3, com um cano menor que três polegadas, feitos

pela Ishopore, uma fábrica de armamento na Índia, como também o posterior rifle Mark 4 do Arsenal de Armas Canadense Long Branch, muitos deles renovados com mogno indiano.

- Nós ainda usamos estes - disse Rahid. - Os .303 têm um impacto maior do que as munições apropriadas ao padrão militar moderno, e o Lee-Enfield é altamente preciso, com uma capacidade notável de fogo para uma arma manual de ferrolho. Desde o tempo do *jezail*, nós fomos ensinados a matar com uma única bala. Qualquer um de meus homens com um Lee-Enfield pode dar conta de um grupo inteiro de talibans que carregam armas automáticas que não sabem usar.

- Eles não são como o sargento sapador. Eles são um inimigo que nós menosprezamos. Nós profanamos o corpo deles e destruimos suas armas.

Jack olhou novamente os rifles, parando em um com mira telescópica. - Long Branch, Número 4, Mark 1, 1943 - ele murmurou. - Foi com este rifle que aprendi a atirar. - Ele o retirou da prateleira, conferiu o comprimento da coronha, então levantou a cobertura de couro da lente ocular. - Binóculo padrão 1918, número 32, mark 1 - ele murmurou.

- 3.5 vezes de ampliação. - Ele empurrou a trava de segurança, soltou a cabeça do ferrolho, depois levou o rifle até a luz e examinou atentamente o cano da espingarda. - Está em perfeito estado

- Nós cuidamos de nossas armas - disse Rahid.

Jack recolocou o ferrolho no lugar, puxou a alça para cima e para baixo, empurrou-a para diante e para baixo a fim de armar o cão, apertou o gatilho, repetiu o processo, mas deixando o ferrolho estalar atrás, depois a empurrou adiante enquanto puxava o gatilho. Provocou estalidos com a câmara de repetição e pressionou para baixo o receptor, sentindo a tensão da mola. Rahid lhe deu uma bandoleira de cor cáqui com cinco cartucheiras. Jack a colocou em cima do ombro esquerdo, sentindo o peso da munição. Abriu uma cartucheira e tirou um pente contendo cinco balas.

- É um .303 britânico, Mark 7 - ele disse. Puxou para trás o ferrolho do rifle, encaixou o pente no receptor e liberou as balas dentro da câmara do rifle com o polegar, então repetiu o processo com outro pente de balas.

Fechou o ferrolho sobre elas e depois a trava de segurança com o polegar. - Vou levar este rifle; não precisarei de habilidade para mirar.

- O binóculo está ajustado para 270 metros. Já fiz isso.
- Não é uma distância muito grande - murmurou Costas.
- Nós não tínhamos binóculos quando destruimos o exército britânico dos indianos com nossos *jezails* em 1841 - Rahid replicou veementemente.
- Entendi.

Pradesh estendeu a mão e retirou um dos rifles Ishapore da prateleira de cima, inspecionando-o rapidamente. - Pedirei emprestado um destes, se você não se importar.

Jack passou dois pentes da bandoleira para Pradesh, que os colocou em seu rifle. O receptor de rádio de Rahid se iluminou, e ele falou depressa. Ele o fechou, depois deu para Jack um tecido comprido de turbante cinzento velho e um par de luvas grossas de pele de carneiro, sem separação para os dedos. - Use o tecido para camuflar o rifle. Olhe no binóculo fora da luz solar. Mantenha suas mãos aquecidas nessas luvas até ter que apertar o gatilho. Nós temos que partir. - Ele os conduziu de volta para a entrada da caverna, então se voltou e falou com Jack, baixinho. - Eu lhe contarei o que você precisa saber. Quando meninos, nós brincávamos nas minas de lápis-lazúli. Eu conheço todas, cada derradeira passagem, cada recanto e cada fenda. Logo abaixo do cume superior há três poços, que não são visíveis do chão do vale. Eles estão em uma fileira acima dos locais de exploração principais, afastados dos poços onde houve exploração de lápis-lazúli mais recentemente. As explorações nos locais superiores são poços velhos, muito velhos, onde não se encontra mais lápis-lazúli de boa qualidade. Quando éramos meninos nos disseram que eles eram poços que foram trabalhados na época dos antigos egípcios, de Alexandre, o Grande. Era para lá que meu avô nos dizia para não ir nunca, porque se fôssemos, um demônio guardião nos devoraria. Mas eu lhe disse que eu fui uma vez. O que você procura está no poço central, aquele que é pouco visível do caminho que você irá tomar e que leva para cima do vale.

- Ninguém mais vai lá?

- Ao longo de gerações nós controlamos as minas. Durante a guerra soviética vendemos lápis-lazúli para comprar armas. As minas estavam sob meu controle e de meus antepassados. Nossa palavra era lei. Proibimos qualquer um de ir para as antigas escavações sob pena de morte. Era o que

meu avô queria. Foi somente com o surgimento do Taliban que nosso controle se afrouxou, quando tivemos que olhar para outro lugar, defender nossas aldeias, como aquela que está sendo atacada agora, do outro lado do vale. Mesmo assim, tenho certeza de que as minas não são perturbadas. Agora, apenas os poços mais baixos produzem o lápis-lazúli de classe superior. E ninguém que viva nestas montanhas sobe acima do que é absolutamente necessário para eles. Lá em cima só se encontrará a morte.

Enquanto ele estava falando, os outros andavam em fila atrás. Houve um relincho em algum lugar abaixo, depois um berro estranho e som de patas no chão. Katya prendeu a respiração. - Você tem o *akhal-tekel*

Rahid a encarou. - Você o conhece - ele disse baixinho. - É claro. Você me contou. Sua família é do Cazaquistão.

- Nenhum outro cavalo emite um som como esse - ela disse, com a voz sumindo. - E o grito de guerra do *akhal-teke*.

- Eles correm solitários pelo vale. Este é um dos últimos lugares onde eles são conservados puros. E por essa razão que nós os mantemos distantes de estranhos.

- Você os cria? - perguntou Costas.

Rahid fez uma pausa, depois olhou para ele. - Eu sou o herdeiro masculino direto de Qais Abdul Rashid, progenitor de todas as tribos de Pashtun - ele disse. - Ele, por sua vez, era descendente do clã que vivia neste vale antes de Alexandre, o Grande. Meus antepassados criaram o *akhal-teke* para o primeiro imperador da China, Shihuangdi, depois que seus guerreiros vieram até aqui procurando por eles.

Katya o olhou, atordoada. - Seu clã é de criadores dos cavalos imperiais? - ela perguntou. - Nós pensávamos que eles tinham todos passados para a história.

- Nós somos os últimos. Os nossos são os últimos animais puro-sangue remanescentes.

- Você ainda atende pedidos? - perguntou Katya baixinho. - Os guerreiros ainda vêm aqui?

- A palavra de um Pashtun é seu juramento. Meu antepassado deu sua palavra sessenta e seis gerações atrás.

- Quando foi a última vez que eles vieram? Jack lhe disse que acho que estamos sendo seguidos?

- O juramento era de sigilo.

- Eu sentia o *akhal-teke* perto de Issyk-Gul - Katya murmurou. - Eu ouvia aquele barulho, e sentia o cheiro.

- Nosso juramento era para Shihuangdi e para aqueles que podem nos provar que são os guardiães eternos dele.

- A fraternidade do tigre - disse Costas.

Katya tirou do bolso uma fotografia. - Você quer dizer aqueles que podem lhe mostrar isto. A tatuagem.

Rahid permaneceu silencioso, olhando para o vale. Houve uma súbita tensão no ar. Jack lançou a Costas um olhar de advertência, e Katya percebeu. Ela guardou a fotografia e confrontou Rahid. - Você sabe que a fraternidade está corrompida. Aquele que a controla agora foi tentado, e a controla como se ele fosse a reencarnação do próprio Shihuangdi. Ao fazer isso, ele quebrou seu juramento ao imperador. O juramento de seu clã não é mais obrigatório.

Rahid olhou para ela silenciosamente, e depois disse: - Duas semanas atrás, um grupo de uma companhia de mineração veio para o vale, reivindicando que eu devia submissão a eles. Oito homens, prospectores. Eles queriam que eu os levasse para as minas de lápis-lazúli.

- Uma companhia de mineração - Jack murmurou. - Chinesa?

- INTACON.

Jack prendeu a respiração. - O que você fez?

- Eu lhe contei o que nós fazemos. - Rahid apontou para o rifle nas mãos de Jack. - Meus antepassados prestaram juramento à fraternidade, não a esses animais. Eu os matei todos.

- E o outro? - Jack perguntou baixinho. - Aquele que os seguia, onde está agora? Esperando por nós?

Rahid tocou o rifle, e olhou fixamente para Jack. - Seu inimigo é meu inimigo. Deus esteja com você. *Inshallah*.

Jack olhou-o nos olhos intensamente e compreendeu. Pela passagem da entrada eles ouviram o som de fogo de artilharia distante, e então o berro do

cavalo, um som estranho, enervante. Katya ainda parecia distraída pelo som, transtornada. - Posso tocá-lo? - ela perguntou. - Não toco em um deles desde que era criança.

Rahid sacudiu a cabeça. - Agora não. Quando você voltar. Quando você devolver aquele rifle, com uma bala faltando. - Ele olhou para Jack, depois apontou o caminho para as montanhas. - Essa é a sua rota.

Jack estendeu a mão. - *Tashakkurr*. Eu lhe devo.

Rahid a sacudiu. - Este é o nosso código. *Pashtunwali*. Hospitalidade para os viajantes.

- Mas não para todos eles - disse Costas.

- Não, não para todos. Você tem tido sorte. - Rahid bateu nas costas de Costas. - *Salaam*. Agora vá. - Ele se voltou e desapareceu do outro lado do caminho. Alguns momentos depois eles ouviram o som de um relincho, depois o ruído de tropel de cascos, diminuindo declive abaixo. Então o barulho desapareceu, e tudo o que Jack ouviu foi um sussurro de vento passando pelas pedras, um vento afiado e seco que vinha dos cumes do Indo Kush. Jack colocou o rifle em cima do ombro esquerdo e olhou para cima do vale. Tirou a Beretta da mochila e deu-a a Costas. Pradesh ergueu seu rifle e passou seu revólver para Altamaty. Eles sabiam que Katya tinha sua própria baioneta. Costas puxou para trás o ferrolho da Beretta, armando o percussor, afrouxando-o até a posição de segurança e enfiou a arma no bolso de seu casaco. - Eu estou pronto - ele disse.

- Eu conduzirei - Jack disse, caminhando adiante.

- Não. - Pradesh, cortesmente, colocou-se ao lado de Jack e passou à frente, tomando a direção para subir o caminho. Jack cedeu, e olhou para o relógio. - Levaremos duas horas para chegar lá, de acordo com Rahid. O que quer dizer que chegaremos no meio da tarde. O que os afegãos que vivem nestas montanhas provavelmente fazem em duas horas apenas. O ar está bem rarefeito, e nós não estamos aclimatados. É melhor continuarmos andando. Não queremos chegar lá em cima depois de escurecer.

Costa calçou um par de luvas de lã. - Entendido.

## Capítulo 19

Duas horas mais tarde, Jack abaixou o rifle e se sentou numa pedra, esperando que os outros o alcançassem. O frio penetrante do início da manhã se fora, mas ele sabia que se ficasse sentado durante alguns minutos ali o frio voltaria com ímpeto e pareceria ainda pior por falta de sono e de comida. Ele pegou seus binóculos e esquadrinhou a fenda que se estreitava à frente, nas montanhas, procurando sinais de movimento, *o flash* indicador de luz solar incidindo contra o metal. Ainda nada. Colocou os binóculos em outro lugar e anotou mentalmente que devia evitar usá-los novamente, a menos que fosse absolutamente necessário. Se ele tivesse que usar o rifle, precisava estar em sintonia com aquilo que pudesse ver a olho nu, tinha que ser capaz de avaliar distâncias, sentir a diferença, a uma distância de novecentos metros, entre uma pedra e uma forma animada. Olhou para o cume acima, ao longe, piscando sob a luz solar severa. O vale tinha se tornado mais estreito e mais alto à medida que eles avançavam pelas montanhas. A fenda à frente não tinha mais que duzentos metros de largura, pedra nua e acúmulo de pedras em ambos os lados, o solo entre os dois lados era seco e cheio de rachaduras. Eles tinham seguido o conselho de Rahid e se mantiveram no caminho mais alto, cerca de uns bons cem metros acima do chão do vale. Jack estendeu o braço para baixo e apanhou um pedaço de pedra. Apesar do ar gelado ela estava quente, assada pelo sol. Não havia nada de azul nela, mas era denteada, fraturada. Os acúmulos de pedras à frente poderiam ser resíduos da mina, escombros resultantes de milhares de anos de mineiros cortando e escolhendo pedra, acendendo fogueiras para quebrá-la e expor os veios do precioso azul. Jack olhou novamente para os declives. O que via se ajustava exatamente com a descrição no livro do tenente Wood. Percebeu que ele devia estar olhando para as lendárias minas de Sar-e-Sang. O coração dele começou a bater forte. *Esta era a própria.*

Os outros quatro chegaram lá em cima por trás. Costas se deixou cair ao lado de Jack, e Pradesh se ajoelhou numa pedra, com o rifle sobre os joelhos. Altamaty apontou para uma cortina de poeira acima do chão do



vale, e Katya subiu numa pedra para acompanhar o olhar dele. Jack sabia que ela andara olhando à procura dos cavalos desde que eles haviam deixado Rahid. Eles não tinham visto nenhum, mas ela havia dito para Jack que Altamaty vira sinais que só ele podia discernir, pois se tornara sensível por sua criação nômade. Jack olhou para o chão do vale. Não viu nenhum cavalo, mas pessoas, um homem e um menino. Estavam parados diante de uma barraca armada entre os seixos na base do declive oposto, envoltos em pele de carneiro, e um fio de fumaça subia diante deles. Estavam distantes cerca de seiscentos metros, talvez setecentos. Jack fez uma anotação mental de seu tamanho àquela distância e deixou que seus olhos vagueassem para cima do declive atrás deles, olhando para as rochas e cumes, para pontos de esconderijo, dimensionando a inclinação do agrupamento de pedras e a distância, que aumentava à medida que o declive seguia para o cume uns quinhentos metros acima.

- Vamos dar um alô? - Costa esfregou as luvas uma contra a outra, para se proteger do frio, apertando a lã de carneiro do forro. Gostei do aspecto daquele fogo.

Jack sacudiu a cabeça. - Rahid disse para não acender fogo. Quando os mineradores sobem aqui, eles usam dinamite, e algumas das pessoas que foram atraídas para trabalhar para eles, também servem ao Taliban fora da temporada de mineração, quando os mineiros vão embora, fazendo bombas. Provavelmente é o que eles estão fazendo aqui agora. Está muito frio para a mineração e não há colheita nos vales. Os talibans gostam de ter os homens que fabricam bombas aqui em cima, porque se algo der errado é tratado como acidente, ninguém fica sabendo ou se preocupa. As bombas são levadas principalmente para ser usadas em Kabul e no sul, mas o Taliban, em Feyzabad, recentemente ofereceu uma recompensa pela morte de ocidentais, e essas pessoas aqui em cima podem ficar tentadas a usar uma bomba contra nós. Eles não têm terra, nenhuma outra fonte de renda. E para pessoas desesperadas suicidar-se com bombas se tornou uma rota fácil para o paraíso. Nós precisamos ter cuidado.

- Eles não verão nossas armas? - perguntou Costas.

- Todo mundo aqui carrega armas - Katya disse. - Eles provavelmente pensarão que somos prospectores. Outros já vieram aqui para cima.

- Inclusive aquele que está atrás de nós.

- Ele será invisível - Katya disse. - Ele é um francoatirador. Aquele homem e o menino já devem ter nos visto agora, mas não o viram.

- Vamos dar uma olhada novamente naquela passagem do relato de Wood - disse Costas. - Precisamos manter nossa determinação e continuar andando. - Seus dentes estavam batendo, e Pradesh passou a garrafa térmica com o chá que havia feito ao lado do jipe. Costas pegou-a, agradecido, girando a tampa. Enquanto ele se servia, Jack tirou *A nascente do rio Oxus* e leu em voz alta um trecho marcado:

Onde se encontra o depósito de lápis-lazúli, o vale do Kokcha tem aproximadamente 180 metros de largura. Em ambos os lados, as montanhas são altas e nuas. A entrada para as minas fica na frente da montanha, na margem direita da barragem da correnteza, aproximadamente a quinhentos metros acima de seu nível. A formação é de pedra calcária preta e branca, não estratificada, entretanto, ela apresenta abundância de linhas marmóreas. O ápice das montanhas é íngreme, e suas encostas, destituídas de terra ou vegetação. O caminho em direção às minas é íngreme e perigoso.

Costa terminou o chá e passou a garrafa térmica para Pradesh, examinando a rota à frente. - íngreme e perigoso - ele murmurou. - Você pode repetir isso.

- Você pode ver algumas das entradas de poços de minas ao longo do declive à nossa frente, do nosso lado do vale - disse Katya. Jack pendurou seu rifle no ombro e se levantou. Agora ele sentia o frio tocando seu âmagô. Esse lugar tinha uma beleza absoluta, mas também um perigo brutal. *Um lugar que não proporciona refúgio.* Ele subiu ao lado de Katya na rocha e seguiu seu olhar. Acima dos refugos da mina ele podia ver as entradas dos poços, pelo menos meia dúzia delas, buracos negros na pedra. Em algum lugar mais alto estavam aqueles que eles buscavam, três deles perto do cume. - Se Howard e Wauchope viessem aqui, eles não iam ter nenhuma ideia de qual poço continha o que eles estavam buscando.

-Você quer dizer a jóia - disse Costas. - Aquele lápis-lazúli.

Jack acenou com a cabeça. - A única pista que achamos que eles tinham era a inscrição do santuário na selva, insinuando que Licinius tinha escondido seu tesouro em algum lugar aqui em cima nas minas, no seu rumo para o sul da Rota da Seda em direção à Índia. Howard e Wauchope poderiam ter ficado aqui durante dias, procurando em todos os poços. Nós

deveríamos dar a impressão de estar fazendo o que eles fizeram. Não queremos dar nenhuma pista de que sabemos para onde vamos. Se isto é o que Katya pensa que é e se o francoatirador tem seu rifle consigo, o caminho mais curto e direto para o poço no topo, identificado por Rahid, deve ser o último caminho difícil que qualquer um de nós vai tomar.

- Então, o que vai acontecer se ele nos descobrir? - perguntou Costa. - Ele não vai deixar que saíamos caminhando daqui.

Jack saltou da pedra. - Altamaty subiu aqui uma vez quando ele era prisioneiro de Rahid e se lembra de um par de *sangars* feitos por ele, muros de pedras empilhadas, usados como proteção contra ataques aéreos. Pradesh e eu discutimos isso durante o caminho aqui para cima. Ele vai encontrar um desses e se pôr lá com seu rifle. Os *sangars* estão aproximadamente a meio caminho da subida do declive. Abaixo deles ficam os poços principais, os que ainda são explorados. Katya e Altamaty, sugiro que vocês explorem esses. Costas e eu vamos subir acima de Pradesh, procurando esses três poços superiores. Nosso francoatirador deve estar em algum lugar no lado oposto do vale, com o melhor campo de tiro para o declive inteiro. Se nós nos separarmos, Altamaty e Katya embaixo, Pradesh no meio, e Costas e eu mais no alto, então isso dividirá a atenção dele. Ele ainda não sabe qual de nós é seu alvo, e não vai poder se concentrar em quem o esteja mirando. Se ele estiver aqui, está nos vendo e sabe que dois de nós temos rifles.

Costa virou-se para Jack. - Então, o que exatamente estamos procurando?

- Rahid disse que está lá em cima. Ele parecia saber atrás do que estou.

- Algum detalhe? Como um mapa de tesouro?

- Ele me contou o que eu precisava saber. Tudo o que ele disse era que está na caverna central. Ele entrou lá quando menino. Ninguém mais vai lá. Eles pensam que o lugar é assombrado.

- Oh, legal. - Costa fez uma pausa. - Se ele tivesse encontrado a joia, ele não a teria levado? Ou não nos daria mais detalhes, como nos dizer onde procurar no poço da mina?

- Ele me contou o que eu precisava saber - Jack repetiu. - Eu confio nele.

- Você acha que há alguma outra coisa lá em cima.

Katya falou baixinho. - Não se trata apenas do que nós vamos encontrar. Trata-se de Shang Yong. Ele acha que estamos na pista da joia levada por Licinius, que nós vamos conduzi-lo até lá. Isso é o que o franco-atirador quer ver. Durante anos eles pensaram que a joia estivesse escondida na selva, desde a conferência de John Howard em Londres, quando a história da tumba chegou à fraternidade. E agora eles estão no mesmo rastro que nós, seguindo as mesmas pistas. Até mesmo se eles não tivessem torturado meu tio para obter o que ele sabia antes que morresse, eles podiam ter visto a inscrição eles mesmos, a palavra *sappheiros*, lápis-lazúli. E é aqui que isso termina. O guerreiro tigre nos mata, ou nós o matamos. Se tivermos sucesso, o poder de Shang Yong acaba. Ele só exerce poder sobre a fraternidade pela força e intimidação. Sem seu adepto inescrupuloso, a fraternidade se revoltará contra ele, enfrentará a corrupção dentro dela. Eles voltarão a proteger a eternidade do primeiro imperador, de Shihuangdi.

- E se formos embora agora? - perguntou Costa.

- Então haverá outra confrontação, e as vantagens contra nós serão até maiores. Se nós deixarmos Shang Yong acreditar que ele ganhou, então seu mundo parecerá inviolável. Para ele, a joia celestial é um estado mental. Era o que meu tio mais temia. Na recriação de Shang Yong da tumba do primeiro imperador, em sua projeção fantasiosa dos céus, ele está a meio caminho de acreditar que a joia já está lá, em seu legítimo lugar, acima dele, dando-lhe a imortalidade que almeja. Se nós desistirmos da busca, então a ilusão pode se tornar completa. Precisamos que ele acredite que a joia ainda pode ser achada, manter uma pequena dúvida naquela parte dele que ainda sabe que o que ele criou é uma ilusão. Precisamos manter essa porta aberta. Se ele permanecer encerrado dentro de sua ilusão, então o mundo se tornará um lugar muito mais amedrontador. Verdadeiramente, parecerá que Shihuangdi despertou, e temos que fazer tudo o que estiver em nosso poder para impedir isso. Há muito mais em jogo aqui do que encontrar uma joia antiga.

Os olhos de Jack estavam duros como o aço. Ele olhou para Katya, depois para a parte de cima do vale. Pendurou o rifle no ombro e olhou para o relógio. - Só temos três horas de luz do dia. Vamos embora.

Uma hora mais tarde, Jack e Costas se sentaram encostados no declive cheio de pedras, não longe do cume, depois de ter seguido um caminho

traíçoeiro, passando por cima de saliências e superfícies curvas de rocha frágil. Estavam agora a 4 mil metros de altura, e Jack abriu e fechou a boca para diminuir a pressão nos ouvidos. Durante o tempo todo tinham consciência de que estavam sendo observados, possivelmente pelo visor de um rifle, mas haviam admitido a hipótese de que se tornariam alvo somente quando mostrassem alguma evidência de ter chegado ao fim de sua busca. Estavam a menos de cem metros abaixo dos três poços da entrada da mina que Rahid mencionara para Jack. Eles se enfiaram num rego formado por uma barreira de saliências rochosas da mina, que os escondia do declive oposto do vale. Jack se ajoelhou na rocha cheia de cascalho e esforçou-se para ir até a extremidade, com o rifle ao seu lado. Podia ver Pradesh numa depressão no cascalho, cerca de cento e cinquenta metros abaixo, com o rifle posicionado ao lado de uma pedra. Em algum lugar mais embaixo estavam Katya e Altamaty, explorando a fila de entradas de poços mais próximas do chão do vale.

- Atirando em fantasmas que se escondem atrás de pedras em uma colina - Jack murmurou.

- O quê?

- O que disse um soldado britânico da primeira guerra afegã - disse Jack. Costas se acomodou pesadamente ao lado de Jack e rolou sobre os cotovelos. Estava arquejante, e sua respiração se cristalizava em nuvens no ar imóvel. - Devia ter trazido meu telêmetro à laser.

- Os guardas florestais canadenses me ensinaram a calcular a distância na planície das regiões árticas, onde o fundo branco faz que o alvo se destaque. Seu ponto de referência era um lote de sondagem de quarenta hectares, com pouco menos de setecentos metros de lado. É uma distância com a qual as pessoas estão habituadas no Canadá, e foi dessa maneira que a terra foi dividida em lotes ali. Os guardas florestais pensavam que era por ser essa a distância máxima para se dar um tiro mirando com o olho, com uma espingarda .303, sem precisar da ajuda de um visor. Além dessa distância, você tem pouca chance de distinguir uma forma humana parada, especialmente se for um fundo rochoso como este.

- A menos que você tenha olhos de águia, como nosso oponente.

Jack olhou para o altímetro em seu relógio. - Baixei um mapa topográfico antes que saíssemos de Bishkek. A distância do chão do vale ao topo do cume é de aproximadamente quinhentos metros. O tenente Wood calculou certo em 1836, mil e quinhentos pés ou 450 metros. Nós estamos talvez a pouco mais de cem metros abaixo do cume, e o aclive que estamos subindo deve ter em média pelo menos quarenta e cinco graus.

- Um triângulo isósceles - murmurou Costas. - Isso dá uma distância até o chão do vale de cerca de quatrocentos metros. Mas nosso francoatirador poderia estar em qualquer lugar acima disso no declive oposto, e há também a distância lateral.

- Você tem que se pôr na mente dele - disse Jack. - Vamos admitir que ele tenha chegado aqui com bastante tempo para escolher sua posição. Ele quer ter uma visão de todas as entradas dos poços das minas, está certo? Ele não sabe qual delas vai ser seu alvo. Os poços acima deste ponto, perto do cume, são os mais distantes da encosta oposta. Rahid disse que eles são pouco visíveis do caminho que se estende do chão do vale, a continuação daquele pelo qual viemos. Isso lhe proporciona uma distância mínima para o alvo mais distante possível, onde nós estamos agora. Ele vai querer se posicionar de maneira equidistante entre os alvos possivelmente mais distantes em cada lado. Isso o coloca em um cone de probabilidade centrado naquela fenda larga que você pode ver acima do caminho oposto a nós.

- Lembre-se do que Katya disse sobre como esse sujeito é bom. Você está pensando em setecentos metros, mas talvez ele possa fazer novecentos, mil e cem, ou até mais.

Jack acenou com a cabeça. - Ele também vai levar em conta um francoatirador como adversário. Ele viu nossos rifles, mas vai assumir que nenhum de nós é treinado. Lembra-se do que Rahid disse sobre os recrutas do Taliban e sua funesta perícia em tiro ao alvo. É com isso que esse sujeito está acostumado, onde quer que ele tenha trabalhado em zonas de guerra ao redor do mundo. Meninos soldados, terroristas que atiram rajadas com Kalashnikovs. Ele nunca se sentiu muito ameaçado. No trabalho de francoatirador oponente, você tem sempre que tentar achar uma fraqueza em seu adversário, e esse é o jeito dele. Ele acha que é o mestre deste vale, mas não é.

- Você tem que acreditar nisso, Jack.

- É a psicologia do francoatirador. A pessoa precisa ter completa confiança em si. Essa é a força fundamental do francoatirador, mas é também uma fraqueza. Confiança cria super-confiança.

Costa deslizou pelos refugos da mina para dentro do rego. - Apenas espero que você não fique com tremores. Meus dentes estão começando a bater e não tenho certeza se é só por causa do frio. Vou dar uma olhada naquele poço acima de nós. Mas eu vou descer e ver Pradesh primeiro. Ele precisa saber sobre aquele cone de probabilidades.

- Bom. Quanto mais movimento nosso oponente vir, mais tempo teremos.

- Quanto tempo?

- Não muito. Ele vai querer atacar antes de escurecer. Está vendo que não estamos equipados para passar a noite aqui em cima. Ele vai ficar procurando algum sinal de que encontramos o que estamos buscando.

- Você acha que ele sabe que temos conhecimento dele?

- Ele viu Katya. Ele sabe que ela deve ter nos falado dele. Ele viu que nos separamos para subir. Poderia adivinhar por quê.

- Se eu estiver erguendo minha cabeça acima da superfície, quero que me cubra.

- Entendido.

Costas tremia de frio e batia os braços ao redor do corpo; passou por cima dos refugos da mina e desceu até o local onde Pradesh era visível no *sangar* abaixo. Costas deslizou de modo desajeitado pelo acúmulo de pedras, ficando completamente exposto. Jack estava muito mais preocupado do que deixara transparecer. Se o francoatirador fosse tão bom, mesmo que somente a metade do que Katya dissera que era, o primeiro objetivo dele seria Jack, ou Pradesh. Ele procuraria se livrar primeiro dos dois rifles, a única ameaça para ele, depois apanhar o restante deles sem pressa. Jack fechou os olhos, e tentou se pôr na mente do outro homem, que estava em algum lugar, no lado oposto do vale, olhando intensamente para eles, os olhos indo de Katya e Altamaty para Pradesh, para ele, vendo Costas descer

o declive. Jack abriu os olhos, examinando o espaço aberto e procurando algum sinal no declive oposto, mas ainda não vendo nada.

O barulho que Costas fez ao tropeçar abaixo nas pedras reverberou pelo vale. Jack rezou para que ele estivesse certo, que o rifle fosse apontado primeiro para ele, e não para Pradesh. Ele respirou fundo algumas vezes e se forçou a se levantar, segurando o próprio rifle, tornando-se um alvo claro durante alguns momentos, depois voltou para trás das pedras.

Seu rifle tinha binóculo; o rifle de Pradesh, não. Ele tirou as luvas de pele de carneiro, lembrando-se do que Rahid havia dito. O frio entorpeceria seus dedos e tornaria seu tiro ineficaz. Mas com aquele ato simples ele estava se comprometendo mentalmente com a tarefa à frente. Tinha que acreditar que seu oponente também estava equilibrado para a ação. Desembrulhou o Lee-Enfield do pano do turbante. Jack tentou retirar tudo da mente, exceto o rifle e o alvo. Começou a respirar lenta e profundamente, parando depois de algumas respirações antes de inalar novamente, tentando reduzir a velocidade com que seu coração batia. Tateou a parte dianteira do rifle, secou o óleo de linhaça na madeira de noqueira, testou o cabo. Segurou o rifle com a mão esquerda e usou a mão direita para arrumar o pano onde os cotovelos se apoiariam, protegendo-os contra as partes denteadas da pedra. Envolveu o braço direito na tipóia, mas não muito apertado, lembrando que a pulsação das artérias poderia ser suficiente para sua pontaria se desviar completamente do alvo àquela distância.

Jack removeu as coberturas das lentes e a tampa dos ajustes laterais e de elevação da torre do binóculo, mas manteve uma tira de tecido de turbante em cima da lente dianteira para minimizar a chance de reflexo. A mais leve cintilação, o mais leve movimento, poria tudo a perder. Assim que o oponente soubesse que ele estava tomando posição, a espera acabaria, e os outros seriam os alvos principais. A menor vacilação poderia pôr a vida de todos eles em perigo. Ele soltou a trava de segurança do rifle, depois puxou o ferrolho para trás. Viu o brilho do cartucho na câmara, empurrou o ferrolho para diante, viu o cartucho saltar e se introduzir na câmara, depois sentiu a resistência quando empurrou o ferrolho de volta e soltou suavemente a alça. Ergueu o rifle, com cuidado para não deixar que a boca do cano aparecesse acima das pedras. Moveu-se para cima no declive, nivelando o rifle e depois abaixando, prendendo a parte dianteira em uma fenda na rocha, apontando para o caminho que se estendia pelo declive oposto do



vale. Olhou ao longo da lateral do binóculo, tentando medir a distância a olho nu. Escolheu a pedra que tinha estudado com Costas. *Setecentos metros*. Ficava numa inclinação descendente, mas o ar estava rarefeito, seco, e a resistência menor compensaria a gravidade extra. Jack estendeu a mão e bateu à sua volta. Não havia nenhuma vegetação para medir a velocidade do vento, mas ele era virtualmente inexistente, só um formigamento no rosto vindo do norte. Ele colocou a mão no ajuste lateral da torre de elevação, girando-o um ponto. Deixou a mão direita escorregar até a alça do gatilho, depois puxou com força a coronha em direção ao ombro, apoiando a bochecha na madeira da coronha. Mantendo os dois olhos abertos, com o olho direito no binóculo, moveu-se ligeiramente para trás para conseguir uma posição mais confortável para o olho. Era um binóculo de retícula simples, e apesar da ampliação de três vezes e meia, a pedra parecia ainda muito distante. Ele se lembrou do que lhe haviam ensinado. Projetou a mente na direção do alvo, até imaginar a silhueta escura de um corpo nas pedras, depois a bala indo na direção dela, ficando menor à medida que a silhueta se tornava maior. Sem mover a cabeça, deu uma olhada ao redor. O alvo ainda podia estar, de seu ponto de mira, visível através do binóculo. Ele curvou o dedo indicador ao redor do gatilho, puxando-o sem interrupção no primeiro estágio, sentindo a resistência. Respirou profundamente, inspirando o forte cheiro metálico da pedra, e expirou pela metade. Parou de respirar. Ficou imóvel.

Olhou pelo binóculo. *Mostre-se*.

De repente, Jack notou movimento no chão do vale. Seu coração começou a bater forte. Desesperadamente queria que seu coração se acalmasse. Lá onde uma cortina de poeira flutuara no alto do outro lado do vale, uma forma emergia. Era um cavalo, mas sem cavaleiro, a meio galope ao longo do leito seco do rio que corria no meio do desfiladeiro. O cavalo passou pela tenda que eles tinham visto entre os seixos e parou aproximadamente noventa metros além, lançando a cabeça para cima e batendo as patas no chão. Jack se manteve imóvel. Então ele viu outra figura, caminhando no lado oposto do declive, abaixo dele, em direção ao cavalo. Ele tirou os olhos do visor e fitou com descrença. *Era Katya*. Ele lembrou de sua fascinação pelos *akhal-teke*, os corcéis divinos. Ela caminhou até o cavalo, com as mãos estendidas, completamente exposta. Era como se ela estivesse em transe. Então Jack viu alguma outra coisa, um *flash*, um reflexo

que vinha de mais acima. *É ele*. Instantaneamente Jack recuperou o seu alvo. *O flash* tinha estado aproximadamente vinte metros mais alto que seu ponto de mira. Ele ergueu o rifle um pouquinho. O francoatirador fora atraído pelo cavalo, por Katya, assim como Jack. Ele teria imediatamente percebido seu engano, e agora agiria.

E eu sou seu primeiro alvo.

Um estalido forte ecoou acima de sua cabeça, uma bala atingiu uma pedra atrás dele, ricocheteou e se perdeu na distância. Pareceu que a detonação e o eco vieram juntos, repercutindo nas encostas do vale. Depois desapareceu, deixando Jack aturdido. *Concentre-se*. Ele havia visto a boca do cano brilhar nas pedras. Apertou novamente o dedo no gatilho. Respirou fundo e expirou lentamente.

Então surgiu alguma outra coisa. Katya não era a única a surgir no chão do vale. Outra pessoa tinha aparecido, correndo, tropeçando, saindo da barraca. *É o menino afegão*. Katya chegara até o cavalo e acariciava seu pescoço. O menino estava se aproximando de Katia pelo outro lado, sem que ela o estivesse vendo, a uns oitenta, noventa metros. De repente, Jack começou a se sentir mal. Algo estava terrivelmente errado. O menino tinha os dois braços estendidos para a frente e havia algo volumoso ao redor de seu tórax. Ele estava gritando, gritos ásperos, mas o som de sua voz era perfeitamente audível, e as palavras que ecoavam vale acima eram terríveis, de desafio, agressivas. *Alá akbar. Alá akbar*.

A mente de Jack vacilou.

- O grito de um ataque suicida.

Jack olhava fixo para aquela cena, com uma certeza súbita e fria. Tinha que tomar uma decisão. Imediatamente. Poderia ser a única chance para Katya.

Outra bala passou por cima de sua cabeça, batendo na rocha e fazendo saltar lascas de pedra acima dele. Nesse momento Katya notou a detonação e olhou para cima. Agora, ela estava segurando o cavalo apertado; impedindo-o de disparar. Devia ter ouvido o menino, mas ainda não o tinha visto. A boca de Jack estava seca, o coração, disparado. Era apenas outro alvo. Abaixou o rifle. O francoatirador já sabia onde ele estava. Jack não tinha escolha. Pegou o binóculo para se apoiar. Era um alvo móvel, quase impossível de acertar àquela distância. De repente o menino tropeçou e caiu, e estava tentando ficar de joelhos. Era a chance de Jack. Ele apontou para o

tronco. Katya saltou no cavalo, e ele se ergueu sobre as patas traseiras. Houve um tiro de rifle na parte de baixo. Então Jack se lembrou. *Pradesh*. Jack podia vê-lo, espreitando com o olho esquerdo, deitado de bruços ao lado de Costas no *sangar* abaixo, com o rifle apontado para o menino. Então Jack ouviu outro estalido, um ricochete que passou por ele com um barulho alto, e uma detonação do outro lado do vale. Viu Pradesh lançar-se de volta para dentro do *sangar* como uma boneca de trapo e seu rifle cair com estrépito pelo declive. Jack olhou novamente para o chão do vale. O menino estava caído no chão. Katya tinha começado a galopar, e Jack viu Altamaty correr ao lado, ao longo do declive, saltando para cima do cavalo atrás dela. De repente houve um *flash* de poeira e fogo no lugar onde o menino estivera, e um segundo depois um estrondo sombrio. A nuvem de poeira da explosão parecia perseguir o cavalo enquanto ele se deslocava ruidosamente vale abaixo. E então Jack viu a boca do cano flamejar novamente no declive oposto. O franco-atirador tinha exposto a cabeça e estava atirando no cavalo. O rifle de Jack ainda estava mirando o alvo. Ele estava firme como uma rocha. Jack apertou o gatilho. O rifle escoiceou fortemente, e ele experimentou uma sensação de sucção, como se o vórtice da bala estivesse levando todos os sons com ele, produzindo toda a energia possível para manter-se no alvo. *Oitocentos metros*. Um segundo e meio. Os ouvidos de Jack estavam zumbindo. Ele não podia ouvir nada. E então houve mais um *flash* do outro lado do vale, e movimento. Algo subiu no ar. Jack pegou seus binóculos. O movimento tinha sido de um rifle caindo contra as pedras. Ele olhou intensamente para as sombras e então viu. Uma figura humana estatelada de costas, imóvel, uma mancha escura na pedra atrás da cabeça. Jack fechou os olhos e forçou para fora o ar dos pulmões. Começou a tremer incontrolavelmente. Tudo o que ele sentia era frio, um frio gelado. Ele pôs novamente as luvas e cruzou os braços apertados contra o tórax, as mãos enfiadas debaixo das axilas, deitando sobre o monte de pedras, tremendo.

- Homem ferido!

Costas estava gritando do *sangar* abaixo. Jack pulou por cima das pedras e saiu tropeçando declive abaixo. Costas tinha aberto a mochila de Pradesh e estava rasgando um grande pacote de curativos. Pradesh, que estava consciente, olhou para Jack sorrindo fracamente. Jack viu sangue

escorrendo sob suas costas e ajoelhou-se sobre ele, arquejando. - Como está isso?

- Não muito ruim. - Pradesh batia os dentes e fez uma careta quando Costas usou um par de tesouras do pacote para cortar o tecido de seu casaco, revelando um buraco limpo de meia polegada logo abaixo do ombro direito. Costas bateu levemente numa garrafa plástica para espalhar pó coagulante sobre a ferida e apertou o curativo, depois cuidadosamente acomodou Pradesh do outro lado e repetiu o processo em suas costas. - É um ferimento de saída limpa - murmurou. - Você teve sorte. Acho que era uma 7.62 milímetros, se ele estava usando o rifle Mosin-Nagant, uma bala sólida em vez de uma explosiva. A essa distância, há menos cavitação e dano de tecido. Não parece ter atingido nenhum vaso sanguíneo importante. O que você tem é um ferimento desagradável na carne. Algumas polegadas mais abaixo, e teria sido uma história diferente.

Pradesh olhou para Jack. - O francoatirador?

- Um tiro na cabeça.

Pradesh fechou os olhos. - Parabéns. - Ele olhou para baixo, de repente se contorcendo de dor. - É o menino - ele perguntou, fazendo uma careta. - Esse foi meu tiro.

- A explosão veio alguns segundos depois que sua bala atingiu o alvo. Ele pode ter se apavorado e detonou a bomba quando viu que Katya estava indo embora.

- Eu fui o responsável - Pradesh disse. - Ou eu atirava nele, ou meu tiro o assustaria a ponto de ele mesmo se matar.

- Meu rifle também estava apontado para ele. Foi só um acaso você ter apertado o gatilho primeiro. Ele ia ser abatido de qualquer modo. E você salvou a vida de Katya.

- Com isso você pôde tirar o francoatirador do caminho.

- Nós fizemos o trabalho.

Pradesh dirigiu a Jack um olhar insondável, depois estremeceu. - Há um rádio em meu pacote. Você pode chamar um helicóptero para uma evacuação médica. Eu acho que isso pode ser considerado um incidente do Taliban. Eles vão querer enviar uma equipe de reconhecimento aqui para

cima agora. Espero que eles já estejam monitorando o ataque de Rahid ao Taliban naquela aldeia, assim provavelmente haverá um par de helicópteros de prontidão em Feyzabad.

Costa olhou fixamente para o vale abaixo, e seu rosto estava branco de poeira. - O que leva uma criança a fazer isso? - ele murmurou. Através da nuvem de pó eles podiam ver o homem da barraca vagando sem rumo, os braços gesticulando, como se ele estivesse procurando algo, aonde o menino tinha ido.

- Não se trata do que leva a criança - disse Jack, tremendo, com os braços apertados em volta do tórax. - Trata-se do que dirige o pai. Aquele homem lá embaixo amarrou as bombas no filho e o enviou para a morte.

- Parece um demente.

- Essa gente da *jihad* não prepara as pessoas para o que vem a seguir.

- Eu apenas espero que o ISAF faça tudo o que for preciso para retirar todos os talibans desta área, que levaram esse pobre homem a seguir o caminho do inferno.

- Acho que Rahid pode cuidar disso - disse Pradesh debilmente. - Eles provavelmente já exerceram bastante interferência externa aqui. Onde estão Katya e Altamaty?

- Eles cavalgaram para fora do vale, tomaram o caminho pelo qual entramos - disse Costas. - Nós chamaremos o helicóptero para apanhá-los depois que você estiver seguro fora daqui.

- Entendido - murmurou Pradesh. - Levará pelo menos uma meia hora, o que lhes dará tempo para dar uma olhada.

- Há alguma coisa mais que podemos fazer por você? - perguntou Jack.

- Poderia usar um pouco de morfina.

Costas tirou uma ampola da mochila, deu uma pancadinha nela e depois a esmagou com força na coxa de Pradesh. - Isso deve ajudar. - Pegou também uma manta térmica de emergência e envolveu Pradesh nela, e Jack tirou seu casaco e colocou-o por cima.

- Melhor. Muito melhor. - Pradesh fechou os olhos, depois acenou com a mão. - Vocês podem ir agora. Acho que está na hora de você dar uma olhada naquele poço da mina.

Vinte minutos depois, Jack e Costas pararam na frente da entrada do poço central, olhando para dentro do buraco escuro acima de uma grande pilha de refugos da mina que bloqueava parcialmente a entrada. Costas estava com a cópia de Jack do livro *A nascente do rio Oxus* de Wood nas mãos e rapidamente leu em voz alta a passagem sobre as minas de lápis-lazúli:

O poço pelo qual você desce para a galeria tem aproximadamente um metro quadrado e não é tão perpendicular, de modo que não impede a descida. A galeria tem oitenta passos de comprimento, com uma descida suave; mas ela termina abruptamente num buraco de seis metros de diâmetro e outro tanto de fundo. A largura e a altura da galeria, embora irregular, podem ser calculadas em aproximadamente quatro metros; mas em alguns lugares onde o teto desabou sua seção ficou tão limitada que o visitante é forçado a avançar engatinhando. Parece que os acidentes têm sido frequentes, e um lugar dentro da mina leva o nome de alguns sofreadores infelizes que foram esmagados pela queda do teto. Nenhuma precaução foi tomada para apoiar, por meio de pilares, o teto da mina, que, formada por blocos pressionados uns contra os outros, exige apenas uma pequena expansão mais lateral para cair dentro da cavidade. Qualquer operação adicional pode ser realizada, só que com iminência de risco máximo para os mineiros.

Fechou o livro cuidadosamente e o deu para Jack, que o colocou dentro de sua mochila cáqui. Costas começou a subir na pilha de cacos de pedra, escorregando para trás a cada passo. - Bem, não parece menos seguro que qualquer outra coisa que fizemos hoje - ele murmurou. - Você diz que ninguém mais sobe aqui?

- Foi o que Rahid me contou. As pessoas pensam que a mina é assombrada.

Jack seguiu Costas. Ele se sentia pesado, repentinamente cansado. Cada passo lhe parecia um esforço monumental, como se estivesse enfiando os pés em neve muito profunda. Mas eles deslizavam para trás nos cacos de pedra, e a meio caminho para o alto do monte ele teve a impressão de que não ia a lugar nenhum. Sentiu como se estivesse constantemente se esforçando por um objetivo que estava além de seu alcance, como num sonho. Finalmente, parou em cima de um montículo de refugos, com o teto da

entrada da caverna ao alcance de seu braço levantado. Costas estava dez metros ou mais à frente, dentro do poço abaixo de Jack, engatinhando. Jack viu-o tirando uma mini-lanterna Maglite e passando a luz sobre as paredes. A rocha era escura, quase preta. Jack se lembrou das descrições, da camada grossa de carbono formada pelos fogos usados durante milhares de anos por mineiros para arrebentar a pedra e descobrir os veios de lazurite. Ele olhou de novo para a entrada. Não tinha certeza, mas a luz parecia refletir uma névoa azulada que vinha das paredes, como o azul-celeste do céu. Ele retrocedeu. Costas avançou mais alguns passos e estava inclinado para diante, perto da base do montículo, onde ele descia para dentro da caverna. Ficou imóvel, olhando intensamente para os cavacos de pedra iluminando um lugar diretamente à sua frente. Ele se endireitou, depois olhou para trás. - Jack - disse ele baixinho.

- Estou aqui.

Houve um silêncio por um momento. Costas pigarreou. - Aquele velho revólver Colt de John Howard. O outro do par, aquele que você disse que o pai dele tinha usado na rebelião Indiana.

- Sim? - A voz de Jack parecia desencarnada, como se ele estivesse se ouvindo falar de muito longe.

- Você sabe onde ele foi fabricado?

A mente de Jack estava vazia. Ele lutava para pensar. - Deve ter sido na fábrica da Colt de Londres. O endereço deve estar gravado no cano.

Costa se levantou, apagou a Maglite e voltou até o lugar onde Jack estava parado. Ele o olhou cara a cara. - Sei o que Rahid encontrou. Sei por que eles nunca deixam ninguém chegar perto deste lugar.

Jack pôs a mão no ombro de Costas. Ele lhe ofereceu a Maglite, mas Jack sacudiu a cabeça, enfiou a mão no fundo de sua mochila e quando a tirou segurava algo apertado. Ele deixou Costas ali e saiu tropeçando para baixo, deslizando nos cavacos de pedra, sentindo que estava congelado por baixo. Chegou ao lugar onde Costas havia estado e ficou de joelhos. Deixou que seus olhos se acostumassem com a escuridão. Então ele viu o que Costas havia visto. Estava meio enterrado nos refugos, mas era inconfundível. O revólver tinha sido bem lubrificado, por isso não se enferrujara, mas adquirira uma cor de ameixa escura. Ele podia ver o endereço no cano. *Colt, London*. O cabo e a alça do gatilho estavam envolvidos em trapos, um

tecido grosso, bastante danificado. O tecido estendia-se para trás sob os cavacos de pedra, depois subia novamente num montículo, e então se estendia novamente para cima, a menos de um metro de distância. A forma era simétrica. Jack se sentiu vacilar. Dois braços estendidos. Ele olhou para o outro lado. Não havia nenhuma pistola ali, mas um buraco onde algo havia estado, algo que tinha sido agarrado outrora.

Jack examinou novamente. O buraco poderia ter abrigado qualquer coisa. Poderia ter sido algo com a forma de uma mão fechada, retratada na morte. Poderia ter segurado outra arma, uma espada talvez ou qualquer outra coisa. *A forma daquilo. O vélpu* sagrado, que uma vez estivera naquela mão, agora estava desaparecido.

Jack engoliu com dificuldade. Estava chorando e não sabia por quê. Respirou profundamente, segurou a respiração e depois exalou lentamente, piscando forte. Ele pensou no que sabia do homem, seu amor pelos filhos, pela família. Ele esperava que eles tivessem chegado ali no final. Ele confiava em que fosse o que fosse o que o atormentara, a angústia, a perda, tivessem ido embora dele ali, naqueles momentos finais. Esperava que ele tivesse encontrado o que andara buscando todos aqueles anos desde a selva, o maior tesouro imaginável.

Jack esfregou os olhos e olhou para cima. Havia um barulho lá fora, que pulsava dentro da caverna, o ruído de um helicóptero aproximando-se do vale. Ouviu um barulho de passos na pedra lá atrás. Costas o deixara sozinho com o corpo durante alguns minutos, mas Jack tinha uma vaga consciência dele andando em círculos e explorando o lugar. - Verifiquei o local - disse Costas, com a respiração cristalizando no feixe de luz solar que vinha da entrada. - A mina se estende por aproximadamente vinte metros mais adiante, depois desce para um poço de água de aproximadamente cinco metros de profundidade. Se foi neste lugar que Licinius escondeu aquela pedra, minha suposição é de que deve ter sido naquele poço de água. Há saliências na rocha criadas por um antigo trabalho de picareta, mas eu verifiquei e não há nada solto. É como se alguém tivesse estado aqui dentro e trabalhado metodicamente o lugar todo. Se aquela jóia estava aqui, agora ela desapareceu.

Jack pigarreou e apontou, com voz rouca, - Olhe para a mão dele, a que está vazia. É exatamente como se ele estivesse segurando um bambu onde os *Kóya* colocam o *vélpu*. Acho que eles trouxeram o *vélpu* com eles, o que



eles muitos anos antes haviam tirado da selva, e agora o *vélpu* também desapareceu. Assim como Robert Wauchope. Não há nenhum sinal de outro corpo aqui. Talvez, quando eles vieram para cá o *vélpu* já estivesse vazio, mas quando foi levado embora ele estava pesado com outro. Talvez Wauchope o tenha tirado da mão de Howard e escapado daqui. Talvez eles realmente tenham achado a jóia.

Costa olhou para Jack. - Nós achamos o que nos trouxe aqui, não foi?

Jack não disse nada. Enfiou a mão dentro da mochila e pegou aquilo que ele estava segurando apertado ao entrar na caverna. - Sei que temos que ir. Dê-me apenas um momento.

- Você quer ficar sozinho?

- Não, fique. - Jack abriu a mão e desembrulhou o que segurava. Era o pequeno elefante de lápis-lazúli, o brinquedo de infância de John Howard, alisado por anos de manuseio de pequenas mãos, o próprio Jack brincara com ele quando menino. Estava com uma tira cintilante amarrada ao redor do pescoço, que Rebecca havia posto nele quando o levou para sua cabine no *Seaquest II*. Jack apertou com força o elefante. *O lápis-lazúli, nascido neste lado da montanha, agora retornava.* Ele o pôs lá embaixo e o empurrou para os farrapos retorcidos, a mão estendida vazia, cuidadosa e suavemente. Ele o tocou, e o deixou lá, retirando depois a própria mão.

O helicóptero passou novamente com estrondo. Jack se levantou e endireitou sua mochila. Respirou profundamente, expirando uma última vez nas profundidades da caverna, observando sua respiração se cristalizar e cair na escuridão. Pôs a mão no ombro de Costas. Lembrou-se de Pradesh. Estava na hora de ir.

## Capítulo 20

Dois dias depois, Jack estava sentado na popa de um barco patrulha da marinha dos Estados Unidos que navegava velozmente pelas águas tranquilas do Issyk-Gul, sua esteira formando um grande V na superfície do lago. A visão era estupenda. Issyk-Gul era o lago de montanha mais profundo da terra, 3 mil quilômetros quadrados de área, cinco vezes o tamanho do lago de Genebra. Para Jack, a esteira sobre a água parecia uma seta gigantesca que apontava para o leste, o percurso final do maciço montanhoso da Ásia Central para os desertos da China. Para o sul, as montanhas que rodeavam o lago apareciam fantásticamente acima da neblina, uma sucessão de cumes nevados que pareciam destacados da terra, flutuando a meia altura no ar como uma miragem. No lado ocidental ficava o contorno da costa, com seixos espalhados, onde ele e Costas tinham se encontrado com Katya e Altamaty três dias antes. Eles a tinham deixado lá novamente naquela manhã, para registrar o sítio do cemitério romano, antes que um helicóptero a pegasse para ir se encontrar com eles. Havia um último lugar que Jack insistira em que eles visitassem, além do lago, além do deserto de Taklamakan, perto do final da Rota da Seda. A visita levaria alguns dias para ser acertada, e enquanto isso Jack estava entusiasmado com a perspectiva de mergulhar novamente pela primeira vez desde que o *Seaquest II* deixara o mar Vermelho cerca de uma semana antes.

Jack pensou em Pradesh, no ferimento provocado pelo tiro. Ele ficaria durante semanas em terapia intensiva, mas o prognóstico era bom. Estava nas melhores mãos possíveis, com os recursos médicos dos Estados Unidos em Bishkek, e logo seria enviado para Landstuhl na Alemanha. Depois de voar de volta com ele do Afeganistão, Jack e os outros tinham ido de helicóptero para o lago, encontrar o barco patrulha da antiga base naval soviética que fora unir-se a eles na costa oriental. Jack queria refazer a rota que os romanos, sob o comando de Fabius, podiam ter feito, ir para o leste atravessando o lago depois que Licinius se separou deles e fugira em direção ao sul pelas montanhas. O barco patrulha estava chegando ao fim de sua jornada, quase dez horas em velocidade máxima. Deveria ter sido um

empreendimento muito difícil para alguns homens em barco aberto, dois mil anos antes, já esgotados pela viagem longa e difícil, a pé, ao escapar dos partos em Merv. Não havia maneira de saber até onde eles tinham ido, se haviam chegado à costa oriental. Jack supunha que eles teriam lutado até o fim, contra os elementos, contra o esgotamento, contra o inimigo, que podia ter ficado à espera de que eles chegassem à terra. Eram homens que tinham sido treinados para enfrentar qualquer desafio, que lutariam até o último homem para manter a honra de sua legião, para ganhar o direito de unir-se às sagradas fileiras de seus irmãos de armas que haviam partido antes deles. E Fabius podia nem mesmo saber que estava com a joia, uma de um par, que estava numa bolsa pilhada que ele partilhara com Licinius. Jack olhou atentamente para as águas cor de aço, vendo apenas reflexos, céu colorido, salpicado de nuvens minúsculas. Talvez ela realmente tivesse estado ali, perdida na destruição de seu barco, da mesma maneira que ele a vira em seu sonho. *A jóia celestial*.

O motor diminuiu a rotação, e a água morna da esteira espirrou para o alto sobre a janela da popa do barco. O vento se extinguiu, e o ar estava rarefeito, frio. Olhando de novo para o lago, Jack podia ver o contorno da costa desaparecendo no oeste, distante o bastante para reconhecer a curvatura da terra. Ele sentia como se tivessem alterado o equilíbrio entre o leste e o oeste e atingido um ponto onde a Rota da Seda conduziria os viajantes por canais que desciam pelo lado das montanhas protegidos contra o vento, em direção à China. Era uma ilusão, como a armadilha mortal do deserto de Taklamakan do outro lado, mas para viajantes do Ocidente, a grande passagem montanhosa à frente podia ter sido um sinal de esperança. Jack sentou-se inclinado, olhando para a frente. Costas continuava na cabine onde estava desde a manhã, falando e examinando as telas de navegação. À frente deles, os contornos do lago finalmente convergindo. Antes, a costa parecera seca, corroída pelo vento, mas ali o vento ocidental que levava a umidade da evaporação para o leste tinha atapetado os cumes e vales de uma cor verde-azeitona. Abrigados no contorno da costa havia edifícios, estruturas pardas de concreto, os restos dilapidados de cais e molhes. Enquanto Jack observava, a superfície do lago estremeceu e pareceu que escurecera e depois ficou tranquila novamente. Ele se perguntou se seria um tremor sísmico. Olhou novamente para a costa. Em algum lugar lá estava Rebecca, com o IMU e a equipe da marinha dos Estados Unidos. Eles já

havam feito uma descoberta, os prováveis esboços de paredes reveladas pelo perfil da camada abaixo do fundo. Era o bastante para lhes dar uma base de operações na arqueologia desse lugar. Seu trabalho nesse dia era confirmar essa descoberta, antes que Katya se juntasse a eles para acompanhá-los na viagem que haviam planejado fazer mais adiante para o leste, sobre as montanhas na China.

Costas voltou da cabine balançando e subiu no equipamento de mergulho empilhado na parte de trás. Puxou dois macacões de mergulho do canhão de 20 mm situado atrás da cabine da popa e deixou cair uma roupa de mergulho diante de Jack. - Você também pode se vestir agora. Estamos indo diretamente para o sítio. Rebecca e dois membros da equipe estão vindo num *Zodiac* para nos receber. Vamos ser os primeiros a descer.

- Rebecca não ficará muito contente com isso.

- Este não é um lugar apropriado para seu primeiro mergulho. De jeito nenhum. Geralmente não confio em lagos, e este aqui deveria ter um adesivo com um aviso vermelho bem grande sobre ele.

Jack jogou um pouco de água dos embornais nas mãos. - A água é ligeiramente salina. Isso ajuda a limpá-la. E o leito do lago tem seiscentos metros de profundidade no centro. Debaixo de uma enorme camada de lodo. Qualquer coisa tóxica descarregada aqui, provavelmente está bem enterrada.

Costas parou de esticar sua roupa de mergulho e parecia incrédulo. - Você está brincando? Um lugar de teste de submersíveis soviéticos? Nós monitoramos esses lugares quando eu estava na marinha. Você quase podia esquentar as mãos em cima das imagens de satélite. E não precisavam ser armas ou reatores. Nos primeiros dias, os soviéticos deviam ter usado barras de urânio para acionar alegremente as escovas de dente elétricas.

- Altamaty contou para Katya que aqui eram testados principalmente torpedos, e sempre que perdiam algum eles faziam esforços enormes para encontrá-lo. Os primeiros relatórios vieram de fortificações subaquáticas, aquelas que os membros de nossa equipe podem ter achado novamente. Altamaty liberou alguns dos arquivos em 1991 quando ele estava na ativa na base, quando a União Soviética estava trabalhando em fusão nuclear. Ele disse que qualquer torpedo perdido que não conseguissem encontrar era considerado irrecuperável e provavelmente o melhor a fazer era deixá-lo onde estava.

- Bem, isso é tranquilizador - Costas murmurou, cutucando a cabeça através da gola de borracha da roupa de mergulho. - Algumas palavras mais de sabedoria antes que fiquemos radiativos?

- Katya diz que os quirguizes acham que o lago está cheio de tesouros. Alguns deles acreditam que Genghis Khan está enterrado aqui. Suas sagas falam de um caixão de ouro sepultado em um mar prateado. E acreditam que há um mosteiro nestoriano afundado na costa norte. Eles acham que este lugar está cheio de todos os tesouros que seus antepassados viram na passagem ao longo da Rota da Seda. Mas as águas também são sagradas. Alguns dos quirguizes mais velhos não nadam nestas águas.

- Isso me parece sensato - grunhiu Costas, enquanto puxava as mãos pelas guarnições de borracha dos punhos. - Nesse caso, vou acompanhar a sabedoria popular qualquer dia destes.

-Algumas das histórias podem ser verdadeiras. Se você estudar o contorno da costa, vai ver até onde o nível do lago subiu. Este é um lugar estranho. Centenas de correntes de água das montanhas desembocam nele, mas dificilmente alguma coisa flui para fora. Assim, o nível do lago sobe ou desce quando há períodos de grande evaporação, como agora. E acima de tudo esta é uma zona de grandes terremotos.

Costas terminou de vestir a roupa de mergulho e se sentou, apanhando uma prancheta que tinha trazido da cabine. - Eu consegui isto aqui. Os sujeitos da marinha fizeram um resumo. Pelo menos três tremores principais foram registrados na história; um aproximadamente em 250 a.C., o Grigorevka, outro em 500 d.C., o Toru-Aigir, e outro em 1475, o Balasogun, todos provavelmente entre oito e nove graus na escala Richter, material muito quente. - Deu as costas para Jack, arqueando os braços para esticar o zíper do ombro da roupa de mergulho.

- Certo. - Jack puxou o zíper para fechar e deu um tapa nas costas de Costas. - O segundo desses terremotos, aquele de 500 d.C., poderia coincidir com a história do mosteiro afundado. Mas a lenda de Genghis Khan não bate. Genghis morreu no século 13 d.C. Seus sucessores ficaram notoriamente calados sobre sua tumba, assassinando todos os que encontravam durante o cortejo fúnebre. De acordo com o ritual mongol, os cavalos teriam pisoteado o local para escondê-lo. Mas acho que a tumba

ficava onde a história dizia que estava, num lugar chamado Burqan Qaldun, na Mongólia, centenas de milhas a leste daqui.

- E os engodos? - perguntou Costas. - Quero dizer, histórias deliberadamente enganosas? Se eles eram tão reservados, talvez espalhassem histórias sobre diferentes lugares onde poderia estar o túmulo. Daí a lenda deste lugar.

Jack acenou com a cabeça. - É possível. E não só em relação a túmulos escondidos, mas também a tumbas muito visíveis e extravagantes. Para essas tumbas, é a aparência externa que importa para a posteridade, por causa do modo como as gerações posteriores verão o morto. Mas os conteúdos normalmente importam mais para o defunto, sua apólice de seguro privada para a vida após a morte. Assim, eles podem estar escondidos em outro lugar, com o corpo verdadeiro. Afinal de contas, até mesmo as pirâmides egípcias foram roubadas.

- E a tumba do primeiro imperador em Xian foi roubada - disse Costas. - Pelo guardião, se a história da jóia é verdadeira.

Jack se levantou, olhando atentamente para o contorno da costa. Ele procurava o *Zodiac*, Rebecca, mas ainda não havia nenhum sinal. Ele se sentou e começou a puxar para cima as pernas da roupa de mergulho. - Então, onde exatamente nós estamos entrando?

Costas puxou outro pedaço de papel da prancheta. - Imprimi isso no computador náutico. O local fica a meio quilômetro da costa, aproximadamente duas horas de onde estamos agora. Há um riacho com alguns edifícios nas margens.

Jack protegeu os olhos. - Estou vendo.

- É onde o perfil aponta aquelas imagens de paredes.

- Isto coincide com o antigo relatório soviético?

- Coincide exatamente com a história de Altamaty, que Kátia me contou. E não consigo imaginar que Katya tenha qualquer coisa para esconder.

Jack ergueu as sobrancelhas e ficou calado por um momento. - Bem, para tranquilizá-lo, Altamaty falou também com Rebecca, em russo. Ele disse que os primeiros relatórios subaquáticos encontrados neste local vieram dos exploradores russos que chegaram a este lugar no século 19.

Você se lembra de *Sir Aurel Stein*, o explorador da Rota da Seda? Bem, havia russos que também entraram naquele carro de propaganda política enviado pela Sociedade Geográfica de Moscou. Era como uma versão arqueológica do Grande Jogo, russos contra britânicos. Ninguém sabe com certeza o que os russos encontraram. Muitas coisas desapareceram dos museus e dos arquivos, depois da Revolução Russa. Mas nós sabemos que dois exploradores russos vieram para cá, Nikolai Przhevalsky e Piotr Semyonov Tianshansky. Os dois ouviram as histórias de ruínas afundadas, cidades debaixo do lago. Quando eles chegaram aqui, o lugar parecia assombrado por causa disso. Tianshansky estivera em Veneza e encontrara um mapa do século 14 mostrando um mosteiro armênio perto do lago. A lenda da tumba de Genghis parece que era local. Indubitavelmente, os russos foram alimentados com aquilo que queriam ouvir, mas também lhes foram mostrados artefatos genuínos que tinham sido encontrados por pescadores.

- Então, dê uma repassada rápida no período soviético.

Jack assentiu, empurrando a cabeça pela guarnição de borracha da roupa de mergulho. - Os exploradores partiram, mas as lendas cresceram. Fantasistas nazistas acharam que esta era uma pátria ariana e utilizaram lendas locais de que era um lugar de pureza, um tipo de céu na Terra. Então, nos anos 1950, os soviéticos estabeleceram sua base de teste de torpedos aqui, e os mergulhadores entraram pela primeira vez no lago. Como sabemos, eles acharam algo enquanto procuravam um torpedo perdido, e o Ministério de Segurança Interna foi envolvido. Isso terminou no período de Khrushchev, no início dos anos 1960, quando a Guerra Fria esquentou e a atenção foi focalizada em outro assunto. Então mais anos se passaram, mais rumores, mais lendas. Um professor em Bishkek começou a falar sobre a Atlântida. Foi quando o pai de Katya ficou interessado.

- A conexão familiar. Soube disso.

- O professor estava errado, é claro. E o pai de Katya nunca veio para cá. Este lugar era o próximo de sua lista quando pusemos um fim definitivo em seus planos há dois anos.

- Então, o que mais Altamaty sabe sobre o que os soviéticos acharam?

- Os registros só dão coordenadas de mapa. Há uma quantidade enorme de lodo lá embaixo, e nenhum registro diz se eles acharam o torpedo. Mas

rumores começaram a circular em Karakol, a cidade local onde o pessoal soviético vivia. Eles falaram de antigas paredes debaixo do lodo, como se fossem paredes convergentes de um grande corredor de entrada, com esculturas em estilo chinês. Em Karakol há uma mesquita de madeira construída há aproximadamente cem anos pelos *Dungan* chineses, muçulmanos de origem chinesa impelidos para o oeste pela perseguição na China. A mesquita parece um templo chinês, com dragões na cornija. Os *Dungans* parecem ter alimentado a lenda da tumba de Genghis. Katya acha que é só uma questão de tempo o departamento de turismo se apropriar da idéia e a transformar num espetáculo embaraçoso, com estátuas gigantescas em estilo soviético de Genghis Khan na praça da cidade. O que ela quer é que eles invistam em petróglifos, a verdadeira arqueologia que ela encontra aqui, e fazer disso uma atração internacional.

Costas colocou a folha de novo na prancheta e mostrou para Jack uma cópia impressa. - Bem, o que quer que os mergulhadores tenham visto, parece ajustar-se com os dados do perfil de sub-fundo. Para começar, o perfil apenas mostrou estriamentos lineares que descem da costa, escoamentos superficiais do rio dentro do leito de rocha carcomido. Foi Rebecca quem primeiro viu como um dos canais vistos parecia regular. Quase uma forma de V de cabeça para baixo, convergindo para a costa.

- Então, foi Rebecca quem de fato percebeu isso? Ela não me disse nada.

- Ela é modesta. Como você.

Jack ergueu as sobrancelhas. - Ela está muito ocupada, sendo mimada por uma equipe de quinze fuzileiros navais da marinha dos Estados Unidos, você quer dizer.

- Cada um deles é um cavalheiro.

Jack parecia sério. - Ainda não quero os mergulhadores da marinha aqui. Apenas nós dois.

- Eles estão muito ocupados, de qualquer maneira. Há autênticas bombas-relógio na antiga área do porto soviético, cascos abandonados com reatores nucleares. O local onde nós estamos mergulhando é oficialmente uma zona proibida. Eles vão ficar durante meses ocupados em tirar a contaminação desta área. Isso é nossa camuflagem. Lembre-se de que



encontrar um torpedo perdido era a única razão para esses mergulhadores soviéticos terem vindo para este local distante, e eles não o acharam.

Jack estendeu a mão para o lago para jogar um pouco de água no capacete. - A água está morna. Como sua xícara de chá.

- Se ficar mais morna quando descermos, saio daqui mais rápido do que você consegue dizer contador Geiger.

- Estes macacões foram feitos para isso. Você os projetou.

- Nós ainda vamos precisar dar uma boa esfregadela para nos limpar depois disto.

- No Havaí?

Costas ficou radiante. - Esta é a primeira vez que você diz esta palavra. Naturalmente e sem ser estimulado.

Jack olhou para o lago. Na baía, a água era de um azul brilhante como o lápis-lazúli, como a aura que tinha emanado da mina no Afeganistão onde eles haviam estado dois dias antes. Mas ali, distante da costa, era diferente. O sol caía diretamente sobre a cabeça e banhava a água com um brilho iridescente. Alguma qualidade da água, ou talvez a intensidade absoluta do sol, prenunciava que o lago parecia absorver a luz e refleti-la alguns metros abaixo, como se uma camada de prata líquida estivesse flutuando logo abaixo da superfície. Jack olhou para baixo e não conseguiu ver nenhum reflexo dele, nada. A camada parecia real, como mercúrio espalhado, vindo de alguma fonte de baixo. Jack olhou novamente para o contorno da costa na frente deles. Ele viu uma ave alta, uma garça, parada à entrada do riacho, a algumas centenas de metros dali. Estava imóvel como uma estátua, depois enfiou o bico na água. Jack se lembrou de sua visita com Rebecca à exposição dos Guerreiros de Terracota, exibida em Londres alguns meses antes, quando parou diante de uma elegante ave de bronze que outrora adornava uma reprodução de paisagem de beira d'água dentro da tumba do primeiro imperador. Ele olhou para a linha de montanhas ao sul e ergueu a mão para proteger os olhos, deslumbrado pelo reflexo dos cumes nevados que pareciam flutuar acima, como se estivessem numa outra dimensão.

Costas o cutucou. - Uma coisa tem me aborrecido desde o Afeganistão - disse. - Nós sabemos o que aconteceu a Howard, mas não a Wauchope. Na mina de lápis-lazúli não havia nenhum sinal do *vélpu* sagrado. Howard

podia estar agarrando o bambu quando caiu, mas depois alguém o tirou dele. Se foram os sujeitos maus, eles podem também ter achado a joia, e a história inteira teria sido diferente. Shang Yong teria então ficado lá, sentado em sua fortaleza no deserto, com a joia da imortalidade grudada no teto, enquanto planejava a dominação do mundo.

Jack acenou com a cabeça. Desde que deixara o Afeganistão, ficara concentrado em Pradesh, como se seu próprio instinto de sobrevivência estivesse sendo guiado de acordo com o estado do amigo. Foi somente com a garantia de que Pradesh se livraria das dificuldades que ele começou a pensar no resto, no homem em quem ele havia atirado, no menino com a bomba suicida. Pelo homem ele sentia indiferença; pelo menino, uma espécie de entorpecimento, como se tivesse visto a explosão num noticiário. O choque daquela morte ia acabar passando, mas não ainda. A experiência de confrontar o corpo de Howard, seu trisavô, ainda estava vívida, era como se ele ainda a estivesse vivendo, era muito cedo para refletir. Mas o destino de Wauchope o tinha preocupado enquanto eles velejavam pelo lago, quando ele pensara na convergência de todas as suas rotas, os legionários romanos, Howard e Wauchope, os exploradores da Rota da Seda, eles próprios, tudo focalizado naquele lugar místico acima do horizonte, onde o sol se levantava, em Chryse, a lendária Terra do Ouro no antigo *Périplo*.

Ele se virou para Costas e disse: - Você se lembra do livro de Wood *A nascente do rio Oxus*, que usamos para localizar as minas de lápis-lazúli?

- Claro. Com todas as anotações do Howard e do Wauchope.

- Uma das anotações que chamou a atenção de Rebecca estava à margem do mapa, no começo do livro. Uma seta do vale do Oxus em direção ao nordeste, e o nome sublinhado a lápis, Issyk-Gul, ao lado da palavra "Przhevalsky".

- O explorador russo?

Jack acenou com a cabeça. - Przhevalsky na verdade morreu aqui, de tifo, em 1888. Rebecca fez alguma pesquisa. Acontece que antes disso ele esteve em Londres e deu uma palestra na mesma série de conferências no Instituto de Serviços Reais Unidos onde Howard fez sua palestra sobre os romanos no sul da Índia. Isso foi pouco antes de Wauchope retornar da licença para seu trabalho no departamento de Pesquisa da Índia, e ele e Howard compareceram à conferência de Przhevalsky. Era sobre uma raça

rara de cavalos que ele tinha descoberto na Mongólia, e ele mencionou que os cavalos transpiravam sangue. Depois ele falou em vir para este lugar, mencionou os tesouros legendários do lago. Falou da extensão do Tien Shan, de suas explorações nas profundezas das montanhas. Penso que Wauchope teria ficado encantado com isso, como um montanhês apaixonado.

- De forma que é para onde você acha que Wauchope foi?

- Tien Shan quer dizer montanhas celestiais. Do deserto de Taklamakan, elas parecem mais próximas do céu que qualquer dos cumes na China. O primeiro imperador era obcecado por esses lugares, sempre tentando ir o mais alto que podia para liberar seus editos. Ele deve ter olhado para o Tien Shan quando sentiu a própria mortalidade. - Jack estendeu o braço para o oeste. - Se Wauchope sobreviveu, ele pode ter retrçado a rota de Licinius e vindo para Issyk-Gul, depois foi para as montanhas. Talvez ele fosse como os romanos e sentisse que nunca ia poder voltar para seu próprio mundo. Talvez ele e Howard nunca tenham tido a intenção de voltar. Przhevalsky contou sobre vales que não eram desertos e implacáveis como o Afeganistão, mas abundantes, luxuriantes, perdidos no tempo, como Shangri-Lá. Até mesmo se eles não encontrassem as jóias, essas histórias poderiam tê-los tentado, por causa de algo que a lenda da jóia celestial parecia prometer.

- Ou eles poderiam ter achado a joia na mina. Wauchope talvez tivesse voltado com ela para a selva. Quem sabe ter posto a joia dentro do tubo de bambu e ter devolvido o *vélpu* sagrado para o povo *Kóya* com um verdadeiro tesouro dentro. Ele poderia ter entrado no santuário da selva pela parte de trás da cachoeira e escondido o *vélpu* lá, dentro da tumba de Licinius. O que eles fizeram na selva em 1879 devia estar na mente de Howard em suas horas finais. É nesse momento que as pessoas pensam em compensação, redenção. Wauchope pode ter-lhe feito uma promessa e depois a cumpriu. Esse é o tipo de coisa que os amigos fazem. Eles eram soldados, irmãos de sangue. Como Licinius e Fabius.

Jack olhou de esguelha para Costas e disse: - Sim. Talvez.

- Nós estamos quase lá. - O barco reduziu a velocidade e começou a traçar um amplo arco em direção à costa. - Há algo mais imediato que precisamos discutir.

- Continue.

Costas olhou para a água. - Você notou que quando há uma brisa, ela apenas agita levemente a superfície da água?

Jack fez que sim com a cabeça. - Faz a água parecer lenta, pesada, como metal fundido.

- É porque o vento ocidental se afunila lá no alto quando se aproxima da terra. Mas você viu a superfície da água se agitar alguns minutos atrás? - Jack assentiu com a cabeça. - Abalo sísmico secundário?

- Pior. Trabalho de parto sísmico. Já houve um terremoto grande, e certamente há outro quase chegando. Hoje, talvez amanhã. Não são condições ideais para mergulhar, mas poderia ser bom para nós. Estamos procurando depósitos proximais e distais, algum depósito de areia e cascalho transportado pela água corrente a partir do derretimento de gelo, com marcas de canais convergentes. Muito lodo empilhado por cima.

- Você quer dizer um turbidito.

- Uma deformação, algum deslizamento de sedimento. Poderia revelar aquelas paredes, se elas existem. Elas poderiam ficar visíveis por um momento, e então puf, mais um tremor e outro sedimento desliza, e elas desaparecem. Nós poderíamos ter sorte. Se houver alguma coisa lá, agora pode ser o momento de vê-la.

- Você se lembra da última vez que mergulhamos?

Costas suspirou.

- Faz oito dias. No Mar Vermelho. Água bonita, recifes de coral. Paraíso. - Ele fez uma pausa. - Elefantes. Elefantes subaquáticos.

- Era nisso que eu estava pensando. Seus elefantes. Você já ouviu a antiga história indiana dos homens cegos e o elefante?

Costas olhou para trás preocupado. - Três homens cegos foram conduzidos até um elefante, e ninguém lhes disse o que era. Um deles sente o rabo, e pensa que é uma corda. O outro sente a tromba, e pensa que é uma cobra. O terceiro sente uma presa de elefante, e pensa que é uma lança.

- Lembra-se de como eu quase não vi aquele elefante no leito do mar? Eu estava muito perto dele. Lembra-se disso quando estivermos lá embaixo hoje.

- O que vamos ver? Uma camada de marrom, depois um marrom mais escuro. Fica mais morno, depois quente. Nós começamos a sentir muito calor. Algum criminoso russo nos pesca e nos vende para a Al-Qaeda como componentes de uma bomba suja.

Jack sorriu. - Os geólogos dizem que o lago está gradualmente se esvaziando, você sabe.

- Esvaziando?

- Sempre foi um mistério para onde vai todo o escoamento glacial superficial que desce por aquelas encostas do Tien Shan. O lago é como um tanque ornamental enorme, cujas fontes parecem nunca conseguir encher. É como se em algum lugar nas profundezas houvesse um ralo gigantesco.

- Essa é outra razão para não mergulhar aqui. Não vou ser sugado para dentro de nenhum buraco negro.

- Falando de negro, você sabe que dizem que a Peste Negra saiu daqui?

- O quê?

- A Peste Negra. A pestilência. Em algum momento do século 14, transmitida ao longo da Rota da Seda pelos ratos.

- Você está me gozando. A Peste Negra. Deste lago. No qual estou a ponto de entrar para nadar?

- Eu não me preocuparia com isso. Pessoalmente acho que é outro mito, criado para manter as pessoas longe deste lugar. Maior razão ainda para explorá-lo, se você quer saber minha opinião.

- Havaí! - Costas murmurou, elevando as mãos em oração. - Por que é que toda vez que há uma luz no final do túnel, você me faz passar por outro pesadelo?

Jack lhe deu um soco de brincadeira no ombro. - Porque você é meu companheiro de mergulho. É preciso que você cuide de mim.

O barco agora estava com o motor desligado. Jack cheirou o ar. Era um cheiro inesperado, não o odor ligeiramente malcheiroso habitual de beira de lago, mas o cheiro de ervas, de lavanda, de folhas secas esmagadas. O vento ali soprava poderosamente do oeste, varrendo a água como um exército de fantasmas, mas o cheiro mantinha a fragrância exótica do Oriente. Quando estavam na costa, Jack havia visto de relance plataformas distantes, o

minarete de uma mesquita caída, derrubada por algum terremoto, e ele sentira uma força que vinha do alto, da passagem pela montanha, além dos contrafortes da China. A extremidade ocidental do lago, onde eles tinham se encontrado com Katya e Altamaty entre petróglifos, era um lugar de desolação, um lugar que as pessoas só atravessavam por necessidade; mas dali para o leste havia permanência, era um lugar que algumas pessoas haviam escolhido para se estabelecer, comerciantes de antiguidades de Han, sogdianos, seguidores mongóis de Genghis Khan, e muçulmanos *Dungan*, expulsos das camadas ocidentais da China ainda presentes na memória.

Um dos homens da equipe caminhou para eles vindo da sala de comando. - Nós entramos em contato com a costa. Os dados de leitura sísmica permanecem inalterados, mas ainda é uma condição laranja. Os mergulhadores da marinha estão limpando um molhe desmoronado e é por isso que o *Zodiac* está atrasado. Eles esperam se dirigir para cá em aproximadamente quinze minutos. Nós estamos agora em cima das coordenadas do GPS. O conselho é para que não se entre, mas, se tiverem que entrar, façam-no agora. Mantenham-se dez metros pelo menos acima do leito do mar e evitem qualquer rego fundo. Repito, o conselho é para não entrar.

- Conselho entendido, Brad - disse Costas, lutando com a correia da mochila do cilindro com oxigênio. O homem da equipe se adiantou para ajudá-lo. - Jack e eu mergulhamos em uma cavidade de lava, você sabe - ele disse, ofegante. - Em um vulcão ativo. Na Atlântida.

- É mesmo? Legal.

- Não. Quente. - Costas olhou atentamente para o homem, que apontou de maneira cética para o lago. Eles tinham passado a maior parte da viagem juntos na sala de comando, falando acerca de torpedos e vazamentos de radiação. - Não diga nada sobre aquela água, Brad - disse Costas. - Só não diga nada, nada.

- Eu só ia dizer boa sorte, senhor.

- Senhor novamente - grunhiu Costas. - Eu, senhor?

- Tenente comandante, Marinha dos Estados Unidos, se bem me lembro - disse Jack.

- Um faz-tudo. Um homem só. E nunca usei o poder de meu cargo.

- Isso porque você é um líder nato, e todo mundo sempre o escuta - disse Jack, empurrando o ombro de Costas.

- Todo mundo, exceto você.

- Não preciso escutar. Eu apenas sigo. - Jack bateu no ombro de Costas, depois acenou com a cabeça para o homem, que encaixou a máscara no capacete de Costas, fazendo a mesma coisa com Jack. Os dois homens examinaram seus sistemas de segurança, conferindo a leitura na tela do computador dentro dos capacetes, depois um examinou o outro. O homem levantou uma mão com os dedos separados e apontou para seu relógio. Jack acenou com a cabeça para ele. Cinco minutos para ir. O motor acelerou ligeiramente, e ele sentiu o movimento do barco enquanto eles se posicionavam novamente. Durante alguns momentos antes de ativar o sistema de comunicação interna, Jack ficou completamente isolado. Tudo o que ele conseguia ouvir era sua própria respiração, o batimento cardíaco, um leve tinido nas orelhas, herança de fogo de artilharia.

Ele pensou novamente em Wauchope, e depois nos romanos. Talvez um dos romanos também tivesse sobrevivido, ido até a praia, escapado para o leste por cima do cume das montanhas para Chryse, a terra do ouro. Talvez fosse o próprio Fabius. Jack se perguntou se eles um dia saberiam. Ele tinha somente seu instinto para continuar, e este lhe dizia que a história não terminava ali naquelas águas.

Jack olhou para dentro da água. Viu a camada de reflexo novamente, como mercúrio. Mandou o pensamento para longe e ligou o interfone. Costas fez o sinal com o polegar virado para baixo, e Jack o repetiu. Ele sentia o fluxo do ar de seu regulador e conferiu novamente a leitura de medida. Eles deslizaram juntos por cima da lateral do barco. Jack desceu abaixo da superfície, depois flutuou novamente para cima. Ele se encontrava em seu elemento e estava muito excitado. Soube de repente que eles estavam no lugar certo. Era novamente seu instinto falando. Ele olhou para Costas, que estava subindo e descendo na água e olhando para ele. Jack pôs a mão na válvula de fluatibilidade, e pressionou o interfone. Eles sempre faziam isso. Era seu ritual. O talismã de boa sorte deles. Ele sorriu para Costas. - Pronto para ir?

- Pronto para ir.

Três minutos depois, eles haviam descido mais de vinte metros abaixo da superfície. Não havia nenhum sinal do fundo, mas Jack soube pela bússola que eles estavam se orientando para o chão do leito do lago no lugar onde ele se inclinava, subindo até o contorno da costa cerca de meio quilômetro para o leste. Para começar, a água estava notavelmente clara, e Jack subiu um pouco e viu a forma escura do casco do barco acima, as figuras dos dois homens da equipe apenas delineadas, oscilantes, enquanto eles os seguiam com os olhos por cima da lateral do barco. Ele girou e de novo foi para trás, exatamente quando atingiram um termoclino, uma faixa de água em que a temperatura diminuiu acentuadamente quando mais se desce, imperceptível dentro da roupa de mergulho, mas registrado por uma queda na temperatura nos dados de leitura dentro do capacete.

- Está ficando mais fria. Esta talvez não seja, afinal de contas, uma água radiativa - disse Jack no interfone.

- Somente enquanto toda essa atividade sísmica não tumultuar nada -, replicou Costas, com uma voz de estanho por causa da pressão aumentada. - Como disse Altamaty, é melhor não perturbar o que quer que esteja aí embaixo.

- Eu o lembrarei disso da próxima vez que virmos algo que precisa ser desativado.

Eles continuaram descendo. Abaixo do termoclino a visibilidade se reduziu dramaticamente, em consequência de substâncias particuladas cinzentas e marrons dentro da água. Jack sentia a escuridão subjacente às águas sombrias abaixo deles. Ele ligou a lanterna de cabeça, mas imediatamente lamentou ter feito isso, pois foi ofuscado pelo clarão das partículas suspensas na água. Apagou-a e piscou para que sua vista se adaptasse à escuridão. Conferiu o dado de leitura de profundidade. Trinta e cinco metros. De repente apareceu ali uma planície cinzenta, sem traços característicos, a aproximadamente oito metros abaixo deles, ondulando suavemente para cima do declive. - Retiro o que disse sobre a radiatividade -, murmurou. - Parece que alguma coisa matou tudo neste lugar.

Neutralizou sua flutuabilidade dois metros acima do fundo, tomando cuidado para não tumultuar o lugar com os pés de pato. - Isto não está tão



sólido quanto parece disse Costas. - Com toda essa atividade sísmica, aqui está líquido. Feche os olhos, desça mais e você nem saberá que entrou nesta planície. Depois de um tempo o lugar se torna viscoso, e você fica aderido. O único consolo é que seu corpo não seria comido pelos predadores marinhos. Nem eles viveriam aqui.

Jack contemplou o sedimento. - Dificilmente vamos ver qualquer coisa antiga sobressaindo neste material. Vamos?

- Nós podemos. O terremoto sacudiu tudo lá para cima, e o lodo que normalmente cobre protuberâncias de leito de rocha e outras características sólidas pode ter deslizado declive abaixo. A neblina marrom na água mostra que houve movimento, um turbidito. Mas o terremoto também deixa tudo instável. Poderia haver outra massa de sedimento mais adiante, acima do declive, pronto para cair e enterrar tudo o que poderia ser revelado.

Jack deu uma olhada. - Então as paredes, o desfiladeiro, tudo o que Rebecca viu nos dados de leitura do sonar poderia estar, na verdade, visível.

- Eles fizeram a pesquisa do perfil do subfundo mais de vinte e quatro horas atrás. De acordo com as posições que carreguei em meu computador, deveríamos seguir este contorno por aproximadamente cinquenta metros, em direção ao sul. Isso deveria nos posicionar acima do rego, diretamente oposto àquele riacho no contorno da costa. Os antigos relatórios sismológicos soviéticos situaram este contorno aproximadamente no nível do contorno da costa dois mil e quinhentos anos atrás. Tudo por aqui, subindo o declive, era terra seca. Eles acham que houve um único evento que tornou toda esta região subaquática, um terremoto localizado e violento cerca dois mil e duzentos anos atrás.

Eles se viraram com cuidado e começaram a nadar para o sul, Costas na dianteira. Estavam dentro de um horizonte com melhor visibilidade, capazes de ver cinco ou seis metros à frente, debaixo da manta de sedimento suspenso alguns metros acima deles. Jack esquadrinhou a região cinzenta abaixo procurando qualquer coisa sólida, qualquer protuberância. Depois de aproximadamente vinte metros, Costas de repente parou de nadar. - Encontrei algo - ele disse. Jack veio para perto dele. O chão do lago estava mais mosqueado, irregular. Jack estendeu uma mão devagar. Era barro duro, sujou sua luva. - Parece um espinhaço saindo da costa - murmurou. - Poderia

ser tijolo de lama deteriorado, mas não há nenhuma construção de pedra visível, nenhuma alvenaria.

- Dê uma olhada nisto. - Costas apontou para algo enterrado no barro. Jack ligou a lanterna e ofegou com surpresa. - É uma manivela de bronze -, ele exclamou. Costas arrancou-a do sedimento. A manivela estava presa a um disco do tamanho de um prato de jantar. Jack o pegou, retirando o barro que estava aderido. - É um espelho - ele disse. - A superfície oxidou e está verde, mas está intacto.

- Que coisa estranha para encontrar neste lugar - disse Costas.

Jack inverteu o objeto. - Já foram achados bronzes como este ao longo desta costa, que foram puxados para cima por pescadores - ele disse. - Espelhos, arreios, caldeirões. Foi o que primeiro chamou a atenção do russo, Przhevalsky. Os objetos estavam todos assim, intactos, um artesanato de muito alta qualidade e não o tipo de coisa que normalmente as pessoas jogam fora. Espalharam-se rumores de um palácio afundado, uma cidade submersa.

- Ou uma tumba? - disse Costas.

- Esse é meu instinto visceral - disse Jack. - Mas esses achados não se combinam com a história de Genghis Khan. As tumbas mongóis eram escondidas, discretas. E eu não acho que um líder militar mongol teria tido bens como esses, espelhos, caldeirões. Isso não faz sentido. Mas aposto que esses artigos devem ter sido removidos de um local fúnebre pelo terremoto, algo bem prestigioso. O que explicaria também os achados passados. E também não se trata de resultados de roubos em tumbas da antiguidade, quando este declive ainda era terra seca. Os ladrões de tumbas não abandonam artigos valiosos como estes.

Costas apontou para um lugar onde linhas finas de incisão eram visíveis na manivela, formas sinuosas e olhos bulbosos. - Essa decoração me faz lembrar aquela alabarda que Katya achou no enterro romano do outro lado do lago. Parece idêntico, chinês.

- Concordo - respondeu Jack. - A população local aqui incluía aqueles chineses muçulmanos que se deslocaram das margens do deserto de Taklamakan, e houve migrações anteriores, os uigures. Este espelho parece ter mais de 2 mil anos, mas naquela época esta extremidade do lago deve ter

sido um caldeirão de mesclas culturais, um lugar de parada entre o Ocidente e o Oriente. Artefatos chineses valiosos poderiam ter vindo parar aqui. Mas não acho que isso explique esses achados. Artefatos como esses não seriam lançados no lago. Essas pessoas eram comerciantes.

Jack deixou cair o bronze, e Costas colocou uma miniatura de boia luminosa eletrônica ao lado dele. Jack tomou a dianteira desta vez, nadando ao longo do contorno a quarenta metros de profundidade. A visibilidade, embora fosse só de alguns metros, era suficiente para se ver que o cume de barro fazia uma curva para a esquerda, e o leito do lago descia à direita. - Um canal de erosão - disse Costas atrás de Jack. - Esta deve ser a extremidade do rego que conduz para baixo do riacho, cortando um desfiladeiro dentro do leito do lago. É consistente com os dados de leitura do perfil. Ele deve estar descendo por dez metros de profundidade e ter vinte metros ou mais de lado a lado. Acho que esta parte do rego normalmente fica encoberta pelo sedimento, mas o terremoto a sacudiu para fora. Esta deve ser a característica convergente que Rebecca estava olhando na cópia impressa, que parecia tão promissora. Talvez não tenha sido feita por mão humana, afinal de contas.

- Quero olhar um pouco mais adiante. Só para ter certeza.

- O espelho é um grande achado, Jack. Nós podemos ir para a superfície com isto como um par de caçadores de tesouro. Rebecca ficará impressionada.

Jack já estava nadando à frente. - Tive um pressentimento sobre isto.

- Sim, também tenho - Costas respondeu com urgência. - E é um ruim. Você viu isso? - Houve uma agitação na água, depois um tremor. - Jack, há uma parede de sedimento de aproximadamente três metros acima de você. Foi onde o turbidito deslizou, o que revelou o canal. A qualquer momento tudo vai vir abaixo. Nós precisamos sair daqui. Agora.

Jack olhou para cima, viu a escuridão da parede de sedimento, depois olhou para baixo novamente. Ele estava imóvel, de braços abertos como uma águia sobre o leito do lago. O tremor erguera um véu de lodo que obscureceu sua visão quase completamente. O brilho da lanterna atrás dele diminuiu quando Costas começou a subir. Jack sabia que Costas permaneceria alguns metros de um lado até ter certeza de que Jack o estava seguindo. Ligou sua *headlamp*, para que Costas pudesse vê-lo e olhou para

os dados de leitura em sua bússola. Tinha se deslocado para bastante longe. Não havia nada mais para ver. - Entendido - ele disse. Levou a mão ao controle de fluutuabilidade de sua roupa de mergulho. Costas tinham razão. Aquele não era um lugar para morrer.

Houve outra agitação na água. Jack ficou repentinamente cauteloso, sentindo que ele era uma parte ativa das forças ao redor deles, que seu próprio movimento poderia ativar o próximo tremor. Olhou para a válvula de fluutuabilidade na frente de sua roupa de mergulho, verificando se estava isenta de sedimentos que poderiam pressioná-la e abri-la. Era uma falha de funcionamento que eleja havia notado. Falaria com Costas sobre isso. Jack manteve a mão direita em cima da válvula, depois ergueu a cabeça. Seu capacete bateu em algo. Ele deu uma volta por cima e observou, vendo só o reflexo fora do sedimento. Costas não ficaria tão próximo acima dele quando sabia que Jack estava subindo. Devia ser alguma outra coisa. Jack foi um pouco para trás e tateou para diante com a mão esquerda. Era um objeto sólido orientado para fora do leito do lago, em sua direção. Parecia ser um tronco de árvore. De repente, ele se lembrou do torpedo perdido. Mas aquilo estava errado. A superfície estava coberta por uma casca, como num velho bordo, densamente segmentada. Ele tateou com ambas as mãos e sentiu que o tronco se desenvolvia para cima, havia um lugar onde formava um ângulo acima dele. Se aquilo fosse um velho tronco de árvore, era muito velho, entrelaçado, com os restos de galhos de cada lado. Ele sentiu a parte de cima. O tronco se estreitou, depois aumentou novamente antes de terminar, como um crescimento bulboso.

Jack gelou. Ele tinha visto algo.

- Você está bem? - A voz de Costas chegou severa pelo interfone.

A voz de Jack hesitou. - Eu consegui algo.

- Largue isso. Você precisa sair daí agora.

- Entendido. - Houve outro tremor, e o sedimento suspenso que tinha obscurecido sua visão de repente cintilou, como um cardume de peixes minúsculos. Houve um momento de clareza total. Jack podia ver claramente agora.

Era uma cabeça humana.

Era uma estátua de pedra, maior que uma figura normal de um homem, e estava apoiada no chão do lago. Ele olhou para o rosto. Parecia uma

máscara mortuária, os olhos quase fechados, a boca uma careta, as maçãs do rosto eram altas, o nariz, achatado, tinha bigodes finos, para baixo, entrelaçados. As palavras da lenda quirguiz passaram rapidamente pela mente de Jack. Um caixão dourado sepultado em um mar prateado. Mas isso era sobre Genghis Khan. Ele tinha repudiado a história. *Será que estava tão errado?* Olhou novamente. O que tinha sentido como casca de árvore eram camadas finas de armadura, segmentadas, sobrepostas. Viu que a estátua estava segurando uma espada, uma grande lâmina reta, finamente modelada, que saía da pedra. A espada tinha uma parte arredondada no punho, que escondia completamente a mão. Jack olhou novamente para o rosto, e então percebeu o que tinha visto. Não era um punho. *Uma manopla.* Ele mal ousava acreditar em seus olhos. Mergulhou, e olhou de perto. Estava tudo ali: as orelhas felinas, os olhos amendoados, a boca fazendo careta onde a lâmina se projetava para fora. Ele encarou com surpresa a figura esculpida que se inclinava sobre ele.

Uma espada com manopla.

Um guerreiro tigre.

Jack ergueu o olhar. Ele mal podia distinguir Costas alguns metros acima, soltando um marcador de boia. Havia um rugido distante em seus ouvidos, um barulho que parecia vir das entranhas da terra, misturado com o som de um motor de barco. Ele viu a parede de lodo atrás da estátua, e percebeu quão perto havia estado. Agora estava acontecendo novamente. O lodo estava tremendo, borrado. Ele notou que estava sendo empurrado por alguma força na água para baixo do declive. Repentinamente, encontrou-se sobre a extremidade de uma cova preta, cujas laterais se estendiam para dentro do lodo em turbilhão mais além. O tremor passou, e ele afundou. Estava agora a cinquenta metros de profundidade. Podia ver onde a cova estivera outrora completamente enterrada, onde o terremoto rachara e abrira a superfície de barro duro e revelara um espaço oco abaixo, agora quase preenchido com lodo. Ele viu algo branco iluminado por sua *headlamp*. Era um crânio. *Um crânio humano.* E então ele viu mais. Havia crânios em todos os lugares, crânios humanos, fileiras deles, com órbitas oculares vazias, mandíbulas caídas, deslocadas, algumas indolentemente viradas para a esquerda, outras para a direita. Debaixo dos crânios havia *flashes* de verde e marrom. Ele mergulhou mais para o fundo, dentro de um espaço na cova, até que pudesse ver mais. Não havia nenhuma dúvida sobre aquilo. O

verde e o marrom eram metal, bronze. Armaduras segmentadas. Fileiras de esqueletos, um regimento inteiro estava enterrado verticalmente em uma cova, usando armadura de bronze segmentada. *Armadura chinesa antiga*. Ele olhou novamente, mal acreditando no que estava vendo. Cada esqueleto tinha restos de uma corda ao redor do pescoço, preservada na água fresca do lago. Eles formavam um exército para a vida após a morte. *Um exército que tinha ido de boa vontade para sua morte*.

A mente de Jack estava acelerada. A estátua, o guerreiro, devia ser um guardião. Ele olhou novamente para os crânios, que desapareciam rapidamente embaixo de uma cascata de lodo. As palavras de um antigo cronista passaram por sua mente. - Os cem oficiais, assim como utensílios raros e objetos maravilhosos, foram levados para preencher a tumba. Ele olhou para a estátua no declive, já pouco visível na escuridão, e então percebeu. O guerreiro tigre não era um guardião. *Era um executor*. Jack olhou novamente para os crânios. Eles formavam a verdadeira guarda do imperador, os soldados leais, os serviçais, aqueles que haviam construído a tumba e levado o corpo para lá, que tinham se dedicado a cumprir os caprichos de seu líder, que tinham jurado proteger o segredo, prestado um juramento que não os havia protegido. Eles não eram um exército voluntário para a vida após a morte. *Eram as vítimas de um assassinato em massa*. Tinham sido assassinados não para satisfazer a vaidade de alguém que acreditava que governaria para sempre, mas para satisfazer a fome de imortalidade daqueles que achavam que eles eram seus vassallos de maior confiança, os guerreiros cuja proteção do segredo asseguraria seu poder por toda a eternidade. De repente, Jack soube com certeza. Rebecca tinha razão. Havia algo ali, algo na escuridão além, algo tão surpreendente que ele quase não conseguia acreditar. *O segredo da tumba do primeiro imperador*.

De repente estava acontecendo novamente. Algo o sugava para baixo. Ele começou a nadar com movimentos firmes. Pela primeira vez no mergulho ele sentiu o aperto frio de medo, como se houvesse algum espaço vazio no exército macabro abaixo reservado para ele, por ter ousado ver o que vira. Ele percebeu que o leito inteiro do lago estava se movendo, deslizando declive abaixo. A estátua e a cova tinham desaparecido. Uma onda volumosa o lançou para o lado, empurrando-o para longe do rego. Então ele estava milagrosamente limpo, flutuando sobre a tempestade de sedimento, banhado pela luz solar. Viu que Costas estava distante apenas

alguns metros. A luz vermelha do sinalizador de interfone dentro do capacete dele estava piscando, e ele percebeu que devia ter falhado. Fez com a mão um sinal de que tudo estava certo e viu Costas fazendo o mesmo. Olhou para baixo novamente, tomando fôlego, esperando que sua pulsação se acalmasse antes de subir.

Jack fechou os olhos. Tinha visto alguma outra coisa. Algo na fração de segundo daquele tremor. Algo que tinha relampejado em sua visão enquanto o sedimento era sugado do leito do lago em um vórtice turbilhante. Ele havia visto paredes, grandes paredes de pedra, revestindo os lados de uma passagem, convergindo para uma via de acesso escura na lateral do declive, lacrada com mais pedras. Ele abriu os olhos. Tinha certeza disso. Pensou no que mais havia visto lá embaixo, no que ele tinha tocado. Olhou para a superfície, através da água que estava agora brilhante e clara. Eles estavam a menos de vinte metros de profundidade, e ele tinha a certeza de que vira a linha oscilante dos cumes nevados ao sul, atravessando o reflexo prateado da luz solar na superfície. As palavras do cronista chinês voltaram à sua mente. "Para formar imitações dos cem rios, o rio Amarelo e o Yangtsé, e os mares, foi usado mercúrio, e foram construídos de tal modo que pareciam fluir. Acima havia representações de todos os corpos celestes, abaixo, as feições da terra." Então ele percebeu. Lá, na tumba em Xian, tudo havia sido artifício. Ali, debaixo das montanhas celestiais, onde o lago era igual a mercúrio líquido, tudo era real. Ali, onde o reino do céu estava no horizonte para ser visto, e o orbe terrestre e os céus verdadeiramente poderiam ser o domínio de um imperador.

*Um imperador.* Jack mal estava conseguindo respirar. Não Genghis Khan. Um imperador muito maior que ele. Um imperador de tudo aquilo que era conhecido abaixo do céu.

Shihuangdi. O primeiro imperador.

Jack se lembrou do sogdiano, o homem cujo ato realizado mais de dois mil anos atrás os tinha conduzido para esse lugar, um homem cuja própria existência era parte conjectura e parte realidade. Eles teriam acertado a respeito dele? Ele realmente roubou a joia celestial debaixo do nariz dos guerreiros tigres de Xian? Ou ele estava cumprindo uma promessa, aquela que o primeiro guardião tinha feito ao imperador agonizante, de levar a joia de Xian para esse lugar, a tumba real? Teria o imperador perdido a confiança nos guerreiros tigres? Teria ele previsto o futuro, visto como seu

legado seria usurpado por aqueles que simulavam protegê-lo? A fraternidade do tigre vivera uma mentira, apoiada por assassinatos, uma fantasia de proteção que tinha sido sempre somente sua própria ganância e poder?

Jack pensou na jóia celestial, o tesouro ilusório que os levara a essa viagem extraordinária. Teria a joia sido instalada sobre o caixão vazio debaixo do Monte Li, um símbolo inestimável do sonho do imperador que eles tinham jurado proteger e que, no entanto, um dia, um descendente do guardião teria removido e tentado levar para seu legítimo lugar? Jack se lembrou do tio de Katya, a história dos guerreiros tigre contada por ela própria, fluxos de conhecimento que pareciam vir de algum reservatório profundo do passado, lembrados com exatidão, passados de geração em geração. Jack pensou novamente em Katya. Teria havido uma pessoa entre os membros da fraternidade, uma em quem Shihuangdi confiava, ele que acreditava em tão poucos, a ponto de manter os olhos dos outros longe da verdade? Teriam eles vivido uma mentira durante sessenta e seis gerações, sempre protegendo uma tumba em Xian que um deles sempre soube que estava vazia? Será que o tio de Katya teria ido buscar a joia não só para mantê-la longe de ShangYong, mas para levá-la secretamente para lá? Jack pensou em algo que Katya tinha lhe dito sobre o tio. *Ele estava me preparando.* Será que ela tinha lhes contado a história inteira? *Quem era o guardião da tumba agora?*

O interfone dele deu um estalido. - Jack. Você pode me ouvir?

- Alto e nítido.

- Estou gritando até perder a voz. Você precisa fazer uma parada de descompressão de dez minutos. A onda que surgiu pode ter pressurizado a água e você deve aumentar seu tempo de subida sem parar.

- Cinco minutos a vinte metros, cinco a dez metros.

- Entendido.

- A interferência no interfone deve ter sido eletromagnética.

- Fiquei preocupado com isso. O tremor pode ter desalojado aquele torpedo perdido, e reativado algo na eletrônica.

- Nós vamos querer isolar a área com um cordão - disse Jack. - Este setor inteiro da costa se torna uma zona proibida. Essa é nossa condição



para trabalhar com a OTAN e os russos. Vamos financiar toda a operação de limpeza e colocar os russos em qualquer programa de treinamento subaquático que quiserem. Assim que tudo estiver pronto, dois anos, talvez três, em algum momento no futuro, iniciaremos a busca. Ninguém entra na água antes disso. Saúde e segurança.

- Certo, Jack. Como se saúde e segurança sempre fossem fundamentais em sua lista. Então, o que exatamente você encontrou lá embaixo? Suponho que estávamos olhando para algo mais que um espelho de bronze.

- Este nosso canal é seguro?

- Um sistema fechado. Somente você e eu. O barco da marinha não tinha o receptor adequado e nós não pudemos conseguir um que chegasse a tempo.

Jack pigarreou e disse: - Encontrei uma estátua e alguns ossos.

- Eu disse, o que você encontrou, Jack?

- Foi isso que eu vi, com certeza. Foi nisso que toquei.

- Certo.

- Muito bem, poderia ter achado uma tumba.

- Aquela da lenda local? A de Genghis Khan?

- Não tenho certeza. Nós precisamos de mais dados para continuar.

- Você não achou a jóia. A outra. A olivina?

- Não, não achei a joia. Mas este pode ser o lugar certo. Se Fabius e os outros chegaram de fato até a costa oriental do lago e afundaram por causa de uma tempestade, este é aproximadamente o lugar onde teria ocorrido o naufrágio. Tudo o que traziam com eles ainda poderia estar aqui, em algum lugar dentro do lodo, debaixo de nós agora. Ou Fabius pode ter escapado e levado a joia com ele para a China, a Xian.

- De volta para a tumba do primeiro imperador.

- Para o lugar que a história chama de a tumba do primeiro imperador. Houve um breve silêncio. - Você está dizendo aquilo que penso que você está dizendo?

- Eu só vi o que havia lá durante um segundo. Menos de um segundo. Mas tenho certeza do que vi.

Costas conferiu o velho Rolex, o relógio de mergulho que usava em cima da roupa de mergulho e ergueu o polegar. Jack repetiu o gesto e observou a medida de profundidade dentro do capacete quando eles subiram para dez metros. Seus sistemas de flutuabilidade se ajustaram automaticamente para o ponto neutro, e Costas se virou para encarar Jack. - Então, como você vai explicar a sua filha que ela é responsável por uma das maiores descobertas arqueológicas já feitas, algo que poderia mudar a percepção da história asiática, ou não vamos dizer nada sobre isso, mas apenas falar sobre um torpedo ou, se pressionado, talvez você resmungue algo sobre Genghis Khan?

- Não quero contar para ninguém pela razão que você acaba de mencionar. História asiática. Há muita coisa em jogo. Todo um mito nacional. Agora mesmo, o chinês poderia precisar daquele mito, o mito da tumba do primeiro imperador em Xian, o mito de riqueza inenarrável enterrada com seu maior governante. A revelação da verdade poderia desencadear um desdobramento difícil de ser controlado na China.

- Você não acredita nisso. Nunca soube que você deixou de escavar um tesouro porque se preocupou com um mito nacional.

- Muito bem, só quero esperar até que a atividade sísmica se acalme. Isso pode levar um par de anos. E isso deverá nos dar tempo para desenvolver um equipamento que atravesse uma montanha de sedimento do lago. Dar tempo a você, eu diria.

- Eu estava projetando um novo escavador de subfundo em minha mente enquanto você estava pesquisando lá embaixo. Eu sabia que você tinha conseguido algo, e que voltaríamos aqui. Então, e sobre Rebecca?

- Dois, talvez três anos, num momento futuro. Quando nós estivermos prontos para voltar aqui. Então vou lhe contar o que vi. Prefiro que sua primeira grande descoberta não seja algo que poderia transtornar a ordem mundial inteira.

- As crianças sabem tudo. Ela vai interrogá-lo assim que vir aquele seu olhar. E mostre-me uma de nossas descobertas que não tenham transtornado

o curso da história. Se ela vai continuar conosco, terá que se acostumar com isso.

- Ela deve estar lá em cima no barco, agora - disse Jack.

- Aposto que você vai lhe contar, no momento em que aparecermos.

Jack olhou para cima. Eles só tinham alguns minutos. Ele provou um pouquinho de sal do lago. Lembrou-se de algo que Katya lhe havia contado, uma antiga lenda quirguiz sobre como os nômades mantinham afastado o espírito de seus antepassados. Ficavam se lamentando no lago, ao longo do contorno da costa, junto às pedras esculpidas que haviam marcado seu passamento. Se os enlutados chorassem, as águas subiriam, envolveriam os fantasmas, e eles se afogariam. Mas agora havia muito poucos enlutados, muito poucos ficaram para ser lembrados. Jack tinha visto os seixos secando ao sol perto do recuo do contorno da costa e a mancha da marca da água alguns metros acima. Agora eram as próprias montanhas que precisavam se lamentar, para libertar a água derretida em correntes, manter o espírito abaixo delas na baía, o espírito de Shihuang- di, o primeiro imperador.

Jack pensou em onde eles estavam novamente, na lendária Rota da Seda. Um lugar varrido pelo vento divino onde pouco fora deixado, a não ser mito e lenda, histórias que ainda persistiam só porque eram tão luminosas e irreais.

Mas não aqui. Não no mundo subaquático. Aquilo era real.

Houve outro tremor, mais violento dessa vez, e fez-se uma escuridão sobre o leito do lago abaixo deles, obscurecendo-o completamente. Jack conferiu seu computador. Estava na hora de ir. Costas ergueu o polegar. Jack olhou para cima e viu a sombra do barco patrulha e, atracado ao lado dele, um *Zodiac*, com a popa diretamente acima da cabeça deles. Um grupo de rostos era visível acima da popa do barco patrulha, ao redor da escada de mão onde Costas já estava começando a subir, mas um rosto solitário olhava atentamente para ele da lateral do *Zodiac*. Os cascos eram como nuvens escuras, mas os rostos refletidos na superfície prateada da água como estrelas, o mais luminoso diretamente sobre ele. Jack subiu e apareceu na superfície, levantou a viseira do capacete e se agarrou na lateral do *Zodiac*, olhando para o rosto de óculos de sol e longos cabelos escuros que o contemplava. Ele se ergueu, examinou por cima do alto da ponte flutuante, e viu que eles estavam fora do alcance dos ouvidos dos outros. Então ele se

abaixou novamente e gesticulou para Rebecca se aproximar mais. Ele resfolegou na água e limpou a garganta. Estava tão excitado quanto jamais estivera na vida.

- Você se lembra de nossa viagem para Londres para ver a exposição dos Guerreiros de Terracota? - ele perguntou. - Bem, você não vai acreditar naquilo que acabamos de encontrar.

- Experimente, pai.

# Epílogo

Província de Gansu, China

Quarenta e oito horas depois, Jack estava de pé em frente a uma parede baixa, os restos de uma muralha que outrora tivera vários metros de espessura, dentro de um complexo de ruínas antigas. Ele se ajoelhou e tocou a superfície, sentindo que ela se desfazia sob seus dedos. Era marga, argila compactada com fragmentos de granito cor-de-rosa e cinza. Esse lugar precisava desesperadamente de chuva, mas a parede estava tão ressecada que a chuva só aceleraria sua destruição, dissolvendo-a em vez de fortalecê-la. A marga parecia concreto antigo, igual a argamassa, mas não era. *Esta muralha não era Romana*. Ele se virou e acenou para Costas, que vinha subindo atrás dele, uma figura ligeiramente desconsolada imersa na poeira. Mais atrás ele podia ver Katya e Rebecca, desvendando à sua maneira o caminho por entre as pedras, e além delas uma nuvem de pó onde o rotor do helicóptero da Lince estava sendo desligado. O helicóptero os levara até lá em etapas, do lago Issyk-Gul no Quirguistão, a leste e acima da passagem montanhosa do Tien Shan, margeando os limites ao norte do deserto de Taklamakan, e depois para baixo, em direção ao estreito da passagem de Gansu, no coração do império chinês antigo. Tinha sido uma viagem maravilhosa, seguindo a Rota da Seda pelo ar, e eles haviam acampado nos locais dos caravançarás abandonados há muito tempo. Naquela manhã haviam feito um voo rasante sobre a Grande Muralha de China, em cima de uma seção construída durante a dinastia de Han, dois mil anos atrás. Elas ficavam a algumas horas de Xian, a extremidade oriental da Rota da Seda e o lugar da tumba do primeiro imperador. Mas, para Jack, esse lugar era o fim de sua busca, o último sinal de uma extraordinária e antiga viagem que eles vinham fazendo de outro mundo longínquo, inimaginável para o Ocidente.

Uma lufada de brisa trouxe a sugestão de algo exótico, até mesmo inebriante, alguma colheita no vale talvez, mas o ar estava calmo, e tudo o que Jack podia sentir era o cheiro desagradável de decadência e desamparo,

elemento vital e familiar aos arqueólogos. Inspirou, apreciando. Queria que Hiebertmeyer estivesse ali. Ele o ajudaria a encontrar sentido nas paredes, na confusão de ruínas. Ou talvez já tivesse se passado tempo demais para desvendar e nada mais houvesse para observar além do que via agora à sua frente.

Jack olhou em volta. O lugar era de uma beleza desoladora. Eles haviam passado por casas em ruína, paredes de tijolos já sem cor, alvejadas pelo sol, rodeadas por trechos de cultivo de milho e cevada que pareciam sentenciados a perder a batalha contra o sol ardente. Trilhas cheias de sulcos atravessavam campos pedregosos, as cicatrizes da aração e os canais de irrigação estavam secos há muito tempo, endurecidos pela ação do sol. Ao longe, uma cabra ou ovelha solitária vasculhava o chão em busca de alguma coisa entre o pedregulho e o pó. O próprio céu parecia chamuscado, incolor, e na maior parte do tempo não se podia ver nada além do baixo platô onde ele estava, mas então vinha do alto um vento que afastava a poeira, e o céu surgia riscado de vermelho. Nesses momentos, ele via os contrafortes das montanhas de Xaipan, grandes concavidades e espigões que se erguiam numa linha de horizonte recortada contra o céu. Ao norte havia outra linha de montanhas, mais distante, e entre as duas cadeias estava a Passagem de Gansu, a Rota da Seda oriental. Ali o progresso gerado pela passagem das caravanas de camelos já levantara uma tempestade contínua de poeira, cujos resíduos pareciam permanecer no chão do vale como um resíduo da história, uma grande exalação do passado que ainda permanecia suspensa.

Jack percebeu que ele havia estado em lugares como esse antes, na extremidade das montanhas Atlas, no Marrocos, no deserto sírio do norte, em Andaluzia, na Espanha. Lugares nos quais as comunidades antigas outrora haviam prosperado na periferia, mas o esgotamento da terra e do espírito subjagara todas as tentativas de esculpir uma existência fora dos bolsões preciosos de terra, tão facilmente varridos pelos caprichos do clima e da erosão. Disseram-lhe que chovia cada vez menos agora ali e que a agricultura que outrora sustentara a aldeia estava sendo soprada pelo vento. Em breve, até as paredes antigas se tornariam parte da nuvem de pó que turbilhonava e fluía ao longo da Rota da Seda, entre a cadeia infinita de montanhas que definiam aquela passagem que antes unia os grandes impérios do Oriente e Ocidente.

Jack se sentou sobre um muro de pedras. Costas subiu e se acomodou ao lado dele, tirando a poeira do rosto. Encarou a parede com uma carranca.

- É assim que você sabe que está na presença de um arqueólogo real - disse.
- Uma das maiores maravilhas da história está logo além do horizonte, a tumba lendária do primeiro imperador, o Exército de Terracota. Mas não, nós estamos sentados diante de uma parede desmoronada num solo improdutivo, sofrendo com a poeira e o calor ardente. Famintos, sedentos, cansados e precisando urgentemente de umas férias.

Jack passou a garrafa de água para ele. - Mas não consigo encontrar um sentido nisso sem você. A arqueologia, quero dizer. Você mantém meus pés no chão.

- Certo. - Costas bebeu a grandes goles a água da garrafa, depois a devolveu. - Então, qual é a verdade sobre este lugar, Jack? Foi para ver isto que você nos trouxe por todo esse caminho?

Jack passou um pedaço de papel para Costas. - Imprimi isto do computador do helicóptero esta manhã. Sabia que você ia precisar de um antídoto para uma parede arruinada. Manchete de notícia, na CNN. Seu navio elefante ao largo da costa do Egito. Lembra-se? Acho que está no mesmo nível dos Guerreiros de Terracota, você não acha? E nós os encontramos.

Costas examinou a fotografia e seus olhos se iluminaram. - Olhe, eles colocaram meu novo submersível na foto, o ROV-6. Eu pedi para a equipe de filmagem do IMU para colocá-lo nas fotos de publicidade. Você pode ver até a nova matriz estroboscópica. Perfeito.

- Os elefantes, Costas, os elefantes.

- Sim, isto também. - Eles olharam por um momento para a imagem extraordinária que tinham visto pela primeira vez dez dias antes, a forma incrustada de coral de um elefante sentado no fundo do mar Vermelho. Costas leu em voz alta a legenda. "O egiptólogo Maurice Hiebermeyer anuncia o achado de um naufrágio sensacional". - Ele deu um tapa no papel.
- Não acredito nisto. Nenhuma menção a nós em lugar algum. Só Hiebermeyer.

- Nós tínhamos que permitir que o arqueólogo do pó vivesse um momento de glória -, disse Jack. - Afinal de contas, foi ele que nos persuadiu a ir para o Egito em primeiro lugar.

- Isso aconteceu quando nós achamos a Atlântida -, grunhiu Costas. - Eu tinha projetado uma demonstração especial do Anthropolod, o programa avançado de exploração em águas profundas. A imprensa estava toda em cima de Hiebermeyer e de suas múmias miseráveis.

- Isso é egiptologia para você.

- De qualquer maneira, você é que deveria estar dando as entrevistas.

- O Maurice é melhor nisso que eu. Ele tem toda aquela energia borbulhante. E é menos ameaçador.

- Ameaçador? - Costas olhou de maneira penetrante para ele. - Deixeme adivinhar. Você não quer o mundo saiba que há um verdadeiro Indiana Jones por aqui, quer? Poderia pôr os sujeitos maus na defensiva. Você gosta de manter um perfil modesto.

- Exatamente.

- Você não respondeu à minha pergunta. A verdade sobre este lugar.

Jack apontou para a parede que se desfazia. - É o que você vê à sua frente. Alguns anos atrás, arqueólogos chineses identificaram estas paredes como sendo da dinastia Han, contemporânea ao Império Romano. Eles achavam que este poderia ser o sítio de Lijian, um assentamento na passagem de Gansu mencionado nos registros de Han. Lijian poderia derivar da palavra chinesa "Han" para designar o ocidental, aqueles que viviam mais além dos persas. Mais tarde este lugar pode ter sido renomeado de Jieli, que possivelmente significava "cativos pela conquista de uma cidade. Era comum para o povo de Han instalar seus prisioneiros de guerra em lugares que eram depois nomeados segundo sua origem. A grande sacada de imaginação foi conectar este lugar com a teoria de que os chineses haviam empregado mercenários romanos, os sobreviventes das legiões de Crasso que tinham escapado da prisão persa.

- Então é isso - murmurou Costas. - É por essa razão que estamos aqui.

- Não está claro e preciso -, disse Jack. - A história de Fabius e dos outros poderia ter terminado no Lago Issyk-Gul. Mas também poderia não ter sido assim. Qualquer coisa é possível.

- Continue.



- Os sobreviventes romanos de Carrhae foram aprisionados em Merv em 53 a.C. Licinius, Fabius e seu grupo encontraram a chance de fugir aproximadamente trinta anos depois. Ao longo dos anos, outros devem ter tentado escapar. Talvez um grupo tenha tido êxito, e ressurgiram em Merv os rumores sobre as oportunidades que havia para os mercenários no Leste e as grandes riquezas que podiam ser obtidas. Talvez tenha sido isso que inspirou Licinius e Fabius. E as alusões sobre este lugar parecem referir-se a um grupo anterior. A *História da primeira dinastia Han* registra soldados que lutaram em 36 a.C. para um líder militar renegado, Hun, e que organizam as tropas em uma formação que lembra a manobra romana chamada *testudo*, em que os escudos são superpostos sobre as cabeças. Esse é o único fragmento de evidência no qual toda a teoria se apoia. Uns poucos que foram persuadidos pelo argumento do livro começaram a identificar Lijian com o assentamento romano. E aqui estamos nós.

- Algum artefato romano? - perguntou Costas, chutando a poeira. Eles ergueram o olhar quando as duas mulheres se aproximaram. Rebeca continuou a andar, caminhando ao redor das ruínas à frente deles, examinando as paredes. Costas mudou de lugar para abrir espaço para Katya se sentar no muro.

Jack sacudiu a cabeça. - Foi o que Katya disse no sítio do enterro romano ao lado do lago Issyk-Gul. Você não esperaria achar nada. Se os romanos estiveram aqui, eles não teriam consigo nada de sua vida anterior. Suas coisas teriam sido subtraídas deles no campo de batalha, e depois em Merv. Mas há uma característica fascinante neste lugar. Não artefatos ou ruínas, mas as pessoas. Há uma incidência notável de traços bonitos nos habitantes locais: olhos verdes, cabelos cor de linho, nariz grande. Alguns estudiosos chineses que vieram para cá consideraram que havia nessas feições traços asiáticos ocidentais, então alguém se lembrou da conexão romana, e a ideia pegou.

- O que eles sabem sobre isso? - perguntou Costas. - Os habitantes locais, quero dizer?

- É impossível dizer. Poderia haver alguma memória residual de seus ancestrais. Mas eles são desesperadamente pobres, e aceitar a teoria romana poderia ser um caminho para o ingresso de dólares turísticos.

Katya disse: - Em qualquer lugar ao longo da Rota da Seda você poderia ter uma contribuição genética do Ocidente: persa, sogdiana, bactriana, indiana e ainda grega e romana, mas com essa contribuição que remonta a tão longe quanto o início do período Neolítico e até mesmo aos indo-europeus que vieram para este local tão longínquo, realmente não poderia ter certeza.

Jack assentiu com a cabeça. - Estudos feitos com DNA resultaram bastante inconclusivos. E tudo se baseia numa ideia equivocada dos chineses acerca dos romanos: que eles eram gigantes de olhos azuis e cabelos loiros. Ironicamente, os legionários romanos da área central da Itália teriam tido muito maior semelhança com a fisionomia dos guerreiros chineses Han: baixos, atarracados, cabelos escuros e olhos castanhos. O que os chineses estavam imaginando está muito mais próximo do tipo celta ou nórdico. É claro que na época de Júlio César e de Crasso havia muitos homens como esses nas legiões: celtas no norte da Itália, gauleses, até bretões. Os hunos não eram os únicos a empregar mercenários em seus exércitos.

- Qual é sua sensação instintiva? - perguntou Costas.

Jack franziu os lábios. Ao longe ele viu um fazendeiro trabalhando a terra com a picareta, o instrumento saltando da superfície de pedra dura. Além dele as montanhas se erguiam como papel amarrotado, as depressões e vales dentro de sombras escuras. - Meu instinto visceral - ele repetiu, - é que esta terra teria sido mais fértil na Antiguidade, permitindo um assentamento agrícola mais viável, mas sempre foi um lugar de grande exigência, não um lugar de escolha. Meu instinto visceral é que os prisioneiros de guerra podiam ter-se estabelecido aqui.

Rebecca se aproximou e parou na frente deles. Ela havia tirado o pulôver de lã e exibiu uma camisa cinza com a sigla USMC estampada na frente.

- Você parece ter feito alguns amigos novos -, disse Jack.

Costas examinou a camisa e fez que sim com a cabeça em sinal de aprovação. - Hoo-ah -, ele disse.

- Hoo-ah replicou Rebecca, levantando a mão e dando uma palmada contra a mão dele. Jack afastou os olhos. Ela se deixou cair na parede baixa

ao lado dele e tirou o boné, enxugando a testa. - Está excessivamente quente - ela disse.

Jack virou-se para ela surpresa. - O que você acabou de dizer?

- Eu disse que está excessivamente quente. - Ela olhou para ele embaraçada. - Isso é o que John Howard teria dito. Li isso numa carta que ele escreveu à esposa, sobre a selva, quando o filhinho deles estava doente. Era uma das expressões que ele usava. Tenho pensado muito nele. Ele queria tanto estar com a família, mas não conseguiu. Espero que a tenha encontrado no final.

Jack pôs o braço ao redor dela e sorriu. Ele se lembrou da mina de lápis-lazúli, do corpo. Por um momento ele viu Howard e Wauchope, em pé juntos, não os homens velhos vestidos com peles de carneiro rasgadas, mas jovens oficiais com capacetes brancos e túnicas cáqui, com telescópios e mapas, fitando o horizonte. Ele estreitou Rebecca e depois retirou o braço. - Você há pouco telefonou a Bishkek pelo celular, não foi? Como está Pradesh?

- Ele está bem. - Rebecca pareceu ter ficado abatida de repente. - Altamaty e eu fomos vê-lo no complexo médico dos Estados Unidos em Bishkek, pouco antes de voarmos para cá. A bala não acertou nenhum órgão vital. Mas sem os primeiros socorros ele teria sangrado até a morte. Ele está muito agradecido a você por ter salvo sua vida.

- Costas fez os primeiros curativos. E é pouco provável que eu o tenha salvo. Foi eu que o coloquei em situação de perigo.

- O médico do exército disse que se tivesse sido uma bala explosiva ou uma calibre cinquenta Browning, ele teria morrido com o impacto. Disse que quando a bala bateu em Pradesh ela já estava numa velocidade subsônica e deve ter sido atirada de uma distância incrível, aparentemente com um rifle velho. Alojou-se apenas a uma polegada do coração. Ele disse que nunca vira uma coisa assim.

- E nunca mais verá - murmurou Costas.

- Como vai indo sua palestra sobre arqueologia? -, perguntou Jack.

- Ele a está aperfeiçoando. Quer mais informações. Disse que já estava vendo os artefatos romanos encontrados em Arikamedu sob um novo

aspecto, como evidência de comércio, sociedade, crenças - romanas, egípcias, indianas, sua própria história. Ele está ansioso para voltar lá.

- É isso que gosto de ouvir - murmurou Jack.

- E Altamaty? - Jack olhou para Katya.

- Ele vai ficar com Pradesh até que eles o levem de volta de avião. Pradesh está tentando lhe ensinar o inglês. Eles continuam se dando muito bem. Altamaty até levou para ele uma tigela com guisado de carne de carneiro. Diz que cura qualquer coisa.

Costas limpou a garganta. - Bem, Jack. Talvez você queira juntar-se a eles para comer um pouco mais de beijo de ovelha.

Rebecca parecia incrédula. - O quê?

- É verdade - disse Costas. - No Quirguistão, quando conhecemos Altamaty, ele comeu beijo de ovelha. Seu pai comeu beijo de ovelha.

- Oh meu Deus.

- Tive que comer - protestou Jack. - Seria uma grande ofensa eu tivesse recusado. Altamaty nunca mais voltaria a falar comigo.

- Pensei que você odiasse carne de carneiro.

- É a única comida que não suporto.

- Você não poderia ter escolhido outro pedaço? Tinha que ser o beijo?

- Não tive escolha. - Ele olhou desamparado para Katya. - Tinha que ser o beijo.

- Eu consegui - Rebecca disse baixinho, - o pai mais asqueroso... de todos.

Jack sorriu. - Nós precisamos mostrar para Pradesh e Altamaty as cordas. Um curso intensivo no campus do IMU, e algumas experiências com nossas embarcações de pesquisa. Preciso falar com o comandante do Grupo de Engenharia de Madras para organizar um destacamento. Pradesh precisa de uma licença para recuperação, de qualquer maneira, e o campus em Cornwall é perfeito. Em relação a Altamaty, o treinamento dele pode fazer parte de nosso financiamento para o trabalho subaquático em Issyk-Gul e o projeto de pesquisa dos petróglifos. Nós podemos pôr um pessoal temporário lá enquanto ele estiver fora.

- Isso seria maravilhoso -, Katya murmurou. - O financiamento.

- Foi o que prometi - Jack respondeu. - Você pode muito bem ir se encontrar comigo de novo.

- Se Altamaty está fora, Katya certamente vai precisar de companhia disse Rebecca. Costas tossiu, e Rebecca continuou. - Quando Costas finalmente for me ensinar a mergulhar no Havaí, o que ele prometeu fazer, vou ensinar a Altamaty todas as palavras inglesas para os equipamentos, de modo que ele possa encomendar tudo o que precisa do pessoal técnico do IMU sem ter que passar por Costas. Eu disse a ele que Costas é um grande sujeito, mas normalmente vive obcecado por algum novo submersível ou coisa semelhante, e se Altamaty quiser material ele deverá se dirigir a mim. - Ela se inclinou e lançou a Costas um olhar aveludado.

- E bom ver que você está no topo das coisas, Rebecca -, Jack disse, erguendo as sobrancelhas para Costas.

- E a dificuldade com você, pai, é ficar pulando de uma aventura para outra. Foi o que Hiemy me contou. Você sabe, lá no Egito. Disse que quando ele encontra algo, se apega àquilo, procura insistentemente qualquer possível fragmento de informação no local. Obsessivamente.

- Fale sobre isso -, disse Costas.

- Ele diz que ele, professor Hiebermeyer, é o verdadeiro arqueólogo. Ele disse que quando encontra aqueles fragmentos de cerâmica com gravações do *Périplo*, ele os põe de lado deliberadamente, não se permite ficar excitado.

Jack estreitou os olhos. - Depois que ele os encontrou me telefonou em aproximadamente dez segundos. Você se lembra, Costas? Até veio nos visitar quando estávamos escavando a enseada em Istambul, procurando o menorá, o candelabro sagrado judaico. Eu é que estava muito ocupado. Apegado ao meu projeto.

- Hiemy disse que se ele não tivesse passado meses escavando meticulosamente aquela casa romana perto do Mar Vermelho, essa aventura inteira nunca teria acontecido. Disse que ele fez o trabalho real enquanto vocês estavam fora procurando pelo Santo Graal ou algo assim. Disse ainda que era como *Jornada nas estrelas*, vocês tinham ido para o lado escuro. Eu

disse que era *Guerra nas estrelas*, não *Jornada nas Estrelas*. Acho que ele não assistiu a nenhum dos dois. Ele disse que você havia se tornado apenas um caçador de tesouros, e que ele somente estava dizendo isso porque você ainda tem potencial, e é para seu próprio bem.

- Acho que preciso trocar umas palavras com o velho Hiemy -, disse Jack.

- Não se preocupe respondeu Rebecca. - Aysha está cuidando disso. Ela diz que o que ele precisa é de uma família. Crianças, você sabe. Ela diz que está trabalhando nisso.

Costas quase engasgou ao dizer: - Trabalhando nisso.

- Dia e noite -, disse Rebecca.

- Hiemy, que velho sortudo -, comentou Jack.

- E meu próximo projeto vai ser o sul da Índia -, disse Rebecca afirmativamente.

- Seu próximo projeto é a escola disse Jack.

- Desde que vi todo aquele material na velha arca, toda a nossa história familiar, fiquei fascinada por ela -, disse Rebecca, olhando de maneira desafiadora para Jack. - Pradesh se ofereceu para me levar àquele santuário na selva, para ver as esculturas por mim mesma. Ele acha que o próximo passo é entrar dentro da tumba. Ver o que há lá. Diz que o governo indiano está enviando sapadores para construir mais estradas, na realidade, para terminar várias das trilhas que foram feitas por Howard e seus sapadores em todos aqueles anos tempos atrás.

- E a INTACON? - perguntou Costas. - E Shang Yong? Será que a morte do francoatirador no Afeganistão acabou com ele, Katya?

Ela respondeu baixinho. - Sem seu fiel companheiro de crime, a fraternidade se recusará a reconhecê-lo. Mas os membros se agarrarão à convicção de que eles protegem o legado de Shihuangdi e sua tumba.

- E quanto tempo isso vai durar? - perguntou Costas.

- O legado do primeiro imperador está seguro, por ora.

Jack olhou firme para Katya, depois se voltou novamente para Costas. - A INTACON era do próprio Shang Yong, e ela foi fechada. Pradesh informou o fato à sede dele em Bangalore assim que nós saímos da selva.

Ele levou uma pancada com um soco inglês nas juntas por entrar num país de bandidos sem autorização e além do mais levando dois sapadores com ele, mas o coronel imediatamente despachou uma companhia de assalto aéreo. O tiroteio com os maoístas foi a desculpa de que precisavam para entrar no local com mão de ferro.

- Pradesh diz que o governo indiano retirou todos os contratos de mineração dos distritos da selva -, disse Rebecca. - O que nós acionamos poderia ser a primeira grande oportunidade para os habitantes da selva, mas Pradesh está preocupado, achando que essa retirada é apenas temporária e que ainda há uma batalha pendente. Nós precisamos mostrar para os habitantes da selva que eles podem obter mais lucro com o turismo de aventura na selva do que com a permissão que é dada às companhias estrangeiras para a exploração da mineração na selva. Pradesh diz que isso depende da profundidade da corrupção. Os funcionários do governo podem obter pagamentos maiores das multinacionais de mineração do que das companhias de ecoturismo iniciantes.

- Você deveria trabalhar para uma ONG, Rebecca Katya disse, sorrindo.

- Eu ia falar com meu pai sobre isso. Você sabe, sobre dar para o IMU outra aparência. Não é a primeira vez que suas descobertas criam inúmeros problemas novos quando tentam resolver um. E nós não podemos simplesmente nos afastar e passar os problemas para outra pessoa.

- Quando você for para a selva -, Jack disse, - tenho algo para você devolver.

- A manopla de tigre?

Jack fez que sim com a cabeça. - Nós não podemos devolver o *vélpu* sagrado, porque ele não está conosco -, ele disse. - Mas a manopla ficou naquele santuário durante dois mil anos e também foi venerada pelos *Kóya* como a arma que lhes foi dada por Rama, o deus que outrora viveu entre eles. Pode não ser a joia da imortalidade, mas poderia simplesmente lhes dar uma vantagem. Você pode fazer isso pelo seu tatataravô.

- Talvez isso venha a significar um fechamento para ele, afinal ela murmurou.

- O que você quer dizer?

- Katya estava falando agora mesmo comigo sobre isso, enquanto vínhamos caminhando aqui para cima -, ela disse. - Sobre minha mãe. Sobre como nós não conseguimos nos preparar para a dor, como nós nunca devíamos deixar ninguém nos dizer o que vai acontecer. Howard viveu aflito durante muito tempo de sua vida, e de alguma maneira ficou envolvido com o que houve com ele na selva. É estranho, é como se eu pudesse sentir isso. Talvez herdemos essas coisas de nossos antepassados, coisas não resolvidas. Ele não conseguiu encontrar um fecho em vida, mas talvez agora nós possamos fazer isso.

Jack olhou para Katya. Os olhos deles se encontraram por um momento, e ele desviou o olhar. Ela havia dito a Rebecca coisas que ele não soubera dizer. Ele sabia que Katya ainda sentia raiva a respeito de seu próprio pai, ainda havia um vazio não preenchido em Rebecca, mas por um momento ele sentiu como se houvesse um laço transcendental que poderia protegê-las. Ela o viu olhando para Katya. - Depois que eu for para o santuário, Pradesh quer que eu estude a cerâmica que eles têm encontrado sob a água em Arikamedu. Quem sabe Aysha possa vir me ajudar com os materiais egípcios e romanos, aí eu vou.

Costas pigarreou. - Se Hiemy puder dispensá-la.

- Talvez ele precise de um descanso -, disse Rebecca, olhando para ele com ar inexpressivo. Jack sorriu. Ela jogou o cabelo para trás. - De qualquer maneira, acho que isso vai ser meu doutorado.

- Espere um pouco disse Jack. - Você nem mesmo terminou o segundo grau.

- Segundo grau? Depois disso tudo? Você deve estar brincando. Estes últimos dias foram a maior aventura de minha vida. Agora sei o que você quer dizer quando fala de expedições, sobre como você se aproxima das pessoas. Sinto-me como se conhecesse todos vocês a minha vida toda.

Jack repentinamente se sentiu desarmado e se virou para o outro lado, engolindo com dificuldade. Pensou naquilo que eles haviam encontrado no lago, e o sentimento de alegria que experimentou quando olhou para cima do subaquático e viu o rosto de Rebecca contemplando o dele. Costas pôs uma mão no ombro dele, depois se levantou, estirando-se e alisando os braços,



olhando de olhos semicerrados para cima das ruínas. Chutou uma pedra, depois se agachou e a apanhou, girando-a repetidas vezes na mão, esfregando-a para limpá-la. Jack percebeu que o chão estava repleto de fragmentos espalhados — cerâmica, tijolo quebrado, tudo se desfazendo e deteriorando na cortina de poeira que parecia muito perto de remover esse lugar da história. Costas se voltou para ele, com olhos interrogativos. - Eu me pergunto se eles fizeram isso.

- Os romanos? Fabius e os outros?

- Nós estamos 1.600 quilômetros a leste de Issyk-Gul. Se algum deles sobreviveu à destruição no lago, foi ele. Digamos que um tenha sobrevivido, um desconhecido lançado em algum lugar na praia, infiltrando-se de maneira imperceptível nas caravanas de comerciantes que iam para Xian, da mesma maneira que Liu Jian, o comerciante, pode ter se metido entre os sogdianos que se dirigiam para oeste.

- Talvez um tenha conseguido disse Jack, balançando lentamente com a cabeça.

- Este lugar não é exatamente um lendário paraíso oriental, é?

Jack olhou novamente para as ruínas. Em sua imaginação, ele viu os outros lugares que já visitara, no Norte da África, Alemanha, os vales montanhosos de Gales, situados na periferia do Império Romano, onde o chão revelava algumas pistas para um olhar perspicaz, as protuberâncias de paredes enterradas, fragmentos de cerâmica, um monte de cotas de malha enferrujadas, lugares onde veteranos tinham deixado sua marca, vivido dias miseráveis. - É para isso que eles foram treinados Jack murmurou. - Até certo ponto, um soldado se torna um soldado velho. Ele já não anseia morrer gloriosamente numa batalha. A legião de fantasmas que marcharam ao seu lado, os camaradas que caíram, seguem para o Elísio, onde vão esperá-lo. Ele já não precisa provar nada a si mesmo. Ele sabe que chegará lá e se juntará a eles. Ele já fez o bastante.

- E velhos soldados, veteranos, deram para o Império sua verdadeira força, estabelecendo as fronteiras - disse Katya.

Jack concordou com a cabeça. - Era o jeito romano. Um lugar com mulheres, a chance de criar uma família, construindo coisas, um pequeno pedaço de terra. Era o bastante.

- No entanto, haviam dito a eles que a tumba do primeiro imperador estava exatamente acima do horizonte -, disse Costas. - Riquezas lendárias, além da imaginação.

- Talvez, para o velho soldado, o aventureiro, o tesouro lendário sempre estaria apenas acima do horizonte, como o Elísio - Katya murmurou.

- Quando você passou toda a sua vida procurando, esse se torna o único modo de viver.

- E se fosse Fabius, eles podiam já estar com o tesouro, lembra-se? - disse Rebecca. - Eles pegaram o que podiam carregar, o material que haviam pilhado dos partos em Merv, de comerciantes ao longo da Rota da Seda. E talvez eles realmente tivessem a joia, a olivina.

Um garotinho apareceu de repente nas ruínas à frente deles. - Olhem disse Costas. - Ele tem aquele cabelo de palha do qual vocês estavam falando. - A cabeça pequena subia e descia indo na direção deles. Ele parou, em meio à poeira, erguendo a cabeça, podia ouvi-los mas não os entendia. Ele continuou adiante no meio da poeira, então emergiu acima da parede de marga, olhando cuidadosamente ao redor. Seu cabelo era cor de linho, mas mais vermelho que loiro. Eles acenaram e sorriram para o menino. Jack protegeu os olhos, fitando o rosto do garoto. Os olhos do menino eram de uma cor verde notável, quase azeitona. E havia algo estranho acerca do seu aspecto, algo transitoriamente familiar. Ele subiu por cima da parede e desceu, ficando na frente deles, ainda parado alguns metros distante, cautelosamente. Suas roupas eram trapos, e ele estava descalço. De repente ele pareceu seguro, com a confiança de uma criança. Sorriu para eles e lhes estendeu a mão.

- O que você dá para uma criança assim? - Katya murmurou.

Costas ainda estava girando entre os dedos a pedra que pegara há pouco do chão. Ele parou de girá-la, depois a ergueu para que o menino pudesse vê-la. Uma luz brilhou nos olhos de Jack, e ele percebeu que a pedra estava refletindo a luz solar nebulosa que a penetrava agora. Ele olhou para ela, e viu que tinha uma rica coloração laranja, translúcida, como âmbar. Ele fitou novamente. *Âmbar*. Então viu um inseto preservado dentro da pedra, um mosquito. Viu também que a pedra tinha um buraco no centro. Evidentemente, uma corda passara por ela anteriormente, talvez tivesse sido

uma jóia. Estava velha, usada. Observou que havia nela uma marca. Parecia ser uma decoração entalhada, em espiral. Um animal, uma criatura. O coração de Jack começou a se acelerar. Estendeu a mão para pegá-la.

Já era muito tarde. Costas não havia percebido que Jack a queria e lançara-a para o menino, que a pegou e ergueu, com o rosto extasiado de prazer. A luz brilhou através da pedra. Era âmbar, não havia nenhuma dúvida. Ela podia ter vindo de milhares de milhas de distância. *Âmbar do Báltico*. A mente de Jack voava. Os pertences de um legionário romano? Um legionário que viera do norte céltico, da Gália ou da Alemanha, ou mesmo da Inglaterra? Ele se lembrou de Fabius, alto, o Fabius de rabo-de-cavalo, da tumba esculpida na selva. *Seria possível?* Uma peça de herança tradicional, de alguma maneira escondida durante todos aqueles anos de cativeiro? Entretanto, essa era a Rota da Seda. Todas as riquezas do mundo passaram alguma vez por esse caminho. O menino sorriu maliciosamente e segurou a pedra firmemente com o punho fechado. Ele tinha visto a mão de Jack. Não ia dá-la a ele. Encarou Jack com olhos inescrutáveis. Então foi embora, saindo correndo pelas ruínas. Seus cabelos cor de linho de repente pareciam combinar perfeitamente com o lugar, a cor das montanhas, a poeira que rolava pelo vale. A cor da Rota da Seda. Mas havia qualquer outra coisa, algo que Jack sabia com certeza absoluta. *Alguém havia estado ali*. Ele inspirou profundamente, depois expirou lentamente. *Ave atque salve, frater*. Ele se virou para os outros. - Eu me pergunto se há pouco estávamos fitando os olhos de um legionário romano.

Rebecca segurou Jack pelo braço. - Você acha que ajoia esteve aqui?

Jack esfregou o queixo. - É possível que a tenhamos encontrado há pouco. Aquele menino. O legado.

- Ela quer dizer ajoia real, Jack - disse Costas.

- Talvez seja melhor deixá-la meramente além do horizonte -, Jack murmurou.

- Sim, certo. Não me diga que você não queria achá-la. Não me diga que você não queria reunir as duas jóias e ver o que ia acontecer.

- Não sei. - Jack estreitou os olhos. - Eu realmente não sei.

- No entanto, teria sido divertido tentar, não é? -, perguntou Costas. - Só uma vez, quero dizer. Ver como é. A imortalidade. Então, poderíamos

colocar as jóias no museu em Cartago, em lados opostos do aposento. Bem próximas, para criar um vago sentimento afetoso. As pessoas saíam do museu se sentindo muito bem. E fazendo doações.

Jack olhou para Rebecca e apontou com a cabeça na direção de Costas.  
- É isso que quero dizer. Ele é criativo. Traz as coisas para terra. Com um estrondo.

Costas sorriu. - Tenho um laboratório, portanto, posso verificar as propriedades do peridoto e do lápis-lazúli. Pradesh falou sobre tentarmos descobrir. Essa é outra coisa que ele pode fazer no campus. Pode haver algo nelas. Não a imortalidade, você sabe, mas algo mais que um truque de luz, um efeito prismático. Alguma canalização de energia. Alguma qualidade refrangente.

*Alguma qualidade refrangente.* Jack olhou para o sol e fechou os olhos. Os últimos dias tinham sido uma série de refrações, entre o passado e o presente, entre o mundo de um século atrás e dois milênios antes dele, entre vidas que pareciam correr em trajetórias paralelas. Por um momento ele sentiu como se eles fossem a mesma pessoa, Licinius, o legionário romano, John Howard, seu antepassado, ele próprio, todos eram movidos pelo mesmo anseio. Talvez a joia provocasse isso, a idéia de imortalidade, permitindo que aqueles que se sentissem atraídos por ela palmilhassem uma velha estrada para muito além do efêmero. Ele respirou profundamente e pôs o braço ao redor de Rebecca. - Creio que a mortalidade vai me ocupar durante algum tempo.

Costas olhou para sua camisa amassada e alisou-a desanimado. Olhou para Jack. - A imortalidade poderia nos dar tempo para chegar ao Havaí.

Jack ficou em pé. - Entendido.

- Agora sei o que Costas quer dizer - disse Rebecca.

- Sobre o quê?

- Sobre diversões. Ele sempre disse que suas expedições acabam sendo diversões. Nunca se sabe aonde elas levarão. Ele diz que isso o mantém alerta. Esta foi uma, não foi?

Jack respirou profundamente e fitou as ruínas. Procurou algo na mochila, então lembrou que já não tinha o pequeno elefante de lápis-lazúli. Ele se lembrou de onde tinham estado e surpreendeu-se ao constatar como

ele mudara. Dirigiu a Rebecca um sorriso cansado. - Um pouco mais que diversão, eu diria.

Costas olhou esperançosamente para Jack. - Então, para onde vamos daqui?

- Você tem alguma idéia?

- Pensei que poderíamos ir à procura das ilhas dos Imortais. Você sabe, aquele lugar sobre o qual Katya nos falou. O primeiro imperador enviou expedições para encontrá-las. Em algum lugar no oceano oriental, no centro do Pacífico, para ser exato. Uma cadeia pequena mas encantadora de ilhas vulcânicas.

- *Aloha* - disse Rebecca.

- *Aloha* - Costas replicou. Ele fez um movimento giratório com os dedos, e apontou para o helicóptero. Jack esfregou o queixo, olhando para o rosto de Costas queimado de sol. - Sabe, você está dando a impressão de que pode passar alguns dias numa praia.

- É certíssimo que posso.

- Mas Rebecca quer ir para a selva. Para o santuário.

Costas se levantou e se esticou. - Isso pode esperar. De qualquer maneira, provavelmente não há mais muita coisa para ver. Quando estávamos lá, senti que havia um buraco na base da tumba. Eu me lembrei de você me mostrando caixões de pedra em Roma, com o buraco de drenagem para deixar que os produtos da decomposição fluíssem para fora. Se Licinius estava naquela tumba, provavelmente, não deve haver muita coisa lá agora.

Jack fitou Costas. - Um buraco, você diz.

Costas ergueu a mão e fez um círculo com os dedos. - Deste tamanho, mais ou menos.

A mente de Jack se acelerou. - Grande o bastante para deixar passar um tubo de bambu.

- Acho que sim. Um pequeno.

Jack tinha se lembrado de algo. Uma possibilidade que Rebecca mencionara. Ela olhava para ele agora, lendo seu pensamento. - Robert Wauchope ela murmurou. - *O vélpu?*

*Seria possível? Será que ele podia ter deixado o bambu lá?* O coração de Jack havia disparado. Ele sentia a emoção familiar da excitação. Pendurou a velha mochila cáqui no ombro, ainda pasmo.

- Oh!, não. - Costas sacudiu a cabeça de modo desafiador. - De jeito nenhum. Conheço esse olhar.

- Nós temos que voltar de qualquer maneira ao *Seaquest II*. Ele está na baía de Bengala. Seria apenas uma diversão.

Costas lançou um olhar desamparado para Rebecca. - Você percebe o que quero dizer?

Rebecca pôs o braço ao redor de Jack. - Não se preocupe, pai. Ele o seguirá a qualquer lugar.

Jack olhou de maneira interrogativa para Costas. - Então?

- Você realmente pensa que poderíamos encontrá-lo?

- Sem promessas.

Costas suspirou. Olhou novamente para sua camisa havaiana, depois tristemente para Jack. Eles se fitaram nos olhos. O rosto de Jack abriu-se em um amplo sorriso, e Costas olhou para baixo, sacudindo a cabeça. - O que posso dizer?

- Pronto para ir?

- Pronto para ir.

# Nota do Autor

As sementes desta história foram lançadas quando eu ainda era um estudante de arqueologia e me encontrava entre as antigas ruínas de Harran, no sul da Turquia, próximo à fronteira com a Síria. O calor estava abafado, o céu, ameaçador, e um vento havia levantado poeira e obscurecido a luz. Parecia um lugar no limite da existência, e deixou uma profunda impressão em mim. Era o local da batalha de Carrhae, na qual um exército romano sob as ordens de Crasso havia sido derrotado de maneira catastrófica pelos partos em 53 a.C. Parecia inconcebível que uma batalha pudesse ter sido disputada sob tamanho calor. Eu tinha lido a história dos legionários capturados que marcharam para o leste, dos quais nunca mais se ouviu falar. Será que os rumores podiam ser verdadeiros, que alguns deles poderiam ter escapado e empreendido uma fantástica viagem, longa e difícil, até a China? Nos anos que se seguiram, minhas próprias viagens me levaram para as profundezas da Ásia Central, ao longo da antiga Rota da Seda, e no rastro de navegadores romanos que comercializavam com o leste distante, como a baía de Bengala. Fiquei fascinado pela história do início da exploração arqueológica na Índia durante o período do governo britânico e com a vida de meus próprios antepassados, que haviam estado lá como soldados e aventureiros no século 19. Minha mente sempre voltava à questão dos legionários de Crasso. Será que poderia haver uma conexão? Esses homens tinham verdadeiramente arriscado tudo para procurar Chryse, a Terra do Ouro, conhecida pelos comerciantes? O que teriam contado para eles sobre as riquezas lendárias do leste? O que poderia tê-los levado para lá?

O destino dos *legionários perdidos de Crasso* que lutaram em Carrhae é um dos mistérios mais intrigantes da história antiga. Ele exerceu uma forte atração sobre a imaginação romana; o poeta Horácio perguntou: "Será que as tropas de Crasso viveram em matrimônio escandaloso com bárbaros... ficaram velhos produzindo armas para sogros estrangeiros...?" (*Odes* iii, 5, trad. WG. Pastor). Para o imperador Augusto, que estabeleceu condições de paz com os partos em 20 a.C., o retorno dos estandartes dos legionários

capturados foi um dos maiores triunfos do seu reinado, celebrado por uma famosa série de moedas de ouro e de prata que traziam a legenda *SIGNIS RECEPTIS*, "Estandartes devolvidos".

As fontes de informações antigas que sobreviveram em Carrhae são todas dependentes das histórias anteriores, agora perdidas. De acordo com Plutarco, Crasso marchou com "sete legiões de homens de armas, quase quatro mil cavaleiros e cerca de outro tanto de tropas de armas leves" (Crasso, XX, 1), o que perfazia aproximadamente 40 mil homens. A identidade das legiões não é conhecida; porém, Plutarco menciona que mil dos cavaleiros tinham "vindo de César", presumivelmente veteranos das recentes campanhas de Júlio César na Gália e Bretanha. Naquela data, os legionários ainda eram "cidadãos-soldados" em vez de profissionais de carreira, contratados por períodos de serviço que normalmente não excediam a seis anos. Em meu prólogo, as recordações da campanha, inclusive os presságios maléficos para cruzar o Eufrates, a morte de Crasso e a humilhação de Caius Paccianus, tudo foi retirado da obra de Plutarco (Crasso xix, xxxi-ii) e Dio Cassius (*História romana*, xl [?], 16-27); Plutarco conta que Crasso foi morto por um parto, e Dio Cassius diz que "foi morto por um de seus próprios homens para impedir que fosse capturado vivo, ou pelo inimigo, porque ele estava seriamente ferido." Depois, "os partos, como dizem alguns, verteram ouro fundido em sua boca como escárnio". Plutarco nos diz que durante toda a campanha 20 mil teriam sido mortos, e 10 mil foram levados vivos.

A única indicação do destino desses prisioneiros encontra-se numa única linha na *História natural* de Plínio, o Velho, que descreve Margiana, uma cidade a leste do mar Cáspio, como "o lugar para o qual os prisioneiros romanos aprisionados por causa da derrota de Crasso foram levados" (vi, 47). Margiana, atualmente a cidade de Merv no Turquemenistão, era uma fortaleza dos partos e um portal para a Ásia Central. Os prisioneiros romanos poderiam ter sido usados para construir o circuito enorme de paredes cujas fortificações desintegradas ainda podem ser vistas em Merv hoje em dia. As paredes necessitaram de reconstrução em numerosas ocasiões, e é intrigante observar que os romanos na Itália foram os primeiros a desenvolver técnicas de construção com concreto naquela época — a base para a ideia usada no romance de sabotagem deliberada pode ter surgido daí.



A sugestão de que os sobreviventes de Carrhae podem ter escapado de Merv e caminhado para o leste vem de uma interpretação controversa de fontes escritas chinesas publicadas pela primeira vez nos anos 1950. Em 36 a.C. o chinês Han montou uma expedição contra Hsiung-nu, os hunos, que estavam estabelecidos em uma posição segura em Sogdiana, na Ásia Central. A antiga *História da primeira dinastia Han* contém um relato do cerco da fortaleza de Hsiung-nu feito pelos Han, provavelmente baseado em pinturas contemporâneas, inclusive em uma passagem traduzida como mais de cem soldados em pé enfileirados numa formação "escama de peixe". Alguns estudiosos modernos compararam-na com o *testudo*, a "tartaruga", uma formação romana na qual escudo ficava entrelaçado com escudo, como Plutarco colocou em seu relato sobre Carrhae (Crasso, xxiv, 3). O exército de Han também achou uma "dupla paliçada de madeira" do lado de fora da fortaleza, uma descrição talvez reminescente das técnicas de fortificação romanas. Essas duas referências levaram alguns a imaginar que o exército huno incluía mercenários romanos.

Nada definitivo foi encontrado até agora na arqueologia da Ásia Central para apoiar essa ideia. A descoberta mais intrigante é a inscrição achada no sul do Uzbequistão, cerca de quinhentos quilômetros a leste de Merv, semelhante à inscrição fictícia no Capítulo 3; ela pode referir-se à Décima Quinta Legião, possivelmente uma legião imperial com aquele número encontrada em 62 d.C., mas concebivelmente uma legião com o mesmo número do século anterior. A cerca de mil quilômetros de lá em direção ao nordeste fica Cholton Ata, o extraordinário campo de seixos com petróglifos — esculturas de pedra — ao lado do lago Issyk-Gul no Quirguistão. As imagens se relacionam principalmente com a vida espiritual da população local, mas Issyk-Gul era um ponto de parada na Rota da Seda, e minhas próprias explorações sugerem o potencial que existe lá para a descoberta de outras inscrições. Em um vale de montanha em direção ao sul, montei num cavalo que pode ter sido descendente do lendário *akhal-teke*, os cavalos divinos que transpiram sangue da mitologia chinesa. O próprio lago contém estruturas antigas e artefatos afundados, e abundam rumores de cidades afundadas e tumbas, até mesmo a do próprio Genghis Khan; o mergulho arqueológico, agora em andamento no lago, poderá produzir descobertas maravilhosas no futuro próximo.

Mais de quinhentos quilômetros em direção ao sudeste, além do proibitivo deserto de Taklamakan, fica a aldeia de Zhelaizai na província de Gansu, na China. Alguns acreditam que Gansu tinha sido Lijian, um lugar onde os prisioneiros da batalha contra os hunos em 36 a.C. podem ter sido estabelecidos. O nome Lijian — talvez derivado de "Alexandre" — pode ter significado "o ocidental". Entre a população hoje inclui-se um número notável de pessoas com características de tez clara, olhos verdes e cabelos loiros, mas as análises de DNA para testar suas origens ocidentais têm sido inconclusivas. Viajantes da Rota da Seda teriam passado por esse lugar perto do fim de sua viagem para Xian, local da tumba do primeiro imperador *Shihuangdi* no Monte Li fora da cidade. A "Fraternidade do Tigre" neste romance é fictícia, mas a ideia se baseia em outras sociedades secretas chinesas, e os feudos são os da família do primeiro imperador (*Registros do grande historiador*, Shi ji 5). "A Cavalaria do Tigre" era empregada como a guarda pessoal do imperador Ts'ao Ts'ao's no século 3 d.C., talvez baseada em uma guarda anterior; suas armas poderiam ter incluído alabardas de bronze valiosas como a descrita neste romance, a partir de uma alabarda atual em exibição no Museu Britânico (BM 1949.5-18 1,2). Já se afirmou que a própria tumba tinha sido cuidada por vinte famílias, supostamente a base para as vinte aldeias modernas ao redor do Monte Li; assim, a ideia de um zelador hereditário está arraigada na história desse local extraordinário, uma das últimas maravilhas do mundo antigo que permanecem não escavadas.

O *Périplo do mar da Eritreia* sobrevive como manuscrito do século 10 d.C. em uma biblioteca em Heidelberg, copiado de um original escrito em grego aproximadamente mil anos antes. É um dos documentos mais notáveis da antiguidade, que detalha o comércio marítimo do Egito romano para a costa africana, até a distante Zanzibar, e pelo oceano Índico para a baía de Bengala. Em décadas recentes houve um aumento muito grande de interesse na arqueologia do *Périplo*, especialmente com a escavação de zonas do porto de Berenikê e Myos Hormos, no Mar Vermelho. A casa do comerciante neste romance é fictícia, mas os achados são representativos de descobertas reais nesses locais, que incluem as ânforas italianas para vinho, que foram depois novamente usadas como recipientes para água, milhares de grãos de pimenta da Índia, pedras de lastro da Arábia e da Índia, madeira dura (faia,

carvalho) indiana — usada novamente como madeira de navio, inclusive a teca — e cerâmica do sul da Índia. Um fragmento tinha um *grafito* de Tamil que trazia um nome pessoal também encontrado no sul da Índia. Muitos outros cacos de cerâmica com inscrições — *ostraka* — são conhecidos, incluindo parte do arquivo, em Myos Hormos, de um homem chamado Prisco de Épiro. Neste romance, o *ostraka* com o texto do *Périplo* e a seção previamente desconhecida — que menciona os legionários de Crasso — são fictícios. Não obstante, os cacos teriam sido um material de escrita sensato para um esboço, antes do registro do texto final em papiro. É provável que o autor fosse um comerciante greco-egípcio, que talvez tenha escrito o *Périplo* como um projeto de aposentadoria. Ele escrevia nitidamente experiências em primeira-mão, e era geralmente cauteloso para não incluir nada que ele próprio não tivesse visto; a ideia de que ele deve ter mencionado os legionários de Crasso em seu esboço, mas que depois o editou sem esta menção, é consistente com o que podemos imaginar sobre o homem.

O antigo sítio de Arikamedu, ao sul de Pondicherry, foi primeiro escavado extensivamente por Sir Wheeler de Mortimer e o Departamento de Levantamento Arqueológico da Índia nos anos 1940, e foi o assunto de repetidas pesquisas desde os inícios dos anos 1980. Muitos ainda acreditam, como fez Wheeler, que os cacos de ânforas romanas e as cerâmicas com acabamento fino no local indicam a presença de comerciantes de portos egípcios como Berenike — ou de seus agentes locais — que negociavam com comerciantes que vinham da baía de Bengala e da Ásia Central, trazendo artigos exóticos como a seda e lápis-lazúli. Mergulhadores do Departamento de Levantamento Arqueológico da Índia começaram a investigar as águas de Arikamedu e de outros locais mencionadas no *Périplo*. Quanto mais arqueólogos encaram o envolvimento romano com a Índia como um processo cultural de mão dupla — com tanta influência da Índia sobre o Ocidente quanto o inverso — mais podemos esperar a descoberta de locais que representam o comércio no *Périplo*, um dos episódios extraordinários de empreendimento marítimo que o mundo já viu.

A cerca de 55 quilômetros a sudeste do Promontório Ras Banas no Mar Vermelho fica a ilha de St John (a árabe Zeberged), a única fonte na antiguidade da pedra preciosa peridoto, indubitavelmente o *topazai* (topázio) mencionado por Estrabão e Plínio como produto de uma ilha perto de Berenike. Um porto do Mar Vermelho mencionado no *Périplo* que ainda

deve ser identificado de maneira conclusiva é Ptolemais Theron, "Ptolemais da Caça", assim como o elefante transportador marítimo — *elephantegos* - não foi encontrado. No entanto, vários naufrágios romanos que continham ânforas de vinho são conhecidos no mar Vermelho, muito possivelmente navios que se destinavam à Arábia e à Índia. O *Périplo* menciona especificamente moedas de ouro e de prata como a principal exportação romana - "para o comércio na costa de Malabar somos exortados a levar moedas, 'uma grande quantidade delas'" — e isto é consistente com a reclamação do imperador Tibério sobre o dreno de ouro em barra (Tácito, *Anais* iii, 54; também Plínio, *História natural* vi, 101; xii, 84), como também com a descoberta de muitos milhares de moedas de ouro e de prata no sul da Índia. Não pode haver nenhuma dúvida de que um naufrágio romano será descoberto algum dia no Mar Vermelho ou no oceano Índico com uma riqueza em ouro que pode rivalizar com o tesouro dos naufrágios do Espanhol Principal<sup>{20}</sup>.

*A rebelião Rampa, 1879-80*, a maior insurreição de povos tribais que ocorreu na Índia durante o período do Império Britânico, foi derrubada por uma expedição do tamanho de uma brigada do exército indiano. A causa imediata da rebelião foi um imposto sobre o vinho de palmeira, a bebida alcoólica feita da seiva de palmeira. No entanto, o pano de fundo incluía o descontentamento com os regulamentos de silvicultura e a corrupção na polícia nativa. Foi uma campanha demorada, perturbada pela terrível "febre da selva", e sua história nunca foi corretamente escrita. O que foi descrito nesta história baseia-se em relatórios encontrados nos *Procedimentos Militares de Madras* e *Procedimentos Judiciais de Madras*, correspondência privada, registros regimentais, e informações biográficas dos oficiais britânicos envolvidos (em alguns relatos contemporâneos, "Rampa" aparece como "Rumpa", uma ortografia mais fonética). Não há reminiscências pessoais conhecidas da campanha, embora um sentido da linguagem e o ponto de vista de um oficial dos Engenheiros Reais em uma campanha na selva nos anos 1870 possa ser extraída, e acrescentada aos poucos, da obra do tenente R. G. Woodthorpe *A expedição de Lushai 1871-1872*, que descreve uma expedição punitiva à Birmânia (atual Mianmar). Os eventos dramáticos iniciais na rebelião Rampa foram relatados no *London*

*Times* e no *New York Times*, inclusive o ataque ao navio a vapor *Shamrock* por mais de mil rebeldes e a briga do tenente Hamilton na selva, mas o interesse diminuiu quando a rebelião foi se arrastando e se tornou complicada por causa da doença e das monções. A maneira de se expressar de Hamilton foi obtida do relatório feito em 20 de agosto de 1879 nos Procedimentos Militares de Madras, mostrando que seus sapadores gastaram 1.050 balas e mataram pelo menos dez rebeldes. A descrição do cirurgião Walker da febre na selva, no Capítulo 5 foi tirada de um relatório feito por J. Bilderbeck, major cirurgião, 36<sup>a</sup> Infantaria Nativa de Madras, em maio de 1880, quando todos os oficiais britânicos e três quintos dos soldados indianos de seu regimento foram abatidos. O *Kóya* tratou a febre com o remédio descrito no Capítulo 9 (Nota na Agência de Rampa, Distrito de Godavari Oriental, Madras, 1931, pág. 31). O distrito de Rampa permanece pouco mudado hoje desde os anos 1880, e as selvas da Índia oriental têm sido refúgio de terroristas maoístas assim como têm atraído prospectores de mineração apoiados por investimento estrangeiro.

Um relato de 1876 descreve o *vélpu* sagrado, inclusive o potente *Lakkála* (ou Laka) Rámu. Os *vélpu* eram tubos de bambu, mantidos escondidos. Os espíritos animistas da selva, os *konda dévatulu*, incluíam um deus tigre. O volume sobre Godavari na *Gazeta Imperial da Índia* observa que perto da aldeia de Rampa, "ao lado de uma cachoeira de cerca de oito metros de altura, há um santuário formado por três enormes seixos, dois dos quais formam um tipo de telhado, e é provido de uma entrada e uma parede lateral de pedra cortada. A água do outono corre continuamente por entre os seixos. Um símbolo fálico grosseiro e outros emblemas santos foram esculpido diretamente na rocha". Em meu santuário fictício, a iconografia indiana está baseada em esculturas de caverna em Badami e esculturas de outros lugares na Índia, inclusive as figuras de *yaksas* e *yaksis*. O santuário de Rampa é o local onde foram executados vários policiais presos em 1879. Uma testemunha ocular nativa descreveu um "sacrifício": "o próprio Chendrayya corta fora sua cabeça com uma espada. Ele foi sacrificado para Gudapu Mavili" (Procedimentos Judiciais de Madras, 5 de setembro de 1879). Outros relatos descrevem *meriahs* sendo sacrificados ou salvos, e corpos acéfalos que são encontrados. A cena de sacrifício à beira do rio é uma representação fictícia desses eventos e recebe detalhes adicionais de

depoimentos de testemunhas oculares de sacrifícios humanos registrados no livro do major general John Campbell, *Uma narrativa pessoal de treze anos de serviço entre as tribos selvagens do Condistão para a supressão do sacrifício humano* (1864) — inclusive o salvamento do Capitão Frye de um *meriah*, citado aqui no Capítulo 4 — e de Christoph e Elizabeth von Fürer-Haimendorf, *Os Reddis das colinas de Bisão: um estudo de aculturação* (1945), um dos poucos estudos antropológicos detalhados das tribos da colina do Godavari superior.

Vários dos personagens presentes neste romance são inspirados em indivíduos reais que estiveram na campanha militar de Rampa, alguns com o nome trocado. Joseph Fawcett Beddy era o comissário assistente para as Províncias Centrais, que foi acompanhado por Hamilton durante o motim na selva. O relatório oficial sobre a rebelião para o governo da Índia declara que Beddy "morreu de febre" depois do motim (Procedimentos Judiciais de Madras, 14 de dezembro de 1881); mas a inscrição em sua tumba em Wuddagudem registrou que "atiraram nele perto do final da rebelião Rampa" (H. Le Fanu, *Lista de Tumbas Européias com Inscrições no Distrito de Godavari*, Cocanada, 1895). O doutor George Lemon Walker, cirurgião para as Companhias D e G, de Sapadores e Mineiros de Madras, durante a rebelião Rampa, realmente nasceu em Kingston, Canadá, e recebeu seu treinamento médico na Queen's University, em Belfast. A partir de 1884, seu superior, médico responsável pelos Sapadores de Madras era o major cirurgião Ronald Ross — depois *Sir* Ronald Ross, famoso por identificar o mosquito *anófele* como portador do parasita da malária, cujos pacientes teriam sido sapadores veteranos de Rampa que sofriam da terrível "febre da selva".

Dos Sapadores de Madras, o fictício sargento O'Connell foi inspirado pelo sargento John Brown, que embarcou para a Índia em 1860, serviu na campanha de Perak em 1875-6, na Malásia, e se aposentou como sargento intendente em 1881. O sapador Narrainsamy serviu na Birmânia e nas expedições de Chin Lushai perto do final dos anos 1880. Dos subalternos, Robert Ewen Hamilton morreu em 1885 de cólera, com "a saúde enfraquecida por ataques continuados de febre de malária" durante a guerra Afegã e a rebelião Rampa. O fictício tenente Wauchope foi inspirado em Robert Alexander Wahab (que depois usou a ortografia Wauhope para seu nome irlandês); ele realmente era de uma família irlandesa com conexões

americanas. Sua saúde também acabou abalada pela malária, fazendo que se aposentasse cedo, em 1905. No entanto, nessa época ele já era coronel, com um registro ilustre em quase todas as expedições militares na fronteira noroeste naquele período.

O tenente Howard, também fictício, foi inspirado no tenente Walter Andrew Gale, meu trisavô, o que de todos os oficiais sapadores de Madras na Campanha Militar de Rampa foi o que serviu durante mais tempo. Ele havia sido destacado para a segunda fase da guerra Afegã no final de 1879, mas permaneceu em Rampa enquanto o desenvolvimento das operações lá se arrastava ao longo de 1880. Seu filho Edward morreu em Bangalore em abril daquele ano, com um ano e cinco meses. Depois de deixar os Sapadores de Madras em 1881, ele e Wahab se tornaram especialistas em levantamento, desenvolvendo habilidades que aperfeiçoaram na selva de Rampa. Gale voltou com sua jovem família para a Inglaterra e se tornou instrutor de levantamento na Escola de Engenharia do Exército, em Chatham, onde editou os *Documentos Profissionais do Corpo de Engenheiros Reais*. Como secretário do Instituto de Engenheiros Reais, envolveu-se na vida acadêmica dos Engenheiros Reais, participando de conferências sobre assuntos que se estendiam além de temas puramente militares — inclusive arqueologia, que tinha desenvolvido na Índia como uma ramificação do levantamento. O tópico de sua palestra fictícia no Instituto Real de Serviços Unidos em Londres estava de acordo com a gama notável de interesses dos oficiais engenheiros naquele período. O Instituto Real de Serviços Unidos abrigou a única coleção conhecida de artefatos da rebelião Rampa — dois mosquetes de pederneira, duas espadas e uma bainha, duas flechas de bambu, uma flecha para caçar aves, um escudo e quatro pontas de flechas — doados por um companheiro oficial sapador de Madras e veterano de Rampa, tenente A. C. MacDonnell, R. E. em 1882 (*Jornal do Instituto Real de Serviços Unidos XXV*, xxxi); o museu do Instituto em Whitehall estava fechado em 1962, quando as coleções foram distribuídas.

Gale e Wahab ficaram juntos novamente em 1889, quando Wahab voltou a Chatham para fazer cursos de treinamento. O desaparecimento final dos dois coronéis aposentados no Afeganistão é fictício. Porém, ambos estavam bastante familiarizados com a região da fronteira afegã e estariam preparados para tal aventura. Wahab passou quase vinte anos com o Departamento de Levantamento da Fronteira da Índia com o Afeganistão, do

Baluquistão para a Passagem de Khyber e além. Ele era famoso como montanhês perito, e suas demarcações de limites são as que persistem na fronteira ainda hoje. Gale voltou para a Índia e se tornou comandante da Engenharia Real da Divisão de Quetta do Exército indiano e engenheiro supervisor no Baluquistão, responsável pela província inteira, inclusive a Passagem de Bolan. Um de seus colegas na administração do Baluquistão era Aurel Stein, o famoso explorador da Rota da Seda, então contratado pelo governo como pesquisador em arqueologia; seus relatórios, assim como os do coronel Gale, aparecem no Relatório de Gestão da Agência do Baluquistão para 1904-1905. Stein também era amigo pessoal de Robert Wahab, que compartilhava sua paixão por história clássica e foi responsável pela identificação mais provável de Aornos, o contraforte de montanha que Alexandre, o Grande dominou de maneira célebre; Wauhope (como veio a se chamar) é reconhecido calorosamente na obra clássica de Stein, *No rastro de Alexandre para o Indo* (1929). Vinte anos antes que o livro fosse publicado, ainda havia partes do Afeganistão tão remotas que dificilmente qualquer europeu já as tinha visitado, inclusive as lendárias minas de lápis-lazúli descritas no livro do tenente John Wood *Uma narrativa pessoal de uma viagem à nascente do rio Oxus* (1841), citada aqui nos Capítulos 13, 15 (inclusive o verso Pashtun), 18 e 19. Em momentos diferentes de sua carreira, e possivelmente juntos, Gale e Wahab devem ter estado diante da Passagem de Bolan no Afeganistão, contemplando as apavorantes fendas nas montanhas que haviam atraído tantos soldados e aventureiros para a terra mais além delas, à procura de glória e tesouros, mas que terminaram muito frequentemente em morte.

Os oficiais dos Engenheiros Reais eram exortados a ser "primeiro soldados e depois engenheiros" em um documento instrutivo editado pelo capitão W. A. Gale nos *Documentos Profissionais do Corpo do Exército de Engenheiros Reais* para 1889 (Coronel E. Wood, C. B., R. E., "Os Deveres dos Engenheiros Reais no Campo", vol. XV, 69-96), e recebiam um treinamento completo para agir como infantaria. Na Índia, os oficiais que não estavam em campanha passavam muito tempo caçando, assim estavam intimamente familiarizados com armas de fogo e eram frequentemente bons atiradores, especialistas. Neste romance, o revólver Colt 1851 com marcações da Milícia Canadense (Alto Canadá) era uma peça genuína com a qual atirei, assim como os rifles Snider-Enfield, Lee-Enfield e Mosin-



Nagant. Revólveres Colt foram amplamente usados por oficiais britânicos durante a rebelião Indiana 1857-8, e revólveres *cap-and-ball* ainda eram os favoritos de aventureiros como *Sir* Richard Burton décadas mais tarde, utilizados em áreas nas quais as munições de cartuchos não estavam imediatamente disponíveis. Os Sapadores de Madras estavam armados em 1879 com o rifle Snider-Enfield, muito embora o exército britânico houvesse trocado, vários anos antes, este rifle pelo Martini-Henry. Muitos velhos rifles de serviço foram parar na fronteira noroeste do Afeganistão, onde os rifles britânicos, ainda usados hoje em dia, incluem Lee-Enfields fabricados em Long Branch, no Canadá. Lee-Enfields e Mosin-Nagants com binóculos, altamente efetivos, que se tornaram rifles de francoatiradores durante a Segunda Guerra Mundial. Os Mosin-Nagant eram usados por francoatiradoras soviéticas chamadas *zaichata*, "pequenas lebres"; de acordo com seu mentor, Vasiliy Zaitsev; uma delas, Lyudmila Pavlichenko, matou mais de 300, e serviu de referência para o francoatirador neste romance.

As citações do *Périplo do Mar da Eritreia* são traduções minhas feitas a partir do grego original, baseadas no texto de Frisk, H. (Griechisches, Etymo- logisches voerterbusch), *Le Périplo de la mer Érythrée (Göteborgs Högskolas Arsskrift 33, 1927)*; são extratos do Frisk, os Capítulos 63-6 para a citação inicial, e os Capítulos 41 e 63 usados no Capítulo 3. A segunda citação no início é de *Registros do grande historiador* escrito por Sima Qian (Columbia University Press, 1993, tradução de Burton Watson), *Shiji* 6; esta também é a fonte do verso sobre a virtude do imperador no Capítulo 4 — uma versão de uma inscrição em pedra erguida por Shihuangdi no monte Langye — e a citação no Capítulo 15. No Capítulo 3, a citação de Cosmas no Sri Lanka é de J. W McCrindle, *A topografia cristã de Cosmas, um monge egípcio* (Séries da Sociedade Hakluyt, 1, vol. 97, 1987), 365-8. No Capítulo 4, o extrato do diário fictício do tenente Howard referente aos problemas de levantamento está no prefácio escrito pelo capitão W A. Gale no vol. XIV (1888) dos Documentos Profissionais do Corpo do Exército dos Engenheiros Reais, um comentário indubitavelmente influenciado por sua experiência em Rampa; a citação seguinte é do relatório do Hon. David F. Carmichael, que foi nomeado para visitar a região de Rampa depois da rebelião e fazer recomendações (Procedimentos Judiciais de Madras, 14 de dezembro de 1801,1027-53).

Um dos artefatos trazido da Índia pelo coronel Gale foi a espada *pata* (com duas lâminas) de metal, com a manopla descrita neste romance. Uma *pata* de metal semelhante está à mostra no Museu Britânico (BM OA1878. 12-30, 818). A história dessas armas raras pode datar das invasões dos mongóis na Índia, ou até mesmo de um período anterior. Uma das poucas imagens de *uma pata* em uso aparece numa cena de batalha do século 17, que mostra o príncipe *Maratha* Shivaji brandindo uma grande *pata* (cópia de miniatura reproduzida em *Monumentos Antigos e Modernos do Indostão*, L. Langlès, 1821); a composição é rememorativa do mosaico de Alexandre, de Pompeia, neste romance, a inspiração para a escultura na caverna. Foi dito que a *pata* do coronel Gale viera de uma "rebelião", mas nada mais se sabe com certeza sobre o assunto. Imagens desse artefato, bem como o busto do oficial feito com madeira de cânfora, o telescópio, os livros antigos, as moedas antigas, e as armas deste romance, podem ser vistas em [www.davidgibbins.com](http://www.davidgibbins.com).

- {1} Regimento do corpo de engenheiros do exército da Índia. (N. T.)
- {2} Arma de duelo usada por espadachins experimentados na Índia. (N. T.)
- {3} Na mitologia grega, rio que os mortos atravessavam para chegar ao Hades (inferno). (N. T.)
- {4} Para gregos e romanos, mansão mitológica habitada por heróis e justos após a morte. (N. T.)
- {5} Barqueiro encarregado de transportar os mortos através do rio Aqueronte até o Hades (inferno). (N. T.)
- {6} No exército romano, a menor unidade organizada de soldados. (N. T.)
- {7} Colônia de coral formada por milhares de pólipos geneticamente idênticos. (N. T.)
- {8} Metralhadora muito utilizada pela Marinha Real Britânica. (N. T.)
- {9} Nome de um seriado americano. (N. T.)
- {10} Expressão naval que significa um navio que deixa um porto seguro para enfrentar os desafios do mar. (N. T.)
- {11} Nas termas romanas, era o lugar onde se tomava banho frio. (N. T.)
- {12} Classe especial de navio projetado para transportar passageiros e mercadorias e para se defender da pirataria. (N. T.)
- {13} Personagem do filme *Chitty Chitty Bang Bang*, de Ken Hughes, de 1968, em que Dick Van Dyke faz o papel de um professor excêntrico que inventa um carro maluco.
- {14} Período em que a Índia era uma colônia dominada pelos britânicos. (N. T.)
- {15} Tenda ou cabana circular usada tradicionalmente pelos pastores mongóis. (N. T.)
- {16} O cartaginês Aníbal foi um dos maiores líderes militares da história. (N. T.)
- {17} Wahabismo é um movimento religioso de muçulmanos criados na Arábia central no século 18. (N. T.)
- {18} Quanto mais as coisas mudam. (N. X.) [?]
- {19} Local onde os guerreiros *vikings* eram recebidos depois de morrer com honra em batalha. (N. T.)
- {20} Esse era o nome dado à parte do continente americano que incluía a costa do Caribe e o golfo do México. De lá foi enviada de volta à Espanha enorme riqueza sob a forma de ouro, prata, pedras preciosas, especiarias e outras riquezas. (N. T.)